Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 4.º LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1943 N.º 21

A NOSSA POSIÇÃO

JÁ nos têm preguntado qual é a nossa posição dentro do Espiritismo. É fácil a resposta. É fácil e oportuna, neste momento de desvario sem precedentes.

A nossa posição é de pessoas que sentem o influxo das idéias, mas que se não deixam maniatar por elas. Ligados a uma ideologia construtiva que ensina a viver e a observar os factos, no que êles têm de mais humano, procuramos criar mentalidades que se imponham, que se libertem de erros e de idéias formadas e procurem a atitude erecta dos que não estão dispostos a sacrificar a nobreza de carácter.

A questão social sobreleva tôdas as outras questões. E tôda a nossa luta, todo o nosso esfôrço, todo o nosso trabalho se dirige para a sublimação do indivíduo como célula da colectividade. Dar nova consciência ao homem; cientificá-lo de realidades que lhe modifiquem hábitos nocivos e o afastem do vício e do crime; insuflar-lhe aspirações elevadas susceptíveis de o ligar ao movimento libertador impulsionado pelas almas sequiosas de conhecimento e de acção; demonstrar-lhe, ou, antes, revelar-lhe os caminhos que tem ao seu alcance para atingir a felicidade e abandonar a miséria, que é a sua maior e mais revoltante ignomínia, tudo isto e muito mais está dentro da nossa tarefa de renovadores e construtores.

Todos têm direito a um lugar ao sol. Os privilégios tradicionais não têm razão alguma de existir. Só o trabalho e o mérito dão privilégios.

O Espiritismo não deve circunscrever-se ao estudo da filosofia e às sessões experimentais.. Lutar pela efectivação dos seus postulados, afim de remediar em parte a desagregação dos sistemas sociais, é talvez o maior e o melhor dos seus objectivos. Para isso, dirige-se, ao mesmo tempo, às almas e às inteligências.

Não procuramos destruir idéias. Seria vã estultícia e próprio de ignorantes ou insensatos. Destruir idéias é destruir o homem, que desejamos reabilitar e dignificar. O que nos incumbe é fazer oposição às idéias destrutivas, que afastam o homem dos verdadeiros princípios de justiça.

O Espiritismo é reencarnacionista. Êste facto nos leva a condenar tôdas as lutas de classe, que provocam reivindicações violentas e acabam por ser ineficazes.

O presente é reflexo do passado. A desigualdade humana não deve ser motivo de revolta, mas de estudo, tendo em atenção que as leis imanente são perfeitas e imutáveis. Portanto, em vez de se agredirem, procurem os homens entender-se. Não devemos cavar abismos entre irmãos de ontem que tinham contas a ajustar e vieram à Terra para êsse fim e cá estão, esquecidos, talvez, do programa que trouxeram.

Por isso, o nosso trabalho tende a criar adeptos. Só o adepto sincero sabe viver e sentir o ideal.

O proselitismo não nos interessa. O nosso desejo é a reivindicação do homem, sob a legenda «Deus, Pátria e Família». Tôdas as

idéias contrárias a êste princípio, não encontram eco em nossos corações.

O reencarnacionismo projecta luz intensa sôbre grandes problemas que, de outro modo, ficariam eternamente insolúveis.

* * *

Eis o Espiritismo que nós servimos.

Esta revista é um campo de semeadura com sua tôrre de vigia. Como na colmeia, os que cá trabalham obedecem a directrizes sòlidamente estabelecidas. Quem nos atacar, encontrará resistência. Quem nos compreender, será compreendido.

Acatamos as instituïções e servimos a ordem. Militamos no reinado do Espírito. Toleramos a ignorância, mas não pactuamos com a maldade. Não julgamos homens; analisamos doutrinas. Respeitamos as crenças alheias, para que respeitem as nossas. Tôdas as religiões assentam em fundo moral que as justifique; tôdas procuram ligar a criatura ao Criador.

É neste sentido que trabalhamos. Fortes da nossa razão e dos nossos intuitos, nada do mundo nos amedronta. Nem ataques de estranhos feridos nos seus interêsses, nem rivalidades ou traições de correligionários feridos no seu orgulho. Aqui e em tôda a parte, levantaremos bem alto a nossa bandeira, defenderemos firmemente as nossas teorias, lealdade contra lealdade.

Êste órgão não se fundou para lutas inglórias e muito menos para atacar agremiações congéneres, mas para vulgarizar princípios e estabelecer normas doutrinárias. E daqui não sairemos. Aqui nos mantemos e manteremos, enquanto fôr lícito a defesa duma idéia que, longe de prejudicar a sociedade, antes a eleva e prestigia.

Temos consciência do nosso papel e não pouparemos energias na defesa dêste baluarte. Saibam-no amigos e adversários.

A nossa posição é esta. Não poderia ser outra, numa época de estagnamento e confusão.

Os que nos atacam por sistema, ficam sabendo o que os aguarda.

O Espiritismo acima de tudo.

* * *

Estas palavras dirigem-se a gregos e a troianos. O homem não deve recuar, quando está convencido de verdades morais que vêm beneficiar o mundo. É seu dever trabalhar para que elas se tornem conhecidas. Mesmo que tenha de sofrer agravos, deve torná-las conhecidas, empenhando nisso a sua honra e a sua dignidade.

Nesta tribuna, assim temos procedido sempre. Nada de servilismos, nada de subserviências a homens ou colectividades por maior que seja o seu valor social. O nosso labor oferecemo-lo à doutrina, que está acima de tudo, que paira acima de tudo, como fôrça inabalável.

Crentes sinceros, não esboçamos um gesto, não damos um passo sem pensar no Ideal. Só o Ideal nos move, nos impulsiona, nos conduz à luta, nos obriga a esforços gigantescos, às vezes superiores à nossa resistência física e moral. Mas não desanimamos, não recuamos, não cedemos um palmo de terreno, sem empregar a fundo todos os recursos de defesa.

Quando a convicção sincera se apodera do homem, não há outro caminho a seguir; aliás, seria a negação de si próprio e a subordinação a desígnios vergonhosos e desonrosos, como sucede aos que envergam hábitos de Frei Tomaz.

Nós somos espiritistas. Dizemo-lo a plenos pulmões, sem temer o ridículo, certos de que servimos uma causa nobre, cujo fim é libertar o homem de velhos preconceitos e dar-lhe a conhecer verdades seculares, as quais, por virtude de cegueira voluntária, foram esquecidas e parecem novas.

Estas verdades obrigam-nos a trabalhar, a respeitar a lei, a servir o próximo, a reprimir o abuso, a emendar o êrro, a cumprir a promessa, a amparar o velho, a conduzir a criança. Nem ódio pelos de cima, nem desprêso pelos de baixo. Homens em plena florescência, olhando em frente e para o Alto.

É esta a nossa posição. Nela nos manteremos e por ela lutaremos sempre.

A IDÉIA DE DEUS

Idéia de Deus, centro inefável onde convergem e se fundem, em síntese ilimitada, tôdas as ciências, tôdas as artes, tôdas as verdades superiores, tu és a primeira e a última palavra das coisas presentes e passadas, próximas ou longínquas; tu és a própria Lei, a causa única de tôdas as coisas, a união absoluta, fundamental, do Bem e do Belo, que reclama o pensamento, que exige a consciência e em que a alma humana encontra a sua razão de ser e a fonte inesgotável da sua fôrça, de suas luzes, de suas inspirações.

Léon Denis

O DR. ALEXIS CARREL
E OS FENÓMENOS SUPRANORMAIS

por Faure da Rosa

(CONCLUSÃO)

«Os estados místicos» — escreve o grande psicólogo William James — apareceram no «sensitivo» (o médium) como uma forma de conhecimento. Revelam-se profundezas da verdade insondáveis à razão discursiva: é uma iluminação de riqueza inexorável que terá, em tôda a vida, imensa repercussão.

«Os estados místicos, quando atinjem pleno desenvolvimento, impõem-se aos que os experimentam... e estão em oposição à autoridade da consciência puramente racional, fundada, apenas, no entendimento e nos sentidos.

«O mais importante resultado do êxtase, que igualmente aparece no transe dos médiuns, é fazer cair a barreira levantada entre o indivíduo e o Absoluto. É pelo êxtase que percebemos a nossa identidade com o Infinito. É a eterna e triunfante experiência do misticismo que se encontra em todos os climas e em tôdas as regiões. Tôdas elas fazem ouvir as mesmas vozes com imponente unanimidade; tôdas proclamam a unidade do homem com Deus».

Certas actividades espirituais podem ser acompanhadas de modificações, tanto anatómicas como funcionais, quer dos tecidos quer dos órgãos — continua Carrel. Observam-se êsses fenómenos orgânicos nas mais variadas circunstâncias, entre os quais figura o estado de prece. Por prece deve entender-se, não a simples recitação maquinal de fórmulas, mas uma elevação mística onde a consciência se absorva na contemplação do princípio imanente e transcendente do mundo. Êsse estado psicológico não é intelectual. Os filósofos e outros homens de ciência não o podem compreender; é-lhes inacessível. Dir-se-ia, porém, que os simples podem sentir Deus com tanta facilidade como o calor do sol ou a bondade de um amigo.

«A prece que é acompanhada de efeitos orgânicos, apresenta certos caracteres particulares. Primeiro que tudo é, inteiramente, desinteressada. O homem oferece-se a Deus como a tela ao pintor ou o mármore ao escultor. Ao mesmo tempo pede-Lhe a Sua graça, expõe-Lhe as necessidades próprias, e, sobretudo, as dos seus semelhantes. Em regra, não é aquêle que pede por si mesmo quem é curado. É aquêle que pede pelos outros. Êste tipo de prece exige, como condição prévia, a renúncia de si mesmo, isto é, uma forma muito elevada de ascese. Os modestos, os ignorantes, os pobres. são mais capazes dêsse abandono que os ricos e os intelectuais. Assim compreendida, a prece dá lugar, às vezes, a um fenómeno estranho a que chamamos *milagre*.

«As curas milagrosas raramente se produzem. Apesar do seu pequeno número, tais curas provam a existência de processos orgânicos e mentais que nós não conhecemos: mostram que certos estados místicos, tais como o da prece, têm efeitos muito definidos. O estudo dos milagres ainda é mais delicado que o da telepatia e o da clarividência».

Jean Jacques Rousseau diz em «As Confissões» que não há homenagem mais digna da Divindade do que a admiração muda que provoca a contemplação das suas obras.

«Eu compreendo — diz Rosseau — a razão por que os habitantes das cidades que vêem, apenas, muros, ruas e crimes, têm pouca fé; mas não posso compreender como camponeses e, principalmente, aquêles que são solitários, a não possuam...

«Para mim, é na hora de me levantar, abatido pelas insónias, què um velho hábito me leva a estes êxtases que, de maneira nenhuma, fatigam o pensamento... No meu quarto, oro mais raramente e mais secamente; mas, diante duma païsagem bela, eu sinto-me emocionado sem poder dizer porquê. Li, algures, que um sábio bispo, em visita à sua diocese, encon-

trara uma velhinha que, apenas, sabia dizer como prece o monossílabo de admiração *Oh!*... Disse-lhe êsse bispo: «Boa velhinha, continuai a rezar sempre assim. A tua prece vale mais do que as outras».

* * *

Um grande físico a quem o experimentador deu o nome de Foucault II, por o seu valor igualar o do grande Foucault e desejar conservar o anonimato — foi convidado para assistir a umas sessões experimentais.

O sábio aceitou o convite com a condição de o seu testemunho nunca ser invocado, tendo dito, entretanto, que da melhor vontade assistiria às experiências, tanto mais — afirmava êle — que desejaria que tais fenómenos existissem.

Disposta a mesa-de-pé-de-galo, acenderam-se tôdas as lâmpadas da sala cuja voltagem equivalia a 200 velas. Foucault II pôs-se de joelhos, junto da mesa, para não perder de vista os pés dos assistentes sentados em redor. Ao cabo de alguns instantes ouviram-se «raps». Um dos assistentes pediu que a mesa marchasse sem contacto. Depois de obtida resposta afirmativa acêrca da possibilidade de o conseguir, os componentes do grupo que rodeavam a mesa, afastaram as mãos cêrca de seis a dez centímetros do tampo. Bruscamente, o móvel desliza alguns centímetros na direcção do sábio. O fenómeno, em seguida, aumenta de intensidade, a tal ponto que tôda a gente teve que se erguer para acompanhar o móvel...

O experimentador preguntou se havia objecções a fazer. O físico — Foucault II — afirmou que nenhuma.

Três meses mais tarde, o experimentador encontra Foucault II e pregunta-lhe se tinha meditado na experiência a que assistira.

Com um sorriso onde a delicadeza mal disfarçava a malícia, o sábio respondeu: «É permitido divertir-nos em sociedade...»

Foucault II regressara ao cepticismo clássico da ciência oficial.

Na sessão em que tomou parte Foucault II, muitos outros fenómenos se produziram.

Dentre êles sobressai um que denota a falta de respeito dos «espíritos» pelos sábios. Prova-se, dêste modo, que os «espíritos» não gostam dos físicos, e é lógico que assim seja.

Mas contemos o caso que tem o seu chiste.

Certa tarde, a mesa preveniu o experimentador de que múltiplas catástrofes acabavam de dar-se na casa dêle, situada no extremo oposto da cidade. Perturbado, nervoso, o experimentador dirige-se para a sua residência, o mais depressa que lhe foi possível, onde verifica que tudo estava em ordem. Telefona imediatamente aos amigos a comunicar o ocorrido: gargalhadas. «Nós bem o sabíamos — responderam. Mal você transpôs o limiar da porta, a mesa disse-nos: *Eu menti.* Preguntámos a quem mentira, e a mesa retorquiu: *Ao idiota do sábio*».

O sábio naquela tarde era o experimentador, embora a confusão possa doer ao Foucault II.

O Dr. Alexis Carrel entende que o aumento ou diminuïção local da circulação faz com que os estados afectivos actuem em tôdas as glândulas, exagerem ou detenham as suas secreções, modifiquem até as suas actividades químicas.

Há criaturas humanas tão rebeldes ao afecto, que não é possível descobrir actividade circulatória que lhes influencie as glândulas. Enxertam-lhes, então, outras que substituem ou revigoram as de mau funcionamento. Parece que há casos em que, dêste modo, se consegue modificar não só as actividades fisiológicas, mas também as psíquicas. A ser assim, valia a pena fazer vários enxertos de glândulas a certos homens e mulheres...

Quando sábios como o Dr. Alexis Carrel, do Estado Maior do Instituto Rockefeller, vêm engrossar as fileiras dos que acreditam nos factos supranormais produzidos pelo espírito, podem os dectratores, sábios ou ignorantes, propalar que a telepatia é uma ilusão; que a clarividência é uma fantasia; que a prece não passa de manifestação de mística doentia, sem nenhum valor, que tais afirmações não conseguem aluir o potente baluarte que hoje é o Espiritismo em todo o Mundo.

O ESPÍRITO

Na conquista do astral, ¿onde e como deter a pesquisa audaciosa dêste pigmeu, ínfimo entre os mais ínfimos pigmeus do universo? A fotografia recusou os limites de acesso a distâncias incalculáveis; ¿mas quem revelará ao pigmeu a natureza dêsses mundos longínquos, intervalados de abismos vertiginosos, imensuráveis? O espírito está, porém, senhor da matéria e do espaço, visto que um novo meio, tão eficiente, quão inesperado, vai permitir-lhe analisar êsses mundos perdidos nas insondáveis profundezas do infintio.

Gabriel Delanne

O ESPIRITISMO NA BIBLIA

por Isidoro Duarte Santos

II

Sessões de Espiritismo

SE espirita é todo aquêle que recebe e transmite os ensinamentos dos espíritos, segue-se que os velhos patriarcas bíblicos, os profetas inspirados, João Baptista e o próprio Cristo com seus apóstolos foram espiritas convictos, ao serviço da mesma causa que nos move. Porque todos êles praticaram acções semelhantes às que muitos de nós praticamos, todos êles confabularam com entidades espirituais, no sentido de orientar a sua missão libertadora. Todos êles, finalmente, eram dóceis instrumentos do Espírito de Verdade, o Consolador prometido que jàmais deixou de ensinar aos homens os preceitos da verdadeira salvação das almas.

Mateus descreve no seu Evangelho uma autêntica sessão de Espiritismo. Vejamos:

> Seis dias depois toma Jesus consigo a Pedro e a Tiago e a João seu irmão, e os leva àparte, a um alto monte: E transfigurou-se diante dêles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol, e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias falando com êle. E começando a falar Pedro, disse a Jesus: Senhor, bom é que nós estejamos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos; um para ti, outro para Moisés e outro para Elias. Estando êle ainda falando, eis que uma lúcida nuvem os cobriu. E eis que saíu uma voz da nuvem, que dizia: Êste é aquêle meu querido filho em quem tenho pôsto tôda a minha complacência; ouvi-o. E ouvindo isto, os discípulos caíram de bruços e tiveram grande mêdo. Porém Jesus se chegou a êles e lhes tocou; e disse-lhes: Levantai-vos e não temais. Eles então levantando os seus olhos, não viram mais do que sòmente Jesus.
>
> (Mateus, XVII, 1 a 8)

As sessões espiritas são, geralmente, rodeadas das maiores precauções e é condição essencial o recolhimento e a ausência de ruídos, sempre propícia à eclosão dos fonómenos.

Dos versículos citados se vê que Jesus, necessitando de falar com os espíritos de Moisés e Elias, levou três dos seus melhores médiuns a um lugar escuso, a um alto monte, livre de ruídos e de curiosidades, onde se pudessem concentrar à vontade, afim de facilitar a comunicação. Em seguida, deu-se um fenómeno de transfiguração, pois os médiuns viram o rosto do Cristo «refulgente como o sol» e as suas vestiduras «brancas como a neve». Viram também Moisés e Elias a conversar com Jesus. Finda a conversação, uma nuvem luminosa cobriu a cena e os dois Espíritos desapareceram da vista dos médiuns, os quais se atemorizaram e caíram de bruços, por não compreenderem o que se havia passado, em virtude de ignorarem que estavam a tomar parte numa sessão espirita.

Jesus despertou-os do transe mediúnico e disse-lhes que não tivessem receio.

Aqui temos, pois, uma prova do sentimento espirita do Mestre. ¿Que mais será preciso para demonstrar que a nossa doutrina está alicerçada nos Evangelhos?

Só mais tarde é que Pedro explicou os fenómenos mediúnicos. Depois da morte de Jesus, encontravam-se em certo lugar os apóstolos e muitos discípulos.

> ... e de repente veio do céu um estrondo, coma do vento que assopra com ímpeto, e encheu tôda o casa onde estavam assentados. E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fôgo, que repousaram sôbre cada um dêles. E foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.
>
> (Actos, II, 2 a 4)

Todos ficaram atónitos, sem poder explicar aquêle facto estranho. Em Jerusalém havia muitas pessoas de tôdas as raças e nacionalidades, que agora falavam na língua da Galiléia. Havia partos e medos e elamitas, mesopotamos, israelitas, capadócios, egípcios e asiáticos, cretenses e arábicos, e todos falavam na língua da Galiléia. Alguns chacoteavam, dizendo:

— É porque estão cheios de mosto.

Então Pedro ergueu-se, dizendo à multidão:

Estes não estão tomados de vinho, como vós julgais, sendo a hora terceira do dia; mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que eu derramarei do meu Espírito sôbre tôda a carne, e profetizarão vossos filhos, e vossas filhas, e os vossos mancebos verão visões e os vossos anciãos sonharão sonhos. E certamente naqueles dias derramarei do meu Espírito sôbre os meus servos e sôbre as minhas servas, e profetizarão; e farei ver prodígios em cima no céu, e sinais em baixo na terra, sangue e fôgo e vapor de fumo.

(Actos, II, 15 a 20)

Quere dizer: os Espíritos apossaram-se de muitos médiuns que havia na comunidade e começaram a transmitir os seus ensinamentos e instruções, conforme Joel havia predito.

O Apóstolo dos Gentios ainda é mais explícito, na I Epístola aos Coríntios, quando fala no *dom das línguas,* fenómeno a que modernamente se deu o nome de *xenoglossia:*

Na lei está escrito: Em outras línguas e noutros lábios falarei, pois, a êste povo e nem ainda assim me ouvirão, diz o Senhor. E assim as línguas são para sinal, não aos fiéis, mas aos infiéis; porém, as profecias não aos infiéis, mas aos fiéis. Se, pois, tôda a igreja se congregar em um corpo e todos falarem línguas diversas e entrarem então idiotas ou infiéis, ¿não dirão porventura que estais loucos? Porém se profetizarem todos e entrar ali um infiel ou um idiota, de todos é convencido, de todos é julgado.

«Quando vos congregais, se cada um tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de interpretar, faça-se tudo isto para edificação. Ou se alguns têm o dom de línguas, não falem senão dois, ou quando muito três, e um depois do outro e haja algum que interprete, estejam calados na igreja e não falem senão consigo e com Deus.

«Pelo que toca porém aos profetas, falem também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem. E se nesse tempo for feita qualquer revelação a algum outro, dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro; porque vós podeis profetizar todos, um depois do outro. para assim aprenderem todos e serem todos exortados ao bem. Porque os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.

(Paulo, I, aos Coríntios, XIV, 21 a 32)

Aqui não só é corroborada a explicação de Pedro, quanto ao dom das línguas, mas ainda se dão instruções, relativamente à prática da mediunidade, instruções que estão de acôrdo com o que ensina Allan Kardec, no «Livro dos Médiuns», e que é costume observar nas sessões de Espiritismo.

Quando há vários médiuns vocais, deve falar um de cada vez, a não ser que haja mais do que um *intérprete* que, neste caso, o mesmo é que *director de sessão.* Contudo, não é conveniente falar mais que um médium ao mesmo tempo, afim de que todos os assistentes possam seguir atentamente os ensinos trazidos à reünião.

Em face das prescrições de Paulo, acima transcritas, podemos fàcilmente avaliar o sentido das proïbições referidas no *Deuteronómio.* E não venham com sofismas a invocar pretensas intenções apostólicas, que não figuram, nem jàmais figuraram nas Escrituras Sagradas. Para êsses, transcrevemos os versículos 39 e 40 do Cap. XIV da mesma Epístola de Paulo:

Assim, irmãos, tende emulação ao dom de profetizar e *não proïbais* o uso do dom das línguas, mas faça-se tudo com decência e ordem.

Além dêstes passos transcritos, há inúmeros outros que poderíamos transcrever, em abôno da nossa tese. Vejamos, por exemplo, «o que o Senhor disse a Moisés», segundo os versículos 12 a 23 do Cap. XXVII de *Números:*

Disse o Senhor a Moisés: Sobe a êste monte Abarim, etc. Ao qual respondeu Moisés: O Senhor Deus dos espíritos de todos os homens escolha algum homem que vigie sôbre esta multidão e que possa sair e entrar adiante dêles e tirá-los ou introduzi-los, etc. E o Senhor lhe disse: Lança mão de Josué, filho de Nun, varão no qual reside o espírito e impõe-lhe as mãos, o qual se apresentará diante do sacerdote Eleázar e de tôda a multidão. E tu darás os preceitos à vista de todos e uma parte da tua glória, etc. Sôbre o que, quando se houver de empreender alguma coisa, o sacerdote Eleázar consultará o Senhor. A' palavra dêste saïrá Josué e com êle todos os filhos de Israel e o resto do povo. Fêz Moisés como lhe foi ordenado. E impostas as mãos sôbre a cabeça de Josué, lhe declarou tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado.

¿É isto proïbição, como afirmam certas religiões dogmáticas? O que Moisés fez foi restringir as consultas, prevenindo assim males futuros, visto que as sessões de Espiritismo são coisa muito séria e só deve assistir a elas quem esteja convenientemente preparado. Êle não só consultou os mortos, como também serviu de instrumento à própria comunicação.

A Pitonisa de Endor

Nesta altura, cabe referir outra bem célebre sessão de Espiritismo que tem sido relatada por católicos e protestantes ávidos de

armazenar argumentos contra a nossa doutrina.

Referimo-nos ao caso da *Pitonisa de Endor* e vamos resumi-lo o mais possível, sem, porém, omitir os necessários pormenores, indispensáveis à boa compreensão.

O rei Saúl, que havia consultado muitas vezes o vidente (1), acabou por expulsar da sua terra os mágicos e os adivinhos. Certo dia, os filisteus aproximaram-se de Sunam e Saúl acampou em Gelboé; e mal viu o exército inimigo, encheu-se de mêdo e consultou o Senhor, que não lhe respondeu. Então, disse aos servos:

— Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Piton e eu irei ter com ela e a consultarei.

Os servos informaram-no de que a mulher procurada residia em Endor. E Saúl mudou de vestuário e dirigiu-se à casa da pitonisa, a quem ordenou:

— Adivinha-me pelo espírito de Piton e faze-me aparecer quem eu te disser.

A mulher respondeu ao consulente que Saúl exterminara os mágicos e adivinhos e acrescentou:

— ¿Porque me armas tu logo um laço à minha vida, para me matares?

Saúl tranqüilizou-a. Que nenhum mal lhe sucederia.

— Faze-me aparecer Samuel — disse êle.

A pitonisa vê aparecer o antigo vidente e dá um grande grito, exclamando:

— ¿Porque me enganaste? Tu és Saúl.

E o rei lhe disse que nada receasse. E preguntou de novo:

— Que viste tu?

— Vi deuses que subiam da terra e subiu um homem ancião coberto com uma capa.

Saúl compreendeu que era Samuel, fez-lhe profunda vénia e prostou-se por terra.

— ¿Porque me inquietaste, fazendo-me vir cá? — inquiriu o espírito evocado.

— Acho-me no último apêrto. Sou guerreado pelos filisteus e Deus se retirou de mim e não me quis ouvir, nem por profetas, nem por sonhos. Dize-me, pois, o que hei de fazer.

— Se o Senhor te desamparou e se passou para o teu rival, para que me preguntas? O Senhor dividirá o teu reino e o dará a David, já que não obedeceste à sua lei, nem executaste o decreto da sua ira contra os amalecitas. E mais ainda: serás com Israel entregue nas mãos dos filisteus.

Saúl caiu estendido no chão, assombrado com as palavras de Samuel e depauperado pela fome, pois nada comera naquêle dia. Então a pitonisa se condoeu de Saúl:

— Bem vês que a tua escrava obedeceu à tua voz e que expus a minha vida por ti e ouvi as palavras que me disseste. Ouve também agora a tua escrava e pôr-te-ei diante um bocado de pão, para que, comendo-o, recobres fôrças e possas fazer a jornada.

Saúl recusou; mas os servos e a pitonisa tanto insistiram, que êle acabou por aceder.

«A mulher porém tinha em sua casa um gordo novilho e apressou-se e matou-o: e tomando farinha, a amassou e coseu uns pães asmos. E pôs tudo diante de Saúl e aos seus servos. E tendo comido, se levantaram e caminharam tôda aquela noite (I, Reis, XXVIII, 24-25).

Durante muito tempo, católicos e protestantes eram unânimes em atribuir esta comunicação ao diabo (2). Hoje, há protestantes que discordam e atribuem-na a Samuel, que, segundo êles, foi enviado pelo próprio Deus (3).

---

(1) «(Antigamente em Israel todo o que ía consultar a Deus, dizia assim: Vinde, e vamos ao vidente. Porque aquêle que hoje se chama profeta, se chamava então vidente). E Saúl respondeu ao seu criado: Dizes muito bem, anda, vamos. E foram à cidade, onde resídia o homem de Deus (I, Reis, IX, 9 e 10). O vidente era Samuel, como se vê nos seguintes versículos: «Ora o Senhor tinha revelado a Samuel a vinda de Saúl, um dia antes que êle chegou». «E pondo Samuel os olhos em Saúl, o Senhor lhe disse: Eis aí o homem que eu te disse; êste reinará sôbre o meu povo. Saúl depois se chegou a Samuel no meio da porta e disse: Peço-te que me digas onde é a casa do vidente. E Samuel respondeu, dizendo: Eu sou o vidente; descobrir-te-ei tudo o que tiveres no coração (I, Reis, 15 a 20).

(2) «O caso da Pitonisa de Endor tem mais de três mil anos, é certo, mas em nada se distingue dos hodiernos factos prenaturais, que os espiritistas publicam jubilosamente nas suas revistas de propaganda, com o fim de captar a atenção dos simplórios. A bruxa de Endor, evocando Samuel, como hoje se evocam os espíritos desencarnados, identifica-se com a médium moderna. O diabo, eterno e caviloso macaco, imitou, então, a fisionomia, voz e modos de Samuel, como hoje imita as feições e gestos de todos os espíritos evocados». («O Espiritismo e a Reencarnação em face da Bíblia», do padre Roque do Nascimento).

(3) No «Folheto da Califórnia» (*O Espiritismo julgado pela palavra de Deus* — Grant Publishing House —2827 Hians St., Los Angeles), citado por Benedito A. da Fonseca no seu livro «O Protestantismo e o Espiritismo», lêem-se os seguintes parágrafos, a páginas 10 e 11:

«O caso de Samuel, o qual apareceu a Saúl pela operação aparente da feiticeira de Endor, longe de corroborar as teorias espiritistas, derruba-as, porque

Compreende-se, porém, que uns e outros reünam achas para a sua fogueira. Apesar de todos os sofismas engendrados para desvirtuar o carácter verdadeiramente espirita desta sessão, o facto histórico está de pé «há mais de três mil anos».

Saúl utilizou as faculdades psíquicas da médium para evocar Samuel, a quem costumava consultar. Houve materialização e comunicação e assim a pitonisa ficou sabendo quem era o seu estranho visitante.

¿Que autoridade terão aquêles que afirmam peremptòriamente ter sido o diabo quem imitou a voz, a fisionomia e os gestos de Samuel? ¿Onde se baseiam êles para dizer que Saúl saiu ludibriado da casa da pitonisa? ¿Terão outra fonte de informação, além da das Escrituras?

O padre Roque do Nascimento declara, a pág. 96 e 97 do seu livro já citado:

Não se persuada o leitor de que foi Samuel quem acudiu ao chamado da pitonisa. Não.

Quem se aprentou foi o diabo. Disto me convencem várias razões: a primeira, porque é inadmissivel que Deus não atendesse Saúl, quando êste se lhe dirigiu por meio dos profetas, para depois o ouvir por intervenção de mágicos e adivinhos que indagavam dos mortos a verdade; a segunda, porque se fôsse Samuel o aparecido, não consentiria o culto idolátrico do rei, que se prostra por terra — aqui deixou o diabo o seu apêndice de fora; — a terceira, porque a pitonisa disse que o espírito «subia da terra», lugar de onde, segundo Isaías (cap. 28, v. 4) sai a voz dos Pitões; a quarta, porque a comunicação do suposto Samuel não correspondeu inteiramente à verdade, visto que dois dos filhos de Saúl lhe sobreviveram largos anos; finalmente, a quinta, porque o autor do I livro dos Paralipómenos (cap. 10, vs. 13 e 14) diz que «Saúl morreu por transgredir a lei do Senhor e por consultar uma pitonisa, por ter interrogado e consultado os que invocam os mortos, segundo traduz Crampon. Ora, se, por permissão de Deus, Samuel tivesse aparecido, diria a verdade em tudo e não é crível que Saúl pagasse com a vida a transgressão da lei do Senhor.

As razões do padre são inconsistentes, como inconsistentes são muitas afirmações da Bíblia (1); e só o grande desejo de apresentar serviços o poderia ter levado a escrever infantilidades desta natureza. ¡Como se Deus, para se manifestar, tivesse de pedir licença a qualquer de nós!

Saúl procurou a mulher de Endor, porque sabia muito bem que Samuel tanto lhe podia falar por meio de médiuns oficiais, como por meio de médiuns perseguidos pela justiça. A vontade dos homens nada vale ante as leis naturais.

Saúl não morreu por ter consultado a pitonisa, por ter interrogado os que evocam os mortos. Di-lo o próprio texto bíblico citado pelo padre Roque:

Morreu pois Saúl por causa das suas iniqüidades porque tinha prevaricado o mandamento que o Senhor lhe tinha posto e o não tinha observado; mas até também tinha consultado uma pitonisa.

(I Paralipómenos, X, 13)

O excesso de zêlo levou o padre a tomar a nuvem por Juno; ou, então, é possível que se fiasse na tradução de Crampon... *Saúl morreu por causa de suas iniqüidades*, pois, além disso, *até tinha consultado uma pitonisa*, isto é, tinha transgredido a lei que êle próprio promulgara.

No caso que acabámos de narrar, a mulher de Endor demonstrou maior elevação

---

esta aparição foi claramente ordenada por Deus e determinada por Deus mesmo, e não foi o resultado de nenhuma invocação, nem muito menos do poder de Satanás. E a prova de que Samuel foi enviado por Deus, temo-la no facto que deu uma mensagem directa a Saúl da parte do Senhor, como se vê no versículo 19 de I, Reis, XXVIII. Assim, pois, era Samuel comissionado de Deus e de Deus sòmente, com o expresso mandato de dar a Saúl esta mensagem. Foi Samuel mesmo, por ordem de Deus, que se comunicou com Saúl; não foi nenhum enviado de Satanás». (Êste folheto foi editado pela Sociedade Bíblica da Califórnia, sem indicação de autor).

Quem tem razão? ¿ Padre Roque ou o «Folheto da Califórnia»?

(1) Um exemplo entre muitos: No cap. XXXI, vs. 4 e 5, de I Reis, lê-se a respeito da morte de Saúl: «E disse Saúl para o seu escudeiro: Desembaínha a tua espada e atravessa-me com ela, para que não venham estes incircuncidados e me tirem a vida, escarnecendo de mim. Mas o seu escudeiro não o quis fazer, porque se apoderou dêle um excessivo terror. Tomou, pois, Saúl a sua espada e deixou-se cair sôbre ela. O que vendo o seu escudeiro que Saúl era morto. lançou-se tambem êle mesmo sôbre a sua espada e morreu ao pé dêle».

E logo a seguir, no 2.º Livro de Reis, Cap. I, conta-se que um homem, depois da morte de Saúl, chegou ao pé de David e lhe contou como se salvara do exército de Israel e como *matara Saúl*. Êste último encontrara o homem no monte Gelboé e preguntou-lhe quem era.

— Sou amalecita — disse êle.

— Então chega-te a mim e mata-me, porque eu estou muito angustiado e tôda a minha alma está ainda em mim.

E chegando-me a êle — continúa o foragido — o matei, porque via que êle não podia viver depois do estrago (Vs. 1 a 10).

¿Em que ficamos, então? Suïcidou-se ou foi assassinado?...

Desculpe o padre a irreverência. São defeitos do racionalismo... espirita.

moral do que o rei Saúl. Êste foi desleal e hipócrita. Mandou os criados procurar quem consultasse os espíritos e disfarçou-se para falar com Samuel. A mulher de Endor estava em sua casa, conhecia a lei que proïbia a evocação dos mortos e só muito instada consentiu em exercer a mediunidade. depois de frisar o perigo daquelas consultas, proïbidas pelas leis vigentes.

Pois, apesar do receio de que se achava possuída, ainda matou o novilho e preparou o jantar para oferecer a Saúl e aos seus criados.

A pitonisa era humilde e honesta. Respeitava o govêrno do país, não obstante as leis contrárias ao mandamento divino. Sensibilizou-se, ao ver o abatimento do seu rei, amarfanhado e vencido. ¿Porque lhe chamavam feiticeira, ela, que era sensível ao sofrimento alheio? ¿Acaso, não seria digna de transmitir as instruções do espírito de Samuel?...

Saúl, pelo contrário, foi um monstro de crueldade. Amaldiçoou o povo que comesse em determinado dia e condenou à morte seu filho Jónatas por ter chupado um pouco de mel. Passou a fio de espada os amalecitas que lhe caíram nas mãos, roubando-lhes vacas, ovelhas e cordeiros. Foi então que os maus espíritos começaram a rodeá-lo, atraídos pelo ódio, pela inveja, pela sêde de vingança de tão negregado rei, que daí em diante praticou grande enfiada de crimes, tentando por várias vezes assassinar o seu genro David e ordenando o assassínio de «oitenta e cinco homens que vestiam roupas sacerdotais». E mandou passar a fio de espada os habitantes de Nobe, «incluindo mulheres, crianças e meninos de mama». Nem os bois, ovelhas e jumentos escaparam à carnificina.

Tudo isto e muito mais está descrito no 1.º Livro de Reis, ao alcance de tôda a gente.

Não foi, portanto, a sessão espirita de Endor que o levou ao suïcídio ou que motivou o assassinato. Foram os seus actos maléficos, satânicos e abomináveis, alguns dêles talvez sugeridos por espíritos obsessores, pois Saúl era médium, pelo qual falavam entidades que tomavam parte nos seus planos diabólicos. De resto, bastava-lhe o orgulho e a raiva impotente da derrota para o levar àquêle extremo: tudo, menos cair com vida nas mãos dos filisteus.

Corrigenda — No nosso último artigo (3.ª nota da página 238), onde se lê: (A. Grellet, op. cit), deve ler-se: (Augusto Callet, op. cit).

A LIÇÃO DO LEITEIRO

por Romeu A. Camargo

— O' seu Manuel, dou-lhe parabens pela sua prosperidade no comércio de leite.

— ¿E porque fala assim, minha senhora?

— E' que o leite hoje está gordo, com nata grossa, sabor muito diferente, gostoso, e então eu disse a meu marido que seu Manuel vai muito bem e com certeza êste leite bom é de alguma vaca nova, talvez holandeza..

— Não! Não, minha senhora! Eu lhe conto a história inteirinha. Não comprei nenhuma vaca nova. As vacas são as mesmas. Eu é que estou com vida nova: aceitei o Evangelho de Jesus e essa encantadora doutrina encerra a moral pura que condena a mentira por pensamentos, palavras e obras. Eu não mentia por palavras diante da senhora e das outras freguezas do meu leite. Eu mentia sem abrir a bôca, mas entregando lhes leite misturado com água. Era um furto. A norma da minha vida, de hoje em diante, está na moral do Evangelho e essa moral me ensina que não devo desejar nem fazer aos outros o que eu não desejaria para mim; que devo amar a Deus e mostrar êsse amor, amando o meu próximo, que é filho de Deus e meu irmão. O leite que eu vendia era uma mentira. Hoje, falo a verdade, porque a minha consciência é testemunha silenciosa dos meus actos e pensamentos, que me aplaude quando pratico o bem e me repreende quando pratico um acto mau.

E aquela senhora ficou estupefacta, vivamente impressionada. Nunca vira espectáculo semelhante! Seu marido ficou contagiado dêsse assombro. Ambos se puseram a meditar e, não resistindo à curiosidade, procuraram conhecer o misterioso poder dessa leitura que virou do avêsso a vida do leiteiro.

No dia seguinte, a senhora lá foi ao portão do jardim bem cedinho, muito antes da hora da chegada do homem «renascido». Lá veio êle, com semblante de quem vive alegre e sem preocupações.

— Olhe, seu Manuel, eu estou curiosa por deitar os olhos nêsse tal Evangelho que tirou a água do leite...

No dia seguinte, D. Margarida recebeu um exemplar da Biblia Sagrada traduzida pelo padre António Pereira de Figueiredo e editada pela Sociedade Biblica Britânica.

Um mês depois, o próprio leiteiro é que ficou estupefacto ante a radical transformação operada na vida daquêle lar que agora conhecia de perto, pois passou a ser considerado ali como irmão em Jesus e não mais como simples vendedor de leite.

E o venturoso casal, que vivia sempre em plena harmonia, cercado dos seus cinco filhos, mercê de saúde e da abundância de recursos, passou a ter olhos de ver e ouvidos de ouvir, sendo inúmeros os necessitados ao alcance de sua protecção e ouvindo as súplicas dos incontáveis padecentes de tôda a espécie que arrastam a existência como só êles sabem, sob a vigilância dos olhos paternais de Deus.

(*Extraído de* Mundo Espirita)

FIGURAS QUE PARTEM

A DESENCARNAÇÃO DE «LÉO»

Há notícias que acabrunham e afligem, deixando as almas por largo tempo alanceadas. Assim foi a que recebemos no dia 18 de Janeiro. «Léo» desencarnara sùbitamente, após o almôço, em virtude de um ataque violento de asma, de que sofria havia muitos anos. Desta vez não resistiu e o seu espírito librou-se nas alturas, ao cabo de 57 anos de peregrinação.

Nós não podíamos acreditar. ¿Pois, se ainda na véspera faláramos com ela ao telefone, nada havendo que prenunciasse o falecimento!?... ¿Pois, se acabáramos, mesmo, de lhe enviar dois livros que lhe prometêramos e àcêrca dos quais deveria escrever um artigo para êste número!?...

Mas era verdade. Leontina de Cabral Hogan, a nossa querida colaboradora «Léo», tão justamente apreciada dos nossos leitores, pela doce espiritualidade que emanava dos seus artigos modelados em oiro de lei, abandonara as plagas terrenas em demanda de regiões etéreas, onde continuará, certamente, a tarefa há pouco interrompida.

Retrato simbólico de «Léo»
«Olhemos sempre para o Alto»

Algumas vezes dizia que não resistiria a êste inverno, sempre convicta de que a vida continua para além da morte. Ela própria recebeu belas mensagens psicográficas de entidades interessadas no movimento neo-espiritualista, dando testemunho de um mundo diferente do nosso.

O nosso colaborador Faure da Rosa deve-lhe o maior benefício espiritual que um pai pode receber: a certeza da sobrevivência de sua filha Noémia, falecida em 15 de Junho de 1927. As comunicações dêste Espírito forneceram elementos de identificação completos, categóricos.

«Léo» era também vidente. Por três vezes Noémia lhe apareceu: em uma delas, com certo traje que usara na Terra, só conhecido doutra filha daquêle amigo, a qual, então, se encontrava em África.

Possuía distinção inconfundível, onde não se descobria o mínimo artifício. Da sua expressão fisionómica irradiava qualquer coisa de espiritual que realçava e velava a sua graça de mulher. Afável e despretenciosa, inteligente e culta, a sua conversação prendia quem a escutava.

Esta revista perdeu uma grande amiga e uma grande colaboradora. Não admira, pois, que lamentemos a sua inesperada desencarnação.

Não poderemos esquecer jàmais os esforços que despendeu para a realização da conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes. Apesar de doente, multiplicou-se em dedicação e boa vontade, servindo-se do seu prestígio social para impulsionar a roda da propaganda.

Quando aqui falámos do alvitre destinado a tornar a revista mensal, foi das primeiras pessoas que demonstraram a sua concordância:

— Concordo, mas sem reduzir o número de páginas. Reduzi-las, nunca; pelo contrário, aumentá-las, se fôr possível.

Em conversas que tivemos com ela e seu marido, o sr. comandante Hogan, verificámos

Nº 21, Jan/Fev/43

J/Fev/43

O ESPIRITISMO EMANCIPADOR DA MULHER

por Haydi de Tebelen

II

AINDA na grande antigüidade (19 seculos A. C.) a figura feminina de maior destaque foi a imperatriz Semíramis.

É a época do desenvolvimento do egoismo humano, em que os reis exorbitando a missão que lhes fôra confiada, se tornam déspotas. Nino, o marido de Semíramis foi um dêsses primeiros reis. Esta extraordinária rainha era uma iniciada, possuïdora de vastíssimos conhecimentos que lhe permitiam prestar relevantíssimos serviços, engrandecendo notàvelmente o seu país, assinalando de maneira brilhante o seu reinado. Companheira inseparável do seu marido em quantas expedições e conquistas êste empreendeu, Semíramis depois de viúva, empunhou com firmeza as rédeas do Estado. Esta genial mulher soube governar e impôr no seu império a sua extraordinária personalidade, que nunca nenhum soberano ultrapassou. O seu nome simboliza a luz. Antes de casar era sacerdotiza num colégio de iniciação feminina.

Ela própria conquistou Bactus e fêz da antiga Nínive uma grande cidade. Conseguiu alargar os domínios do seu vasto império desde a Etiópia até às Índias.

Os sábios reüniram-se sob a sua direcção, e devido ao seu fino gôsto artístico ela chamou os mais célebres arquitetos, artistas e engenheiros, aos quais juntou um número incalculável de trabalhadores de todos os países. Assim, alguns milhões de homens ergueram a famosa Babilónia, construída nas proporções indicadas pela astronomia, que o génio de Semíramis ordenara fôsse uma cidade metropolitana solar. A antiga Imgul-Bel torna-se a cidade imperial com os seus observatórios, seus templos e palácios colossais, e o famoso palácio e os jardins da grande imperatriz colocaram-na na antiguidade entre as sete maravilhas do mundo.

O Egito, no seu grande culto aos mortos, reabilitou a mulher concedendo-lhe a alma sujeita aos mesmos prémios e penalidades da alma do homem. É nesse extraordinário país que surge outra famosa rainha, a formosíssima Cleópatra, célebre também pelos seus trágicos amores com Marco António.

Mais tarde, no século V da era cristã, nasce em Alexandria outra grande beldade, que ficou célebre não só pela sua formosura, como pelos seus vastíssimos conhecimentos em matemática e filosofia, que lhe grangearam em Atenas a cadeira do professorado. A sua grande erudição causava o pasmo dos mais distintos sábios seus contemporâneos. Escreveu numerosas obras de grande valia, que infelizmente não chegaram até nós. Esta distinta filha de Minerva despertou paixões violentas provocadas pela sua beleza e sabedoria, pois renunciara ao casamento para se dedicar à ciência. Corria o ano de 415,

---

sempre o seu amor pela nossa obra e o seu desejo firme de nos auxiliar em tudo que estivesse ao seu alcance.

¡Grande alma e grande coração! ¿Como não haviamos de sentir a brutalidade do acontecimento?!

«Léo» prometera-nos uma conferência para quando melhorasse e inscreveu-se no Núcleo de Amigos de Estudos Psíquicos. *Estava ao nosso lado. Era amiga sincera, amiga desinteressada. Gostava que lhe falássemos dos nossos trabalhos magnéticos. Tinha faculdades curadoras e soube exercê-las em benefício de alguns enfermos.*

A sua acção era profícua e meritória. Colaborou no Diário de Lisboa, *na* Revista de Espiritismo, *na* Revista de Espiritualismo *e em* Estudos Psíquicos. *Exerceu a caridade e era sócia do Grupo E. Humildade, de Aveiro.*

Há notícias que acabrunham. Esta é uma delas.

Curvemo-nos respeitosos ante o seu espírito. «Léo» não morreu. Está connosco e com a nossa obra. Temos a certeza disso. A prova, tivémo-la algumas horas depois do entêrro.

quando a populaça de Atenas, incitada pelos seus despeitados admiradores, a acusaram de bruxa. Arrancaram-na da própria residência, e arrastando-a pelas ruas de Atenas, deram-lhe morte afrontosa e reduziram a cinzas o seu cadáver. Mas a alma imortal de Hipathia, volta à terra no século XIX, sob a forma duma bela mulher, também dilecta filha de Minerva, que muito se dedicou à humanidade. Foi a ilustre escritora teósofa Doutora Annie Besant.

A Grécia antiga também tem vinculados grandes nomes femininos, como o da célebre e delicada poetisa Sapho, e a declamadora Corinne.

Aspásia, Laís e Phryné, foram notáveis não só pela sua grande beleza, como também pelos seus dotes intelectuais.

Aspásia era muito formosa e possuía grande talento. Foi alvo do maior afecto e respeito do povo ateniense, e chegou a posuir o maior predomínio nos negócios da Grécia. Contribuíu em grande parte para o desenvolvimento das artes e das letras.

Phryné nasceu no século IV A. C. Foi famosa entre as mais célebres beldades e serviu de modêlo ao insigne Praxíteles.

Ofereceu-se para modificar Tebas à sua custa, com a condição de ser colocada sôbre a porta principal da cidade esta inscrição: — «Alexandre destruíu Tebas; Phryné a reedificou» —; mas o orgulho masculino recusou esta generosa oferta.

Acusada de ímpia perante o tribunal, a sua excepcional beleza, que servira de modêlo às estátuas das deusas gregas, valeu-lhe a absolvição.

Se bem que segundo a tradição primitiva a mulher fôsse escolhida para o sacerdócio, ela era colocada pelo casamento em manifesto estado de inferioridade.

As deusas do Olimpo eram, à semelhança dos deuses, dotadas de grandes poderes, outro tanto não acontecendo às mulheres.

Em Tyro, no século 19 antes da era cristã, a rainha Dido imortaliza-se pelos seus infortúnios, assim como a rainha Zenóbia da Arménia no 5.º ano A. C. e a grande Zenóbia de Palmira, no século III. Estas princesas eram dotadas de grande inteligência e merecimento.

Roma mantém igualmente a mulher em situação de inferioridade, se bem que Marcia, Agripina e muitas outras damas romanas se emiscuíssem, mais ou menos, nos destinos do império.

Os ensinamentos de Buda e as leis de Moisés estão obscurecidas pelo egoísmo humano. No reinado do imperador Tibério, aparece o divino Jesus a prègar o Amor e a Justiça. A idéia cristã alastra e, no ano 60 da nossa era, começaram as grandes querelas nas sinagogas de Roma. O Cristianismo, demolindo a civilização greco-romana, ergueu a mulher para a luta espiritual e social.

É grande, mesmo muito grande, o número de mulheres que a história registou como tendo dirigido os destinos de vários povos, ou nêles tendo ficado notáveis pelos seus feitos e talentos, e até como sacerdotizas.

* * *

Na Atlândida, as mulheres exerciam o sacerdócio, e êste costume transmitiu-se sucessivamente a outros povos. Por isso, as vamos encontrar na Síria, no velho Egito, na Grécia, e em Roma até ao princípio do cristianismo.

Santa Tecla, — diz Maurice de Lachatre, — disfaçada em trajos eclesiásticos, acompanhava S. Paulo em tôdas as viagens. Eugénia, filha de Filipe, célebre governador de Alexandria, no reinado do imperador Galiano, dirigiu um convento de frades, e nunca descobriria o seu sexo, se não tivesse de se justificar perante uma acusação de sedução que lhe fôra feita por uma rapariga.

Na «Crónica da Lombardia», composta por um monge, cita-se um padre que escreveu 30 anos depois da morte de Leão IV e se refere à história duma mulher que foi patriarca em Constantinopla.

Além disso, até o sétimo século, os fiéis tinham reconhecido sacerdotizas, porque os actos do concílio da Caledónia diziam formalmente que as mulheres podiam receber as ordens do sacerdócio e serem sagradas solenemente, como os leigos. S. Clemente, sucessor imediato dos apóstolos de Jesus, fala detalhadamente numa epístola sôbre as funções das sacerdotizas. Alton, bispo de Verceil, refere nas suas obras que as sacerdotizas, na Igreja primitiva, presidiam nos templos, faziam instruções religiosas e filosóficas e tinham debaixo das suas ordens diaconizas que as serviam, como os diáconos faziam aos padres. Santo Atanásio, bispo de Alexandria, e S. Cipriano explicam-se também àcêrca dessas mulheres.

Como se vê, os ensinamentos do Cristo também foram deformados pelo egoísmo do homem.

O doce Jesus de Nazaré perdoa à adúltera; mas as sociedades continuam a castigá-la com os mais bárbaros suplícios. Também S. Clemente de Alexandria reconheceu como sagrada a natureza humana e santifica a mãi. Muitos sacerdotes de várias religiões pretendem ver na mulher a serpente do pecado. Assim perseguida atravessou a Idade-Média, e Lineu, o naturalista insigne, no seu «Tratado da Natureza», exclui os órgãos íntimos da mulher, como sendo coisa abominável! Durante séculos, consideram-na «filha do Diabo» e aceitam como mãe honesta sòmente a que é casada, votando ao opróbrio, assim como seus filhos, a que não recebeu o matrimónio.

¡E assim, desde muitos séculos, vive na ignorância e na escravidão metade da espécie humana!

Se bem que na Idade-Média a mulher continui a ser educada nas velhas tradições, que fizeram dela um ser socialmente inferior, muitas provaram possuir grande merecimento. Entre elas, citarei uma mulher que, em minha opinião, foi a mais extraordinária depois de Semíramis até aos princípios do século IX, em que nasceu.

Não se sabe ao certo o lugar do seu nascimento, devido a constantes viagens dos seus progenitores. O seu nome parece ter sido predestinado no Ocidente para marcar na história dois grandes espíritos de mulheres, célebres pela grande glória a que ascenderam, como pela terrível fatalidade que lhes quebrou tão elevado pedestal e as arrebatou da terra. Chamava-se Joana esta jovem e era filha dum padre inglês muito instruído, que cuidou com esmero da sua cultura, a qual, aos doze anos, igualava a dos homens mais distintos do Palatinado. Depois, sob o hábito de frade, estudou com o sábio Raban Maur e em breve se tornou um dos maiores eruditos da Grã-Bretanha.

Em seguida, resolveu visitar novos países e, de volta a França, disputou com os maiores doutores franceses e excitou a admiração das personagens mais célebres da sua época, entre elas, a famosa duquesa de Septimânia, Santo Anscário, o frade Bertran e o abade Lopo de Farrière. Volta a viajar e, na Grécia, prosseguiu os seus estudos em filosofia, teologia, letras divinas e humanas, artes e história sagrada e profana.

Joana (ou o jovem frade) profundara, compreendera e explicara tudo; e juntando a conhecimentos universais uma eloqüência prodigiosa, enchia de espanto aquêles que eram admitidos a ouvi-la. Da Grécia, dirige-se para Roma, onde introduziu cursos de ciências abstractas, e, durante três anos, um imenso auditório admirava o seu prodigioso saber. As suas lições, os seus discursos e mesmo os seus improvisos, eram feitos com uma eloqüência tão arrebatadora, que o jovem professor era citado como o mais belo génio do século; e, na sua admiração, os Romanos conferiram-lhe o título de príncipe dos sábios. Depois da morte do Papa, os cardeais, os diáconos, o clero e o povo elegeram-na por unanimidade para governar a Igreja de Roma, sob o nome de João VIII. Esta mulher extraordinária sagrou Luís II, que recebeu a corôa imperial das mãos de Joana — que ocupou gloriosamente a cadeira sagrada dos pontífices de Roma, durante mais de dois anos!

Contudo, essa mulher, essa papiza que inspirava tão grande respeito aos soberanos da terra, que subjugava os povos às suas leis, que atraía a veneração do universo inteiro pela superioridade das suas luzes e pela pureza da sua vida, essa mulher tem morte afrontosa numa das ruas de Roma, ùnicamente porque é mulher!

É muito raro que a beleza e a erudição não venham acompanhadas dum destino fatal. Corria em meio o século doze, quando viu a luz do dia uma francesa que ficou célebre pelos seus trágicos amores com o ilustre filósofo e seu mestre Abeillard. Foi ela a formosa Heloísa, insigne no latim, no grego, no hebraico, em filosofia, nas matemáticas e nas letras sagradas.

No campo político, as princesas Brunekalta e Fredegonda impõem-se nas guerras dos Bárbaros. Na época do feudalismo, a condessa Matilde, em Itália, D. Teresa e sua irmã D. Urraca, na Península Ibérica, e Joana de Montfort, princesa da Flandres, provam mais uma vez que a mulher, como o homem, possui aptidões que lhe permitem desempenhar os mais elevados cargos. Enviüvando Joana de Montfort, coube-lhe a administração do ducado da Bretanha, que defendeu valorosamente, quando o conde de Blois sitiou Hennebou. De espada desmbaïnhada, à frente dos seus homens, conseguiu derrotar o inimigo, que levantou o cêrco.

Foi excelente administradora, e deixou profunda mágoa nos seus vassalos, quando faleceu, em 1345.

Depois surge outra estrêla de primeira

grandeza, que brilhará para sempre na história da França. «Ditosa pátria que tal filha teve», é o pensamento de todos que conhecem a vida da grande heroína e mártire que foi Joana de Arc. Em dia de Reis, 6 de Janeiro de 1412, em Domremy, à beira do Meuse, nascia uma menina de família muito humilde. Essa criança aos 18 anos sente-se pedestinada para uma grande missão.

Profetiza e heroína, Joana salva a sua pátria, demonstrando extraordinárias qualidades políticas e guerreiras, causando por isso o maior assombro, não só dos franceses, como dos próprios invasores, os ingleses. A vil traição fá-la cair prisioneira, num pequeno combate com o inimigo, que a condena à fogueira, quando floresciam as suas gloriosas vinte primaveras.

A acusação requerera que Joana fôsse declarada feiticeira, falsa profetiza, cismática, idólatra, blasfema, sediciosa, sedenta de sangue humano, sedutora de príncipes e de povos, usurpadora das honras divinas, hereje, etc. Eram setenta artigos infames redigidos por um dos mais reputados doutores da Universidade de Paris.

Mais tarde, Roma santifica Joana, prestando-lhe assim a mais justa homenagem, englobando não só o culto que lhe consagra o povo francês, mas também o de quantos no mundo admiram a insigne inspiradora de Domremy. Dela escreveu Henri Martin, o historiador oficial da França, a mais bela frase que a consagra como a mais sublime heroína: «Na história nunca houve nada que se pudesse comparar a Joana de Arc».

Ainda nas lides políticas da Idade-Média, a princesa Margarida da Dinamarca consegue efectuar o célebre pacto de Colmar, em que se uniam a Dinamarca, a Noruega e a Suécia. Esta rainha regeu sàbiamente a menoridade de seu filho e depois invadiu a Suécia, que juntou à corôa da Dinamarca e Noruega.

As ciências dêste período histórico também se enriqueceram com a alta capacidade intelectual da distinta astrónoma Klumke.

O Espiritismo já se não confina no domínio exclusivo das discussões filosóficas; apresenta-nos caracteres materiais que tornam tangíveis as cresnças religiosas. Os seus princípios fundamentais, baseados na experimentação, fazem-no entrar no quadro das ciências positivas.

Dr. Léon Wauthy

DO ALTO

O QUE ESTÁ PARA ACONTECER

Bom amigo:

Tudo corre bem, mas é pouca a vossa fé. Tudo correria melhor, se mais fé houvesse e mais paciência, mais caridade, mais amor ao próximo. É preciso que haja mais caridade para com as pobres almas sofredoras.

Meu amigo, eu sou um dos vossos auxiliares, dos muitos que vos acompanham e protegem. Trabalhai cada vez com mais fervor na seara do Mestre, porque a hora aproxima-se e a quem mais se deu, mais se pedirá. Que cada um meça bem as fôrças. Todos por um e um por todos, caminhando sempre fraternalmente.

O mundo é grande e a humanidade sofredora está à espera de um farol que a guie. Só o Espiritismo pode responder às preguntas que todos fazem, sejam quais forem as emergências da vida.

Tudo se prepara para a mudança, para a alteração que se aproxima e que movimentará energias latentes no homem, afim de que êle compreenda as grandes verdades, há tanto tempo encobertas. Os tempos são chegados. Estais nêles. Chegaram e ai dos que não acompanharem a revolução, que mudará para sempre a face do planeta! Planos seculares, costumes perversos, coisas boas e más rolarão nos abismos cavados pela humanidade insensata, pela humanidade cega e surda às leis de Deus, apesar dos profetas, dos auxílios divinos. A humanidade pagará todos os erros acumulados por gerações de inconscientes, de criminosos que não souberam nem quiseram ver a Verdade. Não mais se poderá fugir à luz. A luz irradiará através de inenarráveis sofrimentos.

Ainda não chegou tudo. Estais no início. Pode dizer-se que a transformação ainda não começou. Os esforços para manter o existente prolongarão o período das trevas. O mêdo de perder o domínio e as riquezas, a ânsia de reconhecer um mundo em tudo semelhante ao passado farão durar a carnificina, para que o sofrimento chegue a tôda a parte, de modo que os empedernidos se sintam tocados.

O sofrimento de uns tantos não tem chegado para comover a todos; por isso, êle atingirá tôdas as regiões, até esgotar a ânsia de prazer e de mando, até extinguir o ódio. Tudo

A PAZ ESPIRITUAL

por Ângelo da Costa Cabral
(Presidente da Ordem Esotérica Iniciática)

A saüdação usada pela Ordem Esotérica Iniciática, quer verbalmente, quer por escrito e no ritual de abertura, é:

Que a Paz do Senhor seja Convosco!

Esta saüdação que só por si encerra um belo poema de sabedoria e de amor, refere-se não a uma paz qualquer, mas à Paz do Senhor, à Paz de Deus.

Por isso, quando fizermos esta saüdação, não a devemos fazer mecânicamente, nem como se disséssemos qualquer outra coisa, mas procurando falar com o coração a transbordar de amor, com tôda a elevação possí- transmitir àquêles a quem saüdamos.

Para melhor compreensão, classificaremos a Paz em Paz Externa e Paz Interna.

A Paz externa é a Paz do coração, aquela que bem poucos possuem a felicidade de conhecer.

A fleuma ou a calma que nos permite dominar os músculos e os nervos em face das diversas circunstâncias não é a Paz Interna, mas pode ser um passo para ela, pois pelo domínio do exterior podemos chegar um dia ao domínio do Interior; mas se ela é feita com o intuito de ocultar aos nossos semelhantes os nossos pensamentos e as nossas emoções, pretendendo por uma calma aparente e exterior, esconder as paixões que rugem dentro de nós próprios, fingindo o que não somos, ela então é uma mentira e uma hipocrisia, pois aparentamos um domínio de nós próprios que não possuímos, pois só tem domínio sôbre si aquêle que domina o seu corpo, as suas paixões e a sua mente.

¿Porque é que quando nos concentramos sôbre a Paz, devemos pensar primeiro sôbre a Paz dos nossos corações?

É porque desde que exista a Paz no coração de cada sêr humano, ela existirá nos lares, nas sociedades, nos países e no mundo.

É por isso que foi dito: «Procurai primeiro o reino de Deus e tôdas as outras coisas se vos acrescentarão». (Mateus, VI, 33), Lucas, XII, 31).

A falta de Paz nas famílias, nas sociedades e nas nações é pois uma conseqüência da falta de Paz nos corações humanos.

A solução do problema colectivo reside sempre na solução do problema individual.

A Paz do coração é o objectivo máximo da cultura espiritual.

A Paz do coração é a Paz de Deus que ultrapassa tôda a compreensão; é um manancial de fôrças, é uma doce Paz, essa Paz que o mundo não pode dar nem tirar àquêle que já tenha o prestígio de a possuir.

Apesar da desordem e do caos que reinam no mundo, conseqüência do tumultuar das paixões desordenadas dos sêres humanos, o

---

será atingido pela onda. E depois, quando as energias estiverem quebrantadas e extinta uma civilização que, a par de muitas coisas elevadas, contém enormes monstruosidades, começará então o raiar da aurora. As almas que fugiam da luz começarão a ver.

Quando a gangrena ameaça o corpo humano, só a lanceta pode obrar o milagre, à custa de dores, amputando aqui, cortando além. Assim chegou o vosso mundo a tal estado de gangrena, que só a ferro e fogo se pode depurar. Conservai, pois, tôda a calma, aceitai tudo como castigo dos vossos próprios erros e pedi a Deus muita luz, muita coragem, para colaborar na construção de um mundo melhor, em que o trabalho seja a Lei e o amor do próximo seja a Religião. Mas isto não será possível enquanto existir o egoísmo e a inveja.

¡Combatei a inveja e proclamai a resignação! ¡Combatei o comodismo e proclamai o trabalho e a actividade! ¡Combatei o desejo de gozar e proclamai a isenção e a renúncia!

Amigo, gostaste? Talvez...

8 de Fev.º de 1943

UM DESCONHECIDO

Esoterismo ensina-nos as grandes verdades, incita-nos e dá-nos fôrças para lutarmos contra a obscuridade crescente, e afirma-nos que há Liberdade e Paz para todos aquêles que se libertarem êles próprios do desejo. Só é livre aquêle que se domina a si mesmo, que dominou o seu Ego Inferior, os seus desejos, as suas paixões, porque todos os outros são escravos das suas paixões. Portanto não confundir esta verdadeira Liberdade com aquela que reclamam os sêres passionais, e que consiste na satisfação de tôdas as suas paixões e instintos bestiais, porque isso não é liberdade, mas escravidão.

O Esoterismo mostra o caminho aos seus estudantes e guia-os através dêle vertendo nos seus corações a Divina Sabedoria das idades desaparecidas, Sabedoria que viveu, vive e viverá sempre e que apesar de remontar às épocas mais longínquas e ser mais antiga que a própria Terra, permanece sempre jovem, embora nem se conserve já a recordação dos seus primeiros discípulos. O coração do Esoterista é rejuvenescido pela frescura e suavidade dêste antigo e Sublime Conhecimento, desta antiga e maravilhosa Verdade.

A Verdade, expulsa das Escolas Esotéricas laicas ou religiosas aviltadas, encontrou porém o seu asilo no coração de alguns Sêres eleitos onde permanece pura e íntegra.

Calaram-se os oráculos, emudeceram as pitonisas, as verdadeiras escolas esotéricas desapareceram do plano físico devido à onda crescente de materialismo, o seu corpo físico morreu, mas o seu espírito permanece, pois funcionam nos planos superiores; o Fôgo Sagrado alimentado pelas Vestais apagou-se, mas o Verdadeiro Fôgo Sagrado, o Fôgo Espiritual, que o primeiro simbolizava, continuou sempre a arder no coração dos verdadeiros iniciados que não foram avassalados pela corrupção geral, nêles conservando sempre vivo o amor desinteressado da sabedoria Divina, pois êsse conhecimento ministrado nessas escolas, a que hoje chamamos Esoterismo, é ainda querido dessas almas eleitas que permanecem depositárias fiéis dêsse grande e misterioso passado.

Elas sabem que da cegueira profunda e do mutismo duma época de incredulidade se elevarão os primeiros sinais do esplendor do futuro.

Sossegai, ó almas que andais aflitas e temerosas, receando perder o corpo e os bens terrenos na catástrofe que avassala o mundo, e que andais preocupados na escolha do recanto da província ou do país estrangeiro para onde haveis de fugir com as vossas famílias, onde como muitos outros profanos julgais poder escapar.

«Todo aquêle que procurar livrar a sua vida perdê-la-à, e todo o que a perder salvá-la-à».

Sabeis em primeiro lugar que aquêles que pelo seu karma tenham que desencarnar violentamente ou de sofrer privações, tanto as sofrerão na cidade, como no refúgio da província, no seu país natal, como no estrangeiro ou até no próprio caminho, e quem sabe quantos lá não chegarão, pois não fugirão do seu karma maduro.

A vós outros, pois, amigos meus, vos digo que não tenhais mêdo daquêles que matam o corpo e depois não têm mais que fazer». Lucas,XII,4).

Aquêle que possui essa Paz de Deus, a Paz Interna, a Paz do coração, será como Apolónio de Tiana que com a sua simples presença fêz cessar um tumulto; como o profeta Daniel na cova dos leões que não lhe fizeram mal algum; e como os Mestres que dominam os animais ferozes como se fôssem cordeiros, pois quem tem a Paz no seu coração amansa o coração dos outros sêres, quer sejam humanos quer sejam animais, mesmo até os mais ferozes.

É ainda o Mestre Jesus que nos ensina onde encontrar essas mansão de Paz.

«Eis aqui está o reino de Deus dentro de vós». (Lucas, XIX, 21).

Com efeito, há no íntimo do sêr humano um oculto centro, uma mansão de Paz, o reino de Deus, onde o Deus Interno habita e onde, se nós entrarmos fazendo calar todos os nossos desejos mundanos, podemos ouvir a sua confortante e calma voz.

«Portanto abandonai os cuidados e prazeres dêste infeliz mundo, e voltai-vos para o Senhor com todo o vosso coração; achareis descanço para as vossas almas» (Mateus, XI, 29).

É ainda Jesus quem nos indica as condições para podermos entrar em comunhão com Deus, no reino dos céus que, como já sabeis, está dentro de nós.

«Sêde vós logo perfeitos, como também vosso Pai Celestial é perfeito» (Mateus, V, 28).

E «bem-aventurados os pobres de espírito (isto é, os humildes) porque dêles é o reino dos céus» (Mateus, V, 3).

Essa Paz Interna só a consegue aquêle que

fêz emudecer as suas paixões e os seus desejos, dúvidas, atribulações, preocupações, as suas imperfeições corporais, astrais e mentais.

Nós prestamos pouca atenção ao nosso Mestre Interno que é a alma da nossa alma e devido a quem sòmente somos capazes de formar bons pensamentos e desejos.

Mas assim não deve ser, pois é preciso que em tôdas as nossas pesquisas e esforços depositemos a nossa fé e confiança nêle, o nosso verdadeiro Eu Interior, e não estejamos ansiosos dos resultados porque os resultados estão sob a sua guarda e êle tomará cuidado dêles. As nossas dúvidas e as nossas ansiedades vêm da nossa personalidade e se lhes dermos guarida prejudicarão o nosso sucesso.

Por mais ocupada que uma pessoa seja é sempre capaz de arranjar alguns momentos diários para dedicar-se ao silêncio e pôr-se em relação com DEUS. Quanto menos praticarmos o silêncio interno menos desejos sentimos de o fazer, pois estando as nossas mentes permanentemente focadas nas coisas externas, contraímos um tal hábito, que é depois trabalho árduo o afastá-la delas para praticarmos o silêncio.

Esta concentração interna não é fácil, primeiro porque o homem geralmente não está habituado a concentrar-se, pois está costumadíssimo a dispersar a sua atenção. Depois porque o homem sempre habituado a voltar a sua atenção para o exterior, atenção que hoje emprega externamente cada vez em maior escala devido à grande difusão dos livros, dos cinemas e da telefonia, quando a quere focar internamente por falta de treino leva o seu tempo.

O homem actual lê de mais e medita de menos.

Sabei que embora possais entrar em contacto passageiro com o vosso Eu Superior, êle só estabelece uma comunhão definitiva com as almas pacíficas e com aquelas em que o fogo da tentação e do sofrimento consumiu tôdas as inclinações corruptas.

O Senhor não repousa senão onde a *calma reina e o amor próprio já não existe.*

Não há esperança de continuïdade de Vida Divina em nós senão no sacrifício dos nossos desejos e inclinações carnais, pois tudo consiste na morte do «eu» pessoal e não há maneira de alcançarmos a Paz, senão dominando por completo a nossa natureza corrupta.

Procuremos cuidadosamente a Deus dentro de nós e inevitàvelmente O encontraremos e gozaremos a Paz; uma tal alegria e Paz podemos tê-las no meio dos maiores sofrimentos e elas, fluíndo da Fonte Inesgotável se tornam uma perpétua emanação de gozos.

A união com o Deus Interno espalha uma estranha serenidade por tôdas as faculdades, acalma a mente e lhe comunica um doce repouso e tranqüilidade, mesmo durante os nossos trabalhos diários, mas então devemos entregar-nos a Êle sem reserva.

O sêr que atingiu essa sublime união encara em Paz todos os acontecimentos, até mesmo a sua desencarnação.

O melhor caminho para obter essa união é a concentração interna; desde que a façamos, começaremos a ter a sensação da presença do Deus Interno e alcançaremos uma tão íntima comunicação que o mundo a não pode interromper.

Assim alcançaremos a Paz e tranqüilidade perfeitas em tôdas as circunstâncias e um completo domínio sôbre o amor próprio e as nossas paixões.

É claro que as verdadeiras escolas de Esoterismo dão na devida altura alguns ensinamentos reservados sôbre a prática da concentração interna.

A alma nunca conseguirá tornar-se una com o Deus Interno a não ser pela obtenção da verdadeira pureza.

Deus chama-nos, convida-nos a recolher-nos ao nosso centro, e mostra-nos o reino celestial repleto de Alegria e Paz.

Aí encontrar-se-à a Paz que não será mais perturbada pelos conflitos mundanos nem ludibriada e desolada, porque as tempestades nunca chegam a perturbar o *céu* calmo e sem nuvens onde reside aquêle que alcançou a Paz Interna.

Desejo que dentro em breve os nossos queridos Irmãos alcancem a união com o Cristo Interno, de maneira a poderem dizer como S. Paulo: «Eu vivo; para melhor dizer, não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim». Gal., XI, 20).

Termino desejando a Paz a todos os sêres.

Para a filosofia palingenésica, o problema do mal é de extrema simplicidade. O mal não tem a sua origem na vontade do Criador responsável. *O mal é simplesmente a medida da inferioridade dos seres e dos mundos ou a sanção do passado.*

Dr. Gustave Geley

MARIA EMÍLIA DE CARVALHO GONÇALVES

por Maria Veleda

AUSENTOU-SE dêste mundo para as regiões luminosas do Além, em 15 de Dezembro último, uma das principais fundadoras do Centro Espiritualista «Luz e Amor», pelo que não podemos deixar de consignar nesta revista a perda que, para o verdadeiro Espiritismo, a sua partida representa.

Maria Emília pertenceu desde o seu início ao «Grupo das Sete», constituído, como tal designação indicava, por sete irmãs, cuja dedicação à Causa não podia ser mais ardente nem mais sincera.

Em dias e horas certas, reünia-se o «Grupo» em casa de Maria da Madre de Deus Leite Diniz, sendo essas reüniões caracterizadas por um alto cunho moral e artístico, em que se evidenciavam sessões de uma superioridade como nunca vimos atingir em outra qualquer agremiação.

Dissolveu-se o «Grupo das Sete» para ingressar no «Grupo Luz e Amor», a que deu origem, e que, mais tarde, deveria transformar-se no Centro do mesmo nome, acompanhando as suas componentes, até ao aparecimento da Federação, tôdas as evoluções realizadas.

Depois, o agrupamento, que já se encontrava diminuído pelo falecimento das irmãs Maria A. Setas e Emília Bähr Ferreira, sofreu rude embate, surgindo discordância entre as irmãs restantes, sôbre os destinos do Centro, havendo uma — e é a que subscreve estas rápidas linhas — que se opôs terminantemente até final, à junção do Centro com a Federação em início, do que, seja dito de passagem, não se sente arrependida, pois os factos se têm encarregado de dar-lhe razão.

Separadas, por motivos estranhos à velha amizade que as tinha desde longos anos aproximado, continuaram todavia as cinco companheiras restantes fieis ao belo ideal que as vinha norteando.

Após Maria Setas, Emília Bähr Ferreira e Maria da Madre de Deus, coube a vez de partir dêste mundo a Maria Emília de Carvalho Gonçalves, cuja devoção pela nossa Causa não foi nem podia jàmais ser excedida.

Espiritista convicta, tendo lido, tendo meditado e estudando muito, Maria Emília, sendo uma praticante, não se deixava entretanto arrastar pelas primeiras impressões, sabendo discernir o ouro do pechisbeque, não aceitando tudo, — antes procurando fazer passar certos factos pela fieira de uma justa observação.

A sua crença era porém tão ardente, tão imutável, que dela se desprendiam centelhas deslumbrantes com que amparava e fortalecia os que, desencantados da vida, se deixavam cair em meio do pedregoso caminho. A sua fé era inquebrantável, e acompanhou-a nos últimos momentos, como uma estrêla redentora. Partiu de olhos abertos, lúcida e serena, para êsse mundo que todos demandaremos um dia.

Mãe extremosíssima, Maria Emília perdera quatro dos cinco filhos que tinha, no curtíssimo espaço de oito anos. Sofreu, sofreu muito, como só quem seja mãe poderá avaliar; mas não perdeu a esperança de os tornar a ver, e foi pensando *nêles* que se despediu dos entes queridos que ficavam chorando a sua ausência.

De uma simplicidade e de uma modéstia invulgares, apreciava imenso o convívio das pessoas humildes, comprazendo-se em iniciá-las nos conhecimentos que possuía, distribuindo *luz e amor* por todos quantos dela se acercavam. A solidariedade humana na sua expressão mais nobre, ocupava-lhe constantemente o cérebro e o coração, podendo dizer-se que até ao último suspiro, Maria Emília seguiu sem desfalecimentos a estrada do Bem e os exemplos do Mestre Divino.

Já muito doente — da cruciante enfermidade que a arrebatou — e escrevendo meia dúzia de linhas a uma amiga que ela sabia estar sendo torturada por dura provação, deixou tombar sôbre as palavras que a mais enternecida piedade ditava, algumas lágrimas preciosíssmas. Que essas lágrimas, — Maria Emília! — se convertam em brilhantes inestimáveis, na tua corôa de Glória; e possas tu, companheira querida, receber-nos alegremente no limiar da Vida Eterna, às três velhinhas que ainda existimos, e para Deus elevamos os nosos pensamentos ansiosos!

n° 21, Jan°/Fev/43

ESTUDO ACÊRCA DA VIDÊNCIA

Tradução de J. D. S.

por Hector Catalán

A vidência é, talvez, um dos pontos mais complexos do fenomenismo espirita, posto que não seja, cientìficamente, controlável, como qualquer fenómeno de materialização, por exemplo de «apport» ou doutra natureza, dentro do mundo físico conhecido.

Embora seja verdade que a certeza da vidência se comprova, quando o médium consegue dar informes exactos acêrca do que vê (como nos casos de identificação de defuntos, lugares conhecidos pelos assistentes e desconhecidos pelo sensitivo, etc.), ela pode ser ou não acreditada, quando se trata de manifestação impessoal ou simbólica.

De resto, sabemos que, durante as manifestações efectuadas com videntes autorizados, êles não só observam a presença de seres de aparência corpórea ou que reflitam imagens do nosso mundo objectivo, como também costumam ver muitas coisas (se assim lhes podemos chamar, para lhes dar nome apropriado ao nosso alcance), que pertencem a um mundo desconhecido, imagens subtis e luminosas, quadros cuja descrição nos parece fantástica.

Todavia — e embora pese aos espiritas que não querem pactuar com certas escolas ocultas, no que se refere a conhecimentos — devemos aceitar que, desde épocas remotíssimas, se estudam estes fenómenos interessantíssimos e que, do Egito à Índia e à Arábia, textos há que conservam pormenores do que se alcançou e que nos falam da simbologia da vidência, linguagem demasiadamente difícil e cujo significado pode ser captado por certos intuitivos.

Creio que, segundo pensam sinceros investigadores, os espiritas não podem depreciar nenhuma escola, nenhum método que, pelo facto de nos não satisfazerem, não quere dizer que sejam menos verdadeiros. De tôdas as formas, a história servir-nos-á para estabelecer bases, unindo as idéias em associações sucessivas. Nos povos antigos, a simbologia constituía um dos maiores mistérios do seu ritual, reservando-se êsse conhecimento aos iniciados, que podiam ler no livro sem letras das formas, manifestando idéias.

Tôdas as religiões possuem o símbolo, como representação da sua crença, símbolo que terá reduzido valor para os que o pretendem repelir, mas que tem a sua origem para além do nosso mundo visível.

Recordemos, também, que um sábio como Pitágoras disse que «o número, a côr e o som, têm linguagem especial no Universo». ¿Porque havemos de pensar que não devem ter valor indubitável, os símbolos que, muitas vezes, se apresentam nas reüniões espiritas, significando alguma coisa que não somos capazes de decifrar?

Sem entrar, porém, em possibilidades e atendo-nos ao mais próximo, não podemos negar que, havendo maior sensibilidade noutros organismos, desenvolver-se-ão certas aptidões que nos parecerão tão fantásticas, como parecerá a um profano, grosseiro pela sua materialidade, a sensibilidade extrema dum médium, que rotulam de louco.

Estudando os *sujeitos* capazes de obter imagens astrais, do mundo das formas ultra sensíveis, encontramos várias circunstâncias dignas de ter em conta.

A vidência, por exemplo, pode produzir-se no mesmo recinto ante vários sensitivos e cada um dêles pode observar manifestações diferentes.

A que obedece isto? Aqui, começamos a deduzir que nem todos os médiuns têm igual capacidade e que há muitíssimas variações na sua sensibilidade. Em primeiro lugar, porque têm as aptidões pouco desenvolvidas; em segundo lugar, porque influem factores de ordem moral e espiritual para obter os fenómenos; em terceiro lugar, porque influem também, poderosamente, as condições físicas dos *sujeitos;* em quarto lugar, porque é necessário considerar, igualmente, o «ambiente» em que se actua. E, assim, sucessivamente, uma quantidade de factores predispostos pró ou contra o fenómeno.

Um exemplo prático conseguirá ilustrar-nos a respeito: Se eu observar uma simples fôlha de qualquer vegetal, com a vista normal, e, depois, a observar com a poderosa lente do microscópio, notarei diferenças fundamentais nas duas experiências. Da mesma forma, o vidente tem o alcance que lhe dá a sua vista ultra-sensível, de acôrdo com o seu grau de desenvolvimento e o que é mais importante e que se diferencia da experiência citada na ordem material é o facto espiritual, muito digno de atenção, porque opera num mundo em que existem outras leis.

Os videntes, como qualquer sensitivo doutra espécie, devem ajustar-se a determinadas regras de moral. A ciência actual não fala do comportamento individual, indispensável para a produção dum fenómeno; a ciência porvindoira terá que render-se à evidência, quando as múltiplas comprovações estabeleçam que só serão necessárias, quando quisermos trasladar-nos a um campo fora do raio comum ou ambiente material.

Numa sessão espirita, tem muita importância o estado físico, não só do vidente, como dos circunstantes em geral. Se êles não estiverem aptos para a produção do fluido magnético adaptável, mal pode esperar-se um fenómeno perfeito.

O fluido fornecido pelos assistentes (embora não saibam que possuem essa fôrça) presta enorme auxílio às entidades do espaço, as quais condensam as emanações fluídicas, a substância ectoplásmica desprendida e, submetendo-as a inteligente direcção, imprimem-lhes as formas e desejos para a manifestação.

O espírito desencarnado que possua um perispírito muito subtil e desmaterializado, pode revesti-lo de matéria de carácter mais denso. Êsses elementos vitais servem-lhe para mais fácil actuação, tornando-se visíveis aos sensitivos, que podem registar elementos quási materializados, próximos do plano material.

Nem outra coisa são as materializações, quando o sêr espiritual consegue reünir suficiente fôrça ectoplásmica e tornar-se visível e tangível. Esta fôrça não só pode desprender-se dum único indivíduo material, mas até sente a cooperação de todos os que facilitam mais ou menos fôrça fluídica nas reüniões.

Poder-se-íam catalogar as vidências da seguinte forma, de acôrdo com o observado:

1.º — *Vidência simples ou ordinária:* que seria aquela, cuja percepção se adapta ao plano imediato material, onde a energia, molecular ou atómica, actua de maneira ostensível, de forma mais densa.

2.º — *Vidência extraodinária:* Quando o *sujeito* percebe, não só a capacidade das formas, como, também, qualquer coisa de mais rarefeito, cuja denominação exacta ainda não tem nome científico, como luzes que anunciam a presença de seres espirituais, mais ou menos elevados, e, finalmente, símbolos, cuja natureza é semelhante à que se lhe conhece na terra.

3.º — *Vidência ultra-sensível:* Quando o sensitivo capta formas, cuja originalidade se salienta, por serem desconhecidas na terra. Quando, para o vidente, desaparece o tempo, o espaço e a luz, e, em qualquer lugar que esteja situado, logra transplantar obstáculos para descrever coisas que nos parecem fantásticas e incompreensíveis.

Há exemplos de cenas que, descritas com o pobre vocabulário terrestre, semelham criações de cérebros esquentados.

A vidência, como qualquer outra faculdade, deve ser cultivada, se a quisermos ver florescer admiravelmente. Ela não é aquisição mental, nem intelectual; entra no domínio dos sentidos perispirituais e do poder que revela o próprio espírito, num mundo ainda tão desconhecido pelos sêres materiais.

A circunstância da verdadeira vidência poder ver com os olhos fechados ou abertos, dar-nos-á talvez um ponto, donde possamos analisar a causa dêste facto.

¿A vista espiritual é igual à vista ordinária? Como não há efeito sem causa, ¿qual é a causa disto que se palpa? Que meio se utiliza? ¿Que órgãos, desconhecidos ainda na sua verdadeira essência, se podem pôr em acção?

Aquêles que vêem um fenómeno e não pensam na sua origem e como se produz, não têm direito de crer que falo dum ponto de vista puramente teórico ou imaginário.

Entendo que o perispírito se subtiliza, quando a elevação espiritual é maior. Poderá argüir-se que homens aparentemente falhos de moral e com sinais de escassa evolução espiritual costumam obter boas

Amigos de «Estudos Psíquicos»

É animador o movimento de solidariedade exercido em tôrno da nossa revista. De tôda a parte nos chegam palavras de incitamento cheias de fé e entusiasmo, corroborando a idéia de que é preciso manter a existência de «Estudos Psíquicos», como garantia de que o Espiritismo terá em Portugal o seu firme baluarte.

Uma revista como esta é difícil de manter sem pesado sacrifício e só a afluência de assinantes lhe poderia garantir vida desafogada. Infelizmente, os espiritas portugueses desinteressam-se da sua imprensa e apenas algumas dezenas se conservam fiéis à Doutrina.

Além dos confrades inscritos neste Núcleo e cujos nomes publicámos no último número, inscreveram-se mais os seguintes, aos quais, igualmente, apresentamos os nossos agradecimentos:

Dr. José de Campos Pais do Amaral, de Oliveira do Hospital, ano de 1943	50$00
Luís Lôbo de Aguilar, de Luanda, ano de 1943	60$00
Lindolfo Coelho, de Lisboa, cota mensal de	5$00
José Fortunato Rocha, de Lisboa, cota mensal de	2$00
Centro Espirita de Santa Judite, da Foz do Douro, ano de 1943	50$00
Fernando Falcão, de Angra do Heroísmo, ano de 1943	76$00
Américo Vieira da Silva, de Angra do Heroísmo, ano de 1943	26$00
Manuel de Araújo, de Vila da Feira, ano de 1943	20$00
D. Leontina Cabral Hogan (Léo), de Lisboa, ano de 1943	70$00
Mateus Borges Leal, de Fonte do Bastardo, Ilha Terceira, ano de 1943	50$00
Haydi de Tebelen, de Lisboa, cota mensal de	2$00

Acusamos a recepção das seguintes importancias: De «*Um Amigo*», 500$00; do *Major Eurico de Castro Graça Zuzarte*, de Elvas 20$00, relativos a Nov.º e Dez.º; de *Alfredo Lopes Xisto*, de Coimbra, 60$00, relativos ao ano corrente; de *António da Silva Braga Júnior*, de Coimbra, 60$00 relativos ao ano corrente; de *Francisco Rezende*, de Espinho, 15$00, relativos a Nov.º, Dez.º e Jan.º; de *José Pais de Carvalho*, de Mangualde, 20$00, relativos a Nov.º e Dez.º Jan.º e Fev.º; de *José Augusto Gonçalves*, de Lisboa, 15$00, relativos a Nov.º Dez.º e Jan.º; do *Dr. José de Campos do Amaral*, de Oliveira do Hospital, 50$00, relativos ao ano corrente; *José de Morais Dias*, de Braga, 50$00, relativos ao ano corrente; do *Capitão Americo Pires*, de Braga, 20$00, relativos ao ano corrente; do *Centro Espirita de Santa Judite*, da Foz do Douro, 50$00, relativos ao ano corrente; de *Fernando Falcão*, de Angra do Herosímo, 76$00, relativos ao ano corrente; de *Américo Vieira da Silva*, de Angra do Heroismo, 26$00, relativos ao ano corrente; de *Manuel de Araújo*, de Vila da Feira, 20$00, relativos ao ano corrente; de *D. Leontina de Cabral Hogan* (*Léo*), 70$00, relativos ao ano corrente; de *Mateus Borges Leal*, de Fonte do Bastardo, Ilha Terceira, Açôres, 50$00, relativos ao ano corrente; de *Haydi de Tebelen*, de Lisboa, 4$00, relativos a Janeiro e Fevereiro; do *Dr. Fred*, de Lisboa, 10$00, relativos a Janeiro e Fevereiro; de *Luiz Lôbo de Aguilar*, de Luanda, 60$00 relativos ao ano corrente; de *Jaime Pereira*, da «Lancha Bicuda», 20$00, relativos a Dez.º, Jan.º, Fev.º e Março.

A todos estes amigos apresentamos a expressão do nosso vivo reconhecimento.

---

vidências, mas devemos mencionar que tais «vidências» têm, em regra, muito pouco valor e actuam num círculo relativo.

Também é bom não confundir «vidências» com «quadros mentais». Há quem se sugestione, julgando que vê, realmente, mas sucede que vê aquilo que pensa, coisa que é muito diferente de ver «aquilo que se apresenta».

Um caso notável dessa vidência produz-se nas pessoas muito devotas, que crêem ver, por exemplo, santos ou imagens sagradas por tôda a parte, ou, no caso dos alucinados, que se vêem sempre perseguidos por sêres perturbados, a quem atribuem tôdas as contrariedades da vida e que provêm da sua irreflexão e maneira de proceder.

O melhor estado para semelhantes casos é permanecer tranqüilo, deixando a mente sossegada, livre de quadros impressionantes, colhidos na vida diária.

O desenvolvimento conseguir-se-á paulatinamente, porque é dentro do conhecimento que êle se produz cientìficamente. A investigação desapaixonada é a única que conduz ao melhor êxito em qualquer emprêsa.

BUDDHA E AS VIDAS SUCESSIVAS

por J. A. Costa

SIDDHÂRTA Gotama, por antonomasia, Buddha — o sábio, o iluminado — nasceu no ano 623 antes da era cristã. Souddhôdana, seu pai e chefe da tribu dos Sakyas, que pertencia à grande família ariana, de que os Latinos, os Germanos e os Eslavos também são membros, pretendia que Siddhârta se tornasse um poderoso monarca, um dominador do Mundo.

Afastou do príncipe tudo quanto pudesse dar-lhe conhecimento dos sofrimentos humanos e da morte e rodeou-o de todos os gôzos e de todo o fausto da realeza, para o prender mais estreitamente à vida do Mundo.

Suddhârta, porém, desprezando tôdas as grandezas e magnificências, de que seu pai o fizera rodear, pensou antes em evitar o Mundo.

Uma noite, tendo então 29 anos, quando todos dormiam, abandonou o palácio e foi refugiar-se na floresta de Uruvela, onde se entregou às suas meditações, incidindo sôbre estes pontos: — «¿Para que servem a pompa real, todos os prazeres e tôdas as magnificências, se não podem preservar-me da velhice, da doença e da morte? ¿Não há, pois, meio de acabar para sempre com a dor e a morte, que se renovam cada vez que recomeçamos uma nova existência?»

Quis também compreender as causas do sofrimento, da morte e da necessidade de reviver e de encontrar o meio de lhes pôr termo.

A meditação levou-o à compreensão do nascimento e da destruïção dos sêres, à causa do sofrimento, da morte e das vidas sucessivas, e, ao mesmo tempo, ao meio de pôr termo à dor, de escapar a êste encadeamento perpétuo de nascimentos e de mortes e de chegar à libertação, ao Nirvana.

Compreendeu também que só a percepção da fragilidade e do nada da vida pode conduzir uma alma sensível à renúncia do Mundo e, por isso, resolveu tomar o caminho que seguem todos aquêles que aspiram à perfeição.

Compreendeu que só a doutrina dos nascimentos sucessivos dá a solução do enigma da existência e nos explica, duma maneira aceitável, porque o justo é muitas vezes pobre e desprezado, ao passo que o mau vive rico e honrado. Só essa doutrina responde à pregunta que milhões de corações humanos, torturados e desesperados, dirigem, em vão, ao Céu: «¿Porque devemos sofrer tanto aqui na Terra?»

Para êle o Nirvana é um estado de suprema espiritualização, de que evidentemente nenhum dos que ainda estão presos pelos laços terrestres pode fazer suficiente idéia. O Nirvana não é o nada. O que se extingue é a chama da sensualidade e do desejo.

Vê-se, pois, que as meditações de Buddha na floresta de Uruvela, o levaram a compreender e a aceitar as vidas sucessivas e a compreender as causas do sofrimento, às quais entendeu que se pode pôr termo, desembaraçando-nos da vontade de viver, dominando o desejo de uma existência individual nêste Mundo, ou em um outro.

O respigar destas notas, colhidas do «Catéchisme Bouddhique», obedeceu ao desejo de registar que a doutrina das vidas sucessivas já era conhecida quási 600 anos antes da era cristã.

Bibliografia

SETENTA ANOS DE VIDA ACTIVA, monografia comemorativa do 70.º aniversário da *Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa.*

A FIM de comemorar o 70.º aniversário da colectividade, publicou a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa uma excelente monografia em que descreve largamente a sua história. Por ela se verifica o progresso incessante levado a efeito por individualidades dotadas de grande capacidade administrativa e vontade de vencer. Esta Associação tem no livro citado a prova incontroversa de quanto vale a união ao serviço duma causa justa. Honra lhe seja.

FENÓMENOS DE MATERIALIZAÇÃO, por *Manuel Quintão.* Edição da Federação Espirita Brasileira. 1942. 155 pág.

A Federação Espirita Brasileira resolveu em boa hora publicar os trabalhos do seu Vice-presidente, o operoso confrade Manuel Quintão. Este volume contém quatro obras diferentes, a saber: «Fenómenos de Materialização», «Espiritismo e Magnetismo», «Abecedário dos Mediuns» e «Sursum Corda». Escusado é dizer que merece ser lido êste interessante livro, vasado em boa linguagem, como tudo que sai da pena daquele irmão, e ventilando assuntos da maior importância. Nêle descreve as célebres sessões de materialização realizadas no Pará em casa de D. Ana do Prado e às quais se referiu também o Dr. Nogueira de Faria, em «O Trabalho dos Mortos» e que tanta repercussão tiveram na imprensa espirita e profana. Quintão foi um dos assistentes e fala como testemunha. No cap. «Espiritismo e Magnetismo», expõe alguns factos elucidativos e convincentes àcêrca da terapêutica magnética, tão atacada pela medicina oficial. «Abecedário dos Médiuns», como o título indica, é uma tese elaborada pelo autor e apresentada ao Conselho Federativo da Federação mandada adoptar pela Comissão Organizadora. Todos os médiuns deveriam ler êste capítulo que termina por uma síntese em forma de abecedário, no qual estão comprimidos os deveres dos médiuns que desejam servir proficuamente a nobre causa do Espiritismo.

Remata o livro com «Sursum Corda!», palavras de fé inabalável que projectam grande luz sôbre o nosso destino espiritual.

Aguardamos com interêsse a publicação de novos trabalhos de Manuel Quintão. O público necessita dêles e êles necessitam do público.

PAULO E ESTÊVÃO, por *Emmanuel* (Obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier). Edição da Federação Espirita Brasileira. 1942. 560 pág.

MAIS uma obra de grande fôlego nos dá o extraordinário médium Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo, e de cuja pena já sairam doze volumes, em menos de oito anos.

«Paulo e Estêvão», sendo moldada em forma de romance, não é romance, mas história real, em que o autor descreve, de maneira palpitante, os esforços de Paulo de Tarso em transpor o abismo que o afastava do Cristo. Nessa narrativa fluente, o Apóstolo aparece como realizador incansável, enfrentando apodos, zombarias, perseguições e açoites, sem perder a serenidade e a fé na sua missão divina. Enfim, é a biografia dêsse espantoso peregrino, que suscitou críticas severas e atraíu crentes fervorosos, tudo por amor do Mestre.

Outra figura ali estudada é Estêvão, de que as Escrituras pouco falam, além da lapidação, que sofreu. Sem Estêvão, Paulo não teria razão de ser, no no dizer de *Emmanuel*, que nô-lo demonstra eloqüentemente. Soube cooperar na obra cristã, certo de contribuir para um monumento sagrado assente em rocha viva, a rocha viva da fé apostólica.

O autor fala destas duas figuras proeminentes, como se as conhecesse bem, como se tivesse vivido no mesmo tempo e conservasse ainda intacta a lembrança dessa época remota, em que o farisaísmo mergulhava nas paixões e dava origem a dramas emocionantes.

Mais uma joia de *Emmanuel,* mais um serviço prestado à causa por Cândido Xavier. A ambos, bem como à Federação Espirita Brasileira, temos de agradecer o esfôrço realizado no sentido de espiritualizar o mundo, dando-lhe a conhecer a vida dos grandes predestinados.

As ciências nada mais são que ramos frondosos e autónomos da grande árvore que se chama «filosofia».

Hans Driesch

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Mediunidade curadora

Dum recente livro de M. Quintão, vice-presidente da Federação Espirita Brasileira, extraímos algumas páginas em que êle descreve a sua conversão ao Espiritismo. O livro intitula-se «Fenómenos de Materialização», cuja notícia biográfica vai noutro lugar desta revista. Porque se trata dum operoso e notável propagandista, hábil manejador do vernáculo, achamos interessante divulgar o facto, que há de, certamente, causar impressão. Ei-lo:

«Consenti que relatemos a nossa conversão ao Espiritismo, ainda porque êste facto tem aplicação de actualidade, precisa ser divulgado neste momento em que, para os corifeus da ciência oficializada, parece constituir crime o procurar aliviar ou levar por meios não oficiais a cura aos enfermos. Ignora essa gente o que diz o Dr. Gustave Geley da mediunidade curadora... «A mediunidade curadora merece ser estudada a sério. Há indivíduos que parecem capazes de exteriorizar uma parte do seu próprio dinamismo vital para reforçar o desfalecente dinamismo vital dos enfermos. Daí, as curas surpreendentes que ultrapassam, talvez, o quadro das moléstias nervosas».

«E ultrapassam. Nós — afirmamo-lo à fé do nosso passado e desafiando todos os teoristas a que nos desmintam — nós fomos desenganados da medicina oficial, dessa ciência que presume curar e cura, mas que também pode matar e mata, às vezes, sem peias, nem responsabilidades definidas.

«Admirador incondicional, então, dessa ciência orgulhosa e céptica, corrosiva das melhores energias dalma, depois dêsse desengano cruel, em plena floração de mocidade aberta a tôdas as esperanças da vida, não encontrámos, nem poderíamos encontrar, mais que uma solução lógica e digna — o suïcídio, o aniquilamento absoluto, o nada, enfim.

«À mesma conclusão chegou Schopenhauer, por tudo atribuir à vontade. Era a vontade que criava a representação; era a representação que criava o mundo; portanto, aniquilamento da vontade, finalidade do mundo: — *finis coronat opus*.

«Mas, dizíamos, estávamos na iminência de cometer o maior dos crimes perante Deus e perante nós mesmo. Agora de sobra o sabemos. Eis senão quando, encontrámos um amigo (António Gabriel Ferreira, hoje na espiritualidade) que, compadecido da nossa ruína orgânica, nos aconselhou recorrêssemos a um médium...

«Um médium?! Era o espanto e era o riso do idiota de que fala Bonnemère, e não trepidámos em taxar como tal o portador ocasional da esmola divina, que haveria de trazer-nos a salvação relativa do corpo e a cura definitiva da alma.

«Sem embargo do conceito estulto, quem sofre, sofre, e a dor ainda é o melhor património do espírito, neste planeta de reparação.

«Diderot já o dizia: «Só vivemos entre dores e lágrimas». Mas Diderot não apreendia, certo, os benefícios dessa dor que pule, faceta, burila a inteligência;, que molga, quebranta, aniquila o orgulho e prepara a criatura para a compreensão dos seus destinos superiores.

«Foi assim que, tangido pela dor, procurámos o Dr. Dias da Cruz (êste ainda entre nós), porque ouvíramos dizer que êle era espirita. E monologávamos: se nos não curar como espirita, poderá fazê-lo como médico homeópata, posto que já houvéssemos também recorrido ao grande Joaquim Murtinho — grande médico, porque grande médium intuitivo e que por isso detinha aquela precisão no diagnosticar.

«Ao consultório do Dr. Dias da Cruz chegámos na impetuosidade do desspêro, qual náufrago que tenta a última tábua de salvação, e lhe dissemos:

«— Doutor, não sei o que tenho. Não quero exame, nem diagnóstico, que os tenho e muitos — cada cabeça, cada sentença... O que eu quero é tratar-me pelo Espiritismo...

Austero, mas bondoso, o facultativo sorriu iluminadamente e respondeu:

«— Meu amigo, sou médico e espiritista, trato pela medicina e creio em Deus; mas, uma vez que se quere tratar pelo Espiritismo, o que lhe cumpre é recorrer a um médium idóneo.

«— Mas o senhor fala-me em grego. ¿Que vem a ser um *médium?*

«— Um homem que tem a faculdade de receber as receitas dos Espíritos.

«E indicou-nos, então, desinteressadamente, aquêle benemérito e saüdoso companheiro, que também respondeu a processo da Saúde Pública — o caridoso, o modesto, o abnegado sêr que entre os homens se chamou Domingos de Barros Lima Filgueiras. Fomos procurá-lo à Rua Álvaro, N.° 6, (Rio de Janeiro), levando-lhe o nosso papelucho (uma dessas tiras que tanto incomodam e sobressaltam o academicismo oficial).

«Recordemos: Filgueiras habitava mais que modesta vivenda. À frente, um terreno raso pontilhado de raros arbustos. Nesse terreno, ao cair do crepúsculo, premiam-se vinte ou trinta pessoas humildes, gente do povo, os côxos e estropiados do Evangelho, seriam...

«Eram os consulentes do *taumaturgo* e nós (oh vergonha das vergonhas!) colgados à nossa cegueira moral, resídios da gafeira dalma, que é o cepticismo, ao vermos aquêle punhado de criaturas, rôtas umas, descalças outras, grandes, porém, tôdas, na sua fé, monologámos, pedante:

«— ¡E é isto o Espiritismo! Triste coisa a bruxaria!...

Enfim, ali estávamos. Entregámos o papelucho. Filgueiras não aparecia aos consulentes. Tinha dois filhos que se encarregavam de arrecadar as receitas e distribuí-las com os medicamentos, porque também os dava a quem pedia.

«Após meia hora de duvidosa espectação, ouvimos gritarem nosso nome e recolhemos o papelucho, confessemos, envergonhado de ali nos encontrarmos naquela patuléia.

«Mas — oh surpresa! (e vêde como é grande tudo isto)—é possível que a outras inteligências e a outros corações estas coisas não abalem, mas a nós elas falaram definitivamente.

«Fôsse o diagnóstico dos males de que sofríamos, fôsse a indicação da data da infecção que os originara, ficámos assombrados. Todos os nossos castelos filosóficos, tôdas as nossas teorias monísticas ruiram fragorosamente.

¿Como poderia aquêle homem que não nos viu, que não nos conheceu, saber os antecedentes, precisar detalhes da nosso vida?

«Excogitámos o mistério e acabámos por concluir que devíamos conhecer o super-homem, cujas virtudes miríficas cresciam na proporção das melhoras que experimentávamos com suas *agüinhas.*

«Calculai, agora, o dobrado espanto; quando lográmos aproximar-nos dêsse homem, em vez de um douto, encontrámos um simples, em vez de um sábio um bom, mas dessa bondade que transluz e edifica, porque é essência de fé, não simulacro de fé.

«E quando pretendíamos relatar-lhe a odisseia da nossa terapêutica falida, enaltecendo-lhe os méritos de apóstolo, respondia:

«— Não; está enganado, eu nada sou, nada sei, nada valho; agradeça a Deus a sua cura...

«Senhores! Hoje, o tuberculoso, o cardíaco, o hepático, o sifilítico, o condenado de há vinte e tantos anos está diante de vós para afirmar a veracidade dêste facto e de muitos outros que hão de, mau grado a filáucia, as presunções escolásticas e os interêsses contrariados, fazer a felicidade do homem na Terra.

O último «milagre» de Frank Leah

É assim que *Psychic News* intitula um curioso artigo àcêrca de nova prova de sobrevivência obtida pelo médium inglês Frank Leah, de quem falámos no último número.

Na realidade, o que êste extraordinário clarividente tem conseguido é susceptível de causar espanto aos mais incrédulos.

Trata-se de H. Wharton-Wells, um inglês que, nove meses antes de falecer, escreveu as seguintes palavras:

— Quando abandonar a terra, esforçar-me-ei por cá voltar.

E o caso é que cumpriu a sua promessa, como se verificou, através da mediunidade de Frank Leah e do médium de voz directa, Lesbie Flint.

O indivíduo em questão escreveu uma carta à senhora Vera Jeffries, de Augustus Road, Wimbledon Park, South-West, Londres, em casa de quem vivera durante 12 anos, como pessoa de família. Vera tentou interessá-lo no Espiritismo, mas êle era organista da igreja de Parish Putney e tinha idéias muito ortodoxas acêrca da religião.

Um dia, porém, adoeceu-lhe o filho repentinamente e conduziu-o ao hospital, onde foi

operado na tarde do mesmo dia. Às 18,45, o doente exclamou:

— Às 23.45, virão buscar-me.

A enfermeira não ligou importância à frase, afirmando que se tratava de delírio febril. O certo é que êle desencarnou à hora marcada. Êste incidente foi o primeiro golpe vibrado na ortodoxia do sr. Wells.

Três meses depois, o pai inconsolável resolveu visitar a sepultura do filho, em Buckinghamshire, e Vera Jeffries acompanhou-o. Colocaram flores na campa e saíram sem nada contarem do ocorrido.

No dia seguinte, quando esta última assistia a uma sessão na companhia do sr. Wells e espôsa, o filho materializou-se e aproximou-se de seu pai, dizendo-lhe:

—Olá, meu pai! Estive ontem consigo na minha sepultura e agradeço a Vera as flores que me levou.

Estes fenómenos, aliados a cuidadoso estudo da nossa doutrina, acabaram por convencer o organista ao Espiritismo, convicção que manteve até à desencarnação, que se deu em Maio último.

Há pouco tempo, a sr.ª Vera Jeffries sentiu vontade de telefonar a Frank Leah, embora nenhum laço ou conhecimento existisse entre êles. Telefonou e disse-lhe que esperava entrar em relação com algumas entidades do Além.

Leah respondeu-lhe telefònicamente e deu-lhe a descrição exacta de Whanton-Wells, acrescentando que se tratava de um académico muito conhecido e que estivera ligado à igreja. Tudo isto era verdadeiro. Depois, descreveu-lhe o físico, esclarecendo que usava barba crescida, castanho-escura, o que também era verdadeiro.

No próximo dia, quando a sr.ª Jeffries chegou ao gabinete de trabalho de Frank Leah, viu que êste tinha desenhado o retrato do falecido. E o médium disse que o indivíduo cujo retrato desenhara estava ansioso por lhe falar a ela por *voz directa*.

Decorrida uma semana, alguém telefonou a esta senhora, preguntando-lhe se gostaria de uma sessão com Leslie Flint. Ela aceitou e o Espírito-guia do médium declarou estar ali um homem que desejava falar com ela.

Era Wells quem lhe falava; e embora ela duvidasse do retrato, êle afirmava que era dêle. A sr.ª Jeffries tinha, realmente, duvidado. É que lhe «parecia demasiadamente maravilhoso para ser verdadeiro».

O comunicante acrescentou que ela tinha nove fotografias dêle na carteira, além de «outra coisa» dêle. Era verdade. A «outra coisa» era um lápis.

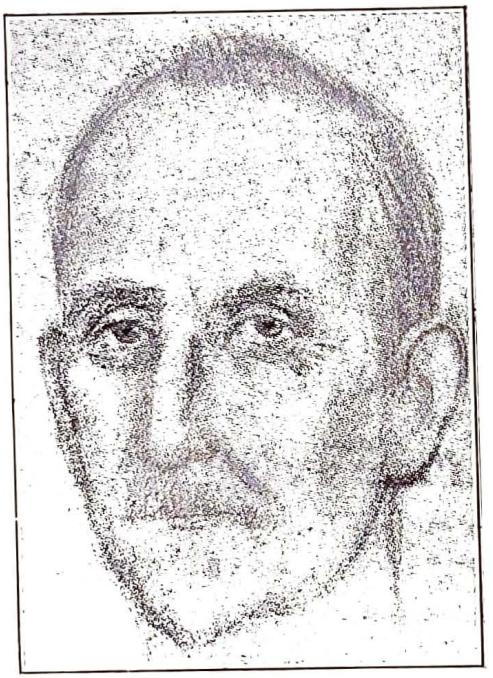
Finalmente, disse: «Eu vou muitas vezes à loja». Ela, porém, respondeu que não compreendia o que êle queria dizer.

— Compreende, compreende — replicou êle —. Vou à loja e vejo o Jack.

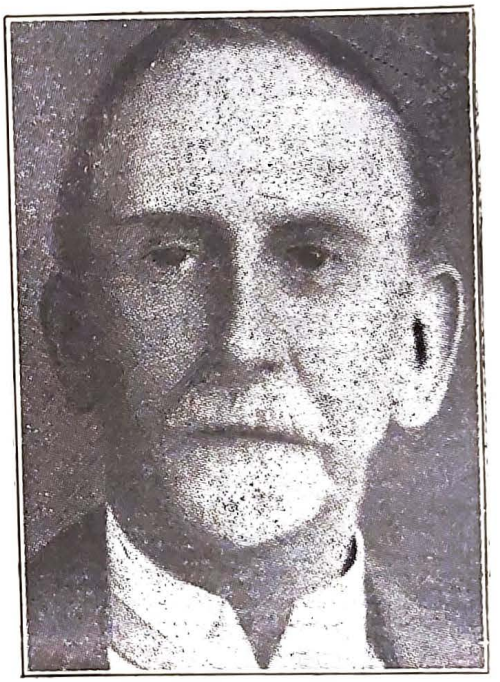
Jack é marido da sr.ª Jeffries e trabalha num grande armazém de West-End.

Wells disse também que seu filho estava com êle.

A sr.ª Jeffris tem um retrato de Wells de que nunca gostou. Êle tinha-lhe prometido uma fotografia para pôr na campa. Desenhou-a Leah com o maior rigor.



Desenho psíquico do artista



Fotografia normal de Wharton-Wells

Federação Espirita Brasileira

Segundo o *Reformador* de Agôsto de 1942, há pouco chegado a esta redacção, verificamos que foi reeleita a Directoria da Federação Espirita Brasileira, a qual continua assim constituída:

Presidente, Dr. Guillon Ribeiro; Vice-presidente, Manuel Quintão; 1.º secretário, Ubaldo Ramalhete Maia; 2.º secretário, Alfredo Félix da Silva; 3.º secretário, João de Oliveira e Silva; Tesoureiro, Francisco Virgílio da Rocha Garcia; Procurador, Manuel Jorge Gaio; Director da Assistência aos Necessitados, João Luís de Paiva Júnior, gerente do *Reformador*, António Wantuil de Freitas.

O Presidente apresentou um bem elaborado Relatório, demonstrativo do estado próspero da Federação, principalmente na Assistência aos Necessitados e à Livraria, à frente da qual esteve muitos anos o confrade J. Vaz de Carvalho, a quem se devem grandes e inolvidáveis serviços. Infelizmente, êste elemento vai retirar-se, em virtude do seu estado de saúde, o que muito lamentamos.

O património da Federação tem actualmente cêrca de 3.000:000$000 (três mil contos brasileiros). Perto de 80.000 pessoas receberam medicamentos homeopáticos e mais de quatro mil foram beneficiadas com aplicações magnéticas. A Assistência aos Necessitados teve a receita de 143 contos contra a despesa de 132, havendo um saldo de 11 contos.

Quanto à Livraria e às oficinas gráficas, os resultados são deveras animadores. Houve 13 obras editadas e 23 reeditadas, num total de 214.600 volumes, no valor de 177.570$010 reis. Desde 1931 até à data, a Federação publicou 1.626.000 volumes (um milhão, seiscentos e vinte e seis mil). O número de volumes vendidos decresceu, devido à crise. Venderam-se 90.352, menos 5.007 do que em 1940-41. O balanço da receita e despesa das Oficinas Gráficas acusou 48.270$300 reis. O lucro líquido da Livraria atingiu 198.270$628 reis, o que demonstra a exuberância sempre crescente dos serviços de propaganda daquela veneranda Agremiação.

Ao quadro da organização federativa aderiram mais onze colectividades, perfazendo o total de 165, divididas pelos vários Estados.

Está, portanto, em plena florescência a Federação Espirita Brasileira, instituïção considerada de utilidade pública pelo Govêrno Federal e pelo mesmo subvencionada. À sua digna Directoria apresentamos os nossos cumprimentos.

Gráfica Mundo Espirita

Segundo o número de 19 de Setembro último de *Mundo Espirita*, está pràticamente constituída a Gráfica Mundo Espirita, sociedade anónima que tem por fim atender a tôda a publicação espirita, pelo que todos os trabalhos dessa natureza terão preferência sôbre os demais trabalhos tipográficos que lhe fôrem confiados. Explorará a indústria gráfica em tôdas as modalidades, para o que adquirirá ou instalará uma tipografia devidamente aparelhada. O referido número de *Mundo Espirita* já foi composto e impresso naquela oficina, adquirida por 250 contos, devendo 160 ser amortizados no praso de cinco anos. «A Gráfica Mundo Espirita — escreve o Dr. Henrique Andrade — será sem sombra de dúvida o dínamo gerador que levará a tôda a parte, pela imprensa e pelo livro, a luz espiritual que iluminará as novas estradas do mundo, que após a guerra surgirá mais perfeito e mais cristão».

Realizações desta envergadura são o mais belo sintoma do progresso da Doutrina. Temos a certeza de que todo o movimento espirita brasileiro lucrará com semelhante empreendimento, inclusive a Livraria da Federação que, em virtude de carência de certos elementos necessários à sua eficiente laboração, tem de recorrer à mão de obra particular.

Muito nos admira a tenacidade do Dr. Henrique Andrade, a quem se deve o êxito da tentativa. O seu entusiasmo, a sua inteireza moral e a sua fé nos destinos da Causa foram as grandes molas propulsoras do movimento de solidariedade que se manifestou durante o ano de 1942. Que Deus o cubra de bênçãos.

O «Requiem» de Mozart

A *Vida Mundial* de 18 de Dezembro publica um artigo de *Mundo Argentino*, subscrito por Manuel R. Leiva, em que se narram as peripécias sucedidas ao grande compositor João Crisóstomo Wolfang Mozart, durante a elaboração do «Requiem», essa grande obra prima de inspiração e exuberância que tem desafiado os séculos, em carreira triunfante,

e que servira para acompanhar o seu autor ao cemitério.

Mozart encontrava-se na miséria, a braços com a fome. Os amigos e os aduladores haviam-no abandonado e só a dedicada espôsa, Constança Weber, se conservava fiel ao glorioso génio de Salzburgo, talento inesgotável que produzira mais de setecentas obras musicais.

Depois... É melhor ler o que diz o jornalista argentino:

«Certa manhã, um luxuoso coche parou em frente da sua humilde casa. Dêle desceu um estranho cavalheiro vestido de preto.

«—¿É aqui que mora Mozart?—preguntou.

«— Sim, senhor, respondeu Constança, que viera abrir a porta.

«— Desejo falar com êle.

«E o misterioso visitante, já na presença do músico, comunicou o fim da sua visita.

«— Venho fazer-lhe uma proposta: a de escrever a partitura para uma missa de «Requiem»...

«— ¿É quem é o senhor? — preguntou o artista.

«— Isso... não importa. ¿Quando poderá entregar a sua obra?

«— Dentro de quatro semanas.

«— Perfeitamente. Voltarei daqui a quatro semanas. Entretanto, aqui tem êste dinheiro por conta.

«E, ao despedir-se, com o mesmo tom lúgubre em que falara já e com o mesmo ar misterioso que trazia ao chegar, acrescentou:

«— Ponha no seu trabalho o melhor da sua arte. É para pessoa muito entendida em música.

«— Vês? — exclamou, alvoroçada, a fiel Constança. — Não deves desesperar. Sempre há quem se lembre de ti...

«— Constança, — disse Mozart, com estranha expressão de mêdo no olhar — êsse homem fez-me impressão. Êsse homem é a morte que vem encomendar-me a música para as minhas exéquias.

«A partir de então, a vida de Mozart tornou-se insuportável. Por mais que quisesse, não podia esquecer a visita do desconhecido. A sua imagem aparecia-lhe constantemente e em tôdas as coisas, ainda as mais simples, julgava ver um anúncio do seu próximo fim. Trabalhava sòmente na preparação do «Requiem».

«Às vezes, dava a impressão de que temia não poder chegar ao fim, isto é, de que chegasse a morte antes da última nota.

«Em certo momento, a espôsa, que desesperava, vendo o amado companheiro consumir-se naquela estranha alucinação, conseguiu que êle abandonasse a partitura e a acompanhasse até um jardim próximo.

«— Descansarás um pouco.

«O artista passeou pelo jardim; mas, sentindo-se fatigado, sentou-se num banco. Fechou as pálpebras e parecia dormitar, quando, de repente, empalideceu e o rôsto tomou expressão de horrível sofrimento. Dir-se-ia que estava morto.

«— Envenenaste-me, — disse êle. — Envenenaram-me com o vinho...

«Anos antes, quando vivia rodeado de luxo e de êxitos, Mozart visitara, em Praga, uma hospedaria chamada «O Velho Restaurante». Teve ali uma alucinação. Uma estranha figura lhe aparecera.

«— É o vinho! — gritou também, então, o notável artista — É o vinho! Dêem-me água fresca, mas noutro copo.

«Tempo depois, a idéia do veneno no vinho e da estranha figura vestida de preto, voltava a repetir-se.

«Passou o praso e Mozart não tinha terminado a partitura. A sua saúde alquebrada, a sua depressão moral, as alucinações, tudo parecia conspirar contra o êxito da obra.

«Mas o desconhecido recordou a promessa e voltou a visitar Mozart.

«— ¿Acabou o «Requiem»? — preguntou.

«— Ainda não — respondeu Mozart, inquieto.

«— Não se apoquente por causa disso — acrescentou o visitante. — Compreendo o seu desejo e os seus cuidados. Voltarei cá a buscar a partitura daqui a outras quatro semanas.

«Aquela nova visita acabou por desesperar o compositor. O que antes era alucinação, passou a ser loucura. O artista não descansava. Trabalhava incansàvelmente dia e noite. Mais uma vez disse a Constança:

«— Tenho que andar depressa. Pressinto que a morte me chama. O cavalheiro misterioso não tardará a vir buscar-me.

«Foram trágicos, inolvidáveis, aquêles momentos. Alguns amigos, compadecidos com tão triste destino, voltaram a fazer-lhe companhia. Todos eram músicos, e Mozart só lhes falava do seu «Requiem», da música que estava a compor, segundo dizia, para o seu próprio funeral.

«A princípio, todos procuravam combater

Notas & Comentários

As penas eternas

Decididamente, o progresso não é marcha de caranguejo. É lento, mas avança no sentido da flecha, custe embora a muitos palmípedes implumes. O mirabolante, o ilógico, o absurdo acaba sempre por despir os ouropéis da fantasia, dando lugar à verdade sem véu.

O dogma das penas eternas, que o Espiritismo reduziu à expressão mais simples, visto que o riscou do mapa das sanções espirituais, já não serve para nada. Ninguém lhe liga importância e disto é culpado o maldito progresso, que acaba de incitar oito ministros protestantes brasileiros à fundação da Igreja Cristã de S. Paulo, de cuja profissão de fé foi abolida a crença das penas eternas, que durante muitos anos servira de pomo de discórdia entre os reformistas. Êsses oito ministros subscreveram quatro folhetos, em que se debate a questão. Num dos folhetos, intitulado «Ao Protestantismo do Brasil» e publicado em 31 de Março de 1942, na cidade de S. Paulo, aquêles reverendos fizeram a seguinte declaração de liberalismo religioso:

«Crêmos na revelação de Deus manifestada de maneiras diversas, de modo especial nas Escrituras Sagradas, nossa base de fé prática e, por excelência, mediante o verbo que se encarnou. Não somos racionalistas, pois que admitimos uma revelação, que se encontra na Biblia através de uma inspiração que se não pode explicar: e nós rejeitamos teorias, como as da inspiração verbal ou plenária. Crêmos que há progresso na revelação, culminando nos ensinos do Cristo, que é a suprema autoridade, e êsses ensinos é que dão o nível e o padrão de autoridade dos outros escritos através dos quais Deus nos fala. A Biblia, assim compreendida, é divina, mas humana, e fala aos corações humanos! é mais vital e muito mais espiritual. Não é arsenal de textos de controvérsia; é um livro de vida que conduz à vida. Não é de autoridade literal e mecânica, mas orgão da autoridade de Jesus-Cristo.

«É natural que, assim compreendendo o valor dos dogmas e o espírito da Biblia, interpretemos, com verdadeira liberdade espiritual, determinados pontos doutrinários. É exactamente por isso que surgiu a questão das penas eternas. Reconhecemos a dificuldade da matéria e por isso nos detemos. A exegese filosófica e o sentido geral da Biblia não nos obrigam a crer na teoria eclesiástica das penas eternas, que é uma das explicações humanas da doutrina bíblica da condenação dos ímpios; pelo contrário, essas razões nos inclinam e induzem às outras teorias. Há na Escritura uma essência doutrinária, muito mais singela, que edifica bem mais os nossos corações!»

Assinam o folheto os seguintes Ministros Reverendos: Eduardo Pereira de Magalhães, Epaminondas Melo do Amaral, Erintos Baptista de Carvalho, Lívio Teixeira Olímpio Baptista de Carvalho, Otoniel Mota, Rui Gutierres e Tomaz Pinheiro Guimarães.

Esta notícia colhemo-la em *Mundo Espirita* de 25-7-942, há pouco chegado à nossa redacção. Eis como o belo semanário comenta a desassombrada atitude dos oito dissidentes:

---

tais idéias; mas, pouco a pouco, o mistério parecia ter-se apoderado dêles. A esquisita figura do desconhecido, as suas estranhas aparições, o seu firme propósito de conservar-se desconhecido, eram factos pouco vulgares que, forçosamente, iam formando aquêle ambiente de incerteza e de temor.

«Por fim, chegou a dia em que Mozart já não podia levantar-se. Passava horas em constante delírio. Contudo, subitamente, raciocinou:

«— Quero ouvir o meu «Requiem» — disse aos poucos amigos que o rodeavam.

«Acederam os amigos ao pedido do mestre. Um dêles começa a executá-lo e os outros cantam-no, acompanhados pelo próprio Mozart. A cena é patética. Ao chegar ao «Lacrimosa», já não pode mais. Sua cunhada Sofia Weber chora.

«— Não chores! — diz êle —. Espera um momento. Vais ver-me morrer.

«A lembrança do cavalheiro vestido de preto apodera-se de todos. Já não é só o doente que o vê. Todos o vêem. E assim morre aquêle génio da música, recordando a figura sinistra que lhe apareceu três vezes na sua vida e ouvindo o «Requiem», que tantas vezes afirmou ser a música da sua morte.

«O desconhecido nunca se apresentou a reclamar a partitura...»

«*Mundo espirita* deseja manifestar a sua fraternal simpatia aos oito sacerdotes que tiveram a bravura de obedecer à sua própria consciência e sacrificar suas brilhantes carreiras, talvez sua situação económica, para declarar publicamente que não aceitam a doutrina das penas eternas. Deram um grande exemplo cristão. Na verdade, não sabemos como se pode harmonizar a doutrina toda amor e perdão, do Cristo, com a blasfémia das penas eternas, Quem ensina que Deus, Pai e Criador de todos os seres, estabeleceu penas eternas para punir seus filhos, pobres ignorantes que mal sabem distinguir entre o bem e o mal, após uma única e curta existência cheia de tentações, a nosso ver está blasfemando. E a doutrina das penas eternas é acompanhada pela da existência de Satanás, o astuciosissímo tentador invisível, milhões de vezes mais inteligente do que os homens, que os leva ao pecado e, conseqüentemente, aos suplícios eternos.

«Tal concepção de Deus, dando à frágil criatura todos os meios de se perder, criando Êle próprio o inimigo das almas, é decididamente obra de homens ignorantes, orgulhosos, maus, blasfemos.

«Graças a Deus, tal monstruosidade doutrinária é absolutamente falsa, anticristã, não está autorizada pelas Escrituras e muito menos pela observação da vida.

«A Revelação é progressiva e eterna. O profetismo continuará sempre. Pretender que êle houvesse terminado na Bíblia, seria negá-lo todo. O próprio Jesus prometeu a nova éra, o Espírito Consolador, que ficará eternamente connosco.

«É pois com grande júbilo que registamos a decisão dos nossos oito irmãos que apesar de sacerdotes, tiveram a inspiração de romper com o dogma das penas eternas».

Como não podiamos dizer mais, nem melhor, fazemos nossas as palavras de *Mundo Espirita*, congratulando-nos com a decisão dos oito *libertos* que obtiveram cartas de alforria. E que o exemplo frutifique, são os nossos votos para o ano de 1943.

O folheto do Padre Cabrita

«Tem nestes últimos anos tomado incremento assustador a propaganda espiritista em nossa terra». É assim que o sr. reverendo Cabrita, director da *Fôlha de Domingo*, de Faro, inicia uma série de artigos de combate ao Espiritismo e que reüniu em panfleto distribuído há pouco.

Ao mesmo tempo que reconhece a difusão extraordinária do Espiritismo, declara que «está em jôgo a sorte eterna de muitas almas, para cuja salvação Deus exige o nosso concurso» (sic). E como êle sabe que «muitas almas, sedentas de verdade, famintas de uma certeza que as norteie na vida, andam a procurar dessedentar-se e saciar-se com essa água e êsse alimento que trazem em si o germe da morte e da destruïção», não recusa o *concurso* que o Criador lhe exige.

Mais abaixo, escreve: «Em primeiro lugar ocorre preguntar: ¿Qual o motivo porque o Espiritismo atrai tantos adeptos? Ainda não há muito alguém nos contava que em certa cidade havia ruas em que em tôdas as casas se ouviam trabalhar as mesas, em sessões do mais crédulo Espiritismo».

E depois de falar em «origens edificantes», onde aparece uma hipotética retractação das Irmãs Foz, extraída de «artigo sensacional» publicado no *New York Herald*, há 55 anos; de «logros e fraudes», atribuídos a alguns médiuns profissionais por investigadores preconceituosos, como Paul Heuzé, Vaquelin e outros; «de prestidigitadores e médiuns», em que declara ter o Dr. Morhardt «pulverizado os relatórios de Gustave Geley, oferecendo-se para fazer no Instituto de Metapsíquica os mesmos fenómenos de moldagem em parafina», com uma «luva de cauchu chela de água» (!); «de confissões preciosas» extraídas deslealmente de certas obras espiritas (tôda a gente sabe como se pode desvirtuar e truncar uma transcrição), analisa a seu modo os «fenómenos espiritas» e conclui pela «intervenção diabólica» nas nossas sessões, apontando o Espiritismo como «foco de imoralidades» e «causa de loucura». Ao fechar o último artigo, escreve: «Escritos apenas em seis dias, os artigos precedentes ressentem-se da precipitação com que houvemos de lançá-los ao papel. Mas de outro modo teriam de esperar melhor oportunidade, que talvez nunca chegasse». E para quem desejar mais desenvolvida exposição, indica «O Mundo Invisível», do Cardeal Lépicier, «Segredos do Espiritismo», do Padre Raul Machado, «Conferências» do Padre Valério Cordeiro e «O Problema Espiritista», do Padre Rolim.

O folheto do digno reverendo não possui valor crítico algum e por isso apenas lhe dedicamos estas três linhas de comentário. Tudo aquilo tem um fim: dar combate ao Espiritismo. E, para isso, todos os meios lhe servem. A mais verdadeira afirmação do seu trabalho é aquela em que confessa a *precipitação* com que o escreveu. Isto diria tudo, se outro passo do arrazoado não deixasse entrever sentimentos de ruim vaidade, quando declara que «Deus exige o nosso concurso», dêle, padre, para a exterminação do Espiritismo.

Sr. Padre Cabrita! Por quem é, não conceba um Deus tão fraco, a ponto de exigir o auxílio dum sacerdote para destruir «a peste que pretende roer religiosa, moral, intelectual e fisicamente a sociedade». Deus é grande, omnipotente e omnisciente. Se Êle quisesse o extermínio do Espiritismo, impediria,

Por êsse mundo...

Terrível experiência

John Ridley ficou uma noite em certa casa assombrada e descreve no «Sunday Pictorial» de Londres as suas impressões.

— Foi a mais terrível experiência da minha vida, — diz êle.

Ouviu pancadas e passos que se dirigiram para a porta do aposento, onde êle se encontrava. A porta girou nos gonzos e abriu-se vagarosamente, enquanto um sôpro gelado se espalhava no ambiente. Depois, a porta fechou-se outra vez e Ridley deu às de Vila Diogo para a casa do jardineiro, que ficava perto.

Êle afirma que não crê em fantasmas, mas a sua ezperiência não foi produto da imaginação. Bem ao contrário, foi alguma coisa de estranho que não pode comprender...

(Do «Psychic News», de Londres).

A Liga Espirita do Brasil vai ter séde própria

Tomando uma iniciativa que há muito vinha fazendo parte de suas cogitações administrativas, o Conselho da Liga Espirita do Brasil acaba de lançar a campanha pro-séde própria, para o que foi escolhida uma Comissão composta dos srs. Capitão Dr. Telémaco Gonçalves da Maia, Afonso Ferreira Leal e Dr. Lins de Vasconcelos. O Conselho entrega-se com o maior empenho a esta necessária campanha, confiando no auxílio do alto e na boa vonvade dos confrades em geral, desde que a séde própria da Liga é uma necessidade imperiosa. Está, pois, lançada a campanha. Trabalhemos.

(Da «Revista Espirita do Brasil», do Rio de Janeiro).

Médico que receita em sonho

O Dr. Sabino Lembo, de Nápoles, adquiriu grande notoriedade por ter curado um canceroso por meio de injecções de sangue de macaco. Numa *entrevista* que teve com um jornalista, descobriu-lhe a sua maneira de curar. Disse êle que devia visitar Pompeia com uns amigos e durante largo tempo não pôde conciliar o sono. Pela madrugada, dirigiu-se ao balneário e o contacto com a água reavivou-lhe um sonho que tivera e cujo simbolismo lhe despertou uma idéia extravagante. Dirigíu-se à clínica onde estava um pobre velho com um cancro no lábio inferior e que êle queria submeter ao *rádium*. O enfêrmo consentiu que o Dr. lhe injectasse sangue de macaco (glândulas endócrinas). O Dr. Sabino Lembo procedeu com extrema lucidez. As injecções de san-

---

certamente, a comunicação dos espíritos e a difusão dos respectivos ensinamentos, afastando dos homens a «sêde do oculto, do invisível, do sôbre-humano, que resiste a todos os combates», no dizer de V. Rev.ma. Se nada há que nos afaste do invisível, é porque se trata de sentimento inato e foi o próprio Deus, quem no-lo deu. Ou a lógica é um... tubérculo...

Mas o Espiritismo «atrai muitos adeptos» e ainda bem que Deus permite essa obra de misericórdia, visto que «há uma verdadeira necessidade de misterio na alma humana» e só o Espiritismo a pode satisfazer. racionalmente.

Quanto ao resto, são variações... do mesmo têma, tudo fôgo de palha velha. Não se estuda uma doutrina através das críticas dos seus inimigos; estuda-se através das obras dos vulgarizadores e adeptos. Eis, porque o folheto do sr. Padre Cabrita, escrito em tantos dias como os que foram necessários para a «formação do mundo», não tem valor intrínseco e apenas vale pela poeira que lança nos olhos dos católicos, a quem, de resto, é destinado. O restante público é mais exigente: quere analisar para compreender. E, assim, o citado folheto, em vez de afastar alguém do Espiritismo, espicaçará a curiosidade alheia.

— ¿Então o Espiritismo é tão mau e há cidades cheias de mesas-de-pé-de-galo? — dirão de si para si os seus leitores —. Vamos lá ver o que há de verdade nisto.

E uma vez lidas as nossas obras fundamentais, adeus católicos, adeus protestantes. Começa o diabo a fazer das suas e o Criador dos Mundos a «exigir o concurso» do autor do folheto, no sentido de acabar com a *peste rôxa do Espiritismo*.

Sr. Padre Cabrita: parafraseando um escritor brasileiro, diremos que as crianças de ontem são os homens de hoje, que já deixaram as faixas da primeira infância. Por isso, é inútil o esfôrço de certas religiões, que perseguem os filhos adultos, tentando enfaixá-los de novo e forçá-los a chupar nos murchos seios esgotados...

Noticiário

Jornais e revistas

Visitaram a nossa redecção os seguintes jornais e revistas:

Estrangeiros — *Mundo Espirita, Jornal Espirita, Revista Espirita do Brasil, Reformador, O Clarim, Revista Internacional do Espiritismo, A Reencarnação, Bahia Espirita, Amor à Verdade*, todos do Brasil. *Claridad del Alma*, de Buenos Aires; *Psychic News*, de Londres. Portugueses — *Luz e Caridade, Além, A Rosacruz, Iris, Trás-os-Montes, Vitimas da Guerra, Comércio de Leixões, Vida Mundial, Região de Leiria* e *Natura*.

A todos as nossas saudações.

As nossas conferências

Como fôra anunciado, realizaram-se três conferências no nosso Centro, durante os últimos dois meses. A primeira esteve a cargo do sr. Filipe de Sá e intitulava-se «O Profeta Daniel e os Quatro Impérios Universais»; a segunda foi proferida pelo Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, sob o título «A Morte e os seus Fantasmas»; a terceira foi realizada pelo sr. Coronel Faure da Rosa, que ventilou o tema «A Alegria de Viver e o Espiritismo». Tôdas foram concorridíssimas, o que demonstra o interêsse que a população do Centro nutre pela cultura espirita.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Com destino a «Estudos Psíquicos», recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Jaime Pereira, em serviço na «Lancha Bicuda»	5$00
D. Sofia de Oliveira, de Lisboa	5$00
Grupo Espirita Allan Kardec, de Lisboa	10$00
Fernado Dias Soares Gomes, de Riomeão	5$00
João José Alves, de Lisboa	10$00
Total	35$00

Auxílio aos Necessitados

Recebemos mais os seguintes donativos, que muito agradecemos:

Anónima	2$50
Artur Levi Gomes	5$00
Anónimo	4$00
D. Alda Godinho (Angola)	10$00
Mário Comenda (Angola)	10$00
Total	31$50

Auxílio ao Centro

D. Maria Manuela Valente, de Coimbra	91$00
Guilherme Miguel Afonso, de Lisboa	4$00
Total	95$00

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Março e Abril de 1943

Dia 7 de Março, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 15 de Março, às 16,00 — Conferência por Haydi de Tebelen, intitulada «O Espiritismo Revelador da Verdade (no amor, na arte, na ciência e na filosofia).

Dia 22 de Março, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 29 de Março, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 4 de Abril, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 11 de Abril, às 16,00 — Conferência pelo coronel Faure de Rosa, intitulada «Dunglas Home, príncipe dos médiuns».

Dia 18 de Abril, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 25 de Abril, às 16,00 — Sessão experimental.

Dia 2 de Maio, às 16,00 Sessão experimental.

---

gue fôram aplicadas à volta do lábio canceroso. Depois, procurou os seus amigos e dirigíu-se a Pompeia. Durante a viagem teve a impressão de haver realizado em sonho aquela operação. Hoje, o cancro já não existe.

(De «Ali del Pensiero», de Milão).

Academia Brosileira de Espiritologia

Estamos seguramente informados de que um grupo de estudiosos da filosofia espiritualista, está assentando as bases de uma organização cultural, a fundar em breve e cuja denominação, segundo o que até agora está mais ou menos assente, será «Academia Brasileira de Espiritologia».

Nesta futura academia de estudos culturais, haverá, entre outras, cadeiras especializadas nos seguintes ramos filosóficos: *Espiritismo, Mentalismo, Psicologia, Psicandlize, Induismo* e *Religiões comparadas*.

(De «Mundo Espirita», do Rio de Janeiro).

Dormir sem fechar os olhos

Quando pensamos em alguém que dorme, aliamos instantaneamente o conceito à idéia de olhos fechados. Contudo, algumas pessoas entram nas regiões do sonho com os olhos abertos. Não se julgue que, por isso, conservam o uso da visão. Pelo contrário. Nem distinguem a luz duma lamparina acêsa, porque se acham mergulhados na inconsciência, como todos os que dormem. *Êste facto prova que as sensações não estão nos nervos, mas na mente.* Alguns animais dormem habitualmente sem cerrar as pálpebras.

(De «La Nación», de Buenos Aires).

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 4.º LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1943 N.º 22

UM PASSO EM FRENTE

Confrades e amigos!

A hora é de trabalho e de provação. A Doutrina impõe-nos deveres, a que só os medíocres e pusilânimes seriam capazes de faltar.

O Espiritismo sofre os embates da luta feroz que lhe movem o materialismo e as religiões dominantes. É preciso defendê-lo com tôda a fôrça da nossa alma, com tôda a capacidade da nossa inteligência. É preciso veïcular os seus ensinamentos, levá-los a tôda a parte, aos mais ignorados recantos da Terra, demonstrar ao povo que é errado o conceito que dêle faz a maioria dos homens, dizer, enfim, que o Espiritismo não é embuste, nem superstição, nem imoralidade, nem fábrica de loucos...

Muito ao contrário! Ao céptico, dá rumos definidos; ao agnóstico, ânsia de verdade; ao materialista, libertação pelo conhecimento; ao espiritualista, luzes novas para além dos dogmatismos que acossam a mocidade e lhe emparedam as faculdades volitivas e intelectuais.

Em Portugal, pouco se tem feito sentir esta propaganda. Há raras publicações, que só de tarde em tarde chegam às mãos do leitor. Os antigos propagandistas desapareceram quási todos na voragem utilitária da existência. É o triunfo material, é a derrota do espírito, que durante algum tempo serviram com aparente sinceridade. Dizemos aparente, porque não podemos conceber o esquecimento total da doutrina, desde que uma vez a houvessem abraçado convictamente. Porque os sinceros não desertam, não trocam o seu posto pela fascinação das hierarquias. Os sinceros estão sempre vigilantes, arrostam com os motejos e afazem-se ao sacrifício. Dão-se, em holocausto.

E porque assim é, infelizmente, e porque estamos convencidos de que é necessário dar uma prova de amor à Causa, nesta época desvairada, de rapace comodismo, «Estudos Psíquicos» vai dar um passo em frente. Passo arriscado, cheio de conseqüências, êle é dado com fé, com serenidade, certos de que seremos compreendidos por todos quantos lamentam a desagregação que se esboça no campo espirita.

* * *

«Estudos Psíquicos» vai sair mensalmente, com o mesmo número de páginas. É emprêsa arrojada, sobretudo quando as encomendas tipográficas aumentaram extraordinàriamente, em virtude da escassez das matérias primas e dos contratos colectivos de trabalho. Mas acima das dificuldades que iremos atravessar, está o Ideal Espirita, que merece tudo o que fizermos por êle.

Sabemos que vamos pisar abrolhos e que o trabalho e as despesas serão duplicados.

Embora. Sentimo-nos com coragem para tudo. Temos feito muitos sacrifícios. A cada um, segundo as suas obras.

Tentemos, pois, mais esta emprêsa. Apelemos para as nossas fôrças e para a boa vontade dos confrades portugueses. Veremos se há ou não há mentalidade espirita, neste recanto do mundo que Deus abençoou. Veremos se há vontade de lutar e de progredir. Veremos se há solidariedade e se com ela poderemos contar, para a objectivação do nosso desígnio.

Estamos convencidos de que nem tudo se obliterou ainda e de que é possível agitar mais uma vez a questão. Se nos enganarmos, se formos mal sucedidos, nem por isso desanimaremos, certos de que nada se perde no mundo moral. Ao menos, ficará o nosso gesto a atestar vontade forte de vencer e de dar à Causa a maior fôrça e o maior prestígio.

* * *

Uma revista bimestral não se coaduna com o ritmo da propaganda, nem com a urgência de responder ao ataque. Quando é permitido expor o assunto, já o assunto passou de moda. Qualquer publicação dêste género serve mais para arquivo de doutrina, do que para outra coisa. E nós queremos dar um passo em frente, queremos abandonar velhas fórmulas e interessar o grande público nos problemas que estudamos e divulgamos. Queremos «sair da toca», como o coelho da lenda, e enfrentar a luz meridiana, os raios fulgurantes do Sol, sujeitando-nos aos riscos dessa «operação estratégica». Pois, se não há dúvidas no nosso espírito, relativamente à oportunidade desta sementeira, ¿porque hesitar, porque aguardar nova monção?...

A guerra movida, ultimamente, ao Espiritismo, teve seu quê de providencial. Dir-se-ia que o mêdo dos fantasmas passou à história, tanto se fala hoje nêles, no teatro e no cinema, na imprensa e no livro. O problema da sobrevivência impôs-se por si próprio, desde que o conflito mundial começou a ceifar vidas preciosas, que tombam como espigas sazonadas, destruídas pelo vento.

O homem procura alguma coisa em que apoiar a sua crença, visto as religiões dogmáticas serem incapazes de preencher essa lacuna. O Espiritismo desempenhará a missão grandiosa de quebrar as algemas do pensamento religioso, permitindo às almas novas ascensões e novos pábulos.

* * *

Tudo isto nos incita ao movimento das idéias e nos leva a abandonar o comodismo estagnante dos que estão contentes com o seu progresso e não se esforçam por ir mais além. O nosso desejo veemente é superar a própria obra, em quantidade e qualidade. Fazer hoje mais e melhor do que ontem e amanhã melhor do que hoje, eis o lema que nos orienta e guia. Ora, o passo que vamos dar no terreno incerto da propaganda tende ao alvo desejado e que se traduz pela palavra «servir».

«Servir» com honra e dignidade, «servir» com satisfação e com desinterêsse, pondo na obra tôda a inteligência, tôda a dedicação, todo o entusiasmo.

«Servir», é desdobrar-se o homem em dinamismo, em actividade, para que o seu ideal se engrandeça. «Servir», é pôr no trabalho a própria vida em movimento contínuo, atraindo novas actividades, novos entusiasmos; é desdobrar-se em acções múltiplas, tornando a curiosidade alheia em fonte inesgotável de esforços benéficos. «Servir», é entregar-se absolutamente a uma causa, senti-la, viver e morrer por ela.

Os que não souberem servir assim, não poderão dizer que «servem». Quando muito, ajudam a servir...

* * *

Confrades e amigos! Conheceis o nosso fim. Sabeis que somos incapazes de um desvio e muito menos de uma traição. É nosso timbre cumprir o que prometemos.

Assim, ousamos esperar de vós o apôio necessário, sem o qual tudo seria inútil.

Não pedimos dinheiro. Pedimos assinantes. Onde estiver um elemento sensível à nossa doutrina, proporcionai-lhe a leitura de «Estudos Psíquicos».

É preciso sacudir os indiferentes e interessar novamente os antigos confrades que se afastaram, desiludidos dos homens que não souberam «servir».

A Doutrina não tem culpa dos maus servidores. Por isso, ninguém deve afastar-se sem razões fortes e a única razão que admitimos é o facto de o Espiritismo já não bastar àquêles que o estudaram e desejam re-

ALEGRIA DE VIVER

por Jayce da Rosa

I

DRYDEN, o célebre poeta, crítico e dramaturgo inglês, falecido em Londres em 1700, legou-nos êste admirável conceito: «Feliz o homem que torna seu o momento presente e que pode dizer consigo mesmo: haja o que houver, hoje hei de viver».

Swett Marden no salutar livro «A alegria de viver» — cuja leitura a todos recomendo — emprega um capítulo inteiro no desenvolvimento daquêle conceito.

Afirma êle que o homem, em regra, não sabe gozar nada *hoje* — Vive à espera do que há de vir; vive no *amanhã*, sem reparar que o *amanhã* pode não vir nunca, em rigor, até, nunca vem, porque o *amanhã* tem aquela concepção contida na simplista e irónica expressão do «*amanhã jejua preto*»: *é* sempre adiado, mantém-se inalteràvelmente *amanhã*.

E Marden, então, aconselha:

«Resolvei-vos tôdas as manhãs a tirar o melhor partido do dia de *hoje* e não doutro qualquer dia...

«Dialogai, convosco mesmo, tôdas as manhãs e dizei: «Tenho o direito de viver nêste dia... Quero viver e gozar completamente êste dia... Não consentirei aos inimigos da minha felicidade que a venham perturbar... Nenhuma desgraça do passado, nada do que nêle houve de desagradável e trágico, penetrarão no meu espírito. Será expungido tudo que me embaraçou ou me infelicitou. E, ao cair do dia, poderei dizer: *vivi hoje*.»

É um exercício ou uma série de exercícios que aqui se indicam. Trata-se de dominar o cérebro, de formar novas associações de pensamentos sádios.

«Jámais um homem pôde realizar qualquer coisa de útil ou de bom, lamentando-se, carpindo desditas, relembrando culpas e erros, deplorando acontecimentos passados».

Devemos repelir a tentação de nos entorpecermos sôbre faltas cometidas e resolver agir melhor para o futuro. Não procuraremos ressuscitar o esqueleto do passado, as acções porventura vergonhosas, as nefastas experiências de ontem.

Lembremo-nos sempre que *ontem* está morto e *amanhã* ainda não nasceu. O único momento que nos pertence é o momento presente. O *futuro* torna-se *presente:* é todo o instante que se vive; o *presente* vivido, cai logo no *passado*.

Vicinius — pseudónimo dum conceituoso escritor brasileiro — condensou em frases curtas a longa paráfrase de Marden. Escreve Vinicius:

«Precisamos viver cada momento da vida, tal como é, no presente.

«Lamentar o passado e angustiar-se pelo futuro, desprezando o presente, é insensatez.

«No dia da dor, sejamos resignados, sejamos gratos àquêle que no-lo proporciona. Vivamos assim cada momento da vida tal como êle se apresenta. Não agravemos a dor com a revolta, nem com murmurações; e não obscureçamos o sol da alegria, com reminiscências dolorosas. Vivamos sempre do presente, como presente. Não procuremos afastá-lo para o passado, nem impeli-

---

solver problemas mais transcendentes. Só nesta circunstância admitimos o afastamento dos adeptos. Outro motivo que se apresente, não pode corresponder à verdade.

Confrades e amigos! ¡Quem empunha uma bandeira, deve conhecer a sua posição e trabalhar pelo seu triunfo!

«Estudos Psíquicos» vai sair mensalmente. E não ficará por aqui. Alguma coisa nos diz que o seu destino será mais alto. Assim nos auxiliem todos os confrades que o podem e devem fazer.

-lo para o futuro. O sol de ontem ou amanhã não nos aquece, não nos alumia hoje: Vivamos, pois, o dia de hoje, como êle é.

«Não nos detenhamos no mal que já passou, nem aflijamos por um bem que ainda não veio. Sejamos o homem do dia, tal como o dia se apresenta. «A cada hora basta a sua própria aflição».

A educação ensinará muita coisa, menos aquilo que mais necessário nos é: — a arte de viver.

Nas escolas ensinam-se milhares de coisas que, na vida prática não têm aplicação directa. Raros são os diplomados que saibam descrever a situação e as funções dos órgãos vitais de que dependem a nossa vida e o nosso bem-estar.

Se bem considerarmos a maravilhosa complexidade da nossa organização física, reconhecemos que a nossa vida é um verdadeiro milagre: milagre que mais se engrandece se pensarmos nos inumeráveis órgãos constitutivos e no trabalho contínuo que êles desempenham, hora a hora, dia a dia, ano após ano, com tanta regularidade e tão pouco atrito, que o homem normal — física e moralmente sadio — mal se apercebe de que possui um corpo.

Não há exagêro em afirmar que a arte de viver é a mais importante de tôdas as artes. Apesar disso, o homem atravessa a vida ignorando a estrutura do seu corpo.

Hall Caine na «Cidade Eterna» observa que «temos soldados suficientes para nos tirarem a vida, padres de sobra para nos ajudarem a morrer, e ninguém que nos ensine como havemos de viver».

Para bem viver, é preciso amar a Vida, amá-la filialmente, santamente, como os antigos cavaleiros que se julgavam felizes em sofrer pela *Dama dos seus pensamentos.*

O Espiritismo não cultiva o tétrico, nem espalha terrores; não é a cultura da morte *(a morte na acepção de aniquilamento)* que o Espiritismo ensina; é a bem-querer a Vida, é a amá-la em todos os sêres, em tôdas as criaturas de Deus, desde a rocha ao verme e desde o verme ao homem.

O Espiritismo ensina a morigeração e o comedimento em todos os actos hominais. O Espiritismo o que proíbe *é o abuso, não é o uso. Alma sã em corpo são.*

O corpo é o instrumento de que se servem os nossos queridos invisíveis — os mortos — para comunicarem connosco, viventes na Terra. Como pode um *médium* produzir *bem* se o seu instrumento, o corpo, não estiver *bem?*

¿Que acordes pode o melhor violinista do mundo tirar dum violino desconjuntado?

Morte e vida, ambas nos ensinam os mistérios desde a mais remota antiguidade; não são duas antíteses, duas potências inimigas que se excluam reciprocamente; são apenas duas fases dum ritmo essencialmente uno. Morte e vida ligam-se indissolùvelmente no espírito daquêle que tenha concebido a unidade do mundo e que dêle procure criar uma imagem no seu coração.

Todo aquêle que quiser progredir, tem que matar o velho homem ancestral que existe dentro de si e submeter-se a tôdas as purificações. Ora, a suprema purificação. ¿não será atingir a chamada *morte* que tudo arrasta para a terra, berço de novas vidas?

Mas, a purificação, sejam quais forem as suas modalidades, não nos coaje a excluirmos da vida aquilo que ela tem de belo e grandioso; tão pouco nos proíbe de fruirmos a alegria de viver a que a Natureza inteira nos exorta.

Há certa satisfação egoísta, naquêle que se abandona à melancolia; naquêle que se imagina vítima da fatalidade e que se entrega à meditação dos seus desgostos, imaginários ou não. Dêste modo, o próprio sofrimento, real ou virtual, é um acto egoísta.

A vida não consiste simplesmente em vivê-la, mas em a saber viver. Há homens que vivem sem nenhuma espécie de fim, que não fazem mais que passar pelo mundo como a fôlha caída passa num curso de água; vão para onde a corrente os leva.

Aquêle que não aprecia a vida — disse o filósofo inglês Browne — para mim não é mais que um fantasma, embora possua todos os atributos visíveis da carne».

Com uma direcção científica, a máquina humana tornar-se-ia capaz de produzir fôrças maravilhosas — afirma Marden. Mas, ¿quem pode apresentar-se como perito na arte de viver? Maltratamos tanto o organismo, que êste, quási sempre, é incapaz de produzir o *mínimo* do que nos poderia dar.

Todos os sêres humanos tentam alcançar a felicidade por que anseiam; e, afinal,

apenas conseguem a desarmonia, porque o organismo está desconsertado e não sabem como pô-lo em ordem ou não querem sujeitar-se ao esfôrço científico, perseverante, que viria a adestrá-los na arte de dirigir a máquina humana.

¿Quantas arrelias, humilhações e embaraços não sofremos só porque as engrenagens da nossa máquina não estão ajustadas cientìficamente?

Muitos dos nossos sofrimentos são produzidos pelos nervos fatigados que provocam atritos no funcionamento do nosso organismo e, assim, destróem a harmonia do nosso ser.

Não tínhamos a intenção de magoar os que amamos com as nossas iras e impaciências; não queríamos destruir com o mau humor a paz do nosso lar; não desejávamos maltratar ou insultar os criados, como o fizemos na nosso irritação, mas tudo isto aconteceu porque a nossa máquina estava desarranjada.

As células do cérebro e dos nervos estavam envenenadas por fadigas, pelos restos das fadigas do dia anterior. O nosso delicado sistema nervoso, formado para produzir a harmonia, produziu a discórdia, simplesmente por não poder funcionar com brandura, e não pôde conseguir êsse brando funcionamento por não ter sido refrescado e retemperado por uma noite de bom descanso.

A inquietação, os cuidados, a alimentação em demasia, o abuso de excitantes, a dissipação, a violação de qualquer lei natural, são as causas responsáveis de todo êste destempêro.

O homem que assim perde todo o poder sôbre si mesmo, quando já não pode dar ordens ao seu cérebro, põe à solta a fera que existe dentro de si; expõe a todos os olhares os maus traços do seu carácter, aquêles que mais cuidadosamente oculta dos seus amigos. ¡Quantos homens são atenciosos para estranhos e sorriem aos hóspedes ou às visitas e reservam, muitas vezes, o tom amargo para aquêles que mais amam!

Não há ninguém que não conheça dêsses *bons rapazes* em sociedade que se tornam buldogues no lar.

Diz Marden que esta espécie de buldogue é um animal curioso. Já tenho visto dêsses buldogues num forte acesso de fúria — conta êle — quando parecia não poderem dominar-se, tornarem-se, de chofre, mansos como cordeiros, logo que a campainha da porta lhes anuncia uma visita. Provam assim que são capazes de se dominar, logo que a sua vaidade ou o seu amor-próprio estejam em risco de ser beliscados.

Aquêles que dizem que não podem dominar o seu temperamento, que as explosões se produzem antes de terem tempo de reflectir, não ponderam que o cérebro não é a individualidade de cada um e que a grande máquina humana está submetida ao espírito, podendo vigiar os seus pensamentos e ficarem senhores de si por meio de adequada educação. Somos nós que dirigimos o nosso cérebro com os nossos pensamentos, a nossa vontade, o nosso espírito.

Por mais excitações que sintam, as pessoas mais coléricas não mostram a menor impaciência quando assistem a um sarau ou a um banquete. ¿Porque não hão de os homens conservar sempre êsse domínio sôbre si? Quási tôdas as pessoas conservam no espírito e no coração, antipatias, defeitos que, embora nem sempre se exteriorizem, envenenam fatalmente a vida interior.

¡A revolução que não se realizaria na nossa vida se tivéssemos muito cuidado só com o som da nossa voz! Se dissermos a um cão coisas agradáveis em voz áspera, o cão assustar-se-á. Mas, se em voz carinhosa lhe dissermos as maiores injúrias, o cão agitará a cauda com satisfação. Se atirarmos um ôsso a um cão, êle aboca-o e foge com o ôsso na bôca, de cauda entre as pernas, sem manifestar o menor reconhecimento; mas se o chamarmos com afecto e deixarmos abocar o ôsso na palma da mão, o animal mostrar-nos-á quanto nos ficou reconhecido. É que a nossa linguagem e as nossas maneiras fazem a felicidade ou a infelicidade dos que nos rodeiam.

A alegria e a graça humorística são para a conversação e para a literatura aquilo que o sal é para a alimentação. Já Salomão dizia que há tempo para rir e tempo para chorar. Chamfort dizia que eram dias perdidos aquêles em que se não ria. O riso, entretanto, para ter o valor, deve ser espontâneo. ¿Quem é que resiste ao riso franco e comunicativo duma criança? A alegria sincera e sã, venha ela donde vier, que se exiba sem preocupações,

é verdadeiramente contagiosa. O homem de espírito pode dizer como Falstaff dizia de si mesmo: «Eu não sou só naturalmente espirituoso, mas faço com que os outros também o sejam».

Os homens, como as árvores, vivem em grande parte de ar puro. O ar livre é um cordial duma virtude maravilhosa.

O amor pelo ar livre espalhou-se por todos países com os jogos desportivos: *foot-ball*, *cricket* e *golf*.

A propósito do *cricket* conta-se que um viajante oriental — um dêsses poderosos e riquíssimos *rajás* da Índia — assistindo, noutros tempos, a uma partida de *cricket*, se mostrara muito admirado por ouvir dizer que muitos dos jogadores eram ricos, e preguntara porque não pagavam êles a qualquer pobre diabo para desempenhar tão árduo serviço.

Para o rajá aquêle desporto era um frete pesado.

Ninguém pode sentir verdadeira alegria sem dominar o seu humor, sem ter aprendido o governar a sua máquina, a sustentá-la, mental e fisicamente, em boas condições.

O grande alvo da vida deveria ser a posse da maior soma possível de doçura e de bondade.

A beleza da alma, a bondade do coração e um espírito cultivado formam o mobiliário que transforma uma cabana em palácio, e sem o qual a mais luxuosa residência não é senão um montão de lentejoulas, de coisas pobres e desconfortantes.

A verdadeira riqueza é a da alma, é o desinterêsse generoso, é o amor que não procura o seu próprio interêsse, é a mão que auxília, é o coração que simpatiza.

Diz Ruskin: «Vigiar o grão que se desenvolve ou o botão que se forma; manejar a charrua ou a enxada, ler, pensar, amar, orar, eis o que torna o homem feliz».

Apreciaríamos muito melhor tôdas as facilidades que possuímos, se conseguíssemos realizar o que experimentaria uma pessoa cega, amante da beleza, no momento em que, por milagre, pudesse ver o mundo maravilhoso que lhe é vedado e que está patente aos nosso olhos.

¡Quanto não daria essa pessoa para contemplar durante alguns mêses as belezas a que estamos habituados há longos anos!

¡Contemplar uma flor, poder lançar um olhar à paisagem, para nós tão banal, que pouco nela demoramos a vista, que é que não seria para um pobre cego!

¡Poder contemplar um rosto humano, estudar no rosto o gôzo do pensamento, do sentimento, proporcionar-lhe-ia um prazer intenso, e, afinal quão pouco sabemos apreciar êsses privilégios! O sorriso tem um poder real. Todo o homem devia possuir uma lente optimista que lhe permitisse distinguir o invisível dentro do visível e lhe revelasse tôdas as belezas do seu ambiente. O pessimismo é destruïdor e incapaz de construir.

Necessitamos mais de «fazedores de alegria», de pessoas que não querem ver o que é feio, o que é amargo e contrafeito, de pessoas que saibam ver a beleza do universo e a perfeição criada por Deus, do que daquêles que só vêem o mundo feito pelo pecado, pela discórdia e pela doença. Precisamos de pessoas que vejam o homem e a mulher como Deus os criou — puros, sãos e sadios — e não como a mórbida caricatura feita pelo pecado, pelo mau processo de pensar e de viver.

Sêde sempre alegres, em qualquer parte em que estejais e seja o que fôr aquilo que façais! A alegria é o óleo lubrificante que obstará aos atritos e excluirá as angústias da vida.

KARDEC E ROUSTAING

São dois nomes, dois iluminados, dois mestres. Desde 1920 que me foi dado conhecer as obras de Kardec. *Nas minhas horas de incerteza ou de tédio, ia dessedentar-me no* Evangelho segundo o Espiritismo, *de Kardec. A sua leitura tonificava-me os nervos, esclarecia-me a inteligência. No verão de 1942, um confrade amigo — em conversa — pregunta-me se eu já haveria lido a magnífica obra do génio francês J. B. Roustaing (advogado na côrte imperial de Bordeus e antigo bastonário) intitulada* «Os Quatro Evangelhos». *Respondi: nunca li, mas desejava ler, porque me recordo duma certa divergência havida entre irmãos nossos, no Brasil, quando do aparecimento desta obra.*

Está ao seu dispor — respondeu o amigo a que acima me refiro.

Pois direi aos leitores de Estudos Psíquicos *que acabo de fazer a leitura atenciosa de*

«A LUZ DEVE SEMPRE PROGREDIR»

por F. Noronha

«Farás pois conforme a tua sabedoria,... *(palavras de David a Salomão)* — **Reis,** livro 3.º, cap. II-6.

«A noite passou, e o dia vem chegando. Deixemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz». **Epístola de S. Paulo aos Romanos,** cap. XIII-12.

FOI Dona Emília Pomar de Sousa Machado quem me brindou com a proposição, de afirmativa peremptória, que antecede os versículos bíblicos transcritos como epígrafe.

É claro que Sua Ex.ª não confunde o fenómeno físico, estudado na óptica, nem pretende uma definição dêsse fenómeno, aqui não cabida.

Não resisto eu a iniciar com a palavra eloqüente de Amedée Guillemin *(La Lumière et les Couleurs,* pág. 1 — Paris, 1874) o presente escrito:

«Vie et lumière! Comment faire saisir, autrement que dans le divin langage de la poésie, la corrélation intime de ces idées qu'on trouve associées partout dans la pensée humaine, depuis la plus haute antiquité jusqu'à nous? On dit encore dans un sens aussi profondément vrai, lumière et science!»

Trata-se de outra luz, não da que tìpicamente nos impressiona, transmitindo-se ao aparêlho da visão pelos objectos de perto e de distância, comunicando-os ao cérebro e tornando-nos conscientes da sua realidade, mas de luz interior que escapa aos domínios de nossos sentidos externos e ao bisturi e escalpêlo anatómicos, sejam quais forem a perícia e saber que os empreguem ou dirijam.

Trata-se, em suma, da luz a que se referiu Alves Mendes quando, em 28 de Junho de 1888, discursou no templo dos Jerónimos, em Belém, perante o sarcófago do que fôra egrégio historiador da fundação da nacionalidade portuguesa:

— Abram a janela, quero luz!

Esta frase de Herculano, muito parecida a outra de Goethe e ainda a outra de Lamennais, esta frase, gemida a 13 de Setembro de 1877, quási à morte do pensador, simboliza e sintetiza tôda aquela vida: ânsia de saber, sêde de luz».

Esta, evidentemente, não é a luz, cujas primaciais origens ou fontes se denominam sol, estrêlas, combustão, calor, electricidade e fosforescência; é alguma coisa imponderável que se funde e sublima na idéia, capaz de revolver a terra, pôr a nu todos os enigmas do Universo e ascender pelos relâmpagos do génio às assombrosas visões dos Franciscos de Assis e dos Antónios de Lisboa!

Ela não é material e decomponível, mas espírito, luz geradora de exteriorizações escritas, atingindo por vezes os últimos requintes de beleza arrebatadora e produzindo «le plaisir et la lumière», perfilhando palavras do abade Condillac em sua *La Logique ou les prémiers développements de l'Art de Penser* (Paris, 1805, pág. 4, linhas 3.ª e 4.ª).

É assim diferente a luz que nos ilumina, até com os sentidos apagados, daquela que o articulista de *Lumière* no tomo 20 de *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* (Berne e Lausana, 1770) depois de um passeio através das opiniões e afirmações de Aristóteles, Descartes, Mallebranche, Huyghens, Newton, Gravesande, etc., termina por concluir: «Com estas proposi-

---

tôda a obra de Roustaing *(4 volumes), que me deixou verdadeiramente admirado. Não há razão para divisões entre irmãos de crenças, porque um autor não destrói o que o outro diz. Antes pelo contrário, uma obra completa a outra. Quem quiser conhecer os* «Evangelhos» *em espírito e verdade, leia a* Revelação da Revelação *de J. B. Roustaing, que não perderá o seu tempo.*

Alcobaça, Fevereiro de 1943

Bernardo Correia de Almeida

ções muito simples, a teoria da *luz* converte-se numa ciência puramente geométrica, e demonstram-se as suas propriedades sem se saber em que ela consiste e como se propaga; pouco mais ou menos como o professor Sanderson ministrava lições de Óptica, sem embargo de quási cego de nascimento».

Outro professor, Libes, chama-lhe «fluido excessivamente subtil, de que o sol e as estrêlas são, simultâneamente, a fonte e o foco, espalhando-se com estupenda energia na imensidade do espaço para animar e vivificar a natureza e cuja actuação benéfica se manifesta em especial nos sêres dotados de organismo, os quais lhe devem o brilho e o belo colorido que os adornam e cuja ausência nos faria completamente alheios ao espectáculo das maravilhas do universo.» (*Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, Appliqué aux Arts, principalement à l'Agriculture et à l'Economie rurale et domestique,* tomo XIII, pág. 398 — Paris, 1803). Incongruente na essência a luz do espírito ou espiritual com a luz, matéria, aliás longe de definida com precisão matemática, esplende nítida intelectualidade, arguto entendimento, subitâneo rasgamento e inteira autenticação do desconhecido!

O não saber, o ignorar, lutando com tantíssimos véus que ocultam a natureza de fenómenos que nos desesperam, em pleno cenário verdadeiramente oceânico, sempre a atrair-nos o olhar e, ao mesmo tempo, a sêde insaciável de conquistar e tomar posse do que ignoramos, são estímulo ou incentivo de contensão anímica, boa e feliz condutora de nossas faculdades investigadoras na esfera e no campo de altas adquisições e de largas tanto quanto positivas modalidades perduráveis.

Existem, de facto, multidões impoliciadas, de gelada indiferença perante quadros naturais de peregrina estética e em branco de idealidade ou de qualquer esfôrço de compreensão e interpretação do que vêem e ouvem, mediante os respectivos sentidos.

Entretanto, essas multidões, ainda em estado selvático, só se encontram assim pela circunstância de não terem tido contacto mais ou menos aturado com elementos vivos de cultura docente, a aclarar-lhes o intelecto e a acender-lhes o facho do Progresso.

Exclusivamente pelos sentidos, o homem nunca poderia vencer a animalidade e elevar-se a concepções de outro carácter, como, por exemplo, as de idéias absolutas, assomando à imaginação sem dependência alguma.

E verifica-se, desde as mais prístinas épocas de que há registo autenticado, um caminhar de avanço «evolutivo» da espécie humana, guiada por luz de raciocínio, manifestamente comprovado e por indubitável energia reagente contra surpresas de contrariedade inesperadas.

«O homem, diz Arbanère, autor de *Analyse de L'Histoire Asiatique et de L'Histoire Grecque* (Paris, 1835) nas primeiras linhas do seu *Discours Préliminaire,* nasce, contempla um momento o espectáculo que o envolve, e falece.»

«Tel est —, acrescenta logo o aludido autor —, le sort général de l'espèce dans le sauvage, le nomade, le paysan. Ils ressemblent ainsi presque entièrement aux animaux, qui, sans passé, sans avenir, sont concentrés au moment oú ils respirent, dont l'existence n'est jamais qu'un jour, et l'espace qu'ils parcourent un horizon étroit.»

Isto, porém, constitui uma asseveração exagerada, com aberto desmentido no trânsito das gerações e das raças, que partindo certamente duma cerrada noite «cerebral» conseguiram, embora com as lentidões que as deficiências e o inconfôrto causam, brilhar ao sol de civilizações imarcessíveis, não extintas de todo com os povos em que se revelaram e de que foram engrandecimento glorioso.

«A condição social, os hábitos dos povos ainda selváticos lembram, sob muitos aspectos, não em absoluto, diz Lubbock *(Les Origines de la Civilisation,* pág. 1 — versão francesa — Paris 1881) os dos nossos próprios antepassados, num período remotíssimo; esclarecem, em nossas sociedades modernas, bastantes hábitos evidentemente sem nenhuma relação com o nosso meio social presente; ...podemos, comparando, romper um tanto o véu espêsso que separa a actualidade do porvir.»

¿Porque, nos encontramos providos de possibilidade comparativa? ¿Não será por virtude de incidência de ondas de luz propulsionando-nos o desejo e a vontade consciente?!

E não será indiscutível, que o homem é

dotado em tôda a parte «da inteligência necessária para prover às suas necessidades», como diz Alfred Maury em *La Terre et L'Homme* (Paris, 1857, pág. 577)?

«Em que época aparece o homem na terra?», inquire-se na pág. 100, vol. 1.º de *História Universal*, redigida segundo o método de Lévi Alvarès (Lisboa, Livraria Editora de Henrique Zeferino — 1888). E, seguidamente, lê-se a resposta: «Descobertas inesperadas, feitas há pouco mais de trinta anos, inutilizaram todos os velhos sistemas de cronologia e fizeram entrar o homem nas evoluções geológicas do nosso globo. Silex e ossos talhados em forma de machados, de facas, de agullhas, de pontas de flecha e de lança; ossos de animais corpulentos, quebrados no sentido do seu comprimento com o fim de se lhes extrair a medula para alimento; montões de conchas e restos de refeições *(Kjoekkenmœddinger)*; cinzas, vestígios evidentes de lareiras antediluvianas; desenhos traçados em omoplatas e chistos: representações de animais hoje desaparecidos ou afastados para bem longe dos lugares que habitavam antes. enfim, relíquias humanas encontradas nos depósitos da época quaternária e vestígios da indústria dos homens que se julga ter reconhecido até nos terrenos terciários, provam que o homem vivia num tempo em que os nossos continentes não tinham nem a fauna, nem a flora, nem o clima, nem a configuração que têm hoje.»

Ora, todos estes factos, produtos de estudo e de observação beneditina, são outros tantos depoïmentos palpitantes de reflecção mental do homem, de ascenso progressivo, de luz orientadora, não participante, nem fusionável com a luz física.

Aí se palpa espírito de intenção e de exame, êste, «o mais nobre, o mais irresistível dos seus atributos», como se exprimiu Topinard na penúltima página de livro interessante (*L'Anthropologie* — Paris, 1879, edição 3.ª).

É do consórcio de observação e exame que brotam e irradiam para o mundo e para a História, como de centros de fulgência permanente, jactos luminosíssimos, quebrando indecisões, desviando negrumes, varrendo escurentezas, sacudindo com rapidez vertiginosa tôdas as vendas dos nossos olhos e alçapremando-nos a descobridores de verdades de valor científico definitivo, a inovadores de processos práticos de imediato solucionamento de problemas de gravidade enervadora e entenebrecedora, à radical e eficàzmente simpática investidura de agentes triunfadores no evento de progressos consumados em proveito legítimo e inconcusso da grei racional e no ácume perfeito de individualidade jurídica, em que assenta o equilíbrio vital das sociedades constituídas e a que aspiram tôdas as pessoas de bom senso e tôdas as colectividades sensatas.

Ocupando-se do genial Bichat na notícia histórica à frente do livro *Additions à L'Anatomie Générale de Hav. Bichat* (Paris, 1821) diz o ilustre Pinel, filho de consagrado professor que honrou a Faculdade de Medicina da Universidade parisiense na cátedra de Anatomia e de Fisiologia: «Il est aisé, dans les sciences, de compter les hommes qui n'ont pensé d'après personne: leur génie fraye la route des découvertes, la foule les suit.» (pág. IX).

São luz estes homens, são sóis de clarividência peregrina, dilatando a Civilização como outróra os profetas de Israel dilatavam a vidência.

Sem tais homens nem sequer porventura existiria nos alfabetos das línguas o vocábulo **progresso.**

Assim como o movimento é lei de vida, a luz, luz do espírito, é lei de avanço.

Sem semelhante luz, nem a vetusta China, nem a veneranda Índia, nem o velhíssimo Egito haveriam alumiado a Antiguidade Oriental e êste contribuído, fundamente, para iniciar e esplender a gente helénica, ouvinte de Pitágoras e de Platão, nas mais puras idealidades da Arte e nos píncaros intransponíveis da Glória soberana.

Sem essa luz, incomparável com tôdas as luzes, não sobressairiam três cidades, desbancando as suas émulas do pretérito, pela deleitosa sedução do Belo, pelos princípios emancipadores do Direito e pelo holocausto exemplificado do Amor, — Atenas, Roma, Jerusalém!

¿Será possível que ela se extinga?

Não o consente o próprio espírito e não o nega a vontade humana, sem embargo de arrastada por vezes aos abismos da guerra e aos tremedais destruïdores.

¡Daqui, dos conflitos armados, das ambições sem freio, das paixões desordenadas,

A BOA PROPAGANDA

FAURE DA ROSA REALIZOU NO PÔRTO UMA IMPORTANTE CONFERÊNCIA ÀCÊRCA DA REENCARNAÇÃO

A convite da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, o nosso colaborador sr. coronel Faure da Rosa foi ao Pôrto realizar uma conferência, no salão daquela colectividade, em 13 de Março último.

A apresentação esteve a cargo do nosso confrade Pereira Braga, presidente da Assembléia Geral, que pôs em justo relêvo as qualidades do conferente e a sua fé na vitória do Espiritismo.

Depois de agradecer as palavras de Pereira Braga, o conferente começou por dizer que não ía levar a certeza matemática da Reencarnação: ía apontar factos que permitiam tirar deduções; desenvolveria raciocínios que considerava os mais acertados.

Eis alguns passos da conferência.

«Se nós nos lembrássemos do que temos sido... ¿ seria possível a vida de relação, a vida social? Se todos nós conhecêssemos em vidas sucessivas, as cobiças que nos escravizaram, nos devoraram, e as violências e depredações contra nós cometidas e por nós mesmos praticadas... ¿como poderíamos suportar-nos uns aos outros?

«¡Que tumultuar de malquerenças e de ódios sem fim! As represálias jàmais se extinguiriam; a maldade tornar-se-ía infinita e a depuração seria impossível.»

«¿Porquê não nasci eu príncipe ou grande fidalgo, abarrotado de dinheiro, em vez de pobre operário ou mísero servo da terra ingrata e rebelde?

---

da flagrância indómita que se traduz na terra, no mar e no ar vomitando fogo e infernando milhões de sacrificados, também nos vem luz que não é matéria, luz de piedade, luz reagente contra o mal, acção de benemerência sem distinção de contendores!

A luz anímica, a centelha espiritual, num progredir que as idades do ontem testemunharam, infalìvelmente, não obstante, retrocessos ou recuos, talvez mais de aparência dolorosa do que de rialidade irremediável, progredirá sempre.

Assegura-o e garante-o a razão pura, que é farol improcedente com empanamento, grita-o a consciência integérrima em seu altar de decisão esclarecida.

¡E a Ciência, mercê dela permanecerá e continuará subindo, galgando eminências, penetrando ocultas densidades e abrindo auroras pujantes dentro de crânios privilegiados, despertando argutos e coroando esforços de pesquisa no santuário de laboratórios!

«¿Porquê há de o talento ser apanágio só de alguns?... ¿Porquê é que uns tanto sabem, infantes ainda, sem terem aprendido, e outros por mais que estudem anos e anos, nunca conseguem saber?»

Entre talentos precoces que citou, figura o do nosso compatriota Artur Napoleão, natural do Pôrto, um dos maiores pianistas-crianças. Duma vez que voltou do Brasil, com 12 anos de idade. vinha já coberto de glória. Lizt aplaudiu-o em Viena e Mejerbeer apresentára-o ao público em Berlim.

Como casos averiguados de reencarnação, apresentou os de M.lle Djiska, o de Shanti Devi, o de Rosemary, etc.

Como nêste mundo se vê, quási sempre, triunfar o mal, descrê-se da evolução, sem nos lembrarmos que a maldade se deve, na maior parte, ao mau uso que o homem faz do seu livre-arbítrio. O homem, em geral, é essencialmente egoísta.

Como imagem do egoísmo humano, diz: «Conta Anatole France, no seu livro *Thaís*, que Pafúncio, o monge asceta que convertera a célebre cortezã e por ela depois se apaixonou, roído pela ânsia carnal, fez longas caminhadas para a tornar a ver. Foi encontrá-la agonizante no convento em que se refugiara. Ante o seu corpo — aquêle corpo escultural que ateara incêndios de múltiplos pecados e agora estava purificado pela contrição — as virgens entoavam o cântico de Israel: «Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel». Mas, de repente, ao depararem com o rosto do monge, a voz sumiu-se-lhes na garganta, e, espavoridas, fugiram a gritar: «Um vampiro!... Um vampiro!...»

«Um quadro do pintor francês Rochegrosse, denominado «A agonia humana», vincou indelevelmente na tela tôda a tragédia inenarrável do egoísmo. O quadro representa uma parte da humanidade dolorosa, estendendo os braços para a Fortuna que passa a cavaleiro duma cidade e deixa atrás de si um rasto resplandecente. Todos -- homens, mulheres, operárids, burgueses, aldeãos — todos se atiram ao assalto do promontório que os aproximará — julgam êles — do fim almejado. Correm, empurram-se, pisam-se, calcam aos pés os vencidos, os menos resistentes, os mais fracos.

«É uma imagem torturante da luta da vida, uma exibição arrepiante da crueldade do egoísmo».

«¡Há criaturas humanas tão egoístas que são capazes de se deitarem no chão só para que a sua sombra não aproveite a ninguem!»

O conferente falou durante uma hora e três quartos, sempre escutado com a maior atenção.

No final, a numerosa e selecta assistência que enchia o salão aplaudiu calorosamente o orador, que mais uma vez demonstrou a solidez dos postulados espiritas, capazes de resistir a tôdas as críticas.

O presidente, sr. Pereira Braga, fez a apreciação da conferência e agradeceu ao sr. coronel Faure da Rosa o ter aquiescido ao convite da Sociedade Portuense.

A boa propaganda continua a produzir os seus frutos.

EXTRAORDINÁRIA IDENTIFICAÇÃO

O médium americano reverendo Arthur Ford recebeu a cifra da comunicação que havia de identificar o espírito do grande prestidigitador Houdini, preparada por êste, antes de desencarnar

O prestidigitador e ilusionista Houdini foi tristemente celebrizado pela guerra que declarou aos médiuns, propondo-se imitar todos os fenómenos produzidos por êles, inclusivé levitações e materializações de espíritos desencarnados. Percorreu muitas cidades norte-americanas nessa missão desagradável e imprópria dum homem que acreditava na comunicação com o «outro mundo», mas nunca conseguiu imitar cabalmente os fenómenos.

O MÉDIUM REVERENDO ARTHUR FORD, QUE TRANSMITIU A MENSAGEM DE HOUDINI

Por fim, *afrouxou a marcha* e declarou pùblicamente o seu convencimento de que alguma verdade existia naquilo que êle quisera achincalhar.

Ora, na primeira quinzena de Fevereiro último, o diário londrino *News Chronicle* anunciava a morte de Beatrice Houdini, viúva do grande ilusionista, escrevendo as seguintes palavras:

«Com ela, morreram todos os segredos de *seu* marido e a mensagem particular de dez palavras que Houdini lhe prometera transmitir do mundo dos espíritos e que só era conhecida por ela, por Sir Arthur Conan Doyle e por um desconhecido residente em Filadélfia.»

Psychic News, de 20 de Fevereiro, responde ao *News Chronicle* e repõe as coisas no seu lugar:

«O *News Chronicle* não tem razão — diz o articulista. Beatrice Houdini assinou uma declaração sob juramento, afirmando que o famoso médium americano Arthur Ford lhe transmitiu, em New-York City, o código preparado por seu marido, antes de falecer. Esta cifra nem era do conhecimento de Conan Doyle, nem do tal anónimo de Filadélfia.»

Como sempre acontece, o *News Chronicle* teve um bom acólito. Foi o *Star*, que também exibiu a sua ignorância, afirmando que a senhora Houdini fôra infeliz nos dez anos de viuvez, por causa de duas coisas:

«O destino dos segredos do marido e os esforços feitos para comunicar com o espírito do ilusionista».

Depois de descrever como os segredos foram revelados ao irmão de Houdini, em seguida à morte dêste, *Star* acrescenta:

«A *mensagem espirita* era um problema mais importante. Por tôda a parte por onde andava, a senhora Houdini procurava assistir a sessões e chegou a receber muitas pseudo-comunicações do ilusionista. Mas nenhuma delas continha as tais dez palavras. Todavia, dez anos depois do falecimento, a maçadora viúva consentiu em assistir a uma última sessão, numa montanha da Califórnia. Como nada ali suce-

desse, resolveu não mais assistir a sessões espiritas».

A verdade acêrca da «sessão» da montanha é muito outra. Tratava-se dum simulacro de sessão, sem médiuns nem assistentes, com o fim de dar publicidade a um filme em que a senhora Houdini estava interessada.

Eis os factos acêrca das mensagens espiritas de Houdini, publicadas em 1929 num folheto escrito por Francis Fast, bem conhecido espirita americano.

A história começa em Fevereiro de 1928, dois anos depois do passamento de Houdini. Fletcher, espírito-guia do reverendo Arthur Ford, descreveu numa sessão particular o espírito de uma senhora que dizia ser a mãe de Harry Weiss, conhecido por Houdini. E acrescentou: «Há muitos anos que meu filho esperava uma palavra que eu havia de transmitir. Nunca o conseguiu, dizendo sempre que passaria a acreditar, se a pudesse obter.

«A cifra que deu a sua mulher só êle a pode transmitir; contudo, as condições familiares obrigam-me a procurá-la. Se a família agir nesse sentido, isto é, se conseguir comunicar com o seu espírito, êle poderá falar directamente. A palavra é esta: «forgive» (perdoar).»

Depois, acrescentou que a mulher de Houdini era a única pessoa do mundo que conhecia essa palavra.

Quando Beatrice Houdini soube desta mensagem espirita, afirmou pùblicamente que, «entre as milhares de comunicações obtidas naquêle tempo, aquela era a única que continha a cifra secreta, só conhecida de três pessoas: Houdini, sua mãe e eu».

Nesta comunicação havia também outras afirmações de natureza particular e que foram confirmadas pela senhora Houdini.

Nada mais se soube até Novembro dêsse ano, quando se iniciou uma série de sessões, nas quais se obteve a cifra mencionada. Realizaram-se oito sessões, durante o período de dois meses.

«Weiss está aqui»

A primeira palavra obtida foi «Rosabelle».

Dois meses depois, obteve-se a palavra «look», que Fletcher indicou como sendo a sexta palavra da mensagem secreta de Houdini.

Várias outras palavras se lhe juntaram, até que, em Janeiro de 1929, Fletcher declarou:

— Está aqui um homem que diz chamar-se Harry Houdini, mas cujo verdadeiro nome é Ehrich Weiss. Deseja dar a sua mulher Beatrice Houdini o código de dez palavras que lhe prometeu enviar, caso pudesse comunicar com ela. Diz-te que lhe entregues esta mensagem e logo que ela a receba, êle deseja que prossiga no plano que haviam estabelecido, antes da sua morte. O código é o seguinte: *Rosabelle — Answer — Tell — Pray — Answer — Look — Tell — Answer — Answer — Tell!*

Houdini declarou que, além dêle e sua mulher, ninguém mais no mundo conhecia o código.

— Ela deve estar satisfeita — disse êle — porque nenhum de nós julgava que isto fôsse possível.

As comunicações de Houdini não terminam aqui, visto que êle insistiu com sua mulher para que assistisse às sessões de Arthur Ford. E depois de lhe repetir a mensagem, através do médium, ela respondeu-lhe com um código que só os dois conheciam.

Ambos os códigos forneciam a palavra que era a chave da mensagem que tinham combinado enviar. Êle não quis revelar essa palavra, enquanto a senhora Houdini não tivesse completado metade da mensagem.

Dois dos assistentes procuraram a viúva do prestidigitador — todos os que tinham assistido à sessão eram desconhecidos dela — e mostraram-lhe a mensagem que tinha sido recebida.

— Está bem — disse ela —. Meu Deus! ¿Que mais poderia êle dizer?...

Após alguns pormenores relativos à mensagem, ela concordou em executar o plano mencionado por seu marido.

Dois dias depois, Ford dirigiu-se a casa da senhora Houdini, onde deu uma sessão de transe. Logo a seguir, Fletcher informou que Houdini estava presente.

«— Êle quere repetir a mensagem e concluí-la para a senhora» — disse êle —. E repetindo as dez palavras, acrescentou:

— Quere que a senhora lhe diga se estão bem ou não.

— Sim, estão bem.

— Agora pede-lhe que tire a sua «aliança de casamento» (anel de núpcias) e revele o significado de *Rosabelle*.

A senhora Houdini tirou então o anel e cantou os versos que se seguem:

Rosabelle, sweet Rosabelle,
I love you more than I can tell!
O'er me you cast a spell,
I love you! My Rosabelle!

(Rosabela, doce Rosabela,
Quanto te amo, nem eu sei dizer.
Fascina-me êsse encanto de mulher.
Eu amo-te, minha Rosabela.)

— A primeira vez que te ouvi cantar essa canção, foi no nosso primeiro encontro, já lá vão bons anos — disse Houdini.

A viúva aprovou, acenando com a cabeça.

Fletcher prosseguiu:

— Há qualquer coisa que êle quere dizer-me e que só a senhora conhece. Está a mostrar-me um retrato e puxa a cortina, assim...

Depois, acrescentou em francês que estava a brincar com a viúva.

Código intrincado

— As nove palavras juntas a *Rosabelle* servem para formar a palavra do código, — disse êle.

Então Fletcher explicou o código, citando palavra por palavra: «A segunda palavra do código era «Answer». A segunda letra do alfabeto é B; portanto, «answer» forma *B*. A palavra a seguir no código é «tell», e a quinta letra do alfabeto é *E*. A décima segunda letra do alfabeto é *L* e para formar 12 temos de usar a primeira e a segunda palavra do código».

Continuando até o fim neste intrincado raciocínio, disse: A mensagem que eu queria mandar a minha mulher é: «*Rosabelle, acredita.* Está bem?»

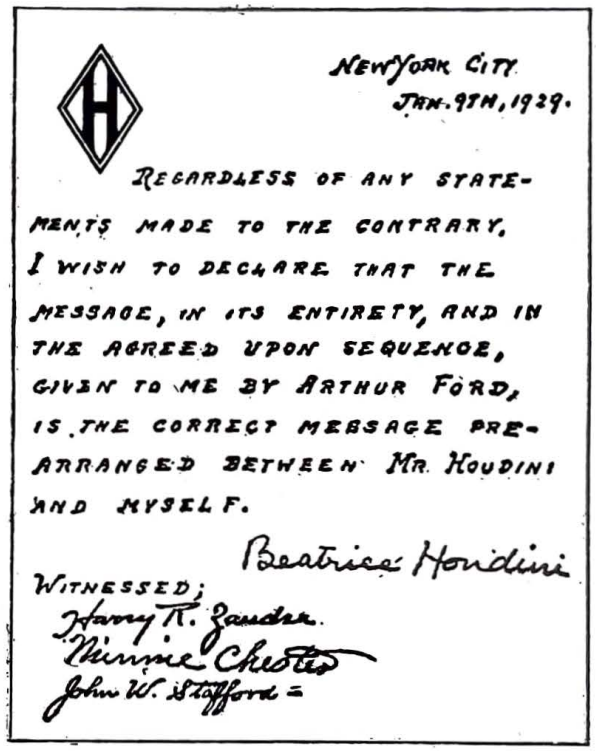
— Está, — respondeu a senhora Houdini, com grande sentimento.

À primeira vista e em face do código, a mensagem parece que não faz sentido; o código está descrito no folheto de Francis Fast e se compararmos a mensagem com o código usado por Houdini e a mulher, nas suas memórias, a interpretação esclarece-se.

O código era tão secreto, que a senhora Houdini chegou a dizer:

— Mesmo que houvesse quem conhecesse as palavras, só eu e Houdini conhecíamos a cifra ou a chave, para a compreensão do código que havíamos estabelecido com aquelas dez palavras, bem como a sua completa aplicação.

No momento em que a senhora Houdini



NEW YORK CITY
JAN. 9TH, 1929.

REGARDLESS OF ANY STATEMENTS MADE TO THE CONTRARY, I WISH TO DECLARE THAT THE MESSAGE, IN ITS ENTIRETY, AND IN THE AGREED UPON SEQUENCE, GIVEN TO ME BY ARTHUR FORD, IS THE CORRECT MESSAGE PREARRANGED BETWEEN MR. HOUDINI AND MYSELF.

Beatrice Houdini

WITNESSED;
Harry R. Zauder.
Minnie Chester
John W. Stafford

DECLARAÇÃO AJURAMENTADA DA SENHORA HOUDINI

pronunciou a mensagem verdadeira, choveram ataques de todos os lados.

E tôdas as armas ofensivas do suborno foram postas em acção, — declarou Francis Fast —. Chegaram até a inventar histórias nos jornais americanos, afirmando que Ford tinha confessado a fraudulência das comunicações, na presença de três ou quatro jornalistas. O dinheiro entrou em acção, mas os membros do grupo de Ford resistiram ao subôrno e não quiseram declarar que um dêles conhecia o código e que depois o divulgou.

A atitude da senhora Houdini era, nesse tempo, a de uma descrente honesta que aceitaria a mensagem, se ela estivesse de harmonia com o código estabelecido. Chegou mesmo a publicar uma declaração sob juramento que dizia assim:

«Indiferente a quaisquer afirmações em contrário, declaro que a mensagem transmitida por Arthur Ford concorda inteiramente com a mensagem prèviamente combinada entre mim e o senhor Houdini.»

A mesma senhora garantiu que só ela tinha conhecimento do conteúdo da mensagem, que estava selada no seu jazigo; e quando amigos particulares a incitaram a desmentir a mensagem recebida pelo médium, desfazendo assim tudo o que o seu marido lhe afirmava, respondeu:

— Fiz o que êle queria que eu fizesse. Nada modificará a minha fé, enquanto me não provarem o contrário.

Depois, afirmou também que só ela e seu marido podiam conhecer os pormenores do código e que «nem pùblicamente, nem secretamente, poderia ter sido decifrado».

O mais sagrado depósito

— Êles acusam-me de atraiçoar o mais sagrado depósito da minha vida — notou a senhora Houdini —, bem como de considerar um louco o homem que eu amava. Não houve sombras na felicidade que nos deram os nossos 37 anos de casados.

Em resposta às insinuações de conluio, a senhora Houdini enviou a seguinte carta ao famoso jornalista americano Walter Winchell, que foi publicada no jornal que tinha feito o ataque:

«Esta carta não se destina à publicidade. Eu não necessito de publicidade. Só quero que os velhos amigos de Houdini saibam que eu não divulguei o seu segrêdo.

«Escrevo-lhe pessoalmente, porque lhe desejo frisar solenemente que não tomei parte em qualquer fraude ou embuste.

«Com respeito à sessão, há dois anos que tenho pedido fervorosamente a mensagem de meu marido e há dois anos que diàriamente recebo mensagens de tôdas as partes do mundo. Se eu quisesse contrariar a publicidade, não teria dúvida em escolher qualquer dessas mensagens sensacionais. Quando eu as repudiei, ninguém disse uma palavra, excepto os escritores, que disseram que eu não tinha fôrça para admitir a verdade.

«Quando me chegou às mãos a verdadeira mensagem, a mensagem estabelecida por mim e por Houdini, eu aceitei-a como real. E porquê? Porque aquêles que a atribuem a fraude querem insinuar que eu a tinha dado ao sr. Arthur Ford.

«Outros dizem que a mensagem é do conhecimento público e dêles próprios. ¿Porque me dizem êles isto agora, sabendo muito bem que estava ansiosa pelas verdadeiras palavras de meu marido?

«Contam-se muitas pêtas a meu respeito e eu não tenho qualquer forma de dizer a verdade ou a mentira, visto não possuir jornais às minhas ordens. Tôda a gente pensa diferentemente acêrca da maneira como se obteve a mensagem e eu não quero discutir nem apreciar essas patranhas.

«Contudo, quando alguém me acusa de fornecer as palavras que eu e meu marido elaborámos para nos convencermos da verdade da comunicação, disponho-me a lutar, enquanto me restar um sôpro de vida.

«Aquêles que afirmam ter eu dado o código, simplesmente direi que mentem. ¿Porque me deveria eu querer enganar a mim própria? Eu não necessito de publicidade, nem tenho intenção de representar ou dar uma volta a fazer prelecções, como dizem alguns jornais.

«Meu marido fez o que pôde para que eu vivesse no maior confôrto. Não preciso de ganhar dinheiro. Obtive a mensagem que eu esperava do meu ente querido, mas não sei se chegou por via espiritual.

«Depois de dizer que recebi a verdadeira mensagem, parece que todo o mundo a conhecia já, embora ninguém ma revelasse. Permitiram que o sr. Ford a trouxesse ao meu conhecimento e agora acusam-me de lha ter dado. Que grande confusão!

«Concluíndo, posso dizer que Deus e Houdini bem sabem que não divulguei o segrêdo.»

Nova confirmacão

Um ano depois, circulou na América uma declaração em que a senhora Houdini renunciara à crença na possibilidade da comunicação com o defunto marido. E novamente aquela senhora esclareceu o caso numa entrevista com o *Brookland Dail Eagle*, afirmando que «a mensagem secreta por nós elaborada foi finalmente transmitida por Arthur Ford.»

Há seis anos, quando alguns jornais

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

VII

Jesus assemelhou também o Céu à parábola dos talentos, onde figura certo senhorio afazendado, distribuindo entre os seus servos, conforme a capacidade de cada um, determinadas importâncias em dinheiro.

Decorrido algum tempo, o Senhor chama êsses servos à prestação de contas. Êles acorrem, apresentando o fruto de seus labores.

O que havia recebido dez moedas, entrega vinte, sendo outras dez o produto do emprêgo dado ao capital recebido.

O que recebeu cinco e o que recebeu duas moedas, fizeram o mesmo.

Aquêle porém que tinha recebido uma só, trouxe-a desacompanhada de lucro, alegando incompetência e receio de a meter em giro.

O Senhor louva o procedimento dos primeiros, prometendo confiar-lhes oportunamente maiores somas, mas censura êste último pela sua negligência e ociosidade.

Tal a idéia de Céu, que o Cristo nos dá nesse apólogo e em outros congéneres.

Semelhante Céu, como se vê, é o contraste dos outros Céus, visto que longe de ser a região da inércia, da estagnação e da beatitude passiva, é um meio de acção, de franca actividade, de porfia acirrada na conquista dum bem maior, de um estado melhor cujo antegôzo nos vai sendo dado fruir desde logo à guisa de incentivo.

¿Qual a consciência livre, qual a razão esclarecida capaz de trocar êste Céu, pelo céu de qualquer das outras religiões do mundo?

¿Qual a inteligência lúcida, qual o senso amadurecido na experiência da vida, capaz de trocar a verdade encarnada no Ungido de Deus, pelas fantasias e quimeras forjadas pelas paixões humanas?

* * *

Jesus é o Pão que desceu do Céu para alimentar o espírito do homem.

O Pão do Céu é para o espírito o que o pão da terra é para o corpo.

Alma e corpo dependem de pão para manter a vida.

Para que, porém, o pão alimente e conserve a vida, é preciso que se transforme em sangue.

O milagre dessa transformação é operado independentemente da vontade humana: é obra maravilhosa da natureza.

A doutrina de Jesus é o pão do espírito.

Conhecê-la, no entanto, apenas em sua letra, em sua forma, em sua estrutura, representa para o espírito precisamente aquilo que para o corpo representa o alimento que não é digerido.

O principal está por fazer: digestão, transmutação, assimilação.

Assim como o pão, mercê do aparelho digestivo, se transforma em sangue, elemento êste que é a base da vida animal, assim também é necessário que a doutrina de Jesus, penetrando o nosso espírito se transmude em verdade, em luz, elementos estes que, a seu turno, representam a base da vida psíquica, como o sangue é o da vida corpórea.

Precisamos, pois, em boa metáfora, comer carne e beber o sangue de Jesus Cristo, isto é, realizar em nós o mistério da transubstan-

---

americanos alegaram que, ao fazer publicidade antecipada para o seu filme, a senhora Houdini negara a autenticidade da mensagem recebida por Ford, foi entrevistada por Ralph G. Pressing, director dum jornal espirita americano, e novamente confirmou a recepção da mensagem. Ela apenas se queixava de ter que utilizar um médium para entrar em comunicação directa com o marido.

Alguns prestidigitadores americanos tentaram explicar a recepção do código de Houdini, através do médium Ford. Tentaram fazer declarar à viúva que não atribuía a mensagem a qualquer origem psíquica ou espirita. Mas o testemunho da senhora Houdini, acima reproduzido, desfaz todos os equívocos.

ciação para que tenhamos vida nêle, como Êle tem vida no Pai que o enviou.

Êsse prodígio realiza-se também no recesso do nosso «eu»: é obra divina, é manifestação do poder de Deus.

Daí o Mestre dizer: «ninguém vem a mim, senão fôr trazido pelo Pai».

A doutrina de Jesus é pão que se transforma em sangue, isto falando em linguagem terrena.

A doutrina de Jesus Cristo é revelação do Céu, que se transforma em conhecimento adquirido, em saber, em Luz, isto usando de linguagem espiritual.

O sangue é vida: a verdade é vida também: aquela, do corpo, esta do espírito, por conseguinte, eterna.

O sangue é a imagem da vida; está em actividade contínua. Circulando por todo o corpo, vai entretendo a vida dos ossos, dos músculos, dos nervos, dos tecidos. Os mesmos órgãos chamados vitais, estão sob a sua dependência.

O sangue faz ainda mais: arrasta no seu movimento circulatório os elementos mórbidos, os resíduos, que não foram assimilados, para órgãos incumbidos de os eliminar. Nutre e purifica.

Tais maravilhas executa no nosso espírito o sangue do Cristo, a suma essência da sua inigualável moral: consolida o carácter, ilumina a mente, purifica os sentimentos, escoimando-os de tôdas as impurezas.

Repito: cumpre comer a carne e beber o sangue do imaculado Mestre dos Mestres.

Êsse sangue, que é a vida do Cristianismo, não está na letra, mas sim no espírito que vivifica.

Em tal consiste a verdadeira Igreja Cristã. Seus membros esparsos no Céu e na terra, nutrem-se dêsse sangue, que através de todos circula incessantemente; e assim o Cristo vive do Cristo, como o Cristo vive do Pai, fonte eterna da vida.

* * *

Jesus está de posse da suprema graça. Frui o sumo bem e sente em si a plenitude da fôrça omnipotente que emana de Deus. Sua íntima e perfeita comunhão com o Pai, torna-o participante dos divinos atributos.

Em tais condições, um desejo ardente domina seu amorável coração: tornar os homens tal como Êle é, fazê-los participar com Êle da paterna herança. Daí o chamado: Vinde a mim, todos vós, que vos achais em trabalho, oprimidos, e eu vos aliviarei.

Todos os males que nos afectam têm origem na falta de comunhão com Deus.

Conseqüentemente, tudo que nos causa aflições, mágoas e sofrimentos, resolver-se-á como por encanto, mediante o estabelecimento de nossas relações com o Pai celestial.

Da harmonia com o Infinito depende todo o nosso bem. Convém frisar que esta asserção é isenta de fantasmagoria e de idéias supersticiosas.

Não se trata de milagres, mas de efeito positivo duma Lei natural.

Estar com Deus importa em obedecer às Leis que regem os destinos da vida, seja qual fôr o cenário em que essa vida se ostente.

A Lei por excelência, da qual decorrem as demais, como simples modalidades, é o Amor. Quem está fora do Amor, destrói sua comunhão com Deus, quebra, na parte que lhe toca, a harmonia da vida Universal.

O chamamento de Jesus «vinde a mim» é o apêlo do Amor. É a aspiração de uma alma transbordante dêsse sentimento que anseia por a comunicar a outrem. O vinde a mim, significa, portanto, ide a vós, ide uns aos outros, amai-vos mùtuamente.

Por mais paradoxal que esta interpretação possa parecer, ela é, contudo, a expressão da verdade.

Jesus, chamando-nos, pretende lançar-nos nos braços uns dos outros, irmanando os nossos ideais, fundindo os nossos espíritos numa unidade.

A vida terrena é cheia de asperezas e amarguras, porque os homens vivem divorciados do Amor.

Não procedem como irmãos, antes como adversários, cujo interêsse está em se destruirem recìprocamente.

O caminho para irmos a Jesus é um só e consiste, como já disse, em irmos uns aos outros, em vazarmos uns nos corações dos outros as nossas aflições, as nossas mágoas e as nossas alegrias.

Enquanto permanecermos em atitude reservada, cheios de desconfiança, vendo em cada irmão um competidor a aniquilar ou um inimigo a vencer, havemos de suportar os males que nos afligem e perseguem desapiedadamente.

A pedra de tropêço que nos embarga o passo, conservando-nos distanciados do Senhor, é o orgulho. O orgulho é uma das for-

O ESPIRITISMO NA BIBLIA

por Isidoro Duarte Santos

III

Mediunidade

EM Espiritismo, o médium é a base da comunicação entre os dois mundos. Sem êste instrumento providencial, os homens nada saberiam do que os espera para lá da campa e por que se encontram no planeta.

Há médiums de várias espécies. Allan Kardec diz o seguinte no «Livro dos Médiuns»: «Todo aquêle que sinta em qualquer grau a influência dos espíritos, é médium».

Cada indivíduo tem a sua idiosincrasia própria, sente a seu modo, vibra no seu comprimento de onda. Assim, as faculdades psíquicas humanas adaptam-se a tôda a ordem de fenómenos, dentro do nosso âmbito relativo e limitado.

Neste pequeno trabalho, é-nos impossível, fazer referência a tôda a qualidade de médiuns. Seria necessário um grande volume. Por isso, referir-nos-emos aos mais conhecidos.

Comecemos pelos *médiuns sensitivos* (1). São pessoas que pressentem a presença dos espíritos, traduzida numa impressão especial que só êles compreendem, conhecendo fàcilmente a natureza boa ou má daquelas entidades. Os cegos também têm um sentido especial que lhes permite perceberem a aproximação de qualquer pessoa. Alguns há que chegam a precisar o número de pessoas que se encontram numa sala. Tais cegos são verdadeiros sensitivos e poderão até descobrir o carácter dos indivíduos que dêles se aproximam.

Médiuns naturais ou inconscientes. — São os que produzem os fenómenos, sem consciência do seu papel.

Médiuns facultativos ou voluntários. — São os que provocam os fenómenos voluntàriamente, embora muitas vezes os espíritos se recusem a obedecer, visto serem inteligentes e dotadas de livre-arbítrio.

Nos médiuns de *efeitos físicos*, há variedades especiais, a saber:

Médiuns tiptológicos. — São os que produzem ruídos e pancadas.

Médiuns motores. — São os que fazem mover os objectos.

Médiuns de translação e suspensão. — São os que produzem a levitação e suspensão dos corpos inertes, sem ponto de apôio. Alguns há que dão origem à própria levitação.

Médiuns de efeitos musicais. — Estes provocam a música, sem contacto, em determinados instrumentos.

Médiuns de aparições. — Provocam aparições tangíveis e fluídicas, visíveis para os assistentes.

Médiuns de transportes. — Servem de auxílio aos espíritos para o transporte de vários objectos.

Médiuns nocturnos. — São os que só obtêm efeitos físicos na escuridão.

---

(1) Seguimos a nomenclatura kardeciana, por ser a mais divulgada e completa.

---

mas mais funestas assumidas pelo egoísmo. Por isso, o mensageiro do Amor, o inigualável médico das almas, que conhece a fundo tôdas as particularidades do nosso «ser», oferece o remédio de que carecemos:

«Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanço para as vossas almas».

Noutras palavras: Combatamos o orgulho, cultivando a humildade, e acharemos pronta solução para todos os problemas que nos afectam.

O orgulho é o fardo pesado, o jugo férreo que confrange os corações.

O Amor, pelo contrário, é o pêso leve, é o jugo suave que encanta, que inebria o espírito, despertando nêle as mais doces e ternas vibrações.

Médiuns pneumatógrafos. — São os que obtêm escrita directa.

Médiuns excitadores. — São os que têm a faculdade de desenvolver nos outros a mediunidade escrevente.

Médiuns curadores. — São os que têm o poder de aliviar ou curar por imposição das mãos ou por meio de orações (Allan Kardec é de opinião que êstes indivíduos não são essencialmente médiuns, pois essa faculdade é extensiva a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não).

Agora, passemos aos médiuns de *efeitos intelectuais*. Entre outros, temos os seguintes:

Médiuns auditivos. — Ouvem a voz dos espíritos, umas vezes no íntimo do ser, outras vezes exteriormente, como se proviessem do exterior. Esta faculdade tem seu quê de agradável, mas também constitui verdadeiro martírio, quando se trata de espíritos obsessores que usam linguagem inconveniente.

Médiuns falantes. — Falam sob a influência dos espíritos. São conscientes, semi-conscientes ou inconscientes.

Médiuns videntes. — Têm a faculdade de ver os espíritos, quer em estado de vigília, quer em estado sonambúlico. Não vêem com os olhos do corpo, mas com os olhos da alma. Os próprios cegos podem ser óptimos videntes.

Médiuns inspirados. — Transmitem idéias sugeridas por espíritos, muitas vezes sem disso terem conhecimento.

Médiuns de pressentimentos. — São os que, em determinadas circunstâncias, têm vaga intuição de coisas futuras vulgares.

Médiuns proféticos. — São médiuns inspirados ou de pressentimentos que recebem a revelação de coisas futuras de interêsse geral.

Médiuns sonâmbulos. — São os que, no estado sonambúlico, têm a assistência de espíritos.

Médiuns extáticos. — São os que, em êxtase, recebem instruções ou revelações de espíritos.

Médiuns pintores ou desenhadores. — Pintam ou desenham, sob a influência dos espíritos.

Médiuns musicais. — São os que executam, compõem, ou escrevem música, sob a influência dos espíritos.

Médiuns escreventes. — Transmitem as comunicações através da escrita.

Êstes, quanto ao modo de execução, dividem-se em *escreventes mecânicos, semi-mecânicos, intuitivos, polígrafos, poliglotas* e *iletrados.*

Além destas variedades, há ainda médiuns *versificadores, poéticos, literários, históricos, científicos, médicos, religiosos, filósofos* e *moralistas.*

Isto é uma gôta de água no grande oceano da mediunidade. Quem quiser estudar a fundo a questão, veja «O livro dos Médiuns», de Allan Kardec, e outros, que fazem parte da imensa bibliografia espirita.

* * *

Entremos, agora, no Velho Testamento e vejamos se há por lá qualquer coisa que interesse ao tema dêste capítulo.

Comecemos pela *Génese* (1):

E o Senhor Deus chamou por Adão e lhe disse: Onde estás? Respondeu-lhe Adão: Eu *ouvi a tua voz* no paraíso e tive mêdo, porque estava nu; e por isso me escondi.

(Génese, III, 9-10)

Se Adão ouviu a voz do Senhor Deus, segue-se que era médium auditivo, porque, doutra forma, era impossível a comunicação.

A prática da mediunidade tem raízes nos tempos primitivos.

Jeremias, por exemplo, aguardou dez dias a resposta do Senhor:

E havendo-se cumprido dez dias, foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias.

(Jeremias, XLII, 7)

---

(1) Como já demonstrámos, a Bíblia não pode ser tomada absolutamente como revelação divina, pois reflete, passo a passo, as idéias de seus autores e o pensamento da época em que viveram.

Diz Benedito A. da Fonscca, no seu livro já citado «O Protestantismo e o Espiritismo»:

«Quando a Biblia diz que Deus se arrependeu de haver criado o homem (*Génese, VI, 6*), o escritor emprestou a Deus um sentimento puramente humano. Quando a Bíblia fala em ira de Deus, sabe-se que Deus não podia irar-se, porque Deus é o amor, Deus é a caridade. Quando a Bíblia diz que Jesus virá tomando vingança (*II Tessalonissences, I, 8-9*), o escritor traduziu os sentimentos humanos predominantes na época. Quando a Biblia recomenda o assassinato (*Levítico, XX, 27*), quando recomenda que Deus manda o espírito do êrro para enganar e perder as suas criaturas (*II, Tessalonissences, II, 11*) não se deve entender que isso seja revelação divina.

Havia necessidade de obter médiuns que pudessem entrar em relação com o invisível. Nesta conformidade, Moisés resolveu transmitir êsse dom a setenta anciãos, em pleno deserto.

Veio pois Moisés e referiu ao povo as palavras do Senhor ajuntando setenta anciãos de Israel os quais fêz estar junto do tubernáculo. E desceu o Senhor em a nuvem, e lhe falou, e tirando do espírito que havia em Moisés, deu dêie aos setenta homens. E tendo repousado neles o espírito, profetizaram e não cessaram de o fazer.

(Números, xi, 24-25)

Por vezes, usavam a música para facilitar a profecia e para expulsar os maus espíritos:

Assim, tôdas as vezes que o malígno espírito enviado pelo Senhor se apoderava de Saúl, David tomava a harpa e a tocava com sua mão, e Saúl sentia alivio e se achava melhor: porque então se retirava dêle o espírito malígno.

(I, Reis xvi, 23)

Neste passo, há uma frase muito interessante e que não sabemos como poderá ser explicada pelos nossos amigos católicos, os quais afirmam, *urbi et orbi,* que Deus amaldiçoa as sessões espiritas, visto que só o diabo e seus acólitos ali aparecem, umas vezes para obsidiar, outras vezes para enganar. Ora, no caso de Saúl, foi o próprio Deus que enviou o «maligno espírito», sendo necessário recorrer à música para o acalmar...

E mandai-me agora cá um harpista. E quando êste cantava ao som da harpa, foi a mão do Senhor sôbre Eliseu, e disse: Eis aqui o que diz o Senhor: Fazei várias poças pela madre desta corrente. Vós não vereis vento, nem chuva; mas esta madre se encherá de água e bebereis vós e os vossos servos e as vossas bestas.

(IV, Reis, III, 15 a 17)

Há muitos médiuns que exercem melhor as suas faculdades ao som da música. Conhecemos alguns que têm obtido importantíssimos fenómenos, em ambientes formados por canto coral ou solos de violoncelo. Não há nada como o música para dispor o médium ao trabalho. Tôdas as fibras do seu ser vibram em uníssono, atingindo, muitas vezes, perfeita sintonização com os espíritos desencarnados. Nessa ressonância psíquica é que se obtêm as melhores comunicações.

Continuando a folhear o Velho Testamento, depara-se-nos Sansão, outro médium que recebia a inspiração directamente da Divindade, segundo a crença dos seus contemporâneos. A violência da sua mediunidade era semelhante aos convulsionários hodiernos, tão conhecidos dos experimentadores:

E êles lhe responderam: não te mataremos, mas entregar-te-emos prêso. Ligaram-no, pois, com duas cordas novas, e tiraram-no do rochedo de Etão. E chegando ao lugar da Queixada, e saíndo-lhe ao encontro os filisteus com apupadas, caíu sôbre êle o espírito do Senhor: e como o linho costuma consumir-se ao cheiro do fôgo, assim quebrou êle, e desfêz as cordas com que estava ligado. E pegando na queixada de um jumento, que achou à mão, e que jazia ali, matou com êla mil homens.

«E sentindo grande sêde chamou ao Senhor e disse: Tu foste o que salvaste o teu servo e o que lhe deste esta grande vitória: eis agora morro eu de sêde e caïrei nas mãos dos incircuncidados. Abriu, pois o Senhor um dos dentes molares na queixada do jumento e sairam dêle águas e, bebendo delas, Sansão recobrou alento e recuperou as fôrças.

(Juízes, xv, 13, 14, 15, 18 e 19)

Há também inúmeros fenómenos de *transporte, levitação, escrita directa, vidência, irradiação* ou *exteriorização perispiritual,* etc., etc.

¿Que foram as *tábuas da lei,* senão escrita mediúnica obtida por Moisés?

¿E as terríveis palavras que apareceram no festim de Baltazar, escritas na parede da sala real?

Na mesma hora apareceram uns dedos, como de mão de homem que escrevia defronte do candieiro, na superfície da parede da sala do rei; e o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia.

(Daniel, V, 5)

Mane, Thecel, Fares, eis as palavras proféticas, que Daniel traduziu assim: *Mane* — Deus contou os dias do teu reinado e lhes pôs termo. *Thecel* — Tu foste pesado na balança e achou-se que tinhas menos do pêso. *Fares* — O teu reino se dividiu e foi dado aos médos e persas.

Aqui, houve fenómeno de aparição e de

escrita directa, tal e qual como nas sessões de Espiritismo.

¿E o maná que alimentou os hebreus no deserto?

¿E a água e o pão colocados aos pés de Elias?

¿Que foram, senão autênticos fenómenos de transporte?...

Elias lançou-se em terra e adormeceu à sombra do junípero: e eis que um anjo do Senhor o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. Olhou êle e viu junto à sua cabeça um pão cozido debaixo da cinza e um vaso de água: comeu, e bebeu e tornou a adormecer.

(III, Reis, XIX, 5-6)

¿E como foi Ezequiel transportado ao montão dos Trigos Novos, junto ao rio Cobar, senão por meio de levitação?

Também o espírito me levantou e me levou consigo; e eu me fui, cheio de amargura, na indignação do meu espírito; porém a mão do Senhor estava comigo confortando-me. E fui ter com os cativos, junto ao montão dos Trigos Novos, ajuntando-me com aquêles que moravam junto do rio Cobar, e assentei-me onde êles estavam assentados, e fiquei ali sete dias no meio dêles, todo melancolizado.

(Ezequiel, III, 14 e 15)

A aparição do Senhor a Moisés, na sarça ardente, foi um fenómeno luminoso provocado pela mediunidade do legislador hebreu:

E o Senhor lhe apareceu numa chama de fôgo, que saía do meio de uma sarça; e Moisés via que a sarça ardia sem se consumir.

(Exodo, III, 2)

Samuel era médium auditivo, como se vê no 1.º Livro de Reis:

E veio o Senhor e parou e chamou como tinha feito das outras vezes: Samuel! Samuel! E respondeu-lhe Samuel: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.

(I, Reis, III, 10).

E Moisés também...

E o som da buzina se ia aumentando cada vez mais e se fazia mais penetrante. Moisés falava e o Senhor respondia.

(Êxodo, XIX, 19)

José do Egito tinha o dom de adivinhar. Para isso, servia-se de uma taça de prata, tal como hoje os médiuns se servem da bola de cristal ou qualquer objecto pulido, para desenvolver a vidência:

A taça que furtastes é a mesma por que bebe meu Senhor do qual se serve para suas adivinhações.

(Génese XLIV, 5)

Com a mesma taça, José adivinhou os sonhos do Faraó:

Respondeu José: Esta é a interpretação do sonho: As três varas denotam que ainda restam três dias, depois dos quais se lembrará Faraó do teu ministério e te restituirá ao antigo emprêgo: e tu lhe darás a taça, conforme o teu ofício, assim como costumavas fazer antes.

(Génese, XL, 12 e 13)

A concentração e a prece serviam para desenvolver a mediunidade. Daniel provocou manifestações espiritas pela oração:

Quando eu, digo, ainda não tinha acabado as palavras da minha súplica, eis que o varão Gabriel, que eu tinha visto ao princípio da visão, voando ràpidamente, me tocou ao tempo do sacrifício da tarde e me disse: Desde o exórdio das tuas preces foi dada esta ordem; e eu vim para te descobrir tôdas as coisas, porque tu és um varão de desejos; tu, pois, toma bem sentido no que vou dizer-te e compreende a visão.

(Daniel, IX, 21 a 23)

* * *

Todos os profetas adivinharam, não obstante as decantadas proïbições. Adivinhou Moisés, Isaías, Malaquias, Ageu, Jeremias, Daniel, David, Joel e Zacarias.

Os profetas confundiram-se com os adivinhos, os sábios astrólogos e os encantadores. O próprio Moisés não se livra do epíteto, apesar das célebres proïbições do *Deuteronómio*. É o que se vê do seguinte passo, que vamos transcrever:

Respondendo, Moisés disse: Não me darão crédito, nem ouvirão a minha voz, mas dirão: O Senhor não te apareceu. disse-lhe, pois, Deus: ¿Que é o que tens na tua mão? Respondeu: Uma vara. Continuou o Senhor: Deita-a no chão. Deitou-a, ela se converteu em uma cobra, de sorte que Moisés fugiu.

(Êxodo, IV, 1, 2 e 3)

Quere dizer: Moisés fazia encantamentos e foi o Senhor quem o ensinou...

A lei perseguia os que prediziam o futuro, açoitando-os e maltratando-os, mas nunca conseguiu os seus objectivos.

Há coisas que podem mais do que as leis. Estas são feitas pelos homens; aquelas são impostas aos homens. Não pode haver luta entre o efémero e o eterno...

Moisés foi um grande médium. Disso deu testemunho ao receber o *Decálogo*.

Eis o que êle disse ao povo de Israel:

Deus falou-nos face a face no monte (refere-se ao monte Sinai), do meio do fôgo. Então eu fui o que entrevim como mediador entre o Senhor e vós, para vos anunciar as suas palavras; porque vós tivestes medo do fôgo e não subistes ao monte e êle disse:

«Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

«Não terás em minha presença deuses estranhos. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há no alto do céu, ou em baixo na terra, ou que está debaixo da terra nas águas. Não as adorarás e nem lhes prestarás culto. Porque eu sou o Senhor teu Deus.

«Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.

«Observa o dia de sábado para o santificares como o Senhor teu Deus mandou. Seis dias trabalharás; mas o dia sétimo é o de sábado, isto é, o dia do descanso do Senhor teu Deus.

«Honra teu pai e tua mãe.

«Não matarás.

«Não fornicarás.

«Não furtarás.

«Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

«Não cubiçarás a mulher do teu próximo, nem a sua casa, nem o seu campo, nem os seus servos, nem coisa alguma que lhe pretença.

(Deuteronómio, V, 4 a 21)

Estes mandamentos ainda hoje deviam encerrar tôda a Lei e os Profetas. Infelizmente, há muitos anos que foram modificados pelos homens.

* * *

Em face do exposto, parece-nos que não há motivos para condenar a prática da mediunidade. Ela foi exercida em larga escala por todos os profetas antigos. Nas comunicações por êles recebidas é que se fundamenta o Velho e o Novo Testamento.

Para terminar, permitam-nos que aventuremos as últimas transcrições. É fastidioso, mas é necessário, não vão os nossos adversários acoimar-nos de embusteiro.

Tomou, pois, Samuel o corno do óleo e o ungiu no meio dos seus irmãos: e daquêle dia em diante se comunicou sempre o Espírito do Senhor a David. O espírito porém do Senhor se retirou de Saúl e atormentava-o um espírito malígno, que o Senhor lhe enviou.

(I Reis, XVI, 13 e 14)

O anjo que falava em mim, voltou e me despertou, como a um homem a quem despertam do sono.

(Zacarias, IV, 1)

Então respondi eu e disse ao anjo que falava em mim: Meu Senhor, ¿que é o que quere isto dizer? E o anjo que falava em mim, me respondeu e disse: ¿Não sabes o que isto é?

(Zacarias, IV, 4 e 5)

E entrou em mim o Espírito depois que me falou e me firmou sôbre os meus pés; e ouvi o que me falava.

(Ezequiel, II, 2)

E me tomou o espírito e ouvi por detrás de mim esta voz de grande comoção: Bendita seja a glória do Senhor, que se vai do seu lugar.

(Idem, II, 12)

Também o espírito me levantou e me levou consigo; e eu me fui cheio de amargura na indignação do meu espírito; porém a mão do Senhor estava comigo, confortando-me.

(Idem, II, 14)

A Bíblia corrobora a doutrina espirita, mau grado as afirmações em contrário dos irmãos católicos.

Os espíritos são independentes e podem comunicar-se, quando lhes é permitido.

Deus não repudia os seres da criação, por mais hediondos e abjectos que se apresentem. Tudo tem o seu lugar nas leis morais.

O espírito que atormentava Saúl foi o Senhor quem lho enviou. Estava, portanto, com o Senhor e cumpria a sua evolução. Servindo de instrumento à tortura de Saúl, já fazia alguma coisa de benéfico ao progresso de ambos. Eis, porque tudo tem a sua utilidade, embora a nossa limitada inteligência não compreenda certos «absurdos» da natureza.

Ezequiel também era médium de efeitos físicos. Foi levitado e transportado.

Portanto, não há razões para ataques ao Espiritismo e aos nossos médiuns, porque a Bíblia, mesmo com suas contradições, está cheia de fenómenos, em tudo semelhantes aos que se obtêm nos trabalhos dos investigadores psíquicos.

Combater e negar a realidade dêsses factos, é combater e negar a realidade das Escrituras.

FIGURAS QUE PARTEM

GENERAL CABRAL DE QUADROS

No dia 28 de Fevereiro passado, desencarnou em Lisboa o general Arnaldo Costa Cabral de Quadros. Mais um valioso elemento que abandona a terra, de regresso à verdadeira pátria espiritual. A sua nobre figura deixou um traço de honradez em todos os caminhos que percorreu. Espirita da velha-guarda, foi um dos fundadores da Federação Espirita Portuguêsa, da qual se desligou depois da última Assembléia Geral dêste organismo, ao verificar que os

General Cabral de Quadros

seus actuais dirigentes se haviam apoderado do legado Firmino da Assunção Teixeira, sem dar satisfação aos legitimos beneficiários. Contribuiu para a construcão da séde própria e fez parte dos corpos gerentes até 1940, precisamente, quando se demitiu de sócio pelos motivos apontados.

Foi erudito conferencista, escreveu na Revista de Espiritismo *e era assinante de* Estudos Psíquicos, *desde o primeiro número.*

Envidou os melhores esforços para estreitar os laços entre Espiritismo e Teosofia, corrente filosófica em que também militou durante muitos anos.

Em 1930, escreveu um artigo na Revista de Espiritismo, *em que se podem lêr os seguintes parágrafos bastante elucidativos, quanto à sua maneira de ver e que é também a nossa:*

«Por mais que pense, não sou capaz de descortinar os pontos de discórdia entre Espiritismo e Teosofia. São duas correntes espiritualistas dignas de estudo, dos que estão ansiosos por conhecer a verdade.

«Não compreendo e razão porque as diversas correntes espiritualistas, respeitando-se mutuamente, não podem trabalhar unidas. As verdades fundamentais do Espiritismo são as verdades fundamentais da Teosofia e entretanto espiritas e teósofos olham-se com desconfiança, em vez de se unirem como irmãos. Tôdas as correntes espiritualistas são dignas de estudo, em tôdas há que aprender, tôdas tendem à descoberta da verdade».

Pertenceu também ao Tattwa Iniciação Hermética, *de Lisboa, ao* Instituto Espiritualista Português *e ao antigo Grupo Espirita Santa Isabel, cujas sessões freqüentou com assiduïdade, desde 1934 até ao fim, ali tendo assistido à identificação dos espiritos de Annie Besant e Maria O'neill, de quem era grande admirador.*

Como se vê, procurava harmonizar duas filosofias, por não encontrar nelas profundos antagonismos que impedissem mais nitida compreensão da verdadeira sabedoria e tolerância,

O saüdoso general Quadros ofereceu ao nosso Centro boa série de livros e revistas espiritas, gesto que reconhecidamente agradecemos.

O MESMERISMO

Nós, que sabemos o éter atravessado de vibrações e de ondas invisíveis e que acreditamos convictos de que no cosmos residem inúmeras fôrças ainda desconhecidas e sem utilização, não temos verdadeiramente a audácia de rejeitar levianamente a concepção de que do nosso corpo e dos nossos nervos se desprende um fluido chamado «magnético» por Mesmer, nem de sustentar que as relações de indivíduo para indivíduo não são registadas por um princípio activo semelhante ao «magnetismo animal». ¿Pois o corpo humano, que dá à pérola morta o seu brilho e o seu clarão, não há de irradiar vibrações de calor e de luz, acalmando ou excitando os nervos de outrem? Porque não há de haver entre as almas e os corpos atracções e repulsões secretas, correntes e contra-correntes? ¿Não há simpatias e antipatias de indivíduo para indivíduo? ¿Quem ousará hoje, nesse campo, pronunciar um sim ousado ou um não insolente? Talvez a física, trabalhando com aparelhos sempre mais aperfeiçoados, prove amanhã que, o que nós agora consideramos onda puramente psíquica, represente efectivamente uma substância, onda de calor visível, elemento químico ou eléctrico, energia ponderável e mensurável e que nós possamos tomar a sério o que os nossos avós julgavam uma loucura.

É possível que a idéia de Mesmer sôbre a irradiação criadora da alma tenha o seu regresso, visto que, no fundo, a ciência apenas é a realização incessante de velhos sonhos da humanidade.

Stefan Zweig — «A Cura pelo Espirito»

N.º 22, Mar/Abril/43

M/ab/43

O ESPIRITISMO EMANCIPADOR DA MULHER

por Haydi de Tebelen

III

A mitologia, simbolizando na mulher a graça e no homem a fôrça, parece ter querido uni-los para estabelecerem a harmonia na espécie humana. Contudo, a luta mantém-se através dos tempos, até aos nossos dias: E nêsse sentido muito se tem escrito sôbre as diferenças fisiológicas, psicológicas e morais da mulher, base em que se apoiaram os seus detractores para a pretensa inferioridade de que a acusam. A meu vêr ela existe de facto, na educação que sistemàticamente lhe é dada desde há séculos. Nestas condições, creio prejudicial o hábito de se usarem duas educações distintas: uma para raparigas, outra para rapazes. Estes devem ser turbulentos, arrojados, fortes, moral e fisicamente. É-lhes proïbido demonstrarem a sua sensibilidade pelas lágrimas ou outras manifestações sentimentais — impróprias do sexo forte! Além de que o rapaz tem a livre escôlha de todos os desportos e de tôdas as profissões. A seu lado, a rapariga deve contentar-se em ser deliciosamente frágil, e ela terá um extraordinário encanto se der provas duma certa timidez. Ao contrário do que acontece aos rapazes, permite-se às raparigas usarem e abusarem das lágrimas — que, segundo dizem os poetas — embelezam a mulher! Êste género de educação é bem antiquado, mas infelizmente ainda muito usado nalguns países, enquanto na América, na Inglaterra, na Alemanha, e nos pequenos países anglo-saxões, a mulher é educada para ser física e moralmente mais forte.

A tão apregoada fraqueza física feminina, não tem impedido que durante séculos, tanto na velha Europa como nas raças do Norte, Centro e Sul da África, na Ásia e na Índia, a mulher tenha sido destinada para trabalhos bem rudes. Em muitas regiões europeias, ela colabora ao lado do homem nos trabalhos agrícolas, e à noite, de volta ao lar, ainda se ocupa dos arranjos domésticos, enquanto o seu companheiro repousa. Em Portugal, a mulher, além do trabalho agrícola, também exerce a profissão de descarregadora. As moiras e berberes labutam nos campos, com o filhinho às costas, enquanto o seu senhor e dono, algumas vezes passa o tempo jogando as cartas, ou fuma o *kil* tranqüilamente deitado numa esteira.

Não exagero o emprêgo da palavra *dono*, pois que, em 1916, vi às portas de Casabranca — Marrocos — um burro a lavrar, e, com êle puxando o arado — uma moira que lhe servia de dianteira com os arreios passados ao pescôço!

Na raça amarela e na raça negra, ela não é menos desditosa, quando trabalha nas plantações, onde exerce grande actividade, mesmo durante a gravidez. E apenas a criança nasce, quási sempre rodeada de cuidados rudimentares, passados dois ou três dias a mãi retoma o trabalho com o bébé às costas. É bem conhecido também o facto de terem existido, em certas povoações da África, tríbus de amazonas que faziam a guerra, enquanto os homens se ocupavam da cozinha. Na Rússia, em várias épocas se formaram regimentos de amazonas prontas a defenderem os seus lares ameaçados pelos bandidos.

O sábio Samuel Smilles disse uma vez: — «O mundo deve muito à coragem dos homens e das mulheres. Não fazemos alusão à coragem militar, mas à coragem silenciosa dos esforços e das emprêsas — essa coragem que tudo suporta pela verdade e pelo cumprimento do dever. Ela é bem mais heróica que a dos feitos de valor físico, os quais são recompensados com títulos e honras ou com louros, algumas vezes manchados de sangue.

«A coragem moral caracteriza o equilíbrio da virilidade nos dois sexos. A coragem de procurar e de dizer a verdade; de ser justo e honesto; de resistir às tentações, e a coragem de cada um cumprir o seu dever».

«As mulheres — diz êle mais longe — são cheias de ternura e de bondade; nunca se mostraram inferiores ao homem, fazendo prova duma coragem inflexível. Smilles cita o exemplo de Ana Askew, de Latiner, Rid-

dley, e de Maria Dyer, célebres pela sua coragem durante as torturas a que foram submetidas. A educação da coragem, diz êle mais adiante, não é considerada como fazendo parte da educação feminina. O homem gosta de encontrar na mulher a *inferioridade* — tímida e dócil, quando ao contrário êle deveria desejar a mulher educada na coragem, de maneira a torná-la mais valorosa, confiante em si mesma, principalmente mais útil e feliz».

Diz ainda o mesmo sábio: — «Na doença como na desgraça, ninguém tem mais valor e menos queixumes do que a mulher. A coragem feminina nem sempre é passiva. Levadas pelo afecto ou pelo dever, elas são por vezes verdadeiras heroínas.

«Quando os conspiradores quiseram assassinar Jaime II da Escócia, e entraram no palácio de Perth, o rei pediu auxílio às damas que se encontravam na outra sala, para guardarem a porta, durante o tempo que lhe fôsse preciso para poder fugir. Os conspiradores tendo de ante-mão destruído tôdas as fechaduras, não puderam fechar nenhuma porta à chave. Corajosamente, Catarina Douglas pôs o seu braço a servir de trave à porta. A tranca tinha sido expressamente retirada e quando os conspiradores, forçando a porta, lhe partiram o braço, as damas desarmadas diante dos punhais tentaram ainda resistir. A valente Charlotte de la Trémouille, a digna descendente do almirante Coligni, defendeu a sua casa durante ano e meio, suportando um cêrco de três meses, resistindo ao bombardeamento, da maneira mais brilhante e heróica».

Brites de Almeida, Filipa de Vilhena e tantas outras que generosamente contribuiram para o bem-estar de muitos povos, apesar de mulheres, não ficaram esquecidas, e os seus nomes perduram envoltos na gratidão justa e merecida que lhe consagram aquêles a quem elas de dedicaram.

¿Quantas outras, heroínas desconhecidas, não contribuiram para os louros que coroaram grandes homens, que sem o seu concurso nunca atingiriam a celebridade?

* * *

É indiscutível que em todos os tempos a mulher exerceu sempre a sua influência, directa ou indirectamente, tanto na política como nas artes, nas ciências, nas letras e mesmo nas religiões. Neste campo, ¡quantas lutas, quantas mudanças não operou ela nas sociedades, desde Jesabel, filha de Ethbaal, rei de Tyro, introduzindo em Israel os cultos de Baal e Astaroth, e levantando-lhe templos, até à rainha Isabel, a *Católica*, de Espanha, instituíndo no seu reino o lúgubre tribunal da Inquisição! Contudo, esta predestinada princesa teve um áureo reinado, e engrandeceu a sua pátria.

O seu nome brilha entre os mais ilustres soberanos de Espanha.

Foi espôsa amantíssima e sempre que podia orgulhava-se de o patentear, tendo para com seu espôso, o rei Fernando, as mais delicadas atenções, mesmo em assuntos de estado, que nunca resolvia sem o consultar.,

Ao contrário, Isabel de Inglaterra preferiu ficar solteira para ser simultâneamente *rainha e rei*. Esta outra grande soberana solucionou vantajosamente para o seu país grandes problemas políticos e religiosos. Nestas lutas, sem perder a sua habitual serenidade, Isabel dirigiu-se ao exército e, em frases elevadas falou aos soldados, comprometendo-se a morrer com êles no campo da batalha, para não vêr a ruína e a escravidão do seu povo. Cabe-lhe a glória de ter dado um poderoso impulso à marinha inglêsa.

Não foi menor o auxílio que deu ao comércio e à indústria. Consolidou as leis da sua pátria, aperfeiçoou o serviço da polícia, combateu o luxo inútil, desenvolveu as belas-letras e as belas-artes. Reinou 44 anos, e pena foi que o brilho do seu reinado tivesse sido ofuscado pela morte de Maria Stuart, outra rainha célebre pela fatalidade por que ficou conhecida na história. Ninguém ousará negar a influência de Catarina de Médicis na política da França, assim como a de Ana de Áustria. Nas épocas da Fronda, Joana Hachete e depois a duquesa de Longueville, e a jovem princesa de Condé, mulher do grande Condé e sobrinha de Richelieu, aliam-se com os grandes e atacam violentamente o ministro Mazarino. A própria filha de Condé, Mademoiselle de Mompenier, arranca a seu pai a autorização para ir ter como os magistrados municipais, ameaça arrancar as barbas e matar o próprio marechal de l'Hopital, governador de Paris. Como Mazarino triunfasse, «Mademoiselle» — assim era designada esta destemida francesa, — sobe às tôrres da Batilha, manda voltar as peças contra o exército do rei, e, segundo se diz, chegou o morrão à primeira peça. A mulher francesa tem sempre exercido um grande domínio na família e na sociedade, e esta influência vem-

Bibliografia

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO, por *Fred Wachsmann*. Edições Couto Martins.—Lisboa, 1943. Pag. 525.

ACABA de sair do prelo uma obra filosófica importantissima, a que já tivemos ocasião de nos referir em breve comentário. Podemos dizer que veio na hora própria, quando a morte exerce acção devastadora em todos os continentes, levando o homem a meditar no grande problema da sobrevivência.

Depois de resumir a astronomia moderna e as mais recentes concepções de matéria e energia; depois de resumir a genética e todos os sistemas filosóficos, o autor apresenta uma filosofia muito sua que abrange os problemas cosmológicos, os problemas da origem, natureza e evolução da matéria, da origem do homem, da vida, da alma e do espírito, que, — em seu dizer — leva a tôda a parte a vida consciente. Expõe também teorias originais àcêrca do problema do conhecimento, da origem dos primeiros princípios, do problema moral, do espaço-tempo, substituíndo a idéia antropomórfica de Deus pela Realidade Absoluta, isto é, por um pan-espiritualismo energético monista em contínua evolução. Combate os sistemas anti-religiosos e o materialismo positivista, bem como o idealismo filosófico integral (solipsismo), e adapta as teorias racionalistas platónicas e espiritualistas a uma filosofia esotérica que nada tem de mística, visto que se ajusta perfeitamente às concepções modernas da Física clássica.

O livro termina, apresentando uma nova psicologia tendente à evolução espiritual progressiva, que é «a tendência contínua do Universo para o equilíbrio instável de fôrças movimentadas e aparentemente antagónicas», donde ressaltam as faculdades da alma, sobretudo na educação, na escôlha da profissão e na medicina futura, fundamentada nas três colunas principais: *naturoterapia*, com inclusão do magnetismo animal, *astrologia* e *clarividência*, que exige uma escola experimental e teórica.

Embora discordando de algumas afirmações do autor, não podemos negar-lhe sólida cultura e vontade indomável de extrair incógnitas no emaranhado das proposições filosóficas que enfrentou com engenho e arte. Reconhecemos, igualmente, haver prestado altos serviços ao Espiritismo, no momento em que os nossos adversários terçam armas desleais, em combates negativos e esterilizantes.

Estamos convencidos de que esta obra exaustiva originará polémicas e mais uma vez a nossa doutrina será honrada com ataques providenciais semelhantes aos que, últimamente, lhe vibraram as mais variadas gentes dêste rincão lusitano.

Não só os espiritas devem ler esta obra, mas todos os espiritualistas em geral, porque ela aproveita os argumentos materialistas e positivistas para melhor firmar as prerrogativas do Espírito e, conseguintemente, chamar a atenção dos intelectuais para o Espiritismo.

Ao Dr. Fred Wachsmann, que durante perto de três anos acompanhámos na elaboração da obra, apresentamos as mais cordiais felicitações, fazendo votos para que, noutros trabalhos, estude novas facetas do Neo-espiritualismo.

Ao nosso confrade Couto Martins cabem, sem dúvida, justos louvores neste empreendimento. Só a sua fé inabalável, e a sua dedicação sem limites permitiriam a publicação duma obra de largo fôlego, como ainda se não escreveu outra em Portugal. O Espiritismo fica-lhe devendo mais êste inestimável serviço.

-lhe do culto que lhe dedicam os seus companheiros, desde a antiga Gália.

A infeliz Maria Stuart, Isabel de Inglaterra, as duas Catarinas da Rússia e a imperatriz Maria Terêsa de Áustria, em seus defeitos e virtudes demonstram que na vida política a mulher é exactamente o mesmo que o homem.

— A história repete-se em tôda a parte, e, seja qual fôr a nação, as suas heroínas provam saber sacrificar-se e morrer estoicamente ao lado do chamado sexo forte.

Na agitada época da Revolução Francesa, ¡quantas provas maravilhosas de inteligência, firmesa de carácter e altruísmo!...

Nessas horas trágicas, passou a mulher perante o código como cidadã e os poetas que a tinham cantado como fada do lar, transformaram-se em iníquos juízes e carrascos que a condenam e executam na guilhotina, em condições idênticas às do homem.

São tão incoerentes como degradantes as apreciações que se fazem da mulher.

Conforme convém, fazem dela um ser fraco e irresponsável; portanto, sem capacidade para a vida pública. Ou então é consciente e, nestas condições, sujeita a tôdas as cláusulas do Código Penal.

Por isso, considero cada vez mais justa a célebre frase de M.me Roland, ao subir ao patíbulo: — «Liberdade! ¡Quantos crimes se cometem em teu nome!...

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Espantosa premonição de um médium

Segundo conta o *Phychic News*, Bertha Harris deu há tempos uma notável sessão de clarividência na sede da *Marylebone Spiritualist Association*. relativa a um caso de rua que veio a suceder, com todos os pormenores por ela revelados.

Estava presente H. Gilroy, de Mitcham, Surrey. A médium, que ignorava inteiramente as circunstâncias de Gilroy, disse que o vira ligado a um acidente fatal em que a vítima era uma senhora idosa. Gilroy negou, dizendo que nunca estivera envolvido em tal acidente.

— Eu vejo-o ligado a uma série de acidentes — continuou a médium.

Gilroy disse então que trabalhava em ligação com transportes mecânicos e que já assistira a mais de 150 acidentes.

Depois, a senhora Harris descreveu uma secção da estrada de Brixton, no Sudeste de Londres:

— Lobrigo uns poucos de estabelecimentos, próximo dos quais há uma taberna. Vejo também uma senhora idosa que se encontra na estrada ao lado de um barco de fundo chato. É um estranho barco, parecido com com os berços de vime e os carrinhos de criança e está vazio. Não compreendo isto, pois não vejo criança alguma.

Gilroy aceitou a descrição da estrada, apesar de ignorar os incidentes que ali tivessem ocorrido, pensando que talvez fôsse coisa que tivesse presenciado e esquecido.

Mas Gilroy estava enganado. O incidente ocorreu exactamente no sítio indicado.

— Eu estava lá nesse momento — explicou Gilroy — e consegui obter uma ambulância.

Após seis ou sete dias, o *South London Press* publicava o seguinte relato, em artigo de fundo:

«Puxando uma velha cadeirinha desengonçada, com carvão e hortaliça à frente, uma mulher de sessenta anos saía da taberna de uma paragem de veículos do exército e esbarrou com uma carroça de carvão. O acidente deu-se na estrada de Brixton, perto de Ingleton Street.»

Esta rua passa junto dos estabelecimentos indicados pela clarividente, em frente da taberna do Cavalo Branco.

A «velha cadeirinha» concorda com a referência da médium: «um estranho barco, parecido com os berços de vime e os carrinhos de crianças».

O facto de levar à frente carvão e hortaliça, explica o motivo porque a médium não pôde ver se nêle seguia alguma criança.

A idade da mulher é que era de 72 anos, não de 60, como indicou o jornal. Quanto aos restantes pormenores, eram todos exactos.

Outra notável analogia entre o acontecimento previsto e a ocorrência é dada pela testemunha principal, no decorrer das averiguações:

— A mulher estava ali parada e o «barquito» direito e vazio.

Estas palavras condizem perfeitamente com as da mensagem dada a Gilroy.

— O facto — diz êle — é que não houve na descrição um só pormenor que não tivesse acontecido. Os factos resistem a tôdas as provas».

«As lendas da guerra e o seu fundo sobrenatural»

Ugo Maraldi escreveu um interessante artigo no *Corriere della Sera*, de Milão, subordinado ao título «As lendas da guerra e o seu fundo sobrenatural», que foi transcrito pela *Vida Mundial*, de Lisboa. É digna de louvor a atitude de Maraldi, quando escreve:

«Convém ser prudente, evitando negar um facto pela única razão dêle estar em contacto com a vida normal e de não estarmos em condições de o explicar». Assim deviam fazer todos aquêles que têm responsabilidade mental e literária.

Embora, pela sua extensão, se não adapte muito bem à índole desta Crónica, queremos arquivá-lo, que mais não seja, para renovar um tema e fixar um escritor. Segue o artigo:

Quási no fim da outra grande guerra, quando provisòriamente estava adido ao comando dum campo de prisioneiros, ouvi falar à mesa duma estranha aventura, sucedida a um cabo e a dez soldados austríacos, aprisionados poucos dias antes. Despertada a minha curiosidade, pretendi conhecer mais pormenores, pelo que interroguei directamente os interessados. O cabo, que se exprimia bastante bem em italiano, contou que, juntamente com os seus companheiros, durante um violento ataque das tropas italianas, tinha ficado encerrado no subterrâneo dum antigo convento abandonado e transformado, depois, em observatório de artilharia. Um obus italiano tinha provocado o desmoronamento da parte superior do edifício e tôdas as saídas tinham ficado obstruídas, pelo que o cabo e os seus companheiros chegaram a perder a esperança de voltar a ver a luz do dia.

Depois de inúteis tentativas, os bloqueados acolheram-se a um angulo do subterrâneo, aguardando, desiludidos, a morte. Cada um dêles pedia um milagre. Inesperadamente viram surgir um frade da sombra, que se dirigiu para o grupo. Era muito velho, mas o seu olhar era estranhamente brilhante. Indicou um ponto na parede, entre duas lápidas, e disse aos soldados austríacos que escavassem.

Sem inquirir se tinham na sua frente um homem ou um fantasma, com os poucos utensílios de sapadores que possuíam ainda, começaram a escavar febrilmente. Três horas depois, a parede estava em terra e os prisioneiros tinham o caminho livre. Quando se dispunham a agradecer ao seu salvador, verificaram que êste tinha desaparecido misteriosamente.

O graduado austríaco, que narrou êste facto extraordinário, revelava certa cultura. Entre os seus companheiros encontravam-se alguns camponeses, um comerciante e um estudante. Todos confirmavam a autenticidade do facto e descreviam da mesma forma a figura do misterioso monge, os seus gestos e o timbre da sua voz, excluíndo categòricamente tôda a possibilidade de alucinação. Demais — acrescentaram — nenhum de nós poderia jamais descobrir o caminho livre através da parede, para sair daquela tumba.

¿Que se deve pensar dum caso dêste género? Crer? Duvidar? O bom senso aconselha a não aventurar juízos com antecipação. Não existe nenhum fundamento sério para considerar falsa esta aventura e admitir a autenticidde doutras semelhantes. A crítica histórica nunca se pronunciou abertamente contra o elemento sobrenatural, que sempre aflora e com o tempo se reforça, à margem da História.

É possível notar, entretanto, que as lendas de guerra não se limitam à antigüidade ou à Idade Média. A incredulidade e o cepticismo do século dezanove não eliminaram o sobrenatural nem espantaram os fantasmas que, ao que parece, não estão dispostos a abandonar o nosso mundo.

São surpreendentes as exactas descrições de alguns historiadores do tempo, que narram a aparição da Cruz a Constantino, as visões de Juliano, a descida, das nuvens, de legiões de anjos armados com espadas flamejantes em auxílio dos Cruzados. Joana de Arc, inspirada na solidão de Domremy pelas vozes dos santos e impressionada por visões celestes, circundadas de luzes ultraterrenas, foi votada à morte sob a acusação de ter pacto com ocultas forças demoníacas, mas o seu processo concluiu-se cinco séculos depois com o triunfo nos altares.

Depois de sangrenta batalha travada no México contra numerosas hordas de índios, os soldados espanhóis de Cortez declararam, sob juramento solene, confirmado, ainda, pelo fidalgo Bernardo Diaz, homem céptico e pouco atreito a sugestões, terem visto repentinamente, quando estavam para ser chacinados, um cavaleiro revestido duma luzente armadura, irreconhecível, lançar-se a galope contra os índios. Dado que alguém, nas fileiras espanholas, tinha invocado S. Tiago, padroeiro das seculares ordens de cavalaria, todos acreditaram que o Santo tivesse ouvido a invocação e baixasse à terra para os salvar. Entre gritos de entusiasmo, foram reconquistadas as linhas, e a batalha, que parecia perdida, terminou com a vitória dos espanhóis.

Outras vezes são os espíritos dos heróis caídos no campo da batalha, que intervêm. Assim, o general Miscic, comandante dum corpo de exército sérvio, durante a guerra contra os turcos, em 1912, referiu nas suas

memórias que a vitória de Monte Prilep, no cume do qual se alcandorava o castelo do lendário herói, Marco Cralievic, foi certamente obtida por intervenção sobrenatural. O referido general havia experimentado angústia mortal, ao verificar que os seus homens, contràriamente às ordens recebidas, se tinham lançado, com fúria insensata, contra as poderosas linhas turcas. Marco Cralievic deu ordem para avançarmos — declararam os soldados ao seu chefe, depois da vitória. Montado no seu cavalo, gritava: «para a frente!» Quando fui recebido pelo rei Pedro — concluí o general sérvio — pensei que não me era devido o galardão, mas a Marco Cralievic.

Mais próximo, agora, do nosso tempo, verificaram-se outros casos, não menos surpreendentes. Uma grande cruz apareceu ao arquiduque Fernando de Áustria na noite anterior ao início da fatal viagem a Serajevo. Em 19 de Novembro de 1914, dezenas de milhares de soldados russos afirmavam ter visto o herói Scobeleo — famoso «general branco», dos cossacos, morto em 1882 — colocar-se à frente dos exércitos com a espada desembainhada, para salvar a santa Rússia.

Além destas, entre as mais vulgarizadas, muitas outras poéticas lendas são descritas nas narrativas de guerra de todos os países e, especialmente, nas dos povos nórdicos. E já que o elemento sobrenatural, sob o véu da lenda, existe já à margem da verdadeira História, resta tentar submetê-lo à análise crítica. Para isso pode-se recordar o pensamento dos grandes escritores e poetas, manifestados através das suas obras. É bem raro que as personagens de lendas sejam apresentadas com objectivos de zombaria ou intuitos humorísticos. Semelhantes personagens, quer sejam espíritos invisíveis ou espectros, exprimem freqüentemente conceitos de ordem superior, falam com sabedoria, aconselham, admoestam, desvendam o futuro e são isentos dos defeitos da natureza humana. Heródoto, Tucídides e Tito Lívio, incluíram o sobrenatural nas suas narrativas e Ariosto, Shakespeare e Goethe consideraram-no como elemento inelutável dos destinos humanos.

A crítica mais simples descobre ràpidamente o ponto fraco do problema: — a fantasia dos combatentes. Poder-se-ia, porém, dizer muita coisa acêrca dêste aspecto. Durante o período que precede a batalha, o soldado pode comparar-se a um acumulador carregado. A energia potencial atingida pelo sistema nervoso descarrega-se na emoção, na atalaia enervante, na ansiedade prolongada. Um excessivo dispêndio provoca o esgotamento. Apenas entrado na batalha, o alto grau da tensão nervosa irrompe com violência em todo o combatente.

A descarga pode efectuar-se com efeitos de exaltação, de coragem ou mêdo. Dá-se então uma crise nervosa da massa, que diminui cada perigo e tende a superar cada obstáculo. Não é de causar grande admiração se, em tais circunstâncias, bem diversas das habituais, se estendam os contactos do espírito além dos habituais limites da vida normal. Estar próximo da morte não significa apenas um encurtamento de distâncias no tempo, mas também estar em estreita vizinhança física com o mistério iminente. Possivelmente, começa-se já a estabelecer qualquer invisível ligação, no que se dispõe a morrer, entre o mundo que se está para abandonar e aquêle em que se pode entrar dum momento para o outro. Nesses momentos supremos, que só o combatente conhece bem, têm-se, por vezes, revelações de coisas muito afastadas. ¿Quem pode, pois, definir, em tais condições, as fronteiras nítidas entre a realidade e a fantasia?

Acontece, em definitivo, que pensamentos, vontades e impulsos da massa se ajustam em resultantes imprevistas, que ao exame crítico aparecem infalìvelmente dirigidas, segundo os instintos primitivos da raça. Excepção feita em relação a algumas manifestações de carácter divino, acêrca das quais se pronunciaram já os tribunais competentes, é desta maneira que se podem explicar em parte algumas das lendas de guerra, recordando, ao mesmo tempo, que a ciência parece hoje disposta a admitir a existência de influências psíquicas como fôrças reais e também «misteriosas».

¿Crer, pois ou não crer? In medio stat virtus... Convém ser prudente, juntando à atitude de dúvida o grave êrro de negar um facto pela única razão do mesmo estar em contraste com a vida normal e de não estarmos em condições de a explicarmos.

Notas & Comentários

Mau critério

O nosso colaborador Faure da Rosa foi ao Pôrto realizar uma conferência que, por sinal, esteve muito concorrida e deixou a melhor impressão nos ouvintes. Mas quando se tratou de transmitir ao público o resumo daquêle trabalho, os jornais portuenses demonstraram o mais estreito critério, não albergando nas suas colunas a inocente notícia.

Êste facto é curioso e lamentável. Curioso, por vermos que as grandes emprêsas jornalísticas não servem, em regra, o que dizem servir. O que elas servem, afinal, e muito bem, é o seu interêsse particular e o dos seus amigos; lamentável, porque o povo é quem compra os jornais, paga os anúncios e sustenta as emprêsas, sendo, além disso e como prémio de consolação, obrigado a ler o que os magnates lhe impingem.

Não está certo. ¿ Como podem alguns cotidianos reflectir a opinião pública séria que compreende a miséria moral de certo jornalismo de compadrio, incapaz de atitudes erectas, porque a espinha se lhe arqueou à nascença ?

Estando no seu direito de não servir o Espiritismo, faltaram ao seu dever de informar os leitores, muitos dos quais são espiritas militantes.

Além de que o Espiristimo não necessita de favores, o que não sucede a outras ideologias que tocam a sineta para dar nas vistas. O Espiritismo impõe-se por si próprio e os seus adversários têm-se encarregado de lhe fazer a propaganda.

Podem continuar na conspiração do silêncio, que nem por isso os fenómenos desaparecerão das suas colunas, embora deturpados e achincalhados. Os espíritos far-se-ão ouvir sempre, obrigando os «conspiradores» a falar... sem saber o que dizem. E quantos dêles falam, para não estar calados, julgando estar em terra de cegos, ao pé dos quais os míopes são homens de... largas vistas! Por mais que imitem Josué, o Sol não obedece ao seu gesto infantil...

A crise da imprensa

Como é do conhecimento de todos, o preço dos jornais aumentou vinte e cinco por cento e os anúncios quarenta ou cinquenta. Ao mesmo tempo, foram publicadas as novas tabelas de salários mínimos, devido aos contratos colectivos de trabalho entre as tipografias e as emprêsas jornalísticas.

Estudos Psíquicos não pôde libertar-se da crise, cujas rodas dentadas esmagam as pequenas publicações, tornando-lhes quási impossível a existência. Viu-se, pois, na necessidade de onerar em vinte por cento o preço de asssinatura, mantendo, porém, as 32 páginas de texto.

Como se diz noutro lugar dêste número, vamos lançar a revista mensalmente, esperando que todos nos auxiliem na medida do possível. O maior benefício que nos podem prestar é angariarem-nos novos assinantes, já que não inserimos anúncios, donde nos poderia vir receita compensadora.

A assinatura anual de *Estudos Psíquicos* passou, portanto, de 15 para 18 escudos, não incluindo despesas de cobrança Mas, apesar dêste aumento, ainda é a revista espirita mais barata que se publica em Portugal, atendendo ao seu variado e extenso conteúdo.

Nova editora espirita

O *Mundo Espirita* de 23 de Outubro de 1942, traz-nos a notícia da organização de nova editora espirita, intitulada *A Sociedade Editora de Livros de Kardec*, cujo fim é baratear as obras fundamentais do Espiritismo, afastando os intermediários, que «se locupletam com os descontos e vantagens que montam a 50 % do preço bruto, sem riscos nem empate de capital, sendo o consumidor o prejudicado», no dizer do *Manifesto aos Espiritas* publicado pela comissão organizadora daquela emprêsa, que se propõe imprimir inicialmente livros de Allan Kardec, na tradução do velho propagandista António Lima.

O seu programa consiste em criar um fundo para custear as edições e vendê-las aos interessados «sem um real de lucro» e para isso admite sócios de várias classes e cria um Cofre de Propaganda, cujos donativos constituïrão o Fundo de Previdência destinado a custear a despesa com a remessa de livros a confrades pobres e até a oferecê-los gratuitamente, quando possível.

Todos os volumes serão cartonados e custarão cêrca de 7 mil reis brasileiros.

Assinaram o Manifesto os seguintes confrades: Presidente — António Lima, perito-contador diplomado; Secretário, Tito de Sousa Melo, contabilista; Tesoureiro — José Fernandes Machado; Procurador — Abel Costa Melo, comerciante.

Achamos altamente simpática a iniciativa desta Sociedade. Com efeito, o negócio do livro atingiu proporções que bem podem taxar-se de escandalosas. Não sabemos o motivo porque um livro vulgar de 300 páginas, editado em S. Paulo, é vendido em Lisboa por 32 escudos. *Trinta e dois escudos*! Isto convida o povo ao analfabetismo. Ou viver analfabeto, ou ficar sem a bôlsa ou a vida, como sucedia nas encruzilhadas, nos ominosos tempos de Diogo Alves...

A maioria dos editores destroem a cultura, em vez de a estimularem, como era seu dever. Por isso, exemplos como êste são sempre recebidos com agrado por quantos prezam a dignidade humana e não estão dispostos a pactuar com os «*Vampiros da inteligência*».

Uma teologia verdadeira deveria fornecer os princípios de tôdas as ciências; e só será a ciência de Deus, se mostrar a unidade e o encadeamento das Ciências da Natureza.

Ed. Schuré

Por êsse mundo...

Um caso estranho — Perda da personalidade

O caso passou-se em Budapeste. Iris Farzzady cai gravemente enferma e desperta após longo período de inconsciêneia, mas despojada da sua personalidade de jovem húngara, para adquirir a de uma camponeza espanhola chamada Lucia Alvarez de Salvio.

Êste facto é verificado por muitos cientistas e causa enorme sensação, como é natural.

Iris, agora Lucia, esqueceu a língua materna e só conhece os seus pais, passando a exprimir-se num idioma espanhol que ela ignorava inteiramente.

E Lucia Alvarez de Salvio começou a reclamar o seu marido e os seus 14 filhos...

No fim de dois anos de exame rigoroso, as sumidades médicas da Europa central chegaram à conclusão de que estava excluída a fraude, embora não pudessem determinar ainda as causas dessa transformação psico-patológica.

Iris Lucia veste à espanhola e passa horas a dançar a *jota*.

Foi a um cinema onde se exibia uma fita de actualidades, com aspectos da guerra de Espanha, e começou a gritar:

—Meu Deus! ¡A rua às escuras, em ruínas! Paulo, meu filho! Onde está o Paulo?

Os familiares de Iris Lucia pensam levá-la em breve à sua nova pátria. Vai ser interessantíssima essa nova experiência.

(De *Alvorada de uma Nova Era*)

O defunto que protesta...

Um dia, certo coveiro do cemitério católico de Varsóvia vai a casa do rabino e declara-lhe que vira em sonho um soldado morto, o qual lhe pediu que informasse a comunidade israelita de que êle, judeu, fôra por engano enterrado entre católicos. A questão despertou grande interêsse na sinagoga e provocou uma conferência de rabinos, afim de se estudar o caso e procurar a melhor solução.

Durante a conferência, apresenta-se uma pessoa a pedir que seja introduzida na sala e a declarar o seguinte:

— A noite passada tive um sonho em que me apareceu um filho soldado e cujo paradeiro há muito tempo ignorava. Agora, pediu-me que o ajudasse, porque tivera a infelicidade de ir repousar num cemitério cristão.

Como houvesse analogia entre os dois relatos, os rabinos continuaram a investigar e descobriram que o soldado morrera dois anos antes, no hospital militar de Czenstochan. Não possuia bilhete de identidade. Só existia um papel com o seu nome e por isso foi enterrado como cristão.

Obtida a prova absoluta de que o soldado era o filho da israelita queixosa, as autoridades permitiram a exumação do corpo. Realizaram segundo entêrro, com ritual judaico, num cemitério em que o «protestante» deveria finalmente encontrar a felicidade, entre os outros mortos da sua crença...

(De *Harbinger of Light*)

No túmulo de Pio X

O *Correio da Manhã* de 16 de Abril de 1942 publicou o seguinte telegrama:

BERNA, 15 (Reuter) — Um despacho de Roma relata a cura milagrosa de um jovem italiano operado pelo falecido papa Pio X. Segundo essa noticia, um operário cujo filho se encontrava gravemente atacado de tuberculose, estava a rezar no túmulo de Pio X, quando ouviu uma voz dizer:

— Levanta-te. Teu filho há-de curar-se.

Ao mesmo tempo, uma fôrça misteriosa o obrigava a estar de pé. Não obstante, continuou a rezar, julgando-se vítima de auto-sugestão. Duas horas depois, a saúde de seu filho melhora consideràvelmente e o médico afirma que a cura sobreviera milagrosamente.

Foi aberto um inquérito pelas autoridades eclesiásticas e o resultado será submetido à Congregação dos Ritos, onde, há certo tempo, está sendo processada a beatificação de Pio X.»

Embora rotulado de *milagre*, o facto ocorrido com o feliz operário que teve a fortuna de ver deferida a sua prece, feita à beira do túmulo de Pio X, bem sabemos que o caso não oferece singularidade alguma, nem qualquer coisa que nos possa causar admiração.

Entretanto, o facto despertou interêsse nos meios eclesiásticos e daí o inquérito realizado pelas respectivas autoridades.

Seria interessante para nós saber as conclusões dêsse inquérito, no tocante à voz citada. ¿Admitirão as autoridades eclesiásticas que era a voz de Pio X? Duvidamos, embora tenhamos a certeza de que as mesmas autoridades sabem que foi um espírito que falou ao pai aflito e levou a saúde ao filho enfêrmo.

Para a Igreja, seria mais fácil, mais conveniente (por enquanto) dizer que foi mais um milagre feito pelo futuro Santo Pio X.

Consola-nos, no entanto, a certeza de que êsses «milagres» se repetirão tão amiúdadas vezes, que acabarão por desmascarar o falso milagre, pondo em evidência a verdade que teimam em ocultar.

(De *Mundo Espirita*)

Onde se vê um bispo defender o Espiritismo

Ali del Pensiero comentou a intervenção do Bispo de Lecce para defender a causa espirita. Talvez seja essa a primeira vez que um prelado ouse sustentar o Espiritismo num processo dêste género. Eis o resumo dos factos:

Calili, rico comerciante de Lecce, pôde comunicar durante mais de trinta anos com sua falecida mu-

Noticiário

Jornais e revistas

Ainda com enorme atraso, chegaram à nossa redacção alguns jornais e revistas brasileiros, a saber: *Reformador, Mundo Espirita, Revista Espirita do Brasil, Revista Internacional do Espiritismo* e *O Pharol*, êste último remodelado em forma de revista.

De Buenos Aires, vieram *Revelacion, Claridad del Alma* e *El Noticioso Espiritual,* fôlha volante mensal, cujo primeiro número temos presente.

De Londres, *Psychic News*.

De Portugal, *Luz e Caridade, Além, A Rosacruz, Trás-os-Montes, Vitimas da Guerra, Comércio de Leixões, Região de Leiria, Vida Mundial, Natura,* e *O Comércio*.

Os nossos cumprimentos fraternais.

Os que nos deixam

Depois de prolongado e atrós sofrimento, desencarnou em Silves, no dia 14 de Março, o nosso prestimoso confrade Celestino José Rocha.

Foi um dos mais persistentes adeptos da causa espirita no Algarve, à qual se dedicou durante muitos anos da sua vida.

No Grupo Espirita Fé e Amor, daquela cidade, foi um dos organizadores que mais contribuíu para o angariamento e desenvolvimento de médiuns, que deram aos profanos inúmeras provas da imortalidade da alma. Por seu intermédio, muitos indivíduos ingressaram nas nossas fileiras e muitos incrédulos foram convertidos. Era seu desejo ardente que todos conhecessem a Grande Verdade Espirita; assim, levou a Doutrina ao seio da sua própria família e um de seus filhos chegou a ser excelente médium.

À luz do Espiritismo, Celestino José Rocha evolucionou grandemente, tendo exercido a caridade na medida do seu esfôrço.

Que o seu espírito continui no Além a amparar as almas sofredoras e aflitas, que era a sua maior preocupação!

---

lher, graças à mediunidade de Oronzo Casavolo Calili casou com a cunhada e, morta também esta, comunicava com as duas mulheres.

Em 1933, fêz testamento a favor de duas irmãs e demais parentes das falecidas. Ao médium deixou 40.000 liras e o resto destinou-o ao bispo de Lecce, para missas por sua alma e pela alma das duas espôsas.

Morto Calili, a sua família alegou que êle estava louco (realizára sessões diárias, durante 30 anos) e tentou anular o testamento. Mas o Supremo Tribunal — onde foi parar o processo — opôs-se às manobras dos interessados. Alguns membros do tribunal discutiram objectivamente o Espiritismo e o Bispo de Lecce não foi o último a fazer ouvir a sua voz em defêsa da nossa causa.

Efectivamente, foi um bom diabo aquêle que teve a rica inspiração de sugerir a Calili a idéia de deixar parte dos seus bens à Igreja..

(Da *Revista Internacional do Espiritismo*)

Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos

Enviada pelo seu secretário, recebemos uma comunicação, segundo a qual foram escolhidos os seguintes confrades para reger os destinos daquela agremiação, no período de 1943 a 1944:

Assembleia Geral

Presidente — Melchior da Silva
1.º Secretário — Boanerges Cunha
2.º « « — Alfredo Gonzalez

Direcção

Presidente — João Gesta
Tesoureiro — Artur Pereira Júnior
1.º Secretário Rafael de Matos
Vogal — Carlos Luiz Machado

Ao Centro Espirita Luz e Verdade, apresentamos os nossos cumprimentos, fazendo votos para que não esmoreça na dessiminação da propaganda, dando, para isso, os mais nobres exemplos de isenção e de inteireza moral, apanágio das almas fortes que se dedicaram inteiramente ao triumfo da nossa Causa. Continuem a trabalhar neste sentido, que terão sempre o nosso apoio, qualquer que seja a emergência.

Centro Espirita de Angra do Heroismo

O Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroísmo, de que esta revista é porta-voz, acaba de filiar-se no Centro Espiritualista Luz e Amor, conforme carta há pouco recebida do seu presidente, o nosso consócio sr. Américo Vieira da Silva.

Agradecendo a distinção que nos concederam, queremos afirmar àquela agremiação tôda a nossa estima e solidariedade, aqui ficando ao seu dispor, em tudo quanto esteja ao nosso alcance. Assim o exige a doutrina que servimos e os laços fraternais que nos unem aos irmãos de Angra do Heroísmo, fervorosos adeptos prontos a auxiliar e a impulsionar as verdades espiritas.

«Região de Leiria»

Surpreendeu-nos agradavelmente o novo aspecto gráfico da *Região de Leiria*, um dos semanários mais bem redigidos de Portugal e em cujas colunas

N.º 22 | Maio | Abril | 43

o nosso colaborador Faure da Rosa mantém uma secção de Espiritismo, sob o titulo «O Inverosímil... acreditável». Ao seu director e bom amigo J. Baptista Santos, os nossos cumprimentos muito afectuosos pelo «passo em frente» que acaba de dar na sua carreira jornalística.

As nossas conferências

Como fôra anunciado, realizaram-se duas conferências na séde do Centro, a primeira das quais no dia 14 de Março, a cargo de Haydi de Tebelen e intitulada «O Espiritismo Revelador da Verdade (no amor, na arte, na ciência e na filosofia). O seu magnífico trabalho, pleno de erudição e beleza, foi altamente apreciado por uma assistência que se comprimia na sala e que no final lhe manifestou o seu agrado, com uma estrondosa salva de palmas.

A segunda conferência teve lugar no dia 11 de Abril. Sob o título «Dunglas Home, príncipe dos médiuns», o coronel Faure da Rosa fêz uma interessante exposição da fenomenografia atribuída àquêle célebre médium inglês, de renome universal. Baseado em trabalhos de William Crookes, cujo nome sublinhou algumas vezes, terminou a sua oração com algumas frases de Richet, em que êste fisiologista se penitenciava de haver duvidado da seriedade do grande sábio inglês. Como sempre, Faure da Rosa manteve a assistência em profunda espectativa e recebeu, no final, uma vibrante ovação.

D. Maria Veleda

No dia 11 de Abril, precisamente na altura da conferência de Faure da Rosa, a que acima aludimos, entrou no Centro E. Luz e Amor a senhora D. Maria Veleda. antiga presidente da Direcção do Centro e colaboradora de *Estudos Psíquicos*. Esta inesperada visita deixou-nos verdadeiramente sensibilizados, tanto mais que a referida senhora se encontra doente e foi obrigada a um esfôrço considerável para cá chegar. No final da conferência, que ela secretariou com Haydi de Tebelen, a assistência, a pedido do presidente da Direcção, manifestou-lhe a sua simpatia, aclamando-a, de pé, numa interminável salva de palmas, que ela agradeceu, dizendo que não se considerava estranha naquele recinto, pois fôra fundadora do Centro e desejava-lhe, por isso mesmo, os maiores triunfos e prosperidades. Agradeceu a todos aquela prova de carinho e pediu-lhes que continuassem a trabalhar para esta grande obra.

Grupo Espirita Familiar «Irmãos do Bem»

No dia 8 de Abril, o Grupo Espirita Familiar n.º 3 «Irmãos do Bem», comemorou o segundo aniversário da sua fundação. A ceremónia, muito simples, realizou-se na séde do Centro E. Luz e Amor, a que o referido grupo pertence e à qual assistiu o presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos.

O consócio Eduardo Fernandes de Matos leu uma exposição em que narrava a vida e o progresso do grupo e o presidente da Direcção demonstrou a todos os presentes a sua grande satisfação pelo aniversário que se comemorava, oferecendo-lhe o seu apoio moral, no sentido de que o Grupo continuasse a trabalhar em prol da Causa.

Aos directores do grupo e seus componentes, as nossas sinceras felicitações.

Amigos de "Estudos Psíquicos"

Dos Amigos de *Estudos Psíquicos* abaixo mencionados recebemos as seguintes importâncias, que agradecemos :

F. M. G., do Rio de Janeiro, ...	300$00
Lindolfo Coelho, de Lisboa, cotas de Jan.º a Março	15$00
Haydi de Tebelen, de Lisboa, cotas de Março e Abril.....	4$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cotas de Fev.º a Abril.....	15$00
D. Eugénia Rodrigues Esteves, de Lisboa, cotas de Jan.º a Abril	8$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, ano de 1943.....	30$00
D. Ana Colaço Guerreiro, de Lisboa, ano de 1943.....	24$00

Auxílio aos Necessitados

Recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos

F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
D. Laura Marques, de Lisboa	40$00
José Vital Simões, sócio n.º 343	10$00
Grupo Espirita Irmãos do Bem, em comemoração do 2.º aniversário da sua fundação	20$00
	1.570$00

Auxílio a "Estudos Psíquicos"

José Vital Simões, de Lisboa	10$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	20$00
Grupo Espirita Irmãos do Bem, em comemoração do 2.º aniversário da sua fundação	10$00
Manuel da Sousa, de Silves	20$00
Total	60$00

Auxílio ao Centro

F. M. G., do Brasil	500$00

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Maio e Junho de 1943

Dia 9 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 16 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 23 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo capitão José Gonçalves Losa, intitulada «Fraternidade espiritualista».
Dia 30 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 30 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 13 de Junho, às 16 horas Sessão experimental.
Dia 20 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Fernando de Lacerda, um dos melhores médiuns de escrita mecânica».
Dia 27 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 4 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental.

nº 22, Março/Abril/43

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 4.º LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1943 N.º 23

«ATRIBULAÇÕES DE ESPERIDIÃO»

por Maria Veleda

QUANDO eu era criança—(meu Deus! como a época longínqua da minha infância se dilui e quási se perde na implacável noite dos tempos!) — quando eu era criança, já apreciava a leitura superiormente a tôdas as outras distracções. Infelizmente, porém, a educação infantil era então quási absolutamente descurada; e, se não estou em êrro, foi Ana de Castro Osório quem, primeiramente, num grande impulso de ternura pelos pobres pequeninos, se abalançou a desenvolver em Portugal uma literatura para êles. Todos nós — os do meu tempo — tínhamos olhado os livros com a sêde ardente de Tântalo, sem que jámais a pudéssemos acalmar.

Ignoro, — porque nunca ela mo disse — como a boa Ana Osório iludia a sua ânsia de procurar entrever na leitura os novos horizontes que o seu espírito visionava. Quanto a mim, tudo me servia — qualquer pedaço esquecido de jornal — fôsse o que fôsse — principalmente um velho exemplar incompleto, amarelecido e desconjuntado da «Mestra Bonna», *avis rara*, que era todo o meu regalo!

Mas surgiu um dia em que a minha paixão pela literatura encontrou finalmente onde desssedentar-se: — uma amiga minha, pouco mais velha do que eu, recebera, como prenda de anos, certo folheto inserindo diversas narrativas próprias para entreter as imaginações infantis — e emprestou-mo. Emprestou-mo uma, duas, muitas vezes, porque eu nuca me fartava de ler aquelas histórias, de tal maneira e com tanto entusiasmo, que ainda hoje conservo delas nítida lembrança. Uma dessas histórias intitulava-se «Atribulações de Esperidião»; e agora mesmo estou vendo com os olhos da memória as gravuras que a acompanhavam, entre as quais o velho Esperidião de calção e meia, um barretinho ponteagudo na cabeça, desesperado por causa de certo diabinho que o perseguia com as suas constantes e maléficas partidas — ora entornando-lhe o tinteiro, ora arrancando-lhe o barrête, quebrando-lhe a loiça — que sei eu!...

Esperidião tinha sido um menino muito levado da breca, que perturbava e amargurava a vida de quantos eram forçados a suportá-lo: — tinha sido, enfim, pior que seiscentos mafarricos!...

Havendo Esperidião atingido idade provecta, aquêle diabinho nunca o largava, para fazer-lhe expiar as maldades cometidas. E, de cada vez que o sujeitava a nova experiência, o diabinho segredava-lhe: — ¿Lembras-te, Esperidião, dos desacatos que praticavas quando eras pequeno? Das tuas desobediências? ¿Do teu desrespeito pelos mais velhos? ¡Sofre agora o que já fizeste sofrer!»

Eu era muito criança para bem compreender a moral do conto... Só mais tar-

de é que pude descobrir-lhe a significação e o nome do diabinho que atanazava com os seus distúrbios a velhice do mísero Esperidião. A singular, fantástica abantesma chamava-se (já adivinhastes certamente...) — chamava-se Remorso.

Ora, quando se me deparam na vida real casos semelhantes ao que a minha reminiscência acaba de evocar, penso sempre no diabinho perseguidor que tanta influência exerceu na minha imaginação infantil.

Muitos dêstes casos chamam-lhes algumas pessoas «obsessões», atribuíndo a entidades do Astral o que freqüentes vezes representará tão sòmente rebates de consciência. E sobrecarregam os espíritos, acusando-os de todo o mal que sucede. Coitados! Têm as costas largas!...

Poucas pessoas lançam à conta de perigosas hereditariedades certas doenças — mormente nervosas — que afligem desventuradas criaturas, marcadas com o sêlo das angustiosas provações.

Ninguém quere evocar misérias passadas. Se tiver havido loucos, epiléticos, tuberculosos, alcoólicos, etc., nos ancestrais, ninguém quere confessá-lo, preferindo acusar os espíritos dos males que só aquêles originaram.

Pois não deveria ser assim. O primeiro cuidado de qualquer grupo consciencioso, dado a tratamentos psíquicos, deveria, em meu entender, consistir no estudo meticuloso das hereditariedades que pesassem sôbre os seus consulentes, porque em numerosíssimos casos os *espíritos* são nêles introduzidos como Pilatos no Credo...

Desde que me dedico ao Espiritismo — haverá bons vinte e sete anos — tendo lido, escrito, observado e meditado muito, venho sempre repetindo as mesmas advertências! — Tenho porém a impressão de que tudo quanto aconselho cai, a maior parte das vezes, em cêsto rôto... E, se ainda quebro o mutismo que me impus, se procuro avisar os incautos e amparar os desprevenidos, é porque me anima ainda a esperança de que não clamarei inteimente do deserto.

Nunca me canso de lembrar que as «sessões experimentais» deverão fazer-se sob orientação de directores cultos, respeitáveis, devidamente e longamente preparados para tal fim; que os tratamentos chamados «espiritas» não deverão produzir-se em certos meios onde predomine a insciência e o fanatismo, pois de contrário os ignorantes não avançarão um passo nem os *obsediados* encontrarão o mais pequeno alívio.

Sendo o cérebro um órgão tão delicado e tão sujeito às maiores complicações, ¿porque se hão de atribuir a influências do Astral determinados achaques mentais, que — repito — poderão derivar de causas muito diferentes?!

O cérebro, sede da nossa consciência, é como que um reportório de tudo quanto de bom ou de mau temos praticado, desde os tempos mais longínquos. Muitas dessas recordações ficam imprecisas; não saberíamos colocá-las no tempo, nem no espaço. Todavia, elas existem no nosso subconsciente e acicatam-nos da mesma maneira, como o diabinho perseguia Esperidião.

Alguma vez teríamos prejudicado o nosso semelhante; teríamos difamado, caluniado, ofendido alguém; teríamos sido vaidosos, injustos, violentos, relutantes ao perdão; teríamos sido orgulhosos, denunciantes, venais, hipócritas, intolerantes, cobardes...

...E a recordação aparentemente adormecida, mas que sempre dá rebate à consciência — a acusar-nos das faltas cometidas e apenas dissimuladas...

...E nós a julgarmos ouvir as reprimendas de *espíritos* obsessores...

Felizes, apesar de tudo, os que sabem escutar as acusações da Consciência, sem despeito nem revolta, porque se ela nos aponta os próprios defeitos, ensina-nos também a corrigi-los, indicando-nos a estrada que conduz à Perfeição.

Obsessões há que não têm outra explicação: — hereditariedades mórbidas ou remordimentos de censuráveis acções praticadas. ¿Aquelas poderão curar-se por meio de tratamentos espiritas? Não sei... talvez. Para mim ou pessoa que do meu conselho dependêsse, prefiriria, entretanto, a assistência de um médico psiquiatra. Quanto às outras — se é que pode chamar-se-lhes «obsessões», só lhes encontro um remédio: — afugentar o Diabinho-Remorso, por meio de actos justos, de uma vontade inquebrantável, do firme propósito em resgatar a mentira, passando-lhe por cima a esponja purificadora da verdade impoluta.

As *obsessões verdadeiras*, causadas por

entidades maléficas, serão — creio — as mais fáceis de debelar, não podendo resistir à prece, às concentrações, à elevação da alma para as regiões da Luz. Admitir o contrário, seria, parece-me, descrer da existência e da protecção dos nossos guias.

Um exemplo para terminar:

Conheço uma senhora (e ninguém a conhece melhor do que eu) que foi até aos quarenta e cinco anos uma pessoa de génio turbulento, fàcilmente irritável. Ralhava por dá cá aquela palha, deixando-se arrastar sem combate pelos impulsos do seu nervosismo. A propósito de tudo se lamentava; e, como a paciência não fôsse nem pudesse ser qualidade que então a distinguisse, gritava, barafustava, chegando a arremessar ao chão os objectos mais próximos.

Pois bem: — *esta bichazinha,* tendo lido um bom livro espirita (nem todos são bons, infelizmente...) pesou as suas doutrinas, assimilou-as profundamente, e disse para com a sua consciência: — «Vou por caminho errado; preciso modificar a minha maneira de ser; pôr um freio nos meus dentes; doutrinar-me, vencer-me; — e só assim me tornarei digna de ascender».

Nem por um momento atribuíu a malefícios do Astral inferior as suas tendências rebarbativas. Não: — escutou a voz da Verdade, lutou e venceu.

A tal senhora, (cujo nome não revelo para não a envergonhar...) é hoje uma pessoa calma, paciente, sofredora; e perdeu por tal forma a mania de zangar-se, que já não saberia fazê-lo, ainda que quisesse...

Ora, se todos os pseudo-obsediados fugissem de acusar os *espíritos* para se absolverem a si próprios dos excessos que cometem, e procurassem, ao contrário, disciplinar o seu querer, amordaçar os nervos, despreocupar-se o mais possível das coisas vãs e contingentes dêste mundo, estou em crer que dariam um passo decisivo no caminho da sua ascese, fazendo cessar inúteis sofrimentos, evadindo-se às imaginárias «atribulações de Esperidião»...

Negar atenção às ciências psíquicas e desprezar os ensinamentos dos que possuem maiores conhecimentos e inteligência do que nós, só porque os fenómenos contrariam as idéias em voga, é cega estultícia, devida à ignorância e ao preconceito.

J. Artur Findlay

A Fraude no Espiritismo

por Leopoldo Machado

HÁ fraude no Espiritismo? ¡Por certo que há, sem que seja, entretanto, do Espiritismo! Fraude de *médiuns* que, à guisa de outros religiosos, que fazem da religião meio de vida, quiseram, também, viver da mediunidade, que lhes foi dada gratuitamente. Por não darem de graça o que de graça receberam, quando sentem que a mediunidade, mercantilizada, lhes vai fugindo, apelam, geralmente, para a fraude... ¿Que tem o Espiritismo com isto? O que tem a ciência do Direito com a rabulice; a verdadeira medicina com a charlatanice, o jornalismo puro com o aventureiro da imprensa...

O mais interessante é que são os espiritistas os mais interessados em descobrir a fraude, para desmascarar o impostor. É o Espiritismo, que não sanciona a fé beata, assente no *ecclesias dixit,* no *magister dixit,* o mais interessado em prevenir seus profitentes contra mistificações e fraudes... Por isso que Allan Kardec preceitua, muito sensatamente, «o livre exame de tudo para a descoberta da verdade», e aconselha que «é preferível recusar 99 manifestações verdadeiras, a aceitar uma só falsa»!

Confrontem-se estas cautelas próprias da única doutrina que só admite a fé justificada pela razão, com as religiões dogmáticas e veja-se, depois, se uma doutrina assim carece de fraude para impor-se a quem tem inteligência e raciocínio...

Estes arrazoados escapam-nos da pena, porque temos diante dos olhos um artigo do sr. Justino Mendes, inserto em «A Ordem», de Natal, com a mesma denominação. Mandaram-no dali, com o desejo de uns comentàriozinhos. O artigo revela o visível desejo do articulista de demonstrar o impossível: que tudo no Espiritismo é fraude. Ignorante dos seus postulados mais comuns, como todos que atacam o Espiritismo, mostra o articulista, para concluir implìcitamente: tudo é fraude na fenomenologia espirita. O caso de que se vale o bisonho articulista é aquêle em que Charles Richet «fôra enganado», em Vila Cármen, na Argélia. ¡Facto já tantas vezes refutado e lido por quem é mais ver-

sado em coisas da ciência espirita, que dispensaria até mais comentários!

Só bem nos sabe, aqui, convidar, por agora, o leitor a um insignificante raciocínio.

Richet fôra enganado, «grosseiramente ludibriado» nos fenómenos de materialização do espírito de *Bien Boa!* Provas? A par de algumas dúvidas de Richet, perfeitamente justificáveis em quem procura e investiga zelosamente, há o testemunho de um «dr. Rouby, homem ilustrado e rico de Argel». Foi êste doutor que, aplaudido veementemente pelo Justino Mendes, revelou, escandalosamente, a fraude. «Tôda a sua sabedoria (do Richet) e preparo não o livraram de uma solenissima mistificação,» — é do artigo.

Se a sabedoria e o preparo não podem livrar de mistificações, ainda que apresentemos tôdas as dúvidas e cautelas richetianas postas no artigo, ¿que mais nos poderá livrar de sermos enganados, Santo Deus? O Rouby «apresentou» a certo Congresso Internacional de Medicina, reünido em Lisboa, as provas do lôgro em que caíu o Richet, no mesmo passo em que põe em dúvida a seriedade nas investigações do sábio francês, a despeito de suas cautelas e dúvidas. A história é comprida e xaroposa, além de inverosimibilíssima. Demos que seja verosímil! Teríamos aqui de confrontar o dr. Rouby com Charles Richet, bem como os processos de estudo praticados por ambos. Aquêle, quem é? Um médico ilustre e rico que possuía um museu em Argel, de quem a história, a ciência e as crónicas nada conservam, ¿E como demonstrou a pouca ciência de observação do sábio francês? ¡Pelo depoimento apenas de um criado árabe, que se «materializou» de *Bien Boa,* para enganar Richet, e o general Pola, e a sr.ª Noel e outros investigadores! Bastou o criado árabe, que podia ser bem pago pelo rico e ilustre dr. Rouby para dizer aquelas tolices, que não resistem a dois dedos de análise séria; basta isto, para pôrem-se em ridículo as observações científicas de um homem como Richet, que, sem ser espiritista, consagrou mais de 60 anos de sua larga existência ao estudo da ciência espirita, registando mais de 200 factos de materialização. É Richet que, diante do que viu, e registou, e examinou, e demonstrou, cria uma nova ciência — a Metapsíquica — exactamente acreditada pelos factos mediúnicos, e chama *sexto sentido* ao dom da mediunidade, e concebe a *ectoplasmia,* substância fluídica que os médiuns oferecem para os fenómenos da materialização, e dá tantos nomes a elementos da ciência espirita, — ¡é um nome assim, cuja observação pode ser fàcilmente iludida por um reles criado árabe! E deve merecer menos fé do que um obscuro dr. Rouby qualquer...

É certo que Richet teve suas dúvidas — ¡e no Espiritismo fenomenológico devemos duvidar sempre, para a garantia do êxito! — mas incriminá-lo de simplório, passível de mistificado ou mistificador, como no-lo aponta o aranzel em análise, só por muita pobreza de raciocínio ou grande má fé. Estamos em que, para quem lhe conhece a obra, bastariam as suas experiências, documentações e estudos, para a confirmação perfeita, integral e iniludível dos fenómenos de materialização que, inglòriamente, o sr. Justino Mendes, com a xaropada do Rouby, procura invalidar... Talvez êsse Rouby, seja um dos muitos sábios *Euphorbion,* magnìficamente idealizados pelo pesquisador francês, como se vê no seu *Le Savant.* Sábio que «repele as invenções novas sem as conhecer e não as quere conhecer». Dizemo-lo aqui, visto como o Espiritismo a todos convida para, sem idéias preconcebidas, lhe estudarem as «invenções novas».

Insistimos na questão do bom senso: Richet, como sábio e médico, foi o primeiro a aplicar a soroterapia humana; um dos primeiros a curar pelo magnetismo, cuja actuação faz que Charcot se interesse pelo hipnotismo; um dos mais notáveis fisiologistas do mundo; foi o organizador do Dicionário de Fisiologia; um dos maiores escritores, no campo da ciência-psíquica de sua época, a par de ser o criador da Metapsíquica, a cuja organização consagrou mais de metade de sua longa existência; é êsse Richet que se aponta como enganado por um criado árabe, dentro exactamente da ciência que criou!!!... *Santa Simplicitas!*

A última obra do grande experimentador sôbre o assunto é *La Grande Esperance.* ¡Se aí não encontramos a sua profissão de fé espirita, talvez por preconceitos científicos, ou por não haver sentido, como compreendeu, os fenómenos mediúnicos; se aí não o vemos declaradamente espiritista, vemos, entretanto, a confirmação dos factos, dentro dos quais, em depoimentos de drs. Roubys, tapeação de criados árabes e aplausos de Justinos Mendes, êle fôra miseràvelmente enganado! ¿E a trôco de quê, senhores? Êle, que não era espiritista, que iria ao fim do mundo, se preciso, para registar fenómenos espiritas, sem

ALEGRIA DE VIVER

por Faure da Rosa

II

MARDEN conta esta história:

Era uma vez um mago. Teve êle um dia tanta pena dum ratinho que vivia com mêdo do gato, que em gato o transformou. Mas o novo gato começou a ter mêdo do cão, e em cão o transformou o mago. O cão tornou-se medroso do tigre e o mago em tigre o transformou ainda. Mas as preocupações não findaram. Agora o tigre temia constantemente o caçador. Aborrecido, o mago fê-lo voltar a ratinho e disse-lhe: — Já que tu só tens nervos de rato, é-me impossível auxiliar-te com a forma de outro animal mais elevado».

Abundam as pessoas incapazes de libertar o espírito de terrores: são outros tantos ratinhos com nervos de rato.

É certo que durante a vida temos muitíssimos desgostos e temo-los de todos os géneros. Alguns serão — são, com certeza, — bem reais, sobretudo aquêles de que somos a causa, mas outros — os mais numerosos, talvez, não são mais do que fantasmas de desgostos. Quando os olhamos bem de frente, reconhecemos que não têm nem substância nem realidade, que não são mais que criações da nossa imaginação doentia. Ainda hoje se pode dizer o que já no tempo de David se dizia: «O homem agita-se numa sombra vã».

Os maiores inimigos da felicidade são o temor e a preocupação. O temor é um velho inimigo e o seu cúmplice detestável é a preocupação. O temor mata a esperança. A preocupação gera a inquietação e uma e outra destroem a confiança, destroem o poder de concentração e paralisam a iniciativa.

Fomos criados para dominar o nosso ambiente e não para sermos flagelados pelos acidentes ou pelos azares. Os nossos maiores inimigos vivem dentro do nosso próprio cérebro, dentro da nossa imaginação, nas falsas idéias que temos acêrca da vida.

A felicidade, a alegria, dependem mais do que está dentro de nós que do que de nós está fora. Tudo depende da maneira de julgar as coisas, dizia Marco Aurélio.

A superstição e a ignorância arruínam a felicidade de muita gente. Há quem julgue que a superstição não prejudica e, contudo, é sempre nocivo tudo que convence um homem de que é um joguete das circustâncias, de que está à mercê de sinais e símbolos, de que há no mundo um poder oposto ao de Deus...

Outros destroem a sua felicidade com o mêdo de doenças. Chegam a sentir os sintomas das doenças que julgam ter, e êste temor contínuo emagrece-os, deprime-lhes a resistência, alenta e desenvolve a tendência mórbida ou a tara hereditária que podia não despertar nunca.

Os nossos piores males provêm de nós mesmos: é também em nós mesmos que

---

que dêles auferisse nenhum provento material?...

É dêste Richet o que aqui vai a calhar para os Roubys e os Justinos Mendes: «...rien n'est plus facile qu'une negation», mesmo arranjada a testemunho de criados árabes...

E mais incisivamente, a pág. 114: «Na história da Metapsíquica (e a Metapsíquica ocupa-se, de preferência, dos fenómenos de materialização) não conheço um só caso, *eu digo um só caso*, de um observador conscienciosо que, depois de dois anos de estudo, não tenha renunciado à negativa».

Faça-se o sr. Justino Mendes um observador conscienciosо e siga o assêrto de Charles Richet, que ser-lhe-á muito mais honroso do que andar a repetir casos farejados à distância, no inglório propósito de invalidar uma ciência já fartamente demonstrada...

Siga êste conselho, e, depois...

devemos procurar o nosso melhor bem.

A alma, disse Milton, depende de si mesma; só ela tem o poder de transformar o inferno em céu e do céu fazer inferno.

Milton, na sua cegueira, teve as mais belas visões, e Beethoven, apesar da sua surdez, ouviu os mais celestiais acordes que nós possamos imaginar.

Quando não sabemos o que nos pode acontecer, nós receamos o pior, mas quando vimos a conhecer tôda a extensão dum perigo, desde então quási deixa de existir.

Nós exageramos muitas vezes — a maior parte das vezes, talvez — as nossas penas e as nossas dificuldades e consideramo-las muito mais importantes do que na realidade são.

O temor actua na circulação do sangue diluíndo tôdas as secreções. Paralisa o sistema nervoso, encanece os cabelos, enruga as faces e torna o passo pouco ágil. Pelo contrário, tudo que nos torna felizes e nos proporciona emoções alegres, limpa os vasos capilares e favorece a circulação do sangue.

É estranho — diz Marden — que depois de tantos séculos de experiência e enriquecimento, a raça humana ainda não tenha compreendido que o temor não passa dum fantasma da imaginação e continue a não se recusar a ser torturada por tão grande inimigo da sua felicidade.

Não há gôzo possível sob o pavor perpétuo da morte.

Mas, ¿que razão temos nós espiritistas para recear a morte?

Que o pavor invada e torture aquêles que acreditam no aniquilamento do ser, ainda se pode admitir; mas para quem, como os espiritistas, a morte não existe — porque para nós a vida é eterna — tal preocupação é inaceitável.

A morte é um fenómeno tão natural como o nascimento. A mudança trazida pela morte é tão natural como a mudança da lagarta em crisálida e da crisálida em borboleta. A morte não passa duma ponte subterrânea que nos leva a uma luz maior.

«Ó meu bom génio — invocava Renan — revela-me, a mim a quem tu amas, essas verdades que dominam a Morte, que impedem de a temer e quási a fazem amar».

Se nós acreditamos que o Espiritismo nos abriu o caminho para alcançarmos essas verdades almejadas por Renan, ¿que podemos nós recear da **Morte?**

Lá diz o inolvidável poeta António Nobre, numa linda sextilha:

Não tenhas mêdo: morrer
Não custa nada. — É viver.
Custa menos que se pensa;
O principal é ter crença.
Morre o corpo; a alma abre a asa
E vai. — É mudar de casa.

¿Que alegria pode igualar a que sentimos quando comunicamos com os nossos queridos invisíveis?

Foi por desconhecerem a necessidade do sorriso e, às vezes, até a da instalação confortável do médium — escreve Delanne — que alguns experimentadores viram frustradas numerosas experiências.

Lê-se na *Imitação de Cristo:*

— Tem boa consciência e terás sempre alegria.

— A boa consciência é poderosa e até na própria adversidade está alegre.

— Os maus nunca têm verdadeira alegria, nem sentem paz interior.

— Grande paz de coração tem aquêle que nem faz caso de louvores nem de agravos.

— Nem és mais santo porque te louvam, nem mais vil porque te vituperam.

Sem alegria não pode haver nenhuma acção física, mental ou moral de verdadeiro valor, porque a alegria é a atmosfera normal do nosso ser.

Há uma máxima que diz: Se, quando somos miseráveis, não podemos ser felizes, nunca o poderemos ser.

É na adversidade que o homem mostra as virtudes que possui, como é na grandeza da abastança farta que lhe vem à superfície a brotoeja do egoísmo. Por isso o povo diz: «se quiseres conhecer o vilão, mete-lhe a vara na mão».

Sofrer é progredir... se a revolta se não apodera daquêle que sofre. O sofrimento nem sempre é um mal. E que o fôsse; mais vale — como dizia Sócrates — sofrer o mal do que praticá-lo.

* * *

O Amor é, sem dúvida, o capítulo mais importante da alegria de viver. O Amor é a origem e fim essencial da vida física.

O Amor é a luz e o sol da vida terrena. Nós não podemos ter um gôzo completo sem termos um ente amado que dêsse gôzo participe.

Diz Rabindranath Tagore em «O Jardineiro de Amor»:

«Crê no amor, mesmo quando êle seja uma fonte de dôr. Não feches o teu coração.

«O coração fez-se para ser dado — ó minha amada! — com uma lágrima e uma canção.

«É sagrado o amor inexperiente. Brilha como pérola na sombra secreta do coração. À luz do dia indiscreto, ensombra-se lamentàvelmente».

Referindo-se à espôsa, exclama: «Tu não conheces os limites dêste reino, e, contudo, és a rainha dêle. Tu és meio mulher e meio sonho».

Tagore vê a mulher rainha pelo seu espírito de sacrifício, por aquêle amor que «deve pôr de lado o seu fogo para beber na taça da dôr e renascer no céu das lágrimas».

Tagore vê a mulher rainha pela sua afeição desinteressada, pela sua abnegação, a sua tolerância; por aquêle heroísmo que a celebriza até nos instantes mais trágicos.

O amor, neste mundo, dura o que durar a vida terrena e modifica-se com a idade e as circunstâncias.

Na infância tem por objecto o pai e a mãe; na idade viril a mulher amada ou o homem amado, a espôsa ou o espôso; em tôdas as idades, os pais, os irmãos e irmãs, os amigos, a humanidade... se bem que o amor pela humanidade continue a ser «silva esotérica para os raros apenas».

É ainda no «Jardim de Amor» que Tagore escreve:

«O amor não deve tornar-nos escravos, mas ùnicamente livres. O verdadeiro amor, o Amor Divino, é alheio ao servilismo abjecto que corrói a maioria dos lares.

«O Amor Divino, no seio conjugal, não vive de exterioridades: é indiferente às emoções que possam contrariar-lhe o seu fim supremo; vive liberto num mundo de radiosas promessas, frutos que se reproduzem sempre quanto mais saboreados são; e assim, na fecundação imaculada dessa célula embrionária, eleva-se para sempre o altar sagrado onde repousa um tabernáculo de glória.

«A união dos dois seres é a manifestação física dum princípio imutável, imperecível e, como tal, divino. A essa união deve presidir sempre a maior virtude. Êsse santuário que se chama «intimidade conjugal» está destinado a ser o altar do mais belo sacrifício e não um antro de faustosidade ignóbil, de miséria aparatosa, de emoções baixas e servis. Na manifestação física do amor existe alguma coisa de mais elevado que a lânguida embriaguês dos sentidos: é o microcosmo reproduzindo a feição típica dum universo minúsculo. Só êste princípio e único fim deve animar o amor no lar; o contrário é a descida para a matéria, é a violação da lei imanente».

É conhecido o mito do amor. Todos nós, homens e mulheres, somos apenas metade dum todo, o qual só se completa quando cada um encontra a metade que lhe corresponda. Da justeza mais ou menos perfeita das duas metades depende o equilíbrio afectivo de ambos, a harmonia do todo, a intensidade e a duração do amor.

Mesmo entre os povos do Oriente, onde a religião e a filosofia se ligaram para rebaixar o amor, a verdade reaparece nos aforismos populares, como por exemplo, neste provérbio turco: «Tôdas as mulheres são perfeitas, sobretudo aquela que te ama.»

Conta-se que uma dama francesa, uma vez, citava êste provérbio polaco a Abd-el-Kader: «Uma mulher pode mais com um cabelo da cabeça que uma junta de bois ajaezada.» Ao que o célebre emir árabe respondeu, sorridente: «O cabelo não é necessário, porque a mulher é tão poderosa como o destino».

O amor é a base da família, e a família é a verdadeira célula da humanidade.

O amor é qualquer coisa de superior ao desejo de relações sexuais: é a via principal pela qual o homem e a mulher tentam escapar à solidão que desola a vida. Há na maior parte dos humanos um mêdo, profundamente enraïzado, da frieza dêste mundo de pedra e da crueldade da multidão; há nêles uma ânsia de ternura muitas vezes oculta sob a rudeza e a brutalidade dos homens, sob a indocilidade e o rigor das mulheres. Um amor apaixonado e recíproco elimina estas crueldades, abate as muralhas de ferro do Eu, funde dois sêres numa nova criatura.

Aquêles que nunca sentiram a união ín-

tima e profunda, a ardente camaradagem dum amor profundo, não gozaram aquilo que a vida tem de melhor para nos oferecer.

A cortezã Thaís, contemplando uma imagem de Erôs (o deus do Amor) que ia ser lançada na fogueira, exclama: «O Amor é uma virtude; se pequei, é que não fui por êle, fui contra êle. Jamais terei pena do que êle me fez fazer; choro ùnicamente por aquilo que fiz apesar da sua proïbição...»

Bertrand Russel no livro «O casamento e a Moral» diz que o casamento sanciona uma prática que existe não só no homem primitivo, mas também nos grandes macacos e entre outras espécies animais. Nos animais há casamento tôdas as vezes que a colaboração do macho é necessária à educação dos filhos. Em geral, o casamento dos animais é monogâmico e alguns sábios asseguram que é o caso dos macacos antropomorfos. A acreditar no que dizem estes autores, parece que aquelas felizes criaturas não são perturbadas com os problemas que desolam as colectividades humanas, porque o macho, uma vez casado, torna-se incapaz de sentir o encanto de outra fêmea; por seu lado, a fêmea casada não acha atractivo em nenhum outro macho.

Há provas dum estado de coisas análogo entre as raças selvagens mais primitivas. Os homens de Buissons (Bushmen) parece que são estritamente monogâmicos e há quem assegure que os tasmanianos — hoje desaparecidos — eram invariavelmente fieis às suas mulheres.

Como os sábios só dão parecer acêrca da fidelidade masculina dos tasmanianos, e a canção afirma que *la dona é mobile,* preciso seria averiguar se na Tasmânia havia ou não falta de homens: só assim poderíamos saber se a infedelidade feminina era impraticável por... falta de matéria prima. Êste dito pretende ter graça. A canção *La dona é mobile,* neste ponto, — o da inconstância amorosa feminina — é falsa, deturpada: o homem da canção o que quere é limpar a água do capote masculino, quando a verdade é que ambos são volúveis e, portanto, inferiores aos macacos antropóides. Se assim não fôsse nunca a infidelidade chegaria a consumar-se embora houvesse abundância de matéria prima, quer do eterno feminino, quer do eterno masculino. Ainda aqui, sem esfôrço, podemos descobrir o efeito da lei das afinidades: o homem inconstante, lá vai descobrir em qualquer parte a parceira apropriada, versátil como êle; como a mulher leviana e volúvel encontra sempre o parceiro adequado à sua versatilidade.

E, então, somos levados a concluir que o homem e a mulher mau uso têm feito e fazem da inteligência em tudo que se relaciona com o Amor, conhecida a mútua fidelidade que se guardam raças consideradas inferiores, e até os macacos antropóides. A evolução não coarta o livre arbítrio de cada um. Cada homem, cada mulher terá que responder pelo uso que dêle fizer, terá que reparar os danos que causar, nesta vida ou em outras e tantas quantas forem necessárias para completar a reparação.

A mulher queixa-se da volubilidade do homem; por sua vez o homem atribui todo o mal à inconstância da mulher. Aqui para nós, em segrêdo, eu creio que ao homem, em regra, cabe o maior quinhão de responsabilidade. O homem pretende defender-se com a sua fisiologia de perpétuo semeador inconsciente...

Nantha Daniel — pseudónimo duma escritora francesa espiritualista — num romance de sua autoria denominado — *Homem... se tu soubesses,* dirige-se ao homem nos seguintes termos:

«Homem, quem quer que tu sejas, sabe que um coração de mulher é um cofre precioso que contém os sentimentos mais puros, mais nobres, mais belos.

«Se queres conquistar uma mulher, dirige-te ao seu coração, ao seu espírito e à sua alma. A obra da carne virá em seguida, naturalmente, espontâneamente.

«Mas sabe esperar. Um gesto teu inepto que esboces demasiado cedo, ou um teu olhar, basta, às vezes, para ferir de morte o coração duma mulher ou duma rapariga.

«Quando falares de amor àquela a quem amas, fala-lhe da ternura do teu coração, não lhe fales da fôrça dos teus músculos. O amor, como quási tôdas as mulheres o sentem, não está, ùnicamente, na posse. Está também numa ternura perpétua e recíproca. Está num braço a que se apoie; está num ombro onde descance a cabeça; está num coração que a conforte.

«Se tu amasses assim, homem, ¡quantas decepções teriam sido evitadas! ¡Quantas vidas humanas teriam sido poupadas! Mas em ti, homem, a carne assassina o espírito.

Os vivos vistos pelos mortos

por Maurice Maeterlinck

Uma família desolada, à cabeceira de uma jovem que está a morrer. De um lado, os vivos: o pai, uma irmã, dois irmãos e o médico assistente. De «outro lado», os mortos: o avô, a avó, a mãe, uma irmã, uma amiga e o noivo. Estes estão vestidos com roupagens azuladas e luminosas; são belos, como estátuas. A voz dos vivos é áspera, pesada, desagradável; a voz dos mortos é suave, harmoniosa, musical.

O pai (vivo) — Dizei-me a verdade, doutor...

O médico (vivo) — Eu bem sei que resposta aguardam. Está perdida...

A mãe (morta) — Está salva!

O noivo (morto) — Volta para nós! Estará comigo! Estará connosco!...

O médico (vivo) — Resta-nos um último recurso. É o sôro, descoberto há pouco, cujos resultados definitivos ainda não se conhecem, mas, às vezes, em casos análogos, opera milagres... Não é isento de certo perigo...

O pai (vivo) — É bom experimentá-lo...

A mãe (morta), ansiosamente — Que vai êle fazer?

Quando uma mulher te diz: «Amo-te», tu respondes-lhe: «Desejo-te»! E, assim, tu abres um abismo entre ti e ela, um abismo imenso, que mais aprofunda ainda as decepções que lhe infliges.

«Sê terno, desvelado, dedicado: sê *Uma Alma*. Não sejas estritamente um animal de reprodução; ama a tua companheira, um tanto pela sua carne, sim; mas mais, muito mais pelo seu coração, e tu verás!... tu verás!...

Homem... ¡se tu soubesses!

Ainda que nos doa, nós, homens, temos de convir que Nantha Daniel tem razão. O homem *deseja* mais do que ama; à grande maioria a chama do *desejo* queima, consome.

A irmã (morta) — Vamos perdê-la!...

A mãe (morta) — ¿Por que se empenham em prolongar assim o sofrimento dos outros?...

O noivo (morto) — É porque êles não sabem o que nós sabemos...

A avó (morta) — No meu tempo, os médicos eram menos audazes...

A mãe (morta) — Tenho mêdo! Tenho maus pressentimentos... ¿E se êles tiverem êxito? Dize a ela que recuse... Estamos cansados de esperá-la. Há mais de cinco anos que nos separámos... Ela prometeu reünir-se hoje connosco. *(Ao noivo)* Fala-lhe... Escutar-te-á melhor do que a nós, pois te queria mais do que a mim...

O noivo (morto) — Não creio que possa ouvir-me agora... O coração dela ainda pulsa nas trevas e a alma apenas desperta... *(Inclinando-se sôbre a enfêrma)* — Isabel!

A enfêrma (abrindo os olhos e erguendo um pouco a cabeça) — És tu?

O pai (vivo) — Ela falou!...

A irmã (viva) acercando-se da enfêrma — Isabel... que queres?

A enfêrma (cerrando os olhos e voltando a cabeça) — Nada...

O noivo (morto) — Ela ouve-me... É o sinal que jàmais falha... É a alma que desperta... É o fim da prova, o fim da desventura...

A mãe (morta), abraçando o noivo morto) — Ela volta!... Graças a ti!... É a ti que ela responde... Isabel! Isabel!... Não tenho mais ciúmes... Como somos felizes!... *(Ao noivo morto)* — Fala-lhe, fala-lhe... Tenho mêdo que ela se afaste...

O noivo (morto) — Isabel, aqui estou... Isabel, estou a esperar-te... Vem depressa!... Não os escutes mais, não faças o que te dizem... Os vivos são imundos... Não têm coração, são incorrigíveis... São sempre semelhantes ao que fomos e nada aprenderam, nem podem aprender... Só têm um desejo: o de serem desgraçados... Não têm mais que uma idéia: prolongar suas infelicidades... Sòmente se ocupam de

seus corpos, dotados de intestino... ¡Nós é que temos alma!... ¡Aqui é que se desperta e que se vive!... Aqui é que se ama e se desfruta a felicidade... ¡Já é tempo, já é tempo!... Deixa, pois, essa prisão sem luz... ¡Nada temos que fazer com teu corpo, que eu julgava amar!... Sinto vergonha agora... É como os outros: que o lancem na vala!... ¡Não há mais nada que fazer com êle!... ¡Tu és completamente diferente!... És tu a quem eu amava, tal como serás, quando o tiveres abandonado, tal como já és, tal como te via, sem saber que meu coração, que eu julgava cego, via melhor que os meus próprios olhos. Vem connosco! Cada minuto que passa é uma alegria que se perde... *(Observando o médico)* Que faz êle?...

(Durante todo o diálogo que precede, o médico já abriu a sua caixa de utensílios, lavou as mãos, esterilizou as agulhas, quebrou uma ampola e encheu a seringa. Acercou-se da paciente, tendo numa das mãos a seringa e na outra o algodão molhado em éter).

A mãe (morta), inquieta — Cuidado! ¡Êle vai fazê-la viver!...

O noivo (morto) — Não há perigo!... Ela não desejará mais... Começa a compreender...

A irmã (morta) — Isabel, aqui estamos; escuta-me, Isabel... recusa, Isabel...

A mãe (morta) — Nada a retém ali. Felizmente, ela era infeliz.

A irmã (morta) — Cuidado... O médico inclina-se... Vai aplicar-lhe a injecção...

O noivo (morto) — Imbecil, assassino... Vou segurar-lhe o braço...

A mãe (morta) — Sabes muito bem que isso é impossível. Já o tentámos fazer... Nada sentem, nada vêem, nada ouvem... A vida oculta-lhes tudo...

A irmã (morta) — Pronto, depressa! Já é tempo!

A mãe (morta) — É sôbre ela que podemos agir... Já a tenho em meus braços... Está tão perto de nós, que poderá ouvir-nos...

O noivo (morto) — Isabel! Recusa! Querem fazer-te viver!... *(A enfêrma agita-se no leito).* Ela compreendeu... está salva! Estremece... Está connosco... Isabel! Isabel!... *(Observando o médico)* Êle tem receio. Não ousa mais assassiná-la...

A mãe (morta) — Isabel!... Sou tua mãe... Isabel!... Não voltes! Êles querem a tua desgraça. Querem fazer com que vivas!...

O médico (vivo) — Não sei o que ela sente... Essas agitações convulsivas... Espero que se acalme um pouco.

O pai (vivo) — É um bom sinal... É a vida que volta e reclama os seus direitos...

A mãe (morta) — Ouviram? É sempre o mesmo. Não aprendeu nada de novo...

O noivo (morto) — Êles não nos entendem e nós compreendemo-los demais...

A mãe (morta) — Atenção! Ela ilumina-se!... Está a desprender-se do corpo; sai da morte... Levantou-se, nasceu, viveu... Veio connosco!...

O noivo (morto) — Ah! Finalmente!

(Do leito, eleva-se uma forma, luminosa como os outros mortos. O noivo e a mãe acolhem-na no espaço, estreitam-na em seus braços e cobrem-na de beijos).

Isabel (morta), olhando o noivo — És tu? *(Enlaçando-o com os braços)* ¡És tu que novamente venho encontrar! *(Olhando em redor)* E tu também, minha mãe... Mas não posso crer, porque estás tão jovem e bela!... Estou deslumbrada!... ¡E tu também, minha irmã! Oh! meu avô!... E todos os outros que me cercam!... Saí da minha prisão, abandonei suas trevas. ¡Até que enfim, sinto-me feliz!

O noivo (morto) — É para a eternidade...

O pai (vivo) — Que houve? Não respira mais!...

O médico (vivo) — Talvez seja uma síncope... É o que eu temia. *(Inclina-se sôbre o coração e ausculta).*

O pai (vivo) — E agora?...

O médico (vivo) — Eu já o havia previsto... É o fim!...

O pai (vivo) — O fim?... ¿Como pôde ser tão rápido?... Mas, não é possível...

O médico (vivo) — Não há mais nada a fazer...

(O pai, a irmã e os irmãos vivos debruçados sôbre o cadáver) — Isabel!... Tão jovem!... Era tão feliz!...

(Soluços, prostração, fim).

SABER, CONHECER

por F. Noronha

Que tira mais o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do Sol?

Tôdas as coisas são difíceis: o homem não nas pode explicar com palavras. O ôlho não se farta de ver, nem o ouvido se enche a escutar.

Não há nada que seja novo debaixo do Sol...

As palavras dos sábios são como uns estímulos, e como uns cravos profundamente pregados...

Eclesiastes, *caps. I,-3, 8 e 10 e XII, II*

O vocábulo **homem** está escrito em todos os áditos do Tempo e em tôdas as maravilhas do progresso com idêntica unção: amor, sentimento consciente ou não mas nexo individual e elo autêntico da corrente da vida e até do curso dos mundos na grandeza ilimitada.

A evolução de existências no infinito da eternidade chegada à modalidade craniana, reveladora de potência racional em nosso planeta, difine-se em lei de vida, física e ética ou moral, assentando nesta o fundamento e título inalienáveis que conferem ao ser de inteligência e raciocínio formais, incluíndo a asa do génio, o grau proeminente de superioridade sem émulo no plano admirável da animalidade.

«¿Depende da nossa vontade o determinar em todo o tempo a índole dos hábitos que hão de caracterizar a nossa vida?» — pregunta o inglês Ralph Waldo Trine e continua no mesmo tom: «¿É a formação do carácter alheio à nossa vontade e puramente fortuita ou bem está sujeita ao nosso govêrno e domínio?»

Êle próprio responde logo: «De nós mesmo depende em absoluto. Todos podemos e devemos dizer: «Serei o que quiser ser».

É claro — e Trine não o olvida — que **«a energia mental»** constitue a predominância decisiva.

A idéia, conformidade do pensamento com o objecto, precede sempre o acto. A idéia governa o mundo e é imparticipante de material. ¡Decomponde-a, estudiosos da Física, da Química e das Ciências Naturais!

Alemão de primeira categoria, Augusto Henrique Matthide, nascido em 1769, professor de filosofia e insigne filólogo, disse em manual de sua autoria que mereceu versão em línguas estrangeiras e adopção em estabelecimentos de ensino: «Por virtude da lei que força o entendimento a buscar o incondicional de todo o condicional, encontra-se também constrangido à concepção de uma causa última e suprema, que não é já o efeito de outra causa anterior, mas contém em si o princípio de sua existência e simultaneamente o de todo o existente. Êste princípio máximo é chamado o *absoluto*, e a noção de tal objecto acima de tôda a experiência, noção exclusiva da razão e continente de tudo o mais, denomina-se uma *idéia*».

Idéia, pensamento, marca sublime na fronteira inultrapassável de dois mundos, ambos todavia de contacto biológico de comunhão essencial nos primaciais elementos do equilíbrio orgânico: ar e luz.

De um lado, o vegetal e o inferior; do outro lado, o da filosofia e da metafísica.

«A história, — afirma um desencarnado inolvidável, Antero do Quental — não é a metafísica. As idéias metafísicas dominam e penetram a história, não a fazem».

«Quando uma filosofia nova se apresenta ao mundo, — diz Max Heindel, — é acolhida de diferente maneira pelas diferentes pessoas. Uma se apoderará de qualquer novo esfôrço com avidez, tratando de ver em que proporção *conserva as suas próprias idéias*».

Se, em tal caso, se verifica pleno acôrdo ou afinidade perfeita, daqui procede, lògicamente, imediata conjugação ou natural ajustamento de adesão completa. Ao indagar e inquirir estimulado pela curiosidade, intervindo a consciência, sem a qual não há saber nem conhecimento, corresponde uma luz positiva que confirma e ratifica ou um crepúsculo denso que confunde e desvaira. ¿E quantas vezes o homem se embala e deixa embalar de outiva, não pensando em medir distâncias, em pormenori-

Tendes idéias? Sabeis escrever?

Então enviai vossos trabalhos a ESTUDOS PSIQUICOS, revista popular que transpõe as fronteiras e aporta às mais variadas e longínquas regiões do glôbo.

Integrai-vos na nossa orientação e o vosso pensamento dará a volta ao mundo! Todos podeis colaborar, desde que tenhais idéias e saibais escrever. ¡ Mãos á obra, pois, novos e velhos de Portugal! ¡ Enviai-nos a vossa colaboração! Trabalhai connosco.

zar aquilatamentos e em meditar a sangue frio, exteriorizando frases refutáveis?

«Todos os conhecimentos humanos são na origem — *a posteriori;* não os há *a priori*».

Eis exemplificação oportuna, aliás colhida em labor impresso (Cartas a Amadores de Ciência) de saüdoso amigo, António Pombo de Melo Archer que, concluíndo, isto assevera: «Para todo o homem de boa fé, ou seja um crente sincero, ou seja um livre-pensador, ou tenha crenças no sobrenatural, há sempre o Incognoscível, a Substância, a Natureza, o Cosmos, o Universo, ou como lhe quiserem chamar, mas sempre um inigma na sua essência, em si mesma e no seu aparecimento».

Alcançou-nos, de séculos distanciados, um imperativo categórico: *nosce te ipsum!*

É êste conhecimento que importaria estar na vanguarda intelectual da humanidade, como orientação sisuda e seguro guia do bom-senso. Pelo menos, poupar-lhe-ia numerosos desvios das verdades e erros manifestos, envolvendo responsabilidades de conjunto.

Não dimana o saber do corpo, nem êste se determina pela volição directa. «A matéria — como sustenta Eduardo Schuré — não passa de ser a expressão inferior do espírito, mudável, efémera, o seu dinamismo no tempo e no espaço».

Só no animal há vida com movimento e deslocação de propriedades e só o ser que a antropologia estuda, sobrelevando àquêle, transcende-lhe a periferia e sobe, sobe por acção reflectida e seleccionamento ponderado à fonte originária, suma inteligência, energia suprema do Universo, acto eterno, o Karma, ou lei de causalidade.

E de tão elevado píncaro de aspirações do ente pensante, no face-a-face da visão inefável que sonha e adivinha, computando cada uma das suas faculdades, nada o retém ou susta e vai solucionando problemas, abandonando hipóteses falidas, conseguindo laboratorialmente (o sábio inglês Morley Martin) produzir vida embora brevíssima, reconhecendo no átomo, considerado até data recente a partícula mínima da matéria, um mundo turbilhonesco de partículas em flutuação, dotadas de velocidades incríveis e de potência explosiva fulminante, etc., etc.

O avanço é pasmoso, e a nota experimental que o acompanha refôrço de argumento contra que se anulam objecções de qualquer espécie.

¿Perante o soberbo quadro de tantíssimas realidades fulgurantes não será atrevido arrôjo desfeitear o espirita, que estuda e experimenta?

¿Entre o ontem de menos de um século e os dias presentes, não se efectivaram conquistas preciosas e consumaram ideais de aparência vesana em honra das ciências e em proveito dos homens?

O amanhã julgará ou ajuïzará semelhantemente desta nossa idade, que não logrou entretanto ainda consolidar na paz a espécie racional e solidarizá-la por laço recíproco. — a fraternidade, que todo o espirita proclama e que em seus centro é égide.

Existe uma corporação, mundo além, definida por uma divisa de sacrifício heróico: **Vida por Vida!**

Por que não há de ser consagrado de povo a povo, de mentor a mentor, de indivíduo a indivíduo uma outra divisa não menos expressiva, não menos nobre e não menos peremptória: **Verdade por Verdade?!**

«Em espírito e verdade» e em paz e amor, é a letra e o código do Espiritismo na consciência dos seus adeptos e no coração das suas sessões.

¿Que melhor prática de civismo educativo, de magistério docente e de lição sugestiva?!

Alimentemos anelo de saber, vontade de conhecer e imparcialidade de justiça.

Concluo por veneranda frase, precedentemente citada: **«Nosce te ipsum», conhece-te a ti mesmo.**

M/Jun/43

O ESPIRITISMO EMANCIPADOR DA MULHER

por Haydi de Tebelen

IV

O génio feminino também se evidenciou nas belas-letras e nas belas-artes.

Na antiga Grécia e em Roma, as contemporâneas de Péricles aplicavam-se a imitar os artistas no recanto do geniceu. Mais tarde, enriqueceram a Idade-Média com preciosas miniaturas. Na Renasença, a Itália dá o impulso que se estende aos outros países. Em 1552, Lativínia Fontana, em Bolonha, foi notável pintora retratista de personagens ilustres, entre as quais o papa Gregório XIII. No século dezassete, Josefa de Ayala ou Josefa de Óbidos enriquece com o seu talento a pintura portuguesa. No século dezóito, Rosalba Corriére, Angélica Kauffmann e Madame Vigie-Lebrun, são distintíssimas pintoras, sendo esta última retratista na côrte da raínha Maria Antonieta.

Depois de Heloísa, as letras são enriquecidas pela freira portuguesa Mariana Alcoforado e outras. Nos séculos dezóito e dezanove, estavam na moda os salões ilustres e nêles resplandeceram astros de graça e de erudição feminina, como as marquesas de Maintenont, de Sevigni e de Chatelet, Georges Sand e a baronesa de Staël e em Portugal a marquesa de Alorna.

Na primeira metade do século dezanove, aparece a genial Elizabeth Barrett, a maior poetisa de Inglaterra, considerada a Safo moderna.

O génio manifesta-se pela vontade do Alto, indistintamente, no homem, como na mulher.

Noutro tempo, não esqueçamos as Pompadour, as La Valiere, Dubarry e Carlota Corday, cuja influência tanto se fez sentir, não só na política, como nos costumes da sociedade do seu tempo.

Lancemos agora um rápido olhar para as nossas irmãs orientais e recordemos a imperatriz Zaouditou, raínha dos reis da Etiópia, falecida em 1930. Esta enérgica rainha lutou vitoriosamente contra uma grande intriga da côrte e resolveu importantes problemas da política interna que asseguraram a paz do seu povo. Bondosa e hábil na política, o seu nome é recordado com saüdade pelas populações das margens do Nilo Azul.

Na China moderna, notabilizou-se a imperatriz Tsou-Hsi, a quem se poderia chamar a Teodora do Extremo-Oriente. O Celeste Império deve-lhe grandes reformas, que foram mais importantes por terem feito uma verdadeira revolução nêsse país que parecia amarrado para sempre às suas velhas tradições. Esta mulher extraordinária que possuía uma personalidade bastante original e um carácter dominador, aboliu o antigo e bárbaro costume das tiras apertadas, afim de impedirem o crescimento normal dos pés das pequenitas chinesas.

O que disse há pouco, quando afirmei que muitos homens célebres devem, em grande parte, os seus louros à dedicação e inteligência das suas companheiras, confirma-se nesta passagem que transcrevo da «Vida Mundial Ilustrada», de 9 de Abril de 1942:

«A senhora Chang-Kai-Chek é uma dedicada colaboradora de seu marido na causa a que se votaram da libertação da sua pátria. A sua extraordinária cultura, a sua actividade e o seu tacto político fizeram dela a insigne diplomata, cuja competência, aliada ao talento militar de Chang-Kai-Chek, tem sido uma das razões da magnífica epopeia chinesa, na luta contra o Japão».

Mas estas mulheres são ainda excepções, pois que a maior parte delas não podem ver outros horizontes, além das quatro paredes do seu lar. Por isso, a mulher tem sido o que o homem quis que ela fôsse: o reflexo da sociedade em que vive, o espêlho da sua época.

* * *

Estabelecido o princípio tirado da narrativa do Génesis e que tem similares em tôdas as religiões, que Deus fêz Eva duma costela de Adão, a mulher passou a ser considerada até aos nossos dias como uma criatura infe-

rior. Êste princípio vigora ainda como fórmula oficial, apesar das opiniões em contrário emitidas por muitos sábios e filósofos. Isto prova que Jesus não foi escutado nas suas santas e igualitárias prédicas.

A injustiça do homem para com a mulher manifesta-se desde os templos bíblicos, pois que a história prova-nos que tendo-lhe sido cerceadas as regalias a que tinha direito, só perante as responsabilidades penais ela tem sido considerada igual ao homem.

Como cidadã, nunca lhe reconheceram capacidade intelectual para desenvolver os problemas políticos ou de interêsse geral — excepto, como já disse, na época da Sinarquia. Como espôsa, as leis e os costumes permitiam ao homem dispor dêla como de cousa própria, e como mãi colocaram-na num lugar injustamente subalterno, a ponto de lhe recusarem os direitos iguais ao marido com relação aos filhos!

Tem havido excepções para as rainhas, porque lhes atribuem o direito divino; e em certas tribus para com as profetizas nas mesmas condições e que têm permitido a estas chefiarem algumas vezes as suas comunas. Estes casos são excepções, e eu desejo referir-me à mulher em geral.

Como mulher, também não lhe foi concedido o direito de amar, senão dentro das grilhetas das leis do casamento, tal como o instituiram e chegou aos nossos dias. Amando fora dessas leis passa a ser uma desqualificada, que a sociedade repele como uma criminosa — em que às vezes se torna por própria culpa daquela, enquanto que o homem, amando nas mesmas condições, continua merecendo o respeito geral, pois que a sua vida pública não sofre com os actos — por vezes desregrados — da sua vida privada.

Os patriarcas de várias religiões, sentenciando sôbre a inferioridade da mulher, influenciaram os legisladores de tôdas as épocas.

Deturparam êles na Índia a bela doutrina de Gautama — o Budha —, na Judéia a lei mosaica e em Roma, cuja legislação serviu mais tarde de modêlo aos códigos latinos. Os abusos praticados levaram o Cristo da Palestina a repudiar tôdas essas monstruosidades, praticadas em nome das verdadeiras leis ditadas pelos grandes profetas.

Estes iníquos abusos eram baseados na pretensa superioridade do homem, que exercia direito despótico, o que dava lugar a tremendas injustiças e escândalos vergonhosos.

Conta Lamartine, no seu livro acêrca de Cícero: — «Cláudius enamorou-se da mulher de César, de nome Pompeia e entrou-lhe em casa, com ou sem consentimento dela, vestido em trajes femininos. César, sem se queixar e mesmo cortar relações com Cláudius, repudiou Pompeia.

O cônsul Paulo Emílio repudiou sua mulher Papíria e respondeu sorrindo a quem lhe preguntou a razão do repúdio: — «Fiz-lhe o que se faz a um sapato quando nos incomoda o pé.»

Bastava que o homem achasse a sua mulher menos bela para a repudiar, limitando-se para isso a enviar-lhe um escravo com o repúdio escrito.

Êste procedimento causou nefasta influência na mentalidade feminina, desenvolvendo-lhe em extremo o hábito da «coquetterie», para assim conseguir prender o seu amo e senhor.

Dada a razão da suposta inferioridade feminina, em algumas épocas, o casamento foi dispensado, substituindo-o em parte a concubinagem.

O imperador Augusto deu foros de legalidade ao concubinato e mais tarde, no Concílio de Trento, autorizou-se a concubinagem, como suplemento ao matrimónio.

Em várias épocas, o casamentos teve altos e baixos, donde resultou que, em certos períodos, os filhos bastardos nada perderam da sua elevação social.

Porquê? Porque nessas épocas pouco importava saber quem era a mãe. O homem era tudo e a mulher nada, ou quási nada.

Alguns dos nomes mais gloriosos da História pertenceram a bastardos. Nem por isso essas vergônteas a que a religião chama sacrilégios, deixaram de ter a mais elevada situação do seu tempo.

Desejando marcar cada vez mais a sua superioridade, o homem chegou a declarar num concílio de Macon que a mulher — não tinha alma!

Como Budha e Moisés, Jesus perdera o seu tempo, prègando a igualdade e o amor. A escrava continuava cada vez mais vergada ao pêso da tirania do seu senhor que, na verdade, era — o seu próprio irmão.

Alguns museus conservam provas do bárbaro costume dalguns países europeus dos séculos dezasseis e dezassete, em que se amordaçavam as mulheres. Havia as cintas de cas-

tidade, o açamo das bruxas, a mordaça das faladoras, etc., que eram verdadeiros instrumentos de tortura.

Desde o antigo direito romano, germânico e oriental, até aos nossos dias, a mulher tem sempre vergado perante o domínio absoluto do *Pater-famílias*.

O amor materno, tão cantado pelos poetas, não a impede de ser considerada pelas leis actuais como inepta, uma verdadeira nulidade que tem de inclinar-se ante a vontade absoluta do pai dos seus filhos.

Nos países em que o Espiritismo atingiu grande desenvolvimento, como na Inglaterra e na América, a mulher, mais conhecedora dos seus direitos, já conseguiu administrar os seus bens e obter outras regalias, tais como o direito de se imiscuir na vida política, tendo representação como juiz, deputada, diplomata, ministra, etc.

É o Novo Mundo a revelar-nos o esbôço das futuras raças precursoras duma Humanidade nova,

* * *

Lancemos um rápido olhar para as nossas irmãs orientais: muçulmanas, chinesas e japonesas.

Perto de nós, em Marrocos, temos dois tipos distintos: as mulheres árabes, geralmente chamadas mouras, e as berberes que habitam nas montanhas e conservam muitas tradições pagãs.

O profeta Mahomed encontrou a sociedade muçulmana baseada na maior e na mais terrível poligamia.

As mulheres mudavam de marido com a mesma facilidade que estes mudavam de mulher, e os filhos, em regra, ignoravam quem eram os pais.

Nos tempos do paganismo, as mulheres e as crianças não herdavam, mas faziam parte da herança, visto que o parente mais próximo tinha direito ás viúvas, aos escravos e seus pecúlios.

Mahomed restringiu a poligamia, concedeu à mulher e à criança o direito de herdar, estabeleceu o divórcio para ambos os cônjugues, instituiu assim uma das mais importantes células sociais: — a família.

Mas nesta elevação social que o Corão lhe concedeu, a igualdade não pertence de modo algum à mulher, cuja inferioridade foi para sempre decretada, pois esta cláusula faz parte do dogma.

Nos usos e costumes do povo árabe, quanto ao casamento, em geral é o pai ou um parente da rapariga quem se encarrega de lhe arranjar marido. Ela é quási sempre consultada; mas, em caso de recusa, êste pode usar do *direito de obrigar*, convencido de que procede assim para melhor proteger os interêsses da sua pupila que, em geral, é quási sempre uma criança. Ninguém admite que uma rapariga, nem uma mulher, se ponham em relação com o homem que a pediu em casamento, discutindo as condições do contrato que deve ser assinado.

Em geral, as raparigas são verdadeiras crianças, algumas vezes de onze anos, e estes casamentos podem ser considerados como autênticos crimes de estupro. As raparigas muçulmanas vivem encerradas nos haréns e nestes casamentos o amor raras vezes intervém, embora êle exista em muitas uniões. Os casamentos de amor são mais freqüentes nos berberes, porque estes conhecem-se sempre; além disso, as crianças brincam juntas e rapazes e raparigas — ao contrário dos muçulmanos — continuam a vêr-se, enquanto crescem. As muçulmanas, apenas chegam à puberdade, velam o rosto e as berberes trazem-no descoberto.

Embora o Corão lhe conceda o direito de intentar o divórcio, se o marido lhe faltar com alimentos e aos filhos, e em caso de repúdio também possa reclamar alimentos, a extrema ignorância dos seus direitos leva-a a ser sempre espoliada. O mesmo acontece quanto ao direito de herdar.

O professor Tedjini diz «que o que impede os povos islâmicos de avançar na vida moderna é a questão do *véu*, que divide o mundo muçulmano em duas sociedades: a sociedade masculina e a feminina; duas partes coesas, sem comunicação entre si.»

Mas as muçulmanas da Turquia não quiseram continuar a ser as «Desencantadas» de Pierre Loti e arremessaram às ortigas o véu clássico, fonte de tantos infortúnios.

Com a revolução de 1908, realizada pela «União e Progresso» destruiram o jugo servil e em 1931 obtiveram a liberdade completa, graças à adopção do código civil europeu, impondo a monogamia ao homem. ¡Uma ascensão fulminante e admirável dos costumes da Sublime Porta, para a plena civilização no novo Parlamento da Turquia, que hoje conta mais de 17 mulheres!

HANS ANDERSEN DESCREVE A SUA DESENCARNAÇÃO. A HISTÓRIA DO GRANDE REI

HÁ uma história por detrás desta história. Olhando para alguns livros em segunda mão, num alfarrabista de Charing Cross Road, descobrimos um com o título «The Next World» («O Outro Mundo») e o sub-título «Cinqüenta e seis comunicações de eminentes historiadores, escritores, legisladores, etc., agora no mundo espiritual, recebidas por Mrs. Susan G. Horn».

O volume foi publicado em 1890 por James Burns, pioneiro espirita, que garante ser *uma produção mediúnica genuína*.

Explica Burns que a *médium*, americana, tendo visitado a Inglaterra, recebeu essas comunicações, ou directamente das entidades espirituais ou então ditou-as sob a influência dessas entidades.

A comunicação aqui transcrita pertence a Hans Andersen, escritor norueguês do século passado, que nos conta a «*sua chegada ao outro mundo*».

* * *

Agora contar-lhes-ei uma pequena história.

Existiu outrora um jovem, que residia numa cidade distante. Seus pais eram pobres, mas industriosos. Apesar de viverem num sítio isolado dessa grande urbe, êles amavam a Natureza. Com migalhas das suas refeições frugais, o filho atraía e alimentava os passarinhos que se aproximavam da sua janela e construíam os ninhos nos beirais do telhado. Tôdas as plantas e arbustos, ao seu cuidado, cresciam a olhos vistos, porque o seu coração se sensibilizava perante as fôrças ocultas da Natureza.

Pois bem: êste rapaz, quando sòzinho, no seu trabalho, tinha as mais lindas visões que lhe enchiam a alma de contentamento. Os vizinhos, sabendo isto, acercavam-se dêle para lhe ouvirem a descrição dessas coisas maravilhosas, ainda que invisíveis para êles.

Com o andar do tempo, os rapazes e as raparigas, de perto e longe da sua casa, vinham também escutá-lo, atraídos pela fama das suas faculdades invulgares. Os ricos traziam-lhe presentes, de modo que êle já não precisava de trabalhar no seu humilde ofício, e pôde assim despender todo o seu tempo para contar essas coisas extraordinárias.

Quando a fortuna o favoreceu, tornou-se mais forte e a sua voz mais potente; por fim abandonou o seu lar humilde e partiu para visitar cidades estranhas.

A natureza como mestra

Para onde quer que êle fôsse, o relato dêsses fenómenos supranormais atraía muita gente, ansiosa por ouvi-lo; convidavam-no para suas casas e carregavam-no de presentes, tornando-o ainda mais rico.

Porém, durante todo êste tempo de prosperidade não se esquecera da sua bondosa mestra, a Natureza, nem o Grande Pai Celeste, que lhe tinha concedido a vista para contemplar o sol glorioso, a lua, as árvores, as flores, assim como a terra fecunda; um coração para sentir, amar e se condoer do aflito, do infeliz e do desgraçado.

Tinha muitos amigos. Reis e raínhas convidavam-no para a sua mêsa e êle comia e bebia com os nobres. Todavia, de tôdas as pessoas com quem convivia, as que mais estimava, eram as criancinhas, porque eram simples, verazes e retribuíam o amor que êle lhes consagrava. Seguiam-no para tôda a parte, e por isso nunca estava só.

Entretanto os dias e os anos passaram, enquanto contava e transmitia as suas histórias exóticas. Começou a envelhecer e a perder a sua linda voz.

Um dia recebeu um aviso do Rei duma terra distante, comunicando-lhe que devia pôr de parte todos os seus amigos, abandonar a sua riqueza e honras e ir morar com êle.

Ora êste Rei, para o nosso herói, afigurava-se-lhe um sêr terrífico, dispondo de dois lugares malditos, para onde mandava todos os viajantes incautos que se aventurassem a visitá-lo. Um era um lago medonho de breu derretido, flamejante, dentro do qual, o tal Rei, se deliciava em lançar os que lhe desagradavam; o outro era um lugar onde todos

Nº 23 - Maio/Jun.-43

se sentavam e cantavam hinos triunfais em volta daquelas pobres criaturas torturadas.

Êste monarca era tão temido pelos povos vizinhos, que vestiam longos fatos pretos, cobriam o rosto com espessos véus, e até punham, nos chapéus, compridos fumos negros para exteriorizarem a sua tristeza e angústia que os pungia, quando chegavam as intimações dêste Rei implacável, para os seus amigos visitarem o seu reino desconhecido e indesejado.

O nosso jovem, para quem a terra era tão agradável e cujos amigos eram tão bondosos, a quem muitas vezes ludibriara com as suas histórias, não podia enganar êste Rei omnipotente. Era compelido a cumprir as suas ordens e partir para êsse estranho país, com as mãos vazias.

Teve de abandonar, nas gavetas, o seu belo guarda-roupa. Despediu-se dos livros da sua biblioteca, dirigindo-lhes longos e saüdosos olhares, com pena de não os poder meter na mala e levá-los consigo; os mensageiros reais, porém, recusaram-lhe os seus rogos, pois que a ninguém era permitido transportar qualquer coisa para o reino daquêle Grande Rei.

Uma despedida triste

Tudo o que êle tinha acumulado durante longos anos de trabalho árduo — os seus pássaros, flores, dinheiro depositado no banco, bens materiais ganhos com a sua actividade e deligência, tudo isso era forçado a deixar antes de empreender a grande viagem.

Dêste modo se despediu tristemente dos seus amigos; lançou um último olhar de saüdade para o sol benfazejo, e assim partiu para a sua viagem solitária.

Ao princípio havia escuridão e o ar estava espesso por causa da neblina sombria, que não deixava descortinar nada.

Não obstante, disse para consigo:

«Encorajar-me-ei, porque êsse desconhecido Rei só pode ser aquêle Deus Omnisciente que superintende no céu e na terra, que protege as florinhas de forma a poderem crescer, abrigadas da tempestade, entre as rochas — não pode ser senão aquêle que me ampara».

Assim, tomando ânimo, prosseguiu a sua penosa viagem, que êle pressupunha excessivamente longa.

Enquanto assim monologava viu, sùbitamente, a pouca distância dêle, uma cidade resplandecente, com uma luz semelhante à do pôr-do-sol.

Ao contemplá-la, compreendeu logo que se tratava da capital do famoso Rei.

No mesmo instante apareceu nos passeios laterais duma avenida, bordados de árvores frondosas, um grupo de criancinhas, travestidas de côres garridas, quais as das flores campesinas, que elas levavam nas mãos, com as quais, por sua vez, coroavam as suas cabecitas. Êsse conjunto policromático constituía um espectáculo surpreendente, jàmais observado pelos seus olhos deslumbrados.

Sorridentes, os pequeninos aproximaram-se dêle. Alguns dos mais crescidos, destacaram-se do grupo e, correndo para o viajante extenuado, beijaram-no com os seus lábios rosados dizendo-lhe: «*Tu és Hans Christian Andersen. Conhecemos-te! Vem ver um lindo jardim que preparámos para ti.*»

Quando acabaram de falar, os restantes meninos fizeram um círculo em volta do recenchegado e, tomando-lhe as mãos, beijaram-no fraternalmente, conduzindo-o em seguida à entrada da cidade doirada.

A cidade replandescente

Ao penetrar nesta cidade de maravilha deparou-se-lhe imediatamente um jardim enfeitado de sebes de rosas completamente desabrochadas. Quando se deteve para admirar as flores, as crianças exclamaram: «*Vem, caro amigo, vem ver mais o que temos para ti.*» E conduziram-no a uma lindíssima casa, côr de creme, com uma varanda em tôda a volta envolvida por trepadeiras até às janelas. Uma vivenda como aquela nunca êle vira durante a vida terrena.

Quando, estupefacto, lhes disse isto, os anjinhos bateram as mãos de contentamento. Estes, em seguida, conduziram-no a um compartimento onde havia livros nas prateleiras, arrumados com gôsto inexcedível. Eram livros iguais aos que abandonara com pesar, no momento da sua partida para os domínios do portentoso Rei.

A sala da amizade

Da biblioteca foram para uma salinha, do lado oposto, denominada a *Sala da Amizade* onde, sôbre uma mêsa redonda, estavam os mais belos e imaginários pratos, chícaras e pires, assim como travessas matizadas de cô-

res tão graciosas, que pareciam pétalas de lindas flores.

Mostraram depois uma sala maior; era a *Sala de Canto*, onde contemplou os seus instrumentos de música favoritos — a flauta, o violino e o piano; e quando os olhava com assombro, ouviu inesperadamente, do exterior, centenas de vozes a entoar uma canção de boas vindas.

Apossou-se dêle um sentimento tão forte de alegria e gratidão, que as lágrimas brotaram dos seus olhos a ponto de quási o cegarem. As crianças, então, acercaram-se do pobre viandante, trouxeram-lhe uma cadeira, coberta de almofadas macias e sentaram-no, para ouvir e deliciar-se com aquela música de magia.

Não tardou, porém, a aperceber-se de que essa demonstração musical, cada vez mais nítida, comemorava a sua chegada. Oh! Que música tão inebriante! ¡Todos os sons harmoniosos que êle ouvira desde a infância à idade viril, eram murmúrios grosseiros, comparados com esta melodia arrebatadora!

Terminada a sessão musical, entraram os orfeonistas e, oh! céus! entre êles, encontravam-se amigos da sua infância e da idade madura, pessoas queridas que tinham partido muito antes dêle, obedecendo à ordem do severo Rei, para visitar o seu reino maravilhoso.

Oh! ¿quem poderá descrever as manifestações de alegria que provocou o encontro inesperado dos seus amigos e parentes há tanto tempo perdidos?

Refeitos, todos êles, destas fortes emoções, sentaram-se à sua volta e informaram-no de que, afinal, o Grande Rei era um Bom Rei; que velava por todos os visitantes do seu reino; que o lago infernal era apenas uma fábula como as velhas lendas da humanidade, com as quais, nos tempos antigos, os marinheiros divertiam os seus compatriotas.

Disseram-lhe que os únicos lagos ali existentes eram correntes de água cristalina e refrescante, que revivificavam os habitantes daquêle país de fadas. Acrescentaram ainda que o Grande Rei era invisível para êles, mas que o sentiam no ar balsâmico; que reconheciam a sua presença na música maviosa, assim como na sua bondade, através dos seus espíritos mensageiros e ainda pela benevolência e graça manifestadas a todos os súbditos do seu reino, onde a todo o viandante, recemchegado da Terra, era fornecida uma morada; que o mais humilde habitante encontrava sempre, ao transpôr as terras encantadas dêsse país, um lar e amigos esperando por êle.

Terminada esta entrevista sensacional, os lindos habitantes de palmo e meio distribuiram chávenas a todos os presentes, enchendo-as com a mais deliciosa das bebidas jamais apreciada, e bem assim pratos com frutos cultivados no solo ubérrimo daquêle país fantástico, tão ricos pelo sabor e aroma, que ultrapassavam todos os que se colhiam outrora no Paraíso.

E aqui termina a história da minha viagem ao *País do Grande Rei*...

(De *Psychic News*, em tradução do Dr. Sebastião Elviro Martins).

SURGE ET AMBULA

por Amadeu Santos

O' homem que vives imerso na lama dos vícios; que estás esmagado pelo pêso da carga do remorso de inumeráveis injustiças... Homem que te deixas afagar na onda das paixões... Homem que vives na mais criminosa inércia e na mais condenável ociosidade... Homem que te deixas empolgar por crenças materialistas e que propagas idéias frívolas e perniciosas... Homem insensato que te entregas displicentemente ao domínio das mazelas de tôda a espécie... Homem que te deixas envenenar pelo vírus da maledicência e pelo estigma do pecado; que te deixas contaminar pela cólera, pela cobiça, pela inveja, pela luxúria, pela concupiscência, pela avareza, pela vaidade, pela ambição desmedida, pelo egoísmo e pelo urgulho... Homem que te entregas à prática de acções ominosas, que praticas iniqüidades de todo o jaez; que esparges a prepotência; que espalhas a fraude, a violência e o subôrno... Homem cruel, impiedoso, fanático, traiçoeiro e hipócrita, que esmagas o fraco com a tua fôrça lenta; que oprimes, que julgas, castigas, que punes implacávelmente e fazes triunfar a tirania e o despotismo... Homem perjuro, de maus costumes, homicida, desleal e intrigante, que espalha a inquietação, o pranto, o luto, a desonra, a orfandade, a viüvez e o tédio; que provas humilhações e desalentos... Homem pobre de virtudes e rico de imperfeições... Homem sem Deus, sem humanidade e sem família, sem pátria, sem amigos... Levanta-se e anda! Ressuscita da morte de todos os vícios e terás a vida eterna! Levanta-se da miséria e da tristeza e caminha para a liberdade e para a paz.

Obedece ao salvador imperativo: *Surge et ambula!*...

(Do «Retumbar da Trombeta»)

A EXISTÊNCIA DA ALMA

por Alvaro Ramos Pereira

Eis a primeira questão que o pensamento humano se propõe no desejo superior de saber. Dela resulta todo um mundo de problemas. Há os que crêem sem demonstrar. Há os que negam ou afirmam, procurando provar.

Quando eu digo: a alma existe, exponho uma idéia pessoal que só a fôrça probatória dos meus argumentos poderá fazer com que seja aceite por outrem. É pela razão que se convence; a razão é o grande apoio da fé. Neste tema reside a pujança da unidade da filosofia espirita.

Qualquer tratado de psicologia mostra o homem como a sede de duas classes de fenómenos de características dissemelhantes, embora com certa dependência: — fisiológicos e psicológicos. Daqui a pressuposição clássica de duas substâncias: — matéria e alma.

Apesar da lógica desta ilação, muitos filósofos (Berkeley, D. Hume, Stuart Mill) substituem a substância pela afirmação pura dos fenómenos. Para David Hume, nada nos prova que as idéias correspondam à realidade (cf. «Problemas da Filosofia» de B. Russell); logo, as idéias espirituais possuem tanto valor como as materiais, matéria e alma são formas e ilusões. Demais, a intro e extrospecção apenas nos dão o conhecimento de fenómenos e, assim, a substância espiritual não é mais verificável nem necessária que a material. Conclui que a substância é simplesmente uma colecção de fenómenos e a causalidade uma sucessão.

¿A que se reduz a alma? Ao amontoado dos fenómenos psicológicos. Stuart Mill avança um pouco, dizendo que o conhecimento é-nos dado pelas sensações experimentadas; mas a certeza da sua existência para além do fenómeno, apenas exprime possibilidade de realização.

Respondemos. Se o espírito é a simples sucessão dos fenómenos, não é racional que possa conhecer-se. Além de que uma sucessão é uma cadeia de elos ligados pela unidade de pensamento; num, o passado já é nada e o futuro não é ainda. Logo, o «eu» é apenas o presente que muda constantemente.

¿Como explicar então a corrente e a identidade do «eu»? Porque, para que a cadeia exista, é necessário que haja alguma coisa de mais firme que una os elos. Suponhamos que a cada estádio mudávamos e não existia o termo imutável. Seria impossível guardar a recordação dos elos passados e a cadeia reduzia-se... ao elo presente.

Se com Berkeley dissermos que em nós há apenas fenómenos e negarmos o laço, seriam insolúveis os problemas da memória, da associação de idéias, do hábito, etc. além de que êsses fenómenos seriam só sensações. ¿Como poderiam estas deixar as imagens, fonte das idéias e do mecanismo do pensamento? ¿Como se explicariam as sensações remanentes?

Mas a corrente da consciência é contínua. A consciência não apreende sòmente os fenómenos, mas o presente psicológico (William James) e o «eu», que é permanente. Para além do fenómeno está a faculdade que o percebe, que é algo de duradoiro, que exprime a potência do acto não separada do espírito. Essas faculdades (sensibilidade, vontade e intelectualidade) são aspectos da mesma substância, que é a alma.

Então, se não é uma colecção de fenómenos, como querem os idealistas, a alma é uma substância e como tal existe. A consciência é a grande base desta substância una.

«La conscience est surtout un devenir, quelque chose qui dure. Les états de conscience sont des moments de cette durée» (cf. Abel Rey, in «Psychologie»).

Mas falámos numa outra substância: — a matéria. A ela recorrem os que querem negar a existência da alma, embora afirmando a da matéria: — paralelismo psico-fisiológico. Cabbanis dizia: — «o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bilis». É considerar o fenómeno psicológico como aspecto do fisiológico. Ainda que nos pronunciemos

As três idéias da imortalidade

Tradução de T. D. S.

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires)

O Homem — e, portanto, a humanidade — terá sempre alguma coisa que fazer, que pensar e que amar. Com estas palavras do filósofo que inteiramente subscrevemos, nos definimos.

Criticar é discernir e todo o discernimento é trabalho. Ao criticar sistemas e modalidades, não o fazemos, como geralmente se compreende, em sentido negativo ou simplesmente restritivo.

Por isso, ao apontar as razões que abonaram as três idéias da imortalidade — a materialista, a religiosa e a espirita — pretendemos desembaraçar-nos de várias interpretações sintetizadas por cada uma daquelas orientações. O princípio da existência, imanente no homem, de uma individualidade psíquica essencialmente distinta do organismo, vem dos mais remotos tempos.

O nascimento das religiões — tôdas elas reveladas, no dizer dos seus próprios postulados — leva a considerar os homens como almas em provação num mundo grosseiro e tentador — para usarmos a mesma terminologia eloqüente — e em luta permanente com o mísero corpo, único qualificativo que merece.

Graças à chamada graça divina, existe o gôzo da vida. A morte decretará o sofrimento ou a bem-aventurança para todo o sempre.

A alma é pessoal, isto é, cada ser humano é uma alma sempre diferente que, para além da vida e da morte, contempla imperturbavelmente os vai-vens das existências humanas, com os seus pezares, dores, alegrias, vicissitudes, inquietações e ânsias, e sempre impermeável e alheia à realidade vibratória e ao dinamismo universal, quere dizer, em pleno divórcio com a própria vida.

Tôda a síntese exposta não resistiu ao esfôrço do estudo racional e a ciência prova a inconsistência dêstes cavoucos que, felizmente, encheram um ciclo nos primeiros alvores do avanço dêsse enorme corpo que é a humanidade.

Estes desusados conceitos àcêrca da alma e sua imortalidade não têm actualmente qualquer valor, nem mesmo são tomados em conta. Servem apenas para ilustrar esta afirmação e provar de que maneira avança e quanto avança a humanidade.

O conceito de alma e imortalidade, segundo a definição materialista, é muitíssimo diferente e tem origem entre o fluxo e o refluxo de matéria e energia; esta última é deusa adorada no altar da ciência escolástica — essencialmente fria e calculista — e a que se chama o grande espírito universal, alma da vida, essência cósmica, mediante a qual e graças às suas manifestações, é possível a existência da vida, embora isto seja mero jôgo de palavras e a essência dessa energia permaneça ignorada.

A asserção «nada se perde, tudo se trans-

---

a favor duma interinfluência (explicável pela união de matéria e alma) refutamos o carácter absoluto daquêle paralelismo que pensadores como Hodgson, Mandsley, Taine, Huxley, Wundt, Ebbinghans e F. Le Dantec defenderam.

Existem dissemelhanças tais entre as duas classes de fenómenos, que não as podemos unificar sem cometer um êrro de lógica: — enquanto que os fenómenos fisiológicos dizem respeito à matéria organizada, os psíquicos são imateriais; a causa daquêles só é conhecida pelos efeitos; a dêstes é-o conjuntamente com êles; os primeiros são apreendidos pelos sentidos, os segundos pela consciência.

Logo, as duas substâncias — alma e matéria — existem e são de natureza diferente. Mas se a alma não é material, ¿que é então? Esta interrogação será o assunto do próximo estudo.

Lisboa, 1943.

forma» exprime tôda a filosofia e mantém — contràriamente ao teologismo — as conquistas positivas e as verdades inamovíveis que a humanidade pode conhecer. O seu veredicto e a sua intervenção são os únicos indicados e que se ajustam à verdade. Criou o dogma científico. Os seus pro-homens — sacerdotes de novo modêlo — sustentam, mas não demonstram o aniquilamento total da personalidade, devido ao fenómeno da morte, que marca inexoravelmente a mudança definitiva, não obstante o *processus* transformador de moléculas e de átomos constitutivos da organização física.

«Nascemos do nada e ao nada voltamos» — eis o postulado que explica sintèticamente os pontos defendidos pelo materialismo histórico de hoje, que está plenamente de acôrdo com o seu conceito físico-químico da vida, qualquer que seja a sua manifestação.

Como se vê, chega à angustiosa conclusão (que se resume numa atitude fatalista) de negar-se a si mesmo. A primeira realidade do seu intelecto, isto é, a incontestável realidade da existência do «Eu», é formidável e atrevidamente negada. O ser humano não passa de coisa mutável, intranscendental, quási um acidente.

«Vivemos hoje», eis o necessário raciocínio que se oferece, em oposição ao sentimento religioso. O primeiro é egoísta e o segundo esterilizante, mas ambos utilitários. Tal é o balanço que ao homem apresenta a concepção teológica ou religiosa e a materialista que, diga-se de passagem, se qualifica impropriamente de positivista. Para a primeira, a alma é criada com o corpo e exclusivamente para o corpo, com ratificação final intangível e eterna; para a segunda, a alma nem sequer existe durante a vida humana e só há relações de índole físico-química, que dão origem ao amor, à inteligência, ao pensamento, à vontade, etc.

Sustentar êste mecanismo, é repelir imediatamente qualquer possibilidade de imortalidade.

Imortalidade e alma «são termos com que a humanidade se embriaga», como nos afirmou textualmente certa eminência numa classe universitária.

Só nos resta agora sintetizar os ensinamentos que mantém a escola espirita.

Aqui, todos os conceitos são claros. Não há lugar para o empirismo religioso, nem para o calculismo utilitário, que personifica o que se deu em chamar ciência oficial.

A alma não é só um conceito fundamentado em fraseologia confusa, como a religiosa, ou técnica, como a cientista, mas também exprime função potencial. É, antes de mais nada, um postulado biológico ou energético superior, claramente delimitado; e a imortalidade não se procura; antes, pelo contrário, aparece nítida e inconfundível através do estudo realizado em torno das produções fenoménicas, a que a alma dá origem.

Deslindada a acção do funcionalismo orgânico, bem como o plano de acção entre corpo e alma, aquilatados os valores enormes de um e outro, o princípio psíquico da vida anímica e espiritual surge inevitável dos factos, aos quais se entrega, com o fim de provar a sua existência.

Independentemente do conglomerado físico, é real, antes e depois de se unir a êle. Sente, vive, ama, pensa e acha-se em perpétua evolução; a sua existência obedece a princípios espirituais ou leis morais tanto ou mais exactos que os que regem a nossa ordem material, e o desenvolvimento de novos caminhos é eternamente superado. A palingenesia assegura o enriquecimento de faculdades e a expansão volitiva, intelectiva e sentimental faz notar à entidade diferenciada que vimos dominando a alma e que demonstra ser, definitivamente, a verdadeira personalidade.

O fim de cada vida é uma paragem na marcha que se recomeça, logo que seja possível. Vida vibratória profundamente esquisita, informada de alta idealidade e consciência solidária, ao lado de afã estudioso e construtivo, transforma o movimento iniciado em tais bases num corpo superior a todos os ideários que a humanidade até hoje tem recebido.

Seja qual fôr a sua tendência ou a sua vontade, a alma terá de limar os seus defeitos, não importa o grau de conhecimento que possua, pois tem na sua frente o infinito do espaço e a eternidade do tempo para levar a efeito o seu aperfeiçoamento. Nascida a ânsia, a alma toma impulso — eleva a sua vibração — e lança-se na luta pela sua única conquista. Necessita de se achar a si mesma, desenvolvendo suas possibilidades e qualidades intrínsecas, visto ser êsse o desiderato final da sua existência.

São estas concepções já provadas — mesmo para o mais exigente e rigoroso contrôlo — relativamente à alma e ao seu destino ulterior, que informam o Espiritismo científico e assinaladamente evolucionista, baseado no

mundo que representa o átomo psíquico como elemento natural, eternamente perfectível, mercê do seu próprio potencial.

Deve compreender-se, pois, que a escola espírita só pode encerrar puro evolucionismo integral.

Esta ideologia, tão vilipendiada por muitos que julgam sustentá-la, mantendo absurdas modalidades, que propagam como verdades reveladas por entidades extra-físicas; esta doutrina, repetimos, entende que a ciência, para não se desclassificar, só deve obedecer aos postulados rubricados pela experiência.

Ninguém julgue com despeito o Espiritismo e a sua fenomenologia, depreciando-o sem o conhecer, como acontece quási sempre. A escola espírita há de perpectuar-se, à margem de formalismos aviltantes, porque o facto é a única verdade perdurável, é a base de tôda e qualquer actividade filosófica ou sociológica.

Mediante o seu conteúdo perfeitamente acessível, a escola espírita sabe o que se deve fazer, isto é, o que é necessário realizar para que a humanidade enverede por caminhos mais firmes e melhores dos que os que tem seguido até aqui e como utilizar racionalmente a hipertrofia do seu grande mecanismo e super-tecnicismo, hoje puramente materialistas e parcialmente utilitários.

Além disso, mostra o seu protesto pelo anquilosamento de conquistas práticas e da manifesta tendência da injusta organização social contemporânea que faz abortar a sêde espiritual, em que sempre vibrou a humanidade. Baseada neste tópico a nossa opinião, sejam-nos permitidas duas palavras finais:

Podem falar-nos da precisão do subjectivismo kantiano, do untuoso racionalismo de Descartes, do gnosológico monismo de Berkeley e de Hegel, ou expurgar as diversas tendências materialistas de novo aspecto (neovitalismo), as tendências espiritualistas e idealistas; podem exaltar-nos a monadologia de Leibniz, a dualidade grega, a teoria das categorias aristotélicas, ou a conhecida filosofia socrática, graças ao esfôrço ponderável do excelente aluno que foi Platão; não se esqueçam, porém, de que tudo isso será apenas formosa exposição de princípios ou doutrinas que, por si sós, não conseguem atingir o que entendemos por Filosofia integral ou superior.

Embora alguns dos seus postulados sejam comuns a outras ideologias, o Espiritismo, auxiliado por variadíssimos fenómenos que lhe deram foros de escola moderna, prova irrefutavelmente a sua indiscutível superioridade e oferece, primeiro aos estudiosos e depois à humanidade, o que até ao seu advento parecia impossível: um movimento filosófico de índole evolutiva, por ser científico e altamente moral e de conteúdo essencialmente humanista.

Eis um ponto real, prático e eficiente em supremo grau, que o Espiritismo nos oferece como solução.

A VERDADE

— «E nós — pregunta um poeta a si próprio — ¿deveremos sempre comprazer-nos acima da Verdade?»

Sim, a qualquer propósito, a todo o momento, em tôdas as coisas, não acima da verdade, o que é impossível, pois que não sabemos onde ela reside, mas acima das pequeninas verdades que nós entrevemos. Se algum acaso, uma recordação, uma ilusão, uma paixão, um motivo qualquer, faz que um objecto se nos afigure mais belo do que se afigura aos outros, devemos querer bem a êsse motivo.

Talvez êle seja errado; mas o êrro não impede que o momento em que o objecto nos parece mais admirável, seja aquêle em que provàvelmente lhe descortinaremos a verdade. A beleza que lhe atribuímos dirige a nossa atenção para as suas verdadeiras belezas e grandezas, que não são fáceis de descobrir e que se encontram nas relações que qualquer objecto necessàriamente tem com leis, com fôrças gerais e eternas.

A faculdade de admirar, que nós fizemos nascer a propósito duma ilusão, não estará perdida para a verdade, que há-de chegar, cedo ou tarde. É com palavras, com sentimento, é com entusiasmo desenvolvido por antigas belezas imaginárias, que a humanidade colhe hoje verdades, que talvez não tivessem nascido, nem encontrado ambiente favorável, se essas sacrificadas ilusões não tivessem primeiro habitado e aquecido o coração e a razão, aonde as verdades vão descer.

¡Felizes os olhos que não precisam de ilusão para ver a grandeza do espectáculo! Para os outros, é a ilusão que os ensina a ver, a admirar e a comprazer-se. E por mais alto que olhem, nunca poderão ver muito alto. Desde que se aproximam, a verdade eleva-se; desde que admiram, aproxima-se. E por mais alto que suba o seu comprazimento, nunca se comprazerão no vácuo, nem acima da verdade desconhecida e eterna, que é, sôbre tôdas as coisas, como beleza em suspensão.

M. Maetelinck — «A Vida das Abelhas».

Ecos da Imprensa Espirita

Luz e Caridade de Braga, publicou um interessante artigo de P. R. F., subordinado ao título «Na Hora dos Litígios», que encerra doutrina digna de arquivo nestas colunas. Dêle transcrevemos alguns passos, que descrevem com vigor psicológico os negregados tempos que decorrem.

Pode dizer-se que tudo quanto até agora temos realizado é de molde a advertir-nos de que o verdadeiro progresso é aquêle que é dirigido para o interior e não para o exterior. Por em tal se não ter querido reflectir é que vemos hoje claramente que o que se tem cantado clangorosamente com o pomposo nome de progresso, de período das luzes, de época da inteligência, tem o seu desfêcho no vácuo. E, neste vácuo, são inevitàvelmente as fôrças inferiores as que triunfam, obscuras e más a desencadearem-se dia a dia, não obstante os mais belos e prometedores programas que servem de veículo aos piores instintos. Parece termos chegado ao ponto histórico em que a civilização, que a si mesma se classifica de humanitária, não é senão armação exterior, sem relação alguma com o edifício a construir.

Falamos de progresso, mas dos arsenais e das fábricas continuam a sair espingardas, canhões, bombas e cilindros cheios de gases mortíferos. Foi por êsse meio que o desprêzo, o estiolamento da ordem emocional, da ordem do coração, do sentimento, o amor do próximo, nos conduziu gradualmente ao desprêzo de tôda a vida interior, de ordem espiritual. Êste carácter unilateral, negativista, e indiferente objectividade, conduziu os homens a elevado grau de evolução animal, mas não representa avanço algum no ponto de vista do Espírito, o que explica tudo o que a actual civilização material apresenta de melhor e porque é que o seu progresso provocou a revolução mundial que ameaça destruir tudo.

Pela parte que nos toca, a nossa posição está mais esclarecida. É a posição dos que lutam, se esforçam por conduzir o mundo pelas vias de um progresso autêntico, em que as ficções, as mentiras e as hipocrisias não tenham lugar. Pugnamos pela paz entre os homens, alicerçada no espírito fraterno, de compreensão e de tolerância, de respeito e de perdão, de humildade, bondade e caridade. O homem é um ser que pensa, é certo; mas também é um ser que não sente.

Cultivar a inteligência é bom, mas engrandecer o coração, rehabilitar o amor, é melhor. Se a inteligência mal utilizada, mal dirigida, conduziu à destruïção, esforcemo-nos por que o coração enaltecido à luz dos eternos valores desprezados conduza à libertação do homem.

Há tempos a *Revista Espirita do Brasil* na sua habitual secção «¿Por que se tornou espirita?», inseriu uma conversa com o Dr. Odilon Negrão, director da revista paulista *Revelador*, que em Janeiro de 1941 entrou em nova fase de propaganda, podendo considerar-se uma das melhores do género.

À pregunta «Por que se tornou espirita?», Odilon Negrão respondeu:

Tornei-me espirita por temperamento. Desde menino, quando freqüentava o Liceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus, em S. Paulo, não podia ajustar-me às lições de catecismo e às explicações que meus mestres clericais costumavam dar sôbre matéria religiosa. Espírito independente, analista e pesquisador, era-me penoso, sem discussão e sem críticas, sorver dum golpe os ensinamentos que recebia. Êsse temperamento levou-me muito cêdo, mesmo dentro do Colégio, a abandonar o catolicismo.

Ao sair do Liceu, era uma criatura sem crença. Paranaense, apaixonei-me por uma jovem, que é hoje minha espôsa. Essa jovem apresentava, de quando em quando, sintomas nervosos alarmantes: — transfigurava-se, tomava-se de fôrça desproporcionada e dizia coisas incompreensíveis. Êsses «ataques», essas «crises», naquela época, sempre me apavoraram. Vários médicos foram consultados. Nenhum dêles, porém, atinou com o porquê dos seus distúrbios. Certa vez, acompanhei-a ao consultório do Dr. Frederico de Marco, meu amigo e professor da Faculdade de Medicina do Paraná. O Dr. de Marco, depois de examiná-la exaustivamente, declarou que os sintomas apresentados pela menina lembravam-lhe manifestações mediúnicas a que assistira nas reüniões da Sociedade Bio-Psíquica, de Milão, Itália. Achei esquisito o seu pensamento. Mas, como os ataques se amiüdassem, resolvi levar a minha noiva a uma sessão de Espiritismo, mais por descargo de consciência, do que por espírito de crença. Diante do que vi e ouvi, interessei-me pelo mediunismo e deliberei estudar o problema da sobrevivência da alma, sem qualquer idéia preconcebida. Nessa época, — 1928 — apareceram em Curitiba as obras de Denis Bradley: «Rumo às Estrêlas» e «Sabedoria dos Deuses». Ao mesmo tempo que lia Kardec, freqüentava os livros daquêle escritor inglês. E foram êsses dois amigos — seguidos pelas experiências que realizei com minha noiva, que me tornaram espirita.

Bibliografia

O RETUMBAR DA TROMBETA, por *Amadeu Santos*. Edição da Livraria da Federação Espirista Brasileira. 247 pag. 1942.

O livro que temos presente é uma colectânea de artigos e palestras radiofónicas de grande interêsse doutrinário que o autor em boa hora enfeixou e pôs a circular em terras do Brasil. Obra despretenciosa, mas incisiva, em tôda ela se manifesta o carácter de Amadeu Santos, espirita sincero que na própria convicção encontrou a base do entusiasmo com que espalha a Doutrina, visando de preferência os lares domésticos, muitas vezes afastados da boa moral, sugestionados pelas diversões, onde nem sempre se encontram elementos do progresso.

Amadeu Santos, que residiu em Astolfo Dutra, Estado de Minas Gerais, ali fundou o *Arauto da Fé*, cuja visita temos recebido, e ali propagou a doutrina espirita entre os humildes sem a menor quebra de entusiasmo e de fé, tendo chegado a manter lutas tenacíssimas, que lhe puseram à prova as magníficas qualidades de batalhador incansável.

Êste livro está escrito com sinceridade e destina-se «aos extremes religiosos, isentos de animosidades facciosas e pode servir, tanto a crentes, como a cépticos». Simples como é, o auctor usou linguagem humilde, mas compreensiva, e visou aquêles que duvidam e carecem de elucidações que lhe falem ao cérebro e ao coração.

Bom livro e bom serviço prestado.

Ao fogoso jornalista, ao amigo e patrício, actualmente no Rio de Janeiro à frente da Livraria da Federação, os nossos agradecimentos pela imerecida dedicatória. Que a sua pena jàmais esmoreça e que a posição que escolheu seja mantida com vigor e entusiasmo, como é próprio do seu temperamento!

REIS, PRÍNCIPES E IMPERADORES, por *Almerindo Martins de Castro*. Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira. 221 pag. 1942.

APÓS «O Martírio dos Suicidas» e «António de Pádua», dois interessantes volumes, em que o autor revela magníficas qualidades de escritor e de propagandista, chega-nos às mãos «Reis, Príncipes e Imperadores», colectânea de seis conferências realizadas na Federação Espirita Brasileira e prefaciados por Manuel Quintão. Intitulam-se: «Reis, Príncipes e Imperadores», «Povos Sofredores», «As Fraudes contra o Espiritismo», «A Velha Doutrina Progressiva», «Testemunhos Insuspeitos» e «A Lição das Provações».

Todos estes temas despertam interêsse; e tratados com a elegância e subtileza de Almerindo Castro, escusado é dizer que o volume se lê de fio-a-pavio.

O primeiro trabalho trata da psicologia de alguns reis, entre êles, Carlos VI, Carlos VII e Carlos VIII, de França, todos vítimas de tremendas obsessões que os obrigaram aos mais graves delictos. Depois, segue-se Afonso XII de Espanha, o *Kaiser* Guilherme II, a família imperial russa, D. Luiz e D. Carlos de Portugal, os quais foram passados pelo crivo do raciocínio, em conclusão de que os espíritos são muitas vezes a causa de anomalias que a ciência apelida de loucuras.

Todos estes trabalhos revelam um apreciável conferencista, conhecedor dos segredos de captar a atenção dos ouvintes e distraí-los com a narração de factos comprovativos da doutrina que se expõe.

Em nossa opinião, «Reis, Príncipes e Imperadores» é o melhor livro de Almerindo Castro, repleto de erudição adequada, quer tratando de um indivíduo, quer de um povo, à luz dos ensinamentos espiritas e da sua própria observação, que demonstra justeza, critério e elevação moral e intelectual.

Nestas circunstâncias, é de presumir que vejamos em breve anunciada a segunda edição.

IDE E PREGAI, pelo *prof. Leopoldo Machado*, Edição do autor. 1942. Rio de Janeiro. 242 pag.

O grande apóstolo Leopoldo Machado há quatro anos que reserva as suas férias anuais para viajar pelo Brasil em excursão de propaganda espirita. Desta vez, lançou-se à faina de descrever a viagem, cheia de episódios e impressões pessoais e que, por isso mesmo, nos proporciona o conhecimento íntimo do escritor e do polemista, pois viemos a saber que Leopoldo já foi moço de café, sapateiro e músico de filarmónica. Êle próprio o confessa, ao descrever a passagem por Salvador, sua terra natal. Esta circunstância ainda mais o eleva no conceito dos seus numerosos ouvintes e leitores.

Para se avaliar o esfôrço hercúleo dêste extraordinário paladino, basta dizer que, em cêrca de mês e meio, realizou quarenta e duas conferências, em quatro Estados do Nordeste brasileiro.

Certo dia, foi-lhe revelado que cumpriria espinhosa tarefa, como missionário da Terceira Revelação. Não quis acreditar. Pois se lhe faltava, de todo, a vocação... Contudo, fez as primeiras tentativas. Inútil. Chegou a convencer-se da inveracidade do anúncio. Até que lhe tocou a vez de improvisar ao sabor da inspiração, uma, duas, três horas, vibrando de entusiasmo e fazendo vibrar os outros. «E já agora — diz êle — não deixarei mais de prègar... a menos que não haja quem me queira ouvir...».

Leopoldo Machado concitou a atenção de confrades e simpatizantes e sacudiu a frieza dos indiferentes, muitos dos quais são hoje verdadeiros adeptos do Espiritismo.

Êste livro rescende profundo interêsse, da primeira à última página. Admiramo nos como se pode prender o leitor durante tanto tempo, sem o fatigar. Não conhecíamos tal faceta ao querido Leopoldo.

Ler «Ide e Prègai» é ficar conhecendo o maior propagandista espirita brasileiro, sem ofensa para os restantes; é ficar conhecendo o movimento, nos Estados do Nordeste, onde tantos batalhadores erguem a nossa bandeira, acérrimos e convictos.

O autor informa que, em 1945, fará viagem maior, através de todo o Brasil. Que êle tenha saúde e inspiração para evangelizar, são os nossos votos.

Agradecemos a gentil dedicatória do seu livro, bem como a colaboração enviada. Um abraço ao irmão, ao colaborador e ao amigo.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Hospital Espirita

O Hospital Espirita de Teresópolis, nos arredores de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, é uma das melhores provas da grandeza do movimento espirita brasileiro.

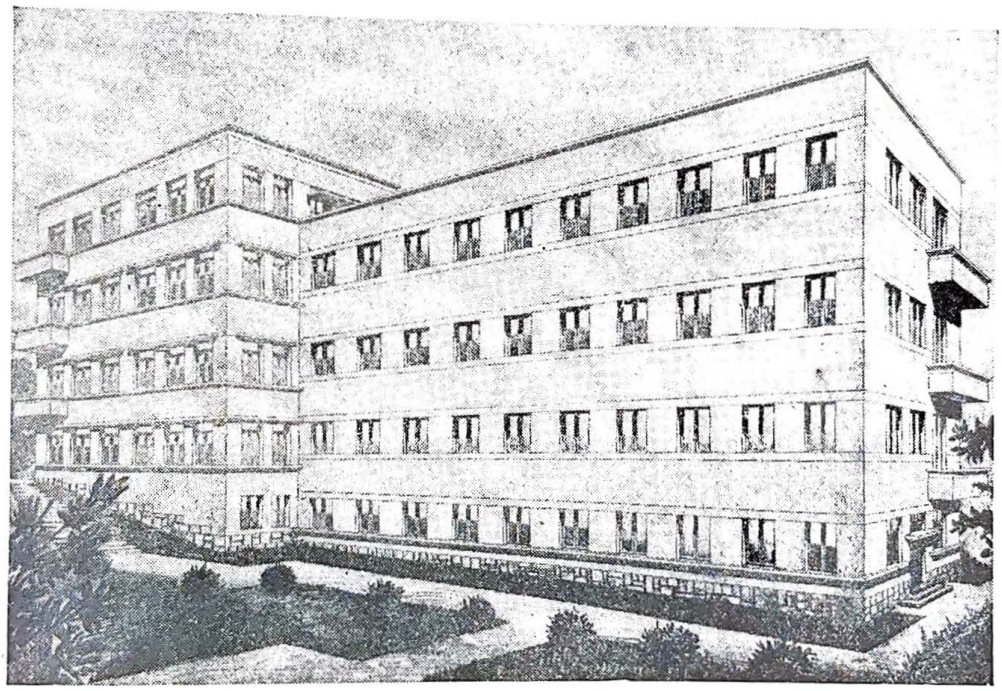
A planta dêste estabelecimento é qualquer coisa de monumental que ultrapassa tudo o que se pode imaginar. Para se fazer idéia, embora imperfeita, da grandiosidade da emprêsa, basta dizer que a primeira ala, já construída, corresponde aproximadamente à décima parte da totalidade dos pavilhões.

Eis como o director do *Jornal Espirita*, de Pôrto Alegre, se refere à obra:

«É maravilhoso o que está feito. Trata-se de obra de custo superior a 800 contos de reis, feita dentro dos mais rigorosos moldes da técnica moderna, capaz de encantar qualquer visitante, mesmo não espirita. A disposição de tudo é perfeita. bom e difinitivo. Os serviços sanitários, os laboratórios, as salas de refeição, as enfermarias comuns, a cozinha, a copa, a rouparia, a lavandaria, os aposentos dos médicos, salas de operação, dependências para operários, solários, tudo, enfim, foi estupendamente estudado e realizado com exactidão magnífica que deixa entrever que o dedo divino traçara tudo aquilo, pois o que está feito transcende as possibilidades humanas».

Por mais que se pense, nada há a censurar. As coisas estão onde deviam estar. A distribuïção dos serviços é regular. precisa e lógica. O aproveitamento do espaço é integral.

«O confôrto que aquêle ambiente produz é de tal jaez, que dá a impressão de sumptuosidade, mau grado tudo seja simples,



Hospital Espirita de Teresópolis

Apesar da falta de espaço, não queremos deixar de inserir a gravura désta pri-

meira ala, para que os leitores avaliem a extensão do Hospital, à frente de cuja administração se encontra o denodado paladino sr. Conrado R. Ferrari, que já exerceu também o cargo de presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul.

Há factos que estão acima de tôdas as palavras.

Retiro dos Espiritas

Muita razão tinha o espírito de Humberto de Campos em cognominar o Brasil de «Pátria do Evangelho», tantas são as afirmações de fé cristã que fazem convergir para aquela metrópole sul-americana as atenções do velho mundo europeu em luta.

Com efeito, não há emprêsa generosa que ali não tenha triunfado, sob a égide da Terceira Revelação. Escolas, orfanatos, abrigos, hospitais, tudo, enfim, que represente desejo ardente de elevar o homem, lá tem sido materializado, graças a um punhado de semeadores que não descançam, na sua tarefa de benfazer.

Agora, é a *Revista Internacional do Espiritismo* que nos informa àcêrca de mais uma realização. É o *Retiro dos Espiritas*, idealizado por D. Abigail Lima, presidente do Centro Espirita Pátria do Evangelho, com sede na Tijuca, Rua Alfredo Pinto, 35, Rio de Janeiro, e destinado à prática da caridade, sem olhar a hierarquias, a castas ou a credos religiosos.

O Retiro já conta com belas dádivas, tais como, um terreno, com a área de 2.600 metros quadrados, à Rua Macieira, Campinho, Jacarepaguá, e outro de 5.000 metros, na Estrada Rio-Petrópolis, próximo da Serra. O primeiro terreno foi doado pela Senhora D. Constança Carvalho e o segundo pelo Dr. Levindo Gonçalves Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, da capital fluminense, destinando-se a Colónia de Férias.

Eis os principais objectivos desta instituïção: Criar e manter um serviço médico-farmacêutico destinado aos seus hóspedes; construir um pavilhão para homens, outro para mulheres e outro ainda para casais; construir ambulatório, enfermaria geral, quartos particulares, gabinetes dentários e terraços para banhos de sol.

Além disto e segundo as possibilidades da área dos terrenos oferecidos, serão instalados granja, aviário, horta e pomares, e criados pavilhões para crianças, cujos pais não possam tê-las em sua companhia. Haverá também quartos para pensionistas espiritas do Retiro e acomodações próprias para velhinhos de ambos os sexos, bem como para crianças pobres, especialmente para as que sejam da família dos abrigados.

Em cada Departamento do Retiro haverá uma pequena enfermaria para casos urgentes e tudo será mantido pelos sócios do Centro Espirita Pátria do Evangelho e pelos donativos recebidos.

Os médiuns, os doutrinadores, os ex-directores dos centros espiritas, os jornalistas espiritas, enfim, todos os dedicados servidores do Espiritismo e cuja velhice seja enegrecida por dificuldades e privações, serão ali recebidos como hóspedes de honra e tratados como irmãos mais velhos.

O Retiro só receberá gratuitamente velhos de ambos os sexos ou pessoas reconhecidamente inválidas e sem recursos.

Trata-se de um magnífico empreendimento que muito honra o Espiritismo brasileiro e cuja necessidade é desnecessário encarecer.

Restituida à vida

A senhora S. A. Fergusen publicou no *Greater World* um artigo, em que narra um caso surpreendente de cura que deixou os médicos estupefactos. Vamos transcrevê-lo:

«Há dois anos apanhei uma pneumonia e os médicos consideram-me perdida para sempre, dando ensejo a que alguns amigos nossos viessem de Londres a Brighton, afim de assistir aos meus últimos momentos.

Tive a inspiração de telegrafar ao presidente da Sociedade Espirita de Harringay, pedindo-lhe que me recomendasse ao seu grupo de curas e fui salva milagrosamente.

«O médico visitava-me três vezes por dia. A última vez que me viu foi às 7,45 e disse à enfermeira ser inútil a sua presença, visto que «a doente só tinha alguns minutos de vida». Depois, ordenou que fôssem a sua casa buscar a certidão de óbito e pedissem a meu marido que man-

dasse retirar o corpo, ao terminar o ofício pelos mortos.

«Pouco depois do médico saír, chegou meu marido, na companhia de uma pessoa amiga. Vinha triste e abatido com a notícia e não entrou no meu quarto. Saíu para tratar do entêrro e mandar remover o meu corpo para a nossa residência.

«Passado algum tempo, o meu corpo ia ser removido pelas enfermeiras. Estas, mal me tocaram, ficaram aterradíssimas. É que ouviram uma voz profunda murmurar as seguintes palavras:

— Deixai o corpo em repouso!

As enfermeiras fugiram e contaram o caso à superiora, que se divertiu imenso, julgando tratar-se de algum ruído. Em seguida, entraram as três no quarto, e, quando a superiora se aproximava da minha cama, a mesma voz se fez ouvir:

— Aguardente!

A superiora voltou-se e preguntou:

— Quem falou?

— É a mesma voz que há pouco nos falou — responderam as enfermeiras.

A superiora mandou buscar a aguardente, e quando viu que eu podia beber, exclamou:

— Está a voltar a si. Uma injecção hipodérmica! Depressa!

E comunicou telefònicamente com o médico, o qual, ao chegar, declarou aos circunstantes.

— Éste milagre ultrapassa a minha compreensão. Quando a deixei, estava moribunda.

Entretanto, às onze e meia e logo que tomei a aguardente, veio meu marido saber por que não tinham removido o meu corpo do hospital. Quando o informaram de tudo, ficou muito satisfeito.

Daí em diante melhorei a olhos vistos e agradeço intimamente aos amigos invisíveis o terem-me libertado da morte.

Os membros da Sociedade Espirita de Brighton cumprem a sentença do Mestre: «Curai os enfermos».

Espírito que dita a sua última vontade, descurada pelos herdeiros

A *Região de Leiria*, de 18 de Março, publica um interessante caso espirita narrado pelo nosso colaborador Faure da Rosa e que vamos transcrever, tão convincente e indubitável é o seu conteúdo, com a particularidade de nêle tomar parte o Arcebispo Tomaz Réggio:

«Ferdinand de Rio e Joseph Borgazzi, italianos, fixaram residência em Paris depois de terem estado em Buenos-Aires.

Ferdinand de Rio publicara obras notáveis de ocultismo filosófico e dirigia, ao tempo (1900-1901), a revista de estudos psíquicos e espiritas — *Il Mistero*, que se publicava em Milão.

Um ano depois de estarem instalados em Paris, Borgazzi revelou, de repente, a sua faculdade mediúnica, até então ignorada, e, em alguns meses, atingiu uma rara perfeição de «escrita mecânica», em estado de transe completo.

Na tarde de 2 de Março de 1901 o médium escreveu:

«Em face da minha nova existência, tudo desaparece: rancores, ódios, cóleras da vida. Tudo abandono e limito-me, apenas, a invocar a clemência de Deus para os meus inimigos e para todos aquêles que me amarguraram a existência terrestre.

«Vós sois as únicas pessoas dêsse mundo com quem consegui pôr-me em contacto depois do meu falecimento.

«Penosamente perturbado com o meu novo estado, peço-vos que não me abandoneis, antes me ajudeis no meu desejo de reabilitação.

«É-me permitido comunicar convosco para vos encarregar das diligências precisas para que tenha cumprimento a minha última vontade que eu expressei quando aí vivia e que os meus herdeiros descuraram».

Seguia-se a indicação da sua última vontade, de natureza familiar, que, por motivos de delicadeza, Ferdinand de Rio omitiu.

O experimentador — Ferdinand de Rio — preguntou ao espírito comunicante se essa sua vontade constava do testamento.

Que não — respondeu. O caso passara-se com a única pessoa presente no momento do seu trespasse.

A instâncias de Ferdinand de Rio, o espírito comunicante declarou:

«Eu sou Vincent Reggio, Presidente do Tribunal da Relação de Génova, onde faleci em 27 de Outubro de 1900, às seis e meia horas da manhã. Residia em Corso Paganini, 16. Meu irmão é Tomás Reggio, Arcebispo de Génova. Escreva-lhe. Adeus».

Ferdinand de Rio escreveu a seguinte carta ao Arcebispo de Génova em 3 de Março de 1901:

«Monsenhor Tomás Reggio, Arcebispo de Génova: — Perdôe-me V. Ex.ª a liberdade que tomo de lhe escrever. Eis o que me leva a fazê-lo.

«Eu cultivo, com seriedade e ponderação, a ciência que se propõe examinar os mistérios da continuação da vida da alma individual em outras existências, depois da morte, ou, para melhor dizer, depois da destruição do corpo terrestre. Nas minhas experiências de penetração do invisível, acontece-me, muitas vezes, receber pedidos de personalidades desconhecidas para eu transmitir comunicações a pessoas vivas que me são, igualmente, desconhecidas.

«Um dêsses pedidos de comunicações foi-me feito na tarde de 2 de Março corrente, por uma individualidade que afirmava ser Vincent Reggio, Presidente do Tribunal da Relação, irmão de Tomás Reggio, Arcebispo de Génova. Disse ter falecido nessa cidade em 27 de Outubro de 1900, Corso Paganini, 16, às seis e meia horas da manhã.

«Acrescentou que V. Ex.ª era a única pessoa presente no momento da sua morte e que lhe expressara, então, uma vontade que se lhe impunha à consciência e de que o seu testamento não tratava. Ora, o defunto queixa-se de que essa sua vontade não foi executada.

«Por prudência e por uma reserva, fàcilmente compreensível, limito-me a fornecer a V. Ex.ª as primeiras indicações do facto. Por agora calo a parte restante da comunicação. Transmiti-la-ei, porém, a V. Ex.ª, se me afirmar que os elementos transcritos são exactos e deseja conhecer o seguimento da mensagem.

«A minha fé não é cega. Desejo passar tudo pelo crivo da verdade; nas minhas pesquizas não me deixo alimentar por ilusões, mas por verdades positivas.

«Ligo a êste facto um interêsse extraordinário se me fôr confirmado por uma personalidade da categoria elevada e especial de V. Ex.ª.

«Quero acrescentar que me comprometo, sob palavra de honra, a jámais revelar a quem quer que seja o objecto da comunicação. Quanto ao fenómeno probatório, só o darei a conhecer se V. Ex.ª me permitir que o faça».

O Arcebispo Tomás Reggio respondeu na volta do correio — 7 de Março de 1901 — em carta registada.

Ferdiand de Rio reproduziu a carta autógrafa, pela fototipia, na sua revista *Il Mistero*, bem como a fotografia do sobrescrito com os selos da época carimbados na estação postal de Génova.

A carta do Arcebispo Reggio rezava assim:

«Senhor: — A sua carta acusou-me um sentimento ao mesmo tempo de suprêsa e de curiosidade. Agradeço-lhe, calorosamente, a comunicação que me transmitiu. Os elementos que me indicou são exactos. Terei muito prazer em receber a outra carta que me promete e que deve conter as palavras importantes ditadas pelo meu saüdoso irmão. Sendo possível, desejaria saber, também, como evocou o seu espírito, ou como se manifestou sem ser evocado.

«É êste um caso que, como muito bem disse na sua carta, me interessa sobremaneira. Estou-lhe muito reconhecido por me ter escrito e peço-lhe que não deixe de completar o que começou e, portanto, me comunique quaisquer outras informações que possua a tal respeito.

«Agradecendo antecipadamente, etc... — † *Tomás Arcebispo*».

De Rio respondeu à carta do Arcebispo dando-lhe conhecimento da comunicação do defunto. Não recebeu mais carta alguma do Arcebispo, mas, em compensação, teve a seguinte comunicação do falecido Vincente Reggio, a última:

«Meu irmão, reconhecendo a sua falta ou inspirado pelo vosso Espírito protector, remediou o mal feito. Sinto-me feliz com esta intervenção superior; assim, tranqüilizado, posso prosseguir no caminho do meu aperfeiçoamento.

«Tive discussões com o meu irmão prelado àcêrca do Espiritismo. Ambos nós admitíamos esta doutrina na sua estrutura, mas nunca quisémos estudá-la a fundo. Se êle me ouvisse, eu encaminhá-lo-ia, agora, de maneira segura, no verdadeiro caminho; poderia, assim, abrir um debate interessante no elemento católico.

«Presentemente, conheço a diferença existente entre a justiça do mundo em que me encontro e a daquêle a que nos submetemos aí na terra. Conheço, agora, os numerosos erros em que caí sob a égide do Código Judicial. Bem desejaria empreen-

Notas & Comentários

A propósito duma notícia

A propósito da noticia que publicámos no último número àcêrca do passamento do general Cabral de Quadros, recebemos extensa carta dum membro da Direcção da Federação Espirita Portuguesa, protestando contra a seguinte frase ali inserta: «Foi um dos fundadores da F. E. P. da qual se deslígou depois da última assembléia geral dêste organismo, ao verificar que os seus actuais dirigentes se haviam apoderado do legado Firmino da Assunção Teíxeira sem dar satisfação aos legítimos beneficiários». O protesto incide sôbre a palavra «actuais», visto que, segundo êle, os «actuais dirigentes da Federação não se apoderaram de coisa alguma: encontraram-se em presença de factos consumados, de que não têm a mais pequena parcela de responsabilidade.»

Salve o devido respeito, nós discordamos do autor da missiva, pois o facto de não se cumprir um testamento, apesar das reclamações feitas pelos interessados, não pode ser ignorado por qualquer Direcção, sob pena de cumplicidade. Além disso, coisa tão importante não podia ter sido sancionada apenas pela Direcção. Todos os corpos gerentes foram disso responsáveis.

Na actual gerência daquela agremiação vamos nós encontrar os principais responsáveis, ocupando os lugares de maior vulto e seguindo a mesma orientação. ¿Como quere, pois, o autor da missiva que se acredite na boa-fé e sinceridade da actual gerencia? Palavras não bastam. E' preciso factos. Por enquanto, da actual gerência só têm vindo perseguições ao Centro Espiritualista Luz e Amor e promessas não cumpridas a reclamações que outros lhe têm feito.

O actual presidente da Direcção desempenhou papéis decisivos na penúltima gerência, quer assinando irradiações de sócios fundadores, quer apoiando os actos da Direcção dessa época. O presidente do Conselho Fiscal pertenceu tambem à penúltima gerência, em que se tornou célebre na perseguição implacável, quasi feroz, ao nosso Centro, perseguição que a actual Direcção sancionou, acusando-nos oficialmente no Govêrno Civil e pedindo o encerramento desta casa. O presidente da Assembléa Geral é outro membro da passada gerência, sôbre quem cairam as maiores responsabilidades.

Portanto, o autor da missiva está a ver que quási não houve lapso, visto que, àparte alguns satélites bem intencionádos, a coisa ficou a mesma...

Como a seu tempo teremos de entoar outra ária, damos por findo o comentário.

Exclusivismo ou precaução?

Do jornal *Mundo Espirita*, respigamos judicioso comentário àcêrca de determinado centro espirita brasileiro e segundo o qual os médiuns ali desenvolvidos não poderiam trabalhar noutro centro.

Eis os comentários, a que damos inteiro apôio:

«Cada centro tem a sua organização, podendo traçar para a sua vida interna as directrizes que lhe pareçam mais convenientes. Porém, como se trata de exigência pouco comum, é natural que se façam conjecturas a respeito. Por quê essa proïbição? A exigência é restritiva, pois limita a acção dos médiuns unicamente àquêle Centro. Que o médium por si mesmo prefira trabalhar só em determinado Centro, por questão de hábito, de afinidade com o ambiente, é aceitável. Mas estabelecer, exigir que os médiuns de um Centro não façam caridade em outra parte, é norma que não parece evangélica.

«Talvez exista uma razão especial para tanto.

«E' o que não sabemos. O que geralmente acontece é o seguinte: os médiuns habituais de um Centro não precisam mudar de ambiente, mesmo porque não há necessidade, pois cada Centro tem o seu corpo de médiuns.

«Isto é uma coisa razoável até; mas proïbir que os médiuns prestem caridade fora daquêle onde se desenvolveram ou onde estão acostumados a trabalhar, é agir com muita rapidez. Será por precaução? ¿Mas, precaução por quê, se o médium cônscio da sua responsabilidade e dos seus deveres não tem receio de se perturbar em parte alguma, especialmente se estiver praticando o bem? Se é porque o médium é virtuoso, ainda melhor, desde que os puros de coração podem ir a tôda a parte e não se contaminarem.

«Se não é precaução, se não existem motivos bem ponderosos, é exclusivismo. Outra conclusão não se pode tirar...»

---

der, agora, a reforma que se impõe para a Legalidade e a Justiça.

«Muito tempo vivi no meio judicial; respeitei profundamente a moralidade imposta pelas suas leis; mas, presentemente, reconheço os seus defeitos.

«Legislatura e clerezia, eis as instituïções que importa reformar».

n.º 23, Maio/Jun. 43

Em nossa opinião, um médium inteiramente desenvolvido deve auxiliar fraternalmente todos os grupos que puder e não fechar-se em círculo estreito, numa espécie de torre de marfim, com o que pouco lucrará a Doutrina. Assim sucede nos grupos espiritas particulares do Centro E. Luz e Amor, cujo regulamento exige que os médiuns, logo que atinjam certo grau de desenvolvimento, se prestem a trabalhar nas sessões experimentais gerais.

Pela última vez o Padre Roque...

A Voz de 3 de Fevereiro insere alentada objurgatória do Padre Roque do Nascimento, o autor celebrado do panfleto contra o livro «Amor, Vida e Evolução,» de Fernando da Cruz Ferrreira.

Mais uma vez o infeliz dá largas aos seus instintos, julgando-se fadado para grandes coisas e confessando que só a rir discute com os espiritas, pois que, de outro modo, «se os não demove um grande toque de graça divina, é sempre impossível reconduzi-los à verdade». E amontôa sandices sôbre sandiees, do teor daquelas que já aqui transcrevemos.

Que ficou de pé — diz êle, — que ficou de pé tudo o que escreveu contra as conferências de Cruz Ferreira, visto que nós «não invalidámos um argumento, não refutámos, nem negámos uma conclusão daquêle trabalho crítico».

¿Como poderiamos ter-lhe invalidado ou negado alguma coisa, se não lhe analisámos a obra e tão sòmente mostrámos a sua indole, citando alguns parágrafos mais elucidativos?

Noutro lugar desta revista se tem tratado do assunto, em cumprimento de promessa antiga. Cremos que os arranzeis do padre Roque ficarão reduzidos à expressão mais simples, sem alardes escusados e dentro da ponderação que se exige a quem tem responsabilidades literárias.

Naquêles artigos se provará o contrário do que o padre Roque defendeu no seu folheto, embora êle continui a chamar-nos «embrulhadores».

Como não há dogmas que nos limitem o raciocínio, nem cerceiem o conhecimento, podemos apreciar e analisar tudo sem preconceitos, à luz da razão, conforme os ditames da consciência. Não somos exegetas, nem teólogos; por isso. desconhecemos as subtilezas obrigatórias a que o padre Roque está eufeudado. Somos, porém, racionalistas, e não há fôrça humana que nos obrigue a acreditar que dois frangos são... três frangos e que um prato de lentilhas são duas malgas de caldo verde...

Amadeu Santos

Já estava o original na tipografia, quando nos chegaram notícias do Brasil, dando conta de um auspicioso acontecimento a que não podemos, nem queremos, deixar de fazer justa referência. Amadeu Santos assumiu o cargo de Administrador da Livraria da Federação Espirita Brasileira, bem como as funções de gerente do *Reformador*, órgão oficial da mesma Federação.

Quem conheceu o seu dinamismo e as suas extraordinárias qualidades de propagandista devotado; quem o acompanhou através do *Arauto da Fé*, de Astolfo Dutra. em cujas colunas terçou armas brancas em pról do ideal do seu coração, nunca assumindo atitudes contrárias à Doutrina; quem o soube analisar e apreciar convenientemente, deve agora rejubilar com a feliz substituïção do seu antecessor, o não menos dinâmico e dedicado J. Vaz de Carvalho, que vemos afastar-se de lugar tão espinhoso, por o seu estado de saúde assim o exigir.

Ao nosso patrício Amadeu Santos, jornalista vigoroso e denodado polemista, apresentamos os nossos cumprimentos, certos de que saberá honrar a missão de que foi incumbido. Cremos que a Federação Espirita Brasileira, ao renovar o quadro dos seus cooperadores, tem sido inspirada do Alto, como já fôra, quando escolheu o nosso dileto amigo prof. Ismael Gomes Braga para director da Secção de Esperanto.

O ENIGMA DA VIDA

Quando se repete: «a natureza quere isto», «organiza aquela maravilha», é o mesmo que dizer que uma pequena manifestação da vida consegue manter-se sôbre a enorme superfície da matéria que nos parece inactiva, o que nós chamamos, evidentemente sem razão, o nada ou a morte. Um concurso de circunstâncias, que nada tinha de necessário, manteve aquela manifestação entre mil outras, talvez igualmente interessantes e inteligentes, mas que não tiveram a mesma sorte e desapareceram para sempre, sem ocasião de nos maravilhar.

Temeridade seria afirmar outra coisa; e tudo mais, as nossas reflexões, a nossa teleologia obstinada, as nossas esperanças e os nossos asombros, está tudo no fundo do desconhecido, que nós agitamos contra o que é ainda menos conhecido, para produzir um pequenino ruído, que nos dá a consciência do mais alto grau da existência particular, que nós podemos atingir sôbre aquela mesma superfície muda e impenetrável, assim como o canto do rouxinol e o vôo do condor lhes revelam também o mais alto grau da existência, própria da sua espécie. Donde também se conclui que um dos nossos deveres é produzir aquêle pequenino ruído, de cada vez que se oferece ensejo para isso, sem que, em vista da sua provável inutilidade, nos assalte o desalento.

Maurice Maeterlinck — «A Vida das Abelhas».

Por êsse mundo...

Advertências salvadoras...

A *Light* publicou dois factos de premonição bem claros, comunicados por Mr. Baldwin: «Eu montava uma motocicleta e corria a 60 quilómetros à hora, quando à minha rectaguarda ouvi uma voz que dizia: «Atenção! Atenção!». Voltei-me, mas não vi pessoa alguma. Contudo, diminuí a velocidade, o que me permitiu evitar um automóvel, que em grande correria irrompeu de uma estrada transversal».

O outro acontecimento não menos típico deu-se nas primeiras linhas, em 1918, perto de Riviere-Selle, em dia de bombardeamento. Observava eu o rebentar dos obuses, quando a mesma voz me disse: «Vai para junto da tua companhia!». Obedeci. Poucos minutos depois, um obus caía exactamente no ponto em que eu tinha permanecido».

(Da *Revista Internacional de Espiritismo*)

Tertuliano e as aparições...

«Entre nós existe uma irmã que, durante as cerimónias, tem comunicações e visões extáticas. Fala com os anjos e até com o Senhor. Lê nos corações e socorre os necessitados. Depois da missa conta o que viu e, mediante investigação, comprova-se a exactidão de suas missões. Costuma dizer que certa alma se manifesta sob forma corporal e que um espírito lhe aparece, não como ilusão sem consistência, mas debaixo de vários aspectos humanos, doce, transparente, etérico e que sempre lhe aperta a mão».

Tertuliano («De Anima»)

Môrto que denuncia o assassino

Em 6 de Setembro de 1931, em Santo Padre (Décimo), foi retirado de um barranco o cadáver de Nicola Greco, de 42 anos, com uma ferida na testa. O médico era de opinião que devia ter-se produzido hemorragia interna, em virtude de queda acidental, dando origem à morte.

Um mês depois, produziu-se um fenómeno estranho: O môrto apareeeu em sonho à viúva. Tinha a cabeça ensanguentada e disse-lhe:

— Eu não morri acidentalmente. Cristóforo Acini é que me matou. Depois, lavou-me a cara e levou-me para o fundo do barranco, pondo-me ali o chapéu e colocando-me um ramo na mão, para fazer crer numa queda acidental.

O môrto sugeriu à viúva que fôsse a determinado lugar, onde encontraria manchas de sangue. Efectivamente, no sítio indicado ainda havia sangue visível. A comprovação foi feita pela polícia local. As investigações realizadas no domicílio de Acini permitiram encontrar roupas manchadas de sangue. Acini e sua mulher Rosa Acini, de 41 anos, foram presos.

A contestação apresentada pelo primeiro foi julgada sem valor e a segnnda caiu em contradições. A autópsia forneceu elementos para a reconstituïção do crime.

Uma discusão relativa a dez mil liras surgiu entre Nicola Greco e Cristóforo Acini. Greco foi morto pelo adversário, provávelmente auxiliado por sua mulher, que acudiu, devido ao barulho da discusão.

Dêste modo o sonho motivado pela intervenção do môrto provocou a denúncia e a detenção do assassino. Nova prova da sobrevivência da alma.

(De *Gaceta del Pueblo*)

O astrónomo e o ateu...

Conta-se que o velho astrónomo Atanásio Kirchner tinha um amigo ateu e resolveu convencê-lo do êrro da sua crença. Para isso construíu um *planetário* ou uma espécie de maquinismo representando o movimento dos planetas e colocou o engenhoso brinquedo no Observatório, mandando chamar o seu amigo.

Logo que êste entrou, deu de cara com o *planetário* e pôs-se a examiná-lo minuciosamente, dizendo em seguida ao astrónomo:

— Está admiravelmente executado. Quem é que fêz isto?

— Ninguém — respondeu Kirchner.

— ¿Que queres dizer com isso? — preguntou-lhe o amigo.

— Oh! —exclamou Kirchner.—Foi feito por acaso.

— Zombas de mim, — volveu o amigo. — Dize-me quem é que executou isto. E' impossível que isto fôsse produzido por acaso.

Respondeu-lhe então o astrónomo:

— ¿Não foi você quem afirmou que o nosso sistema planetário, de que êste é imitação imperfeitìssima, foi produzido por acaso? ¿Porque havia de ser produzido doutra forma, o *planetário?*...

Esta pregunta salta naturalmente ao espírito de quem pensa; e o homem que julga ser ateu é porque se não dá ao trabalho de raciocinar, pois é impossível que, procurando sinceramente a origem do Universo, não venha a descobrir que Deus existe em tudo.

(De *O Revelador*)

Noticiário

Jornais e Revistas

O Globo — Visitou-nos êste magnífico quinzenário de estudos, vulgarização cultural e crítica, que se publica em Lisboa, sob a gerência administrativa e redactorial de Dias Martins, De belo aspecto gráfico e vasado em moldes modernos, «O Globo», que acaba de suceder a «O Comércio», insere variadíssimas secções de cultura geral que interessam a todos os leitores. Longa vida lhe auguramos, certos de que a sua influência muito se fará sentir na sociedade portuguêsa.

Jornal de Albergaria — Também nos visitou êste velho semanário de Albergaria-a-Velha, dirigido por H. de Carvalho e Ribeiro e que já vai no seu 33.º ano de publicação, As nossas saüdações.

Comércio de Leixões — Entrou no 36.º ano de publicação êste intrépido semanário defensor dos interêsses de Leixões. Santos Leça, que o dirige criteriosamente e dêle tem feito um baluarte de regionalismo bem compreendido, deve sentir-se deveras satisfeito com a sua obra. Honra lhe seja feita.

Via Latina — Recebemos o n.º 15 desta publicação quinzenal, órgão da Associação Académica de Coimbra, com a qual gostosamente permutaremos. É dirigida por João de Matos Antunes Varela, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Novo colaborador

A's colunas de *Estudos Psiquicos* aporta hoje o novo colaborador Alvaro Ramos Pereira, espírito juvenil e estudioso que se propõe analisar uma série de problemas filosóficos que se apresentam à inteligência dos pensadores. Veio espontâneamente, em seguida ao nosso apêlo, e a sua boa-vontade leva-o a dar à causa tudo o que estiver ao seu alcance. Nesta conformidade, realizará em Julho futuro uma conferência no nosso Centro, intitulada «O Espiritualismo na Antiguidade». Ramos Pereira, depois de ter passado pela Faculdade de Ciências. cursa actualmente Ciências Económicas e Financeiras.

Muito há a esperar dêste novo companheiro, a quem saüdamos e abraçamos, certos de que saberá honrar estas páginas e a tribuna do Centro.

«Estudos Psíquicos»

Como dissemos no último número, *Estudos Psíquicos* vai sair mensalmente. A partir do n.º 25, ou seja no próximo mês de Setembro, iniciaremos a nova fase, esperando que todos nos auxiliem, já angariando assinantes, já fazendo a sua propaganda na roda de amigos e conhecidos. Da forma como nos auxiliarem, dependerá o exito ou o inéxito da tentativa. Ver-se-à então o que poderemos fazer, no sentido de dar maior expansão a esta revista.

A assinatura anual será de 36$00. Contudo, e para mais facilidade de pagamento, realizaremos a cobrança de seis em seis números, ficando a despesa respectiva a cargo do assinante.

As nossas conferências

Nos meses de Maio e Junho realizaram-se as conferências prèviamente anunciadas. A primeira, intitulada «Fraternidade Espiritual», esteve a cargo do nosso amigo sr. Capitão José Gonçalves Losa, vice-presidente da Ordem Esotérica Iniciática, que versou o tema com grande elevação e sentimento. A segunda, intitulada «Dunglas Home, príncipe dos médiuns», foi realizada, pelo nosso assíduo colaborador sr. coronel Faure da Rosa, que, segundo o seu costume, manteve sempre a atenção dos ouvintes, demonstrando mais uma vez as suas faculdades de conferencista.

Férias do Centro

Como nos demais anos, o Centro Espiritualista Luz e Amor entrará em férias no próximo dia 1 de Agôsto, as quais se prolongarão até o primeiro domingo de Outubro, em que se inaugurarão os trabalhos do novo ano espirita.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Dos amigos de *Estudos Psíquicos* abaixo mencionados recebemos as seguintes importâncias:

Lindolfo Coelho, de Lisboa, cotas de Abril e Maio	10$00
Haydi de Tebelen, de Lisboa, cotas de Maio e Junho	4$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cotas de Maio e Junho	10$00
D. Eugénia Rodrigues, de Lisboa, cotas de Maio e Junho	4$00
José Pais de Carvalho, de Mangualde, cotas de Abril a Dezembro	50$00
Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, de Évora, cotas de Janeiro a Outubro	100$00

Auxílio a Estudos Psíquicos

Recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

De António Gomes Parreira, de Lisboa	20$00
De D. Lucrécia Mouta e Luz	5$00
De D. Beatriz de Barros e Sousa	15$00
Total	40$00

Programa dos Trabalhos do Centro em Julho de 1942

Dia 4 de Julho, às 16 horas — sessão experimental.

Dia 11 de Julho, às 16 horas — Conferência por Alvaro Ramos Pereira, intitulada «O Espiritualismo na Antiguidade».

Dia 18 de Julho, às 16 horas — sessão experimental a cargo do grupo «Allan Kardec».

Dia 25 de Julho, às 16 horas — Conferência por Haydi de Tebelen, intitulada «O Consolador Prometido».

Ler e difundir ESTUDOS PSÍQUICOS é dever do espírita consciente que deseja o prestígio do seu Ideal.

nº 23, Maio/Jun./43

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 4.º LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1943 N.º 24

Rádio Piratininga foi encerrada?

Já por várias vezes nos referimos a esta grande estação rádio-difusora de S. Paulo, Brasil, a cuja volta se fizera intentíssima propaganda. Rara era a colectividade espirita que não estivesse material ou moralmente ligada àquela estação, destinada a irradiar os ensinamentos kardecianos à luz dos Evangelhos. A sua potência (20 quilovátios na antena) dava-lhe foros de acontecimento. Os 15 milhões de espiritas brasileiros consideravam-na o melhor veículo da doutrina e nela depositavam as melhores esperanças.

Eis senão quando, Mundo Espirita de 16 de Janeiro findo dá-nos notícia sensacional, informando que Rádio Piratininga fôra extinta por decreto federal já do conhecimento público. A extinção fôra mandada executar pelo juíz da 3.ª Vara Cível, sendo nomeado síndico o credor sr. Joaquim Augusto Vaz.

Embora seja cêdo ainda para falar das causas que originaram a resolução das autoridades estaduais, somos levados a crer que fermentos de desagregação lhe não devem ter sido estranhos.

«Embaraços surgidos em conseqüência de choques de opiniões, como soe acontecer quási sempre em tôdas as organizações doutrinárias — escreve Mundo Espirita — já vinham, de algum tempo a esta parte, criando certas dificuldades aos directores da potente emissora, cujo trabalho, não obstante a boa vontade dos que tinham aos ombros a tarefa administrativa, não podia apresentar eficiência completa, dado faltar, ao que se presume, em face dos acontecimentos ocorridos em tôrno da Piratininga, unidade de vistas e articulação de energia e de idéias.

«As grandes organizações, muitas vezes pela responsabilidade que assumem, estão sujeitas a fracassos, cisões administrativas, desde que nem sempre é possível conciliar pensamentos divergentes. E é em tais situações, pelo muito que essas organizações representam para a difusão do Espiritismo, que agentes invisíveis, incumbidos, no espaço, de perturbar o trabalho humano, se aproveitam, embora debalde, para entravar a marcha da doutrina. Outras vezes, são factores de ordem material que concorrem para o esboroamento de instituïções de relêvo, enfraquecendo os seus organismos, desagregando os seus principais elementos.

«Sejam quais forem as razões da falência da Rádio Piratininga, é lamentável que acabe de desaparecer uma emissora espirita que nasceu com tão nobres propósitos e era uma obra capaz de elevar aos olhos do estrangeiro o trabalho espirita no Brasil. Muitas esperanças feneceram, muitos entu-

siasmos arrefeceram com a extinção da Rádio Piratininga, sobretudo porque se privou a propaganda espirita de um dos maiores e mais possantes meios de difusão da doutrina.

«Não cabe, especialmente aos que estão longe, apreciar a situação nos seus devidos pormenores, até porque só o facto do encerramento da estação, pela lacuna que se abre na propaganda espirita, deve interessar, e com bastante tristeza.

«Incidentes que chegaram a repercutir fora de S. Paulo, determinaram, aos poucos, o afastamento de alguns confrades que actuavam brilhantemente na Rádio Piratininga ou figuravam no quadro da sua administração.

«A estes, outros incidentes sucederam, motivando inevitável estremecimento na administração da grande emissora, dando ensejo a pronunciamentos veementes que se reflectiam fora de S. Paulo.

«Se, pelo facto da extinção, temos algo que deplorar, igualmente deploramos o insucesso do trabalho ardoroso dos seus organizadores, que outro intuito não podiam ter, senão o de serem úteis à causa espirita. Trabalharam, colheram os primeiros frutos, mas tiveram o dissabor que a todos está contristando.

«Passada esta situação, naturalmente outros empreendimentos tomarão o encargo da difusão da doutrina, especialmente em S. Paulo, onde há campo vastíssimo para o trabalho espirita. É com pezar, sem dúvida, que todos assistimos ao encerramento da Rádio Piratininga, por cujo microfone desfilaram envangelizadores dos mais escorreitos e entusiastas. Entretanto, os trabalhadores sinceros não desanimarão, porque a seara exige sacrifício. Que o espírito de fraternidade possa vencer as dificuldades entre os interessados na solução do fechamento da Rádio Piratininga, preparando-os com harmonia e fé para novos cometimentos em prol da doutrina, são os nossos votos.»

Cá e lá, más fadas há. Se lamentamos o inêxito da Rádio Piratininga, mais lamentamos ainda a falta de solidariedade e espírito de sacrifício daquêles que olvidaram o cumprimento dos seus deveres, dando ensejo ao desmoronamento de uma grande obra, cujo futuro se antolhava esplendoroso.

As palavras de Mundo Espirita são amargas, não há negá-lo, e revelam o destino de tôdas as emprêsas que não tenham por alicerce a firme união dos seus componentes.

É possível que haja quem não concorde com esta nótula àcêrca da Rádio Piratininga, preferindo antes notícias auspiciosas e optimistas. Todavia, há erros que é necessário trazer a público, para edificação daquêles que, em vez de auxiliar sinceramente os trabalhadores que dão provas cabais de amor ao Ideal, lhes procuram, antes, minar os alicerces, na mira de os afastar, em obediência a sentimentos e fins ocultos.

Pensem bem no que pode a cizânia, manejada e orientada por indivíduos que a tudo antepõem os seus interêsses pessoais. Vejam como as melhores obras se esborôam, como as melhores vontades esmorecem, em face da intriga e da rivalidade, postas em acção com intuitos de hegemonia.

Em tôda a parte há indesejáveis. Em tôda a parte há inconformistas, que nunca estão satisfeitos com o existente, por muito bom que seja. Querem outra coisa, não sabem se melhor, se pior. O principal é que seja diferente. Dêste modo, não chegam a realizar o seu ideal, não chegam a pôr em prática as suas teorias. Estão sempre à espera de ensejos novos que os coloquem em situação de maior relêvo. Entra, pois, em acção o factor individualista, a ânsia de alcançar os primeiros lugares, como os fariseus nas sinagogas.

Êsse inconformismo é profundamente destrutivo e devia ser banido das agremiações espiritas. ¿Há um ou outro que aspira à «glória de mandar»? Dê provas de colaboração bem intencionada, enquanto se encon-

tra na falda da montanha. Demonstre a sua capacidade moral e mental e estará no caminho que conduz ao Capitólio. Mas cuidado com a Rocha Tarpeia...

Não basta ter aspirações. É necessário possuir qualidades recomendáveis.

Em geral, os indesejáveis são pessoas vulgares, incapazes de realizar alguma coisa. Clamam, barafustam. Que faziam, que aconteciam. Mas tudo isso não passa de palavras ôcas. Quando são chamados a capítulo, o estenderête é inevitável.

Conhecemos muitos indivíduos que se insurgem contra a estabilidade governativa ou directiva, em obediência a velhos princípios que se não coadunam com o verdadeiro progresso, impossível de atingir sem continuïdade de acção.

¿Há elementos preciosos que fazem andar o barco, que estimulam vontades e irradiam fé? Sem dúvida. Ninguém nega o seu valor, ninguém lhes tira o mérito. Mas é preciso dar lugar a outros, ainda que tais outros não tenham dado provas do seu merecimento. Há que fazer andar a roda da lotaria...

Esta é a doutrina errada que destrói obras em pleno desenvolvimento, como a Rádio Piratininga, que imobiliza vontades fortes, susceptíveis de grande e útil produção, se as deixassem trabalhar em paz.

O caso da Rádio Piratininga levar-nos-ia a comentários mais significativos, se a prudência não mandasse calar certas verdades que muitos sentem, mas que poucos têm a coragem de apontar. Em todo o caso, não queremos deixar de frisar um pormenor, aparentemente desprovido de importância, mas que, em si, talvez represente causa próxima ou remota do insucesso a que acabamos de aludir. Havia em S. Paulo três sociedades diferentes, embora afins nos seus objectivos, que resolveram fundir-se numa só, com a designação de União Federativa Espirita Paulista, cujo órgão de propaganda passou a ser O Revelador, então já arauto de uma delas. Nessa fusão entravam, salvo êrro, os componentes da Sociedade de Metapsíquica, dentro da qual já houvera cisões lamentáveis. Fundaram a Casa dos Espiritas de S. Paulo e pensaram em construir a futura emissora Rádio Piratininga.

Não é difícl imaginar as conseqüências da fusão citada, sabendo-se que lá dentro havia elementos heterogéneos, muitos dêles opostos à nossa ideologia...

A nós também já nos propuseram fusões similares. E por compreendermos muito bem o que viria a suceder depois, é que as recusámos terminantemente. No Centro Espiritualista Luz e Amor, só entram sócios individuais, nos termos do Estatuto, observadas as reservas impostas pela Direcção, para evitar dissabores que poderiam levar até ao desmoronamento desta obra, que tanto custou a erguer e custa a manter. Aqui, só entra quem vier com boas intenções, disposto a trabalhar ou a auxiliar. Os díscolos não entram. Nem os díscolos, nem os seus acólitos. Felizmente, há meio de eliminar os fermentos. logo que apareçam.

Assim deviam fazer tôdas as sociedades espiritas. Evitariam percalços e prejuízos materiais e morais.

Repetimos: o caso da Rádio Piratininga é bastante sintomático. Se nos alargámos no comentário, é porque dêle queríamos extrair conclusões lógicas que elucidassem os nossos associados, levando-os a repelir tôda a solidariedade e convivência com elementos negativos que às vezes aparecem, não com o fim de fazer progredir o movimento espirita, mas com a idéia fixa de o paralisar e matar.

BELA RELIGIÃO

Em tôda a minha vida nunca amesquinhei o Espiritismo ou os espiritas. O Espiritismo é uma bela religião e admiro os seus adeptos sinceros. O que eu amesquinho são os traficantes que vivem à custa dêle. Admito que há bons testemunhos da sobrevivência, como os de Borley. O meu desejo era que êles pudessem ser provados mais cientificamente.

Harry Price

ALEGRIA DE VIVER

por Faure da Rosa

III

É pouco conhecido, talvez, o drama nupcial da planta erbácea aquática denominada Valisnéria.

Chegado o momento do amor, a flor feminina, no fundo da vaza em que se forma, desenrola lentamente a longa espiral do seu pedúnculo afim de ir desabrochar à superfície da água. O órgão masculino, que a advinha, eleva-se, por sua vez, para aquela que o espera, que o chama para um mundo mágico acima das trevas natais. Mas, chegado a meio caminho, o órgão masculino é bruscamente detido, porque a sua haste é demasiado curta para alcançar a noiva. Por um pressentimento inato do seu destino, o elemento masculino da flor tem dentro do perianto — coração da flor — uma bôlha de ar. Então, num esfôrço magnífico, para se poder elevar até à felicidade, quebra deliberadamente o liame nutritivo que o prende à existência, solta-se do pedúnculo e, num incomparável impulso, vai abrir à superfície da água. Ferido de morte, mas radiante e livre, flutua um momento ao lado da bem-amada e lança-lhe o seu pólen. Completada a fecundação, o sacrificado vai morrer à tona de água, enquanto a espôsa, já mãe, fecha a corola onde vive o último alento do órgão masculino, enrola a espiral e desce até ao fundo para aí amadurecer o fruto da união assassina.

¡Que portentosas maravilhas encerra a Natureza! Como são assombrosas as leis eternas e imutáveis de Deus! Se há homens que se rebaixam, outros há que se elevam; quando o homem e a mulher se querem, mais pelas afinidades do espírito que pela atracção da carne, então, qualquer deles é capaz das mais grandiosas abnegações. E um casal só que existisse agindo assim, bastaria para reabilitar o resto da humanidade relapsa.

Kamo Chômei — escritor japonês, nascido em 1154, que aos 35 anos se fêz «bonzo», aos 50 se tornou eremita nas montanhas do Hinó — Kamo Chômei escreveu um livro denominado Hôjôki, ou mais pròpriamente, escreveu um caderno de impressões, porque tal livro não tem mais de trinta páginas.

Chômei descrevendo a fome que assolou Kiôto em 1181, conta a certa altura: «Era coisa bem digna de notar-se que, quando um homem e uma mulher muito se queriam um ao outro, aquêle que mais amava era sempre o primeiro que morria; isto porque, esquecendo-se de si, dava ao ente estremecido tudo que para si tinha guardado. Entre pais e filhos, eram os pais os primeiros a morrer...»

O amor, o amor verdadeiro, desenvolve-se e torna-se mais profundo com o tempo. À medida que a vida avança, o amor sexual transmuda-se em amizade; o amor dos filhos é a grande consolação e a alegria da velhice. O primeiro recorda o passado, o outro interessa o futuro, porque é nos filhos que revivemos a nossa vida.

O significado do amor para a mulher é mais importante e mais complexo.

A escritora e educadora Jeanne Leroy-Allais diz no seu livro «Como ensinei às minhas filhas o que é a maternidade», que as raparigas continuam a ignorar aquilo para que a natureza as destinou e que será a sua principal função na vida — a maternidade. Ensina-se-lhes a geração das plantas e esconde-se-lhes a geração humana que tão pouco delas difere.

Êste ensino, dir-se-á, pode oferecer os seus perigos. Na verdade, eu não os vejo — afirma a escritora — desde o momento em que seja ministrado convenientemente e a jovens bem equilibradas.

A natureza nunca poderá exercer uma acção corrutora. O que é pernicioso para a mocidade é conhecer a libertinagem antes

de atingir a idade de apreciar o amor. É indispensável pôr a futura mulher ao abrigo da curiosidade doentia que leva à depravação. De resto, a ignorância absoluta é quási impossível: vê-se, ouve-se, lê-se e faz-se uma opinião, sempre ladeando a verdade, e muitas vezes mais vil. Ainda nos devemos julgar muito felizes quando se não procura a ciência pelas pessoas menos classificadas para a dar, quere dizer: as criadas e as amigas já corrutas.

A natureza não carece que se ponha a mentira ao seu serviço; ela vale bem mais do que as nossas invenções subtis.

Ter filhos! Dar vida! É a obra capital da existência, a que mais nos aproxima do Criador.

Há mulheres que sentem tal necessidade de pureza que, em muitas circunstâncias, lamentam não ser simples espíritos. Mas é impossível dar nascimento a corpos, sem a participação do corpo.

«A mulher é profundamente diferente do homem», escreve o dr. Alexis Carrel. «Cada uma das células do seu corpo traz a marca do seu sexo. O mesmo acontece nos seus sistemas orgânicos e, sobretudo, no seu sistema nervoso. As leis psicológicas são tão inexoráveis como as leis do mundo sideral... As mulheres devem desenvolver as suas aptidões conforme a directriz da sua própria natureza, sem procurar imitar os homens...

«Em geral, desconhece-se a importância que, para a mãe, representa a função da geração. Esta função é indispensável ao seu desenvolvimento máximo. É, pois, absurdo desviar as mulheres da maternidade. Não se deve dar às raparigas a mesma educação intelectual, o mesmo género de vida, o mesmo ideal, que aos rapazes... Entre os dois sexos há irrevogáveis diferenças. É imperativo tê-las em conta na construção do mundo civilizado.

«Seja qual fôr a instrução profissional da mulher, o que é necessário, indispensável, é que a mulher seja sempre feminina, como não é menos indispensável que o homem seja sempre másculo... A integridade do organismo é indispensável às manifestações da consciência.

«O homem pensa, ama, sofre, admira e reza com o cérebro e todos os seus órgãos ao mesmo tempo».

* * *

Santa Tereza do Menino Jesus, muito antes de ser beatificada — portanto, simples irmã Carmelita — dizia que «a Jesus agradam os corações alegres e as almas sempre sorridentes».

Tereza desencarnou em 1897, com 24 anos de idade, e foi beatificada em 1923; isto é, 26 anos, apenas, após o seu falecimento.

Tereza não era fanática; a sua crença não lhe obscurecia o raciocínio.

Já no leito da morte, retorquiu a uma Irmã que lhe descrevia os anjos resplendentes que transportariam a sua alma para o céu: «Nenhuma dessas imagens me causa o menor bem; eu só creio na verdade. Deus e os anjos são espíritos perfeitos. Ninguém os pode ver com os olhos do corpo tal qual Êles são».

Todos aquêles que querem progredir têm de travar consigo uma luta tremenda. A nossa origem animal, os hábitos ancestrais imperiosos que regem o nosso corpo e nos estrangulam o espírito, exigem uma vontade potente, perseverante e contínua, para que cada um consiga dominar-se, para que o espírito tenha comandamento no corpo.

O nosso corpo é o automóvel que nos conduz: ao volante senta-se a Hereditariedade; dentro vamos nós, sonolentos, inconscientes. Um belo dia, uma sacudidela mais forte desperta-nos em sobressalto. Nessa ocasião, ainda estremunhados, preguntamos a nós mesmos: «Onde estou eu? Para onde vou?...»

Desde êsse instante, o Pensamento é conquistado pelo nosso Eu. A curiosidade leva-nos a olhar para quem nos conduz. Então, estupefactos, reconhecemos que fôrças cegas se ligam a nós. Resolutos, saltamos lestos para o volante. De princípio, o hábito resiste e nós cedemos; mas a nossa insistência, por fim, acaba por triunfar e conquistamos a *Vontade* como já tínhamos conquistado o *Pensamento*.

A Irmã Tereza mostra-nos o duro combate que temos de sustentar para nos apossarmos do volante; mas ela foi a sorrir que lutou, foi a sorrir que triunfou. Por isso a Irmã Tereza afirmou que «a Jesus agradam os corações alegres, as almas sempre sorridentes».

A felicidade possível neste mundo, não

Jul/Ag/43

O ESPIRITISMO EMANCIPADOR DA MULHER

por Haydi de Tebelen

V

COMO já referi, a religião egípcia e o cristianismo no seu início, reconheceram a alma na mulher, sujeita aos mesmos prémios e penalidades que a alma do homem. Contudo, na sua desmedida vaidade e tirania, êle continuou alegando que devido ao seu sexo ela era-lhe inferior não só na alma como na inteligência. Êste conceito, vindo da grande antiguidade, generalizou-se em tôdas as raças, fazendo da mulher um ser, humano quanto ao físico, e irracional quanto à sua espiritualidade. Nestas condições, em muitas raças orientais, como na muçulmana, não se ensinam à mulher certas preces, nem mesmo a elas têm direito no seu funeral. Conseqüentemente, sendo ela considerada quási como um animal, o homem entendeu poder dispor dela, como dispunha dos seus gados, e assim se iniciou a prostituïção.

Êste flagelo da humanidade não existia nos gauleses. Êste povo altivo fazia da mulher um ser privilegiado, que êle rodeava de respeito. Os Francos e outros bárbaros também não o possuíam nos seus costumes; e os Gotha, no código de Alaric, eram nesse sentido duma extrema severidade.

A Sunna proïbia-a às muçulmanas, se bem que mais tarde ela se espalhasse nos países de raça árabe.

A prostituïção apareceu primeiro sob a forma hospitaleira, o chefe da família cedendo ao hóspede por uma noite a sua mulher ou a sua filha, para que êle partisse contente e para que o presente que êle oferecesse fôsse maior.

Heródoto atribuía a origem dêstes costumes aos habitantes da cidade de Ur, donde se espalhou para a Mesopotâmia, a Fenícia e a Judéia primitiva. Chegou até Atenas, onde, 600 anos A. C., é regulamentada por Solon — grande legislador e um dos Sete Sábios da grande República.

Assim regulamentada vem até ao XX século, se bem que nalguns países ela fôsse abolida, como na Suiça, que, no fim do XIX século, fechou tôdas as casas dêste género de comércio. Também a Noruega as suprimiu em 1888; a Dinamarca em 1901; a Holanda, Bulgária e Sérvia em 1911; a Rússia em 1917; nas principais cidades da Alemanha em 1919; na Checo-Eslováquia e Polónia em 1922. Nenhum destes países permitiu até hoje a sua reabertura. Também foi suprimida a polícia especial dêsse comércio, na Inglaterra em 1886; Suissa 1890; Noruega 1888; Na Dinamarca 1906; na Bulgária 1911; na Holanda 1913; na Rússia 1917; na Suécia 1918; na Polónia e Checo-Eslováquia em 1922.

---

pode alcançar-se sem se sentir a alegria de viver.

— Sêde alegres. Quando tiverdes dito tudo que há a dizer sôbre as tristezas da vida, sôbre as suas decepções e máguas, sôbre o seu egoísmo e injustiças, sôbre a curta duração dos seus dias e a longa duração das suas noites... nem por isso deixará de ser verdadeiro que o universo repercute cânticos de alegria.

— Sêde alegres para sentirdes a beleza da primavera, o esplendor do azul do céu, a maviosidade do chilrear das aves, o encanto glorioso dos poentes do sol. Escutai o riso das criancinhas — as mimosas flores da Humanidade; correspondei ao apêrto de mão da amizade, aquecei-vos ao calor de tantos lares felizes, e convencei-vos de que em tôda a parte há, acima de tudo, um grande Amor que tudo possibilita.

— Reparai nas nobres vidas que há em roda de vós, em condições tão humildes — e são tantas, tantas! — e não são egoístas, mas boas e verdadeiras.

— Renunciai à melancolia, ao desgosto e ao queixume. Fazei a obra do Cristo, confiai nas promessas dÊle e sêde alegres!

¿Como não há de ser a dor a condição humana, existindo na terra a prostituïção, a escravatura e a guerra?

Volto ao meu tema e pregunto se na realidade as diferenças fisiológicas da espécie humana provocam na mulher uma diminuïção de inteligência.

Estou convencido de que as condições de inteligência, entre o macho e a fêmea, são as mesmas em tôdas as raças. Na espécie humana, ¿em que células reside a inteligência? ¿Qual é a parte do cérebro em que ela se pode analisar?

Para justificar a inferioridade intelectual proveniente da diferença de sexo, basearam-se certos autores no menor pêso e menor volume do cérebro da mulher. Os tratados da especialidade são mudos neste sentido, e o ilustre antropologista De Broca diz não se poder medir a inteligência, medindo o cérebro.

De facto, os japoneses, sendo de pequena estatura, têm, conseqüentemente, menor pêso de cérebro do que os brancos. Contudo, ainda ninguém se lembrou de duvidar da sua inteligência!

Também se verificou que grandes criminosos, homens de grande inteligência ao serviço do mal — tinham pêso e volume cerebral idêntico ao de homens célebres.

Independentemente do sexo, admite-se modernamente o princípio do desenvolvimento das células cerebrais e principalmente a qualidade da massa encefálica.

A segunda metade do século dezanove e os princípios do século vinte ficaram enriquecidos com algumas figuras de prestígio, como o foram a rainha Vitória, de Inglaterra. A memória desta soberana é muito venerada pelo povo inglês, devido às suas grandes qualidades de inteligência, de coração e saber político que engrandeceram a sua pátria, durante o seu longo reinado que durou sessenta e três anos. Transformou o reino num verdadeiro império; considerava e amava o povo como coisa sua, como um prolongamento da sua própria família.

Foi uma rainha metódica e consciente, dotada também duma grande fôrça de vontade. Tinha a feliz e curiosa faculdade de pensar em todos os assuntos, como a maioria dos seus súbditos.

Era, além de grande *homem de Estado*, mãe cuidadosa, sempre inquieta pelos entes queridos. Espôsa amantíssima, cêdo teve a dor de perder o seu idolatrado espôso, que foi, a seu lado, um colaborador e um trabalhador infatigável. Viúva inconsolável, afastou-se da Côrte, e no seu isolamento trabalhava sem cessar.

Quarenta anos de dolorosa viuvez, em que se encerrara no seu luto e não usara senão vestidos pretos. Mas determinara que à sua morte a vestissem de branco, e que o seu quarto estivesse igualmente de branco; que no cortejo fúnebre não houvesse o mais insignificante sinal de tristeza, pois que o seu luto acabara desde que ela se tinha ido reünir ao marido bem-amado. Desde a morte dêste que a rainha Vitória tinha mandado preparar o seu túmulo; ela própria, estendida como uma defunta, servira de modêlo ao escultor que lhe fizera a estátua jacente, na época em que fôra atingida pelo duro golpe da viüvez. Tinha uma acentuada tendência para o Espiritismo e acreditava que era permitido às pessoas amadas, falecidas, servirem de guarda àquelas que ainda estavam na terra.

Durante o seu retiro em Osborne, logo depois da morte do príncipe Alberto, a irmã da rainha, a princesa Hohenlohe, contou ao deão Stanley, que a triste viúva achava «a sua única consolação na crença de que o espírito de seu marido estava perto dela, porque êle o tinha prometido.»

Foi a primeira soberana que viajou de combóio e a primeira que se viu fixada no cinema. Foi uma das figuras mais importantes da História.

¿Que pensam dêstes grandes exemplos os detractores da mulher?

* * *

Nas ciências notabilizaram-se Sofia Germain, Sofia Kowalewska e a insigne M.me Maria-Salomé Sklodowska-Curie.

Quando Napoleão criou a Legião de Honra, não pensava que em 1865 ela fôsse concedida a Rosa Bonheur, pelo seu talento de pintora, e que a América também condecorasse Clara Bartou, verdadeiro anjo de caridade, fundadora da Cruz Vermelha, que tantos e tão grandes serviços tem prestado à humanidade.

Em Espanha, Raquel Meller foi a única mulher condecorada com a Ordem Real de Afonso XII, considerada nessa data como uma grande honra.

A grande trágica Sarah Bernhard e a famosa cantora Adelina Patti, também rece-

beram a Legião de Honra, assim como a rainha Maria da Roménia e a condessa de Noailles, por se terem distinguido nas letras; e a duquesa de Uzês, escultora de talento, autora do Monumento aos Mortos, em Bounelles (França), e no teatro moderno Cecília Sorel.

Na história da Grande Guerra de 1914 encontram-se grandes nomes femininos confirmando o amor e abnegação da mulher pelos oprimidos.

Edith Cawell, a Condessa de Bretigues e tantas outras que exposeram o seu peito às balas para salvarem outras vidas...

Entre as dedicadas heroínas dessa época agraciadas com a Legião de Honra, conta-se a rainha Elisabeth da Bégica, e outras valorosas enfermeiras.

A música, que eu considero a arte divina, teve sempre as suas apaixonadas, e, há poucos anos, o teatro Scala, de Milão, escolhia para o dirigir Anita Colombo. Esta nomeação evidenciou a grande competência musical e administrativa da eleita, provando as altas capacidades femininas, para um lugar de tanta responsabilidade artística.

A Grande Guerra de 1914 modificou o ritmo das existências, e a partir de então notamos quão acelerado é o movimento para a frente. Nele se esboça o que será a futura humanidade. Diz Krishtinamur que — «uma sociedade que tem as suas raizes no egoísmo não pode mudar num dia.» É precisamente o facto importantíssimo a que estamos assistindo com o desenrolar da actual guerra mundial que trará inevitàvelmente uma formidável transformação nas sociedades, tanto no Ocidente como no Oriente.

Cada dia que passa acentua ainda mais a injustiça da palavra «fraco», quando se designa o sexo, referindo-se às mulheres.

Na presente guerra mundial elas estão não só nas fábricas, preparando os armamentos como na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, mas até experimentando os pára-quedas, trabalhando como aviadoras e como atiradoras, pois são numerosas as alistadas na «Unidade de Cavalaria do Corpo Feminno de Defesa e Ambulância.»

Nos aèrodromos, aèroportos, estações de caminhos de ferro e portos, trabalham como marinheiros e soldados. Corpos femininos de enfermagem magnìficamente equipados e treinados acumulam a instrução militar.

Na Alemanha a voz de Hitler ergue-se e declara: — «A massa das nossas mulheres e das nossas raparigas constitui o mais forte elemento na luta pela existência do nosso povo».

Provando que nenhum serviço a intimidava, a mulher, sem perder nenhum dos seus encantos tomou o solene compromisso de auxiliar o progresso; e a sorrir espera a transformação para a qual ela será fatalmente impelida.

Krishnamurti afirma que: — «a vida na sua plenitude não pode ser condicionada pelas crenças ou religiões, credos ou dogmas. Em tôda a parte foram estabelecidas leis de moralidade que nada têm que vêr com a vida».

Estas palavras encerram um pouco da grande Verdade que êste mensageiro nos veio transmitir.

Presentemente o feminismo parece uma novidade. Contudo êle era já conhecido dos atlantes. Nesta grande civilização a mulher era sacerdotisa e legisladora, e gozava dum poder soberano na vida social, assim como na existência familiar. Pelo Espiritismo a futura humanidade será mais perfeita quando ela «possuir a iniciação, como o afirmou V. Lowzorw, o que significa que quando ela chegar à conclusão que existe uma vida espiritual, que se encontra em conexão com esta vida, e que é uma necessidade para o seu destino futuro e a paz do seu espírito quando ela tentar elevar-se duma maneira certa afim de poder participar dessa vida espiritual.»

Para que a vida desenvolvendo-se no coração dos homens seja uma vida digna de ser chamada — uma vida espiritual é absolutamente necessário que ela seja preenchida por assuntos elevando-se acima da existência física.

Uma vida espiritual por exemplo pede ao homem que trabalhe para compreender a sua própria origem e procure a relação da sua vida com a morte, que é o fim inevitável de todo o ser terrestre. Aquêles que trabalham para atingirem o conhecimento adquirem os mais altos destinos. Tornam-se os mestres das fôrças da vida, em lugar de serem escravos dessas fôrças. É sòmente pelo conhecimento da vida espiritual e das suas leis que o homem conquistará o conhecimento do plano da evolução. Aquêles que trabalham para a compreensão das leis da natureza conseguem dominá-las e aproveitá-las, em vez de serem seus escravos.

Não quero que vejam em mim uma fanática do Espiritismo. Não, porque o fanatismo leva à cegueira, e esta é perigosa. Sou uma apaixonada fervente desta doutrina que, além de ser científica, encerra os grandes ensinamentos de Buda, Moisés, Hermes, Jesus e Mohamed.

Já ouvistes de-certo dizer que os tempos estão chegados. Sim! A hora chegou para a humanidade que durante tantos séculos tem vivido no obscurantismo, e agora ergue os olhos para a luz no desejo ardente de compreender as palavras dêsses mensageiros do Amor. E tudo que êles prègaram está na doutrina espirita — sem distinção de sexos. No Espiritismo a mulher faz parte integrante da humanidade. A lei da evolução é a mesma na espécie humana, e está dentro dos princípios da igualdade e do Amor, que permitem à mulher desenvolver-se intelectual e espiritualmente ao lado do seu irmão e companheiro — o homem.

Os tempos estão chegados, porque a hora dolorosa que sôa presentemente marca o fim de civilizações, e já se vê embora pàlidamente, despontar ao longe a aurora duma futura humanidade, que fundará uma nova civilização.

O advento do Espiritismo encerrando os verdadeiros princípios do Cristo, colocará a mulher no seu legítimo lugar na sociedade, tanto como cidadã como espôsa e como mãe. O Espiritismo ensina ao homem a ser o verdadeiro companheiro da mulher.

Mais tarde a humanidade será mais feliz na exacta compreensão dos seus deveres na terra, seguindo e cumprindo os seus Karmas e suas missões.

A emancipação da mulher começou desde que os *fenómenos espiritas provaram a imortalidade da alma.*

Desde esse momento o homem compreendeu que a mulher era sua igual, e passou a olhá-la com os olhos do espírito, e não sòmente com os da carne, como até então fizera. Êste movimento, embora muito lentamente foi alastrando por todo o mundo. A própria mulher até ali resignada à sua condição de inferioridade, compreendeu que a sua alma também podia resplandecer com brilho intenso, como a alma do homem e dalgumas mensageiras que já mencionei, e que o Criador enviou à Terra em grandes missões.

O homem e a mulher devem pois amar-se com êsse amor que Lamartine o grande poeta espiritualista, definiu nesta bela comunicação: — «O amor, grande e nobre coisa que o homem carnal não sabe compreender devidamente! A Eternidade! sim, eterno deveria ser êste amor entre êles, entre o *filho* e a *filha* de Deus: eterno é com efeito, porque êle é baseado sôbre alicerces imorredoiros».

Justa e admirável concepção que êste grande espírito fêz do amor! Na verdade a mulher é também uma filha de Deus, e a sua alma seguindo a lei da evolução voltará purificada para junto da Grande Fonte da Vida.

O Espiritismo! Doutrina sublime! Facho de luz radiosa que vai pouco a pouco iluminando o mundo! É o símbolo da liberdade e da Justiça. Prepara os espíritos para uma maior compreensão das Divinas Leis, e, nessa futura humanidade, o homem e a mulher, serão dois factores de *valores iguais.* As suas missões por vezes diferentes completar-se-ão, como êles próprios pela Vontade Superior são também o complemento um do outro. E a maternidade será uma função social, e uma verdadeira missão de amor, permitindo o prazer da formação dos espíritos e dos corações dos pequeninos.

Nas futuras sociedades a mulher na sua grande missão de educadora será a sacerdotisa da paz e a redentora da humanidade.

O Espiritismo será o seu verdadeiro emancipador, e então como no princípio divino, a harmonia do Masculino e do Feminino realizará a grande obra do Ideal de Progresso, de Beleza e de Amor Universal.

Crer

Um sábio disse: «A Verdade é branca».
Outro: «A Verdade tem a côr do ar».
E construiram cada qual um templo.
As gentes da rua, conforme supunham ser a Verdade branca ou de côr do ar, dirigiam-se a cada um dêsses templos.
Na praça, só um homem ficou.
Preguntaram-lhe:
— Como é a Verdade?
— Não sei como é a Verdade — respondeu êle.
E então, uns e outros, furiosos e depreciativos, como se os tivessem insultado, gritaram-lhe:
— Ateu!

Alvaro Yunque

DO ALTO

CAMINHO A SEGUIR

por Reper-Siam

Meus amigos, para a frente, dominando sempre os obstáculos com coragem. Tende fé na vitória, que ela virá. Nunca alimenteis pensamentos derrotistas, mesmo que o adversário empregue as armas mais indignas. Nada receeis. Se tiverdes o nosso apoio, tudo correrá bem. E para terdes o nosso apôio, basta que estejais em condições de o receber.

Muita paz de espírito, muita vigilância contra os maus pensamentos, muitas preces, orações constantes. Eis o que vos pedimos, em troca do muito que temos para vos dar.

As coisas da Terra não costumam prejudicar os que se encontram imunizados pelas fôrças espirituais. Entregai-vos, pois, à vida espiritual, que redime e salva, que faz heróis e santos, que perdura e consegue transformar os abrolhos em caminho plano e macio.

É preciso que os cristãos-novos tenham aquela fé inquebrantável dos soldados do Cristo, que nos primeiros séculos deram lições ao paganismo de então. O paganismo de hoje pouco difere daquêle.

É preciso cavar a rocha, amolecer a pedra, e só uma grande fé o poderá conseguir, fazendo recuar o adversário.

Nada de desânimos. Não espereis coisa alguma de muitos que dizem seguir a vossa doutrina. Ide e prègai através da imprensa e transformai em factos as vossas idéias. Quando se não tem à mão certa arma, usa-se outra. Vós tendes a propaganda escrita. Fazei uso dela, agitando a questão, levando a Verdade onde reina a mentira, levando a fé onde reina a descrença. Mas conservai pura a nossa doutrina, calcando aos pés teorias absurdas que pretendem mesclar-se com a verdade límpida que o Espiritismo espalha.

O Espiritismo, ou Consolador Prometido, não é adivinhação, não é a charlatanice que se pratica em seu nome.

É necessário limpar o que a ignorância atrevida tem manchado. A doutrina cristã à luz dos ensinamentos dos espíritos é coisa diferente daquilo que muitos propagam, fornecendo armas aos seus adversários.

É indispensável arejar a casa e que nela não tenham guarida os falsos profetas. Muitas vezes tenho dito que os maiores inimigos do Espiritismo estão dentro das nossas fileiras.

Uns, disfarçados de ovelhas mansas, só desejam lançar a confusão e a desordem, em obediência a desígnios secretos. Outros, os fanáticos, difundem absurdos bebidos em sessões, onde espíritos tão atrasados como os que lhes proporcionam a comunicação, se entretêm a dizer sandices, histórias inventadas para levarem os incautos a alucinações e outros perigos.

O Espiritismo tem que ser compreendido. Antes de mais nada, devem advertir-se os adeptos de que a sessão não é a primeira coisa, mas a última a realizar. Leiam, estudem, trabalhem no aperfeiçoamento individual e a sessão só virá no fim e não para todos.

É preciso que o escol espírita diga isto aos que apenas começam, porque a sessão é o principal escôlho dos experimentadores.

Os espíritos embusteiros infestam a atmosfera da Terra: senão é ver como os fenómenos surgem: aqui, actuações, além possessões. Por tôda a parte se exercem manifestações dêsses desgraçados que não sabem o que fazem. Ora, a propaganda espírita devia encarar êsse problema, não como o tem feito, mas advertindo uns e outros, que tudo se evitaria, se houvesse crença, se houvesse espírito religioso que pela prece encaminhasse as almas sofredoras. Em vez de as atrairem com invocações e outros processos, seria melhor que se formassem grupos, muitos grupos, destinados a cultivar a prece pelos desencarnados.

A propaganda espírita deve elucidar aquêles que fazem juízo erróneo do Espiritismo. Para isso, seria interessante que nos centros, em vez de se estimular a curiosidade, se levassem os ignorantes a compreender a verdadeira situação do espírito, ao desencarnar.

Preces é o de que mais necessita quem parte. Se, nalguns casos, é forçoso, ou útil, a ida à

O Espiritismo conduz à loucura?

por F. Noronha

OUVINDO pronunciar esta frase e vendo-a escrita, sem ponto de interrogação, aqui lho acrescento, convertendo-a numa pregunta a que pretendo responder.

É claro que, não sendo catedrático de especialidade, ou de outra esfera, nem sequer me presumo sombra de oráculo no assunto.

A alienação, ou o que vulgarmente denominamos desarranjo e desequilíbrio mental, é um fenómeno triste que tem acompanhado a humanidade em seu largo trânsito, precedendo o Espiritismo e até os próprios vocábulos que o exprimem.

Êste não conta séculos de registo, e é fácil apontar-lhe o assômo original, bem como o seu bracejamento «evolutivo», dentro do qual uma figura se levanta, inconfundível e culta, — Allan Kardec.

Era médico e discípulo e amigo do insigne pedagogo Pestalozzi, nascido em Zurique, a 12 de Janeiro de 1740 e falecido em Brougg no dia 17 de Fevereiro de 1827.

Kardec fêz a propaganda espirita, pelo verbo e pelo livro, com a ardência de um apóstolo, realizando também viagens nêsse sentido, como a de Setembro de 1860, em que, na cidade de Lion, pronunciou um dos seus notáveis discursos.

São dessa magistral peça oratória as passagens que a seguir transcrevo do n.° 6, correspondente a 9 de Outubro de 1938, da apreciável revista *Cristianismo*, órgão da Associação cristã «Providência», de Buenos Aires:

«Há três categorias de aderentes (Kardec refere-se aos espiritas); uns, que se limitam a aceitar a realidade das manifestações e procuram todos os fenómenos, sendo o Espiritismo para êles uma série de factos mais ou menos interessantes.

Outros, admitem outra coisa para além dos factos; compreendem o alcance filosófico; admiram a moral que encerra, porém não a praticam; vêem na caridade cristã uma bela máxima e não avançam mais.

Outros, finalmente, não satisfeitos com admirar a moral, a praticam, identificados com tôdas as conseqüências. Fundamente convencidos de que a existência terrestre é

Terra de algum espírito, êle irá sem que o chamem. Todos os espiritas responsáveis deviam cercear as sessões, que são prejudiciais à maioria, visto só reduzido número estar em condições de as realizar.

Aumentai a vossa crença, a vossa fé, o vosso fervor na prece e abandonai as práticas que atraiem os espíritos para a Terra.

O Espiritismo é, sem dúvida, baseado na comunicação dos espíritos, o que não quere dizer que tôda a gente esteja em condições de a tentar. O que todos podem é seguir a doutrina assente em tais bases e que é, nada mais, nada menos, que o Cristianismo puro que Jesus prègou, sem aquela mistura de paganismo que, no decorrer dos tempos, lhe introduziram. Com o Espiritismo, o mesmo sucederá, se não lhe acudirem a tempo. Já se rodeiam as sessões de certo ritual pagão e daqui ao descalabro não vai muito. Libertai a nossa doutrina de tôdas as misérias e de tôdas as materialidades. Escoimai-a de mazelas e superstições. Ela ensina a viver.

O Espiritismo bem compreendido é o maior auxiliar dos que desejam triunfar na vida material, ensinando-os a proceder, segundo as verdadeiras normas evangélicas.

Propagai o Espiritismo Cristão, sadio e forte, cheio de amor e de vida, e desmascarai os que andam por antros escuros, onde pseudo-médiuns se entretêm a atrair para a ignorância e para as trevas quem se aproxima dêles.

É preciso modificar os processos, acabar com o maravilhoso e expor a doutrina à luz do Sol. Deixem o fenómeno aos experimentadores e sigam-nos aquêles que não encontram lenitivo nas religiões oficializadas, por estas não explicarem os inúmeros factos misteriosos que aparacem.

23 de Junho de 1943.

uma provação efémera, buscam aproveitar estes breves momentos para seu adiantamento no caminho do progresso, traçado pelos espíritos, e esforçam-se para fazer o bem reprimindo as suas tendências más. Os seus comunicados são sempre sérios, em congruência com as suas convicções, que os afastam de todo o pensamento ruim, sendo-lhes a caridade regra de conduta. São tais os verdadeiros espiritas, ou, mais exactamente, os espiritas cristãos».

¿Terá sido um louco êste homem notável, ou havê-lo-á conduzido o Espiritismo à loucura.

¿O recentemente finado físico inglês, cuja teoria dos *iões* é recebida e ministrada no ensino em todos os meios ilustrados, estaria louco ao afirmar que, em resultado de suas investigações psíquicas, lenta e gradualmente, no decurso de mais de vinte anos de estudo, adquirira a convicção de «que não só a sobrevivência individual é um facto, mas também algumas comunicações podemos receber através do espaço, não sem atritos e em certas e determinadas circunstâncias?»

Oliver Lodge, sábio mundialmente conhecido é o nome de quem assim afirmou e nunca se desmentiu a tal respeito em sua longa carreira de cientista, enamorado da electricidade:

— Declaro-me espiritista, — disse êle — porque tive de aceitar os fenómenos como uma realidade.

Lodge exerceu as funções de reitor da Universidade de Birmingham e pertenceu à Academia Real. ¿Dominava-o ou dominou-o algum dia, pelo Espiritismo, a loucura?

¿Camilo Flammarion encontrar-se-ia possesso de loucura, quando escreveu que observara alguns fenómenos «incompreensíveis» *(os de que se trata)* com precisão e que, na maioria, fotografara, havendo iniciado os seus estudos relativos, «em companhia de Allan Kardec, aos 15 de Novembro de 1861?»

Êste depoimento do egrégio astrónomo acha-se inserto no artigo *Sondando em lo Misterioso*, de sua firma, na pág. 12, *in fine*, da atrás citada revista da capital da República Argentina, em seu n.° 12 de 9 de Abril de 1940:

Lê-se, pág. 11, no 4.° período dêsse artigo: «há que mencionar, entre os homens de mérito que se ocuparam e se ocupam dêstes problemas e entre os estudos levados a efeito com o desvêlo, as experiências fisicamente inatacáveis do conde Gasparin e do professor Thur, de Genebra, as de Vítor Hugo em Jersey, tão extraordinárias quão impressionantes, as da Sociedade Dialéctica de Londres, do engenheiro electricista Varley, autor do primeiro cabo transatlântico, do naturalista Wallace, do dr. Lapponi, de Schiaparelli, director do Observatório de Milão; de Zœllner, director do Observatório de Leipzig; de Tarro, director do Observatório de Turim; do professor Lodge, reitor da Universidade de Birmingham; do dr. Dariex, do conde de Rochas, do professor Richet, de Victorien Sardou, de Sally Prudhomme, de Adolphe Brisson, do professor Ducloux, do químico Curie, do físico d'Arsonval, do dr. Maxwell, etc., nomes respeitáveis, a que poderia juntar muitos mais.»

¿Todos estes gloriosos filhos da Ciência seriam camaradas de loucura de Flammarion e prêsas fatídicas do Espiritismo?

Quanto ao imortal autor de *Les Miserables*, avaliem-lhe os leitores a loucura, por estas linhas a propósito de sua casa, no exílio de Hauteville-house (ilha de Guernesey): «Descrever a casa é já dar a conhecer o homem» e se transcrevermos as divisas e inscrições que o poeta mandou gravar nos móveis e nas paredes e que são outras tantas linhas inéditas de Vítor Hugo, surpreendê-lo-mos decerto na particularidade da vida íntima, mas conheceremos ainda melhor o poeta. Havia antigamente o justo orgulho de pendurar nas paredes os troféus das vitórias e os brazões e armaduras dos progenitores, por modo que os olhos podiam ver êsses grandes exemplos; vivia-se entre êles, — Vítor Hugo difundiu na opulenta casa de Hauteville as máximas que resumem a experiência e as provações da sua vida» *(Chez Victor Hugo par un passant*, 1894, págs. 21 a 23).

Só algumas das indicadas divisas e inscrições: «*Salvé — Ama e crê — Come, caminha, ora*» *(Esta no vestíbulo)*.

«Habitante das moradas perecíveis.»

«Pensa na morada eterna.»

«O espírito sopra onde quere.»

«A honra vai onde deve.»

«Onde está a esperança aí está a paz.»

«Imensidade, diz o ser; eternidade, diz a alma.»

¡Que hedionda loucura, causada pelo Espiritismo!

¡Provàvelmente, não existirá louco algum que, directa ou indirectamente, não participe de semelhante fonte, responsável de milhões de vítimas!!!...

Não sejamos teimosos.

Todos os homens designados e muitos outros, pretéritos e contemporâneos, que professam a doutrinação espirita encontram-se no mesmo direito de consideração e de respeito que assiste a tôda a gente conscienciosa e digna.

O que importa é sacudir o embuste e a má fé, como aliás em tudo o que é susceptível de ser penetrado por tais espécies deletérias.

Defendermo-nos disto impõe-se à nossa razão e ao nosso interêsse legítimo; mas chamar loucura a uma doutrina de caridade, qual o Espiritismo, e louco a quem a abraça de alma e dispõe de faculdades como Kardec e o célebre advogado Roustaing, que, na análise e comentários críticos dos quatro evangelhos, produziu uma obra monumental de mais de duas mil páginas, que eu percorri com assombro, êste procedimento, gratuito e irrito, é que denuncia fraqueza mental e necessidade absoluta de manicómio.

Entre nós, por exemplo, ¿foram irrisório espêlho de loucura espirita, os generais Passaláqua e Cabral de Quadros?

¿São dêsse quilate, tantos vivos, nossos compatriotas, componentes de centros de Espiritismo e pessoas de carácter, de saber e de ponderada lucidez indubitável?

¿Terão sido autómatos ou bonecos de prestidigitadores, para ali arrastados por ensandecimento?

«Não há fumo sem fogo.» E não há óbice, obstáculo ou estôrvo, sem qualquer destas barreiras ou contrariedades:

¿Dizê-lo e asseverá-lo serão loucuras?

¿O escafandro do mergulhador, o aparêlho veloz do aviador, a telefonia e a televisão, representam loucuras e actos de loucura, levando a novas demências e insanidades?!

A loucura é uma doença a que está sujeita a humanidade, como à peste, ao tifo, à tuberculose, etc., atribuíveis ou devidas a desvairadas origens. Não é o Espiritismo responsável por estigmas de mentecaptos e por falências totais de tino ou juízo orientador, mas a pessoa humana, o abuso, o excesso, o fanatismo, a tara hereditária, o alcoolismo, a degenerescência, a deficiência ou insuficiência de educação e de modêlos.

Esta é a verdade científica, de observação e de experiência.

Fobias e monomanias cedem a terapêutica apropriada e manifestam-se em todos os meios, em todos os ambientes e em tôdas as idades.

Se houvera imparcialidade radicada entre os homens e escrupulosa etiologia social de rigor metódico no seio dos povos, tal como existe nos cursos de Medicina, e atitudes nada microcefálicas mas inteiramente honestas, a mentira e a calúnia deixariam de navegar à vontade e a cobardia, a superstição e o preconceito corrigir-se-iam por si mesmos.

O Espiritismo padece da fúria, da ciosidade, do conluio dêstes assaltantes e outrossim, lastimosamente, de defeitos e simulações em elementos dos seus grémios.

Êle não conduz ninguém à loucura. Loucos de perversões e atropelos são quantos, por vistas baixas, por viciosidades e preguiça, se afastam de directrizes de cordura e de sinceridade.

A sua base é tão sólida como a da física, da química, das ciências naturais e de observação. Consiste e reside no fenómeno, com o reforço experimental. Em prova e contraprova, com sensatas cautelas de expurgação, impeditivas de dôlo, de aldrabice, de conclusões precipitadas.

O que vemos, em estado de saúde, inconcussamente preclaro, ¿é porventura caso de miragem, logo diluída ou subitânea projecção de fantasmagoria inconsistente?

¿O fabricante do casulo da seda, que nêle se encerra até furá-lo e sair metamorfoseado em borboleta, o animal anfíbio e mais típicas tanto quanto peregrinas modalidades de fauna e flora da natureza, são irreais, pelo facto de nossa incapacidade para sua definição ou explicação cabal?

¿Vemos nós ou conhecemos a electricidade, prodígio maravilhoso de tantíssimas aplicações e autêntico tesoiro de inesgotável fecundidade luxuriantíssima?!...

Em face dêsse cenário sômos pigmeus, de verdade, mas não aberrações de loucura ou poços de embófia, masturbadores cínicos ou poltrões orgulhosos.

Temos a idéia que nos soergue, a razão que nos ilumina e a consciência que nos julga.

A letra do nosso porte em tudo e por tudo não foge à prudência, que é defêsa regula-

NATUREZA DA ALMA

por Alvaro Ramos Pereira

Como vimos, existem duas espécies de fenómenos de características dissemelhantes que pressupõem duas substâncias, pois que uma substância não poderia ter atributos contraditórios. Embora se completem, elas são distintas: — uma, o corpo, é extensa, divisível e palpável; a outra há de ser una, simples, idêntica.

A alma é realmente una; a mesma potência sente, pensa e quere. A consciência apreende a totalidade dos fenómenos fisiológicos imediatamente e atribui-os ao mesmo «eu». Mais: — em cada fenómeno entram em quantum variável sensibilidade ou conhecimento, vontade ou conhecimento, vontade ou sensibilidade e apenas a sua classificação é baseada na predominância dum elemento sôbre os outros; num fenómeno há todos os elementos e bastará uma análise perfeita para os fazer surgir. Esta íntima conexão em qualquer fenómeno não se poderia explicar sem a unidade da alma.

Contudo, a alma não sente, quere e pensa apenas. Ela pode dobrar-se sôbre si, ela reflecte, Suponhamos um ser composto; cada elemento apenas se conheceria a si próprio e os outros elementos seriam em relação àquêle coisas estranhas. Mas pela unidade da alma, sabemos que na reflexão esta abrange o todo e não a parte. Logo, isto só é possível se a alma fôr simples. Quere dizer: — aceitar a unicidade da alma é aceitar a simplicidade pela lógica duma dedução racional.

Todavia, a consciência prova que o «eu» não é diferente para além do fenómeno, antes sobrevive, porque nos recordamos. A alma é idêntica desde o passado até ao futuro. Flourens provou que o corpo humano se renova em alguns anos, não por partes mas integralmente. O corpo varia como matéria que é; e, no entanto, o homem considera-se idêntico. Logo, como substância una e simples, só a alma poderá manter essa identidade; por ilação lógica, além de idêntica a alma não poderá ser material, o que seria negar os atributos que deduzimos.

Se a alma não é matéria nem mesmo protomaterial (o que a identificaria com o perispírito, elo entre a alma e o corpo) ¿que é então? Energia, pois que se assim não fôsse não poderia ligar-se à matéria. Ela é energia pura, simples, una e idêntica, mas como fulcro energético é dotada de inteligência e sensibilidade. Parece uma ousadia, tal afirmação, mas lembremo-nos, como dizia Dal Pozzo, que o pensamento redunda num estado vibratório. ¿E vibração e energia não serão correlativas?

Mas sendo a alma e a matéria duas substâncias tão diferentes, ¿como explicar o paralelismo psico-fisiológico que é flagrante em qualquer fenómeno? Pela união íntima das duas? Sendo assim, é incompreensivel como se podem influenciar tão profundamente. A influência só é perfeita quando entre os extremos existe um estado ou estados complementares, existem elos que comunguem da natureza dos extremos. ¿Bastará o complexus cerebral? Reparando bem, notamos de facto a especialização da célula nervosa, mas daqui à alma o salto é ainda brusco. ¿Não seremos assim levados à concepção dum derradeiro

---

dora nos actos volitivos e válvula insubstituível de acêrto na vida.

Em boa educação, guia-nos a selecções ajustadas, a simultâneo reflectir, a conta, pêso e medida, em suma, de que brota ou mana seqüência proporcionada e jámais insulto, impropério, cavilosidade provocadora. Chegado a êste ponto, concluo, afoitamente.

A loucura reclama trato e hospício acomodados, o Espiritismo não conduz ao anoitecimento «cerebral», nem lhe abre os braços, tenta valer-lhe e saná-lo; examine-se-lhe a fenomenalidade à luz da justiça e não o acusemos ou condenemos, sem prévia demonstração formal ou com partido tomado vagamente, lembrando-nos de que a utopia carece de motivo que a sustente.

ponto intermédio, um ponto que esteja pela sua natureza entre a matéria e a alma?

Por indução, diríamos que êsse elo deve ser um corpo fluídico com uma vibratilidade maior, podendo ser agente ou modificado em relação à alma. Ligamos um envólucro duma proto-matéria onde não há ainda diferenciação molecular que tornaria viável o seu desagregamento. É o perispírito do Espiritismo, o corpo astral da teosofia.

Aparece-nos assim um todo formado pela alma e perispírito, a que chamarei por facilidade de designação: — espírito. A alma, um fulcro energético capaz de vibrações muito subtis; o corpo astral, um elo capaz de as receber e retransmitir.

Como quási material, o perispírito segue uma evolução sincrónica com a da alma, difundindo-se aquêle no campo de energia que é o éter, quando esta atingiu a forma pura. ¿Não nos levará isto à concepção hindu duma identificação com Deus, pois que o fulcro anímico, longe do condicionalismo dum corpo, tende a diluir-se? Não; porque ela continuando a pensar, deixa de sentir, na acepção vulgar do têrmo, porque êsse sentir subentende a matéria que no estado de pureza é incomportável. Foi a intuição desta carência de sensibilidade e a expansão do pensamento que levou ao êrro da identificação, além de que o poder, a visão, o conhecimento é tão vasto, que a nossos olhos parecerá infinito. Mas esta essência ainda está longe da Suprema Essência.

Falta-nos apenas analisar o derradeiro atributo da alma: — a imortalidade.

¿Mas será ela «capaz» de imortalidade?

¿Haverá razões que a exijam?

Referindo-nos à alma, ou melhor, à sua essência, ¿que significará a idéia de imortal? Nada mais que identidade, pois que se assim não fôsse o corpo seria mortal, visto que, como matéria, não se perde e sim transforma-se. Algo que seja sempre idêntico, que mantenha sempre a mesma substância, é imortal. Só a matéria muda, só o composto se desagrega. Ora, se a alma é (como vimos) simples e espiritual, lògicamente não é desagregável, e assim é capaz de se manter para sempre idêntica em substância, é capaz da imortalidade.

O argumento moral vai responder à segunda questão. Se há justiça, ¿seria justa a igualdade de destinos para o bem e para o mal? ¿Para que serviria coïbir-nos do mal e esforçarmo-nos pelo bem? ¿Seria justo não haver uma sanção e o prémio perfeitos que a sociedade nos dá? ¿Seria justo que a morte terminasse o homem? A intuição e uma vaga esperança, o desejo e a recordação das dores sofridas revelam-se. ¿Não estará na sobrevivência da alma o modus operandi da justiça? Mas assim torna-se necessária a idealização de algo que pratique a Justiça Perfeita, um Ser que pelos seus atributos fôsse aos olhos do homem um Ideal a atingir, um Ser que pelo seu poder infinito tivesse o direito não só de perdoar como de exigir deveres. Êsse Ser é Deus e, sem êle, ¿de que nos serviria a imortalidade?

Mas se Deus é a Bondade, ¿como poderá castigar? Pelo remorso, pela insatisfação dos desejos e das paixões que conduzem ao arrependimento. ¿Bastará isto? Absolutamente, não, pois que poderíamos praticar o mal impunemente... e arrependermo-nos no após-morte.

¿Que pensamento nos ocorre quando sentimos o remorso pelo mal praticado? — «Se eu pudesse voltar atrás...»

Se na Terra pecamos, ¿onde, se não na Terra, iremos remir as culpas? A meu ver, o argumento que exige a imortalidade, exige a pluralidade das existências e esta a dos mundos habitados, pois o globo terrestre não pode reünir tôdas as condições exigidas pela evolução espiritual. ¿Mas porque não recorda o homem essas existências?

Pensemos no que seria a vida humana se a cada passo a memória e a consciência nos acusassem de culpas, de erros, de crimes mesmo, para com os nossos semelhantes!

¡Esquecido numa vida do que se passou noutras, poderei mais fàcilmente redimir-me, longe de ressentimentos, de ódios e de antipatias!

¿Poderemos definir agora a alma? Sim, porque ela aparece-nos como o princípio da unidade humana, simples, espiritual, dotada de imortalidade e de consciência, de inteligência, de vontade e de sentimento.

REFERÊNCIA AMIGA

Estudos Psíquicos, de Lisboa, magnífica revista que, sem favor, honra a imprensa do velho Portugal, quiçá da própria Europa, pois as suas páginas são o veículo dos mais profundos estudos espiritualistas. Dirige esta colega portuguesa o nome sobejamente conhecido, tanto no Velho, como no Novo Mundo, de Isidoro Duarte Santos.

(De *O Farol*, de Niterói)

O FUTURO DA CIÊNCIA

Tradução de J. D. S.

por «sir» Oliver Lodge

Em 22 de Agôsto de 1940, perdeu o Espiritismo um dos maiores e mais esclarecidos pioneiros, na idade provecta de 89 anos, sem que a mínima perturbação empanasse os seus últimos momentos. Era considerado o pai da Física Moderna e recebeu o grau de doutor em ciências por sete Universidades. Era também doutor em leis pelas quatro Universidades escocesas.

É enorme a sua bibliografia. Além de «Raymond, ou a Vida e a Morte», livro que o celebrizou no Espiritismo e onde narra as comunicações obtidas de seu filho Raymundo, morto na Grande Guerra, escreveu outros de alta envergadura, como «Evolução Biológica e Espiritual do Homem», «Porque creio na Imortalidade Pessoal», «A Realidade do Mundo Espiritual», etc., etc.

Em comemoração desta data, publicamos a seguir um interessante estudo dêste eminente sábio: «O Futuro da Ciência», escrito depois dos 80 anos e em que revela, como sempre, admirável espírito de análise e crítica científica.

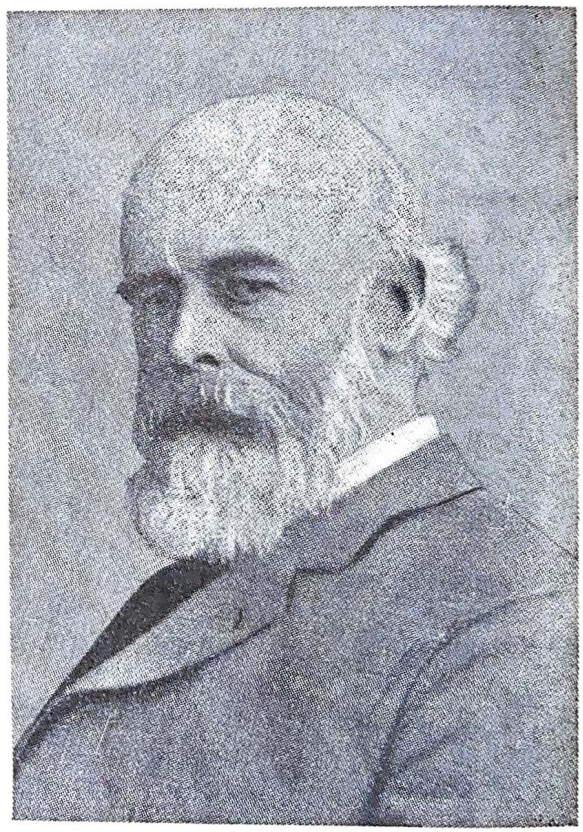
AO referir-me ao futuro da ciência, penso nas suas aplicações e no seu processo geral. No campo da ciência, a guerra não existe: há amizade universal e constante troca de descobrimentos. Tudo o que se colhe é bem público, não importa o lugar da colheita.

Há dezoito anos que terminou a guerra mundial. Oxalá que a amizade internacional se tivesse cultivado, como a cultivam nas relações científicas. A guerra entre povos civilizados deveria pertencer à história; deveríamos encontrar-nos para além dêsse período. A guerra não resolve nenhum problema e, em troca, deixa atrás de si esteiras de indizível miséria. O vitorioso encontra desilusões. É um tremendo equívoco.

Supõe-se que a fôrça armada é necessária, porque é preciso manter a ordem no mundo. Tal necessidade perdurará por algum tempo. Entretanto, não há motivos para que as fontes da ciência continuem a prostituir-se, afim de servir a destruïção. A ciência é o saber e o saber deve ser património universal: tem de reconhecer como objectivo o benefício da humanidade e não o seu aniqüilamento.

O uso da aviação nas actividades pacíficas é, dia a dia, mais importante. Há de ser factor de progresso em tôdas as regiões da terra, as quais estão cada vez mais estreitamente unidas, graças às comunicações rádiotelegráficas.

Estas comunicações modificaram consideravelmente a vida rural. Os frígidos invernos das regiões afastadas dos trópicos tornavam



SRI OLIVER LODGE

ingrata a vida no campo, e talvez isto atraísse os camponeses à cidade. Agora, já o camponês pode ter luz eléctrica e estar em contacto com o resto do mundo, graças à radiotelefonia e à telegrafia sem fios. Em tôda a parte em que vivamos, somos envolvidos por movimentos vibratórios.

O universo está cheio de coisas, cuja existência ignoramos. Para compreendê-las, é indispensável encontrar os meios adequados. «Abri-lhe os olhos para que possa ver». Abramos nós — por assim dizer — os nossos

ouvidos para podermos ouvir. O mundo é muito mais maravilhoso do que supõem os que o habitam.

Aí por 1875, caíu-me nas mãos um livro de Clerk Maxwell. A sua leitura levou-me a trabalhar para produzir as ondas, cuja teoria matemática êle me apresentava. Nem êle, nem homem algum do mundo, conheciam a forma de produzi-las, ou de descobri-las. Trabalhei cêrca de treze anos no problema e pude, finalmente, encontrar o que buscava. Só Hertz as descobriu, também, de maneira mais eficaz. E, agora, todo o mundo científico as conhece, com o nome de ondas hertzianas.

À energia de Marconi se deve o avanço da telegrafia sem fios, até torná-la prática e de aplicação comercial. Com Marconi cooperaram as autoridades postais e o govêrno, até que o sábio italiano, valendo-se de novas invenções, conseguiu aperfeiçoar o seu descobrimento e levá-lo ao estado actual. A primeira invenção encorporada em tais estudos foi a minha placa sintonizadora. A mim é que me tocou aperfeiçoar o modo de sintonização que permite seleccionar uma estação radiotelegráfica entre várias. Consegui-o em 1897. Hoje, não podemos prescindir daquele modo de sintonização. Mais tarde, Fleming inventou a lâmpada e agora já nos é dado ouvir, sem sair de casa, discursos, concertos e... também muita frioleira.

De quando em quando, alguém afirma que o éter não passa de superstição desprezada, de coisa inexistente. Dizem que Einstein se encarregou de extinguir-lo. Einstein não o crê. Em três conferências sustentou que o éter é uma necessidade absoluta, logo que se abandona o campo das matemáticas e se pretenda interpretar as coisas, de acôrdo com a Física. É realidade fundamental e dela nos servimos constantemente.

Quando aproximamos o grão do lume, para torrá-lo, ¿como se transmite o calor?

— Pelo ar quente — responderão.

Nada disso. O ar não é quente. ¿Como nos chega o calor do sol através de noventa e dois milhões de milhas de vácuo absolutamente frio? O calor gera-se aqui. ¿Que sente alguém, quando toma banhos de sol? Sente as ondas do éter. Assim, chegamos a conhecer a existência do éter: descobrimo-lo, indirectamente, pelos seus efeitos. Inferimos a sua existência. Eis, como, geralmente, procede a ciência.

Servimo-nos, pois, constantemente, do éter. Tôda a energia nos vem através dêle. Empregamo-lo na telegrafia sem fios e com fios. Os sinais não se transmitem pelos arames, mas pelo éter. O arame só guia a energia ao seu destino — como os *rails* o combóio em marcha. Valemo-nos do éter, por tôdas as formas possíveis. Entra na composição dos nossos próprios corpos, junto com outra matéria. E é o corpo etéreo que persiste, quando a porção material do mesmo fica para trás. Convém recordar que há muitas outras coisas, além da matéria. A matéria é fenómeno relativamente raro. O que eu percebo acêrca da ciência moderna, mais do que outra coisa qualquer, é o extraordinàriamente limitado dos nossos conhecimentos, em relação ao que, realmente, existe. Os progressos actuais da física são pasmosos. Não estão, todavia, prontos à divulgação. São demasiado complexos, demasiado difíceis de compreender. Eu, mesmo, a muito custo posso manter-me ao corrente de tais progressos. Jovens de todos os povos avançam com velocidade espantosa. Após um ano de existência, já os descobrimentos são antiquados. Não por que não tenha vindo algo ao progresso geral, mas porque já novos descobrimentos o superaram.

Assombrosas proesas se realizam nos nossos dias. A teoria do éter está na infância. Verifico, perfeitamente, a insignificante soma de saber que possui o mais sábio. Só arranhamos no terreno.

Uma vez, ouvi certo astrónomo oferecer um símile, para demonstrar a distância que as estrêlas guardam entre si, em relação ao seu tamanho. Sugeria que se tomassem, como exemplo, o sol e as cinco estrêlas mais próximas dêle e dizia que, se distribuíssemos seis laranjas ,ou seis maçãs, uma na Europa, outra na Ásia, outra na África, outra na América do Norte, outra na América do Sul e a última na Austrália, assim representaríamos a distância que existe entre as estrêlas, em relação ao tamanho das mesmas.

O Sr. Hubble, que trabalha no Observatório Wilson, na Califórnia, mediu a distância que nos separa da nebulosa de Andrómeda, que, à simples vista, apenas conseguimos destinguir, como névoa débilmente luminosa. Apesar disso, é outro cosmos, outra Via Láctea. Vemos essa nebulosa, como era há 800.000 anos, porque a luz que irradia levou todo êste tempo para chegar até à nossa retina, viajando à razão de 186.000 milhas por segundo. Tal é o tipo de escala que se em-

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

VIII

Só há um juizo suave, só há um fardo leve: o amor.

Só há uma servidão que não avilta, antes ennobrece: a servidão do amor.

O amor é jugo, porque prende, é fardo, porque se faz sentir. Mas é fardo leve e jugo suave, porque pesa como uma carícia e liga com doçura.

O amor prende, com a plena aquiescência do mesmo prisioneiro: porque é doce a sua prisão.

A escravidão do amor é a única que ennobrece, porque o próprio senhor se torna, a seu turno, escravo, em pleno exercício da sua soberania.

O rei e o vassalo se confundem no amor, pois ambos reinam um sôbre o outro e ambos se submetem reciprocamente ao mesmo reinado e à mesma vassalagem.

No amor não há constrangimento: todos os seus actos, todos os seus gestos são naturais, são espontâneos, são voluntários.

Só o amor possui o segrêdo da felicidade, porque é só através do amor que todos podem viver a vida de cada um e cada um pode viver a vida de todos.

Ora a felicidade não é outra coisa senão a mesma vida bem vivida, isto é, vivida em abundância, em tôda a sua plenitude.

Amar é ter a alma em estado de santidade. Nesse estado, tudo o que se faz é bom, é agradável a Deus; uma palavra, um apêrto de mão, um gesto, um olhar, uma côdea de pão — é sempre a expressão do bem, porque é o reflexo, a refulgência do amor. Fora dêsse estado não existe virtude alguma, nem mesmo no mais melodramático sacrifício, como disse S. Paulo.

> «Disse então Jesus aos judeus que nêle creram: se vós permanecerdes nas minhas palavras, verdadeiramente sereis meus discípulos.» (Evangelho).

Há crer e crer. Os demónios crêem. Crêem, mas não praticam; crêem, mas não se convertem. O templo cristão é uma escola. Aquêle que se limita a admirar-lhe a fachada, con-

---

pregou para construir o universo. ¡E aqui estamos nós, que nos arrastamos na crosta dum planeta, pretendendo negar a majestade da criação!...

A minha idade já passa dos oitenta. Gostaria de chegar aos cem. Temos tempo de sobra no outro lado, mas é preciso aproveitar, o melhor que se possa, aquilo de que nos é dado dispor, enquanto aqui permanecermos. É uma bela ocasião de servir. Não obstante, têm muito tempo na sua frente, tanto o indivíduo, como a espécie. Os astrónomos asseguram-nos que não há razão para supor que o nosso planeta se tornará inabitável nos próximos dez milhões de anos, nem que o sol faltará, durante o mesmo tempo. ¿Que será a humanidade, se tudo continuar a progredir, não só no campo da física e da mecânica, como, também, em muitos outros? ¿Quem o poderá dizer?...

O horizonte que se nos abre é grandioso. O homem é um recém-chegado ao planeta. ¿Que admira, pois, que labore em erros? Nada tem de estranho que apenas tenha logrado semi-civilizar-se. Há muito caminho a percorrer. Entretanto, é-lhe permitido desfrutar da grandeza e da simplicidade do universo. Não disse muito da smplicidade, mas tenho a impressão de que, se conhecêssemos a constituïção das coisas, a constituïção de tudo quanto vemos, — paisagens, edifícios, pessoas, — tudo, enfim, com duas únicas pequenas unidades eléctricas — o protão e o electão — não caberíamos em nós de assombro.

O que nos terá reservado o amanhã, não é possível predizê-lo. Do que estou absolutamente certo é de que a ciência há de avançar, para enriquecer a vida dos homens de tôdas as latitudes e de tôdas as raças.

tornando-o, ou permanecendo no vestíbulo, não sabe o que é essa escola, ignora e ignorará tudo o que ali é ensinado.

O cristianismo é uma doutrina que precisa ser aprendida e sentida.

Estuda na sua ética, mais com o coração do que com a inteligência.

Aquêle que não sente em si mesmo a influência da moral cristã, desconhece o que ela é, embora tenha perfeito conhecimento teórico de todos os seus preceitos e postulados.

O coração regista emoções; nossos actos, nossa conduta, geram emoções.

O cristianismo é a verdadeira doutrina positiva, visto que é a doutrina da prova e da experiência pessoal.

Ninguém saberá o que significa — «amai aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos fazem mal, enquanto não expulsar do seu interior tôda a odiosidade, todo o sentimento de rancor.

Bemaventurados os que choram, porque serão consolados. ¿Quem poderá saber o valor desta beatitude, senão aquêle cujas lágrimas de arrependimento ou de dor tenham conduzido aos pés da cruz?

Vinde a mim, vós todos que vos sentis aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Estas palavras não têm sentido para a maioria dos felizes do século, para a maioria dos ricos e poderosos da terra.

Mas os pobres, os pequeninos, os sofredores sabem perfeitamente, por experiência própria o quanto elas valem e o que significam.

Aquêle que não abre mão de tudo o que tem, não pode ser um discípulo. Semelhante expressão é loucura para o usurário, para o banqueiro, para o homem de negócios, para todos os argentários do mundo.

É porém um programa para quem já descobriu outra espécie de riqueza; a que o ladrão não rouba e a traça não róe.

Recebei o Espírito Santo. ¿Que juízo poderão fazer desta dádiva os que ainda não a receberam? Definirão o caso de mil formas, porém, jàmais conhecerão do fenómeno, enquanto não o experimentarem em si mesmos. Homens eminentes, ilustrados e eruditos têm escrito coisas sem nexo, quando querem abordar o assunto. Porquê? Porque conhecem o caso pela mente, mas ignoram-no pelo coração. Daí as palavras de Paulo: «Só o homem espiritual entende o que é espiritual.»

Jesus não foi teólogo. A teologia, tal como em geral a ensinam as religiões, tem confundido muitos crentes, tem dividido e subdividido o rebanho do Cristo, sem conseguir levar consôlo a um coração.

Na fé em Jesus Cristo não há confusão. Sua túnica era inconsútil: uma só peça. Sua doutrina é integral; e só podemos conhecê-la, seguindo as pègadas do Senhor, que é a sua personificação.

Jesus é um mestre cuja escola é Êle mesmo. Por isso, deixou de escrever, não legou livro algum à humanidade que veio redimir.

O Cristianismo não se reduz a teorias: é luz — é verdade — é vida.

O homem é convertível. Jesus veio promover a sua conversão, anunciando o Evangelho, antes que existisse qualquer livro ou manuscrito com essa designação.

O Evangelho é uma mensagem convidando os homens para o Reino de Deus.

Para o alcançar, porém, é necessária uma condição: Converter-se.

Converter, significa mudar de vida, deixar o caminho velho, tomar rota nova, pois o homem tem vivido no reino da carne, da mentira, do egoísmo: e o Reino de Deus é precisamente o oposto, isto é, o reino do espírito, da verdade, do amor.

Cristãos verdadeiros, portanto, são sòmente aquêles que se reformam contìnuamente.

Êste é o cunho que os distingue dos falsos crentes.

Estudos Psíquicos e os leitores

Deixar de assinar «Estudos Psíquicos», nunca! É uma revista, cuja colaboração é altamente apreciada por todos os adeptos do Espiritismo — religião da Paz sublime — e que V. dirige com tanto amor e dedicação, apesar dos inimigos que o atacam.

António Pinto de Sousa, de Palmela

Considero «Estudos Psíquicos» um verdadeiro auxiliar para a conquista do Bem espiritual que nos conduz os passos pelo caminho da Felicidade.

José da Silva Borges, de Gulpilhares

Estou ao corrente da v. acção no movimento espirita português. Não calcula a minha satisfação, o prazer espiritual que sinto quando leio a revista e os vossos artigos. ¡Que pena a humanidade não sentir como nós a verdade da imortalidade do Espírito!

Manuel de Sousa, de Silves

IDE E PRÉGAI O EVANGELHO

por Henrique Magalhães

Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lôbos. Não leveis bôlsa, nem alforge, nem alparcas.

Lucas, Cap. 10

Ide; dizia Jesus aos seus discípulos. Eis que vos mando ao meio de lôbos. Prègai o Evangelho, Sêde mansos como os cordeiros, pois que a mansuetude e a humildade tudo vencem. As consciências mais ásperas, os corações mais duros, os espíritos mais exaltados, são vencidos pela humildade e paciência. As mesmas recomendações faz êle, nos dias que correm, a todos aquêles que querem seguir o seu postulado:

— Ide e prègai; sêde mansos e prudentes, e tudo vencereis.

¿Quem de vós outros, prezadíssimos irmãos em Jesus, quere fazer parte dêste apostolado sagrado e bendito?

¿Quem quere dar o testemunho da humildade e resignação, pedido pelo Mestre? Porque o verdadeiro testemunho do discípulo é êste: mansuetude, benignidade, perseverança no bem, energia consigo mesmo, para se despojar dos erros; perdoar aos seus ofensores e pedir a Deus que dê luz a esses tais, para que modifiquem o seu espírito.

¿Quem tem fôrça suficiente para encarar de frente êste problema da vida e resolvê-lo, de acôrdo com as prescrições do Mestre dos Mestres?

Contam-se a dedo, êsses. Analisai bem todos aquêles que se apresentam com pretensões a êsse apostolado, todos aquêles que se dizem trabalhadores da seara divina, e verificareis, ao final do vosso exame, que a maioria dos tais são lôbos com capa de ovelha, e, não raro, dizimam o dinheiro das viúvas. Verdadeiramente, não são estes os que Jesus chamava, quando dizia:

— «Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois ao Senhor que envie obreiros para a sua seara».

Não é esta qualidade de trabalhadores que Jesus chamava para o seu apostolado. Êsses são os hipócritas, que o Nazareno, em pleno templo, exprobava, dizendo:

— Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração, mas vós a tendes convertido em covil de ladrões. Raça de víboras!

Repito: não são estes os chamados. Jesus chamava e continua a chamar quem tiver a coragem precisa para se despojar dos gozos do Mundo. Eis, porque dizia o Mestre:

— Quem quiser seguir-me, pegue na sua cruz e caminhe.

Aquêles, pois, que já se acham fortes de espírito, espírito de sacrifício, de abnegação e de amor por todos os seus semelhantes, peguem na sua cruz e sigam o caminho traçado pelo Cristo. Estes, sim, continuam a ser os chamados de Jesus, para a sua seara, e são estes, verdadeiramente, os enviados aos gentios e a tôda a parte, para anunciar o reino de Deus, dando exemplos de amor e de abnegação para com todos que de si se aproximarem. ¿Tens tu, amigo leitor, desejo de ser chamado?

Se tens esse desejo, satisfá-lo sem demora, pois que, para tal apostolado, não há escolhidos, como muitos pensam. Todos o podem ser; basta pôrem em movimento a sua fôrça de vontade, geradora de todos os nossos actos. Dirigi para Jesus essa fôrça latente, que jaz em todos vós, essa centelha divina, dada por Deus a todos os seus filhos, e essa fôrça e essa luz levar-vos-ão pelo caminho da claridade e farão de vós trabalhadores da seara do Mestre. Ponde aos vossos ombros a Cruz que Jesus recomendou e caminhai pela estrada da vida, não mais olhando para trás, para que não aconteça tropeçardes e caírdes em plena caminhada.

Desviai-vos dêsses que, pela sua fraqueza, ainda vos tentam para o mal. — «Arreda, Satanás!» — dizia Jesus aos que o tentavam e aconselhavam a que depusesse o madeiro.

Igualmente, fazendo vossas essas palavras do Mestre, dizei aos que vos tentarem e aos comodistas e a todos aquêles que, comprazendo-se nos gozos do Mundo, tentarem desviar-vos da senda bendita: — Arreda, espírito do mal; se o meu caminho é êste, deixai que se cumpra a vontade do Pai.

Para poderdes resistir a essas investidas, tendes ao vosso dispor uma couraça impenetrável, couraça que fará de vós combatentes invencíveis. A couraça de que vos falo é o Evangelho. Ali encontrareis elementos que farão dos vossos espíritos verdadeiras fortalezas, afim de resistirem a todos os ataques vibrados pelos espíritos do mal.

Urge começar, atendendo assim ao apêlo daquêle que disse: — «Um só rebanho, e um só Pastor»: Para que em tôda a terra se cantem hosanas ao enviado de Deus.

DR. GUSTAVE GELEY

Em Julho de 1943 fêz 19 anos que o grande metapsiquista francês, Dr. Gustave Geley, abandonou o planeta, em desastre de avião que fôra previsto nove dias antes do trágico

DR. GUSTAVE GELEY

desenlace. Médico distinto, director do Instituto Metapsíquico Internacional, escritor profundo e consciencioso, nunca se deixou dominar pelo espírito de facção, nem pelos títulos conquistados, que muitos foram e o colocam na falange dos melhores valores contemporâneos. Foi sincero admirador da doutrina espírita, que sintetizou admiràvelmente na sua obra «Ensaio de revista geral e de interpretação sintética do Espiritismo», que traduzimos e começaremos a publicar no próximo número, por entendermos ser o melhor resumo existente do Espiritismo Evolucionista e cujo valor aumenta por ser feito por quem não era espírita.

Publicou obras de fôlego, tais como «O ser Sub-consciente», «Do Inconsciente ao Consciente» e «Ectoplasmia e Clarividência», que lançam muita claridade nos problemas psíquicos modernos.

Para nós, o nome de Gustave Geley é dos mais queridos dentre os que estudaram o Espiritismo sem idéia preconcebida e lhe souberam fazer inteira justiça. Lembrando esta data, cumprimos um dever de gratidão em memória de um dos maiores vultos da ciência contemporânea.

O Verdadeiro Amigo

(Lenda árabe)

Um árabe possuía grandes riquezas e reünia sempre em seu palácio alguns amigos, cumulando-os de gentilezas.

O único que rara vez ia à sua casa era um antigo companheiro, Ben Yusuf, a quem conhecia desde menino e estimava muito.

— Como? — preguntava-lhe um dia queixoso —. Não queres vir visitar-me a-meúde?... Já sabes o prazer que sinto em obsequiar os meus bons amigos.

— Irei qualquer dia dêstes — respondeu Ben Yusuf. — Já sabes que sou teu amigo, embora te não veja.

Não insistiu o árabe opulento e afastou-se um pouco molestado, sem tornar a convidar Ben Yusuf.

Passou-se o tempo e reveses de fortuna deixaram o árabe rico na mais completa miséria.

Seus amigos, que antes lhe enchiam a casa, abandonaram-no por completo, e o infeliz, só e pobre, refugiou-se numa casinha miserável.

Dois dias depois, viu aparecer, pela tarde, Ben Yusuf.

— Oh! — disse-lhe envergonhado. — Vê a que extremos estou reduzido... Nada posso oferecer-te.

— Pois, por isto, vim — replicou o nobre Yusuf. — Enquanto estiveste na abundância, sobraram-te amigos e não precisavas de mim. Agora, que estás só, venho compartilhar da tua pobreza e dizer-te que, mais que nunca, sou teu amigo, embora nada tenhas para me dar.

A amizade que se sustenta à fôrça de dádivas é a que primeiro foge, quando estas faltam. Compreendeu o árabe a lição e abraçou o seu amigo, que o ajudou com empenho a melhorar-lhe a situação.

Jul/Ag/43

SOLIDARIEDADE SOCIAL

por Pedro Cardia

A crise social, origem fundamental do mal estar dos povos que assistem revoltados a impúdicos esbanjamentos do supérfluo, quando à maior parte falta o necessário, cria um ambiente propicio a tôdas as manifestações de degradação humana, despertando as paixões da animalidade nos homens que vivem na completa ignorância do seu destino espiritual.

Urge, por isso, criar uma frente única de todos os espiritualistas, sem distinção de confissões religiosas ou de credos filosóficos, em volta dos princípios a seguir enunciados — que todos podem abraçar sem relutância — para encontrar uma solução justa para esta tremenda crise, sem atritos que molestem direitos e tradições, e que possa servir de ponte a remodelações sociais do futuro, quando os homens, já cônscios das suas responsabilidades, tenham conseguido dominar o feroz egoismo que os arrasta à miséria social da hora presente.

Eis êsses princípios:

1.º — O homem é de natureza espiritual, cumprindo-lhe dignificar permanentemente a sua personalidade por actos que o façam evoluir constantemente, vibrando sempre no BEM, que deve ser o seu objectivo máximo. O amor do próximo impõe-lhe uma indefectível solidariedade para com todos os outros homens, seus irmãos.

2.º — O sentimento de fraternidade que deve ligar todos os homens, indistintamente, impõe-lhe deveres de auxílio mútuo em tôdas as emergências da vida. E, dada a interdependência que os relaciona, só da comparticipação de todos na obra social que assegure a cada um, através de tôdas as vicissitudes, as suas mais imperiosas necessidades, poderá nascer no Mundo uma felicidade consistente e duradoura.

A todos os homens, nossos irmãos, deve ser garantido aquêle mínimo de confôrto a que todos têm direito, pelo facto mesmo de terem nascido.

A esmola degradante deve deixar de ser um mal necessário.

Portugal, terra bendita onde, por mercê de Deus, gozamos do bem inigualável da Paz, tem dado lições ao Mundo inteiro; e, pelas suas tradições de bondade, poderá ser o berço duma reforma criadora de nova era de fraternidade cristã, que venha a difundir-se por tôda a Terra, após a catástrofe que a enluta.

Qual o modo de conseguir êsse *desideratum?*

Só se nos afigura possível pelo seguro mútuo, que garanta uma PENSÃO DE SUBSÍSTÊNCIA a todos, através de tôdas as contingências da vida: doença, velhice, desemprêgo, insuficiência de salário, etc.

O cálculo da *pensão de subsistência* deveria fazer-se para um nível de vida regular, sob o ponto de vista de higiene e confôrto, que não poderia assemelhar-se ao baixíssimo nível de vida dos nossos humildes trabalhadores, e essa deveria ser equivalente à importância mínima indispensável para manter a vida de cada indivíduo, englobando as verbas de custo de alimentação, vestuário, habitação, profilaxia e higiene e prémio do seguro, calculadas em face de elementos estatísticos relativos a cada uma delas.

Para aquêles que não carecessem de qualquer suprimento, na fase de vida actual, para os seus rendimentos atingirem o montante da *pensão de subsistência,* o prémio seria o que os cálculos actuariais fixassem como mínimo indispensável, tendo, porém, em linha de conta a situação dos outros membros da comunidade. Não devendo aumentar-se os salários para que o custo das coisas não alterassem de seguida os cálculos que tivessem servido de base ao cômputo da pensão de subsistência, os suprimentos a conceder aos que não tivessem o necessário, seriam, evidentemente, feitos à custa dos que têm o supérfluo, sem todavia colidir com os seus

direitos de posse ou de propriedade, que seriam respeitados. Sòmente o prémio que teriam de pagar seria múltiplo do normal em tantas vezes quantas os seus rendimentos, provenientes do trabalho e esfôrço próprios, excedessem o valor da *pensão de subsistência*, e duplo dêstes quando os rendimentos proviessem de fortuna pessoal.

Com os meios de vida assegurados, deixarão de existir muitas das chagas sociais em que o desequilíbrio da vida lança milhares de homens e mulheres. E esta grandiosa obra de assistência social absorvia a actividade de todos os actuais desempregados, que viriam a trabalhar para o bem comum em todos os ramos da sua especialização.

O prémio de seguro e direitos inerentes seriam puramente individuais, pondo o homem em pé de igualdade da mulher, mas criando, entretanto, o imposto de celibato que cercearia as disponibilidades de ambos para fomentar a constituïção da família, como núcleo basilar que é, duma sociedade bem constituída.

Êste programa de assistência social, tendo por base o trabalho, que dignifica o homem, teria, evidentemente, de prever penalidades, pelo cerceamento, suspensão ou anulação de direitos, para os que, criminosamente, abandonassem o trabalho ou trocassem a profissão por outra menos árdua, quando o não justificassem e daí adviessem prejuízos para a comunidade, resultantes da escassez de trabalhadores em determinadas profissões, nascidas do facto de todos terem assegurado, igualmente, uma pensão de subsistência.

Cabe à iniciativa particular secundar a missão social do Estado, quer na dignificação da personalidade humana e na da família, tendo por base o trabalho dignificador, quer no incitamento ao auxílio mútuo que devem prestar-se os membros de uma sociedade bem constituída.

Como o Estado não poderia, talvez, atacar de momento problema tão vasto quão grandioso, assoberbado como se encontra com outros problemas mais instantes, derivados das emergências da hora presente, parecia-nos que uma associação de Voluntários do Bem, que se constituísse sob o patrocínio das mais altas individualidades que se dignassem emprestar-lhe o seu prestígio pessoal, no propósito de preparar o terreno para esta cruzada de solidariedade humana, teria inúmeros adeptos entre todos aquêles que sentem vibrante no seu coração o amor ao próximo.

Assim se contribuïria enormemente para a evolução da alma, como valor indestrutível e permanente que é, da nossa individualidade eterna.

* * *

Poderá parecer, a quem leia estas linhas, que estamos influenciados pelas notícias, vindas recentemente a público, do plano apresentado pelo sábio inglês, Sir William Beveridge.

A verdade é que de há muito perfilhamos a solução acima expendida como a que melhor se poderá ajustar, no estado evolutivo actual dos homens, à resolução dos problemas sociais que os atormentam. E embora tivéssemos expendido em palestras e por outros meios a sugestão que aqui apresentamos, registámo-la precisamente nesta revista, num artigo publicado em Abril de 1940, quando ainda nada se tinha falado no plano Beveridge, ao que nos conste. Nesse artigo, que subordinámos ao título «A BEM DOS HOMENS», dizíamos:

Na época de desvairamento que estamos atravessando, ante o ciclópico gládio a que assistimos consternados, e que revela o máximo de inconsciência e a completa ignorância da natureza espiritual do homem e da sua posição no Mundo, cumpre-nos a nós, que profundamente convencidos estamos dessas realidades espirituais, como as únicas subsistentes, pugnar pela aplicação prática, no campo social, dos princípios que nos orientam, afim de contribuirmos com a nossa quota parte para melhorarmos o Mundo em que habitamos.

Ora não nos parece que fôsse muito difícil melhorar as condições da vida, se desenvolvêssemos uma propaganda intensiva do sentido de garantir a cada um êsse mínimo de bem estar que, traduzido em dinheiro, representaria dada quantia diária, como a expressão do «Direito à Vida».

E, calculada essa quantia, estabelecer-se-ia uma taxa experimental que caberia pagar a cada indivíduo para garantia dêsse mínimo, até que os elementos estatísticos permitissem estabelecer a taxa actuarial prevendo tôdas as contigências a que possa estar sujeito, impeditivas da valorização do

seu esfôrço próprio, mas tendo sempre em linha de conta que aquêles que realizam proventos muitas vezes superiores ao mínimo indispensável, deveriam pagar tantas vezes essa taxa quantas os seus rendimentos fôssem divisíveis pela quantia por que se traduzisse o «Direito à Vida».

Estamos certos de que a constituïção de uma associação mutualista com esta finalidade conquistaria ràpidamente as maiores simpatias e poderia influenciar o início de um movimento de solidariedade que os próprios Estados poderão, porventura, fomentar no futuro, numa alta compreensão da sua função orientadora da vida social dos povos, para satisfação das suas justas necessidades.

Que esta sugestão, a bem dos homens, seja compreendida e perfilhada por muitos, são os nossos votos sinceros.

E seria com imensa satisfação que veríamos cerrar fileiras em tôrno desta idéia, os que sinceramente sentem como nós o indeclinável dever de solidariedade que deve ligar intimamente todos os homens, para com êles sermos araustos do Bem, armados em Cavaleiros da Paz.

Inspirados por directriz idêntica, um pouco antes do início da «Semana da Tuberculose» de 1941, sugeríamos à Direcção da Assistência Nacional aos Tuberculosos o seguinte:

Integrados na massa anónima do público que segue com interêsse e profunda admiração os esforços da Assistência Nacional aos Tuberculosos na luta contra a terrível doença, não ignoramos, porém, as dificuldades quási insuperáveis a vencer, por falta de recursos materiais, para manter essa obra de assistência no nível em que se encontra, quanto mais para a alargar aos limites que todos os que se acham empenhados nessa luta, reconhecem indispensável, para ser extensiva a todos os indivíduos, sem excepção.

Ouvimos dizer a um médico ilustre que se calculam em 100.000 os tuberculosos existentes em Portugal. Supondo que cada doente precisaria para o seu tratamento eficiente, em regime sanatorial adequado, de Esc. 20$00 diários, ou sejam Esc. 7.200$00 anuais, a verba necessária para prestar assistência a todos êsses doentes seria de 720.000.000$00, o que corresponderia, para uma população de 6 milhões de habitantes, à contribuïção individual de Esc. 120$00 por ano, 10$00 por mês ou 2$50 por semana.

Como essa taxa seria excessiva para muitos, ela poderia ser reduzida ou mesmo isentada para os de menores possibilidades financeiras e aumentada para os de maiores recursos, de modo a haver compensação que permitisse obter a média para se conseguir o montante indispensável ao tratamento de todos os doentes ou predispostos.

Estamos certos de que êsse montante seria reduzido consideravelmente de ano para ano, logo que se iniciasse o ataque em massa à doença, com os conseqüentes benefícios, de valor incalculável para a riqueza pública, em capital humano.

Esta medida só poderá, evidentemente, ser posta em prática pelo Estado, que poderia cobrar o prémio de seguro mútuo contra a tuberculose, por percentagens sôbre os salários, de modo semelhante ao que se pratica para o desemprêgo, e por sobretaxas das respectivas contribuïções, já fixadas em função dos rendimentos individuais: contribuïção predial, industrial, de aplicação de capitais, etc.

Esta sobretaxa deveria incidir mais pesadamente sôbre os rendimentos que não provêm da aplicação a qualquer trabalho e mais aligeiradamente sôbre os rendimentos obtidos pelo esfôrço individual.

O que propúnhamos para a tuberculose deveria considerar-se também em relação ao cancro, às afecções cardíacas, à cegueira, à surdez, a todos os males, enfim, que afligem a humanidade sofredora.

O que nestas sugestões parciais se aventava, deve fazer parte do *seguro total,* que preconizamos e que poderia transformar êste Mundo de expiação num Mundo incomparavelmente melhor.

Poderia até fazer-se, em regime experimental, uma prova da eficiência dêste plano, com a superior assistência das entidades que superintendem no nosso país nas obras de solidariedade social. Poderia, para isso, escolher-se um concelho de Portugal em que mais de 3/4 partes da população aceitasse de bom grado esta obra de assitência mútua, fim de se colher a experiência suficiente para introduzir na reforma as correcções que se verificassem necessárias para a sua completa generalização.

E os estudos e dados estatísticos que seria necessário coligir prèviamente para a elaboração desta reforma, dariam bem que fazer aos que voluntàriamente pusessem ao serviço da Causa Humana, dentro da agremiação a constituir, reconhecida pelo Estado, a sua actuação para uma mais rápida solução dêste problema de solidariedade social, de uma tão extrema acuïdade.

1/7/1943.

Bibliografia

Os Quatro Evangelhos, por *J. B. Roustaing*. Tomo I. 3.ª edição traduzida por Guillon Ribeiro. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira, 480 pág. 1942.

A Federação Espirita Brasileira resolveu fazer nova edição desta obra, que tantas controvérsias originou entre os espiritas de Além-Atlântico, chegando alguns a perder a compustura, o que produziu certa desagregação nas fileiras. O pômo de discórdia residia na *origem e natureza do corpo de Jesus*. Segundo êste livro, o Cristo veio à terra revestido de corpo fluídico, com tôdas as aparências de materialidade. Aos olhos dos homens, teria de passar, aparentemente, por tôdas as vicissitudes da humanidade. Assim, o parto de Maria não passou de simulacro. Nestas circunstâncias, fácil se tornou a explicação dos «milagres» atribuídos a Jesus.

A obra está contida em quatro grandes volumes, recebidos psicogràficamente por M.me Colignon, sob a direcção do coordenador, que era advogado na antiga côrte imperial de Bordéus, e interpreta os Evangelhos versículo a versículo, em espírito e verdade. É trabalho exaustivo e o próprio Allan Kardec declarou que não estava em contradição com a doutrina exposta no *Livro dos Espíritos*, no *Livro dos Médiuns* e no *Evangelho segundo o Espiritismo*. Não há dúvida; o trabalho de Roustaing lança poderosa luz sôbre muitos passos obscuros dos Evangelhos e não vemos razão para tão apaixonadas controvérsias, uma vez que não devemos ser dogmáticos. Há, porém, um ponto omisso e àcêrca do qual nos parece que os evangelistas deveriam ter emitido opinião. Como é sabido, as Escrituras sofreram inúmeras mutilações, adaptações e alterações, desde a época em que foram escritas, até 1861, data em que a obra em análise começou a ser recebida em Bordéus. Admirámo-nos, pois, de que os espíritos dos autores, em vez de interpretar suas antigas obras sem qualquer reparo, não tivessem profligado a contrafacção levada a efeito pelos homens. Se Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos, resolveram, em comum, interpretar os Evangelhos canónicos que haviam escrito, era lógico que iniciassem a tarefa, protestando, e repusessem tudo nos seus lugares. Nada fazendo, nem dizendo a respeito, deixam engulhos no ânimo do leitor, relativamente aos verdadeiros autores da comunicação.

Lamentamos que *Os Quatro Evangelhos* continuem a servir de pomo de discórdia entre os adeptos da Doutrina, como está a suceder no Brasil, a propósito da *Hora Espirita Radiofónica*, do Rio de Janeiro, ter incluído no seu programa a difusão daquela obra. Conhecendo-se os antecedentes, isto é, a celeuma que ela produzira, era de bom aviso evitar novas polémicas e, conseqüentemente, nova desagregação. A natureza do corpo de Jesus não interessa à Doutrina. O que interessa são os seus ensinamentos.

Em resumo: o livro é útil; e como nós somos livres de aceitar o que repugna à consciência, aproveitamos dêle o que tem de bom. E muitas coisas boas êle encerra, graças a Deus, para que o combatamos apaixonadamente.

Religião, por *Carlos Imbassahy*. Livraria da Federação Espirita Brasileira, 218 pág. 1942.

Há mal que vem por bem. É êste o primeiro pensamento que nos assalta, ao terminar a leitura de «Religião», cujo autor há muito acompanhamos, através da sua obra de fogoso polemista.

O Delegado Regional do Ensino em Casa Branca, Brasil, consultou o Dr. Almeida Júnior, Director do Ensino em S. Paulo, àcêrca do pedido de 35 pais que, nos termos da lei, desejavam fôsse ministrado o ensino do Espiritismo a seus filhos, atendendo a que esta ideologia estava enquadrada nas religiões autorizadas, para o efeito das insenções e imunidades de que gozam tais credos. Aquela autoridade negou a autorização, baseado numa afirmação de Allan Kardec, segundo a qual o Espiritismo não está ao alcance da inteligência das crianças de 7 a 14 anos, e no facto de recusar o sobrenatural e o milagre, além de preconizar os métodos usados pela ciência. Tudo isto, segundo o Dr. Almeida Júnior, afasta o Espiritismo do carácter religioso que êle pretende outorgar-se.

É sabido que, no Brasil, as religiões têm liberdade de acção, no púlpito, na imprensa e na escola. Eis, porque os nossos adversários pretendem negar aquêle carácter, afim de lhe cercear os meios de propaganda e reduzi-lo a credo espúrio, «fisgado nas malhas do Código Penal», como diz o autor do livro. Isto seria cómodo e sastifaria católicos, protestantes, adventistas, etc., que ficariam libertos de um perigoso concorrente.

Pois o Dr. Imbassahy atingiu plenamente o seu fim, demostrando que o Espiritismo é *ciência, filosofia e religião* e que os princípios de moral que o informam estão alicerçados nos Evangelhos, compreendidos em espírito e verdade.

A solidez da sua argumentação aumenta progressivamente, à medida que vai respondendo ao catedrático. Não há frincha que escape ao instrumento do calafate. É carga cerrada, cheia de lógica e bom senso, em que não sabemos que mais admirar: se a elevação do estilo, que faz do autor um dos melhores escritores espiritas brasileiros, se o rigor da análise e a verdade que transcende das deduções equilibradas e sensatas.

O capítulo «O Espiritismo entre as religiões» é uma síntese admirável que todos os espiritas deviam ler e «A Prece», com que termina o livro, é outro capítulo de grande valor para quem trabalha em sessões experimentais. Êste formoso capítulo será transcrito num dos próximos números de *Estudos Psíquicos*, que assim demonstrará a utilidade da sua divulgação e o aprêço em que tem o Dr. Carlos Imbassahy, cuja pena brilhante tem escrito vigorosas páginas que o distinguem entre tantos propagandistas do melhor quilate.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Fenómenos extraordinários

O *Reformador* de Outubro de 1942 insere o relato duma série de fenómenos mediúnicos admiráveis, devidos à pena do sr. Cornélio Pires, transferido de S. Paulo para Curitiba, e obtidos por intermédio de Cesário Gorgone, mecânico de 22 anos de idade, que acompanhou aquêle confrade, como motorista e secretário.

O relato é sucinto, quási em estilo telegráfico. Eis o caso:

«*Primeiro* — Sem transe mediúnico, à plena luz do dia, uma cadeira é levantada e colocada sôbre um guarda-roupa.

«*Segundo* — Um lápis levanta-se e escreve recados dirigidos à minha pessoa, provenientes do guia Vicente Dias, de Bezerra de Meneses e de meu pai.

«*Terceiro* — Com uma máquina fotográfica *film-pack* 6 × 9, posta sôbre o guarda-roupa, são tiradas diversas fotografias, inclusive a de um meu irmão, desencarnado há 41 anos e meio.

«*Quarto* — Um postal deixado em S. Paulo com um retrato, cai aqui entre nós.

«*Quinto* — Apesar de eu sofrer do estômago, o guia Vicente autoriza-me a comer feijão, tomando eu em seguida um copo de água, que se torna azul e deixa resíduos no fundo do copo. A comida não me faz mal algum.

«*Sexto* — Cesário mostra-me uma equimose rôxa, na parte posterior da côxa direita, efeito de um pontapé que lhe dera Vicente, quando êle, Cesário, acabava de beber um cálice de aguardente.

E agora o mais interessante:

Colocado o Tenente Samuel sôbre uma mesa, afim de ser operado fluïdicamente de apendicite crónica, e apagada a luz, diz Vicente:

— Bezerra quere cortar.

E acrescenta:

— Vou desencorporar.

«Bezerra identifica-se para mim, usando a sua frase habitual: — Meu velho amigo!

Ouve-se a serrilha a cortar a ponta da ampola, o ruído da seringa e... a operação está feita.

«Dias depois, é operado o Capitão Pimpão, ajudante de ordens do Interventor Ribas, que estava presente, bem como sua espôsa. O caso é de úlcera no duodeno.

«O doente pede que lhe aparem o sangue num vaso e ali fica o sangue e a seringa de que se serviu o operador, e que serão enviados à Federação. A operação foi rápida.

«Também foram operados: de hérnia, o farmacêutico Orlando, cunhado de Odilon Negrão, director de *O Revelador;* de úlcera do estômago, um certo Dr. Salgado e António Miranda.

«Foram ainda curados: uma senhora paralítica havia 17 anos e que agora vive a fazer *crochet;* um pobre mulher, igualmente paralítica e que está a viver de costura; grande número de casos de fracturas e enfermidades de pés e joelhos; vários casos de cegueira muito avançada e outros casos de crianças com uma perna mais curta do que a outra e que se acham perfeitamente normais.

«Quando o caso reclama a aplicação de algum medicamento ou de injecção que aqui se não encontram. são obtidos da seguinte maneira, desde que haja urgência: escreve-se uma carta, fazendo a encomenda e coloca-se a carta com o dinheiro necessário em cima do guarda-roupa; carta e dinheiro são transportados no mesmo instante para o médium Mário Lucila, em S. Paulo, e, ao cabo de breve espaço de tempo, os medicamentos e as injecções são encontrados em cima da cama do doente.»

Seguem-se agora os comentários do *Reformador:*

«Como se vê, são variadíssimos os fenómenos que se produzem com a mediunidade de Cesário Gorgone, predominando os que dizem com as práticas da caridade, o que é natural, visto que nêles intervém o espírito de

Bezerra de Meneses, que vota particular estima ao nosso prezado irmão Cornélio Pires, que também é médium de excelentes faculdades.

«Dentre os fenómenos enumerados, notaremos o da fotografia, de que nos enviou uma cópia, de um irmão falecido há mais de 40 anos, tirada por um operador invisível, visto que a máquina se achava carregada sôbre um guarda-roupa, longe, pois, do alcance de qualquer pessoa, ao ser batida a chapa e sem que alguém haja sabido ou percebido em que momento a operação foi executada.

«Além disso, a fotografia apresenta a grande originalidade de ter sido tirada com um filme comum, contra a luz, donde resultou que a parte visível da imagem é que ficou inteiramente na sombra, em negro, no positivo. Entretanto, a fotografia é de admirável nitidez, pois vêem-se todos os pormenores do rosto do Espírito fotografado, que se pode, assim, identificar completamente, como o fez Cornélio Pires, reconhecendo a figura do seu irmão, que aparece sentado junto duma janela aberta, profusamente iluminado pelo sol e na atitude de quem lê uma carta, segurando-a com as duas mãos.

«Contamos poder oferecer em breve aos leitores descrição mais minuciosa doutros fenómenos autenticados, conseguidos pela mediunidade do jvem Cesário Gorgone.»

A obra social do Espiritismo

Já aqui nos temos referido à obra social que o Espiritismo está a realizar no Brasil e que constitui o maior padrão da nossa bela doutrina. Hoje, vamos referir-nos ao Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova-Iguassu, de que é Presidente o nosso velho amigo e colaborador Leopoldo Machado.

Em 18 de Julho de 1942, comemorou o 21.º aniversário esta magnífica instituïção de assistência social, tendo aproveitado o ensejo para empossar a sua Directoria e Comissão de Contas, compostas pelos seguintes confrades:

Directoria — Presidente: Professor Leopoldo Machado, proprietário do Gimnásio Leopoldo daquela cidade, escritor e jornalista de grande projecção; *Vice-presidente* — Vitorino Elói dos Santos, funcionário; *1.º Secretário* — J. B. Chagas, sargento do exército; *2.º secretário* — José António Marques, gerente comercial; *Tesoureiro* — Adolfo Belém, funcionário aposentado; *Director de Propaganda* — José Jorge, professor do Gimnásio Leopoldo; *Bibliotecário* — Tomaz da Costa Peixoto, funcionário da polícia; *Director da Assistência* — Deocleciano Ramos de Lima, funcionário; *Zelador* — José Ribeiro, pomicultor do Município. *Comissão de Contas* — José Afonso de Mendonça, Vicente Perrone e Ismael Taveira de Lima.

Fundado há 21 anos, num modesto casebre, graças aos esforços e ao trabalho dos espiritas, êste Centro está optimamente instalado num prédio confortável e digno do fim a que se destina. O seu programa é vasto. Além da propaganda, mantém um serviço de assistência social a todos os necessitados, desde a distribuïção gratuita de medicamentos homeopáticos, mantimentos, roupas, enxovais a recém-nascidos reconhecidamente pobres, à distribuïção mensal de pequenos auxílios monetários, assistência moral e material aos presidiários da cadeia local.

Em 1938 inaugurou o Albergue Nocturno Allan Kardec, instalado num excelente prédio situado na Rua Barão do Tinguá, N.º 598, e já abrigou 1.222 necessitados dos dois sexos e de várias nacionalidades.

O Albergue tem um bom gabinete dentário, cujos serviços são principalmente aproveitados pelos alunos da Escola João Baptista, que é outro departamento do Centro, e onde recebem instrução 86 alunos dos dois sexos, sob a direcção de professor muito competente. A escola é subvencionada pela Federação Espirita Brasileira.

O Centro dispõe também duma escolhida biblioteca franqueada ao público diáriamente, depois das 18 horas.

Esta agremiação tem personalidade jurídica reconhecida pelo Juízo de Direito da Comarca e está devidamente registada na Delegacia Regional da Polícia e demais departamentos legais.

Pelos serviços de assistência que presta, êste Centro é subvencionado anualmente com 3 contos de reis pelo Ministério da Educação. O Albergue Nocturno é igualmente subvencionado pelo Perfeito Municipal.

Com o prestígio e auxílio do Centro, acaba de ser fundado ali o *Lar de Jesus*, com o fim de amparar a infância e a velhice desamparada.

O património da instituïção atinge a quantia de 130 contos, o que demonstra quanto pode o esfôrço conjugado dos que trabalham

para minorar a sorte dos semelhantes menos favorecidos pelo destino.

O seu quadro é composto de 543 associados entre os quais se contam médicos, advogados, proprietários, capitalistas, pomicultores, funcionários federais, estaduais e municipais, militares e operários.

É assim que a doutrina se vai afirmando.

O Espiritismo cura...

E não cessamos de o proclamar, com natural satisfação, embora pese a muitos *cegos* que fecham os olhos para não ver. Se nos fôsse permitido agir neste campo, muito poderíamos relatar para edificação dos céptico. Entrementes, vamos transcrever do *Psychic News* de 4-7-942 a pequena notícia que segue, cheia de simplicidade e de verdade e subordinada ao título: «*O médico disse-lhe que ela tinha asma, mas o médium é que a curou*».

«Ùltimamente, temos recebido cartas de indivíduos curados por médiuns e muitas vezes depois dos médicos haverem considerado as doenças incuráveis. As centenas de agradecimentos que já publicámos, dirigidas aos médiuns pelos doentes, são a melhor refutação das afirmações, segundo as quais o poder que reside no Espiritismo é de origem diabólica.

«Eis uma carta bem típica subscrita pela senhora F. L. Holmes, de Holdenhurst Road, Bournemouth:

«Há mais de dez anos que sofria de asma e gastei um dinheirão, em busca da cura. O médico assistente receava estar em presença de doença incurável, facto êste que nos levou, a mim e a meu marido, a mudar de ares, esperando encontrar o fim dos meus padecimentos. Assim, viemos para Bournemouth, onde continuei a sofrer durante quatro anos, até que um dia me convidaram a ir ao Silver Ray Healing Centre (Centro Curador de Silver Ray), onde os enfermos eram diàriamente aliviados e curados.

«Desde o primeiro tratamento (era feito pelo Dr. Foskett, guia da senhora Stanbridge), acenturam-se as minhas melhoras.

«Há quinze meses que comecei a tratar-me e tenho os pulmões completamente curados, como foi verificado pelo médico. Passei o inverno sem qualquer perturbação asmática e sinto-me mais nova e feliz».

Eis outra homenagem prestada às faculdades daquela médium curadora. A carta é do sr. H. Coombes, de Valley Drive, Harrogate:

«Em Setembro de 1941, tinha eu o pulmão esquerdo tuberculizado e abandonei, a meu pedido, o Sanatório de Yerkshire, afim de me tratar no Centro Curador de Silver Ray, de Bournemouth. Saí, visto que o único tratamento a esperar do médico superintendente era perigosa operação sem garantia de êxito e que imediatamente recusei.

«Os progressos obtidos neste Centro foram admiráveis. Ao fim de seis meses, a caverna que se localizara no vértice do pulmão estava cicatrizada; e três meses depois o Dr. Foskett considerou-me absolutamente curado, sem qualquer vestígio da minha antiga doença.

«Hoje, encontro-me perfeitamente normalizado, desempenhando as minhas ocupações cotidianas».

O Espiritismo cura, apesar de tudo...

O fantasma de Junot visto por sua mulher

A *Revista Internacional do Espiritismo* extraiu de *La Revue Spirite* um interessante relato referente ao Marechal Junot, cujo fantasma foi visto pela própria espôsa. Segue o relato:

As observações de fantasmas apresentam tôdas as variedades imagináveis. Reproduzimos aqui o resumo do relato autêntico, escrito pela percipiente, espôsa do Marechal. O facto verificou-se em 1813, ano em que faleceu Junot.

«Foi na noite de 22 para 23 de Julho — escreveu a duqueza —. Eu dormitava penosamente, quando fui assaltada por sensação dolorosa jamais experimentada. Quando acordei, vi claramente Junot encostado ao meu leito, com o mesmo fato cinzento que envergava no dia em que partiu para a Ilíria, e olhava-me com expressão doce e melancólica. Dei um grito pungente que despertou Blanche (a minha camareira) e M.me Thomières, que imediatamente saltou da cama e veio até mim, preguntando-me o que sucedera, Mas eu estava a ver essa aparição aterradora, porque o rosto de Junot era pálido e triste, dir-se-ia que já estávamos separados na Terra. O que mais me aterrorizava era ver a

Notas & Comentários

Caridade espirita

Um dos maiores veículos da propaganda espirita brasileira é, sem dúvida, a beneficência, que ali se exerce em grande escala. Os próprios governos estaduais costumam interessar-se por essas obras magníficas, subsidiando muitas agremiações espiritas e assistindo às suas festas, prova irrefutável da consideração e deferência com que muitas autoridades distinguem a nossa ideologia.

Os jornais chegados ùltimamente trazem-nos boas notícias àcêrca do movimento espirita brasileiro, entre as quais avulta, pelo significado que encerra, a obra de assistência social da Federação Espirita do Rio Grande do Sul. Por ocasião do Natal de 1942, esta colectividade fêz avultada distribuïção de géneros aos pobres, sob o patrocínio da Legião Brasileira de Assistência, à qual presidiu a Senhora Avany Cordeiro de Farias, espôsa do Interventor Federal, sr. General Cordeiro de Farias. Fizeram-se representar outras autoridades, notando-se a presença do oficial de Gabinete do Chefe da Polícia e dirigentes de várias sociedades espiritas. A primeira pessoa atendida na distribuïção recebeu os géneros das próprias mãos da sr.ª Cordeiro de Farias, que presidia à cerimónia.

Êste facto merece tôda a divulgação possível da parte dos jornais espiritas. Enquanto em certas regiões as entidades oficiais combatem ferozmente a nossa doutrina, o Interventor Federal do Rio Grande do Sul apoia-a com a sua presença, numa distribuïção de donativos aos necessitados. Não podíamos, pois, deixar de exprimir o nosso contentamento pelo êxito merecido da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, que em grande parte é devido à acção persistente e metódica do nosso confrade e amigo Dr. Paulo Hecker, director do *Jornal Espirita*.

In médio virtus est...

Vanguarda, do Rio de Janeiro, conceituado vespertino que altos serviços tem prestado à nossa causa, publicou há pouco um bem elaborado artigo àcêrca da maneira como o espirita deve conduzir-se na sociedade. Depois de apreciar a questão em alguns aspectos interessantes, trata das festas espiritas, dizendo:

As festas espiritas, mesmo as de feição profana, não podem perder a norma de tudo o que tem finalidade espirita. Pode-se divertir, dançar, ter expansões de humorismo, mas, por se tratar de

---

aparição caminhar em tôrno do meu leito, com uma perna partida. Mercê de uma revelação intensa, pude ver o estado em que estava Junot, sem que eu tivesse recebido dêle qualquer notícia, visto que o facto eclodia nessa mesma hora. Meu irmão manteve-me certo tempo na ignorância do acontecimento, temendo pela minha vida.

«Iluminai o quarto! — exclamei eu em crescente pavor —. Deixai entrar o ar abundantemente, e sobretudo luz, muita luz!

«E com os olhos seguia a aparição, que ora se aproximava de mim, ora se afastava para o canto escuro do quarto, chamando-me para junto de si.

«Por momentos, tudo me dizia que eu ia morrer. E de meu peito se escapou um grito surdo e prolongado, semelhando um apêlo à morte. Só ao amanhecer é que a aparição se extinguiu gradualmente e se transformou em quási indistinta nuvem. Eu não explico o fenómeno. Relato-o, tal qual sucedeu.

«Quando meu irmão Alberto, de volta, contou a M.me Thomières os terríveis pormenores que precederam a morte de Junot, ela não pôde conter um grito de assombro e contou-lhe o que ocorrera comigo. Ainda hoje não posso duvidar de que houvesse relação imediata entre duas almas ligadas por verdadeiros laços de amizade. Creio-o firmemente. Os mistérios da Providência têm profundidade impenetrável ao nosso olhar».

Tal foi a aparição do marechal. Sabe-se que Junot se suïcidou. A tristeza da derrota do exército francês na Península, onde recebeu o título de duque, após a tomada de Abrantes, tristeza aumentada com indiferente recepção no seu regresso, deprimiu-o completamente. Acolheu-se à casa do pai e, num acesso de febre, atirou-se da janela abaixo, fracturando uma perna. Nessa altura, sua espôsa encontrava-se junto ao lago de Genebra, de regresso à pátria.

festa *espírita*, não se devem quebrar certas linhas características da conduta dos espiritas em qualquer meio social. O espirita, justamente no meio das diversões, divertindo-se à vontade, é que deve mostrar a elegância, o traço pessoal do homem que professa uma doutrina de equilíbrio.

Assim como as festas espiritas não devem ser anacrónicas, insípidas, porque festa é festa, alegria, prazer do coração e do espírito, também não devem ser iguais a qualquer festa mundana. Se uma festa espirita fôr o mesmo que uma festa licenciosa, então o público, os espreitadores da rua, dirão: o Espiritismo é como qualquer organização, pois os seus adeptos, nas diversões, na vida social, fazem o mesmo que nós. É por isso que achamos prudente mais disciplina, mais cautela em certos actos festivos, que devem ter sempre o recato espirita, sem prejudicar a diversão, o objectivo nobre das festas de caridade. Não é fugindo da sociedade, não é querendo apresentar-se como puritano em tôda a parte e isolando-se da comunhão geral, que o espirita mostra que é *espirita*. Pelo contrário, é vivendo no mundo, participando da vida social, acompanhando o progresso e a sua época, mas sempre e sempre *procedendo como espirita*. As festas espiritas de qualquer finalidade devem dar ao mundo profano a impressão exacta do que é o espirita na sociedade, de como o espirita se diverte.

Aplaudimos em absoluto as linhas precedentes. Visto que o Espiritismo é ideal essencialmente progressivo, deve acompanhar a evolução dos tempos e tornar-se acessível a tôdas as almas e a todos os meios. Nada de extremismos. Nem futurista, nem tradicionalista. Acompanhando sempre o movimento das idéias e servindo de morigerador dos costumes, demonstrará o valor incontestável desta verdade que tem atravessado os tempos sem cair em desuso: *in médio virtus est*.

A opinião do Guia ..

Aqui está oportuno tema de grande utilidade para quantos se entregam ao estudo do Espiritismo. A opinião do Guia é dogma cerrado para muitas almas ingénuas que chegam a abdicar do próprio raciocínio e aceitam cegamente as prescrições recebidas nas sessões, embora tais mensagens estejam em manifesta oposição às normas fundamentais da Doutrina. Para êsses é que transcrevemos os seguintes comentários de *Mundo Espirita*, afim de que meditem no perigo que os espreita, se não passarem quanto antes a *ouvir tudo*, mas a *aceitar apenas o que fôr razoável*.

«É muito natural que, para certas tarefas de responsabilidade, se procure ouvir a opinião do Espírito-guia de um Centro, pois êle está naturalmente mais orientado, mais esclarecido para dar um conselho ou fazer uma advertência. Isto não quere dizer que tudo quanto se pretende fazer, até uma coisa comum, doméstica, dependa da palavra do Guia da Casa.

«É erróneo o que se faz nalgumas associações, onde o Guia é chamado para dizer até se uma cadeira pode ser mudada, se a sala pode ser pintada de azul ou amarelo. Os guias espirituais, isto é, os espíritos que realmente estão em condições de ser guias, por possuirem moral elevado e discernimento, não podem dizer tudo, cuidar de coisas tão comezinhas, porque a sua tarefa num centro é muito mais trabalhosa. Veja-se o que se deu há tempos, sòmente por causa da maneira bem pouco domática de se fazer da palavra dum espírito quási uma bandeira para tudo e para todos. Fundou-se um grupo ou centro. Reüniu-se a primeira directoria para escolher o nome. O Guia, uma vez consultado, sugeriu nome formado de três palavras que davam redundância gritante, três palavras que formavam, enfim, um pleonasmo desnecessário. Mas, porque veio do Guia, o nome ficou. ¿Então, porque o Guia dá um nome, tem de se adoptar integralmente, mesmo que seja inexpressivo, incongruente, sem nexo?...

«É êste o resultado de se fazer do Guia do Centro uma espécie de tábu ou oráculo. Só a palavra do Guia está certa, mesmo que êsse «guia», precisando, aliás, de ser guiado, diga um absurdo... No entanto, é muito diferente de tudo isto o que ensinam as obras de Allan Kardec. Mas, nem todos querem estudar e compreender o Mestre. E por falta de estudo e compreensão é que em muitos lugares só se faz aquilo que o Guia diz, nada se delibera sem interrogar o Guia.

«Francamente, assim é fanatismo!»

É, pois, contra êste fanatismo que os estudiosos devem lutar. Façam Espiritismo para adultos. Espiritismo sadio que se imponha a todos, simpatizantes e adversários, e não consultem o Guia por tudo e por nada, dando a entender que são incapazes de guiar-se a si próprios. Se assim é, ¿para que aceitam lugares directivos, onde terão que raciocinar e discernir, sob pena de cair no ridículo, reduzidos a míseros fantoches?

Por êsse mundo...

Cornélio Pires espirita?

Os nossos colegas de *O Clarim*, de Matão, Estado de S. Paulo, registam com muita simpatia a visita que fêz àquela cidade o conhecido humorista Cornélio Pires, que é hoje, segundo afirma autorizada notícia, nosso confrade de doutrina. O festejado autor de «Patacoadas» e tantos outros trabalhos humorísticos interessantes chegou a fazer, como informa o velho órgão de Matão, «uma substanciosa palestra sôbre o Espiritismo Cristão», no centro «Amantes da Pobreza». ¿Que motivo teria levado Cornélio Pires a aceitar o Espiritismo? É um nome popular, dos mais populares mesmo, pelo seu género literário anedótico, seu espírito sempre alegre e criador de enredos e contos engraçados.

Das coisas simples e hilariantes, passou êle para os problemas graves e profundos da alma e da moral evangélica... Inclinou-se para o Espiritismo cristão, isto é, para a parte religiosa da doutrina. É que, naturalmente, nos ensinos evangélicos o apreciado humorista encontrou alguma coisa convincente, digna de meditação. Pela porta do Evangelho, pois, fêz a sua conversão à doutrina espirita. E agora, atrás das «piadas» de Cornélio Pires, sempre originais e espirituosas, virão palavras sérias, solenes, àcêrca de altos problemas da vida. É o que se pode esperar... Bendito seja, pois, na seara da doutrina.

(De *Mundo Espirita*)

Premonição dos animais

É coisa sabida que muitos animais pressentem os terramotos. Nos países da América Central e da América do Sul, os papagaios são considerados como infalíveis profetas dos abalos telúricos. Tem sido observado que, sempre que se desencandeia um dos temíveis ciclones, os enxames de borboletas põem-se a salvo em lugar seguro, um quarto de hora antes.

Também é interessante o episódio dos pombos que desde muitos anos habitavam o telhado do Palácio da Justiça de Viena, na Áustria. Certo dia, os pombos abandonaram a sua antiga morada e instalaram-se no edifício fronteiro, o Palácio do Parlamento. Poucas horas depois da troca de domicílio, o Palácio da Justiça era reduzido a cinzas por um enorme incêndio.

Cêrca de 1878, alguns cocheiros austríacos chegaram com os carros até o portão de uma casa perdida na falda de uma montanha, decididos a pernoitar ali, mas, apesar dos esforços feitos, não conseguiram levar os cavalos até à parte fronteira à casa. Os animais negavam-se terminantemente e não foi possível fazê-los dar um passo. Por fim, os cocheiros resolveram deixar os cavalos na berma da estrada e alojaram-se na casa. Durante a noite, porém, enorme avalanche se precipitou da montanha, matando e sepultando todos os cocheiros. Salvaram-se ùnicamente os cavalos...

(De *Raio de Luz*)

Tudo é possível ao que tem fé

Um pastor protestante viu-se obrigado a partir para certa região perigosa e selvagem da Austrália, afim de visitar um doente que estava prestes a morrer. Viajava tão pobremente, que não temia ladrões, nem salteadores de estrada. Aconteceu, porém, que, na volta, teve de ser portador de determinada importância pertencente a uma pessoa que falecera e que deixara um parente vivo. Sabendo que o pastor levava dinheiro, um miserável resolveu esperá-lo no caminho; e assim, chegado a certo ponto da estrada, em plena mata, o pastor avista um desconhecido, sente-se tomado de grande pavor e resolve implorar a assistência do Alto. Apeou-se do cavalo, debruçou-se sôbre e sela e orou. Quando se sentiu mais calmo, seguiu viagem, chegando à cidade com o dinheiro.

Pouco tempo depois, foi chamado para assistir a outro enfêrmo, quási moribundo, e aí lhe estava reservada grande surprêsa, pois reconheceu no enfêrmo o bandido que tanto pavor lhe inspirara. Então o homem disse não poder expirar sem lhe confessar a intenção que tivera de o assaltar para roubá-lo, pois sabia que era portador de certa quantia e, se o não fizera, foi por não ter tido oportunidade.

— Tiveste belo ensejo de o fazer, quando eu desci do cavalo e fiquei debruçado sôbre a sela — disse o pastor.

Ao que o ladrão respondeu:

— Não. Eu não o poderia fazer, porque ao seu lado, naquele instante, se achavam dois homens...

Certamente que, no momento em que o pastor fêz a prece, Deus enviou dois Espíritos protectores que se mostraram ao ladrão, evitando o mau encontro que o pastor poderia ter...

Tudo é possível ao que tem fé.

(De *War Cry*, do Sul da Austrália)

Vitor Hugo supersticioso

Um dia, Vítor Hugo foi convidado para assistir a determinado banquete. Como os convivas se demorassem demasiadamente, o anfitrião dirigiu-se ao grande poeta, informando:

— Ainda não fomos para a mesa, porque falta uma pessoa e há entre nós um imbecil que tem mêdo do número 13.

Então, Vítor Hugo levantou-se com dignidade e exclamou:

— Senhor, o imbecil sou eu!

Noticiário

Jornais e revistas

Continuamos a receber os jornais brasileiros com grande atraso. Dêstes, visitaram-nos o *Reformador*, de Janeiro último, e *Revista Internacional do Espiritismo*, de Abril. *Mundo Espirita* também tem chegado, mas com muita irregularidade.

Da Argentina, chegou *Revelación*, de Abril. *Constância* e *La Idea* continuam a faltar.

Da Inglaterra, veio *Psychic News*, com impecável regularidade.

De Portugal, recebemos: *Luz e Caridade, Além, A Rosa-Cruz, Comércio de Leixões, Região de Leiria, Trás-os-Montes, Jornal de Albergaria, Osiris, O Globo, Vida Mundial* e *Natura*, que voltou a publicar-se, após algum tempo de suspensão.

A todos, as nossas cordiais saüdações.

As nossas conferências

Como foi anunciado, o Centro E. Luz e Amor promoveu a realização de duas conferências no passado mês de Julho.

A primeira, esteve a cargo do nosso colaborador Álvaro Ramos Pereira e intitulou-se «O Espiritualismo na Antiguidade». Êste honestíssimo trabalho, elaborado por um novo de talento invulgar, manteve sempre a atenção da assistência que, no final, tributou ao conferente grandes e merecidos aplausos.

De facto, Ramos Pereira chegou a entusiasmar os ânimos, tal o vigor e a clareza da sua exposição metódica, através da perfeita síntese evolucionista em que vasou o seu estudo, entrecortado, por vezes, de excelentes improvisos, reveladores das suas qualidades de orador insinuante. Foi estreia feliz e merecido triunfo.

A segunda, foi realizada pela também nossa colaboradora *Haydi de Tebelen* e intitulava-se «O Consolador Prometido», tema altamente sugestivo e que revelou exuberantemente as faculdades de trabalho da conferente, a qual terminou, afirmando que o Espiritismo seria a religião de amanhã, unindo todos os homens no mesmo pensamento de amor e tolerância.

Presidiu o nosso amigo e colaborador sr. Coronel Faure da Rosa, que apreciou o trabalho da conferencista e manteve durante algum tempo a atenção dos numerosos ouvintes, que, mais uma vez, puderam admirar as suas magníficas qualidades de orador, sempre querido e desejado neste Centro. Aludiu aos trabalhos do ano que findou, aos esforços realizados pelo Presidente da Direcção, não só no Centro, como na direcção e administração da revista *Estudos Psíquicos*, e terminou pedindo a todos que lhe tributassem a sua simpatia, numa grande aclamação. Todos se ergueram e uma enorme salva de palmas reboou, quente e sincera, que muito comoveu aquêle companheiro de trabalho, que agradeceu, comovidamente, declarando que apenas cumprira o seu dever de espirita militante e que tais aplausos os endossava àquêles que lealmente o auxiliaram em tôdas as emergências. Terminou, afirmando que o seu temperamento se não coadunava com estagnações impróprias de homens positivos e conscientes e que, por isso mesmo, procurava sempre atingir os fins que se propunha e havia de atingi-los, desde que lhe não faltasse o apôio de apreciáveis colaboradores, como o sr. coronel Faure da Rosa, a quem abraçou, envolvendo nesse abraço todos os sócios do Centro.

Assim terminou a sessão de encerramento dos trabalhos, relativos a 1942-43.

Férias do Centro

A Direcção do Centro E. Luz e Amor resolveu encerrar todos os trabalhos, desde o dia 1 de Agôsto a 3 de Outubro, data em que se inaugurará o novo ano espirita com uma sessão solene a que presidirá o sr. coronel Faure da Rosa.

Para expediente, o Centro estará aberto às 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 14 às 15,30 e às 3.as e sábados, das 20 às 21,30.

Centro Espiritualista Luz e Verdade, de Matozinhos

Êste Centro teve a amabilidade de nos informar que mudou a sua sede para a Rua do Conde de S. Salvador, 252, 2.º, da mesma localidade. A esta agremiação desejamos longa vida cheia de progresso material e espiritual.

Os que nos deixam

No dia 8 de Agôsto corrente, desencarnou em Beja o nosso prezado confrade sr. Manuel do Sacramento Sanguessuga, que foi sócio do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, e do Centro Espiritualista Luz e Amor. Trabalhador, muit activo e dedicado à causa espirita, era um elemento construtivo com o qual se podia contar. Que encontre no Além a recompensa do seu labor terreno, são os nossos votos. À sua família apresentamos os protestos da nossa solidariedade espiritual.

Auxílio ao Centro

Da Ex.ma Sr.a D. Virgínia Neves Antunes, recebemos o seguinte donativo, que agradecemos	20$00
Do nosso amigo sr. António Joaquim Gomes, de Cabaços	39$00

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Dos amigos de *Estudos Psíquicos* abaixo mencionados, recebemos as seguintes importâncias:

Lindolfo Coelho, de Lisboa, cotas de Junho e Julho	10$00
Urbano Alves, de Faro	50$00
Total	60$00

Com o presente número, encerramos o segundo volume de «Estudos Psíquicos». Pedimos a todos que nos enviem nomes de prováveis assinantes, pois só com novos auxiliares poderemos manter esta revista.

n.º 24, Julho/Agosto 43

ANO V NOVEMBRO DE 1943 N.º 1

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Nova fase Debilidade Mental, pelo **coronel Faure da Rosa** — O Espiritismo Revelador da Verdade, por **Haydi de Tebelen** — Madame Solange, Vidente, pelo **Dr. Fred Wachsmann** — Impõe-se a Reflexão! Importa Reflectir!, por **F. Noronha** — Allan Kardec, Codificador do Espiritismo — Fraternidade Espiritual, por **J. Gonçalves Losa** — Resumo da Doutrina Espirita, pelo **Dr. Gustave Geley** — Em Frente, por **Reper-Siam** — Boémia do Espirito, por **Maria Veleda** — A Matéria e a Energia, por **Álvaro Ramos Pereira** — Bibliografia — Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos** — Notas & Comentários — Por Êsse Mundo... — A Minha Prece, por **Boanerges Cunha** — Noticiário.

Allan Kardec, codificador do Espiritismo

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

(PUBLICAÇÃO BIMESTRAL)

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = LISBOA

Direcção e Edição de MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores-correspondentes:

Em **França**	Dr. Gabriel Gobron
No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (cada série de seis números)*	*18$00*
	Colónias ... ... » » » » »	*25$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » » » » »	*18$00*
	Brasil ... ... » » » » »	*25$00*
	Outros países ... » » » » »	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

Composto e Impresso na Tip. SILVAS, Ltd. - R. D. Pedro, V. 120 • • VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Estudos Psíquicos

Directora

Maria Gonçalves Duarte Santos

3.º VOLUME

1943 a 1944

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Nova fase, *da redacção* 1
Debilidade Mental (I), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 2
O Espiritismo Revelador da Verdade (I), *por Haydi de Thebelen* 5
Madame Solange, Vidente, *pelo Dr. Fred Wachsmann* 9
Impõe-se a reflexão! Importa reflectir, *por F. Noronha* 10
Allan Kardec, codificador do Espiritismo, *da redacção*..... 14
Fraternidade Espiritual (I), *por J. Gonçalves Losa* 15
Resumo da Doutrina Espirita — Preâmbulo — *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.) . 17
Do Alto — Em Frente, *por Reper-Siam* 19
Boémia do Espírito, *por Maria Veleda*..... 20
A Matéria e a Energia, *por Ramos Pereira*. 22
Bibliografia..... 23
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 24
Notas & Comentários 28
Por êsse mundo... 29
A Minha Prece, *por Boanerges Cunha*..... 30
Noticiário..... 30

N.º 2

Confiança, *da redacção* 33
Debilidade Mental (II), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 34
Estudos Psíquicos e os leitores 37
O Espiritismo Revelador da Verdade (II), *por Haydi de Thebelen*..... 38
«Pela Vitória do Espírito», *por F. Noronha*. 42
Fraternidade Espiritual (II), *por J. Gonçalves Losa*..... 44
O Amor e o Ódio, *por Alexis Carrel*..... 45
Resumo da Doutrina Espirita (I), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 46
A Marcha do Espiritismo — O marechal do ar «sir» Hugh Dowding, vencedor da batalha de Inglaterra, acredita na sobrevivência (trad. de I. D. S.)..... 49

Pág.

Obsessão e possessão, *pelo Dr. A. D. Pratas* 53
A Lei de Caím, *por Ruy Barbosa*..... 56
As Energias Psíquicas, *por Ramos Pereira*.. 57
Contrastes de Raciocínio, *por Ernesto Pérez Méndez* 58
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 59
Notas & Comentários 61
Por êsse mundo... 63
Noticiário..... 64

N.º 3

Disciplina, *da redacção* 65
A Lei do Cosmos, *por Ramos Pereira*.. ... 66
Lodge e Conan Doyle aparecem numa sessão 70
O Natal de Jesus, *por Fernando da Cruz Ferreira* 71
Histórias de Sombras, *por Archibald Rutledge* 73
A cooperação valoriza as economias do trabalhador (I), *pelo coronel Faure da Rosa*.. 75
Fábula Espírita, *por «sir» Oliver Lodge*.... 78
O Centro E. Luz e Amor presta homenagem ao general Passaláqua..... 79
Sessões de Estudo, *da redacção*..... 80
Fraternidade Espiritual (III), *por J. Gonçalves Losa* 81
Resumo da Doutrina Espirita (II), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 83
Lenda Oriental, *da redacção*..... 84
O Espiritismo Revelador da Verdade (III), *por Haydi de Thebelen* 85
Amigos de «Estudos Psíquicos» 88
Bibliografia..... 89
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 90
Notas & Comentários 93
Por êsse mundo... 94
Noticiário. 95

N.º 4

A Razão e a Fé, *da redacção*..... 97
¿ Devemos crer na imortalidade pessoal?, *por F. Noronha*..... 98
¿ Seria coïncidência?, *por Bartolomeu Bana Martins* 100

Pág.

Regiões do Após-morte, *por Ramos Pereira* 101
Resumo da Doutrina Espirita (III), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 104
Do Alto — Coragem e Fé, *por Reper-Siam*.. 106
¿ Felizes ou infelizes ? (Realidade espirita observada dos dois planos), *por Leopoldo Machado* 107
A cooperação valoriza as economias do trabalhador (II), *pelo coronel Faure da Rosa* 108
A vida humana, *pelo Dr. Paulo Carton*.. .. 111
Desencarnou Ernesto Bozzano, *da redacção* 112
A comunicação com os espíritos, *por António Pinto de Sousa* 113
Casos interessantes de medicina e Espiritismo, *pelo Dr. Levindo Melo*..... .. 114
Pensamentos sem lógica, *por Vítor Carvalheira* 117
A Materialização dos Corpos — Interessantes revelações duma vítima do «Terror» 118
Preceitos a observar nas sessões de Espiritismo (I), *pelo Dr. Sousa Couto*..... 120
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 123
Notas & Comentários..... 126
Por êsse mundo... 127
Noticiário..... 128

N.º 5

Panorama, *da redacção* 129
Pascal Forthuny (I), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 130
Orientação, *por Emmanuel*..... 133
Resumo da Doutrina Espírita (IV), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 134
Dez preceitos de Reper-Siam..... 136
Conte o seu caso... ¿ Como se tornou espírita ? (Depoïmento de *F. Noronha*)..... 137
Do Alto — Reforma que se impõe, *por Reper-Siam*... 141
Factos são factos..., *pelo Dr. Alcides Gentil* 142
O Espiritismo Revelador da Verdade (IV), *por Haydi de Thebelen*..... 143
¿ Sonho ou recordação ?, *pelo Dr. Gustave Geley* 145
Meditações — Palavras de Jesus, *por J. F.*.. 146
O triunfo dum médium londrino — Um redactor do *Psychic News* é curado pelo espírito dum médico depois de consultar inùtilmente os maiores especialistas inglêses (trad. de *Ernesto de Macedo*..... 147
Fraternidade Espiritual (IV), *por J. Gonçalves Losa*..... 151
Três amigos, *por Vítor Hugo*..... 152
Bibliografia.. 153
Amigos de *Estudos Psíquicos*.. 153
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 154
Notas & Comentários..... 158
Por êsse mundo... 159
Noticiário..... 160

N.º 6

Videirinhos, *da redacção*..... 161
A Morte e os seus Fantasmas (I), *por Isidoro Duarte Santos* 162
«Filosofia Neo-espiritualista» 166
Dr. Gabriel Gobron 167
Resumo da Doutrina Espírita (V), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad de I. D. S.)..... 168
Meditaçoes — Palavras de S. Paulo, *por J. F.* 172
Pascal Forthuny (II), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 173
Um alvitre interessante.. 176
Dramática conversão dum advogado brasileiro 177
Tive um sonho verídico, *por Bartolomeu Bana Martins*. 179
O Espiritualismo na Antiguidade (I), *por Ramos Pereira*.. 180
O Espiritismo Revelador da Verdade (V), *por Haydi de Thebelen* 182
O Culto da Morte, *por F. Noronha* 185
Bibliografia 188
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*.... 189
Notas & Comentários..... 191
Noticiário 192

N.º 7

Cooperação, *da redacção*..... 193
A Morte e os seus Fantasmas (II), *por Isidoro Duarte Santos*..... 194
Pascal Forthuny (III), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 199
O Espiritismo e a Guerra, *por F. Noronha*. 203
Génios precoces..... 205
O Espiritismo Revelador da Verdade (VI), *por Haydi de Thebelen*..... 206
Meditações — As últimas recomendações de Jesus, *por J. F.* 207
Velhos pioneiros — Dr. Bezerra de Menezes 208
O Espiritualismo na Antiguidade (II), *por Ramos Pereira*. 209
Estudos Psíquicos e os leitores..... 211
Sessão espírita emocionante, *por Maurice Barbanell* (trad. do *Dr. Sebastião Elviro Martins*)..... 212
Para a frente, *por João Barbosa Gesta*..... 216
O «Preto no Branco» e a ironia do Dr. Ramada Curto, *por Torcato Cardoso Ferreira* 217
Conte o seu caso... ¿ Como se tornou espírita ? (Depoïmento do engenheiro-agrónomo *Dr. Martins Baptista*) 218
Amigos de *Estudos Psíquicos*..... 219
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 220
Notas & Comentários.. 223
Noticiário 224

N.º 8

A Idéia de Pátria, *da redacção* 225
A Morte e os seus Fantasmas (III), *por Isidoro Duarte Santos*..... 226
Moral (I), *pelo coronel Faure da Rosa*..... 232
Resumo da Doutrina Espírita (VI), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.) 235
O Espiritismo Revelador da Verdade (VII), *por Haydi de Thebelen*..... 238
Como orientar a propaganda espírita, *pelo Dr. Fred Wachsmann*..... 240

Pág.

A gimnástica do sorriso, *por Orison Sweet Marden*..... 241
O Espiritualismo na Antiguidade (III), *por Ramos Pereira*..... 242
Eusápia Paladino e as Fraudes Mediúnicas, *pelo Dr. Odilon Negrão*..... 245
Touradas, *por F. Noronha*..... 249
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 252
Bibliografia..... 254
Noticiário..... 255

N.º 9

Lealdade, *da redacção*..... 257
Moral (II), *pelo coronel Faure da Costa*.... 258
A Vida Póstuma, *pelo Dr. A. Lobo Vilela*... 261
Preceitos a observar nas sessões de Espiritismo (II) — Sessões às escuras, *pelo Dr. Sousa Couto*..... 262
Amigos de *Estudos Psiquicos*..... 263
Imortalidade, *por F. Noronha*..... 264
Meditações — Palavras de Jesus, *por J. F.*. 267
Uma casa misteriosa, *por Madame Tschopp*. 269
Damasco — Estrada da Salvação, *por António Pinto de Sousa*..... 273
Filosofia Neo-espiritualista (Introdução), *por Ramos Pereira*..... 274
Conte o seu caso... ¿Como se tornou espírita? (Depoïmento de *Haydi de Thebelen*). 276
Resumo da Doutrina Espirita (VII), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 279
Comunicações entre o mundo visível e o invisível. *por Manuel Joaquim Diogo*..... 281
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 283
Bibliografia..... 286
Notas & Comentários..... 287
Noticiário..... 288

N.º 10

Expectativa, *da redacção*..... 289
O suïcídio, *por F. Noronha*..... 290
A Função Reguladora dos Contrastes (dos «Diálogos», de Platão), (trad. de I. D. S.) 293
Oração do Crente, *por Ramos Pereira*..... 294
Ilusionismo e Espiritismo, *pelo coronel Faure da Rosa*..... 295
Os primeiros discípulos e a pesca maravilhosa, *por Henrique Magalhães*..... 298
Resumo da Doutrina Espirita (VIII), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 299
Conan Doyle..... 303
O Sanatório Espírita de Uberaba, *por I. D. S.* 304
Amigos de *Estudos Psiquicos*..... 308
Filosofia Neo-espiritualista — Psicologia, *por Ramos Pereira*..... 309
Conte o seu caso... ¿Como se tornou espírita? (Depoïmento do *Dr. Gilberto Marques*)..... 312

Pág.

Palavras amigas, *de Reper-Siam*..... 313
Bibliografia..... 314
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 315
Notas & Comentários..... 318
Facciosismo, *por Emmanuel*..... 319
Noticiário..... 320

N.º 11

Dificuldades, *da redacção*..... 321
Filosofia Neo-espiritualista (Psicologia), *por Ramos Pereira*..... 322
Cultura (I), *pelo coronel Faure da Rosa*... 325
Engulhos de sábio..... 327
Transposição de Umbrais, *pelo Dr. Leal de Sousa*..... 328
No Mundo das Sensações (Impressões de cegos, um dos quais recuperou a vista)... 331
Conte o seu caso.. ¿Como se tornou espírita? (Depoïmento do *Dr. A. Lobo Vilela*). 334
A Tortura de «Lord» Byron..... 337
Resumo da Doutrina Espirita (IX), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 338
Alma e Sensação, *por Deolindo Amorim*... 343
Credo Espírita, *por Ramos Pereira*..... 345
Notícias do Brasil..... 346
Abecedário dos Médiuns, *por M. Quintão*... 347
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 348
O meu cão viu um fantasma, *por Bartolomeu Bana Martins*..... 350
Notas & Comentários..... 351
Noticiário..... 352

N.º 12

Allan Kardec, *da redacção*..... 353
A Pena de Morte, *por F. Noronha*..... 354
Um caso de sonambulismo..... 357
Cultura (II), *pelo coronel Faure da Rosa*... 358
Em Presença da Morte, *por Bartolomeu Bana Martins*..... 360
Filosofia Neo-espiritualista (Psicologia), *por Ramos Pereira*..... 362
Meditações — Palavras de Jesus, *por J. F.*.. 367
Conte o seu caso... ¿Como se tornou espírita? (Depoïmento de *Ramos Pereira*)... 368
Os Prodígios do Magnetismo — Maravilhosas provas da imortalidade da alma humana obtidas com indivíduos em estado de sonambulismo provocado por passes magnéticos..... 369
Resumo da Doutrina Espirita (X), *pelo Dr. Gustave Geley* (trad. de I. D. S.)..... 374
A Lição de Licurgo, *por Leopoldo Machado* 379
Bibliografia..... 380
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 381
Notas & Comentários..... 383
Noticiário..... 384

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º — LISBOA, NOVEMBRO DE 1943 — N.º 1

NOVA FASE

«Estudos Psíquicos» entra em nova fase. Acalentada por uns e malquistada por outros, desenvolvendo a actividade na propaganda do Espiritismo evolucionista e procurando sempre dignificar a causa que defende com entusiasmo e esperança, tem conseguido viver e impor-se, sem que, para isso, haja recorrido, nem ao elogio barato, nem à subserviência desprezível. Sendo independente e não servindo grupos ou capelinhas, é possível que muitas vezes desagrade a gregos e troianos, que gostariam de a ver singrar com rumo diferente. Mas, se assim procedesse, deixaria de ser o que é, para ser o que alguns queriam que fôsse. Esta revista fundou-se com objectivos determinados; continuará, pois, serenamente, a trabalhar por êles, orientando e aconselhando, evitando polémicas, mas aceitando todos os reptos que lhe forem lançados, como entidade que não receia ataques, por mais violentos que sejam e venham donde vierem.

O facto de nos abalançarmos agora à publicação mensal com o mesmo número de páginas, dá-nos autoridade para afirmar que alguma coisa de útil temos feito e que a maior parte dos espiritas sinceros estão connôsco, dispostos a ajudar-nos. Isto nos basta e nos fortalece.

Esta nova fase indica que vai aumentar o ritmo e o dinamismo. Não nascemos para marcar passo ou trabalhar em «ponto morto». Nascemos para a expansão das idéias elevadas, que só elas poderão libertar-nos da escravidão da matéria. O Espiritismo evolucionista conta com o nosso apoio. Dar-lhe-emos tudo o que estiver ao nosso alcance, sem olhar a sacrifícios. Os quatro anos decorridos demonstram os nossos métodos de acção e respondem pelo nosso trabalho futuro.

Assim apercebidos, continuaremos a singrar, no firme desejo de defender e reabilitar a nossa ideologia, tão deturpada aos olhos do vulgo. Ao mesmo tempo, procuraremos despertar a geração moderna, através dos seus valores representativos.

Sendo doutrina racional e progressiva, o Espiritismo dirige-se a todos, sem distinção de classes; mas é na mocidade que se encontram os germes da grande acção futura que êle terá de desenvolver, visto estarmos no limiar de um mundo em que a geração nova desempenhará importantes funções.

Enfim, o tempo é grande mestre e êle dirá se estamos no bom caminho. Duma forma ou doutra e como o nosso intuito é servir lealmente a Causa, poderemos também dizer depois:

— Fizemos tudo para dignificar o Ideal. Se não fomos mais além, no campo da propaganda, é porque nos faltaram os elementos precisos.

Olhemos para o futuro com serenidade e calma, conjuguemos os esforços no mesmo sentido e àvante!

¡Que boa estrêla nos guie!

DEBILIDADE MENTAL

pelo Coronel Faure da Rosa

I

EM 1941 apareceu um livro de Marcel Boll com o título «*Quelques Sciences Captivantes (¿Ondes humaines? ¿Délires colletifs?) Hipnotisme, Psychanalyse, Suggestion, Metapsychie, Astrologie, Spiritisme, Radiesthésie*», no qual o autor pretende reduzir a cisco, em 296 páginas, tôda a obra monumental até agora produzida acêrca de tão vastos e complexos assuntos.

O epistemologista Marcel Boll limita-se a reeditar a argumentação do dr. Achille Delmas a quem o dr. Charles Richet respondera em 1924, não obstante a crítica do dr. Delmas, nessa altura, já ter sido refutada por René Sudre, na *Revue de France*.

Marcel Boll declara-se colaborador do dr. Achille Delmas: «Em vez das pseudo-leis inventadas pelos sugestionistas, nós resumimos — F. Achille Delmas e eu (Marcel Boll) — a sua concepção de sugestão pela *lei da predominância afectiva*». Esta lei, a dêle, é a verdadeira; as dos outros, é claro, são falsas... desde que contrariem a dêle.

O livro de Boll exibe uma novidade: a linguagem faceta dos seus comentários, duma comicidade picaresca, género do comediógrafo Courteline, se bem que, por vezes, pareça comparar-se em audaciosas brejeirices, género Brantôme, como a da narrativa da anedota dos dois gêmeos de Marselha, que trocavam impressões ainda no ventre materno.

A «edificante antologia» que apresenta, abre com esta transcrição de Ernest Renan:

«O espírito humano não seria o que é sem a crítica, e as ciências não existiriam se a seu lado não existisse um guardião vigilante para impedir o mundo de ser devorado pela superstição e de ficar sujeito, sem defesa, a tôdas as asserções da credulidade».

Vê-se logo quem, neste caso, é o «guardião vigilante»: Marcel Boll.

Mas a crítica não está em negar, a pés juntos, com mais ou menos humor, e em qualificar de «ingénuos» ou de «débeis mentais» aquêles que afirmam.

Já em 1783 o flósofo alemão Emmanuel Kant escrevia: «Todo o conhecimento das coisas adquirido só pela razão ou pela inteligência pura, não é mais que simples aparência; só na experimentação reside a verdade».

Ora as experiências do dr. Delmas e de Marcel Boll... ainda não apareceram. Nem um nem outro apresentam uma única. «A experimentação do dr. Delmas é o nada em tôda a sua profundeza sinistra»; na mesma profundeza devem estar as de Marcel Boll.

O dr. Charles Richet demonstrou por meio de experiências, e só com experiências, que a realidade, às vezes, chega ao conhecimento humano por vias diferentes das sensoriais normais.

¿Que disse Boll dos *Phantasms of living?* ¿Que disse êle de Hyslop, de Myers, de Hodgson, de Aksakoff, de Oliver Lodge, de Huysmans, de William James, de Osty, de Sidgwick e espôsa, dos médiuns Thompson e Leonard?... O mesmo que dissera Delmas: Nada.

E, entretanto, são já numerosas as obras escritas por homens leais e sábios, que estudaram pacientemente, laboriosamente, o belo e difícil problema do fenómeno espiritóide e todos êles apresentaram experiências perfeitas. Êsses homens, porém, apenas mereceram a Delmas e a Boll o diagnóstico de «debilidade mental».

«É provável que o Espiritismo continuasse a ser uma superstição sem importância» — escreve Boll a páginas 148 — «se não tivesse recebido a adesão de pessoas conhecidas, tais como: William Crookes, Cesare Lombroso, Russel Wallace, William James, Henri Bergson, Oliver Lodge, Charles Richet, Maurice Maeterlinck, Arsène d'Arsonval, Bernard Cunéo,

Jean-Charles Roux, Maurice Magre, Alexis Carrel..., espíritos dotados, em geral, duma brilhante imaginação, com a qual pode coexistir uma inacreditável dose de credulidade, uma indefensável opinião preconcebida, uns raciocínios infantis de justificação».

Vê-se que o sr. Boll, além da chalaça, também cultiva o paradoxo: «uma inacreditável dose de credulidade»; afinal o sr. Boll *acredita* na *inacreditável... credulidade*. Já é fôrça de crença!

O sr. Boll é duma bondade extrema; reconhece em público e raso que todos aquêles sujeitos são «pessoas conhecidas». Crookes descobriu o talium, inventou o radiómetro e os tubos chamados de Crookes; Richet foi lente de fisiologia da Faculdade de Medicina de Paris durante 42 anos e ganhou o prémio Nobel de Biologia; William James, célebre psicólogo; Lombroso, psiquiatra de grande valor; Maeterlinck, escritor, dramaturgo, investigador; Lodge, Hyslop, Hodgson, professores de Universidades; Alexis Carrel, pertenceu ao Estado Maio do Instituto Rochefeller... Realmente, é preciso esgravatar bem a memória e dispor de certa generosidade para concordar que são «pessoas conhecidas».

«Nenhum fenómeno, nem de telepatia, nem de lucidez, jamais foi oficialmente controlado» — continua o crítico Boll, o epistemologista Boll.

Um físico de grande nomeada em Paris, a quem Labadié designa por Foucault II, tão reputado era o seu mérito, foi uma vez convidado para assistir a experiências espiritas. Aceitou o convite com a declaração de que «desejaria que tais fenómenos existissem». Êsse príncipe dos físicos contemporâneos, acompanhado por dois parentes, assistiu a uma sessão maravilhosa. Um dos parentes, incumbido de controlar a mesa, ajoelha no tapete e fixa tôda a sua atenção nos pés da mesma. Depois da anuência da fôrça invisível actuante em produzir a marcha da mesa, sem contacto, todos os componentes do grupo afastam as mãos do tampo cêrca de 6 a 10 centímetros, e, bruscamente, o móvel deslisa na direcção do sábio. — «Mais!» — comanda um dos presentes. O fenómeno redobra de intensidade, a tal ponto, que todos tiveram que se levantar para seguirem a mesa... «¡Ainda mais!» — repetem. E pela terceira vez se produz a translação. Todos os presentes afirmaram que não havia objecções a fazer, inclusivé o sábio.

Três meses mais tarde, Labadié encontrou Foucault II na ante-câmara da Academia das Ciências e preguntou-lhe se tinha meditado no que tinha visto na sessão espirita.

Com um sorriso, onde a delicadeza mal disfarçava a malícia, o sábio desfechou esta sentença: «É-nos permitido divertir-nos em sociedade...»

Foucault II, um dos grandes físicos contemporâneos, reentrara no cepticismo clássico da ciência oficial.

Romain Rolland, que não pode ser suspeito de afeiçoado à metapsíquica, escreve: «Há cientistas a quem a ciência esconde tão bem, sob uma rêde, a verdade que encerra, que êles não mais vêem a realidade que se escapa. Abarcam todo o campo que a ciência descobriu, mas julgariam impossível, e até ridículo, ampliar-lhe o horizonte para além dos limites que a razão uma vez lhes traçou».

A ciência é incerta e variável; renova-se constantemente. Os seus métodos, as suas teorias, os seus cálculos, com tanto custo edificados, são substituídos por outras teorias, outras concepções que, também, não serão definitivas. Por exemplo: a teoria da indivisibilidade do átomo que durante mais de dois mil anos serviu de base à física e à química, foi posta de parte. Em 1883, Arrhénius demonstrou que a electricidade decompunha o átomo em iões (dissociação electrolítica).

Diga-se de passagem que tal teoria foi rejeitada pelos sábios e o seu autor apodado de *louco* e *atrevido*.

O grande químico holandês Van't Hoff teve a coragem de reconhecer e proclamar o valor da teoria que permite explicar o mecanismo da evolução dos astros. Em 1903 —vinte anos depois — o prémio Nobel de química foi conferido a Arrhénius.

O dr. Charles Richet — é verdade que êste sábio, segundo o sr. Boll, *sofre* de «debilidade mental» — o dr. Charles Richet escreveu nos *Annales des Sciences Psychiques:* «A ciência não tem sido mais que uma série de êrros e de aproximações, constantemente evoluíndo, constantemente alterada, e as alterações são tanto mais freqüentes quanto mais a ciência avança».

A páginas 160 e 167 diz o sr. Boll: «Osty pai e filho utilizaram, largamente, os raios infra-vermelhos (igualmente in-

visíveis), mas tôda a experimentação está viciada, desde a base, pelas crenças preconcebidas e pela ausência sistemática de prestidigitadores qualificados. Antecipadamente, o prestidigitador, muitas vezes, condescende em ensinar os truques de que se serve, ao passo que o médium oculta os seus».

Para êste cientista, tôda a fenomenologia espirita ou metapsíquica não passa de trapaça. Negar, assim, sem exame, um estudo, é fácil e cómodo: dispensa de reflectir. São muitos os prestidigitadores qualificados que não contestam a veracidade dos fenómenos espiritóides a que assistiram; alguns dêles até se declararam espiritas.

O prestímano Harry Price, que, de princípio, maltratara com suspeições ruins médiuns honestos de nomeada, dirigiu uma carta ao seu confrade Clive Maskeline na qual lamenta que Maskeline considere os fenómenos espiritas de maneira tão agressiva. Êle, Price, vira sempre nesses fenómenos um mistério e conta que Samuel Bellachini, prestímano em Berlim, escreveu na presença dum notário a seguinte declaração: «Examinei, minuciosamente, êsses fenómenos diante do dr. Slade; em nenhum dêles encontrei o que quer que fôsse produzido por prestidigitação ou por meios mecânicos. Qualquer explicação por tais meios, é completamente impossível».

Bellachini era tão afamado na Alemanha como Roberto Houdin em França. Houdin acreditava firmemente na realidade dos fenómenos supranormais. Carl du Prel, na sua «Psicologia Experimental» conta que o médium Douglas Home foi posto à prova pelos prestidigitadores Houdin e Bosco e ambos negaram a possibilidade de os fenómenos que presenciaram, serem produzidos por um prestidigitador.

Kollar, famoso ilusionista americano, fiscalizou, cuidadosamente, o médium Egliton, durante uma sessão de «escrita na ardósia» e não se apercebeu de nenhuma fraude. O prestidigitador Howard Thurston, um dos mais célebres médiuns dos Estados Unidos, ainda foi mais longe: *confessou publicamente a sua crença no Espiritismo*. Stuart Camberland, famoso ledor do pensamento, disse a Price que, nas suas representações, se produziam factos estranhos nos quais o seu talento profissional não intervinha em coisa nenhuma. Will Goldson, do *Magian's Club*, é espiritista e afirma *ter conversado, muitas vezes, com a irmã falecida há alguns anos*.

Há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem. Houdini, prestímano americano, mais duma vez afirmava que era assistido por faculdades psíquicas que o ajudavam no bom êxito de alguns dos seus «milagres». Howard Thurston declarou, publicamente, que, às vezes, era auxiliado por amigos invisíveis. Um dia, apresentando ao público uma sessão espirita simulada, veio a reconhecer que os efeitos estupefacientes, inexplicáveis, se tinham produzido em conseqüência da intervenção duma entidade inteligente, invisível e supranormal.

Hoje só os dogmáticos impenitentes, como o dr. Delmas e Marcel Boll, é que contestam a realidade dos fenómenos metapsíquicos.

O Conhecimento da Verdade

Aquêle que souber instruir-se pela experiência da vida e conduzir-se segundo os princípios religiosos da moral, isto é, aquêle que sabe e que crê, recebe em ocasião oportuna a iluminação da verdade. Fica admirado então da sua nudez que a torna tão simples, e da sua impenetrabilidade, que torna tão árdua a sua conquista. Está de tal modo coberta de aparências falazes e tão privada de enfeites, que os não educados e os pouco clarividentes a custo a podem encontrar, quando se oculta, e reconhecê-la, quando se apresenta. Os antigos, que figuravam a verdade sob os traços duma mulher nua, saíndo da escura profundidade dum pôço com um espêlho na mão, exprimiram bem nesta alegoria a dificuldade da sua descoberta e da hua demonstração. O espêlho que ela segura convida o que a procura a olhar para si mesmo, de maneira que se conheça a si próprio. Com efeito, o conhecimento do real e do verdadeiro obtém-se primeiramente pelo estudo de nós próprios. Quem tiver suficientemente experimentado e reflectido no conhecimento da sua constituïção íntima, dos seus poderes e do seu fim, sabe tudo o que importa saber na vida, porém o exacto conhecimento de si mesmo conduz à luminosa compreensão do Universo e da ordem natural das coisas.

D. Paulo Carton

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

A Verdade é Deus, e o Espiritismo é uma ciência que hoje se nos apresenta sob o nome de Neo-espiritualismo, para nos explicar essa verdade.

Deus e a Verdade estão em tôda a parte. A nossa ignorância, devido ao facto do nosso espírito ainda não estar apto para ver e apreciar tôda a magnificência divina, é que não nos permite divisar a grande Verdade — se bem que ela também esteja em nós.

O Neo-espiritualismo ensina ao homem a conhecer-se a si próprio, e a relação que existe entre êle e o Criador.

Quando a humanidade tiver aprendido bem esta lição, verá, como diz Krishnamurti, que: — «A Verdade é a Vida pura em qualquer dos seus inumeráveis movimentos.

«O pensamento verdadeiro é a vida pura, agindo pela inteligência; o sentimento verdadeiro é a vida pura agindo pelas emoções.

«A característica da vida pura é que ela age e não reage. Tôdas as reacções pertencem aos veículos. A vida liberta expande-se sempre para o exterior; porque já não há nada que a impila para o interior.

«O progresso para a libertação é, em grande escala, a vivificação das artes, a respeito das que se têm permitido tornarem-se mecânicas. Pode dizer-se que a «qualidade» de um homem é dada pela região da sua vida, na qual esta arte se tornou habitual e inconsciente.

«Recìprocamente, se pode dizer que cada defeito dum homem provém de alguma relação que êle ainda não aprendeu a encarar como artista».

«Tôdas as coisas próximas ou afastadas, estão ocultamente ligadas por um poder imortal e tu não poderás tocar numa flor sem fazer estremecer uma estrêla» disse Francis Thompson. Pelo mesmo motivo, o amor, a arte, a filosofia e a ciência, são lições para essa vida pura, lições que estudadas à luz do Espiritismo hão de guiar a futura *humanidade* na descoberta da *Verdade*.

O AMOR

Só as almas acanhadas encontram limites no amor. Os seres que são destinados a viver uma vida de sentimento sentem que o amor é mais necessário à vida do espírito, do que os alimentos à vida do corpo.

M.me De Lambert

O amor infinito de Deus fêz as leis da natureza e as leis de justiça. As primeiras são ordens que emanam do comando superior e que devemos saber respeitar e cumprir, bem como as segundas que nos ensinam a grandeza do amor por que somos regidos no mundo.

Não há ninguém, por mais desgraçado que seja, que não tenha sentido o consôlo duma manifestação de amor.

Pobres ou ricos, fortes ou fracos, é sempre a lei do amor que nos une, que nos protege, que nos acalenta. Essa sensação pode ser fugitiva, pode mesmo passar despercebida, mas ela existe sempre na vida de todos.

O amor é a chama sagrada que tudo movimenta; o amor é a mais bela expressão do Criador.

O amor, palavra pequenina, de quatro letras apenas, é sublime de grandeza, porque pelo seu imenso poder atinge o Infinito.

Quando Deus pôs na terra o homem, deu-lhe a centelha divina, que foi a alma aureolada pelo amor. Assim, a alma e o amor fundem-se no mesmo princípio divino que é Deus.

Interrogado sôbre o que é o amor, o grande pensador oriental Krishnamurti respondeu:—«O amor não é uma reacção. É uma fôrça da vida, originada em nós próprios.

«Pode ser comparada a um projector que torne adoráveis tôdas as cousas em que os seus raios incidam.

«A luz que as ilumina é muito sua.

«¿Porque insistis em definições? O amor pode ser *sentido*, mas não definido».

Esta opinião confirma o que sempre tenho afirmado: — que o amor, mesmo profano, é uma manifestação da Divindade. Não se pode definir o amor, como também não se pode explicar o que é Deus. Sentimos a presença dêsses dois divinos elementos, para os quais no nosso plano físico não possuímos linguagem suficientemente exacta para os definir.

Felizes são já aquêles que os podem sentir; êsses

falam-lhes a muda e transcendental linguagem da alma, e compreendem-nos.

Se a fé transporta montanhas, o amor produz maravilhas. É êle que tudo movimenta. É êle que impulsiona tôdas as manifestações do génio, quer nas artes, nas letras ou nas ciências. É ainda êle que inspira os grandes heróis na sua dedicação pela humanidade ou pela sua pátria. Sublima as almas em rasgos de dedicação fraternal, materna ou idílica. É, em suma, pelo amor que as almas ascendem para Deus. Assim, o amor é místico ou profano.

Exemplos de amor místico foram Buda, Confúcio, Jesus, Nuno Álvares Pereira, Terêsa de Jesus, Francisco Xavier, António de Lisboa, etc.

Diz-se que o amor vence todos os obstáculos, porque a sua fôrça emana da partícula divina que êle contém. Afim de a sentirem e de melhor lhe prepararem um estojo onde ela brilhe intensamente, os místicos do Tibet usam um processo absolutamente primitivo. Tem êle por princípio a maior concentração e a mais profunda meditação para estabelecerem um íntimo contacto com o Além. Isolam-se êles geralmente nas montanhas do Himalaia, completamente nús, expostos ao frio e ao calor, usando da mais frugal e pura alimentação, e praticando os sábios ensinamentos dos seus guias ou gurús.

O amor místico varia conforme as religiões, embora o verdadeiro fim a atingir seja sempre o mesmo — a comunhão com o Todo ou Deus.

O Aquém e o Além tocam-se e interpenetram-se. Se o amor de Jesus de Nazaré e de todos os místicos merece ser respeitado, o amor profano, cuja origem é também divina, merece igualmente o nosso respeito.

Todos os espiritas sabem que no Além um pai ou uma mãe continuam a proteger os filhos que deixaram na terra, e isto constitui uma manifestação de amor.

De igual maneira, um espôso pode proteger a espôsa que nêste mundo deixou.

Se encontramos no amor místico as mais belas e curiosas demonstrações de espiritualidade, absolutamente conformes com a nossa doutrina, também o amor profano cabe no quadro dos nossos princípios.

Êste maravilhoso sentimento tem sido cantado em tôdas as épocas pelos mais célebres poetas, romancistas e filósofos. Porque? Porque êle emana da parte mais profunda do nosso ser que é a alma, porque faz parte da nossa natureza mais íntima e da nossa própria individualidade.

O amor profano, repousando sôbre uma lei natural, é também uma manifestação da alma, uma necessidade que esta tem de se traduzir no plano físico, fazendo vibrar a nossa matéria. O amor encerra uma lei cheia de mistério, de fôrça e de ideal. Nesse mistério está uma prova das sábias leis do Criador, nessa grande união da matéria e do espírito; na fôrça, porque o seu poder, animando-o, permite-lhe realizar prodígios; e é ideal, porque é por êle que a alma consegue a ascenção que leva à felicidade.

Erradamente pensam muitos espiritas que o amor profano é uma falta de espiritualidade; e, contrariando as leis da natureza, entregam-se a um exagerado e por vezes fanático puritanismo.

Vejamos o que, neste sentido, escreveram alguns grandes pensadores da índia moderna.

Para Shri Aurobindo, o corpo não é a prisão de que se deve fugir, mas um aspecto da criação, tão indispensável, respeitável e digno de atenção como os outros. Porque embora a matéria seja rebelde à purificação, mais agarrada ao egoísmo, nem por isso deixa de ser, em tôdas as suas formas, uma manifestação do Divino.

Para Krihsnamurti, o amor é um desejo; e falando dos desejos diz: — «Contràriamente à crença geral, o desejo é a mais preciosa posse do homem. É a chama eterna da vida, embora, quando a sua natureza e função não forem compreendidas, êle se torna cruel, tirânico, bestial e estúpido. Portanto, o que há a fazer não é matá-lo, mas compreendê-lo». — «Para compreender a verdade, que é a vida, deveis desenvolver o sentido do tacto, o sentido da compreensão, deveis desenvolver os vossos desejos e não reprimi-los ou sufocá-los. Tornai os vossos desejos tão completos, tão perfeitos, que não tenham limitação. Não tenhais receio dêles...

«O que virdes, desejareis; mas se a vossa visão fôr pequena, acanhada, limitada, assim o serão os desejos. Se a vossa preocupação fôr duma vida tranqüila, estagnada, indiferente, os vossos desejos auxiliar-vos-ão. Se, pelo contrário, a vossa percepção fôr absolutamente ilimitada, livre, incondicionada, total, contínua, activa, então os vossos desejos serão ilimitados, estáticos, profundos, ricos. O mesmo se dá com o pensamento e o afecto».

E para Rabindranath Tagore, o delicado cantor do amor divino, no amor profano também os seus poemas cantam estonteantes, sensuais e voluptuosas melodias, quando diz: — «Se a minha vida fôsse uma pérola, parti-la-ia em mil pedaços e dêles faria um colar para enfeitar o teu colo; e se a minha vida fôsse uma flor diminuta e perfumada, colhê-la-ia da haste para a pôr no teu cabelo».

Na Génesis encontra-se esta máxima: — «Não é bom que o homem esteja só.» — do que se pode concluir que não é útil que os sêres sejam incompletos.

Esta poderosa lei pertence a todos os sêres, e, na espécie humana, ela é dignificada pelo sentimento a que chamamos — amor. A alma manifesta-se no

nosso corpo físico, veículo que o Criador nos concedeu para exprimirmos as vibrações da nossa alma.

Sendo esta a Vida, devemos deixá-la manifestar-se como nos sentimentos de ternura, em que um beijo é a mais bela expressão física do nosso afecto.

Vejamos o que neste sentido escreveu Jean Reynaud: — «Por mais admirável que seja a estrutura do nosso corpo, enganar-nos-íamos imenso, se olhássemos esta constituïção como fazendo parte da natureza humana. Êle faz parte da natureza, da mesma maneira que o Universo faz parte da natureza de Deus. O que pertence realmente à nossa natureza, o que disso é conseqüentemente inseparável, é a faculdade por meio da qual nós compomos, mantemos e governamos o nosso corpo. É isso que é preciso honrar, se se quiser honrar o homem no que êle tem de essencial, porque é aí que reside o que nêle goza da imortalidade. A alma tem não sòmente um poder que se reflecte no domínio interior do ser, mas também um poder que faz carreira fora dêle, e que não é menos essencial: é desta que procedem as assimilações, as transformações, sensações, os movimentos; é por ela que o infinito da alma e o infinito do universo se encontram ligados intimamente».

Acrescenta ainda Jean Reynaud: — «A alma isolada do corpo é o que verdadeiramente constitui a natureza humana».

¿As almas são tôdas iguais? O sistema das predominâncias e das oposições, a lei das modalidades afirmam-nos que existe o carácter feminino e o carácter masculino ou alma masculina.

Assim, da repercussão da alma no corpo poderemos dizer que os Espíritos têm sexo.

Sabendo-se que, após a desencarnação, o perispírito conserva a forma terrena, fácil é deduzir-se que os habitantes do plano astral também têm uma sexualidade.

Levamos para o Além no nosso corpo de desejos, os sentimentos que nos animaram. E aquêles que muito amaram na Terra, no plano astral continuam vibrando no amor.

O amor, pela lei da correspondência, é sentido e percebido na sua origem espiritual.

Daqui, as grandes paixões, êsses laços que ligam até ao além-túmulo».

Assim se explica que os apaixonados se juram eterno amor.

O ilustre filósofo, sábio e grande médium Swendenborg, cujos trabalhos deram início ao Espiritismo moderno, deixou-nos escrita, entre outras, esta interessante passagem: — «O Céu está composto do Género Humano, e que, por conseqüência, êles são dum e doutro sexo; e do que respeita ao coração, que a mulher seja para o homem e o homem para a mulher; isto é, um para o outro: e, enfim, que êste amor é inato num e noutro, depreende-se que há casamentos nos céus, assim como nos globos; mas os casamentos dos céus diferem muito dos casamentos nos globos».

Os casamentos nos céus são constituídos pelo que geralmente designamos *almas gémeas*, raras na terra, se bem que também aqui se encontrem. Nêste sentido alguém um dia escreveu ao nosso querido mestre Allan Kardec a seguinte e curiosa carta: — «Alegra-me a ideia das metades eternas. Parece que Deus, quando criou a humanidade, fê-la dupla e separou duas metades da mesma alma. Ide pelos mundos e percorrei as encarnações. Se procedestes bem, a viagem será curta e eu permitirei que vos reünais; se procederdes diferentemente, séculos se passarão até que possais gozar a felicidade. Tal é, creio eu, a causa primária do movimento instrutivo que leva a humanidade a procurar a felicidade que não compreende e que não se dá ao cuidado de compreender».

Tôdas as religiões sentenciaram sôbre o casamento e tôdas as doutrinas se pronunciaram sôbre o amor profano, mas creio que neste sentido nada há de mais claro que esta passagem que transcrevo dum livro mediúnico: —

«A aliança designada pela palavra *casamento*, é uma pálida mas fiel imagem do amor fraternal, por atracção nos mundos espirituais.

«A atracção puramente carnal *é uma dependência da natureza animal*. A atracção carnal disciplinada pela inteligência, amparada pelo sentimento do dever, é uma lei de amor, lei imortal que empresta deslumbramentos incompletos à criatura carnal, mas que liga os Espíritos, dois a dois, na carreira das felicidades luminosas, dos amores infinitos.

«O casamento, tal como êle se oferece ao espírito penetrado das leis gerais, é uma coisa indestrutível em que o dever solda os anéis, mas os homens não compreendem ainda o casamento. É porque só poderemos formular a apreciação sôbre a hipótese do nosso espírito afastando os nossos olhares das horrorosas profanações.

«O casamento no mundo físico, em via de progressão moral, desenha a harmonia dos espíritos, é o concurso activo das vontades para chegar à felicidade preparada por Deus na moradia temporária da criatura carnal.

«*E ergue o amor físico, rodeando-o doutros amores* e santificando-o pelo dever.

«Enobrece a criatura encarnada, é compreendido pela humanidade; e para honrar esta instituïção, era necessário descrevê-la como *ela deveria ser, e não como ela é*».

Afirma um velho aforismo popular que «o casamento e a mortalha no céu se talha». Nada mais exacto, na sua simples expressão, que encerra uma verdade já inscrita no velho mosaísmo e que Jesus confirmou quando censurou aos homens a sua ru-

deza de coração para com suas mulheres, que repudiavam:

— «Que o homem não separe o que Deus uniu».

Se no caso de almas contrárias existe uma lei Kármica, ou o que muita vez acontece, a intervenção dum livre-arbítrio de ordem inferior, provocam muita vez a separação de almas que Deus criou para a felicidade eterna. Isto é uma infracção à lei divina que amargamente terá de ser reparada.

¡Mas que delícias não gozam os sêres espiritualmente unidos, como nos exemplos que nos deram Abelard e Heloísa, Beatriz e Dante, Laura e Petrarca!...

Eis porque o amor é eternamente jovem; porque o espírito é eterno e as almas, espiritualmente ligadas, são-no para a eternidade.

A união dos pensamentos, da vontade e dos fluidos, forma a união dos sêres e das almas.

Grandes génios sentiram êsse poder harmonioso passar as fronteiras do mundo físico; viram que êle lhes vinha do Além. Esta percepção definiu-a o poeta Teixeira de Pascoais, dizendo: — «O Além-berço e o além-túmulo são dois paraísos que se fundem um no outro» — o que justifica o que o futuro autor da Divina Comédia nos conta dos seus amores com a sua amada Beatriz. Quando o insigne poeta a viu pela primeira vez, eram ambos crianças, pois que Dante não completara dez anos, e Beatriz ainda não tinha nove. Nesse momento, exclamou: — «Apareceu a nossa beatitude!»

Mas logo a seguir a sua alma, chorando, disse-lhe: — Que desgraça para mim! porque, de futuro serei muita vez atormentado!»

É longo o relato dêstes amores escrito pelo próprio Dante Aghiere, a quem se atribui, além do génio, os dotes mediúnicos, que muito o auxiliaram na concepção da sua magistral obra — A Divina Comédia —, como também na exacta previsão dos seus dramáticos amores.

Dante, depois da morte de Beatriz, passou o resto da sua vida mergulhado na mais profunda tristeza. Os seus pressentimentos tinham-no prevenido que um amor tão puro e tão ideal não era feito para a terra.

Beatriz é a celeste criatura que auréola de pureza ilumina a fronte de Dante e o seu nome fica para sempre na saüdade do genial poeta, como a personificação da beleza dum amor divino.

Heloísa e Abelard são o símbolo da perfeita união terrestre.

Estes exemplos da lei divina de duas almas numa, da união no plano físico, é rara, mas aos quais outros não menos célebres se podem juntar.

Laura é também tôda a paixão de Petrarca, que, durante tôda a sua vida, procura em viagens e por diversas maneiras, um remédio ao seu violento amor.

Em 1348 é agitado por fúnebres pressentimentos, sonhos lúgubres e contínuos que o atormentam. Informa-se e sabe que numa fatal coïncidência, Laura desencarnara no mesmo mêz, dia, e à mesma hora em que anos antes se tinham visto pela primeira vez.

O amor de Tasso por Eleonora d'Est, irmã do duque de Ferrara, de Luiz de Camões por Catarina de Ataíde, e destoutro sublime génio que foi Miguel Ângelo, na sua paixão ideal por Vitória Colona, dão-nos todos a convicção de que êsses amores vinham do Além.

O amor platónico de Miguel Ângelo por Vitória durou vinte e dois anos e o seu génio soube ir ao além-berço encontrar a origem dêsse grande sentimento.

Vejamos o que neste sentido escreveu o maravilhoso mestre das belas-artes:

— «A vida do meu amor, não é o meu coração, porque o amor com que te amo é sem coração, e êle tende para um fim, onde não podem existir afectos mortais cheios de erros, nem de pensamentos culpáveis.

«O amor, fazendo emanar as almas de Deus, deu-nos, na divisão, a mim, olhos firmes, a ti êsse esplendor que a minha paixão encontra, até mesmo nessa parte de ti própria que por desgraça é mortal.

«Assim como o fogo não pode ser separado do Ser eterno e eu glorifico tudo que desce dÊle, tudo o que se Lhe assemelha.

«Vendo o paraíso nos teus olhos e impaciente de voltar *lá para cima, onde pela primeira vez te amei,* eu corro ardendo de amor, sob as tuas pálpebras».

Êste sentimento do genial artista cabe no pensamento de Teixeira de Pascoais, no «Verbo Escuro», quando diz: — «O amor quando se faz paixão, torna-se doloroso como tudo que é grande demais e geme sob o próprio pêso».

Estas admiráveis descrições feitas por génios, que eram espíritos elevados, provam-nos claramente que o amor profano não é um erro. Erro grande é não o compreender, porque não se deve fugir a êle, cegos pelo fanatismo de crenças espiritualistas mal compreendidas, nem quando êle esteja dentro das leis do Karma, para regulamento de dívidas contraídas em passadas encarnações.

Testemunho vivo da união misteriosa das almas que se esperam nos espaços etéreos foram também Francisco de Salles por M.me de Chantal, de Goethe e da condessa de Stolberg, e de Beethoven e da condessa Guicciardo, cujo amor lhe inspirou a famosa sonata em dó sustenido.

O amor deve ser respeitado e compreendido como uma lei de Deus, porque de facto êle faz parte das sábias e Divinas Leis.

Jesus disse que tempo viria em que não haveria

«MADAME SOLANGE, VIDENTE»

pelo Dr. Fred Wachsmann

HÁ pouco estreiou-se no Teatro da Trindade uma peça do Dr. Ramada Curto, intitulada «Madame Solange, Vidente». Se da crítica do *Diário de Notícias* depreendemos que o autor ironizou o Espiritismo, revelando, com sarcasmo, as suas práticas fraudulentas, parece-nos, todavia, que êle quis exprimir outra coisa. Basta lembrar a cena em que Madame Solange afirma a sua crença nos fenómenos espiritas, ao dirigir-se a um amigo céptico, e outra passagem em que afirma ao mesmo amigo que as materializações não dependem, necessàriamente, da escuridão. Basta, finalmente, atentar na surpreza natural com que recebeu o «apport» do Além, na forma dos três cravos (fenómeno que ficou, até o fim da peça, sem esclarecimento e liberto de confissão fraudulenta), para julgarmos que Ramada Curto, aliás ligado de qualquer forma ao Espiritismo ou, pelo menos, ao mediunismo, deu carácter de *bruxa* a Madame Solange (nem faculdades mediúnicas possui), a qual não só trabalha para acumular riquezas ou para consolar os que sofrem pela morte dos entes queridos, mas também para firmar a sua crença na sobrevivência e na comunicação com os desencarnados.

Ela sofre horrivelmente por não ter possibilidades de se pôr em contacto com o plano astral, razão esta que sobreleva a sua própria ganância e a conduz ao embuste consciente.

Compreendendo bem o autor, o desfalecimento súbito do filho não a leva a abjurar cobarde e ilògicamente a sua fé nos fenómenos espiritas, mas obriga-a a revelar a sua grande dor, como qualquer pessoa poderá revelar, ao receber uma notícia desta espécie.

Ela apenas exclama: «Tanta mentira! Tanto dinheiro para nada!» e confessa a fraude.

Embora fôsse chamada à razão pela cliente curada, uma ligeira dúvida paira ainda no espírito daquela mãe infeliz, que readquirira a fé com o tempo que tudo cura.

A peça terminou positivamente, em vez de negativamente, quanto à realidade dos fenómenos. E é interessante, porque o autor criou uma necromante, misto de espirita convicta, apesar de ignorante e bruxa das mais perigosas, que infelizmente são mais numerosas do que os médiuns verdadeiros, tão raros como os grandes poetas e os grandes pintores.

Em conclusão: «A peça é satírica, mas não tem a intenção de ridicularizar os fenómenos espiritas. O autor, pelo contrário, seja ou não espirita, mostrou o reverso da medalha», como escreve o *Diário de Notícias*.

Quanto ao público, apenas seguiu os efeitos teatrais e as pilhérias. Pouca atenção dispensou aos diálogos.

---

mais marido nem mulher, porque cêdo ou tarde todos os espíritos seriam reünidos no seio do eterno amor.

As almas gémeas são semelhantes às duas gotas de orvalho, do ilustre teósofo sr. Jinarajadasa.

«Era uma vez duas gotas de orvalho que caíram do céu sôbre uma colina, encontrando-se lado a lado no cálice duma flor. E disse uma para a outra: «Preciso despachar-me, senão o sol ardente será a minha perda; tenho muito bem para fazer». E deslizando ao longo da haste afundou-se na terra. A outra contemplava o sol e o seu calor penetrava-a cada vez mais.

Alguns meses depois, as duas gotas de orvalho encontraram-se de novo ao pé da colina, correndo para o mar cintilante.

«Minha irmã, ¿como chegaste aqui?» — preguntou a primeira. «Eu tenho andado muito ocupada. Primeiro penetrei na terra e tornei-me planta. Em seguida, um animal comeu a planta e eu tornei-me um animal. Depois, um homem comeu o animal e eu tornei-me homem. Tenho sido extremamente útil. E tu, que tens feito?

A outra respondeu: «Depois que me deixaste, não fiz nada. Sentia cada vez mais o calor do sol e isso era divinal. Sabia que morria, mas desejava a morte. Quando acordei de novo, encontrei-me entre as nuvens, muito maior do que quando tu me tinhas visto, mudando sem cessar de forma. ¡E essas formas eram tão ligeiras, tão maravilhosas!

E os raios do sol dançavam através de mim. De repente, uma luz fulgurou, rompeu um som, e vi-me envolvida em música, Nesta música perdi-me deliciosamente. Quando isto acabou, encontrei-me outra vez perto de ti. Oh! como isto é maravilhoso!

Então, as duas gotas de orvalho, deslisaram juntas para o mar cintilante».

Um dia virá em que nós, semelhantes às duas gotas de orvalho, também deslizaremos no mar cintilante da Eternidade, junto à alma da nossa alma.

IMPÕE-SE A REFLEXÃO! IMPORTA REFLECTIR.

Por F. NORONHA

Verum est id quod est.
SANTO AGOSTINHO

NÃO morro de amores pela investidura de crítico, não me reconheço idóneo e competente para suscitar e nutrir polémicas, nem tão pouco a índole me inclina a depreciar humoristicamente ou ridicularizar quem quer que seja.

E assim tenho vivido e me tenho mantido, com raras excepções do contrário, através das cem publicações, talvez, nacionais e estrangeiras, em que hei tido a honra de colaborar.

Seduz-me o estudo, agora ainda, quási octogenário, e apaixona-me o livro.

«Você, dizia-me o falecido Caetano Alberto da Silva, proprietário e director da antiga revista *O Ocidente*, tem a paciência de leitor.»

Enganava-se o não olvidado amigo. Era e é perfeita idolatria. E quando suspendo a leitura para não cansar a vista, desarmada, pois não me impõe por enquanto o uso de óculos ou lunetas, sento-me diante dos meus livros, dispostos em biblioteca e aquece-me o contentamento de vê-los nas prateleiras e percorrê-los de memória, felizmente por ora sem sensível enfraquecimento.

Todo êste preâmbulo, por certo indiferente para o leitor, aliás humano e benévolo, filia-se na leitura recente dum artigo subordinado ao título *Espiritismo e Metapsíquica*, o qual se me deparou em o n.º 277 de *Rádio Nacional*, correspondente a 15 de Novembro de 1942. Assina-o Raul Machado, nome a que não estou inteiramente alheio, embora desconhecendo a pessoa a quem pertence.

O texto do artigo revela mentalidade ilustrada, inteira correcção e civilidade, em suma, um homem educado e apreciável.

Logo de início êle declara, peremptòriamente:

«Não se pretende aqui molestar os espiritas: — ...»

Prosseguindo, com referências e citações, em certa altura, encaminhando-se a conclusão, diz:

«Ponhamos, por agora, de banda, os fenómenos espiritas, por não merecerem crédito científico, e vejamos as categorias de fenómenos metapsíquicos. Costumam estes agrupar-se em duas classes. Na primeira, entram os fenómenos chamados *intelectuais:* — são a *criptestesia* de Richet, ou fenómenos de *conhecimento supranormal* de Myers e de Osty, ou fenómenos de parapsicologia dos autores alemães, ou de lucidez, dos autores antigos. A criptestesia é «uma faculdade de conhecimento diferente das faculdades de conhecimento sensorial normais» (Richet). Nela se manifesta uma actividade intelectual desconhecida ou oculta. São, pois, fenómenos intelectuais. Na segunda classe, juntam-se os fenómenos físicos ou materiais, os fenómenos que os alemães chamam de parafísica. Nêles o médium parece actuar sôbre a matéria por processos até agora desconhecidos. Nesta categoria os principais fenómenos são a *tiptologia*, ou *raps* (têrmo inglês usado na gíria espirita); a *telecinesia*, «acção mecânica — diz Richet — diferente das fôrças mecânicas conhecidas, que se exerce, sem contacto, a distância»; a *ectoplasmia*, ou *teleplástica* dos alemães, ou *materialização* dos autores em geral, quere dizer, «formação de objectos diversos que parecem sair do corpo humano e tomam o aspecto de realidades materiais».

Observe-se que existe um paralelismo perfeito entre as categorias dos fenómenos espiritas e dos fenómenos metapsíquicos. Por isso, o Espiritismo procura apoiar-se com firmeza nas manifestações da metapsíquica. Depois de expor a sua divisão em criptestesia, telecinesia e ectoplasmia, o professor Richet exclama: «*¡Voilà toute la metapsychique!*». Nós também podemos concluir: «É isto a Metapsíquica, em hipótese. A realidade é muito outra, pois ainda não se verificou, até o presente, nem sequer um fenómeno verdadeiro, autêntico, indubitável e convincente, nas sessões de Metapsíquica, fiscalizadas com rigor científico.»

«E é sôbre esta base nula que se funda e ergue a Metapsíquica; foi sôbre êste chão a esboroar-se que se levantou um castelo aéreo; é nêste arrimo inútil que pretende apoiar-se a vacuïdade do Espiritismo».

É a discussão caminho lógico para a luz. No entanto, não me proponho a semelhante longada, tanto mais quanto é certo carecerem de argumento de factos comprovantes tôdas as afirmações que se fazem no vago. E contra factos, — sustenta como axioma a sabedoria das nações — não procedem ou não colhem argumentos.

Tributo consideração ao Espiritismo, não possuo procuração dêle emanada para advogar-lhe a causa; pessoalmente, assisti a uma sessão intervindo médium, uma mulher falando mais de um idioma, com vários timbres de voz, que me deixou suspeitoso. Alguns casos registo de que dou fé por mim próprio, classificados como coïncidências por alguns amigos meus, não pobres de cultura, e que eu, apesar disso, julgo complicados de pormenores para aceitar semelhante classificação.

Abstenho-me de noticiá-los aos leitores, para não roubar espaço, que é forçoso restringir, e por, em verdade, não terem importância decisiva e valorização prática fulminante.

Seriam deveras coïncidências? Fôssem ou não fôssem, deixemo-las de parte. O caso, que a seguir transmito, é que não pode confundir-se e definir-se no rol daquelas.

Num quarto de dormir de prédio habitado por indivíduo que conheço intimamente, faleceram, com intervalo de anos, uma tia sua que lhe servira de mãe carinhosa e uma filha que muitíssimo estremecia. Era única, sem irmãos.

Êsse indivíduo, em determinada ocasião, indo à noite fechar as vidraças e respectivas portas da janela do aludido quarto, voltada a poente, ficando às escuras, com as costas para a janela de que se trata e em atitude contemplativa, de pálpebras cerradas, para o lado oposto, parede da cama, linha nascente-ocidente, em que deixara de existir a bondosa mãe adoptiva. Figurou-se-lhe ver um pano branco de croché, com orifícios oblongos, em que surgiam e desapareciam rostos diversos, um dos quais com as características fisionómicas do seu falecido pai.

Nenhum dos outros lhe avivou a lembrança de qualquer pessoa do seu conhecimento.

Repetiu a experiência no dia imediato e consecutivamente até hoje, desde mais de dois anos varados, não já só à noite, mas em pleno dia, com sol esplêndido e sem sol, com a janela aberta de par em par ou semi-cerrada.

Os rostos assomam e fojem com rapidez, de modo a não permitir fixar-se de maneira segura para identificá-los.

O de seu pai mostra-se-lhe freqüentemente, de parecer triste, fitando-o com insistência; o de sua tia com pouca freqüência, mas desenhando-se indubitável; o do marido desta, morto ou desencarnado cêrca de ano ou ano e meio após a espôsa, por três vezes, uma delas exacto na expressão e nas outras duas meramente adivinhável; o de sua filha por duas vezes, em data recente: uma com grande nitidez inequívoca e outra incompleto.

Há meses, desenhou-se-lhe o rosto do seu dilecto amigo Andrade Saraiva, bacharel formado em Direito pela Universidade de Lisboa, residindo em Colherinhas, sua terra natal, concelho de Aguiar da Beira. Rodados dias, percorrendo um exemplar do último número de *Gazeta do Sul*, do Montijo, hebdomadário que inseria a miúda colaboração de sua autoria, leu a notícia do seu passamento.

O rosto surdira do lado esquerdo do orifício, lentamente, mais de perfil do que de frente, esmaecido e sereno.

Tal o caso, em síntese, que não comento, tendo a certeza matemática, pura evidência incisiva do imediatamente precedente. Em suma, não há indivíduo anónimo. O sujeito do transmitido sou eu próprio, e não existem na minha moradia artifícios e aparelhos de electricidade, motivos de truques, esconsos de pantomima ou de prestidigitação. O quarto encontra-se quási vazio de mobiliário, no pavimento do 1.º andar e nada tem de fantasia.

Quanto a mim, amante do estudo e apaixonado do livro, abominando a mentira e os contos indigestos, bem como tôdas as trapaceirices de qualquer natureza, não padecendo de histerismo e de intermitências febris, prezo o *pão, pão, queijo, queijo* dos factos e dêstes não me arredo.

Ocorrendo isto comigo, certíssimo do que fica descrito ou narrado acima, omisso, não há dúvida, de fiscalização «com rigor científico», ¿haverá ou não

fundamento legítimo para tomar a sério fenomenalidade tal? Homens da estatura de William Crookes, físico e químico de alto saber, descobridor do tálio, dos raios catódicos e da matéria radiante; de Lombroso, célebre professor universitário italiano; Morgan, que todos os matemáticos conhecem; Ochorovicz, o proeminente físico Lodge, não há muito arrancado à existência pela asa da morte, o egrégio naturalista Russel Wallace, médicos, engenheiros, profissionais de génio em todos os ramos do conhecimento e em tôdas as esferas da Ciência, por ventura todos êles, anteriormente, *in albis* de Espiritismo, de Metapsíquica e até seus acerbos críticos ou mesmo depressores ridicularizantes e adversários declarados, homens desta craveira e categoria, ¿mudariam de opinião por capricho gratuito, por sugestão filauciosa, por quebrantamento inglório, para se precipitarem ou encafuarem como variante numa disparatada vacuïdade?!...

Li algures, presumo que em livro meu, que agora não me interessa rebuscar, esta frase duplicada: «Creio, porque examinei; examinai vós como eu e crereis.»

William Crookes, por exemplo, exprimiu-se nestes precisos termos:

«Tendo-me assegurado da realidade dos fenómenos espiritas, seria uma cobardia moral recusar-lhe o meu testemunho. Após 6 anos de experiências rigorosamente científicas, não digo que os fenómenos são possíveis: digo que são reais».

¿Fascinado, vesaniado de todo êste luminar de laboratório e de investigação exaustiva?

Inadmissível supô-lo ou imaginá-lo. Os seus depoïmentos, de conclusões formais, e outros muitos de igual sentido ou conceito e de procedências ou fontes identicamente autorizadas, não é lícito pensar que encobrem simulações e fingimentos tôrpes e interesseiros. Obedecem a factos; não assentam em pés de barro sôbre matéria resvaladia!

Não se enamoram de vacuïdade, não se desequilibram com fácil desconchavo, importa-lhes, indispensavelmente, o *quia* e o *cur* de tôdas as aparências e modalidades, sem se deixarem escorregar em cascas de laranja.

Isto é lógico, irrefutavelmente razoável e congruentíssimo com todos os princípios basilares de senso comum e de ascendimento económico, inclusivé.

Na abundante galeria de vultos notáveis, não alheios a Espiritismo, acode-me à memória, neste mesmíssimo instante, o de entidade portuguesa que conheci pessoalmente, de nome justificadamente consagrado, — o dr. Oliveira Feijão, lente da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, hábil operador e presidente da Associação Central da Agricultura Portuguesa.

Não ligava êle importância alguma ao Espiritismo, nem como objecto de caçoada.

Um dia, entretanto, assistiu a uma reünião dessa índole em casa de família com que se achava relacionado. Alguma impressão lhe fêz em especial um fenómeno de transposição, e volveu a outra e outras reüniões, chegando a inspeccionar com meticuloso escrúpulo o recinto em que se realizavam, uma sala de extremo com uma só porta, a qual era fechada à chave antes de cada sessão e confiada a aludida chave ao dr. Feijão pelos circunstantes presentes, conservando-a aquêle até terminar a respectiva sessão.

Numa palavra, o ilustre professor passou de indiferente a céptico, de céptico a adepto convencido e rematou, por fim, dando sessões espiritas em seu próprio domicílio, sob sua presidência.

¿Obsessão, brincadeira, variante recreativa?

Quanto àquela nunca me constou que o houvesse invadido e quanto a exibições de risota, não se coadunavam com o seu carácter de cientista educado.

Nós aceitamos muitas coisas como verdades, que nos orientam e regulam, sem discrepância de sucesso, sem sequer lhe distinguirmos uma sombra.

Armados de telescópio e munidos de microscópio, descemos dos ultras na miragem do infinito aos ultras, ainda inabordáveis pelos instrumentos de pesquisa em nossa posse e do tentame insatisfeito dêstes subimos às incontáveis regiões do Espaço, iluminadas por sóis gigantescos e teatro permanente de revoluções sem émulo.

E não negamos realidade a tudo isto, quer contemplando-o com a vista, quer não.

Na face do planeta que nos transporta com velocidade pasmosa através da amplidão imensa, somos espectadores de fenómenos de metamorfose surpreendentes e de cissiparidade não menos admiráveis.

Brigam mesmo, não raro, com o que

aprendemos em nossos compêndios de física, de química e de ciências naturais.

Enigmas e mistérios de ontem figuram hoje como aquisição científica generalizada e constituïrão amanhã simples herança vulgaríssima, no activo da humanidade.

¿Lembramo-nos porventura de duvidar, de apoucar, de recusar crédito aos nossos olhos?!...

Ora, ¿com que direito nos arvoramos juízes de condenação ou, antes e melhor, de eliminação totalitária no que respeita a Espiritismo?

Neste campo, em que supura impostura, má fé, mercancia inconfessável de ganância para fins escuros, sem qualquer coonestação e atenuante, são estas máculas criminosas que há o dever de sacudir e punir, por acção policial inexorável bem entendida.

Não cabe, a meu ver, às sessões espiritas a designação de vacuïdade.

Jàmais me atreveria a aplicar-lha. Nelas advoga-se a causa dos desamparados e carecidos de mãos piedosas, e não está banida a evocação do «grande iniciado», que exemplificou para os gerações um supremo sacrifício de abnegação.

Quem tem lido alguma parcela selecionada da vasta obra literária publicada no mundo, àcêrca de Espiritismo, poderá ficar mudo e não exteriorizar as suas impressões. Não ousará, todavia, nivelar por zero o que demonstra consistência em relatos e narrativas de autores que não escrevem sôbre o joelho nem de mera outiva, mas por factos que testemunharam e dos quais são cientes e conscientes.

Discutir é procurar fazer luz onde esta não existe e muito devem com efeito a discussões oportunas as sociedades cultas constituídas; mas deprimir e depreciar sem o porquê de eficiência, está no polo oposto à discussão. Não luz nem reluz de modo algum. Prevalece o *statuo quo*, perdendo-se a ocasião feliz de jacência calada.

O meu critério conduz-me ou guia-me sempre de preferência a argumentos com argumentos.

Digo que sim, e com êles me reforço e autorizo; digo que não, e com êles também me justifico. É claro, que asseverando assim, não divorcio dos argumentos a vitalidade que os forma e lhes incluo, formulando-os.

Trago por companhia constante na retentiva e no órgão auditivo o famoso prolóquio que me aprás citar, tanto por escrito, quanto por palavra: «Contra factos não procedem ou colhem argumentos»; quando, todavia, os argumentos por si próprios resultam factos ou assimilação integral de sua essência, nada mais é exigível, nada mais acrescerá ou diminuïrá a prova pretendida ou desejada.

Não veja o sr. Raúl Machado na presente desalinhada prosa o mínimo intuito de ofensa ou de desvirtuamento. Logo às primeiras linhas disse que o seu artigo, *Espiritismo e Metapsíquica* revela mentalidade ilustrada, inteira correcção e civilidade, em suma, um homem educado e apreciável.

E concluíndo, pondo aqui ponto final, endereço-lhe estas expressões como homenagem.

Aos leitores cumpre-me rogar-lhes generosa desculpa e boa sombra para o extenso artigo que termino com os meus agradecimentos ao estudioso e talentoso director de *Estudos Psíquicos*.

Em 19-12-942..

NOTA — Por lamentável esquecimento, só hoje, é publicado êste artigo, que desde Dezembro de 1942 se encontrava na nossa redacção, junto a outro original do autor, a quem pedimos desculpa da nossa falta involuntária.

A saúde e a felicidade

O homem é sêr que pensa de maneira consciente ou voluntária, que vive de maneira inconsciente ou instintiva, que se move graças a um organismo físico e, finalmente, que procede segundo as características da sua personalidade e as tendências e seu temperamento. O homem é, pois, dotado de espírito, de vitalidade, de corpo e, enfim, de individualidade que sintetiza, na unidade da consciência, os seus três princípios constitucionais. Quere dizer que, em cada homem, existem fôrças espirituais, vitais, materiais e individuais que, se forem bem dirigidas, asseguram ao seu possuïdor a saúde e a felicidade.

Dr. Paul Carton — «*As Leis da Vida. Sã*»

Allan Kardec, codificador do Espiritismo

Ao entrar na nova fase de propaganda, Estudos Psíquicos presta homenagem a Allan Kardec (Dr. Léon-Hippolyte-Dénizart Rivail) codificador do Espiritismo, Mestre acatado e respeitado, cujas obras modelares correm mundo, captando adeptos e afirmando a verdade e o bom-senso da nossa doutrina. Nascido em Lyon, a 3 de Outubro de 1804, cêdo foi atraído pela ciência e pela filosofia, conseguindo formar-se em três faculdades e ser um dos mais notáveis continuadores do grande Pestalozzi.

Seus numerosos trabalhos pedagógicos, didáticos e científicos, e os cursos gratuitos de física, química, anatomia comparada e astronomia, que manteve de 1835 a 1840, grangearam-lhe o respeito e a admiração de centenas de milhar de cidadãos.

ALLAN KARDEC

Quinze anos depois, quando começou a estudar os fenómenos do Espiritismo, sob o pseudónimo de Allan Kardec, *já êle era conhecidíssimo. As suas obras espiritas revelam o método e a clareza do sábio educador, que das suas observações rígidas e severas estabeleceu uma doutrina que desafia os motejos e as críticas mais violentas.*

Nasceu há 139 anos e morreu há 74, mas o seu nome perdura e perdurará, enquanto houver espiritas na Terra.

Vão para o seu espírito os nossos pensamentos mais elevados. A êle dedicamos o nosso trabalho, ansiosos por maior difusão do Espiritismo evolucionista, que nos merece grande interêsse e que procurámos e procuraremos advogar sempre nas colunas desta modesta revista.

Ler no próximo número ...

No sentido de darmos mais dinamismo e actualidade a esta revista, publicaremos no número de Dezembro a dramática conversão ao Espiritismo dum advogado brasileiro, cuja espôsa se suïcidou, vítima de obsessão.

Publicaremos também interessantes manifestações de artilheiros e aviadores da R.A.F. que tomaram parte na batalha de Inglaterra.

Estas comunicações foram publicadas pelo próprio Marechal do Ar, «Sir» Hugh Dowding, que dirigiu e ganhou a batalha e que, no Sunday Pictorial, *deu pública fé da sua* crença espirita.

FRATERNIDADE ESPIRITUAL

por J. Gonçalves Losa

I

A fraternidade é a virtude que mais necessitamos desenvolver e propagar no presente momento.

Quando a humanidade tanto se degladia, como sucede actualmente, é preciso cultivar intensamente a virtude da fraternidade.

Houve uma época, não muito longínqua, em que muito se propagou a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas essa trindade nunca foi bem compreendida, porque reinava, como reina ainda, o orgulho, o personalismo, o egoísmo e o materialismo.

Para se compreenderem as vantagens da Fraternidade é preciso conhecer-se um pouco das leis ocultas da natureza e muito especialmente, as que tratam da Involução, Evolução, Reencarnação e Karma.

Desde que conheçamos regularmente a existência e funcionamento dessas leis, somos naturalmente inclinados à prática da Fraternidade. Desde que saibamos que o homem, como tudo quanto existe na natureza, é uma parte de Deus, que todos descendemos de Deus e que voltamos para Deus. Desde que compreendamos bem, que todos somos filhos do mesmo Pai, e, por conseguinte, Irmãos uns dos outros; naturalmente compreendemos que todos nos devemos amar e ajudar uns aos outros, seja qual fôr a família carnal a que pertençamos, seja qual fôr a nacionalidade, a raça, a crença, o ideal ou a posição social de cada um.

Todos temos o dever sagrado de ajudar o nosso semelhante e manter com êle os mais fraternais laços de amizade em tôdas as emergências da vida.

Todos temos de trabalhar em conformidade com as nossas possibilidades e capacidades físicas, morais e intelectuais, para nos bastarmos a nós próprios, para não sacrificarmos ninguém e para ajudarmos o mais possível, aquêles que precisam do nosso auxílio.

Quem tem saúde e não trabalha, quem se não esforça por se valorizar, para melhorar a sua situação económica, para se bastar a si próprio e ajudar o seu semelhante, quem está à espera que os outros se sacrifiquem para se sustentar podendo êle viver do seu trabalho, é indigno e não pode merecer a consideração daquêles a quem sacrifica, nem da sociedade em geral.

Seja qual fôr a nossa posição social, quer tenhamos ou não meios de fortuna, devemos trabalhar dentro das nossas possibilidades para ajudarmos aquêles que, pela sua idade, por falta de saúde ou por qualquer outro motivo não podem trabalhar e precisam do nosso auxílio.

O preguiçoso, o indolente, o inactivo, tem de se regenerar, desenvolver a actividade e valorizar-se a si próprio.

Todo o ser humano deve ser fraternal.

No seio da família devem os adultos ajudar as crianças: os pais guiar, sustentar, educar e dar aos filhinhos o melhor exemplo, preparando-os assim para serem bons e úteis cidadãos; e os filhos, por seu turno, logo que possam, devem esforçar-se o mais possível, para ajudar os seus pais.

Em cada sociedade, seja ela qual fôr, desde que tenha um fim altruísta ou espiritualista, todos os associados devem concorrer o mais possível, para o seu progresso, emprestando-lhe todo o seu esfôrço material, moral, intelectual ou económico, a-fim-de que ela possa progredir e desempenhar cabalmente a missão para que foi criada.

Todos devem ajudar a sua direcção, por todos os meios ao seu alcance para que ela possa cumprir bem as funções de que foi encarregada.

Mas ninguém deve impôr aos outros o seu modo de ver. Deve cada um, delicada e desinteressadamente, apresentar as suas idéias, o seu modo de ver, mas como ninguém se deve considerar um super-homem, deve aceitar, apreciar e respeitar as idéias dos outros.

Se, depois de um exame rigoroso e imparcial, reconhecer que não pode concordar com a opinião geral ou com o modo de proceder dos dirigentes e se não tem possibilidade de, em boa harmonia, convencer os seus antagonistas, deve retirar-se e esperar melhor oportunidade para, se ainda mantiver o mesmo modo de ver, renovar novamente as suas idéias.

Porém, o que nunca se deve é levantar questões, estabelecer a desarmonia, procurar agir pela fôrça e estabelecer a desordem.

Além disso, as diferentes sociedades e muito especialmente as associações espiritualistas, devem entender-se umas com as outras. Cada uma tem o seu modo de ver especial, em conformidade, é claro com o modo de ver e o estado de sentir e de evolu-

ção dos seus associados. Mas cada sociedade tem o seu dever a cumprir, tem a sua missão especial, tem a sua zona de acção e, portanto, deve trilhar livremente o caminho que lhe pareça mais apropriado para alcançar a sua meta. Não deve nunca uma sociedade agredir outra, uma ideologia atacar outra ideologia, uma religião atacar outra religião.

Estamos vendo, infelizmente, quanto a humanidade está sofrendo devido à falta de Fraternidade e ao orgulho dos chefes de algumas dessas ideologias. E isto porque, em nome dessas ideologias, muitas vezes impera o interesse pessoal, de nação ou de raça.

As diferentes religiões e os diversos idealismos existentes, não são, ou não devem ser outra coisa que diferentes caminhos que nos conduzam até Deus, até à perfeição.

O modo de pensar e de agir dos diferentes seres e das diversas religiões ou ideologias estão mais ou menos de harmonia com o estado de evolução dos diversos seres que constituem essas agremiações.

Portanto, devemos ser fraternais para com todos. Se a nossa inteligência e a nossa consciência nos aconselharem a perseverarmos no caminho que temos trilhado, sigamos êsse caminho e deixemos que os outros sigam os dêles.

Se reconhecermos que um outro ideal é mais razoável, mais racional do que o nosso e está mais em harmonia com o nosso modo de ver e de sentir, não estejamos com receio; indaguemos profundamente se vale a pena segui-lo, e, se nos convencermos disso, ponhamos pés ao caminho.

Porém, nunca queiramos obrigar os outros confrades a que nos sigam. Se algum dêles, por seu moto-próprio, pretender saber as razões da nossa mudança, falemos-lhe sinceramente, mas nunca imponhamos aos outros o que não queríamos que nos impusessem a nós.

Por outo lado, aqueles que ficam, não devem censurar, e muito menos combater, os que tomam novo caminho.

Seja-me permitido que me refira agora um pouco particularmente a algumas ideologias que são mais conhecidas e seguidas em Portugal.

Quero referir-me ao Catolocismo, Protestantismo, Judaísmo, Espiritismo, Teosofia e Ocultismo.

Éste último é o menos conhecido; contudo, êle existe e existiu sempre em tôdas as religiões antigas e modernas e concorreu e concorre muitíssimo para acelerar a evolução da humanidade.

O Catolicismo prestou e está prestando grandes benefícios à humanidade, e por isso, devemos ter pelos católicos o maior respeito e consideração.

É certo que êles têm cometido êrros em todos os tempos e há sacerdotes mesmo, que, de vez em quando, dão maus exemplos. Mas não é nada para admirar que nos seus quási dois mil anos de existência se tenham cometido erros e que entre tantos dos seus representantes e dos seus fiéis, haja quem dê maus exemplos. Em tudo há bom e mau.

Mas deixemos os erros e os maus exemplos e pensemos antes nos relevantes serviços que tem prestado à humanidade e na boa fé da maioria dos seus fieis.

Portanto, tenhamos respeito pelos nossos Irmãos Católicos: religião que muitos de nós já professamos e que é professada ainda pela maioria dos portugueses, pelos nossos maiores amigos e até pelos nossos parentes mais próximos.

Quanto aos protestantes, que também têm produzido bom e mau, deixemo-los igualmente em paz no cumprimento da sua missão.

Recordemos os Judeus: Sempre perseguidos por tôda a parte e especialmente no momento presente. E em seu abono e das suas idéias, tomemos o seu exemplo de fraternidade. ¿Quem como êles é capaz de fazer um esfôrço gigantesco afim de proteger os seus confrades perseguidos por tôda a parte? ¿Quantos não teriam morrido de fome e talvez assassinados se não houvesse a fraternidade judaica? ¿Quem é que paga as suas passagens de uns países para os outros, e quem os sustenta, senão as sociedades fraternais existentes em todo o mundo?

Falemos agora do Espiritismo:

Também êle tem prestado os mais relevantes serviços à humanidade e continua a prestá-los, demonstrando a existência da vida depois da morte, demonstrando por meio das comunicações com os desencarnados o êrro do materialismo que tão prejudicial tem sido ao progresso espiritual.

Ninguém de boa fé pode negar que o Espiritismo tem contribuído imenso para provar a existência e continuação da vida além-túmulo e, assim, dar consôlo e esperança ao ser humano.

Além disso, tem dado e continua a dar alívio a muitos espíritos desencarnados que se encontram em grande sofrimento e confusão, mas que, por meio do seu convívio com os vivos e por meio de doutrinação que lhes é dada nas sessões, se vão sentindo mais aliviados e felizes. Vão acelerando a evolução e, dêste modo, se preparam para alcançar os planos Superiores, o Mundo-Céu dos Católicos, o Devachan dos Teósofos.

Também a mediunidade tem vantagens e inconvenientes. Mas as vantagens podem ser contìnuamente aumentadas e os inconvenientes atenuados, desde que os assistentes das sessões se tornem cada vez mais puros, mais fraternais, desde que aperfeiçoem os seus pensamentos, desde que adquiram mais conhecimentos e expurguem os defeitos, e sobretudo, desde que os seus dirigentes tenham uma grande prática do assunto, que saibam analisar bem as probabilidades de veracidade das comunica-

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA

(Espiritismo evolucionista)

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Gustave Geley

Preâmbulo

ESTAS linhas são a exposição de um profano acêrca dos princípios elementares da doutrina espirita. E digo de um profano, porque a minha experiência prática do Espiritismo não é suficiente para convencer ninguém, nem sequer para me convencer a mim próprio.

O que pretendo fazer nêste livro é uma espécie de «revista geral» de uma questão que já entrou no domínio científico e que, em todo o caso, apresenta grande interêsse, qualquer que seja a sorte que lhe reserve o futuro.

Tôda a gente fala de Espiritismo, mas a verdade é que, àparte reduzido número de iniciados e alguns sábios e filósofos que se deram ao trabalho de estudá-lo, a massa, o vulgo, mantém a mais completa ignorância a respeito dêste ramo da ciência, de interêsse tão aliciante.

Uns, apenas vêem nêle uma religião nova; outros, encontram-se ainda na lamentável fase dos princípios da nova ciência, isto é, nas explicações, pouco menos que infantis, do balbuciar do Espiritismo: alucinações, fenómenos inconscientes, ranger de tendões, fraudes e tramoias, etc., etc.

Para a enorme maioria das pessoas, o Espiritismo reduz-se a práticas bizarras de infelizes ou alucinados que, de boa-fé, julgam falar com os parentes mortos ou receber a visita de grandes homens desaparecidos do mundo dos vivos...

Mas, quando se estuda o Espiritismo pela primeira vez, experimenta-se verdadeira estupefacção, porque se vê então que os fenómenos espiritistas ou chamados espiritistas se reduzem, em suma, a determinados tipos principais, de caracteres fixos e de grande precisão; que estes tipos de fenómenos estão solidamente estabelecidos e justificados pelo inegável testemunho de milhares e milhares de investigadores; que têm sido escrupulosamente observados e comprovados, com todo o rigor dos métodos experimentais, por ilustres sábios de todos os países; e, finalmente, que a sua negação pura e simples equivale hoje a uma confissão de ignorância.

E com não menos surpresa se vê então que estes factos, estes fenómenos foram o ponto de partida e a base de uma doutrina racional e verdadeiramente científica; uma filosofia ao mesmo tempo fácil, muito clara e muito bela.

Estes factos e esta doutrina estão extensamente expostos na bibliografia especial do Espiritismo, que encerra numerosas obras de valor incalculável e de imenso interêsse.

Vou tentar expor de modo claro e sucinto tais factos e tal doutrina, procurando fazer também uma síntese, ao mesmo tempo breve e completa, como ainda não encontrei nas minhas investigações àcêrca do Espiritismo.

Escrevi êste pequeno trabalho sem pretenções e a princípio com o único fim de

---

ções e saibam doutrinar os espíritos comunicantes inferiores.

Claro está, que, para isso, é indispensável que tenham bastantes conhecimentos sôbre o que é a vida depois da morte e sôbre as diversas espécies de habitantes do Plano Astral, pois não são só os espíritos dos desencarnados que se podem manifestar, mas também os espíritos da Natureza, os quais nos podem ludibriar com muita facilidade.

Também no Espiritismo há um grande espírito fraternal. No Brasil, o País dos Espiritas, o Espiritismo está fazendo uma obra verdadeiramente admirável.

É preciso, portanto, que imitemos êsses nossos confrades e que nos unamos todos num verdadeiro espírito fraternal.

esclarecer e fixar as minhas próprias idéias.

Depois, pensei que talvez pudesse interessar a alguns dos meus amigos.

Em resumo: ainda que a doutrina espirita apenas fôsse uma ilusão (o que não posso admitir) é demasiado original e demasiado bela para chamar a atenção dos pensadores e merecer séria discussão.

¡Quantos sistemas filosóficos que têm constituído a obsessão de muitíssimas gerações não são, em nosso critério e sob muitos aspectos, inferiores ao Espiritismo!

Para apreciar em tôda a sua extensão esta doutrina, é preciso abandonar momentâneamente qualquer outra idéia filosófica ou religiosa que se tenha. O Espiritismo apresenta, com efeito, uma série de intensos contrastes com os outros sistemas metafísicos ou religiosos.

O Espiritismo difere das religiões pela ausência total de misticismo, não invocando revelações, nem sobrenatural. O Espiritismo só admite factos experimentais, com as deduções que dêles se desprendem.

Também se distingue da Metafísica, repelindo todo o raciocínio *a priori* e tôda a solução puramente imaginativa.

Só aspira ao título de *Ciência* e a ser considerado como ramo da História Natural. E só em nome da ciência aspira a dar a chave dos grandes problemas, a despeito dos Brunetiere e dos sub-Brunetiere.

As deduções científicas que revolucionaram as velhas idéias e os velhos preconceitos levaram o Espiritismo a unir os dois adversários aparentemente irreconciliáveis que se chamam Espiritualismo e Materialismo, cuja antiga querela repousava num simples *mal-entendido.*

E, por fim, a última originalidade: o Espiritismo não tem a pretensão, um tanto enfática, de explicar tudo, inerente às religiões e às filosofias.

É verdade que o Espiritismo admite a existência da Divindade; mas nada afirma àcêrca da sua natureza exacta e contenta-se em fazer dela a alma inteira do Universo. «Definir Deus — diz excelentemente o ilustre Léon Denis — (1) seria limitá-lo, circunscrevê-lo e quási negá-lo.

O Espiritismo afirma que a alma subsiste à destruïção do nosso organismo, da nossa matéria, da mesma forma que já preexistia antes do nosso nascimento na terra. — A alma está submetida à grande lei da evolução progressiva —; mas reserva prudentemente a questão do princípio e do fim. ¿Somos parte integrante, parte *exteriorizada* ou criação pura e simples da Divindade...? ¿Qual será o termo da evolução? ¿E esta evolução terá, por sua vez, um termo...?

Tudo isto compreenderemos — diz o Espiritismo —, quando chegarmos a um estádio superior.

Por agora, os seus ensinamentos impedir-nos-ão de nos perdermos nos intrincados caminhos da Metafísica, ou de estratificarmos nas teias paralizantes das religiões. O Espiritismo só pretende lançar um pouco mais de luz em nossa róta, iluminando-nos à frente e atrás dos nossos passos.

No curso da nossa evolução progressiva — diz êle — uma única existência terrestre nada mais é que mero instante.

Encerrar tôda a nossa vida material e intelectual no âmbito de meio século passado neste planeta, é tão infantil como o pensamento dos antigos, que julgavam que todo o Universo se limitava à Terra.

Mas a nossa existência não pode compreender-se, considerando-a sob êste aspecto tão mesquinho; tentar fazê-lo, seria tão insensato como pretender conhecer ou compreender um livro, lendo uma só linha de qualquer página aberta ao acaso. Mas demo-nos ao trabalho de ler algumas páginas, antes e depois do lugar em que o abrimos e então poderemos adivinhar em grande parte o sentido geral da obra:

Dito isto, já não devemos preocupar-nos com o prefácio dêste livro, nem com a sua conclusão... nem mesmo com o próprio autor.

Duas observações importantes, antes de começar êste estudo:

1.ª Só tratarei da grande doutrina do Espiritismo evolucionista, sem me ocupar das doutrinas divergentes, que nenhuma importância têm, quer do ponto de vista científico, quer do ponto de vista filosófico.

2.ª A palavra *Espiritismo*, no decorrer dêste estudo, designará sempre o conjunto da doutrina (teoria, factos e conseqüências) e não sòmente a questão das relações entre os vivos e os mortos.

(1) «Depois da Morte».

EM FRENTE

por Reper-Siam

Meus irmãos: Continuai sempre unidos no mesmo pensamento de amor e de trabalho pelos nossos semelhantes.

Cultivar e propagar o Espiritismo Científico e Filosófico é o melhor serviço que se pode prestar a essa humanidade desvairada por mil e uma idéias malévolas, que procura a salvação na base materialista, quando só a questão espiritual lhe dará a felicidade e a tranqüilidade que tanto almeja.

¡Pobres mortais, que em vez de caminharem para a luz, se encerram cada vez mais nas trevas! Depois, não querem suportar provações como as que assaltam os povos nesta hora tremebunda!

¿Que têm feito daquêles que procuram redimir o mundo pela única via de acesso praticável? Jesus foi crucificado; e, passados dois mil anos, continuam a deturpar e a esconder os seus ensinamentos, porque o homem tudo profana, desde que procure moldar as coisas a seu modo, em vez de, por seu turno, se adaptar a elas.

É assim essa humanidade materialista, que procura a felicidade e o progresso, erguendo barreiras entre si e o mundo espiritual, afastando-se da única fonte que a poderia dessedentar.

O homem moderno visa a casca, em vez da essência. Daí, os solavancos a que está e estará sujeito, enquanto não abrir os olhos da alma, enquanto não se convencer de que a matéria é nada e o espírito é tudo no equilíbrio cósmico.

¿Como querieis vós desfrutar outra situação, se os homens levaram o desvario a construir um mundo sem Deus, forjando um Criador que tresanda a matéria?

Só do Alto podereis receber o que vos falta. Aquêles que pretenderam singrar sem êle, chegaram a mau pôrto, porque tudo o que é material é treva, é atraso, retarda a evolução humana.

Desde os mais remotos tempos que o Criador tem posto ao alcance da humanidade uma divina centelha. Com o alvorecer da inteligência, essa luz foi aumentando, mas os homens, quais loucos enjaulados, procuravam a saída por todos os lados, menos por aquêle que conduzia à salvação.

E admiram-se de que, em vez de pôrto seguro ou de clareira onde possam descansar, encontrem o abismo de fauces hiantes, a medonha guerra que êles mesmos aperfeiçoaram, pondo ao serviço dela os conhecimentos adquiridos por gerações e gerações laboriosas.

Eis como o homem tem usado o livre-arbítrio que Deus lhe deu, como condição de permanência na terra. Êle abusou e abusa dêsse atributo divino, alimentando a crença absurda de organizar uma sociedade perfeita sem Deus, ou de criar um Deus rival de Satanás.

Já estive nesse vale de lágrimas — a Terra —, ainda lá voltarei, mas aqui ou aí clamarei sempre por uma humanidade religiosa, que se escude em Deus. Seja qual for a idéia que dêle tenham, nunca deixará de ser o Criador de tôdas as coisas, em tudo superintendendo e mostrando quanta ordem existe na sua obra.

¿Porque não segue o homem o exemplo vivo da Natureza? ¿Para que preconisa idéias libertárias, se com elas aperta cada vez mais as algemas que o acorrentam à gleba que lhe dá a côdea dura? ¿Para que corta o homem o único liame que o liga ao mundo espiritual, que é a religião, incensando-se, como se fôsse o próprio Deus?

O livre-arbítrio é um atributo muito sagrado, para que dêle se abuse demasiadamente.

Quanto mais avançado se julga o homem, mais prêso está da matéria. Olhe para tudo o que o cerca, mas em plena Natureza, e

verá como encontra o autor de tão bela obra. Dispa-se do orgulho e da vaidade, que tão prejudiciais lhe têm sido, humilde-se, siga a doutrina do Mestre, evite os seus irmãos corrompidos e comece nesse mesmo dia o apostolado da renúncia, desprezando frivolidades e mundanismos e integrando-se no amor à obra da Natureza.

Meus irmãos espíritas: ficar na vossa tôrre de marfim, sem mostrar aos homens o caminho de Deus, será um crime da vossa parte. Por isso, agora mais que nunca a imprensa é necessária, mas a imprensa que realce as belezas da Doutrina, a imprensa que toque os corações empedernidos e demonstre que servir o Espiritismo não é só assistir às sessões, ouvindo a maior parte das vezes entidades a dizer babozeiras, simulando grandes personagens, ao mesmo tempo que fingem de sofredores. Êsse Espiritismo tem de ser desmascarado. Nem as almas que daí vêm podem evolucionar, atidas simplesmente a semelhantes comunicações. Elas só evolucionarão pelo trabalho próprio, pelo sofrimento e pelo auxílio de seus guias espirituais.

Pugnai por um Espiritismo elevado, que divulgue a nossa filosofia de bom-senso, — a única que pode ensinar a viver e a morrer. O resto não passa de envólucro. O conteúdo fica por mostrar.

Portanto, mãos à obra. Pela imprensa, sem os Espíritos-guias a imuscuir-se na vida íntima de cada um, Espíritos-guias que muitas vezes apenas vêem coisas mesquinhas e grosseiras.

Pegai nos livros dos Mestres, baseados nas experiências por êles feitas — que não admitem refutação — e fazei a sementeira em tôda a parte. Quando a semente é boa e sadia, até germina no terreno agreste.

Nada receeis, pois.

A imprensa é uma alavanca necessária que há de manter-se, custe o que custar, porque tem os fortes ao seu serviço e que não deixarão fàcilmente abater-se.

Tôdas as vossas dificuldades são brincadeiras de crianças. Por isso, me não demoro a falar delas.

Para a frente é que é o caminho. Sem sofrimento, nada se consegue. Quem não luta, cai no estagnamento. Só lutando se vence. Nunca temais a luta por uma causa nobre, como o Espiritismo, a única esperança que redimirá os homens, abrindo-lhes os olhos da razão para a Luz.

BOÉMIA DO ESPIRITO

por Maria Veleda

PELO amor de Deus, não imaginem que me proponho, estulticiamente, ocupar-me do livro de Camilo intitulado «Boémia do Espírito», e ainda menos seguir-lhe as dolorosas pisadas. Camilo Castelo-Branco — sendo o primeiro escritor que se impôs à minha fervorosa admiração, quando ainda «menina e moça», — não poderia jamais tornar-se objecto, por minha parte, de semelhante e tão condenável profanação...

«Boémia do espírito» significa, no meu caso, «férias espirituais» — ou seja o anseio de evadir-me a situações penosas, deixando que a idéia, por vezes martirizante, se liberte do ergástulo que a encerra e possa, qual descuidosa libélula, avoejar ao acaso das circunstâncias, atraída pelo perfume de uma flor ou convidada por um aliciante raio de sol...

Não há nada que mais deleite os espíritos sequiosos, do que as páginas de um livro amado ou a fôlha em branco que se oferece como confidente das nossas almas. Ler, escrever... — não conheço satisfação superior ou mesmo que a iguale.

Simplesmente, nem tudo quanto se lê é bom; nem tudo quanto se escreve pode contribuir para a felicidade individual ou colectiva.

Antes, iludidos por falsas miragens — ¿quantas vezes certas leituras podem contribuir para induzir-nos no êrro?! quantas vezes o que escrevemos pode arrastar-nos a falsas e perigosas concepções?!

«Conhece-se a boa árvore pela excelência dos seus frutos» — afirma a sabedoria evangélica. Da mesma sorte a árvore má se atraiçôa pela perniciosidade daquêles que produz. Mas árvores há, como a mancenilheira (relevem-me o lugar comum) que, sendo tôda donaire, tôda convidativa ao repouso do viandante exausto pela longa caminhada, o envenenam com a sua sombra e o mergulham no sono da morte.

Os diferentes sistemas, as desencontradas filosofias, as contraditórias afirmações religiosas são tantas, — que mal vai a quem pretenda solucionar-lhes os intrincados, alucinantes problemas. Perde-se a imaginação no formidável labirinto; e, por vezes, a fé sossobra no naufrágio das comparações. Estou convencida de que uma grande parte dos

descrentes o são como conseqüência de tanto haverem lido, que tresleram por fim...

Há pessoas fàcilmente influenciáveis, (embora se persuadam do contrário), nas quais a controvérsia exerce os mais dissolventes efeitos, e que tão depressa se afirmam partidárias de uma idéia, como se deixam arrastar por outra de natureza absolutamente contrária. São aquelas a quem a sombra da mancenilheira seduz...

Não pretendo significar que se mantenha a imutabilidade de uma determinada opinião, desde que ela possa influenciar-nos em detrimento do que se nos afigura justo e verdadeiro. E digo «afigurar», porque a VERDADE, de face múltipla, já inspirou há vinte séculos ao governador da Judéia, aquela frase que a tradição trouxe até aos nossos dias: — «¿Que coisa é a verdade?» E tão variados aspectos ela oferece, em tão impenetráveis véus ela se envolve, que os próprios sábios, tendo procurado compreendê-la, acabam por considerar-se vencidos, declarando que «quanto mais sabem, tanto mais ignoram»...

Logo, se não há filosofia, nem tampouco sistema ou religião que se não contradigam nem deixem de pecar pelo excesso, parece-me que o mais acertado consistirá em aceitar de cada qual os princípios que melhor se ajustem e coadunam com a nossa razão, liberta de todo o fanatismo, de tôda a influência estranha, — tal como preconisa e aconselha a teosofia.

Não sendo eu católica, nem sujeita a deixar-me influenciar *seja pelo que fôr ou por quem fôr,* posso acatar preceitos católicos, desde que êles não colidam com o livre exame, da mesma maneira como respeito os princípios basilares do Espiritismo e a sua fenomenologia, desde que esta não brigue com certas limitações que o simples bom-senso aconselha.

Acreditar em tudo quanto se lê, representa a meu ver o maior dos desatinos.

Neste momento, eu tenho a impressão de que estou raciocinando com justeza; ¿mas não será, isto, da minha parte, uma impressão sòmente?!...

E, para não desdizer do título a que subordinei estas desalinhavadas considerações, vou referir-me agora a certos *maquiavelismos* que podem resultar de qualquer êrro de imprensa que escape à lupa do melhor revisor; são as denominadas *gralhas* — eterno, horrendo pesadêlo dos escritores.

Que eu saiba, apenas uma vez *S. Ex. D. Gralha* conseguiu imortalizar um verso, que teria passado despercebido, se ela não o houvesse tocado com a sua asa subtil. O grande poeta Malherbe escrevera:

Et Roselle a vécut ce que vivent les roses:
— L'espace d'un matin.

A composição *arranjou* assim:

Et, rose, elle a vécut ce que vivent les roses,
etc.

O poeta adoptou a *gralha,* que tornou célebres as... «rosas de Malherbe».

Pois bem: nunca *S. Ex. D. Gralha* me cumulou de tamanho ou semelhante beneplácito, — antes me tem sempre sujeitado aos maiores vilipêndios...

No último artigo que publiquei em *Estudos Psíquicos,* — «Atribulações de Esperidião» — eu escrevera a certa altura, pondo a frase na bôca de determinada personagem:

...Preciso modificar a minha maneira de ser; pôr um freio nos meus REPENTES, etc.

Vai... a composição sai-se com esta: «pôr um freio nos meus DENTES (!!!)

Lobrigo na prova tipográfica a *ave agourenta;* faço a devida emenda; sai o artigo e... (oh! calamidade! oh! irrisão!) — a negregada continuava no poleiro, estragando-me a já claudicante prosa!...

Nunca a sr.ª do meu conto pensou que lhe pusessem um *freio nos dentes...* depois de já os não ter!... Ora pois...

...E digam-me agora, caríssimos leitores, se o título a que me abordei, quando me propus encetar esta digressão, não obedeceu a certa oportunidade...

... Do mal o menos...

MATERIALISMO E ESPIRITISMO

O Espiritismo caminha a par do materialismo no terreno da matéria; admite o que êste admite; mas, quando êste pára, êle continua a marchar ainda. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que seguem a par, partindo do mesmo ponto. Chegados a certa distância, diz um: «Não posso ir mais longe»; enquanto o outro continua o seu caminho e descobre um mundo novo. ¿Porque motivo diz o primeiro ao segundo que é um louco, só porque êste, entrevendo novos horizontes, pretende franquear o limite onde o outro pára?...

ALLAN KARDEC

A Matéria e a Energia

por Álvaro Ramos Pereira

Apesar da sua aparente continuïdade, a matéria é formada por um grande número de partículas, as moléculas. Vários factos serviram para formular a teoria molecular.

Um certo número de fenómenos indicam-nos que as moléculas devem agitar-se sem cessar. A teoria cinética dos gases (Bernouilli, Maxwell, Boltzmann) compara-as a verdadeiras bolas elásticas com movimento de translação muito rápido. Chocam-se, tomando tôdas as velocidades e direcções possíveis. O movimento browniano (Brown e Gony) fornece disto uma prova experimental. Nos corpos sólidos, com coesão, as moléculas giram em movimento de rotação, afastando-se pouco da sua posição média.

Nada, pois, é imóvel. Tudo está eternamente em movimento. O movimento é uma lei do mundo. O movimento foi e será sempre. Se êle é a expressão da passagem da potência ao acto, se na potência está a energia que animava o pensamento divino quando a vontade o fêz vibrar, se a energia é cientìficamente anterior à matéria, o movimento molecular resultou dos coeficientes energéticos armazenados nos nós moleculares quando os átomos se conglobaram em moléculas.

A energia degradando-se para as proto-matérias, não provocou o vácuo; antes ficou aquêle meio imponderável que se denomina — éter. Êste exprime a possibilidade do movimento e como tal é o meio que recebe, fixa e transmite as vibrações. Deve ter analogias com um campo de radiações electro-magnéticas.

Entre as formas energia pura e matéria devem ter-se sucedido elos escalonados, ficando o éter como substracto. Uma das mais próximas será o electrão (Kaufmann), partícula de electricidade sem suporte material. ¿Onde encontrar a energia que lançou estes electrões no movimento donde surdiria o edifício atómico? No substracto energético, no éter. Uma vez em movimento, tendem a manter-se, pois que se formam correntes eléctricas que alimentam o éter e de que é própria a inércia electro-magnética. Deu-se assim a ionização e com ela a constituïção de átomos que auxiliariam a inércia de movimento pela inércia mecânica dum suporte «material». Demais as experiências de J. J. Thomson, Fabry, Buisson, Asten e Seddy levam à confirmação da hipótese de Prout de que os diversos elementos se formaram por condensação duma matéria primitiva, possìvelmente o hidrogénio, *(o que mais se aproxima do electrão). Apoiando a nossa idéia sôbre o éter, Lane, Friedrich e Knipping ao estabelecerem a natureza electro-magnética dos raios X, consideram-nos como fenómenos ondulatórios do éter.*

A rádio-actividade veio completar e aclarar o problema. Se se dá a transformação de partículas alfa *em átomos de hélio, é lógico concluir que tais transformações se deram a princípio e que o hélio é a ponte do hidrogénio para os outros elementos.*

E Mie dizia: — «O substracto universal é único e homogéneo: — é o éter. Os elementos corpusculares constituíndo a matéria não são mais que corpos estranhos nêste éter. São simples lugares em que as grandezas que caracterizam o estado do éter tomaram valores excepcionalmente grandes; estes lugares singulares formam um contraste agudo com o «espaço vazio» envolvente em que o éter não se afasta do seu estado normal uniforme. As partículas materiais elementares são posições nodais do éter, portanto a sua separação com o vácuo que os envolve não é tão nítida como pode parecer à primeira vista, porque estes corpúsculos se prolongam para o exterior no campo eléctrico que lhes está invariàvelmente ligado».

«O todo é um» — como diziam os alquimistas.

Em última análise, no espaço infinito apenas um elemento existe — a Energia — mas ela sinde-se em matéria, fôrça e consciência. A matéria é a degradação da energia; a fôrça é a exteriorização quantitativa; a consciência é a apreensão dessa fôrça. A junção dêstes elementos é a Vida pois que a Vida é ener-

gia. Êles aparecem no homem como em tudo na natureza.

Fôrça, matéria e consciência não são distintas como querem os evolutistas, mas aspectos do mesmo todo — A Energia — e a Energia é a vontade de Deus. Auvard reconhece que, na realidade, não conseguimos separá-las e isso porque (digo eu) não são distintas em absoluto.

Quando os três aspectos estão em potência, temos Deus em inércia (cf. Nirguna Brahma da filosofia hindu); mas quando passam ao acto, temos o Deus-Fôrça (cf. Saguna Brahma) que originou a Vida. Nirguna não é o aniquilamento, mas Deus na sua majestade perfeita, na concentração do seu pensamento. Saguna é o Pensamento vibrando pela Vontade.

A passagem da potência ao acto, da concentração de Nirguna ao pensamento de Saguna, é o primeiro passo da evolução. Tudo flutua no imenso seio do Pensamento, porque tudo dêle saiu. Quando a energia que animava o Pensamento começou a evoluir para a matéria e para a fôrça, ficou a essência, a Consciência. Esta é o que no Pensamento há de Deus (Saguna), aquilo que Os identifica e ao mesmo tempo Os distingue.

No homem, a consciência é a grande pègada de Saguna. Sem consciência, a alma está em embrião. Foi o aparecimento dela que marcou a passagem das almas animais para as humanas, como a super-consciência separa estas das extra-humanas. A consciência é para o homem a medida da acção; sem ela, não haveria reencarnação, progresso, porque o homem não atingiria as conseqüências dos seus actos. Eis porque as almas embrionárias são irresponsáveis, apenas evoluindo pelos reflexos da Super-Consciência em que se banham.

A princípio, o homem age por egoísmo porque a consciência não está desperta: depois, na adolescência, por altruísmo, e só na maturidade por sacrifício. Quando a consciência vibra sincrònicamente com a matéria e a fôrça, é o bem que no mundo físico é altruísmo, no mental é amor e no divino é a Verdade. No oposto está o mal que apenas existe no mundo físico como egoísmo e no mental como o êrro e o ódio. No plano divino não pode haver desarmonia.

E Saguna evoluiu e continua a evoluir ainda. ¡A fôrça permitiu, a Consciência dirigiu e a Matéria foi o meio dessa evolução!

Lx.ª Julho de 1943.

Bibliografia

PSICOLOGIA EXPERIMENTAL (Materialização de Espíritos) por *Paul Gibier*. Tradução do *Dr. Francisco Klörs Werneck*. Rio de Janeiro. 1941. 63 pág.

O Dr. Francisco Klörs Werneck continua na meritória faina de traduzir para vernáculo algumas obras valiosas que têm servido de auxílio a muitos estudiosos do psiquismo de aquém e além-Atlântico. Esta é a décima quarta e trata-se de uma memória apresentada pelo Dr. Paul Gibier ao Congresso Internacional Oficial de Psicologia, reünido em Paris, em 1900, referente a numerosas materializações de espíritos observados na América do Norte, com a assistência de pessoas da maior probidade, incapazes de tomar parte numa farsa.

Embora êste trabalho fôsse realizado há mais de quarenta anos, mantém o interêsse do primeiro dia. E para avaliar a sua importância, basta dizer-se que o autor era doutor em medicina (a êle se deve a descoberta do micróbio da raiva), preparador do Museu de História Natural de Paris, cavaleiro da Legião de Honra, discípulo e substituto de Pasteur, e que perdeu os seus cargos oficiais, em virtude da firmeza de suas convicções.

Obrigado a emigrar para o Novo Mundo, ali foi nomeado director do Instituto Pasteur de Nova-York, em cujo gabinete realizou notáveis sessões de materialização com a médium Salmon e que descreve na Memória apontada.

À pregunta se estaremos autorizados a introduzir na ciência os estudos dêstes fenómenos, responde êle, categoricamente, no fim do opúsculo:

— Há sòmente duas classes de estudiosos da ciência: de um lado, os que buscam levantar a cúpula do edifício, antes de estabelecer sòlidamente os alicerces e pretendem interpretar a natureza sem conhecer os elementos de suas leis; do outro lado, os que avançam prudentemente, passo a passo, depois de se terem assegurado da consistência do terreno, escavando conscientemente o solo para descobrir a rocha em que deverão assentar os fundamentos do conhecimento. Nós queremos pertencer a êstes últimos.

Por esta citação, se pode fazer idéia da natureza e orientação desta obra, que recomendamos a todos os leitores.

O Espiritismo não tem culto, nem dogma, nem ortodoxia. A livre discussão constitui a sua fôrça soberana.

Gabriel Delanne

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Anestesia psíquica

A escritora Mary Winefride Slater publicou na *Light* um artigo relativo a experiências de anestesia psíquica, que vamos resumir, visto nêle encontrarmos elementos de estudo, que poderão servir de base a outras experiências.

A articulista começa por se referir a fenómenos de perfume psíquico e diz que nunca leu coisa alguma referente a anestesia. Por isso, deseja narrar dois casos, em que julga ter sido submetida a anestesia psíquica.

O nome do Dr. Chiong, Espírito-guia chinês, é familiar a muitos espiritas. A primeira vez que o conheceu foi na Pembridge Place Spiritual Church, de Londres, através da médium Vyvyan Deacon e foram estas as primeiras palavras que lhe dirigiu:

— A senhora sofre da garganta há muitos anos.

Slater ficou um pouco embaraçada, pois já estava esquecida de que tinha sofrido de papeira, vinte anos antes. Mas ficara curada, não mais voltando a sofrer.

— A senhora é muito amiga do Dr. Stead — continuou o Dr. Chiong, na sua voz pachorrenta—. Êle anda muitas vezes consigo e auxilia-a.

Slater respondeu que sentia grande admiração pelo Dr. Stead e orgulhava-se ao considerar-se amiga de tão nobre espírito.

— ¿Sabe que estive doente da garganta há muitos anos? — preguntou ela ao Dr. Chiong — Eu nunca ouvi pronunciar o seu nome. Foi hoje a primeira vez...

Ao que êle respondeu:

— A senhora tem muitos amigos entre espíritos que não conhece. O Dr. Chiong, por exemplo, conhece-a há muitíssimo tempo. A sr.ª saïrá brevemente de Londres e êle irá também consigo. Chame-o e êle virá, fazendo-se anunciar por meio de pancadas no seu quarto, para que saiba que êle está presente.

Na realidade, Mary Slater saíu de Londres e regressou a York; e uma tarde, ao ir tomar chá com algumas amigas que não eram espiritas, estas lembraram-se de lhe dizer que estava ali um médium que fôra sempre clarividente. Como estavam sentadas em tôrno da mesa, Slater notou haver qualquer coisa misteriosa que divertia o médium — e inquiriu dêste a razão do caso.

— Vejo sentado a seu lado um belo chinês, de pernas cruzadas — disse êle —. Tem um sorriso jovial.

— Creio saber quem é — respondeu ela —, mas não revelo a sua identidade.

E o médium continuou:

— Êle diz que prossiga na sua tarefa, que as coisas não são o que você julga e que a sr.ª não atravessará mais êste caminho. Sabe também que a sr.ª faz tudo o que pode no seu meio, mas não está satisfeito consigo, porque escreve aos que já *sabem*. Escreva igualmente aos que não conhecem a verdade. Escreva nos jornais e responda aos que atacam o Espiritismo. Os seus esforços serão auxiliados pelos que se encontram no Outro Lado.

Nessa noite, Mary Slater deitou-se com um forte ataque de ciática. Chamou o Dr. Chiong e ouviu a pancada que anunciava a sua presença.

— Você diz que não está satisfeito comigo, — disse ela —. Eu também não estou satisfeito consigo, Dr. Chiong. Disse-me que continuasse a trabalhar. ¿Mas, como posso eu trabalhar cheia de dores? Você é médico. ¿Não me poderia curar?...

E ouviu, clariaudientemente, estas estranhas palavras:

— O Dr. Chiong gosta muito das tuas papoilas, mas tu hás de gostar ainda mais das papoilas dêle.

Slater interrompeu a luz e examinou o quarto, no intuito de procurar qualquer explicação do caso e viu, num vaso do toucador, um lindo ramo artificial de papoilas amarelas, que ela trouxera de manhã, por gostar muito da sua côr.

— Ó Dr. Chiong — preguntou ela — ¿que quere você dizer com «as papoilas dêle»?

E Slater termina o relato dizendo:

— O meu cérebro recusava-se a responder e eu parecia flutuar em semi-inconsciência, numa espécie de indolência que mergulhava no sono, do qual só despertei no dia seguinte, quando me chamaram. Verifiquei, então, que as papoilas do Dr. Chiong deviam conter narcótico. Quando voltei a Londres, assisti a uma sessão no Grotian Hall. No fim a clarividente disse-me que o espírito de um médico me estava a dar qualquer coisa para me adormecer.

Doutra vez, assistiu a uma sessão particular numa pensão londrina, onde viviam os esposos W. E. Foster. Tinha recebido tratamento contra as insónias, ministrado pelo Espírito-Guia norte-ame-

ricano *White Wing*, que se manifestava pela sr.ª Foster, e certa noite chamou aquela entidade e pediu-lhe que a ajudasse a adormecer. Acto contínuo, sentiu forte cheiro a éter e clorofórmio, seguido do torpor próprio da anestesia. Eis como ela descreve o facto:

— Pareceu-me mergulhar nas ondas, primeiro os pés e depois o resto do corpo, até à cabeça. Entre cada aplicação de anestésico, houve intervalos de meio minuto e eu sentia a presença dum poderoso espírito, atrás da minha cama e na altura da cabeça. Tôdas as vezes que me davam o narcótico, sentia necessidade de me apoiar e era obrigada a agarrar-me à armação do leito. Era tão agradável o que estava a suceder, que por algum tempo nem esforços fazia para resistir; mas, quando comecei a raciocionar e a analisar, fiquei sèriamente alarmada. A grande custo, levantei-me e estabeleci a luz. Tentei em vão acender o fogão de gás, embora êle não tivesse fugas. Em seguida, debrucei-me da janela, afim de localizar o cheiro, que podia ser causado por fumo de petróleo, mas nada encontrei de anormal. Dirigi-me também ao corredor. Também nada ali havia de anormal.

Apoderou-se então de mim enorme sonolência e fui impelida para a cama, onde adormeci profundamente. Só despertei de manhã. E quando contei o caso ao sr. Foster, êste exclamou, muito admirado:

— É extraordinário!... A essa hora também minha mulher saíu do nosso quarto, que fica precisamente debaixo do seu. Julgou sentir qualquer coisa semelhante a gás escapado, mas nada encontrou de anormal. A única explicação que se pode dar é que a senhora não podia dormir e pediu a *White Wing* que a auxiliasse. Creio que lhe deve ter dado um *anestésico espiritual*.

Fenómenos de materialização no Rio de Janeiro

Em *Mundo Espirita* de 23 de Fevereiro último, o sr. Pedro Amar descreve interessantes experiências de materialização com o espírito de «Noiva», realizadas no irupo do sr. Francisco do Carmo, residente no Rio de Janeiro e que dirige os respectivos trabalhos.

Ouçamos o articulista:

«No dia 28 de Dezembro de 1942, devia realizar-se uma sessão extraordinária. Quando chegámos, com nosso filho Semi, de nove anos e meio, já lá estavam as seguintes pessoas: tenente coronel Napoleão de Almeida, major Dermeval Mariano, 1.º tenente Benedito Albuquerque, Dr. Mesofante de Castro, cirurgião dentista, Dr. Darcy Uchôa, médico, a menina Alice Novelino, Virgílio de Quintanilha e Mendonça, Cármen Caltabiano de Quintanilha, Francisco do Carmo e sua espôsa D. Regina de Oliveira, de 23 anos. A sala mede 3,m30 × 3,m80. Sentámo-nos em semi-círculo, tendo no centro uma mesa oval a que a médium estava encostada, amarrada de pés e mãos à cadeira, com uma corda macia de 7 metros de comprimento.

«Atrás da médium não havia pessoa alguma. Sôbre a mesa, uma pequena grafonola com discos. Feita a obscuridade, manifesta-se um sofredor com pancadas violentíssimas na mesa, o qual se retira, depois de ser doutrinado. Estabelecida a luz, a grafonola é colocada no seu lugar, com os discos, pois fôra posta na mesa, para evitar que algum espírito atrasado a danificasse.

«Nêste momento, examinamos a médium: está mergulhada em profundo sôno e a amarração é normal. Feita novamente a obscuridade, aproximam-se os espíritos auxiliares de «Noiva», como a irmã Francisca, revelando a sua presença com a «Avé-Maria» de Gounod e colocando agulhas e discos na grafonola. Em seguida, manifestaram a sua presença os espíritos de Paulo, Indu e Reverendo, com sinais característicos, como estálidos de dedos, leves pancadas, etc.

«Os auxiliares faziam evolucionar a corneta com movimentos rapidíssimos, deslocando-a de um lado para outro, infiltrando-a entre os nossos pés e elevando-a ao teto num abrir e fechar de olhos, terminando esta primeira parte com movimentos giratórios que pareciam pirotécnicos ou rodas de fogos-fátuos. A corneta aproximou-se delicadamente do rosto da minha visinha da direita, a sr.ª Cármen, e tocou-lhe nos óculos. Feita a luz, verificámos novamente o perfeito estado de amarração da médium.

«Nova obscuridade e ouve-se o disco «Marcha Nupcial« (sinal de que «Noiva» estava presente) e logo uma voz feminina de tonalidade pouco abaixo do normal soou no ambiente, falando com as pessoas mais íntimas. Era «Noiva» e trazia consigo uma luz espiritual, semelhante a uma bola do tamanho de um pêssego.

«No comêço do semi-círculo, foi sentido perfume forte e agradável e logo todos os presentes puderam sentir individualmente, por mais de uma vez, o arôma que «Noiva» afirma ser de formação espiritual. Sentimo-nos tocados e, mexendo a mão, deparámos com mão estranha sôbre o nosso joelho. Calculando ser a do espírito, segurámo-la avidamente com receio de a perder. Depois, examinámos apressadamente da ponta dos dedos até o ante-braço; e quando íamos chegar ao cotovêlo, o espírito afastou-se.

«Preguntámos a «Noiva» se nos deixaria examinar a sua materialização, isto é, se era parcial ou total. Respondeu-nos afirmativamente, se lhe fôsse possível, e que logo nos mostraria os seus cabelos. Em seguida, começou a girar pela sala com a sua

luz espiritual e a falar com os assistentes e tocou-nos outra vez no joelho. Pegámos-lhe na mão pequena, de pele fina e lisa, sem a mais pequena ruga ou sulco e verificámos silenciosamente que a sua materialização não era *agenere,* nem fumaça, nem tão pouco camada de ectoplasma; e que seus dedos, sua mão e seu braço não eram ôcos, mas continham ossos, músculos, carne, veias, nervos e tudo quanto contém um braço de encarnado.

«O calor da mão era normal. Apalpámos-lhe muitas vezes as falanges, metacarpo e carpo e os ossos do ante-braço e, apesar de não sermos cientista, podemos afirmar que é impossível estabelecer diferença entre a perfeita materialidade de «Noiva» e um corpo humano.

«Noiva» levou nossa mão à cabeça e tocámos no seu crânio. Fizemos deslizar os dedos pelos seus cabelos e sentimos uma cabeleira entrançada e grossa de mais de 50 centímetros de comprimento, quando as duas senhoras e as môças presentes usavam cabelos curtos.

«Ao preguntarmos a «Noiva» se nos deixava cortar uma madeixa de cabelos, respondeu:

«— ¿Para que quere os meus cabelos?

« —Para lembrança ou recordação — respondemos.

«Seguidamente, depositou em nossa mão alguns cabelos. «Noiva» deixou-nos, dando volta à sala, com sua luz, que ora acendia, ora apagava, juntamente com a corneta, que tornou a levitar. Sentimos-lhe a mão no nosso joelho e ela pegou-nos nas mãos e levou-as à cabeça, onde tinha o véu (o espírito desencarnara antes do noivado) e avançou, permitindo que o véu fôsse tocado pelos assistentes. Ao chegar aos primeiros, pediu uma tesoura que lhe foi entregue. Depois, ouviu-se o picar de qualquer coisa e meu filho disse:

« —«Noiva» está a cortar as unhas.

«O espírito observou logo que não eram unhas e entregou aos assistentes pequenos fragmentos do seu véu. A nós, coube-nos um retalho de 12 × 14 centímetros.

«Meu filho preguntou ao espírito que horas eram.

«— ¿Para que quere as horas? Vai perder o combóio? Já vou ver... São 10,15.

« «Noiva» suspendeu o menino da cadeira e êle apertou-lhe a parte carnuda da mão.

«Alguém preguntou a «Noiva» donde trouxera o perfume.

«— Do turco da esquina — respondeu ela, gracejando.

«Preguntámos a «Noiva»:

«— Se a luz eléctrica a apanhasse em cheio, ¿quanto tempo seria necessário para que a tangibilidade voltasse?

«Ela respondeu que não mais poderia reconstituir a materialização.

«Nesse interim, conversávamos nós com o Dr. Mesofante sôbre a pouca probabilidade de conservação dos cabelos e do retalho do véu, os quais talvez se evolassem ou evaporassem. «Noiva» ouviu a troca de idéias e afirmou categoricamente que não se desagregariam e se conservariam perenemente.

«Já lá vão 46 dias e êsses objectos estão em meu poder. «Noiva» avisou os assistentes de que iria acordar a médium. Passado um minuto, esta desperta, dizendo:

«— Mãe, acordei. Tenho mêdo. ¿Que é isso que bate?

«O espírito batia com a corneta no pendente da lâmpada, coberto com papel de sêda.

«A médium é acalmada e em menos de um minuto o espírito adormece-a novamente.

«A médium viu a bola luminosa do espírito e em sessões anteriores tem visto a bola, juntamente com o espírito.

«Esta noite, «Noiva» foi vista pelos srs. tenente coronel Napoleão e José da Cunha Pereira, quando aproximou a luz do seu rosto. Estes episódios destroem a teoria de que os fenómenos são produto do duplo do médium.

«Como eram horas de encerrar os trabalhos, «Noiva» cantou «Os Peixinhos» com a maior naturalidade e despediu-se, beijando os assistentes mais íntimos. Ao passar por nós, dissemos-lhe que não pudemos verificar a sua completa materialização.

«— Esgotaram-se as fôrças da médium — respondeu.

«Percebia-se o espírito a desamarrar a sua médium. A corda foi atirada ao 1.º tenente Benedito.

«Assim se extinguiu a voz de «Noiva», ao menos naquela noite, para voltar nas sessões seguintes.

«Estabelecida a luz, a médium tinha a fronte apoiada na mesa, em estado de completa rigidez, com grafonola e discos em cima dos ombros e da cabeça.»

Médium transfigurado pelo espírito dum árabe

O capitão Wilsdon desempenha importante cargo oficial em Darlington e viveu muito tempo entre os árabes, cujo idioma maneja perfeitamente. Eis como êle se refere no *Psychic News* às faculdades mediúnicas de Elsie Smith, uma das maiores médiuns inglêsas:

«A melhor prova que recebi desta médium foi quando o espírito de Sheik Meduckle, da tríbu de Alaght, se transfigurou. Tanto a aparência, como a descrição fornecida, eram inegáveis, além da palavra que pronunciou em árabe: *eshrub,* que signi-

fica *beber* e que êle ilustrou, bebendo de um «goola». Enquanto bebia, manteve-o afastado da bôca, à maneira árabe, pois os nativos não permitem que seus lábios toquem nos vasos usados por outrem.»

A senhora Smith trabalha em Wooler Street Spiritualista Church, Darlington, e as suas extraordinárias faculdades têm convencido milhares de pessoas do norte de Inglaterra.

A espôsa de Wilsdon obteve tocantes provas da mediunidade de transfiguração da sr.ª Smith, como,

A MÉDIUM ELSIE SMITH

por exemplo, quando o espírito de sua mãe se apresentou com absoluta semelhança e reproduzindo os seus gestos característicos, pois mal podia mexer os braços, em virtude de um desastre que lhe afectara quási tôda a região dorsal.

O capitão Wilsdon fala de uma sessão, na qual pediu ao Guia da médium que fizesse alguma coisa para aliviar certo amigo que abandonara o escritório por motivo de doença.

— Irei vê-lo, — disse o espírito.

Cinco minutos depois, o Guia voltou e disse que o doente sofria de cancro no fígado. Como tentariam operá-lo, pediu a Wilsdon que fizesse tudo quanto pudesse para o evitar, visto que a intervenção cirúrgica o prejudicaria e enfraqueceria.

Passados dois meses, o amigo entrou numa casa de saúde, onde foi operado. Encontraram-lhe no fígado um grande neoplasma, que não conseguiram extirpar e o enfermo morreu pouco depois. A certidão de óbito acuasava: *cancro no fígado.*

Antes da operação, o doente declarou que não queria que o operassem.

Ainda durante aquela enfermidade, o capitão pediu ao Guia que aliviasse as dores do seu amigo e o que é certo é que o doente não sentiu dor alguma ao desencarnar.

Elsie Smith também é clarividente e psicómetra.

J. H. Pratt, da Wooler Street Spiritualist Church, recorda um caso bem curioso, passado na altura de uma discussão àcêrca de psicometria. Em gaveta próxima, havia uma pequena caixa com um objecto de côr terrosa e do tamanho das nozes. Nunca fôra exposta à luz atínica e ali a tinham posto 35 anos antes.

Entregue a um médium psicómetra que estava presente, êste declarou que nada podia dizer a respeito.

Quando Pratt ia guardar o objecto, a sr.ª Smith pediu-lho e foi imediatamente controlada pelo seu Guia indiano.

— Estou num subterrâneo — disse ela — É tudo escuro. Há aqui galerias e passagens secretas com muitas filas de cadáveres. Era lugar de refúgio, onde mataram inúmeros indivíduos. Vejo um grande C por cima da multidão. Muitos estão a orar...

Além desta descrição, outras foram dadas pelo Espírito-guia, narrando acontecimentos passados há séculos nas catacumbas de S. Calixto, em Roma.

J. H. Pratt declara que a senhora Smith nada sabia a respeito daquêle objecto e acrescenta:

— Eu é que o trouxe das catacumbas romanas, quando as visitei em rapaz.

Elsie Smith desde os 12 anos que tem consciência das suas faculdades. Vê os seus amigos espíritos com grande nitidez e tem sempre falado com êles.

— Têm-me revelado diversos acontecimentos da minha vida — afirma — e quando adormeço viajo muitas vezes com êles, no mundo espiritual.

Uma vez, alguns espíritos que a auxiliam nos seus trabalhos quiseram fundar-lhe um centro, mas ela ficou aterrorizada com a visão que lhe deram. Mostraram-lhe uma casa cheia de teias de aranha, janelas partidas, soalhos e portas estragados... e a luz era coada pelas frinchas do telhado. Mais tarde, ao procurar casa destinada a um centro, admirou-se de encontrar uma que correspondia exactamente à sua visão e soube que era a que ela tinha de adquirir. Depois deram-lhe a visão de que ali é que devia ser erguido o Centro Espirita da Rua Wooler, que ela fundou e no qual trabalhou regularmente, em sessões de transe. Anos depois, desenvolveu então as suas faculdades de transfiguração.

Eis a largos traços, algumas particularidades da famosa médium inglesa Elsie Smith, cujas demonstrações têm sido sempre absolutamente gratuitas

Notas & Comentários

Intercâmbio espirita Luso-Brasileiro

A *Revista Espirita do Brasil,* inteligentemente dirigida por Deolindo Amorim, insere, na sua edição de Março último, bem elaborado apêlo ao intercâmbio espirita luso-brasileiro, de extraordinária vantagem no actual momento, e presta homenagem ao nosso estimado colaborador sr. coronel Faure da Rosa, cuja fotografia ilustra o artigo em questão.

O estreitamento de relações entre os espiritas portugueses e brasileiros é tarefa de grande utilidade. Por assim o compreendermos é que *Estudos Psíquicos* lhe tem dedicado especial carinho, desde o seu primeiro número.

A nossa simpatia pela idéia exposta data de há muitos anos, desde quando dirigimos a *Revista de Espiritismo* e *O Mensageiro Espirita,* então órgãos da Federação Espirita Portuguesa.

Alguns dos nossos colaboradores são brasileiros e em tôdas as nossas edições se vêem relatos da obra social que o Espiritismo vai realizando na terra do Cruzeiro.

Logo que nos seja possível, abriremos nova secção, intitulada «Vultos do Espiritismo no Brasil», com a fotografia dos biografados, para que os confrades portugueses se familiarizem com os nomes de quem ali tão alto soube erguer a nossa bandeira de paz e solidariedade moral. Se a não abrimos já, é porque nos faltam elementos indispensáveis e a dificuldade de transportes nos impede de os obter.

Com a modalidade mensal desta revista, contamos transcrever os melhores artigos publicados no Brasil; e logo que recebamos normalmente as revistas e jornais brasileiros, voltaremos a inserir mais vasto noticiário do país irmão.

Temos lá muitos amigos e sempre nos interessou a sua obra espirita, que divulgamos o mais que nos é possível.

Aplaudimos, pois, as palavras da *Revista Espirita do Brasil,* a quem saüdamos com grande prazer. Que ela continui a promover tão desejado intercâmbio. Nós faremos também o que estiver ao nosso alcance, certos de que cumprimos um dever sagrado, além de dar satisfação às nossas tendências naturais.

Ignácio Bittencourt

As revistas brasileiras deram a notícia da desencarnação do grande pioneiro do Espiritismo que em vida se chamou Ignácio Bittencourt. E fizeram-no com extraordinário relêvo, principalmente *Mundo Espirita,* que nutria pelo extinto justificada admiração.

De facto, no dia 18 de Fevereiro último deixou a Terra quem durante a longa vida dera os mais formosos exemplos de bondade e de caridade.

O seu apostolado teve início em 1885, há, portanto, 58 anos. Era, então, um modesto barbeiro na Rua dos Voluntários da Pátria, da capital federal, para onde fôra aos 12 anos de idade e onde se mantivera até aos 81, para se librar aos páramos etéreos, certo de haver cumprido uma das mais importantes missões terrenas.

Exerceu o cargo de vice-presidente da Federação Espirita Brasileira, fundou e dirigiu o quinzenário *Aurora,* que já ultrapassou os trinta anos de existência, fundou em 1919 o Abrigo Teresa de Jesus para a infância desvalida, onde se manteve como presidente até à desencarnação e ligou o seu nome ao Asilo da Legião do Bem, destinado à velhice desamparada.

Foi médium receitista de notáveis faculdades. Atendia 500 a 600 pessoas diariamente, sobretudo os desenganados pelos médicos, e as curas multiplicavam-se. Várias vezes o processaram por exercício ilegal da medicina, mas foi sempre absolvido.

Tôda a imprensa diária do Rio de Janeiro se referiu com grande relêvo ao acontecimento e até o director do *Diário da Noite,* apesar de católico militante, escreveu um artigo intitulado: «A Morte do Apóstolo», em que dizia de Bittencourt: «Foi um santo».

À beira do túmulo, falou o Dr. Sílvio Brito Soares, em nome do Abrigo Terêsa de Jesus, e o Dr. Henrique Andrade, em nome da família espirita.

Ignácio Bittencourt apontou aos vindouros um caminho a seguir: o caminho da fé e da honestidade.

O Dr. Fred Wachsmann, autor de «Pela Vitória do Espírito», deseja entrar em comunicação com qualquer confrade que se disponha a traduzir para inglês algumas páginas desta obra, afim de tentar nova edição, em Inglaterra ou na América do Norte. Agradece-se resposta a esta redacção.

Por êsse mundo...

Os Espíritos no Teatro

A grande cantora Nellie Melba relatou, entre outras recordações espiritas, que certa noite, quando representava o «Parcifal», sentiu-se emergir em semi-transe e que, nesse estado, cantara o seu papel com forte impressão, rodeada de entidades que lá se achavam para auxiliá-la e até aumentar a beleza da sua voz.

Outras artistas fizeram análogas verificações no palco e sabe-se que Sarah Bernhard admitia que o espírito da trágica Raquel estava a seu lado, enquanto representava.

O actor Ernest Milton representou uma vez o «Hamlet», em Inglaterra. Um amigo que êle convidara encontrava-se na fila da orquestra. No dia seguinte, o artista vai passar algumas horas a casa dêsse amigo, cuja filha é médium. Esta cai em transe e diz-lhe que, na noite anterior, o espírito do célebre actor Henry Irving se conservara junto dêle, durante a representação. Anteriormente, o famoso Dan Leno inspirava muitas vezes Jacy Grimaldi. Quanto ao citado Irving, era sustentado nos seus papéis por Edmund Kean.

Miss Lilian Baylis afirma dever o melhor dos êxitos ao auxílio de grandes cómicos do passado, especialmente William Wycherley e George F. Kooke, êste último o mais brilhante intérprete de Shakespeare. Se abríssemos um inquérito no mundo do teatro, poderíamos obter outros subsídios sôbre o estímulo de actores vivos por actores mortos, bem como outras confidências sugestivas. Sabe-se que há muitos espiritas no teatro e fácil nos seria alinhar aqui muitos nomes consagrados.

(Da *Revista Internacional do Espiritismo*)

¿Que nome dar a êste fenómeno ?

No Instituto de Medicina Legal de Riga, médicos-legistas, neurologistas e psiquiatras estudaram atentamente o caso duma menina de dez anos, considerada por todos como «atrasada mental».

Esta menina, rodeada pelos facultativos que a estudam, lê em voz alta um livro que está nas mãos de um déles, numa sala fechada, e o qual lê mentalmente, sem pronunciar a mínima palavra. Ao mesmo tempo, a menina acompanha de longe aquela leitura, só pronunciando as palavras que o médico não pronuncia. Êste, de livro na mão, lê com os olhos; a menina, sem *ver* o livro, lê em voz alta, ou, antes, adivinha as palavras que o médico vai lendo e pronuncia-as de modo que todos os circunstantes as possam ouvir.

¿Que nome se há de dar a êste fenómeno? Os médicos poderão fàcilmente exprimir em grego o seu nome com qualquer vocábulo que comece por «tele» e significa «longe»; todavia, ser-lhes-à difícil explicar a essência — *Dr. Nicolau Ciancio.*

(Do *Policlínico*, de Roma)

Maeterlinck e o Além

«Estou mais velho do que a maior parte dos que escrevem àcêrca da velhice. Cícero tinha 63 anos, quando publicou o diálogo «De Senectude», e Séneca tinha a mesma idade, quando escreveu a «Segunda Epístola a Lucilius», onde punha em relêvo as vantagens da velhice.

....

«Abandonaram-me os prazeres que já me não deleitavam. Estou mais próximo da morte, é certo; mas eu sempre vivi perto dela, porque nunca a separei da vida. A morte pode separar-me da vida quando quiser. Não lhe peço prorrogação. Nada tenho que rectificar aos meus pensamentos e às minhas acções. Procedi sempre como se a partida estivesse marcada para àmanhã. Não tenho injustiças a reparar, nem creio que a morte me transforme noutro homem.

«Como sucede a todos, aspirei a coisas que estavam acima de mim. Agora, conheço as minhas limitações, que não ultrapassarei ao entrar no túmulo. Fiz o que estava ao meu alcance. Se o não fiz melhor, é porque não o mereci.

«Em vão procurei transpor o que me limitava. Sabia que para além desta vida encontraria o que ignorava, por não poder ver. Apesar dos anos, ainda procurei atingi-lo. Outros descortinarão mais longe e farão o que a minha boa vontade não conseguiu fazer — *Maeterlinck.*

(De *Bref*, por intermédio de *La Revue Spirite*).

Está publicado o índice do 2.° volume de «Estudos Psíquicos» que será enviado, com o próximo número, a quem o solicitar.

A Minha Prece

Ao ilustre amigo Melchior Silva, ex-presidente do Centro Espirita «Luz e Verdade», de Matozinhos.

Ó almas que viveis lá no Infinito,
País fonte da Luz e da Verdade,
Rezai comigo, sim; tende piedade
Do mundo belicoso que eu habito!

Espalhai sôbre a Terra êsse bendito
Sentimento da Paz e da humildade;
Poupai a dor à triste Humanidade
Que vive, amargurada, no conflito.

Iluminai os crentes na doutrina
Que desvanece o dogma e nos ensina
Da Vida a conhecer o seu reverso!

Fazei vibrar o culto da razão,
Da justiça, do amor e do perdão,
Nos ímpios corações dêste Universo...

Matozinhos, Junho, 1943.

BOANERGES CUNHA

Saibam quantos !...

O Centro Espiritualista Luz e Amor defende e propaga o Espiritismo dentro de normas elevadas e subordinado às leis vigentes. Tudo o que faz é baseado no respeito que lhe merece a pessoa humana. Acata os poderes constituídos e colabora com êles, sempre que a ocasião se apresenta. Os seus Estatutos prevêem a criação de organismos de alto alcance moral e social.

Tôdas as iniciativas que estabeleçam o primado do espírito merecem a sua aprovação e simpatia. Entende que se devem auxiliar as instituïções, no sentido da estabilidade governativa, sem a qual não há obra duradoira.

As idéias negativas não contam para nós. Idéias negativas são projectos mirabolantes de coleccionadores de utopias, insensíveis à realidade do presente.

Noticiário

Inauguração do novo ano espirita no Centro Espiritualista Luz e Amor

Com grande afluência de público, inaugurou-se no dia 3 de Outubro o novo ano espirita, com uma sessão solene, presidida pelo nosso colaborador e amigo sr. coronel Faure da Rosa e secretariada pelos ilustres médicos e nossos prestantes confrades Drs. Fred Wachsmann e Amílcar Ferreira Gonçalves. Ladeando a mesa, estavam também o Dr. Sebastião Elviro Martins, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, João José Alves, Presidente da Comissão de Contas, e Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção, a qual se encontrava representada por êste confrade e pelos srs. Estêvão Rodrigues e Damião Teixeira.

Aberta a sessão com uma concentração pelos guias do Centro e pela paz universal, o sr. coronel Faure da Rosa expôs os fins da reünião, dizendo que íamos entrar em novo ciclo de trabalhos; e, para que êles fôssem meritórios, era necessário cultivar em nós a bondade, pois só assim poderíamos eficientemente exemplificar a doutrina que propagamos. A propósito, referiu a história do Dr. George Washington Carver, grande cientista americano de raça negra, agrónomo, químico, pintor, uma enciclopédia viva com alma de apóstolo da Bondade. Raptado pelos ladrões, no tempo da escravatura, quando seguia com sua mãe, foi resgatado em troca de um cavalo velho. Em vez de alimentar pensamentos de vingança, procurou estudar e conseguiu notabilizar-se através de seus numerosos inventos baseados no amendoim e na batata doce, tudo em proveito da humanidade. O Parlamento prestou-lhe homenagem e quando êle falou, referindo o seu trabalho exausivo durante uma vida inteira de dedicação ao próximo, grandes ovações reboaram pela sala.

Tirando da história a moral que ela encerra, concitou todos a meditar no que pode uma vontade forte ao serviço da Bondade.

Em seguida, falou o nosso confrade sr. Artur Levy Gomes. Disse que se associava gostosamente à simpática comemoração, enaltecendo o trabalho e a persistência dos que dirigem êste Centro, espiritas devotados e corajosos a quem as dificuldades não amedrontam, pois as têm vencido sempre, devido a não se orientarem pela bússula do interêsse material, antes se entregando com amor à difusão

da doutrina que lhes confiaram. Não especificava ninguém, porque êles eram bem conhecidos, quer na administração, quer na propaganda por conferências e em artigos na modelar revista *Estudos Psíquicos*, órgão oficial do Centro.

Depois, contou alguns episódios reveladores do atraso de grande parte de indivíduos que se dedicam à prática de sessões espiritas e afirmou que era tempo de se esclarecer o povo àcêrca do Espiritismo, que é uma ciência tendente a libertar o homem de preconceitos que lhe limitam o pensamento. Ora, isto tem feito e faz o Centro E. Luz e Amor, com grande coragem e sacrifício, motivo por que lhe não faltará o auxílio dos nossos guias.

O sr. Filipe de Mendonça falou àcêrca dos esforços que o Centro envida no sentido de prestigiar o Espiritismo, que tão mal compreendido tem sido por quem despreza o estudo e a meditação, afirmando ser preciso fazer alguma coisa pelos confrades dos países assolados pela guerra e terminando por atacar os médiuns fraudadores, em termos bastante violentos.

Seguiu-se o sr. tenente João da Cruz. Aludiu ao facto que ali se comemorava e lembrou-se de contar o seu «caso», relativo à desencarnação de sua espôsa e que contribuiu decisivamente para o seu ingresso nas fileiras espiritas. Aludiu às curas magnéticas, que têm obrado verdadeiros prodígios e terminou fazendo votos pela felicidade do Centro, que era necessário auxiliar e fortalecer.

O secretário da Direcção, sr. Joaquim Estêvão Rodrigues, leu uma bem elaborada alocução, convidando todos a estudar a nossa filosofia, para que não fôssem colhidos de surpresa ao presencear os fenómenos. E narrou também o seu «caso», como já o confrade sr. João da Cruz o fizera momentos antes. As sessões espiritas — concluíu — devem ficar para o fim, quando a filosofia estiver bem assimilada.

O Dr. Fred Wachsmann, um dos secretários da mesa, ergueu-se para falar e soube fazê-lo de forma explícita, apesar de residir há pouco tempo em Portugal. O autor de «Pela Vitória do Espírito» fêz a destrinça entre Espiritismo e Espiritualismo e teceu um paralelismo entre a nossa doutrina e as várias religiões, para afirmar a necessidade de se extremarem os campos. Ouvindo falar em fraudes, disse que, muitas vezes, os médiuns não são responsáveis por elas. E aproveitou o ensejo para aludir aos fenómenos anímicos, que é indispensável estudar para se não confundirem com os fenómenos espiritas.

O nosso amigo sr. J. Gonçalves Losa, que representava a Ordem Esotérica Iniciática, falou também, frisando a necessidade da união das sociedades neo-espiritualistas e reconhecendo a boa vontade dos dirigentes dêste Centro, no sentido de alcançar êsse belo objectivo. E depois de algumas considerações àcêrca de solidariedade, terminou pedindo a todos que se unissem em tôrno da legenda desta casa, que é «Luz e Amor», palavras estas que exprimem a mais bela finalidade dum centro espiritualista.

Finalmente, usou da palavra o Presidente da Direcção, sr. Isidoro Duarte Santos, que começou por saüdar tôdas as sociedades congéneres que lutam pela defesa do Espiritualismo, agradecendo aos oradores precedentes as boas palavras que haviam proferido em abono do Centro e dizendo que a obra realizada era garantia de que o quinto ano que se iniciava seria digno dos restantes, em que tanto se trabalhou pela Causa, sem exclusivismos nem rivalidades esterilizantes. E se temos podido manter a homogeneidade de acção, isso se deve, em grande parte, ao apôio de amigos sinceros, entre os quais e sem desprimor para ninguém, citou Chelmicki Afflalo, que do Brasil nos tem auxiliado constantemente, Faure da Rosa, Fernando da Cruz Ferreira, João José Alves, Dr. Sebastião Elviro Martins e Eurico de Castro Zuzarte, não falando daquêles que, por dever de ofício, aqui trabalham cotidianamente. Apresentou-se também como defensor dos médiuns escrupulosos e honestos, que são preciosos instrumentos, sem os quais não poderemos provar a sobrevivência, nem as comunicações dos espíritos.

— É preciso cuidar dêstes médiuns — acrescentou — rodeá-los de carinho, proporcionar-lhes ambiente de confiança, onde possam trabalhar à vontade. E que os assistentes estudem, para saberem a atitude moral e espiritual que devem assumir nas sessões, evitando assim muitas fraudes inconscientes de alguns médiuns.

Aconselhou todos a proclamar livremente a sua crença espirita, sem temor do ridículo. O verdadeiro adepto não se importa de ironias ou motejos. Segue àvante na sua rota, pronto a defender a Causa que abraçou. Só assim merecerá o nome de espirita.

Lembrou também que esta inauguração coïncidia com o aniversário natalício de Allan Kardec, de quem traçou o elogio.

Todos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos.

Em determinada altura, o sr. coronel Faure da Rosa leu uma expressiva carta da Ex.ma Senhora D. Maria Veleda, confessando o seu pezar por lhe não ser permitido assistir a esta sessão inaugural, em virtude de pertinaz doença, mas que lhe era grato significar todo o seu interêsse pelo mais puro êxito da Idéia que ali nos reünia.

«A difusão do Espiritismo bem compreendido e orientado — escreve — deve abrir novos horizontes ao novo mundo e erguer a humanidade sofredora do fundo abismo, em que estes últimos, calamitosos anos, a precipitaram. Constituí vós, caríssimos ir-

mãos, um dos grupos de excelsos trabalhadores que, empunhando deslumbrantes fachos, iluminareis a Terra de lés-a-lés! ¡Não vos separem discórdias; não se entibie a vossa fé! Caminhai estreitamente unidos à conquista do Bem Universal e seja o vosso lema: — *Luz e Amor*. *Luz e Amor* em vossas almas, em todos os vossos actos e em tôdas as vossas aspirações».

Por esquecimento, não foi lida a carta em que a nossa ilustrada colaboradora *Haydi de Tebelen* lamentava não poder assistir à sessão inaugural, por se encontrar fora de Lisboa.

Eis alguns tópicos dessa carta, dirigida ao nosso companheiro Isidoro Duarte Santos:

«Peço-lhe que transmita as minhas fraternais saüdações aos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor. E para êste prestimoso e nosso muito querido Centro eu peço ao Alto tôdas as graças, afim de que os seus trabalhos comecem e terminem repletos do maior brilhantismo. A causa espiritualista em Portugal tem um vasto campo onde muito há que semear, na aplicação do pensamento de V. Hugo: «Instruir é construir». Será esta uma das mais belas missões do Centro, que para êsse fim carece de dedicações que, estou certa, serão em 1943-44 mais numerosas e tão ardentes e sinceras, como as que até hoje aí têm trabalhado junto do meu prezado irmão e digníssimo presidente dêsse Centro.

«Saúdo também calorosamente o grande lutador *Estudos Psíquicos*, desejando-lhe possa continuar cada vez mais corajosa e brilhantemente a pelejar pela Causa Espirita. Com êste precioso colaborador, decerto que o Centro E. Luz e Amor poderá marcar nos seus anais mais um glorioso ano de profícuo labor. São estes os meus mais fervorosos votos.»

E assim terminou a reünião, deixando em todos os ânimos a certeza de que êste Centro continuará a esforçar-se pelo bom nome do Espiritismo em Portugal.

Sessões experimentais

A direcção do Centro E. Luz e Amor, considerando a desvantagem de assistirem às sessões experimentais elementos estranhos ao Centro, embora acompanhados por associados, resolveu alterar o Regulamento das Sessões Experimentais no sentido de limitar os trabalhos práticos aos sócios no uso pleno dos seus direitos, o que se verificará pela apresentação da cota do mês anterior. Os casos especiais serão apreciados e resolvidos pela mesma Direcção.

Auxílio aos necessitados

Como nos anos anteriores, abrirmos as nossas colunas a esta rubrica, apelando para a generosidade de sócios e leitores, afim de podermos contemplar alguns necessitados. O Natal aproxima-se, o frio ameaça a pobreza dos desnudos e a fome bate à porta dos desamparados. Que o nosso óbulo caia, como orvalho celeste, no álgido casebre dos pobrezinhos. Tudo quanto fizermos, redundará em benefício próprio. A consciência nos recompensará.

Centro E. Luz e Amor	60$00
Isidoro Duarte Santos	20$00
João José Alves	10$00
Maria Gonçalves Duarte Santos	20$00
António Castanheira de Moura	20$00
Joaquim Estêvão Rodrigues	10$00
Dr. Fred Wachsmann	20$00
Total	160$00

Fernando da Cruz Ferreira

Êste nosso querido amigo, colaborador de *Estudos Psíquicos* e benemérito do Centro Espiritualista Luz e Amor, acaba de sofrer um profundo golpe com a desencarnação de sua virtuosa espôsa, Ex.ma Senhora D. Laura da Cruz Ferreira e de seu irmão Manuel da Cruz Ferreira, residente em Lisboa.

D. Laura da Cruz Ferreira encontrava-se doente há meses; e embora poucas esperanças houvesse de a salvar, o seu trespasse constituiu um choque violento que muito impressionou todos quantos tinham privado com a extinta.

¡Luz ao seus espíritos, que se desprenderam dos liames terrenos e acabam de entrar no outro lado da vida! Quanto a Fernando da Cruz Ferreira, espirita convicto e generoso, abraçamo-lo comovidamente, na certeza de que saberá enfrentar o acontecimento. A sua fé inabalável e o seu anseio de harmonia e de justiça para todos prepará-lo-ão para bem cumprir a missão de que está investido.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Novembro

Dia 7, às 16.00 — Sessão experimental, exclusivamente para sócios com as cotas em dia.

Dia 14, às 16.00 — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Solidariedade». Entrada pública.

Dia 21 às 16.00 — Sessão experimental, exclusivamente para sócios com as cotas em dia.

Dia 28 — Sessão solene de homenagem ao General Passaláqua.

Ao entrar na nova fase, Estudos Psíquicos **saúda tôda a imprensa espiritualista mundial e os colaboradores, assinantes e leitores que a distinguem com a sua preferência.**

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

ALLAN KARDEC

	br.	enc.
O Principiante Espirita	4$50	
O que é o Espiritismo	6$50	
A Génesis	14$00	20$00
Obras Póstumas	14$00	20$00
O Livro dos Médiuns	14$00	

LÉON DENIS

Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	9$00	
O Porquê da Vida	8$00	
O Problema do Sêr e do Destino	15$00	21$00
Cristianismo e Espiritismo	15$00	21$00
Depois da Morte	15$00	21$00
Joana d'Arc Médium	15$00	21$00

GABRIEL DELANNE

A Alma é Imortal	15$00	21$00

ERNESTO BOZZANO

Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	

DR. A. LÔBO VILELA

Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	

F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)

Crónicas d'Além-Túmulo	10$00	
Novas Mensagens	10$00	
O Consolador	10$00	
Parpaso d'Além-Túmulo (poesia)	14$00	20$00
Há Dois Mil Anos (romance)	15$00	21$00
Cinqüenta Anos Depois (romance)	15$00	21$00

J. W. ROCHESTER

Herculanum (romance)	15$00	21$00

CAMILO FLAMMARION

O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	19$00	24$00
O Fim do Mundo	11$00	

CHARLES RICHET

A Grande Esperança	12$00	

ALMERINDO M. DE CASTRO

O Martírio dos Suïcidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00

ALEXANDRE DIAS

A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

LEOPOLDO MACHADO

Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	

BITTENCOURT SAMPAIO

De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	10$00	16$00

JOSÉ SURINACH

Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	11$00

OSVALDO MELO

Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60

OBRAS DIVERSAS

Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira*	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão*	14$00	20$00
Cristianismo (O), do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	15$00	21$00
De Maria para suas filhas	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão*	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	

(Continua na pág. seguinte)

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	14$00	20$00
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões (As) Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	4$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*.	12$00	18$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	7$50	13$50

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

Pela Vitória do Espírito

Pelo Dr. Fred Wachsmann

Um grande volume de 521 páginas — 35$00
Pedidos á nossa secção de Livraria

Estudo filosófico comparativo das doutrinas materialistas, neopositivistas, espiritualistas e esotéricas, em que o Espiritismo é analisado no quadro das ciências contemporâneas.

É o estudo mais importante publicado em Portugal àcêrca do Espiritismo.

COLECÇÕES DE Estudos Psíquicos

Artisticamente encadernado a percalina azul, encontra-se à venda nesta redacção o 1.º volume de *Estudos Psíquicos,* contendo os dois primeiros anos de publicação, dos quais muitos números estão esgotados.

Preço, incluindo porte de correio — 70$00

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V DEZEMBRO DE 1943 N.º 2

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM : Confiança, da redacção — Debilidade mental, — II — pelo **coronel Faure da Rosa** — "Estudos Psíquicos" e os leitores — O Espiritismo revelador da Verdade — II —, por **Haydi de Tebelen** — «Pela vitória do espírito», por **F. Noronha** — Fraternidade espiritual — II —, por **J. Gonçalves Losa** — Resumo da doutrina espirita — I —, pelo **Dr. Gustave Geley** — A marcha do Espiritismo — Evolução da personalidade — Obsessão e possessão, pelo **Dr. A. D. Pratas** — A lei de Caím, por **Ruy Barbosa** — As energias psíquicas, por **Álvaro Ramos Pereira** — Contrastes de raciocínio, por **Ernesto Pérez Méndez** — Crónica estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos** — Notas & Comentários — Por êsse mundo... — Noticiário.

O Marechal do Ar *sir* Hugh Dowding, que acaba de converter-se ao Espiritismo

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

(PUBLICAÇÃO BIMESTRAL)

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

Direcção e Edição de MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores-correspondentes:

Em **França**	Dr. Gabriel Gobron
No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (cada série de seis números)*... ...	*18$00*
	Colónias ... ... » » » » »	*25$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » » » » »	*18$00*
	Brasil ... ... » » » » »	*25$00*
	Outros países ... » » » » »	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

Composto e Impresso na Tip. SILVAS, Ltd. — R. D. Pedro, V. 120 • • VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º LISBOA, DEZEMBRO DE 1943 N.º 2

CONFIANÇA

Nesta hora de luta e de desvairo em que a mocidade em flor vê ceifadas as suas melhores esperanças; em que os interêsses dinásticos se opõem vivamente às aspirações, nem sempre comedidas, de multidões desorientadas; em que os sentimentos dão largas à ânsia de expansão, como explosivos subordinados a fôrças incoercíveis, é preciso enfrentar o tumulto, em holocausto ao património espiritual da humanidade.

À atmosfera de dúvida que se adensa hora a hora, é necessário contrapor a atmosfera de confiança, porque nem tudo se obliterou ainda neste planeta de provação e expiação. O homem não retrograda. Cai hoje, para se levantar àmanhã, célula indivisível dum aglomerado inteligente, de origem divina, que recua muitas vezes, no sentido de melhor firmar o salto no caminho pedregoso da evolução geral.

As correntes espiritualistas não puderam fugir ao influxo apontado e debatem-se entre problemas insolúveis, o maior dos quais se baseia na solidariedade e na confiança que devem inspirar as obras que já deram provas de acção disciplinada.

No campo espirita, a excepção não assentou arraiais. Por todos os lados há desânimo, falta de confiança, desagregação e marasmo, adeptos que servem de calço ao movimento da Doutrina, em vez de o impulsionar com entusiasmo, adeptos que sentem a verdade dos nossos postulados e os negam na primeira altura, com receio de que os apodem de loucos ou mentecaptos...

Os grupos familiares, em geral, não têm espírito colaboracionista, indispensável ao progresso moral dos indivíduos que os compõem. Limitação é sinónimo de estacionamento. O Espiritismo tende à descoberta do homem, afim de o revelar ao próprio homem, mas escoimado de particularismos, de espírito de seita, integrado nos verdadeiros princípios que informam e corporizam a sua aspiração de vida material e espiritual.

A obra é grande, vastíssimo o seu terreno de cultura. Cada grupo seja uma lanterna de vida, cada centro uma fonte de luz inofuscável em perpétua irradiação, sem dissídios, sem animadversões, sem rivalidades, que conduzem ao enfraquecimento.

Agrupemo-nos segundo as nossas afinidades. Não malbaratemos a vida em questiúnculas estéreis. O Ideal espera de nós qualquer esfôrço de reabilitação que faça esquecer os erros de ontem e prepare o campo para o trabalho de amanhã.

Reconsideremos, lancemos os olhos sôbre as faltas do passado e procuremos substituí-las pela confiança no presente, cheio de dificuldades, é certo, mas pleno de realizações que imporão para todo o sempre a nossa ideologia.

Nesta hora de luta e de desvairo, sejamos solidários e dignos da bandeira que nos cobre a todos, adeptos duma doutrina que ensina a ser bom e a conhecer a verdadeira missão do homem.

Confiemos e não percamos a esperança. O mundo será o que nós formos.

DEBILIDADE MENTAL

pelo Coronel Faure da Rosa

II

OS sábios ortodoxos interessam-se em destruir os factos afim de que não pereça a sua concepção do universo, a tanto custo arquitectada. Mas os factos impõem-se e perduram, ao passo que os sistemas concebidos pelos homens são singularmente efémeros.

¿Quantas curas se não têm feito e fazem pela sugestão?

É por meio da hipnose que se consegue a sugestão terapêutica: muitas vezes os médicos a tem utilizado para darem sugestões curativas — escreve o dr. E. Pascal.

Depois de diversos ensaios, o dr. Pascal escolheu uma mistura de dois narcóticos: a «scopolamina» e o «cloralose» a que deu o nome de «scopocloralose». Esta mistura, tomada na dose suficiente produz uma espécie de sono sonambúlico, inteiramente semelhante ao sono hipnótico profundo, no qual se observam as três características dos estados segundos: amnésia ao acordar, sugestibilidade e memória alterante.

A consecução do sono hipnótico por meio da ingestão da «scopocloralose» responde vitoriosamente aos críticos que negam o hipnotismo. A hipnose, como estado subconsciente que é, tem uma importância enorme para a metapsíquica.

O dr. Pascal entende que o sonambulismo natural, a embriaguês do «hachich», o êxtase dos místicos, o transe dos médiuns, sob os seus diversos aspectos, não são mais que formas do sono hipnótico.

As experiências com a «scopocloralose» foram feitas pelo dr. Pascal e outros médicos, de 1928 a 1934. Desde então sabem os metapsiquistas e os espiritistas que existe uma substância (inofensiva se fôr aplicada com prudência) que lhes permite profundar o sono dos seus médiuns ou adormecer os que são refractários aos processos habituais.

Médicos de Paris, de Nice, de Lausanne, de Bordeus, conseguiram variadas curas com o emprêgo da «scopocloralose», que permite a sugestão profunda. Êste método psicoterápico foi objecto dum relatório circunstanciado que o dr. Baruk apresentou ao Congresso dos Médicos alienistas e neurologistas, realizado em Bruxelas em 1935.

Marcel Boll transcreve também, uma sentença de morte da autoria de Lucien Guénot: «A despeito de milhares de testemunhas, quer o pêndulo do radiestesista ou o telediagnóstico; quer a aposição das mãos ou a telepatia; tanto o ectoplasma como a adivinhação astrológica ou a quiromância, tudo isto — desde *A* até *Z* — não é mais que ilusão, trapaça interessada ou mentira».

Não escapa uma só letra do alfabeto: vai tudo razo. Não se pode ser nem mais radical, nem mais dogmático. Êle não apresenta experiências suas que destruam ou deminuam as de outrem: limita-se a negar. É cómodo e dá pouco trabalho.

Em radiestesia há o caso clássico da descoberta do duplo assassínio de Lyon por Jacques Aymar, que merece ser contado.

Na investigação a que se procedeu para a descoberta dos assassinos, Aymar saiu da cidade e, seguindo o Reno, chegou, num dado momento, a casa dum jardineiro, onde — afirmava Aymar — teriam entrado os assassinos e bebido o conteúdo duma garrafa, por cima da qual a varinha voltejou. O jardineiro negou o facto com firmeza; o rabdomante aplicou a varinha ao jardineiro, a qual não se moveu, mas tornou a voltear aplicada aos dois filhos, rapazes muito novos. Apertados com preguntas, os pequenos acabaram por confessar o que tinham querido ocultar com receio de serem castigados por terem deixado a porta da casa aberta, não obstante a proïbição do pai. As crianças contaram que no domingo de manhã, três homens, dos quais deram os sinais, se tinham introduzido em casa, onde haviam bebido o vinho que estava na garrafa designada pela varinha. Quando, dias depois, a varinha de Aymar voltejou em um dos indiciados cúmplices do assassino, em Blancaire, e o

prenderam como suspeito, primeiramente negou que tivesse tido participação no crime e até que jámais tivesse posto os pés em Lyon; mas, como o obrigassem a percorrer em sentido inverso o caminho que tinha seguido quando fugira, teve a infelicidade de ser reconhecido em quási todos os sítios em que parava, compreendendo os filhos do jardineiro. Então, confundido pelo concurso de tanta testemunha, o miserável fez uma confissão completa.

A varinha de Aymar teve a virtude de desenvolver ràpidamente em França grande número de rabdomantes, como anteriormente a varinha de J. Dee (1), em Inglaterra, e as investigações do Padre Kircher (2) na Alemanha e Itália.

O oratariano padre Le Brun publicou, à volta de 1696, a célebre *História crítica das práticas supersticiosas*, na qual, em resumo, considera como supersticiosa qualquer crença no «maravilhoso» que não possua a característica de milagre católico, mas não se mostra dos mais crédulos em fenómenos inhabituais produzidos por via diferente, mesmo relativamente aos milagres ortodoxos.

O espírito negativista do Padre Le Blun flectiu perante o bom êxito alcançado por Aymar na descoberta dos autores do crime de Lyon.

«Não vejo» — diz o Padre — «que se possa considerar fábula a história da descoberta de Lyon. ¿Como poderia êle adivinhar tudo que disse? ¿Como poderia êle ter sabido que os assassinos se tinnam assentado em tais e tais bancos, que tinham dormido em tais camas, falado com tais pessoas e que tinham passado por debaixo da ponte de Viena, por onde nenhum barco costumava passar? A varinha forneceu um pormenor surpreendente: deu a conhecer a machada de que o assassino se servira, embora estivesse misturada com outras e escondida, ora no chão, ora no fêno. ¿Que há que dizer a isto?»

Em 1934 os jornais franceses assinalaram três casos de descobertas feitas por radiestesistas.

O primeiro respeita ao crime de Grand' Combe (Gard) onde Alberto Etienne foi assassinado por um indivíduo chamado Fabreguettes.

Trata-se dum caso semelhante ao de Aymar na descoberta do crime de Lyon, atrás narrado.

Enquanto a polícia procurava o desaparecido Alberto Etienne, o pai dêste, tendo sérias suspeitas de Fabreguettes, que habitava a última casa onde Etienne entrara, escreveu ao padre Gerlac, vedor emérito, a pedir-lhe o seu auxílio. O religioso chegou a Grand'Combe na sexta-feira 10 de Agosto de 1934, às 15 horas; dirigiu-se logo ao domicílio do desaparecido, onde lhe deram, a seu pedido, papeis e peças de vestuário que Etienne tinha usado. Com êstes objectos e com a varinha nas mãos, seguiu o itinerário percorrido por Etienne: chegou a Mas-Dieu cêrca das 16 horas e 30, onde, nêsse momento, o presumido assassino Mário Fabreguettes estava sendo interrogado pela polícia. O padre Gerlac, sem se ocupar dêle, saiu para a rua; chegado diante da oficina de marcenaria, a varinha agitou-se violentamente. O padre-vedor continuou a caminhar: à medida que se afastava da oficina, os movimentos diminuiam, até que desapareceram de todo. O padre Gerlac, retrocedeu e parou de novo diante da porta da marcenaria: os movimentos da varinha recomeçaram.

— *O cadáver está ali,* declarou o padre Gerlac; *a minha missão está terminada.* Algumas horas mais tarde, depois da confissão do assassino, o corpo foi encontrado no fôrno da casa de Fabreguettes.

O segundo caso consta dum telegrama de La Rochelle de 20 de Agosto de 1934: G. Guérin, professor do colégio de Fontenay-le-Comte, com a colaboração de outro vedor, o Abade Murzeau, fez descobertas interessantes na quinta de Jeulle, situada a 50 km. de La Rochelle.

Algumas semanas antes, quando procediam às fundações duma nova construção numa dependência desta quinta, descobriu-se um túmulo carlovingiano. Decidiu-se então, com o proprietário Baren-Latouche, que o professor tentasse descobrir outras sepulturas e explicar a origem remota desta quinta. Nos princípios de Junho, Guérin abriu a primeira trincheira que pôs a descoberto uma fossa de incineração onde se encontrou uma cabra inteira, sem dúvida

(1) Matemático e astrónomo inglês. Celebrizou-se pelos seus conhecimentos astronómicos (527-1607).

(2) Sábio religioso alemão que estudou quási todos os conhecimentos humanos da época. Atribui-se-lhe a invenção da lanterna mágica. Nasceu em Geysen (Alemanha) em 1602 e faleceu em Roma em 1680.

votada a qualquer sacrifício da época, aparentemente anterior ao período galo-romano. Aberta a segunda trincheira, apareceu uma urna soberba do princípio da dinastia Merovingiana. Quando se fez a excavação dêste túmulo, viu-se que uma sepultura anterior tinha sido revolvida e o estado das oblatas recolhidas demonstrou que numerosos séculos tinham decorrido entre as duas inumações. A terceira localização foi reconhecida de maneira idêntica, num túmulo já destruído.

O terceiro caso passou-se na aldeia d'Ardileres-en-Aunis, onde um eclesiástico rabdomante descobriu, debaixo da igreja, três construções subterrâneas e metais preciosos. O mestre-escola pediu e obteve do *maire* e do cura autorização para cavar o sub-solo da igreja. Descobriu a princípio uma lousa; continuando a cavar atinjiu outra, que, sem dúvida cobria um túmulo. Mas, na aldeia, houve quem se emocionasse com o acontecimento. Talvez o pesquizador viesse a encontrar um tesouro... ¿¡Quem sabia até, se não o teria já encontrado?!...

Em resumo, o conselho municipal e o sub-prefeito de Rochefort tomaram conta do caso; mas parece que, por fim, tudo se arranjou a contento de tôda a gente...

Por outro lado, os jornais do Dauphiné ocuparam-se da descoberta dum lençol de água corrente subterrânea, em Romans, pelo vedor Maurício Tailland, de Montélimar, que iria abastecer os subúrbios da cidade — a cidade operária Jules Nadi. «Mas a descoberta de água, dora ávante, é um facto quási banal na arte dos vedores», afirma o articulista.

Em Maio de 1937 o radiestesista de Dijon, A. Doret, descobriu o paradeiro duma criança desaparecida.

«O meu pêndulo» — dizia êle numa carta — indica-me que o pequeno está deitado e morto, no rio Vezouze, a cêrca de 500 a 600 metros ao norte do confluente do Vacon. Nesse sítio a água tem a profundidade de 2m,50 a 2m,80 e as margens são talhadas a pique. Segundo as minhas investigações, o rapaz teria caído no rio às 19 h. e 15, pouco mais ou menos, no dia do seu desaparecimento, no caminho que vai de Domêvre a Blamont.»

Tôdas as informações eram rigorosamente exactas.

Quanto a telediagnósticos, lembro a carta que o dr. Valmyre, médico-chefe dos Hospícios d'Ayères, escreveu as dr. Rendu a rebater muitas das suas afirmações de descrédito àcêrca da radiestesia. Convida o colega a estudar a radiestesia antes de a condenar. Entende o dr. Valmyre que a radiestesia é ciência que deve pertencer exclusivamente aos médicos, a médicos treinados, e que pode tornar-se um auxiliar precioso da clínica médica. «Tudo vibra e irradia; a radiestesia, segundo a lei física da transmissão das ondas sonoras, busca, por uma técnica especial que exige um treino demorado, os comprimentos de ondas das doenças, da virulência dos gérmenes patogénicos, da resistência do doente, etc.».

O pêndulo não revela nem os nomes das doenças nem quaisquer segredos; o pêndulo não faz milagres. Permite que os sensitivos — sejam médicos ou engenheiros, sejam sacerdotes, vedores ou médiums — descubram *dissemelhanças*. Pode quem quer que seja servir-se do pêndulo, mas nem tôda a gente tem condições de o fazer... falar.

Myers, em *The Human Personality*, explica como a mediunidade da sr.ª Piper o pôs em contacto com o espírito desencarnado de Hodgson, isto é, como as mensagens do Além lhe forneceram provas de comunicação entre os viventes da Terra e os do Astral. Esta coragem dum sábio do valor de Myers, valeu-lhe que o dr. Thomas Bret o tratasse por «lírico» e que, com ares de motejo, dissesse que o *frio raciocínio do psicólogo* fôra substituído «por um tom lamecha que choca o leitor científico vulgar».

É isto: os sábios negativistas entendem que os raciocínios puros, «frios», são apanágio seu. Os sábios espiritualistas, desde que se permitam asserções — embora fundamentadas em factos inhabituais — que os contrariem, passam a ser «líricos», «ingénuos», «débeis de juízo». Êstes sábios provaram, demonstraram que a acção telepática é ilimitada, que suprime todos os obstáculos e liga os viventes da terra aos viventes do espaço. A telepatia é a manifestação duma lei universal e eterna como a própria vida.

Montesquieu (século XVIII) dizia que as leis são as relações necessárias que derivam da natureza das coisas.

«As leis naturais são de tal forma essenciais que é por meio delas que tudo se executa na ordem instituída pelo Autor da Natureza».

Engels — discípulo de Marx — também entendia que em nenhuma ciência existem verdades definitivas e sem apêlo.

Lahy, um dos mestres da psíco-técnica, afirma que «as ciências derivam das criações realizadas pelo homem no domínio da prática. É da prática, e com o auxílio de métodos cada vez mais aperfeiçoados, que nasce a teoria e que, pela movimentação dialéctica, aparece a ciência. A ciência, por conseguinte, não é a teoria pura, nem a sua aplicação simples, mas uma síntese da prática dirigida pela teoria e da teoria incessantemente enriquecida pela prática».

Esta afirmação corrobora o que já há muito tempo se sabe: que a autoridade dos mestres, por mais sábios que sejam, de nada vale se as suas deduções não se basearem na prática, isto é, em factos, bem controlados, bem analisados. Mas, para os obter é indispensável fazer experiências, sem desânimo e sem opiniões preconcebidas, decerto, quer sejam a favor quer contra, porque o pior cego é aquêle que não quer ver.

De resto, epistemologistas severos, mas sérios, como André Cresson, demonstram que «não é pelo raciocínio *a priori* que se pode conhecer o universo; só um método é válido no estudo da natureza: o método experimental. *Tudo está em se observarem os fenómenos, em se tentar compreendê-los, em se verificarem, por experiências metódicas, as idéias concebidas a respeito dêles*».

W. Whateley Smith, que depois passou a chamar-se W.hateley Carrington, dizia: «quem quer que seja que tente uma experiência ainda não tentada, presta um serviço à humanidade. E tanto bem resulta se a experiência tiver bom êxito como se o tiver mau. Se fôr bom, uma nova lei se descobre; se fôr mau, demonstra-se que a suposta lei não é justa».

São êstes os processos de trabalho que a «debilidade mental» dos metapsíquistas e espiritistas preconiza e adopta, processos que estão em manifesto contraste com a descomposta «rijeza mental» dos dogmáticos julgadores materialistas como Marcel Boll.

O ESCALRACHO DA GRALHA — No meu artigo anterior, a páginas 2, linha 30.ª, saiu «pareça comparar-se em audaciosas...», em vez de pareça *comprazer-se* em audaciosas..., o que torna incompreensível a frase.

«Estudos Psíquicos» e os leitores

«Estudos Psíquicos *constitui o traço de união entre todos os espiritistas que praticam a verdadeira doutrina do Mestre e é o padrão que demonstra às gerações hodiernas e demonstrará às vindouras a existência de núcleos de sã moral que acima da vil matéria que domina o mundo colocam a fé ardente no Senhor Jesus, a prática do Bem e a elevação do espírito, única e verdadeira felicidade que perfuma as existências terrenas.*»

Lindolfo Coelho, *de Lisboa*

«*Não deixe morrer a «Nossa Revista». Se fôr necessário maior auxílio, cá estou pronto para todos os sacrifícios, a bem da Causa.*»

José Pais de Carvalho,
de Mangualde

«*Logo que comecei a receber* Estudos Psíquicos, *o órgão que neste querido país mais e melhor pugna pela nossa Causa, lancei-me mais assiduamente ao estudo da ciência espírita. Maravilhado ainda com a primeira impressão que me deixou esta revista, resolvi testemunhar a V. o prazer que sinto quando ela me chega às mãos, esperada com fervor, visto estar habituado a deliciar-me com os seus estudos. Além disso, tenho beneficiado do seu valor cultural e moral.*»

Boanerges Cunha, *de Matozinhos*

«*Aderindo ao vosso movimento progressista, aplaudo a vossa idéia de publicar a revista mensalmente. Considero-a a melhor publicação espírita portuguesa e merece o apôio e o carinho de todos os que desejam ver mais alto e libertar o pensamento das misérias terrenas.*»

Américo Viegas Alves,
de Alportel

Permita V. que lhe apresente as minhas felicitações pela boa apresentação gráfica e valor científico-filosófico que revelam especialmente os últimos números de Estudos Psíquicos. *Revistas como esta são dignas da causa que defendem e nobilitam e dignificam quem as dirige.*

Dr. Manuel Baptista,
de Coimbra

O Espiritismo revelador da verdade

por Haydi de Tebelen

II

«A Arte é a vida na sua máxima intensidade e revela a beleza e o valor das actividades humanas; mas a sua missão é mostrar aos homens que a vida é como o vitral colorido de portentosa cúpula, reflectindo em vários coloridos a branca irradiação da Eterdade».

C. J.

Eis porque se diz que a arte é uma manifestação verdadeiramente moral, porque ela permite uma grande elevação de espírito, e facilita ao homem fugir à sua natureza animal.

Pela arte aproxima-se do grande desconhecido, de que só, entre todos os seres que lhe são conhecidos, êle tem a consciência. Esta desperta, evolui, e, acompanhando esta evolução, o sentimento artístico evolui também.

A arte na sua mais alta manifestação está em contacto com o Mundo Superior, e ser artista é ter a faculdade de extrair da vida mais vida.

O génio pode pôr-se em relação com êsse mundo, o que levou Schopenkaner a dizer da arte:

— A sua única origem é o conhecimento das Idéias; a sua única mira, a comunicação dêsse conhecimento.

A elegância da Escultura e da Pintura póe-nos em contacto com as belezas da natureza. A Poesia,, a Escultura, a Pintura e a Música, traduzidas pelo ritmo da palavra, põem-nos em relação com o Ideal.

A Arte Dramática faz-nos compreender a vida com imparcialidade. A Arquitectura é uma forma do pensamento materializada na pedra. A Música faz-nos sentir a nossa imortalidade.

A verdadeira arte é a mais alta intuição pela qual se pode encarar o homem e o mundo, sob o ponto de vista divino. A arte auxilia a evolução; é esta a sua verdadeira função para nos pôr em contacto com o que é espiritualmente belo e perfeito.

A Arte é pois um factor da evolução do Espírito.

É ainda o poder do amor que leva o homem, na sua evolução, a fazer prodígios, e um dêles foi grande, apezar da singeleza do gesto, pois que o impulsionou para o culto da beleza.

Um jovem vendo o perfil da sua amada projectado na parede, lembrou-se de fixar ali o contôrno dessa sombra. Desta feliz idéia nasceu o primeiro artista, e com êle, as primeiras manifestações que deram origem à pintura e à esculutra.

— Recenchegado a êste mundo, o homem sente-se envolvido e penetrado de misticismo. Êle não se preocupa com a análise, porque êle próprio se desconhece, mas procura compreender a relação que existe entre si e o que o envolve. Mas nada o esclarece nessa grande e sombria noite. Em tôda a parte o mistério e o receio o esmagam.

O poder do Oculto subjuga-o; sente que uma Fôrça Superior o governa, assim como tudo que o rodeia, mas que êle não compreende.

Em cavernas pre-históricas foram encontrados desenhos denotando um verdadeiro sentido supersticioso. Parece que a concepção mística das coisas veio com a origem do pensamento humano. A pouco e pouco, o homem foi criando símbolos que traduziu nos seus desenhos, que eram sempre colocados nos lugares menos acessíveis das cavernas.

Parece que êsses símbolos constituiam uma linguagem e só deviam ser conhecidos daquêles que nêles fôssem iniciados.

Os símbolos são a expressão externa dos princípios internos. O princípio da história dos símbolos, fruto da sabedoria dos nossos pais — os Grandes Iniciados — perde-se na noite dos tempos. Contudo, verifica-se que a arte está intimamente ligada à nossa doutrina, que, como sabemos, é tão velha como a própria humanidade.

As primeiras tentativas arquitectónicas e escultóricas encontram-se nos monumentos da civilização da pedra neolítica. Êstes monumentos são túmulos, meheirs e dolmens, longos, circulares, ou pedras que atingem gigantescas alturas, semelhantes a obeliscos. Nestes também se encontram as primeiras tentativas decorativas, e com inscrições, como a célebre pedra runica de Sko-Ang, na Suécia, e a pedra de Rok, na Jutlândia, e a de Kallerup, na Zelândia, Dinamarca, etc.

Estas pedras eram colocadas sob a direcção dos druídas, e êstes monumentos atingiram por vezes

extensões extraordinárias. Alguns eram consagrados ao culto druídico, ou seja às primitivas reüniões espiritas, como hoje se lhes chamaria.

Os templos druídicos encontram-se em tôda a Europa, na Argélia, na Índia e Palestina, sendo Marrocos o país mais rico nêste género de monumentos. Também se encontram na Ásia e na América. Existem monumentos megalíticos curiosíssimos pelas suas formas; alguns parecem verdadeiras montanhas, como o de S. Miguel, em Karnac, em cima do qual os romanos construiram um templo.

A Bíblia faz várias referências a estas pedras, quando diz: «— Jacob quis ungir a pedra em que apoiou a cabeça para dormir.» — É José quem determina que se tomem pedras do Jordão e se coloquem no acampamento como monumento comemorativo.»

As cerimónias que os druídas realizaram junto a êstes túmulos ou monumentos, ainda se praticam no norte de África, nalgumas seitas; a essência é, como já disse, a primitiva fase do Espiritismo.

Em estâncias lacustres foram encontrados objectos da idade do bronze, tais como machados, espadas e vasos monumentais, demonstrando uma técnica já avançada.

O homem evolui, e, com êle, os processos artísticos atingem a expressão máxima da técnica que levou Pigmalião apaixonado a cair de joelhos ante a estátua de Galateia. Diante dela, suplica-lhe que lhe fale, tão perfeita ela é. Contudo, falta-lhe o sôpro da Vida, que não podia unir-se àquela espécie de matéria.

Um colaborador do jornal *Clarté* escreveu que «a arte é um monumento evocador, erguido para o futuro e que deve permitir aos historiadores de amanhã descobrirem na sombra dos anos mortos os nossos verdadeiros pensamentos e esperanças. A obra artística constitui tôda a recordação que fica depois de nós.»

As belas-artes tornaram o sentimento estético, isto é, traduziram aquêle que é o traço de união entre o espírito e o mundo exterior. Elas deram o mais forte impulso ao desenvolvimento da vida sentimental do homem. E foram elas, sem dúvida, os mais fortes alicerces do aperfeiçoamento moral dos povos, sendo chamadas a traduzir em formas delicadas adaptadas às necessidades do Belo, tôdas as manifestações criadas pelos homens.

Na idade do bronze manifestou-se uma pronunciada tendência para a arte e os museus conservam grandes provas dos processos que atingiram o desenvolvimento técnico dos primeiros povos.

Dividem-se as belas-artes em artes plásticas e acústicas, isto é, em arte objectiva e subjectiva.

As primeiras são a Escultura, a Arquitectura e a Pintura. As segundas, a Música, a Poesia e a Literatura.

Nelas também o simbolismo existe na forma mais elevada.

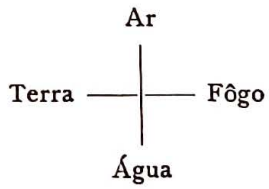
Na antiguidade, a arte fazia parte do ensino esotérico.

Os símbolos iniciàticos sôbre os quais possuímos mais completos conhecimentos, são egípcios. Mas encontramo-los já muito avançados na sua evolução do *fétiche* em Deus e a apoteose da concepção mística primitiva continuará em mil formas, e a sua história é extremamente complexa.

Nela se encontra o desenvolvimento social, o progresso do espírito humano, e o seu desejo para vôos mais elevados. No segrêdo do silêncio dos temples, a doutrina espirita — então hermética — era praticada e ensinada. Os seus símbolos em desenho, pintura, escultura e arquitectura eram o veículo mágico — que levava o pensamento humano para as regiões misteriosas e em geral inacessíveis do abstracto e do absoluto.

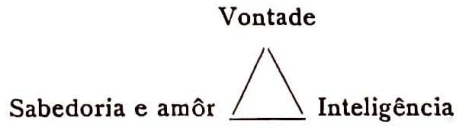
A arte do desenho deu-nos o primeiro livro da humanidade. Nêsse Livro Celeste só podiam ler os sábios da antiguidade, os sacerdotes-iniciados. Nêsse livro escrito em símbolos encontrava-se a cruz, o triângulo e a estrêla.

A cruz simbolizava, e simboliza ainda hoje, os quatro elementos da natureza:



A cruz suástica, hoje tão conhecida, representa o fôgo divino.

O triângulo, da mais remota antiguidade, é adoptado por várias religiões e significa:



que se traduz na Kabala Hebraica pela Trindade: Keter, a Corôa; Hockma, a Sabedoria; e Binah, a Inteligência.

Na Índia, representa Brahma-Shiva-Sat; na Caldeia, Ulmus, Olusurus e Elium; no Egito, Osinis-Isis-Orus; e na Samotrácia (Grécia) na personificação das fôrças naturais; axéros-axieros-Axierokarsa, que deu a Trindade Cristã: Pai, Filho e Espírito Santo.

A estrêla indicava a iniciação. O sol, que para um maometano representa a figura de Allah, para um cristão é o símbolo da Vida.

O progresso social trouxe o desenvolvimento da arquitectura, e na velha civilização da Caldeia as construções eram pesadíssimas, baixas e longas, conformes ao espírito da época. As primeiras manifestações arquitectónicas encontram-se nos palácios reais, e nos templos, residências dos deuses.

Nessas épocas, a Escultura e a Arquitectura evoluem conjuntamente e só se aplicam nêsses grandes monumentos.

Depois da Caldéia, aparece a arte egípcia, com as suas magníficas construções, principalmente os templos e os palácios. Tinha êste povo um grande culto pela Beleza, a ponto que, mesmo nas casas de camponeses, êsse sentimento se revelava de maneira muito pronunciada.

Primeiramente, são os monumentos e todos os templos erguidos na antiguidade a tôdas as divindades conhecidas, ou para nós desconhecidas. Os mais notáveis são as Pirâmides e a Grande Esfinge do Egipto. Provam-nos êstes grandes monumentos na sua forma mais elevada, que a nossa doutrina está expressa no simbolismo, que êste é a Arte, e que esta é a beleza que exalta o pensamento, exaltando também a matéria.

Os templos são livros de imagens, «bíblias de pedra», maravilhas que os mestres da antiguidade nos legaram.

No Oriente, a arte é religiosa, expressa o culto do Infinito e do Abstracto. Deus é tudo, o homem não é nada.

A mais clara, a mais evidente, a mais flagrante manifestação artística da crença na imortalidade da alma está nas Pirâmides, essas maravilhas arquitectónicas. As pirâmides de Giseh e a Grande Esfinge, construída nas imediações do Cairo, são de dimensões gigantescas, e foram o santuário de augustos mistérios, berço da ciência espiritualista. A Grande Pirâmide de Kleops representa a ciência de uma civilização pre-bíblica. A sua arquitectura é o símbolo da mais alta forma do conhecimento filosófico e religioso. O grande geómetra Léon Mayon afirmou que a Grande Pirâmide é um monumento astronómico e geodésico de uma precisão perfeita.

Além dêstes túmulos reais, outros também ficaram célebres, como o de Tut-ank-Ammon, e os templos de Karnak, Hor-Akhti, em Heliópolis, e Plah, em Mémphis, Luxos, Abidos e Philae.

As artes plásticas acompanham o progresso da humanidade, traduzindo fàcilmente as tendências de cada povo e as características de cada época.

A índia, depois do Egipto, apresenta também monumentos de grande valor, como os templos de Sivah e Parbati, em Madura, o Touro Mandis, de Mysore, o templo de Aatki-Singh, em Ahmeddabad, etc.

Na Grécia, a arte atinge a perfeição consagrada às divindades pagãs. Atinge o apogeu amoroso da matéria apaixonada pela Natureza e belezas terrenas.

A sua religião é serena, e apesar do paganismo, ela chega a confundir o humano com o divino. A religião grega identifica-se com a Arte, e esta com o culto da humanidade em Zeus, Apolo e Vénus Afrodite.

¡O homem, a sua fôrça e a sua inteligência!...

Mas na maravilhosa fusão do génio grego do Oriente para o Ocidente perpassa o sôpro da ciência antiga, na célebre inscrição do templo de Delfos — «*Conhece-te a ti mesmo!*» É que na própria religião pagã se encontravam velados os mistérios egípcios que a Grécia adoptara e cultivara com os nomes de Mistérios de Crêta, e de Elêusis, o culto de Diana no templo de Éfeso — uma das sete maravilhas do mundo — o templo de Samotrace e muitos outros.

Péricles, o chefe da democracia ateniense, e Fidias, o grande escultor da época (450 A. C.), tornaram a Grécia, em especial Atenas, num museu incomparável.

A arquitectura grega adopta os símbolos das Ordens iniciáticas Dórica, Jónica e Coríntia, de que resultou o Partenon ou templo de Ateneia, o templo de Niké Apteros, o velho templo de Erechtheion, dedicado a Minerva, etc.

A Roma dos Césares também imortaliza os seus heróis e presta culto aos deuses pagãos em templos que são imponentes e pesadíssimos monumentos, como o templo de Balbech, o templo de Diana, e as célebres catacumbas de Roma.

A evolução das belas-artes permite a muitos artistas comporem numerosas obras em que os antigos símbolos iniciáticos, representativos das nossas crenças, são expressos e espalhados por todo o mundo.

A luz, o fôgo, o signo de Salomão, os sinais do Zodíaco, o Zénite e o Nádir; os pássaros, como o pelicano, o cisne e a pomba; animais, como a serpente, o leão, o cavalo, o cordeiro e outros. Os sete Anjos e os sete Arcanjos passam da Doutrina Secreta da índia e do Egipto, para os iniciados de Zoroastro e depois para o Cristianismo, cuja pintura enriqueceu com os numerosos quadros representando «A Anunciação da Virgem», «Salvador», «A Virgem e o Menino», e tantos, tantos outros...

No Egito, o guia das Almas tão curiosamente desenhado no «Livro dos Mortos», é o Gurú dos Indús e o belo e dôce Anjo da Guarda, tão profusamente pintado pelos artistas católicos — o venerado Guia Espiritual dos Espiritas.

Nas antigas cruzes — anteriores ao cristianismo, e de que êste ainda fêz uso durante algum tempo — encontram-se as letras *Alfa* e *Ómega*, que se relacionam com a passagem de S. João no Apocalipse,

e a estas palavras do Mestre: «— Eu sou o Alfa e o Ómega, isto é, o começo e o fim de tôdas as coisas.»

Na sua origem, o cristianismo adoptou os símbolos antigos, em razão de Jesus de Nazaré e seus discípulos serem todos iniciados na seita dos Essénios e usarem êsses mesmos símbolos como linguagem necessária nessa época.

Com o advento do cristianismo, erguem-se as primeiras catedrais, e o mesmo *élan* místico invade tôda a Europa, enriquecendo-a com essas maravilhas arquitectónicas. Nesses livros monumentais, tanto na arquitectura, que os ergueu, como na pintura e na escultura, que os decoram, falam bem alto através de séculos os símbolos antigos da imortalidade da alma e da crença em Deus.

Em Bisâncio, o imperador Constantino faz construir a basílica de Santa Sofia em 532, que em 1453 foi transformada em mesquita turca. A arte bisantina é notável principalmente pelo estilo decorativo estilizado. Devido a uma seita fanática — os destruïdores de imagens — tôdas as pinturas e belos mosaicos desta catedral foram cobertos de cal e os artistas dêste país emigraram, indo juntar-se a essa pleiade que fêz escola e que semeou na Europa verdadeiras jóias arquitectónicas. Em tôdas elas estão impressos os mesmos símbolos, tôdas na própria arte da sua construção foram buscar aos antigos os elementos basilares, a que em arte se dá o nome de — clássico. Êstes artistas perseguidos instalaram-se, primeiro, em Aix-la-Chapelle, sob a protecção de Carlos Magno, onde edificaram a bela basílica que tem aquêle nome.

Terminou essa heresia artística em 850, e foi o sinal da Renascença das artes que encheu o século X e XI de verdadeiras preciosidades, até ao século XVI, apogeu dessa renascença.

O *élan* místico que invade tôda a Europa, desde os países do Norte, de céu brumoso e triste, até à Europa Meridional, de céu azul e alegre, a arte gótica, com as suas flechas altivas, parece mostrar numa elegância de linhas quási aladas o desejo da nossa alma, numa súplica ao Infinito! Entre as mais belas catedrais, podemos citar: Notre-Dame de Paris, de 1163; de Reims, 1211; de Amiens, 1215; La Sainte-Chapelle, de Paris, 1248; a catedral de Canterbourg, de Petersbourg, Colónia, Estrasburg, a Abadia de Westminster, catedral de S. Paulo, em Londres, de S. Paulo em Roma-Vaticano, o mosteiro da Batalha, em Portugal, etc.

Os arquitectos e muitos outros artistas que trabalharam nestes templos pertenciam às Sociedades Iniciáticas dos Construtores, descendentes das confrarias dionisíacas e outras sociedades da antiguidade, em que o hermetismo era praticado. Por essa razão, os nossos símbolos ficaram para sempre por êles vinculados, tanto na pedra como na tela. Na impossibilidade de os citar todos, referir-me-ei apenas, como exemplo, ao pórtico da basílica de São Denis (Seine-França), em que um Cristo faz um sinal hermético com a mão esquerda e que encontramos repetido em muitos Cristos, Meninos-Jesus e em numerosos «S. João Baptista», que êsses templos nos apresentam como dentro dos princípios do cristianismo.

O «Baptismo de Jesus» prova-nos a iniciação do Mestre, dada por S. João, outro iniciado. E quási todos êsses templos nos apresentam «A Descida do Espírito Santo», «A Anunciação da Virgem», «A Ascensão» e muitos outros quadros bem comprovativos dos princípios espiritas.

Ainda através dos artistas continuam a ser transmitidos os símbolos herméticos dos nossos Pais Iniciados que lhes seguiram as tradições como Botticelli, Albert Dürer, Lorenzo Lotto, Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio, e outros que as vinculam em muitas das suas obras.

A auréola que circunda a cabeça dos santos e divindades na arte cristã, não é outra senão o emblema da pureza espiritual, ou a bela aura enunciada na doutrina espirita.

No oriente, o pintor japonês Hokasai reproduziu também a legenda da iniciação do príncipe Sidharta-Gautama, o Buda.

No século dezassete, os árabes invadiram o Egito e a Síria, onde encontraram, além da arte dêstes povos, muitos modelos da arquitectura bisantina, em que se inspiraram. A arte árabe é essencialmente consagrada a Allah. Nas numerosíssimas mesquitas não se encontra reproduzida nenhuma figura humana, nem no culto aos mortos, nos túmulos notáveis.

Alguns dêsses maravilhosos especimens da arquitectura árabe são a mesquita de Amsor, no Cairo, construída em 643; a mesquita de Seyde-Zeynab e a do Sultão Hassan; o túmulo dos Califas, também no Cairo. Em Jerusalém, a mesquita de Aksa e de Omar, etc.

Na Argélia, a mesquita dos Almokades; em Marrocos, a mesquita de Mouley-Idriss e os célebres Túmulos Saadianos são verdadeiras jóias de arte árabe consagrada a Deus e ao Além.

Na Europa Meridional, a Alhambra de Granada, sintetiza tôda a sensibilidade e elegância no belo culto da forma espiritualizada na expressão máxima da arte que os mussulmanos possuíam nessa época.

Na antiga Grécia, a arte atingiu o apogeu da forma. No ocidente, a arte moderna alcançou o sublime na expressão do pensamento, através de artistas geniais e essencialmente espiritualistas, como Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio, Miguel Ângelo, Rodin, Antoine Bourdelle e outros.

Mas, sintetizando tôdas as artes, concretizando

«PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO»

por F. Noronha

«Luz, mais luz ainda»

É o requerimento instante da alma do pensador na hora de desprendimento do corpo que abandona e a expressão de anseio insaciável perante o desconhecido e ignorado, em que nós próprios nos encontramos incluídos por tremendas barreiras, de que raro triunfamos em absoluto.

Chegou à nossa idade uma frase típica a tal respeito: **«Nosce te ipsum»**, conhece-te a ti mesmo, define-te completamente!

Cobre as presentes linhas o título de uma obra notável, na qual, o autor, alemão, Fred Wachsmann, pretende atingir essa gloriosa finalidade.

Deu-lhe corpo e forma o estudioso e lúcido director de *Estudos Psíquicos*, sr. Isidoro Duarte Santos, 1.º tenente da nossa Armada, que nela trabalhou cêrca de três anos de colaboração com o autor e a quem êste a dedicou.

Fred não é uma novidade em nosso meio literário. O seu nome, firmando artigos substanciosos nas colunas de jornais e revistas, com publicação e nacionalidade portuguesas, aparece e tem aparecido repetidas vezes, tendo-nos honrado a sua pessoa de presença e não lhe sendo inacessível a formosa língua de Camões.

Do seu proeminente mérito científico e de sua vasta cultura é autêntico depoïmento e prova interessante a obra, em volume de 522 páginas, incluíndo o índice, a que acaba de arrogar-se, como editor, o bem conhecido cidadão Albano Couto Martins, também publicista de verdade, de competência e de bondosa orientação.

Pela Vitória do Espírito comporta um texto, assim definido por seus rótulos de generalidade:

«O Macroscomo — Entre Macrocosmo e Microcosmo — O Microcosmo — Entre Microcosmo e Macrocosmo — Resumo da Filsofia — Para uma nova psicologia».

A cada um dêstes rótulos correspondem capítulos e parágrafos que lhes desenvolvem os caracteres e definem as idéias nêles contidas.

É fácil de perceber, pela simples leitura dos transcritos rótulos de generalidade, que o autor, médico de verdade, possui uma bagagem científica de sólida envergadura e é sedento e anelante de luz, muita luz, capaz de solucionar de vez todos os problemas do ser e varrer e eliminar todos os enigmas do Universo.

Mental e estudioso, sem a menor sombra de dúvida a tal respeito, revela-se desassombrado, arguto, leal no argumento, erudito, tolerante sem pieguice e sem absurdo, numa palavra, homem de ciência e alma na mais genuína interpretação de tais vocábulos.

Li, atentamente, o volume de que se trata, mas com calor crescente de entusiasmo e mágoa, mais e mais funda, de minha debilidade intelectual em pontos, nos quais, o meu acanhado horizonte de conhecimento não me permite acompanhar o lúcido engenho e o potencial crítico do autor.

Culminância do seu credo ilustrado e da sua razão lógica é o Espiritismo, que confessa, com abundância de fontes inabaláveis, não assente sôbre pés de barro escorregando em areia sôlta, mas na eloqüência experimental e na prova numerosa de factos averiguados e inconcussos.

Não o fascina de modo algum a inveterada paixão de fanatismo, que não consente observações e réplicas, por melhor fundamentadas que se apresentem, nem se mostra propenso a exageros de qualquer natureza, sempre denunciando falha de solidez no que se afirma.

Não, nada disto. Só sustenta o que demonstra com legítima propriedade e racio-

---

todo o esfôrço humano, perdura há séculos o mais belo monumento da arte e da filosofia espirita, que, olhando o Infinito, ensina ao homem o caminho para Deus nas iniciáticas preguntas:

— ¿Donde vens? Quem és? Onde vais?

Êsse monumento é a Grande Esfinge do Egipto.

cínio insofismável, não indo além dos limites-barras, ainda intranspostos pela inquirição da Natureza e dos laboratórios.

Também não rejeita conclusões alheias, quer de escolas, quer de genialidades, desde que lhes reconhece base procedente ou testemunho de bom senso inequívoco.

Desejava eu, na linha positiva de minhas restritas faculdades, exteriorizar aqui as impressões recebidas no percurso das páginas que encerram todo o texto do volume, em suas respectivas modalidades e pormenores categóricos. Isso, porém, reclamaria transcrição na íntegra e idoneidade cabal.

Desisto de semelhante esfôrço e tentativa, contentando-me com breves transcrições de *Conclusão geral: A legitimidade da metafísica e da nossa*, para mero apreço e mera inteligência dos leitores:

«De certo, nem só a experiência externa satisfaz o desejo de conhecimento do homem que, «animal metafísico», desejoso da última verdade, se apoiará sempre na experiência interna que, como essência do conhecimento, já é fonte da metafísica. Vimos que tôdas as experiências são baseadas em princípios *à priori* (transcendentalismo de Kant, oposto ao transcendente, que significa a ultrapassagem de tôda a possibilidade empírica, isto é, da forma de conhecimento).

«¿Não será pura metafísica o facto dos cientistas, como Brooglie («Continu et Discontinu en Physique Moderne», falarem da «crise de determinismo» em favor do probabilismo, visto só haver previsão aproximada ou exacta para «os fenómenos estatísticos e não para os fenómenos elementares da Física quântica?» Não será pura metafísica suporem que existe determinismo fundamental, além dos limites da nossa ciência? A hipótese do éter e os sistemas de equação estimados pela Física clássica abstracta, que despreza a representação concreta e considera as unidades elementares «meras imagens extraídas da nossa percepção do mundo-ambiente», isto é, obtidas por abstracção e esquematização, ¿não serão mais metafísica do que os métodos dos clarividentes, que são processos empíricos?» (pág. 500).

Mais adiante, pág. 504 *(Em prol da verdade)*: «E, já agora, tocando no problema da reencarnação: porque é que um Bergson, que define o carácter como «condensação de tôda a nossa história, mesmo pre-natal»; um Schopenhauer, que é partidário da palingénese, e um Maeterlinck, que no seu livro «A Morte» defende o renascimento — embora não chegue a uma conclusão axiomática — ¿porque não transpõem êles a distância que os separa do Espiritismo?

Maeterlinck, o autor da hipótese da «memória atávica», escreve claramente em «La Mort»: «Êste facto... marca exactamente os pontos extremos, onde, graças à intervenção dos espíritos, se tem penetrado, até hoje, no desconhecido, embora estes casos... sejam bastante raros (pág. 45): Não tenho nenhuma repugnância em admitir a sobrevivência e a intervenção dos espíritos (pág. 117). Não admitindo a intervenção dos espíritos, a maioria dêstes fenómenos são absolutamente inexplicáveis (pág. 139)».

Fred exclama, terminando:

«Deixemos as discussões e fechemos o livro. Não vale a pena discutir com pessoas aferradas a preconceitos. Exponhamos e não discutamos! Quem quiser aceitar, que aceite! A hora chegará a todos! Confiemos no triunfo do *élan* vital e tenhamos fé! ¡Sejamos missionários da Vitória do Espírito! *Sob êste signo venceremos!*»

Ficou enriquecido o campo de consulta docente com uma obra substanciosa, acessível a pessoas cultas. Por certo o seu título despertará entre nós a vontade de conhecê-lo e convenço-me, intimamente, de que provocará análises e comentários por parte de discordantes e de insatisfeitos.

A matéria e a correlação de assuntos que envolve e o autor versou, consoante o fulgor da sua inteligência e o ditâme do seu imo recôndito, saem fora de nossa actual produção científico-literária e ajustam-se ou são de molde a investigações sérias e a trabalhos de pena conseqüentes.

É impossível na esfera do autor e do livro impresso, não haver inconformidade de opiniões e diferenciação de pontos de vista.

Disto mesmo provém e pode provir luz, muita luz, sendo assim de agradecer todo o labor desta natureza e implícita validade animadora.

Tanto mais, quanto o volume, não pobre de originalidade, é deveras o que se lê em seu sub-título esclarecedor: «Estudo filosófico comparativo das doutrinas materialistas, neopositivistas, espiritualistas e esotéricas, visando os principais problemas

FRATERNIDADE ESPIRITUAL

por J. Gonçalves Losa

II

TRATEMOS agora da Teosofia.

É inegável que ela tem dado ao mundo um vasto conhecimento das leis ocultas da Natureza e por êsse meio está concorrendo para que todos aquêles que se entregam sinceramente a êsses interessantes estudos, não só se vão melhorando dia a dia, mas que vão também concorrendo para que o mundo se torne melhor.

Posto isto, acho que é um êrro grave que comete todo aquêle que, por discordar dêste ou daquêle teósofo, dêste ou daquêle ensinamento, procura por todos os meios, combater a Teosofia.

Bem sei que êles, por vezes, fundados na melhor das intenções e animados do desejo de evitar os erros e abusos, combatem o funcionamento de algumas sessões espiritas, mas isso não quere dizer que combatem o Espiritismo em geral. Êles o que desejam, segundo o seu modo de ver, é evitar que, com sessões mal organizadas, se prejudiquem, em vez de beneficiar os encarnados e desencarnados, e que se propague um fanatismo que em nenhuma religião é tão perigoso como no Espiritismo.

Seja-me permitido a mim, que já pertenci à Sociedade Teosófica, da qual estou afastado há mais de uma dúzia de anos, embora me tenha dedicado o mais que possa aos estudos teosóficos, declare que êsses estudos podem concorrer de uma maneira admirável para o nosso aperfeiçoamento individual e colectivo. E acrescentarei ainda, que já fui, e durante muito tempo, um católico sincero, como já freqüentei, durante bastante tempo e com a maior assiduïdade possível, as sessões espiritas.

É talvez por isso que defendo sinceramente os meus antigos confrades, onde mantenho ainda hoje sinceros e valorosos amigos.

Ocultismo: — E agora, eu, que pertenço à Ordem Esotérica Iniciática, a qual se dedica ao estudo e prática do Ocultismo, devo dizer com tôda a lealdade e franqueza que o estudo e prática das ciências ocultas implica certos perigos e, por isso, nem tôda a gente pode ser iniciada nos seus estudos práticos, pelo que tem de haver uma certa selecção na sua admissão e um grande escrúpulo na difusão dos seus ensinamentos. E êste cuidado é necessário, não só em benefício das sociedades existentes, como também das pessoas que não estejam em condições de os receber, bem como da humanidade em geral.

Mas isto não quere dizer que qualquer pessoa que se sinta atraída para êsses estudos se não apresente com sinceridade e procure adquirir, por meio de quem lhos possa dar, os referidos ensinamentos.

O que não é conveniente é que o faça isoladamente, pois então o perigo é muito maior.

Em face do exposto, entendo que não há razão alguma para que os diferentes idealismos se combatam uns aos outros ou se suponham uns superiores aos outros.

Todos constituem caminhos que, mais depressa ou mais devagar, nos conduzirão à meta desejada.

Já Jesus disse: «A casa de meu Pai tem muitas moradas».

Portanto, siga cada um o seu caminho e não intercepte a marcha dos outros; mas estejamos sempre dispostos a ajudar desinteressadamente aquêles que quiserem ser nossos companheiros, se estiverem em condições de nos acompanhar.

Não devemos, pois, combater qualquer ideal contrário ao nosso, e muito menos as diversas agremiações dentro do mesmo ideal.

Todos se devem ajudar mutuamente, todos devem concorrer para a boa harmonia e paz espiritual; portanto, todos devemos confraternizar.

Pensemos que todos os grupos espiritualistas são

---

da astronomia, da física da matéria e da genética.»

Fred tem ensejo de acautelar de muitos truques, de castigar muitas mazelas e até de humorismo não deslocado.

Durante os dias que empreguei na leitura de *Pela Vitória do Espírito*, recordei o meu período de freqüência académica e a meticulosidade e talento em especial de um saüdoso professor de psicologia, que me inclinou para esta ordem de lucubrações que, no presente, octogenário, me interessam e encantam ainda.

Nota. — Um lapso de revisão deu origem a ter saído sem assinatura o artigo «Impõe-se a reflexão! Importa reflectir!», publicado no último número, da autoria do nosso apreciado colaborador F. Noronha, a quem apresentamos as nossas desculpas.

constituídos por seres humanos e que o homem de hoje é ainda muito imperfeito. E assim fàcilmente podemos concluir que, se determinado grupo tem defeitos que nós notamos, naturalmente o nosso grupo também os tem, embora nós os não notemos. Se o nosso semelhante comete erros que merecem a nossa censura, nós talvez os cometamos ainda maiores, embora não demos por isso. É que já Jesus disse: «Nós vemos o argueiro no ôlho do nosso vizinho, mas não vemos a trave nos nossos olhos».

Por conseguinte, devemos examinar-nos constantemente a nós próprios. Devemos fazer diàriamente um rigoroso exame de consciência, devemos interrogar-nos a nós próprios sôbre o que fizemos, o que dissemos e o que pensámos que pudesse prejudicar alguém. E ao mesmo tempo recordar o que fizemos em benefício do nosso semelhante e da humanidade.

No primeiro caso, devemos ser juízes austeros de nós mesmos, condenando-nos rigorosamente pelo mal que praticámos e fazer um propósito firme de nos emendarmos e corrigirmos.

No segundo caso, devemos formular uma idéia bem firme de que no dia seguinte havemos de fazer mais e melhor do que naquêle dia e que, em cada dia que passa, nos tornaremos mais úteis e melhores do que no dia anterior.

Devemos, além disso, ser advogados sinceros dos outros seres. Nunca devemos acusar ninguém, e quando nos vierem dizer mal de qualquer pessoa ou comunidade, devemos, delicadamente, sem ferirmos o acusador, salientar as virtudes do acusado, mas evitando sempre a polémica.

Devemos, ainda quando formos mal tratados, mal compreendidos ou mal recebidos por qualquer pessoa, não pensar logo: é grosseiro, é malcriado, quere-me mal.

Não! Devemos pensar que talvez êsse alguém estivesse mal disposto por qualquer motivo. Se alguém procedeu mal para connôsco, devemos proceder bem para com êle; se alguém foi malcriado, devemos ser bem educados; se êle foi grosseiro, devemos ser delicados.

Uma vez, alguém agrediu ou insultou Sócrates, e um seu amigo preguntou-lhe porque é que êle lhe não respondeu à letra. Sócrates respondeu, simplesmente:

— Se uma bêsta te der um coice, ¿tu és capaz de lhe dar outro?

— Não, porque não tenho patas, — respondeu o interrogante.

— Pois foi o que me aconteceu a mim, — respondeu Sócrates.

O indivíduo que responde ao insulto com outro insulto, iguala-se ou excede quem o insultou.

Se sabemos que alguém nos quer mal, que nos odeia, que nos persegue por qualquer forma, devemos servir-nos da bela arma do amor e do silêncio, para nos defendermos. E por êsse meio e pela irradiação de pensamentos fraternais e altruístas, desviaremos a seta que nos vem ferir e transformaremos em amigos os nossos inimigos, se estes estiverem em condições de receberem êsse benefício; mas se a sua aura cinzenta não deixar entrar os nossos pensamentos afectuosos, seremos nós os únicos beneficiados.

Se alguém nos ofende, nos prejudica ou nos calunia, devemos procurar o meio mais prático e cristão de nos defender sem atacarmos o nosso contendor, e devemos estar sempre prontos para perdoar.

Recordemo-nos da resposta de Jesus a alguém que lhe preguntou se devia perdoar sete vezes e a quem êle respondeu:

— Não deve perdoar sete vezes, mas setenta vezes sete.

O amor e o ódio

O amor e o ódio são realidades que nos ligam de maneira positiva a outros sêres humanos, seja qual fôr a distância que dêles nos separe. Uma mulher sofre mais com a perda do seu filho do que com a amputação dum dos seus próprios membros. A ruptura duma união afectiva leva, por vezes, à morte. Se os laços imateriais que nos ligam uns aos outros e ao que possuímos fôssem sensíveis, os homens aparecer-nos-iam sob aspectos novos e estranhos. Uns, mal excederiam a superfície da pele. Outros prolongar-se-iam até o cofre dum banco, até os órgãos sexuais doutro indivíduo, até a alimentos, a bebidas, por vezes até a um cão, a uma casa, a um objecto de arte. Outros aparecer-nos-iam imensos: prolongados em numerosos tentáculos, que iriam ligar-se aos membros da sua família, a um grupo de amigos, a uma velha casa, ao céu e às montanhas do seu país natal. Os condutores de povos seriam gigantes, estendendo os seus múltiplos braços sôbre um país, um continente, o mundo inteiro.

Dr. Alexis Carrel

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA[1]

Tradução de I. D. S.

pelo Dr, Gustave Geley

I

Elementos principais da doutrina espirita — Negação da inteligência sem a matéria — Negação da matéria sem a inteligência — Evolução progressiva da alma — Encarnações e desencarnações — Pluralidade das existências — O corpo psíquico ou perispírito. — Causas e conseqüências da evolução da alma — Papel das emoções, das sensações e do livre-arbítrio — As encarnações dos diversos mundos — Estudo das fases da encarnação — O corpo — O perispírito — A alma — O perispírito evoluciona com a alma — Acção do perispírito sôbre o corpo e do corpo sôbre o perispírito — A exteriorização do perispírito — A alma é uma síntese complexa de elementos diversos — Consciência e subconsciência — Herança e vidas anteriores — O esquecimento aparente — O «eu real» — Os elementos da subsconciência postos em evidência por certos estados patológicos, hipnóticos ou derivados «do médium» — Estudo das fases da desencarnação — A desencarnação é um processo de síntese — A encarnação é um processo de análise.

PARA os verdadeiros crentes na doutrina espirita, esta é uma ciência positiva, baseada sôbre o estudo experimental dos fenómenos psíquicos e os ensinamentos dos espíritos elevados.

Ciência perfeitamente maleável e susceptível de aperfeiçoamento, só deve avançar passo a passo, repelindo as deduções distantes e as observações apressadas e duvidosas, limitando-se a expor os factos e os pontos bem estabelecidos.

Êstes pontos são os seguintes:

1.º — No estado actual dos nossos conhecimentos, não podemos admitir o puro Materialismo, nem o puro Espiritismo, pois tudo nos leva a crer que *não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria.* Na molécula mineral, vegetal ou animal; na planta, no animal, no homem; no espírito desencarnado, mesmo o mais evoluído; no universo, considerado no seu conjunto; numa palavra, em tudo quanto existe, a matéria e a inteligência estão unidas em proporções diversas.

2.º — O Universo, no sentido de totalidade, uma vez considerado em partes isoladas, está submetido a *evolução progressiva e contínua,* tendo em conta que há evolução para o princípio material e evolução para o princípio psíquico.

Esta dupla evolução é homogénea. Uma não pode verificar-se sem a outra. Na base da evolução, a alma é simples elemento de vida, inteligência que, mercê de tempo, será poderosa. É a chamada *fôrça difusa,* que associa e mantém as moléculas minerais em forma definida.

No período maduro da evolução, a alma é um *princípio vivente, consciente e livre* que só conserva da sua associação com a matéria o mínimo de aspecto orgânico estritamente necessário à conservação da sua individualidade.

3.º — No curso da sua evolução progressiva, a alma passa através de organismos cada vez mais perfeitos. Dêste modo, sofre uma série infinita de *encarnações* e *desencarnações.*

A memória dos estádios precedentes dormita mais ou menos no fundo da alma durante cada encarnação, para reaparecer depois da morte, tanto mais extensa e intensa, quanto o ser fôr mais elevado.

4.º — A alma, com efeito, mantém intacta a individualidade, graças à sua *união indissolúvel com um organismo fluídico* chamado corpo psíquico, corpo astral ou perispírito, e que evoluciona com ela.

O perispírito é o princípio intermediá-

---

(1) Ver «Estudos Psíquicos», de Novembro último

rio entre a matéria e o espírito. É a *fôrça* necessária, que tem um tríplice objecto:

Manter a individualidade indestrutível e intacta; servir de substrato ao corpo, durante a encarnação; ser o traço de união entre alma e corpo, para a transmissão recíproca das sensações e das ordens da vontade.

A morte é simplesmente o abandono do corpo feito pela alma e o perispírito, como se abandona um vestido velho.

O nascimento é apenas a posse de novo organismo para a progressão contínua do ser.

De modo que a História Natural do ser vivente deve compreender, portanto, os seguintes pontos:

a) Causas e conseqüências da evolução no sentido orgânico e no sentido psíquico.
b) Fases da encarnação.
c) Fases da desencarnação.

Consideremos agora, sucessivamente, estes três pontos.

Causas e conseqüências da evolução

Não é aqui o lugar para falar das condições da evolução orgânica, a saber: influência do meio ambiente, luta pela vida e selecção natural.

Como se depreende, estas condições presidem também à evolução anímica, pelo menos nas suas fases inferiores.

A evolução do corpo e da alma exercem-se reciprocamente. Assim, as necessidades orgânicas e as sensações necessitam de exercício contínuo e, por conseguinte, do desenvolvimento das nossas faculdades conscientes ou instintivas. Por outro lado, o exercício cada vez mais extenso das nossas faculdades trás consigo o aperfeiçoamento dos nossos órgãos materiais.

O sofrimento e o prazer físico não servem, pois sòmente, para assegurar a conservação e a transformação progressiva do organismo; a alma desvela-se e amadurece pouco a pouco, na luta pela vida, pelas dores e penas de que necessita a existência material, assim como pelos estranhos prazeres que a vida traz consigo.

A evolução anímica tem a sua causa primária no trabalho que requere a satisfação das nossas necessidades corporais, o esfôrço para fugir à dor e para procurar as sensações agradáveis, isto é, o prazer em tôdas as suas modalidades.

No ser verdadeiramente superior, as *emoções* e o livre exercício da vontade juntam-se às sensações, cujo papel é coisa secundária para o homem elevado.

A evolução psíquica faz-se sobretudo pela influência das emoções, pela cultura intelectual e moral, pelo desenvolvimento consciente das faculdades e pelo exercício da liberdade moral, não esquecendo que a consciência e a liberdade moral são sempre proporcionais à evolução do indivíduo.

Mas chega um momento em que o corpo humano já pode servir ao aperfeiçoamento da alma ou ser mesmo obstáculo a êsse aperfeiçoamento.

Com efeito, a sensibilidade física e moral suficientemente desenvolvida é incompatível com as condições miseráveis da existência terrestre, condições que obrigam o indivíduo a sofrer tanto mais, quanto maior fôr o seu grau de aperfeiçoamento e elevação, como, por exemplo, o homem que, na sua evolução, consegue ultrapassar o nível médio da maior parte da humanidade terrestre.

Dêste modo, quando os trabalhos e os sofrimentos têm exercitado convenientemente a individualidade pensante de um ser, os mundos superiores estão abertos à sua actividade.

Desde então, as encarnações realizam-se nos planetas mais adiantados (1), onde o mal (medida da inferioridade dos seres e dos mundos e condição necessária para o seu aperfeiçoamento) se encontra consideràvelmente reduzido, onde a libendade consciente do *Eu* sofre menos a influência do organismo material, onde, enfim, a felicidade resulta necessàriamente da dupla condição seguinte, cada vez mais perfeitamente realizada.

Aumentando o campo da consciência, das faculdades intelectuais, morais, afectivas e sensitivas, diminui o mal.

Para a doutrina espirita, o ser vivente não é, pois, esta personalidade efémera das doutrinas materialistas, que sai do nada para a êle voltar quási imediatamente, sofrendo esta existência, sem a compreender. É, pelo contrário, uma individualidade indestrutível, continuando *pelos seus próprios esforços,* em série imensa

(1) É possível que encarnações inferiores se não verifiquem exclusivamente na Terra.

de encarnações e desencarnações, a evolução progressiva que o libertará das sujeições materiais, dando-lhe consciência, liberdade, amor e felicidade.

A encarnação

Consideremos agora o ser vivente durante uma fase da encarnação.

Todo o ser encarnado apresenta três elementos dignos de consideração:

O *corpo*, o *perispírito* e a *alma*.

O corpo

Ponhamos de lado o que concerne ao corpo e frisemos que a doutrina espirita está perfeitamente de acôrdo com a teoria científica geralmente admitida, segundo a qual cada célula é um ser elementar.

O perispírito

O corpo astral ou perispírito tem capital importância para a doutrina espirita.

Constitui, como já dissemos, o princípio intermediário entre a matéria e o espírito, o meio de união entre a alma e o corpo, a condição necessária para as relações entre o moral e o físico.

É composto da quintessência dos elementos combinados das encarnações anteriores. Evoluciona e progride com a alma e é tanto mais subtil e menos material quanto mais elevado e perfeito fôr o indivíduo.

O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já realizados, sintetiza, numa palavra, o estádio de adiantamento do ser.

Serve de molécula, de substrato orgânico para as novas encarnações. Condensando-se no embrião, agrupa em certa ordem as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação nada mais seria que um tumor informe.

O perispírito assegura também na mesma ordem a manutenção do corpo e suas reparações, durante a perpétua renovação das células. (Sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns meses. Sem a fôrça misteriosa do perispírito, a personalidade do ser variaria constantemente em cada mudança).

Ao mesmo tempo que contribui para a formação do corpo, o perispírito modifica-se levemente durante a encarnação, em conseqüência dos novos elementos que lhe transmitem os germes orgânicos e, sobretudo, dos progressos efectuados por esta encarnação.

O perispírito não está absolutamente prêso ao corpo do encarnado; irradia mais ou menos fora dêle, segundo a sua pureza (1). (Esta irradiação constitui o que se chama a *aura*). Inclusivamente, pode às vezes, ainda que em pequena proporção, separar-se momentâneamente do encarnado, ao qual fica ligado por leve fluído.

Neste estádio de desencarnação relativa, o ser pode tomar conhecimento de factos ocorridos longe dêle e demonstrar que possui faculdades anormais. Se, no seu éxodo, o perispírito arrasta consigo as numerosas moléculas materiais, poderá exercer a sua influência à distância e influenciar a vista ou outros sentidos de pessoas que encontre no seu caminho. Neste caso, representa exactamente o que, em termos espiritas, se chama o *duplo* do corpo do encarnado.

Na maioria dos casos, a exteriorização do *duplo* é acompanhada dum estádio particular do ser encarnado, chamado *transe*, que apresenta muitas semelhanças com a hipnose profunda. Durante êste *transe*, a personalidade normal é inconsciente, e geralmente, ao despertar, não se recorda de coisa alguma (2).

As pessoas susceptíveis dêste desdobramento da personalidade chamam-se *médiuns*, quere dizer, indivíduos que servem de intermediários entre os desencarnados desejosos de comunicar connôsco e nós próprios. Êstes *médiuns* emprestam aos desencarnados o fluído vital e os elementos materiais libertados pelo êxodo parcial da fôrça do perispírito.

Não se esqueça de que só falámos do corpo e do perispírito. Agora, vamos estudar a situação da alma durante a encarnação.

---

(1) Ver «Eflúvios Ódicos», de Reichenbach, prefácio de M. de Rochas. (Paris, 1893. Flammarion, editor); «Anais das Ciências Psíquicas», 1894, estudo de M. de Rochas àcêrca da «Objectividade dos Eflúvios».

Ver também as investigações do Doutor Baraduc a respeito da «Fôrça Vital» e as investigações de Boirac.

(2) Ver o «Estudo Experimental» de M. de Rochas àcêrca dos «Fantasmas Viventes» (Anais das Ciências Psíquicas», 1895).

A MARCHA DO ESPIRITISMO

O Marechal do Ar «Sir» Hugh Dowding, vencedor da batalha de Inglaterra, acredita na sobrevivência

SEGUNDO lemos no *Psychic News* de 5 de Junho, o marechal do ar *Sir* Hugh Dowding, que dirigiu a *batalha da Inglaterra*, começou a publicar uma série de artigos no *Sunday Pictorial*, em que declara ter provado a sobrevivência dos pilotos que deram o seu corpo físico em holocausto àquela grande luta.

Sir Hugh Dowding é convicto espirita, pois diz que tem comunicações de homens que morreram nesta guerra, comunicações que só êles as poderiam dar. E acrescenta que o seu único objectivo é transmitir essas comunicações ao público, para alívio dos que choram.

O articulista, que já está na reserva, principia assim o artigo:

— Sinto a felicidade de possuir notabilíssimas mensagens de homens que perderam a vida em combate, durante a guerra, torpedeados, executados ou mortos no deserto, no ar ou nas florestas.

A explicação do médium

As mensagens chegaram-lhe às mãos por causa do coronel Gascaigne, falecido há anos, que era veterano de Khartoum e amigo de Cecil Rhodes. Foram recebidos pela filha daquêle oficial, a senhora Hill, que realizou muitas investigações psíquicas, principalmente de escrita automática. A princípio, fazia garatujas, como as crianças. Depois...

— Era evidente que alguém estava ansioso por se comunicar — escreve ela —, mas eu sentia-me impotente para lhe prestar auxílio. Todavia, com um pouco de paciência, a escrita tornou-se legível e articulada, nenhuma dúvida restando de que as palavras escritas com o meu lápis eram as palavras dos que vivem no Além.

Insiste-se na sobrevivência

Sir Hugh Dowding diz que muitos dêsses homens revelavam grande satisfação em comunicar com a Terra.

As mensagens são de soldados mortos na Grécia, na ilha de Crêta, na Líbia e nas florestas da Malásia. Também há a de um marinheiro torpedeado, a de um polícia aviador e a de um lojista norueguês.

Afirma que as mensagens têm grande valor humanista por insistirem na persistência da individualidade após a morte do corpo e explicarem os primeiros passos, desorientados e vacilantes, das entidades que foram violentamente projectadas noutra região.

Estes documentos são vívidos, dramáticos e empolgantes, e esta característica é a melhor prova da sua autenticidade.

Eis o extracto da comunicação de um artilheiro da D. C. A. (defesa anti-aérea):

«Isto sucedeu na primavera... Estávamos todos esfacelados e eu fui enviado para o Egito. Era uma sorte, pois nunca julguei que pudesse viver naquelas paragens. Você sabe onde quero chegar.

«Eu ignorava que a morte era assim. Julgava que se acabava tudo. Às vezes, parece que andávamos sôbre atoleiros e mal compreendia como nos podíamos manter de pé. Depois, tudo cessava repentinamente e sentia-me em pé, como uma tripeça...

«Fresco como a alface»

«Momentos antes, eu era palpitante e vivo. Oh! vivo e sequioso, com a mais terrível dor de cabeça!

«O ruído da batalha perturbou-me, mas pouco depois fiquei fresco como a alface. Não mais senti qualquer incómodo.

«Era-me impossível acreditar que era artilheiro. Via o corpo todo esburacado e não acreditava. Creio que tentei arrastá-lo para longe da peça. Mas êle estava entre um monte dêles... Tínhamos recebido um golpe certeiro.

«Não havia descanso. Tudo aquilo me parecia extraordinário. Depois, vi um oficial. Veio direito a mim. Apontei a peça para onde estava o seu corpo. Deu um suspiro e disse:

«— Suponho que é êle. Isto é um mundo curioso, Johnson. Julgo que devíamos continuar.

«— Então, que havíamos de fazer agora?

«— Carregar a peça, como tu costumavas fazer.

«Eu ia para obedecer, mas não consegui mover as granadas. Elas não eram lá muito pesadas. Eu é que as não podia segurar. Escapavam-se-me das mãos. Escorregavam como escamas de peixe...

«Não pude segurá-las. Contei isto ao oficial e êle veio ajudar-me, rogando uma praga. Ambos

tínhamos vontade de as carregar, mas elas não se mexiam, nem uma polegada.

«Parecíamos dois grandes patetas a esforçarem-se em vão por levantar uma pequena granada «Ack-Ack». Por fim, sentei-me e desatei a rir.

«— Dize-me cá — disse eu. — ¿Já viste dois camaradões mortos a descarregar uma peça?

«— Já — respondeu êle, zangado. — Nós próprios o estamos a fazer. ¿Não achas que somos idóneos? Vamos-nos embora.

Estou doido, pensei eu

«Assim, voltei a experimentar, julgando-o louco e calculando que era preferível fazer-lhe a vontade.

«Recomeçámos as tentativas. Desta vez, porém, não reparei nos esforços que fazíamos com as mãos, mas sim no capitão, que parecia irradiar energia, como um verdadeiro pôsto de T. S. F., pois, as respostas não vinham dos seus dedos, mas dêle próprio. Em torno de si, havia inúmeras sombras humanas a cooperar connôsco. A peça não entrava em acção, mas qualquer cõisa saía dela. Os aviões rasgavam o espaço. De-repente, perdiam a velocidade, voltando ao ponto de partida, ou esmigalhavam-se no solo.

Apanhou um balásio

«Eu estava assombrado. Não me lembrava de haver assistido a cena idêntica. Parecia-me não sentir ruído. Embora a descarga fôsse silenciosa, todos nós sentíamos nitidamente a sua repercussão. Isto dava-nos novas fôrças para recomeçar.

«Foi uma experiência das mais singulares. Nisto, vejo Jock, que se aproxima de mim. «Apanhara também a sua conta», mas não tinha estado connôsco.

«O capitão estava atarefadíssimo e por isso não reparara em Jock. Como êste fôsse curioso, amigo de saber tudo, disse-lhe:

«— Espera e verás que estamos a aprender novas táticas. Nós os três viemos da mesma fornada. Vem aprender connôsco e não interrompas coisa alguma.

«Depois, fiquei ao pé de Jock e fi-lo observar o capitão.

«Não há dúvida de que êste último era um homem extraordinário, resolvido a lutar contra tudo. Assim, mal eu esbocei um movimento, olhou-me severamente e exclamou:

«— Pelo amor de Deus, senta-te e pensa. *Pensa* com tôdas as veras da alma. É o que deves fazer neste momento. Temos inteligência e vontade e se nós os três trabalharmos em conjunto, poderemos dar protecção aérea aos rapazes. ¿Não vês os homens que estão a ajudar-nos?

«Então, olhei e vi Sandy, que na terça-feira ficara espatifado e agora se encontrava ali, a fazer estranhos movimentos com os braços. Olhei para os seus olhos e vi bem que eram os de Sandy, apesar de um pouco diferentes, semelhantes a estrêlas, dir-se-ia um inspirado.

«Hoje, creio que não posso acabar a história. ¿Poderei interrompê-la e voltar novamente? Contei-a com prazer, por se tratar da minha primeira aventura. Obrigado, Johnson».

O MARECHAL DO AR «SIR» HUGH DOWDING

Referindo-se às anteriores dificuldades para a publicação das mensagens, «Sir» Hugh acrescenta:

É extraordinàriamente animador pensar que os esforços individuais, até agora aparentemente inúteis, para confortar os homens, serão de efeitos benéficos para os queridos rapazes que se lançaram na defesa de Inglaterra.

O *Sunday Pictorial* publicou também outra mensagem espirita dum aviador «morto» que aplaudia os esforços de «Sir» Hugh:

— Dizei-lhe que somos como a criança ilusória de Barrie. Se não nos acreditam, desaparecemos imediatamente da vida dos que amamos e desejamos auxiliar; e se insistem em afastar-nos definitivamente de tudo o que lhes respeita, ficaremos impassíveis como granito.

Êste aviador pede sempre aos rapazes que se não esqueçam daquêles que desencarnaram, quando serviam na R. A. F.

Parecem ervilhas a sair da casca...

Noutro artigo, «Sir» Hugh Dowding referiu-se à comunicação de um aviador, abatido em França, no Outono de 1941:

«Fui abatido em França, com o meu metralhador-observador. Cortávamos o espaço. Fui ferido na cabeça e depois encontrei-me de pé, ao lado do avião destruído e do corpo inanimado do observador.

«Vi então outro vulto em cima do comando. Quando ia libertá-lo, verifiquei com horror que não era outro, mas eu próprio — havia saído do meu corpo! — Fiquei intrigado. Clark (o observador-metralhador) estava talvez morto e a minha situação era embaraçosa.

«Esperei. Fiquei tão cansado, que caí no chão, verificando que deixava insensìvelmente o meu segundo corpo. Dir-se-ia ervilhas a descascar-se. ¡Estava um *eu* no avião, outro a meu lado e, não obstante, eu continuava a agir integralmente, fora dos outros dois *eus!*

«Vi um homem a aproximar-se de nós. Neste instante, Clark mexeu-se. Parecia querer abrigar-me e caminhei para êle. O homem disse-me que não me preocupasse com o meu companheiro, que seria preferível deixá-lo dormir e aconselhou-me a levá-lo imediatamente dali para fora.

«Objectei que não podia deixar Clark. Se o fizesse, talvez o não tornasse a ver nêste estranho sonho. Assim, preferia que ficássemos juntos. Depois, acabei por encontrar Clark e partimos todos. Clark estava mais original do que nunca. Parecia não ver o homem e preguntava onde estávamos.

O Jardim do Despertar

«Finalmente, chegámos a uma casa com uma espécie de jardim. Clark deixou-se cair num assento e pareceu adormecer imediatamente. Ali, era mais fácil dormir.

«Logo que Clark adormeceu, o homem começou a falar, a dizer que tínhamos chegado ao Jardim do Despertar, mas que eu não precisava de me utilizar dêle, em virtude de já ter abandonado o meu segundo corpo.

«Ali é que a alma sacode as últimas partículas terrenas — disse êle — e eu passei por isso, quando adormeci ao lado do avião. Clark encontrava-se ainda dentro do seu primeiro corpo espiritual e por isso não podia ver aquêle homem, mais avançado alguns graus.

«Não conheço muito a tal respeito. O que sei é que vi o homem, porque me foi possível deixar os dois corpos quási ao mesmo tempo.

«Conclui-se, pois, que o corpo físico tem uma espécie de duplo interior parcialmente físico que é necessário libertar, para que possamos ver e ouvir aqui. Mas, até chegar a êste ponto, temos que passar um mau bocado.

«Aquêle homem levou-me consigo. Vimos tantas coisas, que eu mal as podia compreender. Êle, porém, explicou-me tudo.

«Estendi-me na relva e logo senti uma grande frescura. Quando alguma parte do meu corpo tocava na terra, tinha a sensação dum contacto eléctrico. O homem não deixava de me observar e disse:

«— Muito bem. Prestes estarás apto a trabalhar de novo.

«Portanto, cá estou eu, pronto e ansioso por trabalhar outra vez e prestar o meu auxílio. Deixai-me fazê-lo. Desejo ligar-me à Terra, para trabalhar».

Outro aviador que a seguir se comunicou, disse:

«Acabo de chegar aqui e tudo me parece confuso. Desejaria explicar, mas espero que outros irmãos o façam.

«Deixei o corpo, depois de me encontrar no avião em chamas. Não pudemos escapar; mas, quando o aparêlho se esmagou no solo, assistimos à mais esplendorosa visão de raios multicores. Primeiro, julguei que fôssem projectores alemães. Eram, porém, muito diferentes e por entre as côres víamos gente a percorrer o espaço. Não posso explicar-me doutra maneira. As pessoas andavam sôbre os raios e avançavam para nós, como se o fizessem através duma escada. Foi assim que nos ajudaram a sair do avião.

Mudança de temperatura

«Eu não sabia, precisamente, o que estávamos a fazer; e assim saí e vi que podia também pôr-me de pé sôbre a deslumbrante base colorida».

Êste aviador descreve a deliciosa região onde se encontrou, dizendo que havia ali uma temperatura de verão, se bem que tivesse saído de Inglaterra no mês de Novembro. Encontrou o avô — que era escocês — e viu-o num cenário igualmente escocês. Quís fazer-lhe muitas preguntas, mas o avô respondeu-lhe:

«— Agora, meu rapaz, já viste o suficiente. Deixa as curiosidades para amanhã. Estás salvo e encontras-te bem, quentinho e feliz. ¿Que mais quere um homem?

O nosso trabalho no Além

— ¿Haverá provas de nova vida e indicação das actividades a que nos dedicaremos, quando nela entrarmos?

Eis a pregunta que o *Strand Magazine* dirigiu

a «Sir» Hugh Dowding. Agora, vejamos a resposta que êle deu:

— Sim. Pessoalmente, não tenho feito experiências psíquicas, mas tenho lido centenas de comunicações recebidas no século actual, que me convenceram absolutamente da continuação da vida e da consciência após a morte. Qualquer comunicação nos apresenta uma facêta das actividades e condições de vida no Além, as quais são variadíssimas; mas o estudo judicioso da existência material dá-nos a verdadeira imagem de progresso do espírito para um estádio impossível de conceber pela nossa inteligência.

«Talvez que «A Vida Além do Véu», do Reverendo G. Vale Owen, nos dê a idéia mais compreensiva da futura existência do espírito, embora o livro se preocupe mais com os espíritos atrasados que permanecem longo tempo na atmosfera da Terra.

«O livro está esgotado. Para suprir a sua falta, compilei há pouco uma obra, onde se analisam algumas comunicações de origem diferente».

Um homem de valor

O *Leader* diz que «quando homens da envergadura de *Lord* Dowding ligam o seu nome a mensagens espiritas publicadas no *Sunday Pictorial*, certamente que até os maiores cépticos meditarão, ao pôr em dúvida a questão da sobrevivência». Os que têm lido tais comunicações, «não podem deixar de ser impressionados com a nota de realidade e autenticidade» que as caracterizam.

«Elas proclamam a verdade e devem contribuir grandemente para animar a esperança e a crença dos que têm sofrido terríveis perdas, dando-lhes a convicção de que os seus mortos não estão realmente mortos. Partiram antes dêles e vivem num mundo mais feliz do que êste».

Um dos primeiros jornais a falar foi o *Daily Herald*, ao reproduzir uma breve alocação de *Lord* Dowding no Centro Espirita Christ Church, de Londres. O *Manchester Guardian*, que é pouco inclinado a assuntos espiritas, publicou um relato intitulado «Uma carta espirita». O *Darlington Northern Echo* dizia no título da notícia: «O Chefe da Batalha da Grã Bretanha lê uma carta espirita dum marinheiro morto». O *Evening Post and Telegraph*, de Dundee, escrevia: «Lord Dowding lê uma mensagem do Além».

O *Sheffield Telegraph* e o *South Wales Echo and Evening Express* ocuparam meia coluna com o caso. O *Wester Mail*, de Cardiff, a mesma coisa. O *Glasgow Herald*, um quarto de coluna. O *Morning Advertiser* fêz um longo relato e o *Sunday Dispatch* gastou perto de duas colunas com a publicação integral do discurso.

Segundo *Psychic News*, os títulos eram retumbantes: «Notável discurso do famoso Marechal do Ar num centro de Mayfair»; «Lord Dowding, o homem que ganhou a Batalha de Inglaterra, fala da organização da R. A. F. no Além», etc., etc.

É interessante verificar que não apareceram ataques ou comentários zombeteiros.

Enfim, o Espiritismo vai caminhando, vai consolando e grangeando adeptos em tôda a parte do mundo.

Evolução da personalidade

Na natureza nada se cria e nada se destrói; e êste aforismo escolhido para os fenómenos materiais, rege igualmente o mundo incorpóreo, visto que no Universo nada pode haver de mais, nem de menos do espaço ocupado. Só as condições e as formas variam. Nisso se estriba justamente a evolução da personalidade. Para o demonstrar, basta, de um lado, o facto de que as formas orgânicas se adaptam às necessidades da espécie e se aperfeiçoam de acôrdo com o seu progresso; e do outro, é no ambiente dos eflúvios que reside essa fôrça orientadora para as formas e fôrças obedientes à vontade e às peculiaridades energéticas do pensamento e do sentimento, que na forma plasmam o modo de ser da personalidade, quere dizer, pela forma que a traduz no plano físico, lhe dá possibilidade de acção e de luta no mundo material, atraíndo-o assim para a evolução e para o progresso. Sabemos, finalmente que no Universo tudo é evolução e que tôdas as nossas sensações respondem a simples estádios vibratórios do éter. O calor e o frio, a luz e a côr, o gôsto e o arôma, não são propriedades da matéria, mas formas de percepção dos nossos sentidos: a matéria apenas vibra e essa vibração percebemo-la como luz, como som, como gôsto, como arôma, etc., e muitas existem, no maior número, que não temos órgão para perceber, o que significa que conhecemos um número muito limitado de realidades em relação ao infinito, as quais enchem o Universo, sem que as toquemos, as pesemos e as possamos medir. O progresso da personalidade enriquece-a paulatinamente de novos meios de percepção. Já há muitas pessoas que percebem os eflúvios, são sensíveis à acção intuitiva e chegam até a definir o plano astral, tentando novas formas de actividade que confinam com o extra-corpóreo, em que já se vislumbra esplendoroso futuro da personalidade humana.

(De *El Noticioso Espiritual*, de Buenos Aires)

Obsessão e Possessão

pelo Dr. A. D. Pratas

TODOS nós, encarnados, estamos expostos à influência dos desencarnados, seja para nos auxiliarem, — como fazem os bons Espíritos, entre os quais figuram os nossos Guias — seja para nos molestarem e perseguirem, como é próprio dos Espíritos inferiores, Espíritos atrasados, dotados por vezes de tal perversidade, que atinge o cúmulo tudo quanto a sua maldade lhes aconselha.

Essa influência varia de indivíduo para indivíduo, consoante as atracções provocadas pelos seus pendores e pelas normas da sua vida. Sim, porque os que bem praticam, repelem de si êsses infelizes que, pelo seu atrazo, ainda não conseguiram libertar-se das trevas em que vivem, enquanto que os que mal se encaminham, repelem, pelo contrário, os bons que auxiliá-los desejariam. Nem teremos que admirar-nos disso, porquanto se observa o mesmo facto entre nós próprios, donde o muito conhecido e velho aforismo: — *Dize-me com quem lidas, dir-te-ei as manhas que tens.*

Vistas assim as coisas, facilmente se atinge o motivo de serem uns mais influenciados pelo astral superior e outros pelo astral inferior. Cada um goza ou sofre das atracções que provoca. Assim como na Terra a criatura dotada de más qualidades desvia de si aquelas em quem impera uma moral forte e sadia, convivendo por isso com as da sua estirpe, assim também, dos que mal se conduzem, se afastam os Espíritos bons e se aproximam os que comunguem nos seus feitos menos dignos e edificantes.

Assim se geram, consoante a qualidade e o grau de influência do Espírito ou dos Espíritos inferiores em acção, os obsediados e os possessos de que o Espiritismo nos fala. Entretanto, não são só os mal comportados que estão expostos a serem dominados por êsses elementos astrais; dos mesmos podem vir a ressentir-se criaturas que sempre se comportaram irrepreensivelmente, bastando, para tanto, que, em determinado momento, deixem de se vigiar convenientemente e cedam ao mais insignificante deslise. Desviando-se, por êsse facto, dos bons Espíritos que as acompanhavam, deixam a porta aberta à investida dos Espíritos imundos (segundo a expressão bíblica), que se encontram sempre alerta, deixando-se assim envolver pelos seus pesados fluidos e sujeitando-se, portanto, às suas nefastas conseqüências. Eis porque Jesus tantas vezes aconselhava que orássemos e vigiássemos (orate et vigilate).

Não são, porém, apenas os que deslisam na vida que constituem a massa de obsediados que a humanidade nos oferece. Não. A obsessão, bem como a possessão, podem obedecer a uma expiação a que haja de submeter-se o Espírito encarnado, ou aquêles que lhe estão ligados e para os quais o primeiro constitui um ente querido. De facto, compreende-se quantos desgostos e sofrimentos não hajam de padecer, por exemplo, os pais duma criatura que só pratica desatinos e distúrbios, ou a quem a saúde absolutamente falta; os pais duma criatura que cegou ou, duma maneira geral, se inutilizou, quando anteriormente sentiam a felicidade de possuir um filho esbelto e sem qualquer defeito...

Embora nem sempre, nêstes casos, êsses males sejam a conseqüência duma obsessão, muitas vezes — estou crente —, sê-lo-ão; em qualquer circunstância, porém, não difere o desgôsto e a dor que hajam de ser sofridos. E, perante a imutável lei da Justiça, ¿a que haverá de obedecer êsse sofrimento, senão a uma expiação de males anteriormente perpetrados?

Assim, pois, a expiação do filho serve de agente para a expiação dos pais e de todos aquêles que lhe queiram como a um ente querido.

No desenvolvimento dêste têma transcendental — obsessão e possessão —, muito haveria a dizer — tão complexo êle se nos antolha —, e inúmeros casos poderiam ser relatados; não desejando, porém, ultrapassar as fronteiras do elementar, limitar-me-ei a apresentar o seguinte cuja observação me foi facultada:

Vivia numa aldeia dos subúrbios de Coimbra um casal com três filhos, ou, mais rigorosamente, um filho e duas filhas. Possuïdores já duma regular fortuna que o marido conseguira adquirir na América, resolveu

êste aventurar-se mais uma vez a fazer nova viagem até além-mar, com o fim de aumentar os seus bens. Dizia êle que já possuía o suficiente para as duas filhas se governarem e que por isso desejava agora ganhar o necessário para seu filho, de quem queria fazer um *doutor*.

Justa aspiração era essa; contrastando, porém, com ela, sobressaía o analfabetismo em que mantinha as filhas, apesar dos seus bens lhe permitirem dar-lhes alguma cultura. Mas... se o filho era o seu Benjamim...

Enfim... lá seguiu de novo para a América, donde, dentro em breve, começaram a chover boas mensalidades que sua espôsa ia amealhando ou aplicando na aquisição de novas e rendosas propriedades.

Assim decorreu um ano, aproximadamente, quando, tendo o filho uns sete anos, se não estou em êrro, é êste atacado de doença com manifestações mistas de epilepsia e paralisia infantil.

Foi nêste estado que o vi pela primeira vez, depois de inutilmente ter a mãe procurado a sua cura por meios clínicos, para o que consultou vários médicos, mas sempre sem resultado, pois que, antes pelo contrário, a sua situação se agravava.

Nesta criança — absolutamente paralítica, babando-se constantemente, urinando-se e sujando-se sem dar qualquer advertência e apenas proferindo palavras ininteligíveis —, nesta criança que freqüentemente era atacada de crises epilectiformes sem mordedura da língua, notei um fenómeno interessante que me despertou a atenção: É que, na ocasião dessas crises, pronunciava palavras incompreensíveis e num tom cavo de voz que absolutamente contrastava com a tonalidade infantil que lhe era própria. Êste facto fêz-me crer que a doença da criança não era de pura natureza física e que antes me encontraria em face de um possesso; que, enfim, a sua cura seria viável pelos processos clínicos oficiais, que talvez fôsse possível por algum dos que o Espiritismo adopta.

Em face disto, tentei aproveitar a mediunidade do pequeno para esclarecer o assunto; mas as resposta às minhas preguntas eram tão ininteligíveis que resolvi recorrer a outro médium, por via do qual se justificaram as minhas suspeitas, posteriormente confirmadas pelas melhoras obtidas com o tratamento espirita, melhoras tão acentuadas que deixou de ter essas crises, de se babar, sujar e urinar, e bem assim começou a andar livremente e por vezes a passo ligeiro. E, certo estou, ter-se-ia restabelecido completamente, se o deslise moral da médium não tivesse dado origem a deixar de ser bem assistida, como verifiquei, começando desde então o regresso do doente à sua primeira fase que, por falta de tratamento, visto não conhecer outro médium adequado, teve como epílogo, um ou dois anos depois, a sua morte.

Embora não possam ser conhecidos os antecedentes ancestrais de seus progenitores em existências anteriores, verifica-se, entretanto, uma certa relação entre o que se passou com a criança e o materialismo de seus pais.

De facto, o procedimento dêstes revelou sempre uma cega obediência à ambição, à vaidade, ao orgulho e à soberba. Vivendo já na abundância, apenas se preocuparam com os bens materiais e com as honrarias terrenas manifestadas na persistente preocupação de se fazerem mais importantes por intermédio de seu filho, a quem queriam dar uma cultura superior, o que seria muito legítimo, mas que não correspondia ao desnivelamento familiar que resultava do facto de não se terem preocupado com a cultura das filhas, tendo podido fazê-lo.

Era êste facto suficiente para que fôsse chamada a atenção dos elementos do astral inferior que, assim atraídos, se aproveitaram da mediunidade da criança para nela se instalarem, destruíndo por essa forma, estimulados pelos seus baixos sentimentos, a principal aspiração de seus pais, para quem a dor moral que o facto provocaria, como provocou, seria um princípio de expiação pelo seu desmedido orgulho e incomensurável vaidade.

Mas... — objectar-se-á —, não deverá ser assim, porque, embora êsses Espíritos desejassem contrariar os pais da criança, não no teriam conseguido, se esta tivesse sido curada...

Sem dúvida; mas... ¿não teria sido para que tal não se realizasse, que os mesmos Espíritos, ou outros seus satélites — porque esta casta de Espíritos é tôda solidária —, se utilizaram dos pendores da médium para a fazerem resvalar, inutilizando assim a acção benéfica que estava exercendo sôbre a sua vítima?

Claro é que apresento uma opinião hipotética muito individual, pois que não me parece possível desvendar, com certeza de infalibilidade, problemas como êste, de tão transcendental grandeza.

Mas... — objectar-se-á ainda —, ¿que culpa tinha a criança dos defeitos de seus pais?

Nenhuma; mas, tendo que expiar, por seu

turno, faltas do seu passado, noutra ou noutras existências perpetradas, foi utilizado como instrumento para que, sem injustiça para ela, viesse a contribuir para a expiação de seus pais.

Casos análogos a êste se deram durante a permanência de Jesus na Terra:

Muitos doentes e muitos endemoninhados compareceram com o fim de que o Cristo desenvolvesse a Sua actividade em harmonia com a vontade do Pai, à qual absolutamente obedecia. É o que se depreende, entre outros casos, do que se passou entre Jesus e os seus discípulos, quando o Nazareno se encontrou com o cego de nascença.

A propósito dêsse encontro, preguntaram a Jesus os Seus discípulos (João, IX-2): «Mestre, ¿que pecado fêz êste, ou fizeram seus pais, para nascer cego?», pregunta à qual Jesus respondeu nêstes termos (João, IX-3): «Nem foi por pecado que êle fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nêle as obras de Deus»; após o que, com lôdo preparado com a Sua saliva, deu vista ao cego.

O cego, pois, pecador noutra existência, surgira na Terra para expiar as suas faltas na época própria, na ocasião oportuna ao desempenho da missão de Jesus, apresentando-se neste planeta como instrumento passivo adequado a manifestarem-se nêle as obras de Deus.

Êste mesmo pensamento de Jesus transparece quando da doença de Lázaro. Nessa ocasião mandaram suas irmãs dizer a Jesus (João, XI-3): «Senhor, eis aí está enfermo aquêle que tu amas», ao que Jesus, ouvindo-lhes isto, disse (João, XI-4): «Esta enfermidade não se encaminha a morrer, mas a dar glória a Deus, para o Filho de Deus ser glorificado por ela»; e assim foi que, morto Lázaro, havia já quatro dias, Jesus o fêz ressuscitar.

* * *

Para se justificarem da sua apriorística e misoneística teimosia, pretendem alguns dos detractores do Espiritismo fazer crer que a obsessão e a possessão têm a sua origem nas sessões espiríticas, querendo assim fazer prevalecer o êrro de que os casos dêsse género são frutos da Nova Revelação.

Não podemos, nem devemos negar que a má prática das sessões pode dar origem a essas funestíssimas conseqüências. Às sessões deve por isso, — e é o que se aconselha, — presidir tôda a seriedade. Nada de especulações e curiosidades; nada de brincalhotices ou intenções menos dignas.

Os Espíritos que nas sessões se manifestam, são, em regra, do mesmo matiz moral daquêles que os provocam, donde a necessidade enunciada de se proceder sempre com seriedade e elevação. Eis porque as sessões, — sobretudo a sua presidência — devem ser interditas àquêles que não estejam para elas preparados com uma certa cultura àcêrca do Espirtismo, ou que não vão para elas com o fim de se utilizarem do que de bom e são delas possa ser aproveitado. Refiro-me, claro, aos elementos constitutivos da mesa.

O resultado dessas sessões será tanto mais proveitoso, quanto mais sã fôr a moral da assistência e muito mais particularmente a dos médiuns. Tudo quanto se faça em contrário a estas disposições, pode acarretar consigo os mais sérios desastres, entre os quais é a obsessão um dos que me compete mencionar.

O Espiritismo, porém, ainda não atingiu um século de existência; será, por isso, um êrro querer filiar-se nêle a causa única dessas perturbações, pois que, a ser assim, só as encontraríamos a partir de pouco menos de cem anos; ora, não é isso o que nos dizem os nossos actuais conhecimentos, porquanto, não querendo remontar a mais recuadas eras, sabemos que obsediados e possessos existiram com abundância durante o estágio de Jesus no nosso planeta. E, senão, compulsemos alguns versículos dos Evangelhos. Eis o que nos dizem, começando pelo de Mateus:

«Senhor, tem misericórdia de meu filho que é lunático e sofre muito, pois muitas vezes cai no fôgo e muitas vezes na água; etc.... E repreendeu Jesus o demónio, e saíu dêle, e desde aquela hora o menino sarou». (Mat. XVII-15 e 18).

Ouçamos agora um dos testemunhos de Marcos (I-23 a 26):

«E estava na sinagaga dêles um homem com *um espírito imundo,* e exclamou dizendo:

«Ah!... ¿que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.

«E repreendeu-o Jesus, dizendo: cala-te e sai dêle».

Do mesmo Evangelho é ainda o seguinte versículo (32) do Capítulo I:

«E, tendo chegado a tarde, quando já se estava pondo o sol, trouxeram-lhe todos os

que se achavam enfermos e os *endemoninhados*».

Entre outros casos anotados por Lucas, limitemo-nos apenas, para não me tornar fastidioso, à citação do seguinte (Lucas, XIII-11 a 13):

«E eis que estava ali uma mulher que tinha um *espírito* de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava encurvada, e não podia de modo algum endireitar-se».

Nem sempre, porém, o obsediado é vítima dum único Espírito, mas duma multidão dêles, mais ou menos numerosa. Pertence a êste tipo o possesso a que Lucas se refere nos seguintes versículos (Lucas, VIII-27 a 30):

«E quando desceu para terra *(refere-se a Jesus)*, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo era possesso de demónios, e não andava vestido, e não habitava em casa, mas nos sepulcros...

«E preguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E êle disse: Legião. Porque tinham entrado nêle muitos demónios».

Não é, pois, o Espiritismo o agente desta ordem de doentes, entre os quais, preponderam os loucos, a par de tôdas as doenças que os Espíritos podem simular, qual a da criança que constitui o caso que observei e a que acima me referi.

O Espiritismo, pois, quando praticado com seriedade, com desinterêsse e sem baixas ou brincalhonas intenções de curiosidade — e só assim essas práticas podem e devem merecer aquêle nome, — não gera obsediados; pelo contrário, pode curá-los, como, estou certo, aconteceria à referida criança, se as circunstâncias apontadas não viessem contrariar o seu tratamento.

Em vez, portanto, de se malsinar o Espiritismo com tão erróneas quão mal intencionadas insinuações, abram-se-lhe os braços; e, em abôno da verdade, proclamem-se bem alto os seus benefícios como complementar das Ciências, que é, — e em especial das Ciências Médicas, — e, bem assim, como impulsionador da moral cristã no seio desta Humanidade tão endurecida e pervertida.

Por absoluta falta de espaço, tivemos de retirar alguns artigos já compostos, entre êles. «Dramática conversão ao Espiritismo», «Preceitos a observar nas sessões espiritas», «Abecedário de médiuns» e «Bibliografia», que só no próximo número publicaremos.

A LEI DE CAÍM

por Ruy Barbosa

A lei de Caim é a lei do fratricídio. A lei do fratricídio é a lei da guerra. A lei da guerra é a lei da fôrça. A lei da fôrça é a lei da insídia, a lei do assalto, a lei da pilhagem, a lei da bestialidade.

Lei que nega a noção de tôdas as leis, lei de inconsciência que autoriza a perfídia, que consagra a brutalidade, agalôa a insolência, eterniza o ódio, premeia o roubo, corôa a matança, organiza a devastação, semeia a barbaria, assenta o direito, a sociedade e o estado no princípio da opressão, na omnipotência do mal!

¡Lei de anarquia que se opõe à essência de tôda a legalidade, substituindo a regra pelo arbítrio, a ordem pela violência, a autoridade pela tirania, o título jurídico pela extorsão armada!

¡Lei animal, que se insurge contra a existência de tôda a humanidade, ensinando o homicídio, propagando a crueza, destruindo lares, envolvendo na chacina universal velhos, mulheres e crianças!

¡Lei de torpeza que proscreve o coração, a moral e a honra, misturando a morte com o estupro, a viüvez com a prostituïção, a ignomínia com a orfandade!

¡ Lei da mentira na falsa história que escreve, nos falsos pretextos que invoca, na falsa ciência que explora, na falsa dignidade que ostenta, na falsa bravura que assoalha, nas falsas liberdades que reivindica, fuzilando enfermeiras, atacando hospitais, metralhando povoações desarmadas, incendiando aldeias, bombardeando cidades abertas, minando as estradas navais do comércio, submergindo navios mercantes, canhoneando tripulações e passageiros refugiados nas lanchas de salvamento, abandonando as vítimas da cobardia das suas proesas marítimas aos mares revoltos e ao frio dos invernos boreais!

¡ Lei do sofisma, lei da inveja, lei da carniçaria, lei do instinto sanguinário, lei do homem brutificado, lei de Caim!

As energias psíquicas

por Álvaro Ramos Pereira

¡Consciência, matéria e fôrça! Eis os princípios do homem que são os princípios de Tudo. Consciência e fôrça sintetizam-se na alma; o corpo é o segundo princípio. A fôrça que se exprime na vontade é a energia latente, a Energia que animou o Pensamento de Deus e que ainda anima Tudo que do Pensamento saiu.

A alma apenas pensa, quando impulsionada pela energia. Quando o pensamento passa da potência ao acto, quando a consciência apreende as idéias (e isso basta) é porque se despendeu energia nessa emanação. Ora a energia não pode perder-se; ela encontra-se na vibração do fulcro que é a alma e na transmissão do movimento ondulatório ao corpo fluídico, ao perespírito. Pela sua subtileza, êste capta-o mas não o pode reter, simples meio reflector como é. Envolto como está pelo manto etérico, basta ao homem emitir uma idéia para que o éter a receba e grave. Tudo entrou em movimento sincrónico, harmonioso: — alma, perespírito e éter. O neurão cerebral apenas estremeceu para que uma «contra-onda», a onda em reflexo fôsse captada pela consciência. Quanto maior fôr a energia potencial da alma, maior será a ondulação vibratória do pensamento, mais rápida e intensamente se propagará.

Consideremos um ser no éter; a inércia de equilíbrio dêste há-de necessàriamente oferecer uma certa resistência à emissão do pensamento daquêle. ¿Que resultará dêste embate? Uma «perda» de energia sob a forma de luz. Mas sendo a corrente das idéias uma sucessão contínua, contínuos serão os embates e contínua será a luminosidade produzida, embora entrecortada por lampejos mais fortes correspondentes a pensamentos mais carregados de vontade. É a «aura» espirita sem a qual ficam insuficientemente explicados os fenómenos da telepatia, hipnotismo, magnetismo, etc.

¿Sòmente o homem possuïrá esta «aura»? Se tudo contém energia, esta tende a libertar-se e daqui tudo ter uma «aura» individual. Assim como um ser, quer animal quer planta, é sede de diversíssimos fenómenos que em última análise se reduzem a transformações de energia, assim um objecto qualquer, por mais inerte que pareça, está em contínua alteração física ou química (absorção ou irradiação de calor e luz, etc.). Ainda que não haja consciência (que só se depara no homem), há fôrça e há matéria, isto é, há energia e portanto «aura».

Nesta ordem de idéias, na «aura» se reflecte a vida do indivíduo (ser ou objecto) por gradações de côr e intensidade luminosa que a física mostra serem apenas diferenças de freqüência na vibração. Quanto menos matéria envolver o fulcro, mais luminescente será a «aura», pois que a matéria absorve muito das radiações que a atravessam (os sensitivos videntes e a fotografia transcendental vieram comprovar experimentalmente não só a existência da aura mas a origem que apontámos).

¿Porque vê o sensitivo a «aura»? Certamente porque consegue colocar-se num estado harmónico de vibração, o qual se pode alcançar pelo próprio treino da vontade (cf. Raja Yoga, sistema filosófico hindu de Patan Jali). ¿Não poderemos filiar a antipatia ou simpatia sentidas «inexplicàvelmente» por seres ou objectos? o bem ou mal-estar experimentados na entrada em certos lugares? a vinda espontânea de espíritos às sessões de comunicação mediúmnica? Julgo que sim, que a «aura» funciona como um magneto para as vibrações afins. Assim, poderemos dizer que o homem deve esforçar-se por se dominar, emitindo apenas pensamentos altruistas, porque se o bem atrair o bem, o mal atrai o mal.

Mas a «aura» não passa dum efeito que apenas pode ser compreendido por um sensitivo. Ainda que nela esteja sintetizada a vida psíquica do indivíduo, se nos fôsse possível ver uma fotografia perfeita dela poderíamos quando muito formular uma hipótese de intuição sôbre o avanço da alma pela policromia e intensidade de luz. Possuíndo uma vibratilidade própria (cf. Plexus dos ocultis-

CONTRASTES DE RACIOCÍNIO

por Ernesto Pérez Méndez

A humanidade sofre, em virtude do seu estado mental e falta de sensibilidade. Propôs-se sofrer e para o conseguir prepara os meios necessários.

A razão guiada pela inteligência dá optimos frutos; todavia, quando deixam de andar aliadas, os resultados são maus e às vezes péssimos.

O homem, que entre todos os seres animados possui uma alma com admiráveis faculdades, cujo alcance é difícil de prever, é quem mais padece e sofre na vida. Parece incrível que, possuíndo inteligência, memória e vontade, não consiga viver em uníssono com essas faculdades. Debate-se em lutas fratricidas, que apenas o conduzem ao sofrimento. Empenha-se em desfigurar os fenómenos da Natureza, essa obra perfeitíssima duma inteligência soberana alicerçada em Deus, e por isso sofre e estabelece diferenças crueis. Compraz-se igualmente em afastar-se da espiritualidade bem compreendida, manancial inesgotável de felicidade no caminho do eterno progresso. Contrariando seus bons sentimentos, chega a anulá-los, caíndo na animalidade. Isto na ordem espiritual, porquanto, na social, converte-se em onagro, impondo os instintos egoístas, escravizando os seus irmãos, a quem explora cruelmente. Dessa forma, enche de miséria o lar de seus semelhantes, miséria que provoca o ódio contra os culpados dêsse tremendo malefício.

Isto não está de acôrdo com as doutrinas do Mestre dos Mestres, do sentimento do mártir do Gólgota.

Ao traçar estas linhas, preguntamos: ¿Porque se afastou o homem de tão belas doutrinas, renunciando a melhor viver? ¿Será por má interpretação? ¿Ou porque, ao divulgá-las, não no faz possuído de belos sentimentos, faltando-lhe o santo calor do exemplo, de harmonia com o recomendado e predicado?

Estas palavras não são de crítica. Tentam desvendar a verdadeira causa, o porquê de tanta desventura. Não pretendemos esmiüçar as vossas diferenças, tornando-as mais incompatíveis. O nosso fim é aprová-las, para que juntos desfruteis maior felicidade, levando-a a todos os lares bafejados pelo amor, base essencial duma boa sociedade.

O homem deve conviver com o homem, em boa harmonia, evitando ser causa de dor para os seus semelhantes. Se quiser honrar as suas magníficas faculdades, deve guiar os seus esforços para a conquista de legítimos prazeres, conquista que se não atingirá pela violência, visto que a dor é incompatível com a tranqüilidade espiritual.

Se se pretende formar uma sociedade nova, é necessário que se eliminem as discórdias. O mau viver de uns prejudica o bom viver de outros e a tranqüilidade de espírito é muito fugaz ao lado de um vulcão de paixões ruins que, mais tarde ou mais cêdo, imolará as vítimas.

Lutemos, pois, na vida cotidiana guiados por sentimentos que nos conduzem a obras de bem-fazer. Contribuïremos assim para uma vida mais justa e eqüitativa, na qual a dor existirá como contraste de bem-estar moral e espiritual.

Honremos a nossa privilegiada situação no mundo que habitamos.

---

tas), não passa na minha opinião dum mero efeito e não causa, como alguns apontam, dos raios V ou de Darget. Completando a idéia: — o pensamento é emanado sob a forma ondulatória, o seu choque com o éter causa a «aura» mas prossegue numa ondulação etérica a que Darget chamou raios V (cf. obras de Baraduc, Fortin, Henri Durville, Iodko, Dr. Luys, Goudard, de Rochas, Richnouski, Myers, etc.).

Quando ideio estas formas da energia psiquica, recordo-me dos fenómenos dos tubos de W. Crookes. Comparo então o gás em extremo rarefeito com o éter, a corrente eléctrica com a energia potencial da alma, os raios catóditos com o Plexus, a luminescência do anti-cátodo com a «aura», os raios X com os raios V.

Eis um vasto campo de experiências e estudo: — as formas da energia psiquica. O fenómeno humano toma uma caracteristica de multiplicidade e complexidade junto das quais a fisiologia cerebral e a psicologia clássica nos parecem infantilidades.

Lx.ª Julho de 1943.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Seminário Espirita de Pernambuco

Num dos números de *A Verdade*, de Recife, aqui chegados com grande atraso, lemos a notícia, segundo a qual a Casa dos Espiritas de Pernambuco ia fundar um *Seminário Espirita* (sic), ou seja um instituto de ensino superior destinado a ministrar os necessários conhecimentos aos propagadores da Doutrina Espirita.

O Curso Especializado constará das seguintes matérias:

1.º ano — Língua Portuguesa, Introdução ao Estudo da Filosofia, Lógica, Psicologia, Sociologia e História das Religiões.

2.º ano — Língua Portuguesa e Literatura, Hisria da Filosofia, Sociologia, Teologia, Magnetismo e Teoria do Espiritismo.

3.º ano — Filosofia Geral, Metapsiquismo, Teologia, História e Teoria do Espiritismo, Animismo e Religiões Comparadas.

O Seminário Espirita de Pernambuco manterá um curso propedêutico de dois anos para os candidatos que não possuirem certificado de aprovação do Curso Secundário Fundamental.

Só serão admitidos no 1.º ano do curso propedêutico os candidatos que prestarem provas de habilitação de acôrdo com o actual programa adoptado pelo colégio de Pedro II, para admissão ao 1.º ano do Curso Secundário Fundamental.

Poderá ser dispensado do curso propedêutico o candidato que, a juízo da Congregação do Seminário, provar conhecimento profundo da Doutrina Espirita e seja conhecido como propagador consagrado das Verdades Espiritas, através de conferências ou de trabalhos públicos de reconhecido valor.

O Curso Propedêutico é de dois anos e consta das seguintes matérias:

1.º ano — Português, Francês, História, Geografia, Matemática Elementar, Ciências Físicas e Naturais e Desenho.

2.º ano — Português, Inglês, História da Civilização, Matemática, Ciências Físicas e Naturais e Desenho.

Para a matrícula no 1.º ano, o candidato deverá apresentar os seguintes documentos:

a) Prova de que é maior de 15 anos.

b) Atestado de exemplar comportamento.

c) Certificado de aprovação no exame de habilitação.

O candidato à matrícula no Curso Especializado deverá apresentar os seguintes documentos:

a) Prova de que é maior de 18 anos.

b) Atestado de exemplar comportamento.

c) Certificado de conclusão do Curso Fundamental.

Até aqui, a notícia, reveladora do sentimento espirita e de realidade prática, que aceitamos e aplaudimos, como convém. Na verdade, é preciso sair do ramerrão das palavras e transformar as idéias em actos. O que nos causa engulhos é o título escolhido para o instituto em questão. «Seminário», porque? Em linguagem corrente, *seminário* é escola onde se educam mancebos destinados à vida eclesiástica. Também significa «viveiro de plantas» e por isso, com um pouco de boa vontade, podíamos dar sentido figurado à palavra, no intuito de levar a brasa à... sardinha. Mas, ¿para que usarmos termos que estabelecem confusão? O Espiritismo pode e deve caminhar sòzinho. Há mesmo conveniência em evitar equívocos lamentáveis, não vão julgar que preconisamos o estabelecimento de igrejinhas, com ritual adequado, para atrair incautos que vivem aferrados a determinados cultos.

Médium que vê os mortos em sonho

O grande semanário inglês *Psychic News*, de 8 de Maio último, publicou em fundo um artigo em que nos conta a maneira como o médium Armand Wilson vê os mortos em sonho, descrevendo-os no dia seguinte, em sessão de clarividência. Foi éle quem referiu o caso no Centro Espirita de Marylebone, onde realizou uma conferência e experimentou as suas faculdades. Certo dia, pediram-lhe que substituísse outro médium numa sessão em Canterbury. Nêsse dia, revelou à espôsa o sonho que tivera, no qual vira claramente o salão, cuja descrição fêz minuciosamente, tendo-o impressionado muito uma senhora morena que estava sentada na quinta fila, entre um homem alto e uma criança. Depois, sentiu-se aproximar de um espírito que lhe disse:

— Sou Hunt. Sou pai dela. Ela é casada e por isso não usa o meu nome. Quero dar-te um recado para ela.

Quando chegou ao estrado, na sessão de Canterbury, verificou que o salão era o que tinha visto

em sonho. E na quinta fila mencionada estava a mulher, a quem entregou a mensagem de seu pai, que ali estava agora presente.

— Isto tem-me sucedido muitas vezes — diz Armand Wilson — e quási sempre antes de reüniões de propaganda. As informações que recebo nos meus sonhos nunca são erradas.

Disse que tem o ouvido psíquico mais desenvolvido do que a clarividência. Ouve uma voz e logo vê pequeninas pinturas em frente dos olhos, como se fôsse a miniatura de qualquer representação teatral. É o que se chama *visão hipnagógica*.

Demonstrou publicamente as suas sensações, informando que, numa sessão de clarividência que dera, havia tempo, sentira-se hirto e muito gelado, como se estivesse na água. Depois, necessitou de erguer os braços para apertar qualquer coisa e ouviu o nome de Georgie Spicer, uma criança que êle conhecia. Quis gritar «Mummy» e sentiu que estava a afogar-se. Nisto, uma senhora exclama:

— Conheço essa criança. O seu corpo foi encontrado agarrado a um bote naufragado.

Na clariaudiência, parece que não sente com tanto rigor o sofrimento experimentado pelos «mortos» antes de desencarnarem. Apesar disso, já tem sentido os sintomas dessas doenças, em várias experiências realizadas. Uma vez, «sentiu» que tinha cegado. Pôde mesmo sentir o cheiro de tintas e como corresse o dedo pelas suas roupas, apalpou qualquer coisa especial e teve a intuição de que o espírito visitante que estava a descrever morrera devido à explosão dum candeeiro, enquanto pintava o seu fato-macaco.

Quando realizava experiências psicométricas, Armand Wilson «sentia» as condições do fenómeno. Uma vez descrevia êle um pedaço de vidro e pareceu-lhe que o vidro tinha passado pelo fogo. Sentiu imediatamente o desejo de ir a qualquer mina duma região tropical. Mais tarde, soube que o vidro era proveniente de certa mina da América do Sul.

Também experimentou a cura psíquica, especialmente nos animais, por sentir grande simpatia por êles. Um dia, em Woodbridge, Suffolk, sentou-se junto do seu cavalo, que parecia esperar qualquer coisa de extranho. Wilson caíu em transe e o seu Espírito-guia deu-lhe instruções àcêrca do tratamento a fazer. O cavalo ficou bom e vendeu-o depois, em óptimas condições. Os médicos-veterinários ficaram perplexos ao saber da cura.

Quanto maior fôsse o número de pessoas que assistiam às suas clarividências, melhores eram os resultados.

Wilson também se dedicou aos fenómenos de *voz directa* e *materialização*, certo de que um bom médium podia desenvolver essas qualidades; mas prestes reconheceu que, para se obter bom êxito devia especializar-se apenas em duas ou três faculadades psíquicas. E abandonou êsses trabalhos, embora tivesse alcançado bons resultados. Só excepcionalmente dava uma ou outra sessão a pessoas amigas.

Numa dessas sessões, apareceu um espírito de mulher que saíu do gabinete escuro e se dirigiu à filha, dizendo:

— Ethel, é *Mam*.

Mais tarde, Wilson soube que era o nome usado pela mãe da rapariga.

Quando a filha pediu à mãe que se aproximasse mais dela, o espírito assim fêz e, com a mão materializada, afastou o ectoplasma do rosto e mostrou uma cicatriz na fronte.

— Diz-me o teu nome — pediu a filha.

— Catherina — respondeu o fantasma. — Teu pai chamava-me sempre Cathie.

Armand Wilson pertence a uma família de médiuns. A mãe era médium natural, ainda que nunca se tivesse desenvolvido. O pai era grande médium de efeitos físicos.

Era êle criança de cinco anos quando revelou as primeiras faculdades psíquicas. Tinha o hábito de ajoelhar aos pés da cama e dizer a sua prece, enquanto a mãe lhe poisava a mão no ombro. Uma noite em que a mãe não estava no quarto, viu alta figura de homem, de elmo e túnica por vestuário. Wilson gritou. A mãe entrou no quarto e êle contou o sucedido. Mais tarde, na adolescência, soube então que o indesejado visitante era o seu Espírito-guia, um egípcio que outros médiuns já lhe tinham descrito.

Wilson costumava brincar no jardim com o espírito de um garôto. E um dia êste disse ao pequeno Wilson:

— Já não brinco mais contigo. Vou ter com outro rapaz, que se prepara para longa viagem.

No dia seguinte e na mesma aldeia, um amiguinho de Wilson morria de meningite espinal.

Quando a mãe lhe disse que eram espíritos muitas das formas que êle via e com quem conversava, ficou aterrorizado. Mas seu pai conhecia bem o assunto e disse-lhe que nada receasse.

Muitas crianças perderam as faculdades psíquicas, por causa de certas pessoas que as rodeiam. Com Armand Wilson o caso era diferente: tôda a família era espirita.

Na escola, era muitas vezes acusado de falar sozinho e de se dirigir a pessoas hipotéticas. O médico chegou a ameaçá-lo de que lhe seringava os ouvidos e enchia a boca de água, mas nada disto produziu efeito.

Em casa de Wilson vivera senhora idosa, a quem todos chamavam Granny. Um dia, a «morta» apareceu ao pequeno Armand, protestando contra o gôrro branco e as fitas brancas com que êles a tinham vestido. Ela preferia fitas azuis. O médium

Notas & Comentários

Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos ou Nova Faculdade

No dia 16 de Março último foi inaugurada a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, fundada em Novembro de 1942 e na qual o Espiritismo figura como cadeira principal. O objectivo desta nóvel instituïção é «preparar homens para a espiritualização da vida como necessidade imperiosa de resistir ao materialismo que amesquinha e embrutece o ser humano», no dizer do sr. Fernando Bastos, presidente do Conselho Administrativo da Faculdade.

Como estabelecimento livre que é, proporcionará cultura geral e especializada a todos que se queiram utilizar dos seus serviços, no intuito de grangear elementos para difundir o Espiritismo com pleno conhecimento de causa.

Mais uma vez o Brasil toma a iniciativa de escoimar a Doutrina de nocivos escabrachos, enquadrando-a no âmbito da verdadeira ciência.

A idéia da fundação desta Faculdade partiu do jornalista Diamantino Coelho Fernandes, muito conhecido no Rio de Janeiro. Espirita convicto, há muito que se esforçava por êste objectivo, afim de desenvolver a cultura do seu Ideal.

Eis o programa da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos,* integrada na legislação das Faculdades livres:

1.ª *série* — Espiritismo. Moral. História das Religiões. Introdução à Filosofia. Ciências Ocultas. Oratória. Literatura (facultativa).

2.ª *série* — Espiritismo. Sistemas Religiosos. História da Filosofia. Anatomia Descritiva. Cosmogonia. Ciências Ocultas. Oratória.

3.ª *série*—Espiritismo. Religiões Comparadas. Metafísica. Cosmobiologia. Ciências Ocultas. Oratória.

Os professores são os seguintes: De *Espiritismo,* o coronel Delfino Ferreira, director do «Curso Popular de Espiritismo», da Liga Espirita do Brasil; De *Religiões,* o prof. Arnaldo Santiago, da Sociedade de Filosofia do Rio de Janeiro e conhecido propagandista; de *Filosofia,* o Dr. Roberto Pedroso das Neves; de *Ciências Ocultas,* o Dr. Baptista de Oliveira; de *Literatura,* o Dr. Vicente de Paula Reis, lente do Colégio de Pedro II; de *Oratória,* o Dr. Calazans de Campos, Vice-Presidente da Liga Espirita do Brasil;

Quanto ao Conselho Director, é constituído por Fernando Bastos, Diamantino Coelho Fernandes, Dr. António Pedro Barbosa, António Gama de Paula e Padrélias Souto.

A Secretaria funciona provisòriamente no edifício do *Jornal do Comércio,* à Avenida Rio Branco, 117, 1.º andar — sala 115.

Se a obra social do Espiritismo se tem desentranhado em sazonados frutos, especialmente no Brasil, onde o ambiente é mais propício a esta modalidade de propaganda, não deixamos de reconhecer altamente benéfico e de verdadeira utilidade ideológica tudo quanto se faça no sentido de impor a Doutrina, tornando-a conhecida através da sua bela filosofia e por intermédio de organismos responsáveis, como a Faculdade há pouco inaugurada, que representa um passo em frente na marcha do Espiritismo Científico. Pela nossa parte, só temos que aplaudir a iniciativa e felicitar aquêles que a puseram em prática.

A prisão da médium e a decisão do magistrado

O *Mundo Espirita* de 24 de Abril do corrente ano insere uma curiosa notícia relativa à prisão da médium da Tenda Espirita «São Jerónimo», do Rio de Janeiro, e à promoção do delegado do Mi-

---

entrou no quarto onde estava o cadáver e substituíu as fitas, conforme o desejo manifestado.

Aos 17 anos desenvolveu as suas qualidades mediúnicas e sentiu melhorar a saúde. A sua clarividência era geralmente espontânea e estava sempre pronta a funcionar.

— ¿ Você produz alguma coisa ou entrega-se inteiramente nas mãos dos espíritos? — preguntaram-lhe uma vez.

— Eu nada produzo — respondeu.

No início dos seus trabalhos psíquicos, enchia-se de nervoso, mas agora tem absoluta confiança no seu Espírito-guia.

— ¿Como distingue você as suas próprias impressões das impressões dos espíritos ?

— É sempre difícil — disse êle. — Certo dia, estava eu a descrever o espírito duma criança, quando me deram o nome de Harol Wilson. Pois hesitei, julgando que a minha clarividência não funcionava bem.

Como êle também era Wilson, receiou que o sub-consciente lhe tivesse sugerido êsse sobrenome. E por isso limitou-se a dar o nome de baptismo.

O mais curioso foi a resposta à mensagem dada pela própria mãe da criança, que notou a coïncidência de ambos terem o mesmo apelido de Wilson.

nistério Público, encarregado de dar seu parecer no processo.

Escreve o articulista:

«Estava a bondosa senhora a cumprir a missão de aliviar o sofrimento alheio através da mediunidade que possui, quando, na séde da Tenda Espirita «São Jerónimo», certo dia lhe apareceu alguém a queixar-se de fortes dores nos rins e a pedir-lhe a sua protecção espiritual. A caridosa senhora manteve-se em concentração e depois de erguer o pensamento a Jesus, disse simplesmente:

«— Não é nada de grave. Se tomar durante alguns dias *chá de abacate*, ficará curada.

«Mal havia terminado esta indicação, dois representantes da autoridade policial que tinham chegado e assistido ao que se acabava de passar, dirigiram-se à pobre médium e deram-lhe voz de prisão, autuando-a por exercício ilegal da medicina.

«Esta curta história levou à barra do tribunal a médium daquela associação espirita. Processada de acôrdo com a lei, com inquirição de testemunhas e depoïmentos necessários, sobem os autos, por distribuïção, à conclusão do Juiz da 2.ª vara criminal, Dr. Mário de Paula Fonseca, que ordena seja ouvido o Promotor Público para a respectiva denúncia, o qual, estudando as peças do processo e analisando a prova produzida, exarou a seguinte promoção, em 7 de Abril de 1943:

«A despeito da nova redacção do texto com que a lei em vigor pretende punir a exploração da credulidade pública pelo chamado «curandeirismo» (Cod. Penal, art. 284), não é possível argüir de crime um acto em cuja consumação é completa a ausência do dôlo. Isso importaria desconhecer uma tradição secular da justiça.

Abstenho-me de enxertar nesta promoção, as raizes do meu pensamento, pois que me faz repugnância a lei penal que, em «crimes» dessa natureza, exclui — e ninguém sabe porquê — a responsabilidade daquêles indivíduos que procuram os «curandeiros»; nem o meu sentimento depara diferença qualquer entre as virtudes milagrosas de um «passe espirita» e as da «água benta» da litúrgia católica.

A éste propósito, vizinho que sou da Igreja dos Capuchinhos, à rua Haddock Lobo, dou testemunho da fé imensa de colossal multidão que às primeiras sextas-feiras de cada mês se acotovela, a empurrões, nesse templo, só para o efeito de receber a «água benta» que os frades — aliás beneméritos místicos, alviçareiramente esparzem.

Excluir, pois, da punição legal os que acreditam em virtudes milagrosas dessa espécie é apenas uma forma subreptícia de encobrir a culpa, que a nós todos enxovalha, da vasta e profunda ignorância do nosso povo, incluindo nesta designação as élites mais graduadas.

Restrinjo, destarte, esta promoção à prova dos autos. Ora, os investigadores que efectuaram a diligência, depõem, um a um, que o facto se passou na Tenda Espirita «São Jerónimo», à rua Visconde de Itaborahy, n.º 8, sobrado (fls. 2, 2v., 3, 3v. e 4). Logo, não se trata, na hipótese, de mero «curandeirismo». Trata-se de acto ligado a determinada crença. De mais a mais, receitar «Chá de abacate» para moléstia dos rins (fls. 2v. e 4) não é ofender a ciência médica; e, por outro lado, atender a fiéis, sem o intuito de remuneração (fls. 4), equivale, sem dúvida, a dar uma assistência espiritual muito mais generosa do que aquêle que cobra a dinheiro de contado a missa, o baptismo, ou a encomendação dos mortos.

Não há, portanto, nestes autos, crime nenhum que punir. À vista do exposto, requeiro o arquivamento dêste processo. (a) *ALCIDES GENTIL.*

«Em face do alegado, o juíz citado mandou arquivar o processo.

«E assim, mais uma vez a nossa Justiça reconhece não ser crime a indicação de remédios para a cura dos sofrimentos humanos, quando feita em nome da caridade, sem visar mercancia, nem auferir qualquer outro interêsse.

«Esta é mais uma interpretação do que é o *Curandeirismo* punido pelo nosso Código Penal, no seu art. 284.»

Na verdade, é de lamentar que se apontem a dedo os chamados curandeiros, deixando na penumbra os indivíduos que procuram curar-se à margem da medicina oficial. Graças a Deus, que há magistrados judiciosos e honestos, como aquêles que apontamos nesta nótula, a quem está bem entregue a defesa da sociedade.

Aos assinantes e amigos

«Estudos Psíquicos» necessita de maior expansão. Quanto maior fôr o número de assinantes, melhor poderá cumprir a sua missão e fazer face às despesas crescentes, originadas pela enorme crise de papel e de materiais que ameaça sufocar as emprêsas jornalísticas.

Se algum interêsse vos merece esta revista, se achais que exerce acção meritória na sociedade e defende dignamente a Doutrina Espirita, auxiliai-a hoje mesmo.

Que cada assinante angarie outro assinante!

Por êsse mundo...

«Era minha espôsa!»

Mr. Robert Rowan referiu-se desta maneira à mediunidade da senhora Bullock:

«Devo-lhe muito. Era livre pensador; mas depois de assistir a uma sessão que ela realizou, nunca mais duvidei da existência do Além.

«A pedido de um amigo e depois de muita insistência, lá fui à sessão, convindo explicar que minha querida espôsa falecera três meses antes, com 29 anos de idade.

«A médium era a senhora Bullock e o seu Espírito-guia informou que estava presente uma entidade que me fôra muito cara, cujo nome era Gertrudes e chamava por Roberto. Logo o rosto da médium se transfigurou, a ponto de reconhecer imediatamente minha espôsa. O mais surpreendente, porém, foi quando ela se dirigiu a mim de mãos estendidas e eu lhas apertei nas minhas. Notei que trazia um anel no dedo, precisamente o mesmo com que foi sepultada. Julguei que se tratasse de mera coïncidência, pois a senhora Bullock podia muito bem ter um anel igual àquêle.

«Falei com minha espôsa, durante sete minutos, a qual possuía três dentes artificiais que, segundo observei, haviam sido substituídos pelos antigos, que o dentista lhe tinha extraído.

«Senti-me tão abalado, que no fim da sessão pedi licença para examinar as mãos da senhora Bullock; e fiquei surpreendido ao ver que ela não tinha anel algum no dedo. Não se tratava, portanto, de imaginação da minha parte. O caso era positivo. O amigo que me levara à sessão também viu o anel. Esta prova convenceu-me da sobrevivência de minha espôsa.

«Não tenho palavras com que agradecer à senhora Bullock o ter-me transformado, inteiramente, a vida. ¡Agora sou feliz e sinto orgulho em me declarar espirita!

De *The Two Worlds*

Lineu e o ocultismo

O psiquista alemão Dr. Mattiesen contou num livro o episódio que passamos a transcrever e no qual se demonstra que Lineu — o célebre naturalista — não era indiferente às coisas do ocultismo.

Eis como êste último apresenta o caso:

— «Uma velha enfermeira era adivinha e lia a sina nas fazendas de sua terra natal. Certo dia, irrompeu um incêndio, como ela o havia anunciado. Meu irmão Samuel era inteligente e estudava na escola de Wexix. Eu era considerado falto de inteligência e fui a Lund.

Tôda a gente chamava «professor» a meu irmão. Diziam que seria um grande professor.

«A adivinha não conhecia nenhum de nós e por isso quis tocar numa peça de vestuário de cada um. Depois, disse:

«— Êste será prègador.

«Referia-se a meu irmão. A seguir, tocou na minha veste e exclamou:

«— Êste será professor. Visitará terras longínquas e será célebre entre os célebres dêste país.

«E jurou que tudo se realizaria.

«Para induzi-la em êrro, minha mãe passou-lhe às mãos uma peça de roupa, dizendo que pertencia a Samuel. Mas a clarividente protestou, afirmando que era do professor, daquêle que iria viver longe da terra natal...»

De *La Revue Spirite*

Nova terapêutica

Em Chaix, pequena comuna da Vendéia, perdida entre campos, vivia a senhora Gerard, robusta aldeã de 50 anos, mulher de militar mutilado e afamada em tôda a região como grande fazedora de milagres.

A senhora Gerard cura tôdas as doenças a dormir... Às quartas-feiras encerra o consultório e dirige-se ao mercado, onde expõe produtos de lavoura colhidos pelo marido. Nos outros dias, recebe os clientes que, por vezes, se elevam a mais de cem e vêm numerados para manter a ordem. Ela fica adormecida no leito e com os olhos semi-cerrados. Todavia, dormindo ou não, toca no paciente e diz:

— É aqui que está o teu mal. Toma um papel e escreve.

De facto, o próprio doente é que redige o tratamento ordenado. ¿Como poderia a curadora escrever a receita a dormir?

Os medicamentos são sempre muito simples: qualquer batata esmagada metida num pano e colocada na parte enfêrma, como cataplasma, infusões de ervas e elixires inofensivos. Cobra 15 francos por consulta. Os habitantes do lugar afirmam que há um ano se não regista um falecimento e que todos os seus doentes são curados.

De *Il Messaggero*, de Roma

Noticiário

Auxílio aos necessitados

Aproxima-se o Natal e é preciso que todos aquêles que o possam fazer não deixem de enviar o seu óbulo destinado a minorar um pouco a tristeza dos nossos irmãos necessitados.

Se há tanto quem gaste o supérfluo em bugigangas inúteis, ¿porque se não há de retirar um escudo para esta obra de caridade?

Apelamos para todos que ainda não concorreram.

Acusam os espiritas de não fazerem obra social. O Centro Espiritualista Luz e Amor não quere descurar êste auxílio que vem prestando há quatro anos, não só para ser coerente com a doutrina que difunde, mas também por entender que é obrigação moral, que não pode nem deve deixar de cumprir.

Transporte	160$00
D. Maria Alda, de Lisboa	2$50
Manuel Junqueira, de Lisboa	1$00
Grupo Espirita «Irmãos do Bem»	70$00
António Almeida Freire, de Lisboa	5$00
Frederico Pereira, de Lisboa	5$00
Mário de Jesus, de Lisboa	5$00
Aníbal dos Santos Lopes, de Lisboa	5$00
Guilherme Miguel Afonso, de Lisboa	10$00
José M. A. de Azevedo, de Lisboa	20$00
Manuel Parada, de Almada	5$00
D. Lucinda Barata da Cruz, de Ribeira de Santarém	10$00
José Gonçalves, da Guarda	1$50
João Augusto da Costa, de Portalegre	10$00
Bernardo Correia de Almeida, em intenção do espírito de sua espôsa	10$00
Anónimo X	10$00
Anónimo de Évora	20$00
Por uma Maria de Lourdes, de Lisboa	50$00
Anónimo do Rossio ao Sul do Tejo	5$50
D. Cecília Mesquita Guerra, de Benavente	10$00
D. Beatriz de Sousa Amaral, de Lisboa	10$00
José Tarriño Hernandes, de Almada	2$50
Uma camponesa, de Lisboa	20$00
A. M. Madeira, de Lisboa	5$00
J. Lyon de Castro, de Lisboa	10$00
J. Faure da Rosa, de Parêde	10$00
António Joaquim Gomes, de Cabaços	20$00
D. Maria dos Milagres, de Lisboa	20$00
J. G. L., de Lisboa	10$00
Anónimo, de Lisboa	20$00
José Estevinha Gomes, de Castro Marim ...	5$00
A transportar	548$00

Transporte	548$00
José Luís do Carmo, de Castro Marim	5$00
António Bonito Cabrita, de Castro Marim	5$00
Anónimo, de Castro Marim	5$00
José Pacheco Dias, de Castro Marim	5$00
D. Maria Manuela Valente, de Coimbra ...	5$00
D. Maria Luiza Picciochi Alves, do Rossio ao Sul do Tejo	2$50
A. L. G., de Lisboa	10$00
Bartolomeu Rosa Martins, do Funchal	50$00
Dr. Milton Faria, de Lisboa	100$00
Manuel Araújo, de Vila da Feira	10$00
D. Alda da Conceição Silva, de Lisboa	5$00
Total	750$00

Alvaro Ramos Pereira

Precisamente quando se preparava para nos dar mais assídua colaboração, em artigos e conferências, Álvaro Ramos Pereira seguiu viagem para Cabo Verde, no cumprimento do dever militar.

Como é natural, êste facto contristou-nos profundamente.

Há semanas, recebemos notícias dêle. Encontra-se animado e com esperança de voltar brevemente. E promete enviar colaboração, pelo primeiro navio a sair do arquipélago.

As suas palavras alegraram-nos muitíssimo e deram-nos a certeza de que continuará ligado à nossa obra, dedicando-lhe todo o seu esfôrço e inteligência.

Os trabalhos de Ramos Pereira impõem-se por si mesmos e reabilitam a doutrina espirita da pacotilha dos maus servidores. Por isto e pela extrema afabilidade do seu trato, que denuncia uma alma aberta e generosa, Ramos Pereira captou a nossa estima e a nossa simpatia.

Que êle se não demore e volte prestes à sua família e à sua revista. Ao colaborador e ao amigo, um abraço fraternal muito sincero e muito grato.

As nossas conferências

Como fôra anunciado, o nosso estimado colaborador sr. Coronel Faure da Rosa, realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor uma conferência intitulada «Solidariedade», que teve lugar no dia 14 de Novembro último.

Expôs, a traços largos, a doutrina cooperativista e extraíu dela interessantes e úteis lições para todos.

A assistência, que enchia a sala, ovacionou o conferente, testemunhando-lhe, mais uma vez, a sua admiração e simpatia.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Dezembro

Dia 5, às 16 h. — Sessão experimental, só para sócios.

Dia 12, às 16 h. — Sessão experimenatnl, só para sócios.

Dia 19, às 16 h. — Conferência pelo Presidente da Ordem Esotérica Iniciática, intitulada «O Amor tudo vence».

Dia 24, às 15 h. — Distribuïção de donativos aos necessitados protegidos pelo Centro.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	4$50	
O que é o Espiritismo	6$50	
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
O Problema do Sêr e do Destino	16$00	22$00
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Depois da Morte	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Crónicas d'Além-Túmulo	10$00	
Novas Mensagens	10$00	
O Consolador	10$00	
Parnaso d'Além-Túmulo (poesia)	16$00	22$00
Há Dois Mil Anos (romance)	16$00	22$00
Cinqüenta Anos Depois (romance)	16$00	22$00
J. W. ROCHESTER		
Herculanum (romance)	16$00	
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suicidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00

	br.	enc.
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira*	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão*	14$00	20$00
Cristianismo (O), do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	16$00	22$00
De Maria para suas filhas	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão*	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	15$00	21$00
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00

(Continua na pág. seguinte)

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*	12$00	18$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	7$50	13$50

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

Pela Vitória do Espírito

Pelo Dr. Fred Wachsmann

Um grande volume de 521 páginas — 35$00
Pedidos á nossa secção de Livraria

Estudo filosófico comparativo das doutrinas materialistas, neopositivistas, espiritualistas e esotéricas, em que o Espiritismo é analisado no quadro das ciências contemporâneas.

É o estudo mais importante publicado em Portugal àcêrca do Espiritismo.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

No dizer de Gabriel Delanne, o Espiritismo não tem culto, nem dogma, nem ortodoxia. A livre discussão constitui a sua fôrça soberana.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias